





Trabalho Teórico submetido como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Arquitectura

Hugo Maria Rodrigues Casanova

2019

Orientação de Professora Doutora Paula André – Professora Auxiliar

ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Mestrado Integrado em Arquitectura

Mosteiro de Santa Maria do Mar:  
processo (em) aberto





## Resumo

O Mosteiro de Santa Maria do Mar, com sua cerca, em Sassoeiros, Portugal, é um trabalho dos arquitectos Nuno Portas, Pedro Vieira de Almeida e Nuno Teotónio Pereira realizado no período entre 1958 e 1968. O projecto foi uma encomenda da Congregação das Irmãs Beneditinas da Rainha dos Apóstolos que o habitou até 2010. O presente estudo parte do arquivo do Atelier de Nuno Teotónio Pereira para estudar o processo de projecto, uma relação entre entidades, equipa de projecto e cliente, que se materializou no edifício existente, cuja construção não foi terminada e foi posteriormente ampliada segundo um novo projecto.

O estudo do processo de projecto é introduzido por um enquadramento na história da arquitectura e da ordem religiosa e dos edifícios que habitou, por exemplo o Mosteiro de Roriz, de Raul Lino, que demonstra a preocupação das irmãs e relação à arquitectura que habitavam. Este contexto faz a ponte para o Mosteiro moderno de Sassoeiros cujo projecto foi realizado em grande colaboração entre arquitectos e cliente.

**Palavras Chave:** Arquitectura Religiosa Moderna, Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas, Pedro Vieira de Almeida, Mosteiro Beneditino, Congregação das Irmãs Beneditinas da Rainha dos Apóstolos

# Abstract

## *Monastery of Saint Mary of the Sea: Open Process*

The Monastery of St. Mary of the Sea, in Sassoeiros, Portugal, is a work by architects Nuno Portas, Pedro Vieira de Almeida and Nuno Teotónio Pereira, designed between 1958 and 1968. The design was commissioned by the Benedictine Sisters of the Queen of the Apostles who inhabited the building till 2010. The present essay departs from the Nuno Teotónio Pereira Office Archive to study the process of the design, a relationship between entities – project team and client – that materialized in the building that exists nowadays, which construction was never finished and was later expanded according to a new design.

The study of the process of the design is introduced by the History of Architecture framing of the religious order and of the buildings that inhabited, for example, the Monastery of Roriz, by the Architect Raul Lino, that demonstrates the care of the sister by the architecture in which they lived. This context makes the bridge to the modern Monastery of Sassoeiros which design was accomplished in a great collaboration between architects and client.

**Key Words:** Modern Religious Architecture, Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas, Pedro Vieira de Almeida, Benedictine Monastery, Benedictine Sisters of the Queen of the Apostles

# Agradecimentos

Após um filme longo impera agradecer aos que fazem parte do elenco:

à Professora Paula André, pela devoção aos nossos trabalhos;

ao Arquitecto Pedro Mendes;

aos Arquitectos Pedro Botelho, Nuno Portas e João de Almeida e ao Eng. Júlio Moreira, pela disponibilidade das conversas que tivemos;

às Monjas Beneditinas que encomendaram o Mosteiro de Santa Maria do Mar, que me apresentaram a Ordem de São Bento e o seu Mosteiro de Roriz e partilharam documentos e testemunhos;

aos Monges Beneditinos que me hospedaram na Abadia de Singeverga, e ao Professor José Alberto Gomes Machado que me motivou para este estudo, graças ao *Tintoretto*;

à Dra. Cátia Martins que, com muita paciência, me atendeu no Arquivo do Forte de Sacavém (SIPA - DGPC);

ao Arquitecto João Perloiro que partilhou comigo a curiosidade inicial pelo mosteiro;

aos Arquitectos João Alves da Cunha e João Luís Marques que atenderam sempre as minhas perguntas e que, com os Arquitectos Paulo Miranda e João Valério, me inspiram com amizade de arquitectos e cristãos;

à Rita, colega de trincheira, à Mariana, ao Paulo, à Inês, à Catarina e ao Gonçalo, que me chamaram à turma para podermos tomar cafés, muitos cafés, a repetir;

à Leonor, à Francisca e ao João, por tudo o que já partilhámos das maquetes à estrada;

Aos Pais, à Avó, à Clarinha e à Catarina por serem sempre casa.



# Índice

Resumo.....	5
Abstract .....	6
Agradecimentos.....	7
Índice .....	9
Lista de Acrónimos.....	12
Introdução.....	13
tema – problema – pergunta de partida .....	13
objectivos.....	14
objecto de estudo.....	15
recorte temporal.....	16
metodologia.....	16
estado da arte.....	21
Bibliografia Específica.....	21
Bibliografia Geral.....	29
estrutura do estudo.....	31
contributos.....	31
1.    Enquadramento, Contexto e Intervenientes da Obra .....	33
Cliente: Monjas Beneditinas da Rainha dos Apóstolos.....	33
Mosteiro de Santa Escolástica de Roriz: origens, referências, repercussões .....	41
Atelier de Nuno Teotónio Pereira .....	87
Contexto Internacional .....	88
Contexto Português.....	94

2.	Processo de Projecto (um filme produzido por Nuno Teotónio Pereira).....	103
	O Guião - <i>Estudo Prévio</i> 1959 .....	105
	Localização escolhida .....	105
	Um Programa (1958).....	111
	<i>Estudo Prévio</i> I.....	119
	<i>Estudo Prévio</i> II .....	126
	<i>Ante-Projecto</i> 1960 .....	131
	Mudança no atelier.....	133
	A Realização do Filme.....	137
	A orientação continua em reuniões “com NTP” .....	144
	Três <i>Esboços</i> .....	148
	<i>Ante-Projecto</i> final.....	155
	A <i>linguagem</i> adoptada .....	165
	Projecto da 1ª Fase .....	169
	1ª Fase 1962-1968.....	176
	A Integração dos Azulejos na Capela .....	180
	<i>Ampliação</i> 1978-1986.....	185
	Considerações Finais e Reflexões a prolongar.....	193
	Fontes .....	199
	Arquivos Nacionais .....	199
	Arquivos Municipais .....	199
	Patriarcado de Lisboa.....	199
	Diocese de Santarém.....	200
	Fundação Calouste Gulbenkian .....	200
	Mosteiro de Roriz.....	200

Bibliografia .....	201
Índice de Imagens .....	213
Anexos .....	233
Apresentação do Mosteiro no livro <i>Nuno Portas 18 Obras</i> .....	233
Transcrição de excertos da entrevista de Fátima Filipe ao Arquitecto Nuno Portas .....	235
Excertos transcritos .....	235
Registo na 2ª Conservatória do Registo Predial de Cascais.....	243
Apêndices .....	245
Entrevista com o Eng. Júlio Moreira, Paisagista - 31/01/2019 .....	245
Conversas com o Arquitecto Pedro Botelho .....	265
Primeira Conversa - antes da consulta do arquivo - 11/10/2018 .....	265
Segunda Conversa - no Arquivo do Forte de Sacavém - 22/10/2018 .....	277
Terceira Conversa - depois da consulta do arquivo - 24/10/2018 .....	294
Quarta Conversa com o Arq. Pedro Botelho - dia 5/ 07/ 2019 .....	302
Viagem a Roriz, Santo Tirso .....	305
Visita à Abadia de Singeverga .....	306
Visita ao Mosteiro de Roriz.....	315
Entrevistas.....	320
Cronologia .....	351

## Lista de Acrónimos

DGPC – Direcção Geral do Património Cultural

MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa

SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico

CODA – Concurso para a Obtenção de Diploma de Arquitecto

NTP – Nuno Teotónio Pereira



# Introdução

## tema – problema – pergunta de partida

A Unidade Curricular de Projecto Final de Arquitectura do Mestrado Integrado em Arquitectura do ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa, propõe aos alunos no ano lectivo 2018/2019, a escolha de uma de três turmas com temas diferentes para a vertente prática (projecto) do trabalho e a liberdade de escolha de tema e orientador para a vertente teórica do trabalho (investigação).

Escolhida a turma orientada pelo Professor Arquitecto Pedro Mendes, que vai elaborar propostas para a freguesia de Carcavelos e Parede, e escolhido o local de intervenção, escolheu-se como tema de investigação o edifício existente e que servirá de base ao trabalho de projecto. Este edifício, o Mosteiro de Santa Maria do Mar, com sua cerca, é um trabalho dos arquitectos Nuno Portas, Pedro Vieira de Almeida e Nuno Teotónio Pereira<sup>1</sup> realizado no período entre 1958 e 1968.

O projecto do mosteiro foi uma encomenda da Congregação das Irmãs Beneditinas da Rainha dos Apóstolos iniciada no ano de 1958. Os *estudos prévios* um e dois datam de 1959 e o *ante-projecto* de 1960, ano em que também foi lançada a primeira pedra. Em 1962 foi detalhado o projecto da 1ª fase cuja construção nunca foi terminada, constituindo a única parte que corresponde ao projecto original. Esta primeira fase do edifício foi ocupada em 1965. De 1968 a 1978 foram pensadas opções para que se completasse o edifício e em 1978 foi feito o projecto da ampliação, cuja construção terminou, provavelmente, em 1982. As Irmãs Beneditinas regressaram ao seu Mosteiro em Roriz, Santo Tirso em 2010 e em Setembro de 2017<sup>2</sup> o Mosteiro de Santa Maria do Mar foi adquirido pela Câmara Municipal de Cascais para conversão num equipamento público.

---

<sup>1</sup> TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279, p. 192 – a ordem de apresentação dos arquitectos autores escolhida para o trabalho segue a ordem atribuída na elaboração do catálogo da exposição “Arquitectura e Cidadania”, Atelier Nuno Teotónio Pereira. Vd. p. 18

<sup>2</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS - **Câmara de Cascais compra Mosteiro de Santa Maria do Mar | Sassoeiros** [Em Linha]. Cascais: Câmara Municipal de Cascais. [Consult. 8/02/2019. Actualizado: 04/09/2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.cascais.pt/noticia/camara-de-cascais-compra-mosteiro-de-santa-maria-do-mar-sassoeiros> >

## objectivos

A escolha do tema para a vertente teórica recaiu sobre o local e objecto de projecto, numa abordagem múltipla, com o objectivo de conhecer e entender o Mosteiro de Santa Maria do Mar de uma forma que possibilite a compreensão, quer através do desenho quer da descrição, do processo inerente ao projecto, na tripla relação arquitectos, cliente e obra construída. Pretendemos, por meio do significativo, a aproximação ao seu significado.

O processo documentado no arquivo de Nuno Teotónio Pereira, deve ser olhado como uma relação entre entidades, equipa de projecto e cliente, cada uma formada por várias pessoas que têm intervenção directa no longo período desde o início do trabalho até à apresentação do projecto. Este processo materializou-se em desenhos dos vários arquitectos, maquetes, fotografias, memórias descritivas e foi documentado pelos arquitectos e pelas irmãs em actas e cartas preservadas em arquivo.

No caso em estudo esta procura em torno do processo do projecto reveste-se de especial curiosidade pois o que era para ser nunca o foi na verdade da matéria, mas apenas na inventividade do desenho.

“Os olhos são para ver / e o que os olhos veem só / o desenho o sabe. (...)”<sup>3</sup>

Pretendemos chegar a um conhecimento do processo do projecto que permita ler o edifício à luz das intenções e do trabalho subjacente, com especial enfoque na relação entre arquitectos e comunidade religiosa, intermediada por Nuno Teotónio Pereira e concretizada por Pedro Vieira de Almeida e Nuno Portas. Este estudo requer a contextualização do edifício no que respeita ao panorama nacional e internacional da arquitectura e arquitectura religiosa e ao percurso dos seus arquitectos.

---

<sup>3</sup> NEGREIROS, José de Almada - [Autorretrato], 1926 in FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN - «Os meus olhos não são meus, são os olhos do nosso século!» [Em linha]. Lisboa. [consult. 31.01.2019. actual. 2018]. Disponível na Internet: <URL: <https://gulbenkian.pt/museu/jose-almada-negreiros-mancira-moderno/os-meus-olhos-nao-sao-meus-sao-os-olhos-do-seculo/>>

## objecto de estudo

O Mosteiro de Santa Maria do Mar é dos edifícios religiosos projectados por Nuno Teotónio Pereira, ou no seu atelier, um daqueles sobre os quais menos se escreveu. Contrariamente aos casos da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, classificada como Monumento Nacional, ou da Igreja de Almada, que foram desde a fase de projecto objecto de grande debate e estudo<sup>4</sup>, este não foi publicamente divulgado na época da sua construção. Também não é referido entre os temas debatidos em reuniões do Movimento de Renovação da Arte Religiosa (MRAR) pelos autores referência no estudo do MRAR e da arquitectura religiosa moderna em Portugal, João Alves da Cunha e João Luís Marques, no entanto, no decorrer deste estudo, foi encontrada informação complementar entre os apontamentos de Nuno Teotónio Pereira numa reunião do MRAR sobre o mosteiro em 1960<sup>5</sup>.

Em obras da História da Arquitectura, o Mosteiro de Santa Maria do Mar foi apenas tema de breves referências<sup>6</sup>, que serão insuficientes para descrever a riqueza do processo e a profundidade da sua influência na ordem religiosa que o habitou.

O Mosteiro permaneceu um pouco despercebido atrás do bosque que o envolve, apesar da actividade intensa que lá se viveu em âmbitos eclesial e socialmente renovadores<sup>7</sup>. Este trabalho pretende assim revelar o valor da obra construída e do projecto que não chegou a ser integralmente construído, olhando-os como fundadores no trabalho de arquitectura religiosa dos arquitectos Nuno Portas e Pedro

---

<sup>4</sup> Almeida, Pedro Vieira de, Portas, Nuno; **Duas Igrejas, Arquitectura**, nº 123, 1971, pp. 163-173; Portas, Nuno, Teotónio Pereira, Nuno, **Duas Igrejas, Binário**, nº 161, 1972, p. 70-75

<sup>5</sup> Apêndice: Cronologia - Anotações de Reunião do MRAR (25/10/1960), acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [PT NTP TXT 00178 1/3]

<sup>6</sup> Fernandes, José Manuel, **Igrejas do Século XX**, 2014, p. 51, 62-64; Grande, Nuno, **O Ser Urbano: Nos Caminhos de Nuno Portas**, 2012, p. 138-141; Tostões, Ana, **Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50**, 1997, p. 103, 306; Tostões, Ana; Afonso, João; Vilar, Clara Távora, **Arquitectura e Cidadania**, 2004, p. 192-195.

<sup>7</sup> O Mosteiro de Santa Maria do Mar acolhia regularmente retiros e encontros de associações católicas, algumas “progressistas” de que é exemplo o “Graal”, e ao cuidado do qual o mosteiro esteve durante um período de reorganização da comunidade – Apêndice: Primeira conversa com a Ir. Cristina; Do Graal faziam parte, por exemplo, Maria de Lourdes Pintasilgo, que foi Primeira-Ministra de Portugal e Teresa Santa Clara Gomes, fundadoras da secção portuguesa, e outras pessoas destacadas pela sua cultura e papel social. Este movimento cristão feminino define-se ainda hoje como “um movimento de inspiração Cristã, uma comunidade internacional de mulheres” In **O Movimento Graal em Portugal**. [Em Linha]. Lisboa: Graal - Associação de Carácter Social e Cultural [consult. 26/08/2019]. Disponível na Internet: URL < <http://www.graal.org.pt/pt/graal/o-que-e-o-graal>>

Vieira de Almeida, com a orientação de Nuno Teotónio Pereira, no qual se incluem a igreja do Sagrado Coração de Jesus e a Igreja de Almada.

## recorte temporal

O estudo incidirá especialmente nos anos de projecto do edifício em que se inclui o período entre 1958 e 1968 – encomenda, Estudo Prévio, Anteprojecto, 1ª Fase e estudo para a ampliação - e entre 1978 e 1986 – Ampliação, ou seja, entre os anos 50 e os anos 80 do século XX.

Com menor incidência o estudo estende-se até à contemporaneidade, partindo da venda do mosteiro dia 4 de Setembro de 2017<sup>8</sup>, com a perspectiva de adaptação do edifício para um novo uso, possibilidade que se estudará no âmbito da vertente prática deste trabalho.

## metodologia

A metodologia adoptada baseia-se no estudo e na consulta de fontes primárias e secundárias.

No que concerne às fontes primárias, foi dada primazia à leitura do próprio edifício em estudo, fonte inesgotável e perfeita para a interpretação da arquitectura e do trabalho dos arquitectos. Em paralelo, foi consultada documentação nos arquivos do Forte de Sacavém (SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico, Direcção Geral do Património Cultural, Ministério da Cultura), da Câmara Municipal de Cascais, do ex-Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado de Lisboa (Mosteiro de São Vicente de Fora) e nas Bibliotecas do ISCTE-IUL, Fundação de Serralves, Fundação Calouste Gulbenkian, Secção Regional Sul da Ordem dos Arquitectos, Mosteiro de Santa Maria do Mar, Sassoeiros, e Mosteiro de Santa Escolástica, Roriz. De toda a documentação destacamos aquela que encontramos no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, integrado no SIPA, DGPC, onde se inclui não só o projecto do edifício, mas também uma completa sequência de desenhos de estudo, anotações e correspondência que permitem apreender o processo de projecto, desde o elaborar do programa à obra finalizada e registada em desenho de *telas finais* e fotografia. A informação que pudemos recolher de todas

---

<sup>8</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS - Câmara de Cascais compra Mosteiro de Santa Maria do Mar | Sassoeiros [Em Linha]. Cascais: Câmara Municipal de Cascais. [Consult. 8/02/2019. Actualizado: 04/09/2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.cascais.pt/noticia/camara-de-cascais-compra-mosteiro-de-santa-maria-do-mar-sassoeiros> >

as consultas foi organizada numa cronologia que anexamos ao estudo e que foi linha condutora de toda a investigação.

Para o estudo do edifício e o estabelecimento de relação quer com os restantes edifícios da ordem religiosa quer com a arquitectura dos arquitectos do atelier de Nuno Teotónio Pereira, foram realizadas visitas e fotografia a vários edifícios, nomeadamente, Mosteiro de Santa Maria do Mar, Igreja do Sagrado Coração de Jesus (Atelier de Nuno Teotónio Pereira, 1962-1976)<sup>9</sup>, Igreja Paroquial de Almada (Atelier de Nuno Teotónio Pereira, 1963-1971)<sup>10</sup>, Igreja de Olivais Sul (Pedro Vieira de Almeida, 1970-1989)<sup>11</sup>, e a Igreja da Brandoa (Pedro Vieira de Almeida, 1986-1989)<sup>12</sup>, Mosteiro de Santa Escolástica de Roriz (Raul Lino, 1939<sup>13</sup> - Congregação das Beneditinas da Rainha dos Apóstolos) e Mosteiro de São Bento de Singeverga (Arq. Alberto da Silva Bessa, 1958<sup>14</sup> - Monges Beneditinos).

Fizeram parte da investigação conversas com as monjas beneditinas<sup>15</sup>, que habitaram o Mosteiro de Santa Maria do Mar e contactaram com o projecto, e com intervenientes no projecto – Júlio Moreira, agrónomo e paisagista<sup>16</sup>, Nuno Portas, arquitecto, e João de Almeida, arquitecto, e, então, padre consultado para o projecto enquanto representante do Patriarcado de Lisboa em 1964<sup>17</sup>. De importância basilar para o estudo é a sequência de conversas com o Arquitecto Pedro Viana Botelho<sup>18</sup> que, desde 1972, fez parte do Atelier de Nuno Teotónio Pereira e contactou directamente com o projecto e com os

---

<sup>9</sup> TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279, p. 268

<sup>10</sup> TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279, p. 268

<sup>11</sup> MARQUES, João Luís Rebelo Ferreira – **A Igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975** [Em Linha]. Porto: Repositório Aberto da Universidade do Porto, 2017. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet < URL: <http://hdl.handle.net/10216/110753>>, p. 410, 471-483, 740

<sup>12</sup> MARQUES, João Luís Rebelo Ferreira – **A Igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975** [Em Linha]. Porto: Repositório Aberto da Universidade do Porto, 2017. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet < URL: <http://hdl.handle.net/10216/110753>>, p. 410, 740

<sup>13</sup> Data da entrada solene das irmãs no mosteiro in FRANCO, José Eduardo (dir.), MOURÃO, José Augusto (dir.), GOMES, Ana Cristina da Costa (dir.) - **Dicionário histórico das ordens e instituições afins em Portugal**. Lisboa: Gradiva, 2010. ISBN 9789896163693

<sup>14</sup> MARQUES, João Luís Rebelo Ferreira – **A Igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975** [Em linha]. Porto: Repositório Aberto da Universidade do Porto, 2017. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet < URL: <http://hdl.handle.net/10216/110753>>

<sup>15</sup> Apêndice: Visita ao Mosteiro de Roriz, Entrevistas

<sup>16</sup> Apêndice: Entrevista com o Eng. Júlio Moreira, Paisagista

<sup>17</sup> Apêndice: Cronologia - Carta de Nuno Teotónio Pereira à Rev. Madre Maria Alberto (31/12/1964) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Correspondência - PT NTP TXT 00172]

<sup>18</sup> Apêndice: Conversas com o Arquitecto Pedro Botelho

intervenientes, arquitectos e monjas beneditinas, para quem projectou um mosteiro que não foi construído (Torrão, Alcácer do Sal, 1986-1989)<sup>19</sup>. Estas conversas foram realizadas à volta dos desenhos do projecto, esboços e fotografias.

Ressalta-se ainda, pela sua importância, a consulta da obra teórica e de testemunhos de Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas e Pedro Vieira de Almeida, em alguns casos contemporânea da construção do edifício, particularmente o trabalho do CODA de Pedro Vieira de Almeida (1962) realizado durante o processo de projecto do Mosteiro (1958-68)<sup>20</sup>.

Do confronto entre as fontes materiais, fixadas em construção, desenho, fotografia ou escrita e os testemunhos recolhidos, sempre parciais ou subjectivos, estabelecem-se as chaves para o desenvolvimento deste trabalho.

As fontes secundárias são em primeiro lugar, as diversas investigações, teses de mestrado e doutoramento, artigos científicos, livros, conferências realizadas sobre o tema da arquitectura religiosa no séc. XX e sobre o atelier de Nuno Teotónio Pereira.

A esta documentação acresce a bibliografia que terá sido consultada pelos arquitectos que trabalharam no projecto e as suas referências arquitectónicas, nomeadamente aquelas que a própria Congregação forneceu a Nuno Teotónio Pereira, numa carta, para que ele as pudesse visitar pela Europa. Os mosteiros beneditinos modernos em Portugal, Santa Escolástica em Roriz (Arquitecto Raul Lino) e São Bento de Singeverga (Arquitecto Alberto da Silva Bessa, 1958<sup>21</sup>) constituem, eles mesmos, referências importantes para o projecto, que Nuno Teotónio Pereira terá visitado em 1958/1959. Membros ou colaboradores do MRAR, os arquitectos do Mosteiro estavam expostos a um intenso debate em torno das questões da arquitectura religiosa e a referências levadas às reuniões e formações por todos, nomeadamente por João de Almeida, que havia realizado um estágio em França e na Suíça, sob orientação

---

<sup>19</sup> Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA

<sup>20</sup> Apêndice: Cronologia (31/12/1962 [ALMEIDA, Pedro César Vieira de - **Ensaio sobre algumas características do espaço em arquitectura e elementos que o informam**. [em linha]. Porto, 1962. CODA (Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto). [Consult. 29/11/2018] Disponível na Internet: <<http://hdl.handle.net/10405/48199>> ])

<sup>21</sup> MARQUES, João Luís Rebelo Ferreira – **A Igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975** [Em Linha]. Porto: Repositório Aberto da Universidade do Porto, 2017. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet < URL: <http://hdl.handle.net/10216/110753>>

dos frades dominicanos Coutourier e Régamey, que o levou, nomeadamente, ao atelier de Hermann Baur, onde colaborou em projectos de várias igrejas<sup>22</sup>.

Subjacente ao presente estudo destacam-se ainda por parte do autor:

A participação como orador convidado na *III Jornada de Arte, Arquitectura e Liturgia, sobre o Património Moderno da Igreja* em Outubro de 2017, apresentando o tema *património ameaçado* com os casos de estudo da Igreja de Olivais Sul, de Pedro Vieira de Almeida, e o Mosteiro de Santa Maria do Mar. Na preparação da intervenção o mosteiro foi visitado pela primeira vez com propósito de investigação em Setembro de 2017, após a aquisição pela Câmara Municipal de Cascais. Encontrava-se exposto a degradação e sem manutenção, até ao início do trabalho da Câmara Municipal de Cascais.

A participação como assistente no **II Colóquio Arquitecturas da Alma**, que reuniu em Novembro de 2018 no ISCTE-IUL investigadores de diversos temas em torno do espaço espiritual, cujas perspectivas históricas, patrimoniais, sociais e sociológicas, espaciais e formais, constituíram uma fonte importante de pistas de investigação sobre a vida monástica, a história da arquitectura dos mosteiros e a sua relação com a paisagem, as várias denominações e tipos de vida monástica. O Colóquio também foi ocasião de aprendizagem sobre o trabalho académico em geral e de conhecimento de investigadores e seu trabalho.

A participação como assistente no *Colóquio Internacional Celebrando A Nossa Casa (1918-2018) de Raul Lino*, coordenado pela Prof. Doutora Paula André, em Dezembro de 2018. Deste colóquio destaca-se a intervenção de Margarida Mariño Ucha, investigadora da obra de Pedro Vieira de Almeida (*Pedro Vieira de Almeida e/vs Raul Lino. “Modernidade” e/vs “Post-modernidade”*), intervenção de particular relevo para o objecto de estudo, porquanto Raul Lino é o arquitecto do primeiro mosteiro da ordem das Beneditinas da Rainha dos Apóstolos em Portugal e Pedro Vieira de Almeida é, provavelmente, a principal *mão* no desenho do único mosteiro da ordem na região de Lisboa.

---

<sup>22</sup> CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da - O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX : a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960 [Em linha]. Lisboa : Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2014. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet <URL: <http://hdl.handle.net/10400.5/8099>>, Vol. II, p. 43-44

Na sequência da consulta da ficha<sup>23</sup> de inventário do Mosteiro de Santa Maria do Mar no Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA), e tendo-se verificado falta de informação relevante para o seu estudo, consideramos necessário elaborar uma ficha completa. Por esta razão desenvolvemos, como ponto de partida neste estudo, a organização da cronologia e da história do edifício como contributo para o inventário do SIPA, DGPC. Estabeleceu-se assim uma relação com a instituição, em concreto com o Arquivo do Forte de Sacavém, onde se encontra o arquivo pessoal de Nuno Teotónio Pereira, consultado para o estudo.

---

<sup>23</sup> FIGUEIREDO, Paula - **Mosteiro de Santa Maria do Mar** [Em Linha]. Sacavém: SIPA. [consult. 31.01.2019. actual. 2009]. Disponível na Internet: <URL: [http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/SIPA.aspx?id=27926](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=27926) >



## estado da arte

### Bibliografia Específica

A investigação existente sobre o mosteiro de Santa Maria do Mar, como mencionado anteriormente, encontra-se dispersa, através de referências em obras cujo tema principal é a arquitectura moderna, religiosa ou o atelier de Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas.

Os cinco livros abaixo descritos, são aqueles em que se encontrou estudo específico sobre o Mosteiro de Santa Maria do Mar.

- *Igrejas do séc. XX na Região de Lisboa*<sup>24</sup> (Figura 1), do Arquitecto José Manuel Fernandes, deixando também uma contextualização, neste caso, para a arquitectura religiosa portuguesa no século XX, destaca a “qualidade plástica” da alternância entre planos de betão aparente e panos de parede brancos, assim como a pormenorização das janelas. A arquitectura é descrita como “mais “solta” dos dogmas do movimento internacional” e o conjunto como “inovador, na sua época, em Portugal”<sup>25</sup>;



Figura 1 – FERNANDES, José Manuel – *Igrejas do Século XX: Arquitecturas na Região de Lisboa*

---

<sup>24</sup> FERNANDES, José Manuel – *Igrejas do Século XX: Arquitecturas na Região de Lisboa*. 1ª ed. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2014. ISBN 978-989-658-265-4

<sup>25</sup> FERNANDES, José Manuel – *Igrejas do Século XX: Arquitecturas na Região de Lisboa*. 1ª ed. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2014. ISBN 978-989-658-265-4

- *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*<sup>26</sup> (Figura 2), edição da dissertação de mestrado da Arquitecta Ana Tostões que dedica parte à descrição do projecto do mosteiro, além de providenciar contexto para a sua arquitectura no panorama português dos anos 50. Ana Tostões aponta a linguagem organicista, a adaptação ao terreno, a monumentalidade hoje apenas adivinhada, o “requintadíssimo” desenho dos vãos e o caminho coerente que se confirma na Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Na página que se dedica à apresentação gráfica do mosteiro (Figura 2) há que notar que é deixada a informação de que a capela é a adaptação de uma sala, como se comprovará e desenvolverá neste trabalho<sup>27</sup>;



Figura 2 - Página dedicada à apresentação gráfica do Mosteiro de Santa Maria do Mar in TOSTÕES, Ana – *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*. 2ª ed. Porto: FAUP, 1997. ISBN 9729483302, p. 306

- o catálogo da exposição *O Ser Urbano: Nos caminhos de Nuno Portas*<sup>28</sup> (Figura 3), com curadoria do Arquitecto Nuno Grande, foca o projecto do mosteiro, utilizando para isso alguns desenhos e as palavras de Ana Tostões no catálogo da exposição *Arquitectura e Cidadania, Atelier Nuno Teotónio Pereira*;

<sup>26</sup> TOSTÕES, Ana – *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*. 2ª ed. Porto: FAUP, 1997. ISBN 9729483302

<sup>27</sup> TOSTÕES, Ana – *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*. 2ª ed. Porto: FAUP, 1997. ISBN 9729483302

<sup>28</sup> GRANDE, Nuno, org. expo, PRESCOTT, David, trad - *O Ser Urbano: Nos caminhos de Nuno Portas*. 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2012. ISBN 978-972-27-2067-0, p. 138-140



Figura 3 - GRANDE, Nuno, org. expo, PRESCOTT, David, trad - O Ser Urbano: Nos caminhos de Nuno Portas

- o catálogo da exposição *Arquitectura e Cidadania, Atelier Nuno Teotónio Pereira*<sup>29</sup>(Figura 4), coordenado por Ana Tostões, partindo do livro *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*, descreve o edifício, a organicidade, a escala adivinhável, os seus ângulos, e a conjugação do requinte dos vitrais com a rudeza do betão. Estabelece já, com base em pesquisas feitas junto de Nuno Teotónio Pereira e seus colaboradores, uma ordem de intensidade de trabalho entre os que em cada Projecto colaboraram, surgindo, no caso do Mosteiro de Santa Maria do Mar estes três nomes, pela seguinte ordem: Nuno Portas, Pedro Vieira de Almeida e Nuno Teotónio Pereira. Constitui a maior recolha de desenhos do Mosteiro de Santa Maria do Mar publicada.



Figura 4 - Catálogo da exposição *Arquitectura e Cidadania, Atelier Nuno Teotónio Pereira*. In TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*

<sup>29</sup> TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279

Estes livros, têm em comum o facto de, apesar de focarem as várias fases de projecto e o resultado contruído, não se debruçarem sobre o processo de projecto ou a história do edifício.

No livro *Nuno Portas, 18 Obras Partilhadas*, lançado em Outubro de 2019, é apresentado o Mosteiro de Santa Maria do Mar com acompanhamento de alguns desenhos e fotografias chave do projecto. O texto de apresentação do projecto foi escrito por Pedro Baía e Paulo Providência, editores da obra, a partir de entrevistas a Nuno Portas realizadas pelos editores com Nuno Grande. Neste texto é mencionado o gosto particular de Nuno Portas e Pedro Vieira de Almeida, que “teve muita importância no desenho”<sup>30</sup>, pelo projecto. São ainda mencionadas as características principais do espaço como a divisão em vários volumes, a não ortogonalidade, o trabalho da luz e a proximidade a outros projectos do atelier como a Casa de Vila Viçosa<sup>31</sup>.



Figura 5 - BAÍA, Pedro (ed.); PROVIDÊNCIA, Paulo (ed.) - *Nuno Portas: 18 Obras Partilhadas*. Porto: Círculo de Ideias. 2019

Há também uma outra obra, classificável como roteiro histórico-fotográfico da freguesia de Carcavelos, de menor relevância teórica, porque não focada na perspectiva da Arquitectura, em que o Mosteiro é mencionado. Este livro, *Registo fotográfico de Carcavelos e alguns apontamentos histórico-administrativos* (Figura 6) de 1988, aponta o lançamento da fundação do mosteiro em 1957, com o objectivo de

---

<sup>30</sup> BAÍA, Pedro (ed.); PROVIDÊNCIA, Paulo (ed.) - *Nuno Portas: 18 Obras Partilhadas*. Porto: Círculo de Ideias. 2019. p. 96

<sup>31</sup> BAÍA, Pedro (ed.); PROVIDÊNCIA, Paulo (ed.) - *Nuno Portas: 18 Obras Partilhadas*. Porto: Círculo de Ideias. 2019. p. 96

desenvolver a obra missionária nas colónias portuguesas. Descreve também a vista original, desde a serra de Sintra à margem Sul do rio Tejo, “lindo horizonte” que passou a estar “vedado pelos monstros de cimento que ocuparam os terrenos das antigas quintas”<sup>32</sup>. Esta obra inclui uma fotografia do interior e outra do exterior do mosteiro de Sassoeiros.

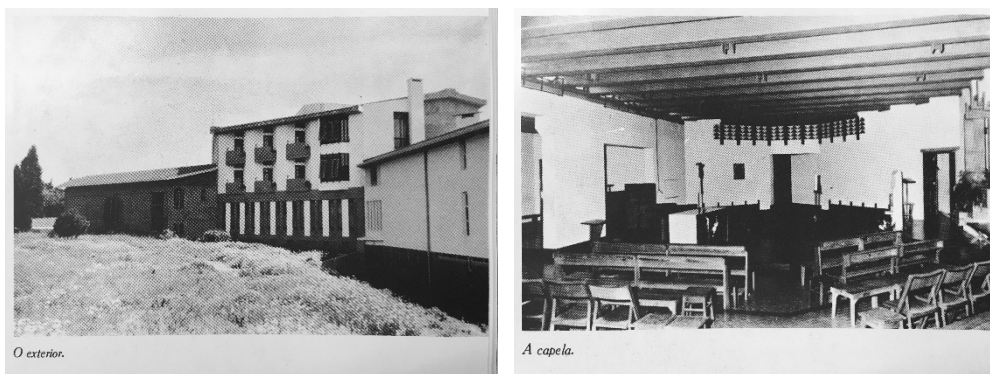


Figura 6 - Fotografias do Mosteiro de Santa Maria do Mar in MIRANDA, Jorge Augusto, CARDOSO, Guilherme, TEIXEIRA, Carlos A. - **Registo fotográfico de Carcavelos e alguns apontamentos histórico-administrativos**. Cascais: Câmara Municipal, 1988, p. 151

Sobre a congregação Religiosa das Beneditinas da Rainha dos Apóstolos, em particular sobre a fundação do mosteiro de Roriz, Santo Tirso em 1935, o seu primeiro mosteiro em Portugal, damos particular relevo à obra editada em vários volumes pela própria congregação *Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Benedictines et Apôtres*<sup>33</sup> e *Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945*<sup>34</sup>, que constitui uma narração da vida da congregação com base em documentos de arquivo, correspondência e memórias colectivas. A História desta congregação e dos

<sup>32</sup> MIRANDA, Jorge Augusto, CARDOSO, Guilherme, TEIXEIRA, Carlos A. - **Registo fotográfico de Carcavelos e alguns apontamentos histórico-administrativos**. Cascais: Câmara Municipal, 1988, p. 151

<sup>33</sup> *Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Benedictines et Apôtres*. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo III

<sup>34</sup> *Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945*. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV

seus mosteiros é também desenvolvida em *Mosteiro de Singeverga: Cem Anos (1892-1992)*<sup>35</sup> que trata principalmente do vizinho Mosteiro de Singeverga, cuja história não se pode desligar do Mosteiro de Roriz. As obras de referência *Dizionario degli istituti di perfezione*<sup>36</sup> e *Dicionário histórico das ordens e instituições afins em Portugal*<sup>37</sup> estabelecem a base para a identificação e estudo desta congregação religiosa.

Em sistemas digitais de inventário de património encontraram-se duas fichas específicas do Mosteiro de Santa Maria do Mar: a ficha no SIPA, DGPC<sup>38</sup>, que inclui apenas dados básicos como localização, época, autor, uso, proprietário e referências arquivísticas e também a ficha de inventário da Fundação Docomomo Ibérico<sup>39</sup> que inclui localização, anos de início e conclusão, autores, curta bibliografia e um texto de Ana Tostões com uma descrição.

Há também trabalhos que incluem menções ao Mosteiro, sem que este tema seja aprofundado. É o caso da tese de doutoramento de João Alves da Cunha, com o tema *O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX: a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960*<sup>40</sup>, que inclui o mosteiro no inventário da arquitectura religiosa de Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas. Também João Luís Marques, na sua tese de doutoramento *A Igreja na cidade, serviço e acolhimento*,

---

<sup>35</sup> SOUSA, Gabriel de - **Mosteiro de Singeverga: cem anos de vida beneditina (1892-1992)**. Santo Tirso: Ora & Labora, 1992. p. 161

<sup>36</sup> PELLICCIA, Guerrino, dir., ROCCA, Giancarlo, dir. - **Dizionario degli istituti di perfezione. Vol I** Roma: Ed. Paoline, 1974-2003. 10 vols.

<sup>37</sup> FRANCO, José Eduardo; MOURÃO, José Augusto; GOMES, Ana Cristina da Costa (ed. lit) - **Dicionário histórico das ordens e instituições afins em Portugal**. Lisboa: Gradiva, 2010. p. 335-337.

<sup>38</sup> FIGUEIREDO, Paula - **Mosteiro de Santa Maria do Mar** [Em Linha]. Sacavém: SIPA. [consult. 31.01.2019. actual. 2009]. Disponível na Internet: <URL: [http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/SIPA.aspx?id=27926](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=27926)>

<sup>39</sup> DOCOMOMO IBÉRICO – **Convento de Santa Maria do Mar** [Em Linha]. Barcelona: Fundación Docomomo Ibérico. [consult. 31.01.2019. actual. 2013]. Disponível na Internet: <URL: [http://www.docomomoiberico.com/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=957:convento-de-santa-maria-do-mar&lang=pt](http://www.docomomoiberico.com/index.php?option=com_k2&view=item&id=957:convento-de-santa-maria-do-mar&lang=pt)>

<sup>40</sup> CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da - **O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX : a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960** [Em linha]. Lisboa : Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2014. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet <URL: <http://hdl.handle.net/10400.5/8099>>

*arquitectura portuguesa 1950-1975*<sup>41</sup> menciona o mosteiro, relacionando as obras de arquitectura religiosa com a produção teórica de Pedro Vieira de Almeida<sup>42</sup> e também o incluindo na cronologia em apêndice<sup>43</sup>.

Tiago Lopes Dias é outro dos autores que refere o Mosteiro de Sassoeiros na sua tese de doutoramento com o tema *Teoria e desenho da arquitectura em Portugal, 1956-1974: Nuno Portas e Pedro Vieira de Almeida*<sup>44</sup>, no contexto da produção arquitectónica do atelier de Nuno Teotónio Pereira e do debate do MRAR, e também como objecto possível de uma futura investigação, dentro do tema da sua tese.

Também a dissertação *Políticas de autor ou políticas sociais? Nuno Portas e o papel do arquitecto em Portugal* de Joana Oliveira, integra Sassoeiros na “trilogia” que marcou o trabalho do atelier de Nuno Teotónio Pereira perante um “novo momento da Igreja”<sup>45</sup>, juntamente com a Igreja de Almada e a Igreja do Sagrado Coração de Jesus. A autora associa o mosteiro a uma “a arquitectura de estar e percorrer por dentro e por fora”<sup>46</sup>, promovendo a participação activa dos utilizadores e realça que alguns dos membros do atelier eram “católicos progressistas”<sup>47</sup>, o que detinha relevância não só para o projecto de programas religiosos, mas também no âmbito da habitação social.

---

<sup>41</sup> MARQUES, João Luís Rebelo Ferreira – **A Igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975** [Em Linha]. Porto: Repositório Aberto da Universidade do Porto, 2017. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet < URL: <http://hdl.handle.net/10216/110753> >

<sup>42</sup> MARQUES, João Luís Rebelo Ferreira – **A Igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975** [Em Linha]. Porto: Repositório Aberto da Universidade do Porto, 2017. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet < URL: <http://hdl.handle.net/10216/110753> >, p.403-434, 447-483, 672-680

<sup>43</sup> MARQUES, João Luís Rebelo Ferreira – **A Igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975** [Em Linha]. Porto: Repositório Aberto da Universidade do Porto, 2017. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet < URL: <http://hdl.handle.net/10216/110753> >, p. 681-696

<sup>44</sup> DIAS, Tiago Lopes - **Teoria e desenho da arquitectura em Portugal, 1956-1974: Nuno Portas e Pedro Vieira de Almeida**. Barcelona: UPC, Departament de Teoria i Història de l'Arquitectura i Tècniques de Comunicació, 2017. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet <URL: <http://hdl.handle.net/2117/113682> >

<sup>45</sup> OLIVEIRA, Joana – **Políticas de autor ou políticas sociais? : Nuno Portas e o papel do arquitecto em Portugal** [Em Linha]. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013. Dissertação de mestrado. [Consult. 08.02.2019] Disponível na Internet: <<http://hdl.handle.net/10316/24400>>, p. 43,61

<sup>46</sup> PORTAS, Nuno - **Arquitectura Integrada?** os propósitos para este caminho projectual. **Jornal de Letras e Artes**, 84, 08.05.1963. Cit. por OLIVEIRA, Joana – **Políticas de autor ou políticas sociais? : Nuno Portas e o papel do arquitecto em Portugal** [Em Linha]. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013. Dissertação de mestrado. [Consult. 08.02.2019] Disponível na Internet: <<http://hdl.handle.net/10316/24400>>, p. 61

<sup>47</sup> OLIVEIRA, Joana – **Políticas de autor ou políticas sociais? : Nuno Portas e o papel do arquitecto em Portugal** [Em Linha]. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013. Dissertação de mestrado. [Consult. 08.02.2019] Disponível na Internet: <<http://hdl.handle.net/10316/24400>>, p. 59





## Bibliografia Geral



Figura 7 – Capas das principais obras da bibliografia.

Sobre o contexto da arquitectura religiosa em Portugal nos anos 50-80 do século XX, fortemente influenciado pelo MRAR, *Movimento de Renovação da Arquitectura Religiosa*, do qual Nuno Teotónio Pereira foi fundador, é tida como obra e referência a tese de doutoramento do Arquitecto João Alves da Cunha com o título *O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX: a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960*<sup>48</sup>. Neste trabalho João Alves da Cunha traça o percurso do MRAR, desde a sua origem até ao seu “ocaso”<sup>49</sup>, contextualizando o movimento no plano da arquitectura nacional e internacional. O acompanhamento deste percurso é feito sobretudo com base em documentos de arquivo e em conversas com os seus membros. Os temas das reuniões e encontros, as discussões, as exposições e as obras do grupo são objecto de detalhada descrição e análise.

Em continuidade com este trabalho, a tese de doutoramento de João Luís Marques *A Igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975*<sup>50</sup> apresenta um olhar mais amplo, não se centrando apenas no MRAR, apesar de coincidência em parte do recorte temporal. Aí são explorados o contexto eclesial, o crescimento das grandes cidades de Lisboa e Porto e o debate teórico-disciplinar em torno das igrejas para as novas paróquias. Na segunda parte, é feita a análise aprofundada de casos de estudo teóricos e práticos, que mostram a articulação entre as questões litúrgicas e pastorais, a comunidade e o desenho da cidade, com especial relevância por se focar, particularmente, na obra do arquitecto Pedro Vieira de Almeida.

Com o objectivo de conhecer o pensamento dos arquitectos foram consultadas e são referenciadas ao longo do presente estudo, diversas antologias de textos da autoria dos próprios e algumas obras monográficas sobre as respectivas vida e obra.

---

<sup>48</sup> CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da - **O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX : a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960** [Em linha]. Lisboa : Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2014. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet <URL: <http://hdl.handle.net/10400.5/8099>>

<sup>49</sup> CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da - **O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX : a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960** [Em linha]. Lisboa : Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2014. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet <URL: <http://hdl.handle.net/10400.5/8099>>. Vol I. p. 324

<sup>50</sup> MARQUES, João Luís Rebelo Ferreira – **A Igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975** [Em Linha]. Porto: Repositório Aberto da Universidade do Porto, 2017. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet < URL: <http://hdl.handle.net/10216/110753> >

## estrutura do estudo

O estudo desenvolve-se em dois capítulos:

Enquadramento, com o qual pretendemos estabelecer, com recurso à bibliografia geral, o contexto nacional e internacional no que respeita à arquitectura e à arquitectura religiosa coetânea do edifício. Neste capítulo também procuramos entender o histórico que leva à encomenda do mosteiro: quem são estas irmãs, onde habitaram e qual a sua relação com a arquitectura, conhecer os projectistas, a sua formação, os seus projectos anteriores, as suas referências e a sua ligação à arquitectura religiosa.

Processo de Projecto: Cliente, Arquitectos, Projecto - partindo do princípio de que o projecto resulta do encontro frutífero de uns com os outros, este capítulo começa pela procura nos *apports* das várias partes envolvidas de razões para que o projecto se tenha desenvolvido de determinada maneira. Na sua parte central o capítulo foca a análise das fontes primárias, para a compreensão do processo inerente ao projecto e do papel de cada um dos intervenientes.

Um elemento fulcral para o desenvolvimento deste estudo são os Anexos e Apêndices, na parte final deste volume, nos quais se incluem documentos de arquivo, transcrições, entrevistas, outros documentos e em particular a cronologia onde se organizam e situam todos os documentos e eventos que suportam a investigação.

## contributos

O estudo pretende contribuir para a investigação em arquitectura na perspectiva do projecto como processo. Esse contributo faz-se através da apresentação de um caso de estudo concreto.

Também visamos complementar o estudo da arquitectura religiosa, particularmente a portuguesa, na segunda metade do século XX, no contexto das renovações aportadas pelo Concílio Vaticano II e do Movimento de Renovação da Arte Religiosa e movimentos congêneres. Neste âmbito, o estudo da primeira metade do século XX em Portugal poderá também ter a nossa contribuição, em particular no que diz respeito à arquitectura da Ordem Beneditina depois da sua restauração que se seguiu à extinção por decreto de 1834.

Pretendemos contribuir para que futuras intervenções de conservação ou reabilitação do Mosteiro de Santa Maria do Mar por parte do seu proprietário, Câmara Municipal de Cascais ou outro, sejam informadas por um estudo do projecto e da história do edifício.

Nas obras existentes onde se apresenta o Mosteiro de Santa Maria do Mar, embora com pouco aprofundamento, sobretudo no que ao processo diz respeito, há alguns pontos que à luz da investigação feita no arquivo de Nuno Teotónio Pereira, no Forte de Sacavém, poderiam ser corrigidos. São exemplos a referência ao Mosteiro como Convento e às Monjas como freiras, mas há também datas e nomes de intervenientes carecem de revisão com base na correspondência e nas datas dos desenhos e recibos e notas de pagamento.

Apresentamos neste trabalho um caso de estudo particular na metodologia de projecto de um atelier que já é reconhecidamente afirmado como uma “escola”<sup>51</sup>, onde “quem está ao estirador manda mais”<sup>52</sup>. No entanto, no processo de projecto do Mosteiro de Santa Maria do Mar, conjugando desenhos com correspondência e anotações, expõe-se claramente a co-autoria e o trabalho a várias mãos. Segundo Ana Tostões, Nuno Teotónio Pereira fez “uma arquitectura participada quando ainda não se falava disso”<sup>53</sup>. Confirmando-o, encontrámos a afirmação de Nuno Teotónio Pereira numa carta convidando as monjas a essa participação: “a obra final não poderá ser só minha – terá de ser de todos nós”<sup>54</sup>.

---

<sup>51</sup> TOSTÕES, Ana – Obra aberta: entre experimentalismo e contexto, um sentido de escola. In TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279, p. 22

<sup>52</sup> Apêndice: Primeira Conversa com o Arquitecto Pedro Botelho

<sup>53</sup> TOSTÕES, Ana – Obra aberta: entre experimentalismo e contexto, um sentido de escola. In TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279, p. 22

<sup>54</sup> Carta à Ir. Maria Alberto (09/06/1958) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Correspondência - PT NTP TXT 00172]

# 1. Enquadramento, Contexto e Intervenientes da Obra

Como abertura do estudo do Mosteiro de Santa Maria do Mar, propomos um olhar panorâmico sobre o seu contexto. A congregação religiosa que é cliente neste processo e a arquitectura da sua ordem religiosa, os arquitectos que trabalharam no projecto e os projectos em que já tinham participado, enquadrados na arquitectura portuguesa e internacional. Este contexto é traduzido na cronologia<sup>55</sup>, onde destacámos as datas dos acontecimentos mais relevantes.

## Cliente: Monjas Beneditinas da Rainha dos Apóstolos

Um dos primeiros equívocos que se pode gerar com a leitura do projecto do Mosteiro de Santa Maria do Mar é a identificação da congregação religiosa a que se destina, porque é designada nas memórias descritivas e legendas como *Beneditinas Missionárias*. A pesquisa pela origem de uma congregação com tal nome levaria a outras, como as *Beneditinas Missionárias de Tutzing*, fundadas em 1885 em Tutzing, Baviera, Alemanha<sup>56</sup>, presentes em Portugal desde 1961<sup>57</sup>. Ou ainda às *Beneditinas Missionárias* fundadas em 1917 em Biala Cerkiew, Łuck, hoje no território da Ucrânia<sup>58</sup>.

Dizer que são Beneditinas, significa que a congregação religiosa se enquadra numa grande família, a Ordem de São Bento (Ordo Santi Benedicti), ou seja, que é uma comunidade monástica que vive de acordo com a Regra de São Bento. São Bento, cujo principal biógrafo foi São Gregório Magno, no livro segundo de *Diálogos* (593-594), nasceu em Núrcia em 480, foi estudar para Roma e olhando a “vida desperdiçada”<sup>59</sup> dos seus coetâneos interrompeu os estudos, abandonou a cidade e retirou-se primeiro com um grupo de sacerdotes dedicados ao serviço da igreja. Depois foi levado a um abandono total do

---

<sup>55</sup> Ver Cronologia completa em Apêndices: Cronologia

<sup>56</sup> ROCCA, G. - Benedittine Missionarie, di Tutzing (Baviera, Germania), Missions-Benediktinerinnen von Tutzing. In PELLICCIA, Guerrino, dir., ROCCA, Giancarlo, dir. - **Dizionario degli istituti di perfezione**. Roma: Ed. Paoline, 1974-2003. Vol.I. p. 1270

<sup>57</sup> **Família Beneditina Portuguesa**. Roriz: Edições Ora et Labora, 2018. p. 13

<sup>58</sup> BAR, J. - Benedittine Missionarie, di Tutzing (Baviera, Germania), Missions-Benediktinerinnen von Tutzing. In PELLICCIA, Guerrino, dir., ROCCA, Giancarlo, dir. - **Dizionario degli istituti di perfezione**. Roma: Ed. Paoline, 1974-2003. Vol.I. p. 1270

<sup>59</sup> MANCONE, A. - Santo Benedetto. In PELLICCIA, Guerrino, dir., ROCCA, Giancarlo, dir. - **Dizionario degli istituti di perfezione**. Roma: Ed. Paoline, 1974-2003. Vol.I. p. 1352

mundo indo habitar uma gruta<sup>60</sup>. O crescimento de um grupo de seguidores levou Bento a fundar doze mosteiros na linha das antigas tradições ascéticas e monásticas<sup>61</sup>. Em 529 fundou o Mosteiro de Montecassino<sup>62</sup> do qual foi abade e onde terá composto a *Regra* na sua versão definitiva. Foi a *Regra* que fez “continuar a obra por ele iniciada”<sup>63</sup>, e foi adoptada por congregações religiosas, grupos de pessoas que quiseram dedicar uma vida comunitária ou eremítica a Deus.

Na verdade, a congregação religiosa que encomendou o mosteiro de Santa Maria do Mar tem a designação oficial de Irmãs Beneditinas da Rainha dos Apóstolos (Soeurs Bénédictines de la Reine des Apôtres) em referência à mãe de Jesus Cristo, e foi fundada em 1921 em Loppem, Bruges, na Bélgica por D. Théodore Nève, O.S.B., na altura abade de St. André<sup>64</sup>, Abadia Beneditina na mesma região. Fundado o Priorado de Nossa Senhora de Betânia, as monjas começaram por habitar o pequeno palacete *Lisbona*, apelidado de *Pequena Betânia*<sup>65</sup>, e mais tarde o mosteiro neo-românico de Nossa Senhora de Betânia (*Monastère de Notre-Dame de Béthanie*) projectado e construído em Loppem-Bruges como casa mãe da congregação. O principal propósito da sua criação “era a instalação da vida monástica em terras de missão”, ou seja, a missão nos territórios Belgas do Congo (Zaire). Por este motivo era utilizado o nome *Beneditinas Missionárias* também na Bélgica, até à independência das colónias belgas. D. Theodore Nève “dizia que queria beneditinas com o breviário<sup>66</sup> na mão e *apóstolas*, como as irmãs de Betânia, que foram para o Congo Belga, e sobre quem D. Theodore escreveu que as pessoas vinham ao mosteiro atraídas

---

<sup>60</sup> MANCONE, A. - Santo Benedetto. In PELLICCIA, Guerrino, dir., ROCCA, Giancarlo, dir. - **Dizionario degli istituti di perfezione**. Roma: Ed. Paoline, 1974-2003. Vol.I. p. 1352

<sup>61</sup> MANCONE, A. - Santo Benedetto. In PELLICCIA, Guerrino, dir., ROCCA, Giancarlo, dir. - **Dizionario degli istituti di perfezione**. Roma: Ed. Paoline, 1974-2003. Vol.I. p. 1354

<sup>62</sup> MANCONE, A. - Santo Benedetto. In PELLICCIA, Guerrino, dir., ROCCA, Giancarlo, dir. - **Dizionario degli istituti di perfezione**. Roma: Ed. Paoline, 1974-2003. Vol.I. p. 1356

<sup>63</sup> MANCONE, A. - Santo Benedetto. In PELLICCIA, Guerrino, dir., ROCCA, Giancarlo, dir. - **Dizionario degli istituti di perfezione**. Roma: Ed. Paoline, 1974-2003. Vol.I. p. 1356

<sup>64</sup> “La congregazione lasciò poi il nome “missionarie” (com’era alle origini), quando, nel Congo, oggi Zaire, si stabilì la gerarchia locale.” - ROCCA, G. - Benedittine della Regina degli Apostoli. In PELLICCIA, Guerrino, dir., ROCCA, Giancarlo, dir. - **Dizionario degli istituti di perfezione**. Roma: Ed. Paoline, 1974-2003. Vol.I. p. 1277

<sup>65</sup> AGENTSCHAP ONROEREND ERFGOED 2016 - **Kasteel Lisbona** [Em Linha]. Bruxelas: Agentschap Onroerend Erfgoed. [Consult. 08.02.2019]. Disponível na Internet: <URL: <https://id.erfgoed.net/erfgoedobjecten/209996> >

<sup>66</sup> “Embora oração de todo o povo, a celebração da Liturgia das Horas passou a ser especial obrigação dos sacerdotes e outros consagrados, fazendo parte do seu “ofício” exercido em nome da Igreja. O livro do Ofício Divino ou da Liturgia das Horas, também chamado Breviário (...)”. In FALCÃO, D. Manuel Franco – Liturgia das Horas. In **Enciclopédia Católica Popular** [Em Linha]. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa; Lisboa: Paulinas, 2004.

pelo canto das irmãs”<sup>67</sup>, realizando a missão através da oração da liturgia das horas. O *Dizionario degli istituti di perfezione*, esclarece que a congregação “deixou o nome *missionárias* (que tinha originalmente), quando, no Congo, hoje Zaire, se estabeleceu a hierarquia local”<sup>68</sup>.

A congregação alargou-se a Portugal no ano de 1935<sup>69</sup>, mantendo-se o *priorado geral* em Loppem, Bruges<sup>70</sup>. Também em Portugal adoptou a designação missionária e até ao presente nunca a deixou. O objectivo das irmãs em Portugal não era só a partida em missão para as colónias portuguesas, mas a designação *missionária*, era vista como facilitadora de aprovação e apoio no contexto colonial português<sup>71</sup>, durante o regime que se havia instaurado em 1928. O objectivo declarado por esse nome, a missão católica, era favorável ao Estado, porque promovia a colonização e o desenvolvimento do território ultramarino.

O primeiro a preconizar este quadro, de acordo com *Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses* em 1933, foi o Padre Pie de Cocquéau, que ao chegar a Roriz (Singeverga) “antes de partir para a Missão de Angola” elaborou um plano para a instalação de uma comunidade de irmãs beneditinas em Roriz, próximo de Singeverga, que comunicou numa carta à Madre Marie Paule. Nesta carta propunha como meios de subsistência “a cultura da vinha e de laranjeiras, [manufatura de] ornamentos litúrgicos, e possivelmente um estabelecimento de ensino”. Contava ainda “com a possibilidade de obter subsídios do ministério das Colónias, por causa do projecto de fundação em Angola”<sup>72</sup>. Por outro lado, é também guardada a memória da última vontade da fundadora e benemérita do mosteiro masculino de Singeverga: “Desde sempre foi minha intenção chamar para Roriz religiosas que pudessem visitar os pobrezinhos que tanto amo, assistir os moribundos e ensinar também

---

<sup>67</sup> “Na altura as irmãs eram um bocadinho ajudadas, na despesa, na ida para Angola, para as Missões.”. In Apêndice: Primeira conversa com a Ir. Cristina

<sup>68</sup> ROCCA, G. - Benedittine della Regina degli Apostoli. In PELLICCIA, Guerrino, dir., ROCCA, Giancarlo, dir. - **Dizionario degli istituti di perfezione**. Roma: Ed. Paoline, 1974-2003. Vol.I. p. 1278

<sup>69</sup> ROCCA, G. - Benedittine della Regina degli Apostoli. In PELLICCIA, Guerrino, dir., ROCCA, Giancarlo, dir. - **Dizionario degli istituti di perfezione**. Roma: Ed. Paoline, 1974-2003. Vol.I. p. 1277-1278

<sup>70</sup> COUTINHO, Maria João Pereira - “Beneditinas da Rainha dos Apóstolos” in FRANCO, José Eduardo (dir.), MOURÃO, José Augusto (dir.), GOMES, Ana Cristina da Costa (dir.) - **Dicionário histórico das ordens e instituições afins em Portugal**. Lisboa: Gradiva, 2010. ISBN 9789896163693. p. 335

<sup>71</sup> Apêndice: Conversa com a Ir. Cristina

<sup>72</sup> *Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945*. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 69

gratuitamente as filhas dos pobres”<sup>73</sup>. Não tendo realizado este desejo em vida recomendou aos monges que chamassem irmãs beneditinas para Roriz<sup>74</sup>. De Singeverga, ao longo do tempo, continuaram a surgir apelos à vinda de um grupo de irmãs para Portugal e que mais tarde se pudesse juntar à missão no Moxico, em Angola, onde era necessário o seu apoio. Uma carta de 1934, do fundador das Beneditinas da Rainha dos Apóstolos, D. Theodore Nève, perguntava onde se poderia estabelecer a casa mãe para a fundação das Beneditinas Missionárias em Portugal<sup>75</sup>. Em Janeiro de 1935, o Padre Prior de Singeverga escreveu para o Mosteiro de *Béthanie* que já havia uma casa disponível e também um subsídio de 40000 francos “acordado pelo governo para construções destinadas a casas de formação para as missões”<sup>76</sup>. A 26 de Janeiro de 1935, desapareceram as hesitações: as irmãs viriam para Portugal e construiriam um mosteiro próximo de Singeverga<sup>77</sup>.

Na sequência da lei de extinção das ordens religiosas em Portugal de 1834<sup>78</sup>, “os mosteiros masculinos foram imediatamente fechados e confiscados pelo estado” e os mosteiros femininos “foram condenados a morte lenta: proibidas novas admissões, só passariam para a posse do Estado e seus bens só seriam arrolados à morte da última religiosa”<sup>79</sup>. Crê-se que a última irmã Beneditina em Portugal, até à chegada da Congregação das Beneditinas da Rainha dos Apóstolos teria falecido ainda no século XIX, em 1896<sup>80</sup>. Esta veio assim a ser a primeira comunidade beneditina feminina do século XX em Portugal.

---

<sup>73</sup> SOUSA, Gabriel de - **Mosteiro de Singeverga: cem anos de vida beneditina (1892-1992)**. Santo Tirso: Ora & Labora, 1992. p. 160

<sup>74</sup> SOUSA, Gabriel de - **Mosteiro de Singeverga: cem anos de vida beneditina (1892-1992)**. Santo Tirso: Ora & Labora, 1992. p. 160

<sup>75</sup> SOUSA, Gabriel de - **Mosteiro de Singeverga: cem anos de vida beneditina (1892-1992)**. Santo Tirso: Ora & Labora, 1992. p. 160

<sup>76</sup> Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 70

<sup>77</sup> Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 70-71

<sup>78</sup> Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 65,66

<sup>79</sup> SOUSA, Gabriel de - **Mosteiro de Singeverga: cem anos de vida beneditina (1892-1992)**. Santo Tirso: Ora & Labora, 1992. p. 159

<sup>80</sup> Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 74



O grupo fundador do novo mosteiro foi recebido pelos monges de Singeverga na *Casa das Quintãs*, uma casa senhorial<sup>81</sup> na localidade de São Mamede de Negrelos, Santo Tirso, alugada para este propósito<sup>82</sup>, a 17 de Dezembro de 1935<sup>83</sup>. Em 1937<sup>84</sup> foi lançada a primeira pedra do Mosteiro de Santa Escolástica e em 1939 as irmãs ocuparam a primeira ala do Mosteiro<sup>85</sup>, projecto de Raul Lino.



Figura 8 - Primeira Casa das Irmãs Beneditinas da Rainha dos Apóstolos em Portugal. In *Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945*. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 91

---

<sup>81</sup> Apêndice: Conversa com a Ir. Cristina e Ir. Bernardette

<sup>82</sup> SOUSA, Gabriel de - **Mosteiro de Singeverga: cem anos de vida beneditina (1892-1992)**. Santo Tirso: Ora & Labora, 1992. p. 160

<sup>83</sup> COUTINHO, Maria João Pereira - “Beneditinas da Rainha dos Apóstolos” in FRANCO, José Eduardo (dir.), MOURÃO, José Augusto (dir.), GOMES, Ana Cristina da Costa (dir.) - **Dicionário histórico das ordens e instituições afins em Portugal**. Lisboa: Gradiva, 2010. ISBN 9789896163693. p. 335-337; Apêndice: Entrevista com a Ir. Cristina; Ou então 18 de Dezembro de 1935. Cit. por **Família Beneditina Portuguesa**. Roriz: Edições Ora et Labora, 2018, p. 10

<sup>84</sup> **Família Beneditina Portuguesa**. Roriz: Edições Ora et Labora, 2018, p. 17

<sup>85</sup> COUTINHO, Maria João Pereira - “Beneditinas da Rainha dos Apóstolos” in FRANCO, José Eduardo (dir.), MOURÃO, José Augusto (dir.), GOMES, Ana Cristina da Costa (dir.) - **Dicionário histórico das ordens e instituições afins em Portugal**. Lisboa: Gradiva, 2010. ISBN 9789896163693. p. 335-337;

O Mosteiro de Santa Escolástica de Roriz foi elevado a Priorado Conventual, a 11 de Julho de 1948<sup>86</sup>, por isso pôde realizar a fundação de outros mosteiros, dos quais apenas um está activo hoje, na Cidade de Huambo em Angola<sup>87</sup>. Precisamente em 1948, a 26 de Janeiro, tinham partido no navio Pátria as primeiras missionárias para Vila Luso (hoje Cidade do Luena)<sup>88</sup>, distrito do Moxico, em Angola, para aí fundar o Mosteiro do Sagrado Coração de Jesus.<sup>89</sup> Em 1957 foi fundado, inicialmente em Lisboa, no Palácio Centeno<sup>90</sup>, o Mosteiro de Santa Maria do Mar que foi depois transferido para Sassoeiros, primeiro para um apartamento na Rua do Porto Santo e em 1965 para o mosteiro da autoria do atelier de Nuno Teotónio Pereira que exploramos neste ensaio. Em 1975 foi erigido como priorado simples<sup>91</sup>. No ano seguinte partiram para o Alentejo, para a Vila do Torrão em Alcácer do Sal, as primeiras irmãs com o objectivo da fundação de um Mosteiro<sup>92</sup>, que foi fundado em 1978 com o título de Nossa Senhora da Boa-Nova.

Instaladas primeiro numa pequenina casa emprestada e depois numa casa alugada no centro da vila do Torrão<sup>93</sup> as irmãs planeavam “continuar a vida monástica num ambiente de silêncio” e assim, fundar a sua casa definitiva num “lugar isolado”<sup>94</sup>.

Também trabalho do atelier de Nuno Teotónio Pereira, foi realizado um projecto para a adaptação da Ermida de Nossa Senhora do Bom Sucesso a Mosteiro que nunca veio a ser executado, provavelmente pela morte da Irmã Maria Gabriel Neuparth, primeira prioresa deste Mosteiro, em 1993<sup>95</sup>. Ao conduzir este processo, a Irmã Gabriel, revelou-se “uma pessoa interessada que sabia que aquilo [a obra de

---

<sup>86</sup> COUTINHO, Maria João Pereira - “Beneditas da Rainha dos Apóstolos” in FRANCO, José Eduardo (dir.), MOURÃO, José Augusto (dir.), GOMES, Ana Cristina da Costa (dir.) - **Dicionário histórico das ordens e instituições afins em Portugal**. Lisboa: Gradiva, 2010. ISBN 9789896163693. p. 335.

<sup>87</sup> Apêndice: Entrevista com a Ir. Cristina

<sup>88</sup> SOUSA, Gabriel de - **Mosteiro de Singeverga: cem anos de vida beneditina (1892-1992)**. Santo Tirso: Ora & Labora, 1992. p. 162

<sup>89</sup> **Família Beneditina Portuguesa**. Roriz: Edições Ora et Labora, 2018, p. 17

<sup>90</sup> BANDEIRA, Filomena, CORREIA, Paula – Palácio Centeno / Reitoria da Universidade Técnica de Lisboa [Em linha]. Sacavém: SIPA. [consult. 31.01.2019. actual. 2001]. Disponível na Internet: <URL: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=7775](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7775) >

<sup>91</sup> 19/06/1975. In **Família Beneditina Portuguesa**. Roriz: Edições Ora et Labora, 2018, p. 19

<sup>92</sup> 13/10/1976. In **Família Beneditina Portuguesa**. Roriz: Edições Ora et Labora, 2018, p.22

<sup>93</sup> Apêndice: Segunda Conversa com a Ir. Cristina

<sup>94</sup> Apêndice: Segunda Conversa com a Ir. Cristina

<sup>95</sup> 30/05/1993 (Irmã Maria Gabriel Sottomayor Neuparth) - **Família Beneditina Portuguesa**. Roriz: Edições Ora et Labora, 2018, p. 19

reabilitação] era uma coisa específica, que não era uma coisa corrente, que não podia ser tratada por qualquer pessoa”<sup>96</sup>, por isso com a sua partida terá desvanecido também este interesse. A ermida de Nossa Senhora do Bom Sucesso localiza-se à saída da vila do Torrão para Nascente, por isso cumpria o critério do isolamento para a implantação de um mosteiro “num ambiente de silêncio”<sup>97</sup>. No entanto, interrompido o processo da reabilitação da ermida, as irmãs ficaram na casa que alugavam no centro da vila que, “entretanto, compraram e fizeram as obras”<sup>98</sup>.

As irmãs de Santa Maria do Mar regressaram a Roriz em 2010<sup>99</sup>. O Mosteiro do Torrão, em 2018, com apenas três irmãs, era uma *cela* - designação para um pequeno mosteiro que não pode realizar fundações nem ter noviciado<sup>100</sup> e foi encerrado em Julho de 2019, retornando as irmãs ao Mosteiro de Roriz.



Figura 9 – Fotografias do novo Mosteiro de São Bento no Huambo. Acessíveis em TOVAR, Irmã Maria do Carmo - Inauguração do Novo Mosteiro de S. Bento no Huambo, Angola. **Mosteiro de Santa Escolástica** [Em Linha]. (31/05/2019) [consult. 31/05/2019]. Disponível na Internet: <URL:<https://www.facebook.com/Beneditinas.Roriz/>>;

<sup>96</sup> Apêndice: Quarta Conversa com o Arq. Pedro Botelho

<sup>97</sup> Segunda Conversa com a Ir. Cristina

<sup>98</sup> Apêndice: Segunda Conversa com a Ir. Cristina

<sup>99</sup> Apêndice: Conversa com a Irmã Bernardette e a Irmã Cristina

<sup>100</sup> Apêndice: Primeira Conversa com a Ir. Cristina

Em Maio de 2019, o priorado simples dependente do Mosteiro de Roriz em Huambo, Angola, inaugurou um novo mosteiro, na presença da Priora Conventual, Ir. Maria do Carmo Tovar e da Madre Presidente da Congregação das Beneditinas da Rainha dos Apóstolos, Ir. Françoise Noël. Este novo pequeno mosteiro constituiu uma mudança do ruído do centro da cidade para o silêncio de um lugar mais isolado<sup>101</sup>.

---

<sup>101</sup> Testemunho da Irmã Maria do Carmo Tovar acessível em TOVAR, Irmã Maria do Carmo - Inauguração do Novo Mosteiro de S. Bento no Huambo, Angola. **Mosteiro de Santa Escolástica** [Em Linha]. (2019) [consult. 2019]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.facebook.com/Beneditinas.Roriz/>>

## Mosteiro de Santa Escolástica de Roriz: origens, referências, repercussões

O processo de fundação do primeiro mosteiro em Portugal foi entregue à Madre Jeanne d’Arc Patenotte, “prioressa da fundação em Portugal”, designada pela Madre Prioressa de Notre-Dame de Béthanie a 16 de Setembro de 1935<sup>102</sup>. O grupo que partiu para Portugal a 16 de Dezembro era formado por seis irmãs portuguesas e a própria Madre Jeanne d’Arc, de origem alsaciana<sup>103</sup>. O seu envio para Portugal foi marcado pelas palavras do Padre Abade Theodore Nève que exaltou a grandeza da tarefa confiada: “seriam as primeiras Beneditinas a entrar em Portugal desde a tormenta revolucionária em perseguição dos religiosos, há muitos anos”. Esta fundação ganhava assim uma conotação fortemente missionária e o Padre Abade destacou que “o passado monástico de Portugal é glorioso”, “que nenhum país da Europa tinha tido um apostolado tão intimamente ligado à vida monástica” e que “onde os Portugueses estabeleceram colónias, nas praias do Brasil ou noutros lugares, os filhos de São Bento os acompanharam”.<sup>104</sup> A decisão da fundação do Mosteiro em Roriz, foi tomada tendo em conta a “proximidade dos monges beneditinos” de Singeverga na “perspectiva de colaboração missionária”<sup>105</sup>.

Em *Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres* fica explicado que “a base constitutiva da fundação do mosteiro de Roriz foi a missão em Angola, exigida e sustentada pelo governo de Portugal. Sem esse projecto e esse apoio, nem a fundação de Roriz, nem a restauração das Beneditinas em Portugal poderiam ter sido consideradas.”<sup>106</sup>

---

<sup>102</sup> Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 73

<sup>103</sup> SOUSA, Gabriel de - **Mosteiro de Singeverga: cem anos de vida beneditina (1892-1992)**. Santo Tirso: Ora & Labora, 1992. p. 161

<sup>104</sup> Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 74

<sup>105</sup> Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 79

<sup>106</sup> Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 77

## Escolha do local de implantação

Assim, após a chegada do grupo fundador dia 18 de Dezembro de 1935, “às 10 horas da noite”<sup>107</sup> à propriedade de Quintãs<sup>108</sup>, São Mamede de Negrelos, arrendada por dois anos, a prioridade passou a ser a construção de um mosteiro “com os subsídios governamentais, abertamente chamados «para a formação de missionários»”. Também os monges começaram a pensar construir o seu próprio mosteiro<sup>109</sup>. A procura do terreno foi feita de entre aqueles que pertenciam ao mosteiro de Singeverga, mas D. Theodore Nève começou por vetar a escolha de um terreno demasiado próximo da abadia dos monges. Após a tentativa falhada de compra de um terreno, surge a possibilidade de escolher a Quinta da Eira, “que não estava na vasta propriedade de Singeverga, mas lhe pertencia, ainda assim”. “Ce fut le coup de foudre”, quando a Madre Jeanne d’Arc visitou o terreno a primeira vez, enviando ao Abade Nève uma descrição onírica, emocionada e entusiasmada. Este texto demonstra um método de escolha de um local de implantação do mosteiro, não baseado em cânones e regras estabelecidos, mas muito baseado na experiência sensorial e simbólica do lugar:

“ « Nous avons accédé au domaine par le haut, c'est à dire par la porte qui donne en face de l'église paroissiale que nous avons visité tout d'abord. Nous avons fait ensuite le tour de la propriété qui est très grande et qui offre l'avantage d'être d'un seul bloc très uni, délimitée de tous côtés par de petits chemins très peu fréquentés (au-dessus desquels nous sommes en terrasse). Il sera très facile d'entourer la propriété de haies et de buissons formant clôture. Il y a beaucoup d'arbres et même des oliviers. Un beau champ bien nivelé serait l'emplacement tout naturel du monastère. Le terrain est plutôt disposé en longueur mais la largeur est cependant suffisante. Nous serions beaucoup plus tranquilles à cet endroit, il n'y a pas de maisons à coté si ce n'est celle du doyen qui domine un peu, mais ce n'est pas un voisinage fort gênant. Cette partie du haut est d'ailleurs pierreuse et inculte, on y planterait des cèdres et autres arbres pour en faire un petit bosquet agréable qui cacherait en même temps le côté de l'église et du doyen. Actuellement c'est déjà fort caché par les arbres. »

---

<sup>107</sup> SOUSA, Gabriel de - **Mosteiro de Singeverga: cem anos de vida beneditina (1892-1992)**. Santo Tirso: Ora & Labora, 1992. p. 161

<sup>108</sup> Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 75

<sup>109</sup> Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 78

Parmi tous les avantages que son enthousiasme accumule aux yeux du p. Abbé elle arrive avec humour à ce sommet lyrique : « J'ajoute encore que nous ne sommes pas loin du cimetière, ce détail a son importance car au Portugal ne faut nullement songer à faire un cimetière privé comme on peut le faire en Belgique. Nous aurons ainsi toute facilité de méditer sur les fins dernières ... »

On l'a reconnu : c'était Eira ! c'était la Terre Promise ! (...)

La propriété a un passé monastique authentique. La petite église paroissiale en témoigne. C'est un joyau du XIIe siècle, une église des Templiers dont deux pierres tombales sont encore visibles. Eira, aire. Nous sommes à l'emplacement de l'aire de l'ancien monastère des Templiers ! (...)

Cette découverte ne pouvait qu'enthousiasmer la communauté ! ” <sup>110</sup>

---

<sup>110</sup> Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 78.

Tradução nossa:

“ « Entrámos no terreno pela parte superior, ou seja, pela porta que fica em frente à igreja paroquial, que visitámos primeiro. Em seguida, demos a volta à propriedade, que é muito grande e tem a vantagem de ser um único bloco muito unido, delimitado de todos os lados por pequenos caminhos pouco utilizados (acima dos quais estamos como num miradouro). Será muito fácil rodear a propriedade com sebes e arbustos formando uma cerca. Existem muitas árvores e até oliveiras. Um belo campo bem nivelado seria a localização natural para o mosteiro. O terreno estende-se mais sobre o comprimento, mas a largura é suficiente. Ficaríamos muito mais sossegadas aqui, não há casas ao lado, excepto a do reitor que se destaca um pouco, mas não constitui uma vizinhança muito incómoda. Esta parte do topo é aliás pedregosa e inculca, aqui plantaríamos cedros e outras árvores para formar um pequeno bosque agradável que ocultaria ao mesmo tempo o lado da igreja e do reitor. Actualmente já está bastante escondido pelas árvores.»

Entre todas as vantagens que o seu entusiasmo acumula aos olhos do Padre Abade, ela chega com humor a este extremo lírico: « Acrescento ainda que não estamos longe do cemitério, e esse detalhe tem a sua importância porque não vale, de todo, imaginar fazer um cemitério privado em Portugal, como se pode fazer na Bélgica. Assim, teremos toda a facilidade em meditar sobre os fins últimos ...»

Reconhecemos: era *Eira!* era a *Terra Prometida!* (...)

A propriedade tem um verdadeiro passado monástico. A pequena igreja paroquial é disso testemunha. É uma jóia do século XII, uma igreja dos Templários da qual são ainda visíveis duas pedras tumulares. Eira, *aire* (eira). Estamos no lugar eira do antigo mosteiro dos Templários! (...)

Essa descoberta não poderia senão entusiasmar a comunidade! ”

## Projecto e construção

À decisão de construir o mosteiro seguiram-se dúvidas, como por exemplo se se devia contratar um arquitecto ou apenas um mestre de obras que pudesse, ele próprio, coordenar os trabalhos. Para iniciar o projecto, com a planta do terreno, o Abade Nève fez um “primeiro esboço da planta” do mosteiro. Depois, o Pe. Mauro Santos “desenhou um outro para ter uma primeira ideia dos lugares e da sua disposição”. Estes esboços foram enviados para o mosteiro de *Notre-Dame de Béthanie*, na Bélgica e também para o arquitecto [Morais] Vaz, irmão do Pe. Vicente [Morais Vaz], de Singeverga<sup>111</sup>. Previa-se um mosteiro para cinquenta irmãs, com hospedaria e construído em torno de um claustro<sup>112</sup>. De passagem, o Abade do Mosteiro de Samos, Espanha, colocou questões importantes quanto ao projecto: “é indicado construir um mosteiro assim grande num terreno tão estreito?”; “é prudente construir um mosteiro assim moderno e custoso num país assim pobre?”; “não está em França ou na Bélgica. O projecto parece-me totalmente Belga.”<sup>113</sup>

Estas questões levaram a Madre Joanne d’Arc a questionar: “no lugar de um mosteiro completo com todas as suas obras de apostolado, não será melhor construir primeiro o edifício monástico, por fases que possam ser ocupadas provisoriamente, ao ritmo das necessidades e das possibilidades financeiras?”<sup>114</sup>. Esta viria a ser uma opção determinante.

A escolha de Raul Lino para o projecto de Santa Escolástica de Roriz deu-se em 1937, quando em Béthanie consideraram indispensável a contratação de um arquitecto. “De repente, em Singeverga, os monges decidiram simplesmente chamar o melhor arquitecto do país: Raul Lino!”<sup>115</sup>.

---

<sup>111</sup> (... - 08/11/1977) In **Família Beneditina Portuguesa**. Roriz: Edições Ora et Labora, 2018. p. 22

<sup>112</sup> *préau* in **Dicionário Infopédia de Francês - Português** [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-10-20]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/frances-portugues/préau>>

<sup>113</sup> *Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945*. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 79

<sup>114</sup> *Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945*. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 79

<sup>115</sup> **Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945**. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 79; Raul Lino nasceu em Lisboa em 1879. In ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - *História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna*. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 81



O arquitecto Raul Lino deslocou-se a Singeverga no dia 10 de Janeiro de 1937 para visitar o terreno da Eira. Depois de ver a planta enviada da Bélgica, a crítica que lhe dirigiu “não foi senão uma, mas foi fatídica: «isto não é português»”. O arquitecto terá lembrado o “passado prestigioso da vida monástica em Portugal, com um estilo artístico e arquitectónico muito pessoal. Quis estudar a fundo a tradição beneditina em Portugal nos seus melhores representantes e inspirar-se daquilo que ela produziu nas “belas épocas”, mas sem cair no arcaísmo, fazer moderno, sem exagero.”<sup>116</sup> A proposta que apresentou em esquisso dez dias depois incluía o uso da pedra do país em blocos talhados à antiga, extraídos de uma pedreira *in situ*, sem custos, e carpintarias e marcenarias realizadas com a madeira da propriedade. Disponha-se a todas as sugestões e mereceu a confiança da Madre Jeanne d’Arc pela sua competência e pela modéstia de quem nunca tinha projectado um mosteiro.<sup>117</sup>

Terá começado assim uma feliz cooperação em que a Priora de Roriz transmitiu ao arquitecto tudo o que, do que tem que ver com a vida monástica, tem implicação arquitectónica: “certos lugares devem ser próximos um do outro, outros, pelo contrário, excluem-se mutuamente”. A priora também teve de decidir tudo de modo a “salvaguardar a pobreza, a prática, a facilidade de manutenção, o calor, a solidez, o silêncio, a beleza e a paz”<sup>118</sup> para o desenho dos interiores. Este espírito dialogante condiz com a afirmação que se atribui a Raul Lino “as obras são o produto de um consórcio entre arquitecto e a entidade que encomenda. Quando não há entendimento o resultado é defeituoso se não mesmo aleijado”.<sup>119</sup>

É contado um episódio em que a priora detectou, durante a obra que seria necessário preencher o claustro com muita terra de aterro para que chegasse ao nível proposto pelo projecto. O arquitecto enviou um engenheiro ao local para rectificar o projecto durante a obra. Esta alteração foi feita seguindo as sugestões da própria priora, que detectou o problema, por isso, em *Histoire des Moniales Bénédictines de*

---

<sup>116</sup> Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 80

<sup>117</sup> Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 80

<sup>118</sup> Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 80

<sup>119</sup> SILVA, António - Raul Lino, Livre como o Cipreste [Registo Vídeo] [Em Linha]. Realização de: Cristina Antunes. Lisboa: RTP 1, 1999. Vídeo em Linha (1h., 07min.): Cor; Mono; 4:3 PAL. Disponível na Internet: <URL: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/raul-lino-livre-como-o-cipreste/>>. min. 52

*la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses*, este episódio, é comparado a outro narrado na obra *Diálogos*, em que Gregório Magno “mostra S. Bento indicando aos seus monges a disposição das construções do seu mosteiro”<sup>120</sup>.

“Noutra vez, certo homem devoto pediu-lhe que mandasse alguns discípulos para construir um mosteiro na sua propriedade, perto de Terracina. Aceitando o pedido, enviou alguns Monges, instituiu um Abade e um Prior de entre eles. Quando estavam de saída, prometeu-lhes o seguinte: “Ide, em tal dia irei também eu, e mostrar-vos-ei em que lugar edificar o oratório, o refeitório dos irmãos, os aposentos dos hóspedes ou o que mais for preciso”. (...) Na noite antes do dia indicado, o homem de Deus apareceu em sonho ao que tinha constituído Abade e ao seu Prior, e descreveu-lhes exactamente como ordenaria o edifício.”<sup>121</sup>

Em *Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres*, afirma-se que “juntos, a Madre Jeanne d’Arc e Raul Lino fizeram brotar da terra portuguesa o primeiro priorado feminino, na propriedade da Eira, terra monástica dos Templários, depois de um século de desolação”<sup>122</sup>.

---

<sup>120</sup> *Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945*. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 82

<sup>121</sup> “At another time, he was requested by a certain devout man to send some of his disciples to build a Monastery on his estate near the city of Terracina. To which request he consented, and sent some Monks, appointing an Abbot and Prior over them. As they were setting forward, he promised, saying: “Go, and upon such a day I will come and shew you where to build the Oratory, where the Refectory and lodging for the guests, or what else shall be necessary.” So they received his blessing and departed, in hope to see him at the appointed day, for which they prepared all things they thought fit and necessary for their Father and his company. The night before the appointed day the man of God appeared in sleep to him whom he had constituted Abbot and to his Prior, and described to them most exactly how he would have the building ordered. When they awaked, they related to each other what they had seen, yet not altogether relying upon that vision, they expected the man of God according to his promise, but seeing he came not at his appointed time, they returned to him very pensive, saying: “We have expected, Father, your coming, as you promised, but you came not to shew us where and what we should build.” To whom he said: “Why, Brethren, why do you say so? Did not I come according to my promise?” And when they said: “When came you?” he replied: “Did I not appear to each of you in your sleep and describe every place? Go, and according to the direction given you in that vision construct the Monastery.” Hearing this they were much astonished, and so, returning to the manor, they erected the whole building according to the revelation.” In MAGNO, Gregório (c. 540-604) – CHAPTER XXII: How by a vision, he gave order to construct the Monastery of Terracina. In *Life of Our Most Holy Father St. Benedict: Being the Second Book of the Dialogues of St. Gregory the Great*. Trad. de . [Em Linha] Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library. Disponível na Internet: <URL: [http://www.ccel.org/ccel/gregory/life\\_rule](http://www.ccel.org/ccel/gregory/life_rule) >. p. 32

<sup>122</sup> *Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945*. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 80

A obra do Mosteiro teve a primeira pedra colocada e benzida pelo bispo do Porto D. António Meireles, na festa de Santa Escolástica<sup>123</sup>, irmã de São Bento, a 11 de Fevereiro de 1937<sup>124</sup>, dia em que Raul Lino entregou também o projecto completo. O edifício foi ocupado pelas Monjas a partir de 5 de Março de 1939<sup>125</sup>, segundo Domingo da Quaresma, em que nas leituras da missa se narra o episódio em que “Pedro disse a Jesus: «Mestre, como é bom estarmos aqui! Façamos três tendas”<sup>126</sup>.

Quando entraram, então, no edifício novo, dois anos depois do início da construção pelo empreiteiro Manuel Ventura Teixeira, apenas estava já em condições de ser habitado “um ângulo do amplo quadrilátero [projectado] -, mas suficientemente grande para receber a comunidade de irmãs que nas Quintãs esperava ansiosa o grande dia da mudança”<sup>127</sup>. A bênção deste edifício foi celebrada dia 11 de Julho do mesmo ano de 1939, solenidade de São Bento, pelo mesmo bispo que benzeu a primeira pedra.

---

<sup>123</sup> SOUSA, Gabriel de - **Mosteiro de Singeverga: cem anos de vida beneditina (1892-1992)**. Santo Tirso: Ora & Labora, 1992. p. 161

<sup>124</sup> **Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945**. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 81; Ou então dia 10 de Fevereiro Cit. por **Família Beneditina Portuguesa**. Roriz: Edições Ora et Labora, 2018, p. 17

<sup>125</sup> **Família Beneditina Portuguesa**. Roriz: Edições Ora et Labora, 2018, p. 10

<sup>126</sup> SOUSA, Gabriel de - **Mosteiro de Singeverga: cem anos de vida beneditina (1892-1992)**. Santo Tirso: Ora & Labora, 1992. p. 161

<sup>127</sup> SOUSA, Gabriel de - **Mosteiro de Singeverga: cem anos de vida beneditina (1892-1992)**. Santo Tirso: Ora & Labora, 1992. p. 161



Figura 10- Pedra fundacional do Mosteiro de Roriz, desenho de Raul Lino, Outubro 1937. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 387.31] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos; Fotografia da Primeira Pedra na parede exterior do mosteiro (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)



Figura 11 – Lançamento da primeira pedra do mosteiro de Roriz e a primeira ala finalizada. In *Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945*. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 91

## Desenhos de projecto em arquivo

Os documentos relativos a este projecto pertencem ao espólio de Raul Lino, arquivado na Biblioteca de Arte e Arquivos da Fundação Calouste Gulbenkian. Há poucos desenhos datados, apenas com o ano, e em ambos os conjuntos há desenhos do ano de 1937 e do ano de 1938, pelo que é difícil precisar em que fases do processo o projecto tomou um ou outro rumo. A primeira leitura destes documentos apresenta-nos projectos misturados em dois conjuntos com cotas e títulos distintos: *Colégio das Missões Beneditinas*<sup>128</sup> e *Priorado de Santa Escolástica*<sup>129</sup>.

No início da pesquisa pensámos que se trataria de várias versões diferentes de um só projecto, cujos desenhos teriam sido misturados no arquivo, por não estarem todas devidamente legendadas. Os desenhos sem título serão os que causam mais entropia no conjunto.

No conjunto de documentos RL 387, chamado *Priorado de Santa Escolástica* há desenhos com o título *Priorado de Santa Escolástica* e desenhos sem título. Depois da análise individual dos desenhos concluímos que todos dizem respeito a um projecto para o Mosteiro das Beneditinas de Roriz, chegando mesmo à fase de pormenorização da primeira ala, mas, cruzando-os com a experiência e as fotografias da visita que realizámos em Novembro<sup>130</sup>, sabemos que não correspondem exactamente ao construído. Isto dever-se-á a um problema de obra descrito em *Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres*. O arquitecto previa que o edifício crescesse em caves com salas de atelier, de oeste para este, aproveitando o declive do terreno. Nesta versão do projecto a entrada era realizada ao nível do claustro. Quando surgiram em obra as paredes dessas caves a priora apercebeu-se que, a menos que o claustro fosse preenchido com terra de aterro, ficaria elevado, como uma varanda. Para não haver necessidade de fazer esse preenchimento com terra, a priora sugeriu ao arquitecto que o anterior *rés-do-chão* e o claustro passassem para o nível que correspondia à cave<sup>131</sup>. Isto deveu-se talvez a um erro de medição das cotas do terreno, ou à dificuldade financeira de custear o preenchimento com terra de aterro, mas a alteração ao projecto foi realizada pelo engenheiro enviado por Raul Lino, de acordo com a sugestão da Irmã

---

<sup>128</sup> Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RL 384] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos

<sup>129</sup> Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RL 387] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos

<sup>130</sup> Ver Apêndice: Viagem a Roriz

<sup>131</sup> *Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945*. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 82

Jeanne d'Arc<sup>132</sup>. O claustro ficou assim remetido a uma maior distância da entrada de que passou a distar um piso, que lhe confere mais privacidade, utilizada como salvaguarda da clausura.

Por outro lado, dentro do conjunto de documentos RL 384, *Colégio das Missões Beneditinas*, há desenhos com os títulos: *Colégio das Missões Beneditinas - Singeverga*, *Colégio das Beneditinas – Missionárias* e também desenhos sem título. Após a análise dos desenhos entendemos que os desenhos que correspondem ao mosteiro das Beneditinas da Rainha dos Apóstolos são os que são intitulados como *Colégio das Beneditinas – Missionárias* e também alguns outros sem título, nomeadamente os detalhes. A observação realizada leva a concluir serem os desenhos realizados posteriormente ao início da obra para alteração do nível do claustro, e subtracção da cave. Quanto aos desenhos intitulados *Colégio das Missões Beneditinas - Singeverga* e outros sem título, mas com uma clara correspondência ao mesmo projecto, estabelecida nomeadamente pelo número de torres da igreja, pertencerão, segundo é nosso entender, a um projecto realizado por Raul Lino para o Mosteiro de São Bento de Singeverga, nunca construído. A mistura entre os dois projectos feita no arquivamento dos desenhos poderá dever-se à nomenclatura que usa as palavras *colégio* e *beneditinas* para estes dois projectos e também à sua grande semelhança em termos de organização dos espaços em torno de um claustro, que nos levou a pensar tratar-se apenas de duas versões para o mesmo edifício.

Após a cuidada análise apontamos várias evidências de que deverá tratar de projectos diferentes. A planta da igreja que tem duas torres, a que corresponde o alçado intitulado *Colégio das Missões Beneditinas - Singeverga* apresenta diversos altares laterais, ao contrário da planta da igreja só com uma torre, correspondente ao alçado do *Priorado de Santa Escolástica*, que não assinala sequer capelas laterais. Este foi o primeiro facto que nos levou a crer que se trataria de um mosteiro masculino, porque uma das finalidades dos altares laterais era a celebração simultânea de missas por vários padres. Num mosteiro feminino não residem padres, estes deslocam-se lá pontualmente para celebrar a missa e os sacramentos, pelo que não seria necessária a inclusão dos altares laterais no programa da igreja.

A segunda evidência relaciona-se com a primeira e diz respeito à clara separação das circulações do mosteiro com a circulação da sacristia, no caso da igreja que apresenta apenas uma torre. Ao invés de fazer parte do claustro, como no mosteiro que supomos ser masculino, a sacristia é marcadamente

---

<sup>132</sup> Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 82

exterior ao mosteiro, localiza-se no lado norte da igreja e tem uma entrada independente junto à porta exterior da igreja. No claustro deste mesmo mosteiro feminino existe, em vez de sacristia, um vestiário onde as monjas poderiam mudar de hábito para participar na missa.

Ainda no que se refere directamente ao espaço da igreja, há uma terceira evidência. Apesar de não haver desenho do altar no mosteiro feminino há um ponto assinalado com uma cruz grega, tal como no desenho do altar-mor do mosteiro masculino. Este situa-se a poente do coro das religiosas, ou seja, a meio da igreja, e não a nascente, no centro da abside, como no mosteiro masculino. Aliás, talvez por essa razão, a planta do mosteiro feminino não apresenta abside, mas sim uma cabeceira rectangular. Se os sacerdotes católicos celebravam a liturgia por regra, *ad orientem*, voltados para o oriente, como símbolo de se voltar para Cristo<sup>133</sup>, então, no caso do mosteiro masculino teria os monges atrás de si, mas no caso do mosteiro feminino as monjas estariam à sua frente. Esta diferença entre as organizações de igreja altar-coro-assembleia ou coro-altar-assembleia está também de acordo com o maior resguardo da clausura nas ordens femininas, realizado na interposição do altar entre a assembleia e o coro e também está de acordo com a localização das sacristias. Exterior no caso do mosteiro feminino, a sacristia tem ligação a meio da igreja, onde está o altar. No caso do mosteiro masculino, realizando-se a ligação à sacristia, que é interior ao claustro, junto à abside, segue-se essa localização para o altar, que foi a habitual desde a adaptação do modelo romano de basílica a igreja<sup>134</sup>.

---

<sup>133</sup> “Chama-se «orientação», em arquitectura e na Liturgia cristã, ao facto de construir as igrejas ou de orar em direcção ao Leste, ao Oriente. Parece que, já no século II, em algumas regiões, se dava sentido simbólico a esta postura, vendo no Oriente a representação de Cristo como Sol que nasce. Não é estranho que assim fosse, pois os Judeus já conheciam o costume de orar voltados para Jerusalém, postura que, mais tarde, também será adoptada pelos muçulmanos, orientados para Meca. Em várias culturas e religiões, acontecia o mesmo com o olhar voltado para a saída do Sol, embora não se tenham muita informação sobre este tema.” In ALDAZÁBAL., José - **Dicionário elementar de liturgia** [Em Linha]. Fátima: Secretariado Nacional da Liturgia; Lisboa: Paulinas, 2007. ISBN: 978-972-751-863-0. Disponível na Internet: <URL: <http://www.liturgia.pt/dicionario/>>

<sup>134</sup> ROTH, Leland M. – Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 1999. p. 260-263

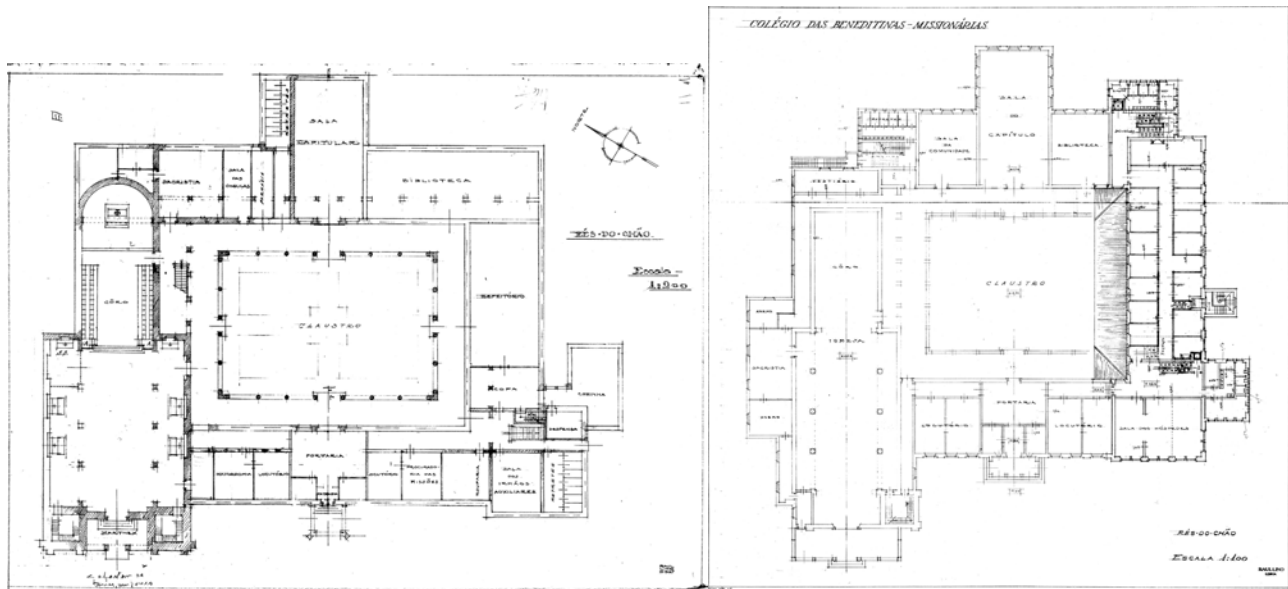


Figura 12 – Plantas gerais do rés-do-chão de duas versões do projecto do mosteiro de Roriz: projecto com duas torres, cabeceira da igreja semicircular e claustro mais alongado (Fevereiro 1937); projecto com uma só torre, cabeceira da igreja rectangular e claustro mais próximo do quadrado (Fevereiro 1937 [?] projecto parcialmente construído). Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 384.17 e RLDA 384.27] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos

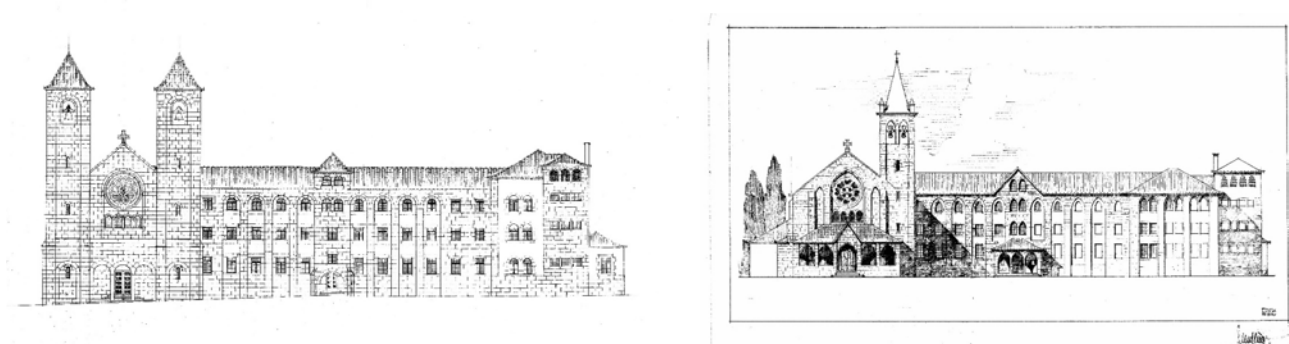


Figura 13 - Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 384.17 e RLDA 384.27] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos



Mais directa é a legenda da planta do projecto cuja igreja tem duas torres, em que há uma *sala dos irmãos auxiliares*. O nome no masculino é uma evidência per se. São ainda diferenças a assinalar a existência de uma sala de costura no primeiro andar<sup>135</sup> e de lavandaria e padaria na cave<sup>136</sup> do mosteiro feminino, o que não acontece no mosteiro masculino, e a existência de um lagar e uma grande adega na cave do mosteiro dos monges<sup>137</sup>, cuja escala não tem comparação com a pequena adega/garrafeira proposta para a cave do mosteiro feminino<sup>138</sup>.

Há também referências em *Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres* que apontam para que os monges também tenham encomendado um projecto a Raul Lino. Narra-se que, na fase inicial do pensamento sobre a construção do mosteiro de Roriz, “os Padres de Singeverga, que pensam, eles também, em construir” perguntavam “será necessário um arquitecto, será necessário um empreiteiro?” e que foram eles que decidiram “simplesmente escolher o melhor arquitecto do país”<sup>139</sup>. Posteriormente indica-se que Raul Lino “está em Singeverga dia 10 de Janeiro [1937] e vem inspeccionar o terreno da Eira pela primeira vez<sup>140</sup>”. A nossa leitura é de que se referem duas visitas a dois terrenos diferentes. A crónica das beneditinas indica ainda que meses depois, a 6 de Abril de 1937, “na festa de São Bento deslocada pela liturgia quadragesimal, os monges de Singeverga celebram, eles também, a colocação da sua primeira pedra”<sup>141</sup>.

Na obra *Mosteiro de Singeverga: cem anos de vida beneditina (1892-1992)*<sup>142</sup>, por várias vezes se refere, sem detalhe, o projecto de Raul Lino. Descrevendo as obras realizadas no edifício (provisório) do mosteiro pelo Prior D. Ildefonso dos Santos Silva do então Priorado Conventual de Singeverga, D. Gabriel de Sousa narra ainda o sonho de um mosteiro novo de raiz, “chegando a fazer-se com grande

---

<sup>135</sup> Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA384.29] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos

<sup>136</sup> Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 387.16] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos

<sup>137</sup> Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 384.20] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos

<sup>138</sup> Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 387.16] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos

<sup>139</sup> *Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945*. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 79

<sup>140</sup> “Il est à Singeverga le 10 janvier et vient inspecter le terrain d’Eira pour la première fois.”. In **Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945**. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 80

<sup>141</sup> *Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945*. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 81

<sup>142</sup> SOUSA, Gabriel de - *Mosteiro de Singeverga: cem anos de vida beneditina (1892-1992)*. Santo Tirso: Ora & Labora, 1992.

solenidade a bênção da primeira pedra, em 6 de Abril de 1937”<sup>143</sup>. Noutra perspectiva, a necessidade de um mosteiro novo é colocada em paralelo com a da congregação feminina e cujo “barco e maré” foram aproveitados pelos monges, tendo-se registado na crónica do dia 20 de Fevereiro de 1937, nove dias depois da colocação da primeira pedra do mosteiro feminino (dia 11<sup>144</sup>), a chegada pelo correio de “um primeiro esboço do Arquitecto Raul Lino, de Lisboa”, que também estava a desenhar o mosteiro de Roriz<sup>145</sup>. Na sequência desse impulso foi então colocada e benzida pelo Bispo do Porto D. António Meireles a primeira pedra na Festa do Trânsito de São Bento a 6 de Abril ainda desse ano<sup>146</sup>, o que confirma a narração que nos fez um monge beneditino, que entrou mais tarde para o mosteiro de Singeverga, e se recorda da existência de uma “primeira pedra” implantada “na encosta”, num lugar diferente daquele onde se construiu actual edifício do mosteiro, com projecto do Arquitecto Alberto da Silva Bessa (1958). A tudo isto se juntou a elevação a Abadia do Priorado conventual de Singeverga pelo Papa Pio XI em 1938, que levou à concentração neste pólo de monges oriundos de vários mosteiros<sup>147</sup>. No entanto, a segunda guerra mundial terá dificultado a construção de facto. Depois do fim da guerra voltou a decidir-se a construção do novo mosteiro, mas de novo este não saiu do papel. Em 1949 a comunidade votou o sim à construção de um novo mosteiro, optando, porém, por uma nova localização. Colocando-se a possibilidade de um subsídio estatal, por se tratar de uma casa de formação de missionários, o projecto teria ainda de prever isso. Estas duas novas condições levaram a que o projecto de Raul Lino fosse, por fim, abandonado e por aconselhamento de entidades como o Director do Museu Nacional de Arte Antiga, o Director da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e do Director Geral de Urbanização, recorreu-se ao Arquitecto Alberto Silva Bessa, à época “Director dos Edifícios e Monumentos Nacionais”, na região Norte. Os primeiros estudos e plantas foram apresentados a 26 de Janeiro de 1952, a primeira pedra foi mudada de sítio, acompanhada de uma nova e benzida por D. António Ferreira Gomes, a 21 de Março de 1953<sup>148</sup> e a mudança dos 106 homens da comunidade para

---

<sup>143</sup> SOUSA, Gabriel de - *Mosteiro de Singeverga: cem anos de vida beneditina (1892-1992)*. Santo Tirso: Ora & Labora, 1992. p. 153

<sup>144</sup> *Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945*. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 81; Ou então dia 10 de Fevereiro Cit. por *Família Beneditina Portuguesa*. Roriz: Edições Ora et Labora, 2018, p. 17

<sup>145</sup> SOUSA, Gabriel de - *Mosteiro de Singeverga: cem anos de vida beneditina (1892-1992)*. Santo Tirso: Ora & Labora, 1992. p. 199

<sup>146</sup> SOUSA, Gabriel de - *Mosteiro de Singeverga: cem anos de vida beneditina (1892-1992)*. Santo Tirso: Ora & Labora, 1992. p. 199

<sup>147</sup> SOUSA, Gabriel de - *Mosteiro de Singeverga: cem anos de vida beneditina (1892-1992)*. Santo Tirso: Ora & Labora, 1992. p. 151-152

<sup>148</sup> SOUSA, Gabriel de - *Mosteiro de Singeverga: cem anos de vida beneditina (1892-1992)*. Santo Tirso: Ora & Labora, 1992. p. 200-201

o novo edifício, aconteceu finalmente no dia 14 de Setembro de 1957<sup>149</sup>, quando estava construído o primeiro terço deste edifício<sup>150</sup>. O mosteiro ainda hoje continua incompleto, por lhe faltar a igreja que encerraria o segundo claustro e que funciona no refeitório, devidamente adaptado.

Por fim, a mais clara evidência das nossas conclusões, mas também a maior armadilha na análise destes projectos, são as plantas de localização. O primeiro engano prende-se com o facto de existirem plantas de localização do mosteiro feminino inserido na localidade de Roriz em ambos os lotes de desenhos, o que se explica por estarem misturados no conjunto *RL 384, Colégio das Missões Beneditinas*, os desenhos da correcção do projecto de Roriz, com o projecto do mosteiro masculino de Singeverga. No entanto, a leitura mais avisada denota a existência de uma planta de localização que apesar de visualmente semelhante está referenciada a um sítio diferente que concluímos que será Singeverga.

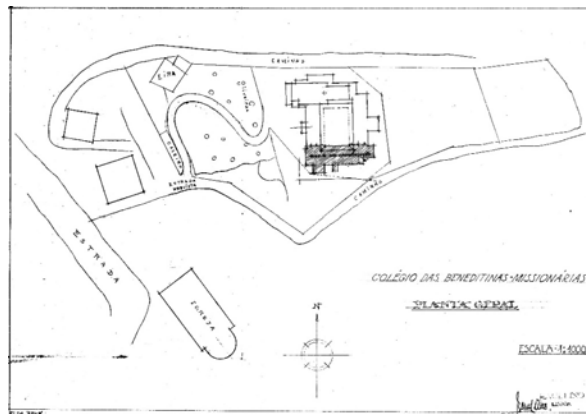


Figura 14 - Planta de Localização do Mosteiro de Roriz. Projecto de Raul Lino 1937. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 384.16] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos

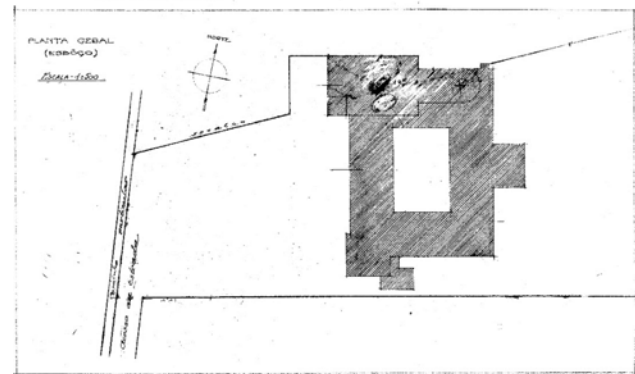


Figura 15 - Planta de localização do Mosteiro de Singeverga. Projecto de Raul Lino 1937. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 384.13] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivo.

<sup>149</sup> SOUSA, Gabriel de - *Mosteiro de Singeverga: cem anos de vida beneditina (1892-1992)*. Santo Tirso: Ora & Labora, 1992. p. 202

<sup>150</sup> SOUSA, Gabriel de - *Mosteiro de Singeverga: cem anos de vida beneditina (1892-1992)*. Santo Tirso: Ora & Labora, 1992. p. 201

Entre os projectos do mosteiro feminino e do mosteiro masculino de Raul Lino, a principal mudança é o desenho de arcos quebrados no primeiro e arcos de volta perfeita no segundo, aplicando-se aproximadamente a mesma organização geral dos espaços. A estas duas versões de arco correspondem outras diferenças: aos arcos de volta perfeita correspondia uma igreja com duas torres e cabeceira com abside semicircular, na qual se inseria o altar, e aos arcos quebrados correspondia uma igreja com uma só torre e cabeceira rectangular, na qual se inseria o coro das religiosas. No restante, em termos de organização dos edifícios, eram mais as semelhanças que as diferenças, pois a disposição em torno de um claustro central era seguida nos dois. Apesar disso, enquanto que nos pisos superiores o mosteiro masculino tinha quase só celas individuais, o mosteiro feminino tinha também dormitórios colectivos com divisórias leves, talvez por necessidade de aproveitar melhor o espaço que seria pouco até à construção da segunda ala. Esta solução seria manifestamente uma solução de recurso pois, anos mais tarde, Nuno Teotónio Pereira escreveu nos seus apontamentos “abolir dormitórios”<sup>151</sup>, como algo que lhe teria sido dito pelas irmãs que, apesar disso, recordam ter tido muitas vezes necessidade de transformar salas em dormitório no mosteiro de Sassoeiros, por carência de espaço<sup>152</sup>. Hoje já ampliado com a segunda ala, o espaço dos dormitórios do mosteiro de Roriz foi transformado em celas individuais.

Por sua vez, a certa fase do processo, a *versão estilística* com arcos de volta perfeita e duas torres derivou numa versão *simétrica* (Setembro 1938<sup>153</sup>) em que a igreja, em vez de se localizar no quadrante Norte do mosteiro, passava para o quadrante Sul e mantinha a orientação (*ad orientem*) como era tradicional, por se associar a figura de Jesus Cristo ao Sol nascente<sup>154</sup>. Esta versão do projecto apresentava um claustro perfeitamente quadrado, ao contrário dos outros que eram rectangulares, e uma grande cave ocupada por lagar e adegas de grandes dimensões, que são algo que não se encontra em nenhuma das versões do projecto feminino.

---

<sup>151</sup> Apontamentos de Nuno Teotónio Pereira - “reunião com Madre Priora e Madre Maria Alberto” (20/02/1959) acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio I – preparação do programa - PT NTP TXT 00175]

<sup>152</sup> Apêndice: Conversa com a Irmã Bernardette e a Irmã Cristina

<sup>153</sup> Acessível em Col. Espólio Raul Lino [384.21] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos

<sup>154</sup> “Chama-se «orientação», em arquitectura e na Liturgia cristã, ao facto de construir as igrejas ou de orar em direcção ao Leste, ao Oriente. Parece que, já no século II, em algumas regiões, se dava sentido simbólico a esta postura, vendo no Oriente a representação de Cristo como Sol que nasce. Não é estranho que assim fosse, pois os Judeus já conheciam o costume de orar voltados para Jerusalém, postura que, mais tarde, também será adoptada pelos muçulmanos, orientados para Meca. Em várias culturas e religiões, acontecia o mesmo com o olhar voltado para a saída do Sol, embora não se tenham muita informação sobre este tema.” In ALDAZÁBAL., José - **Dicionário elementar de liturgia** [Em Linha]. Fátima: Secretariado Nacional da Liturgia; Lisboa: Paulinas, 2007. ISBN: 978-972-751-863-0. Disponível na Internet: <URL: <http://www.liturgia.pt/dicionario/>>

Deduzimos, do material arquivado na Coleção Espólio Raul Lino (FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos), que estes *anteprojectos* de Raul Lino para o mosteiro masculino, datados de 1937 e 1938 não terão chegado a fase de detalhe construtivo apesar da colocação da primeira pedra. Os pormenores desenhados ali disponíveis mostram, por exemplo, arcos quebrados, gradeamentos e outros elementos correspondentes ao mosteiro feminino, incluindo as legendas *Priorado de Santa Escolástica* ou *Colégio das Beneditinas - Missionárias*.

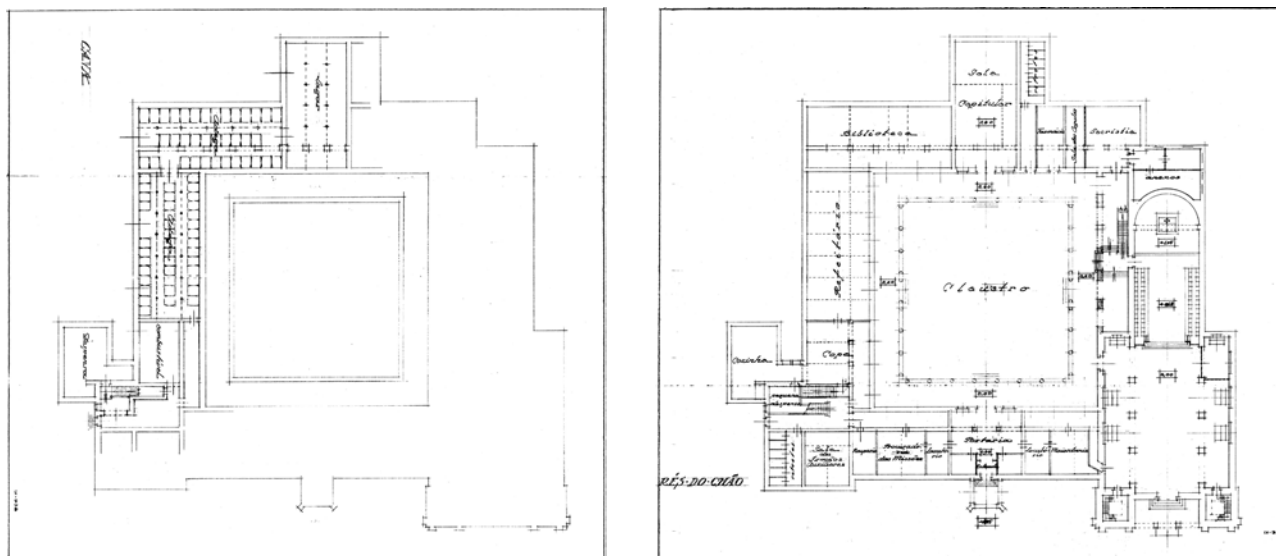


Figura 16 - Plantas da cave e rés-do-chão de uma versão do projecto de Raul Lino para o mosteiro masculino da Singeverga em que a igreja figura na ala sul e o claustro conforma um quadrado (Setembro de 1938). Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 384.20 e RLDA 384.21] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivo

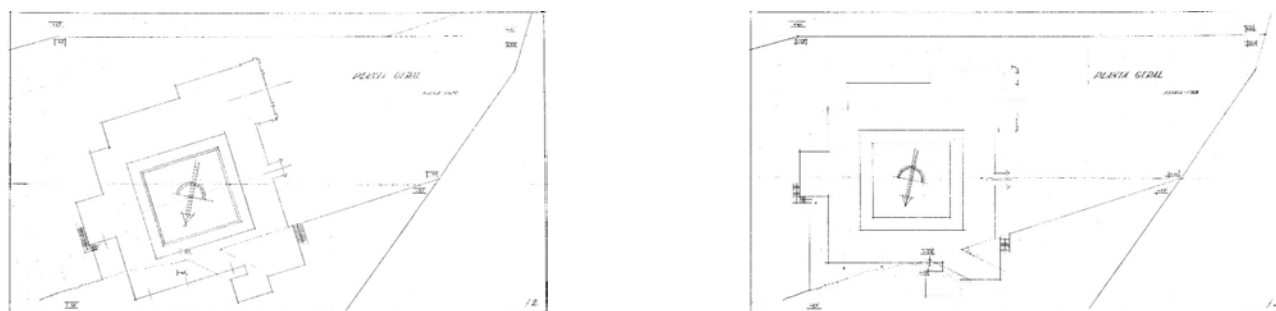


Figura 17 - Implantações alternativas para o mosteiro masculino de Singeverga, ambas com a igreja localizada a sul do claustro. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 384.14 e RLDA 384.15] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivo

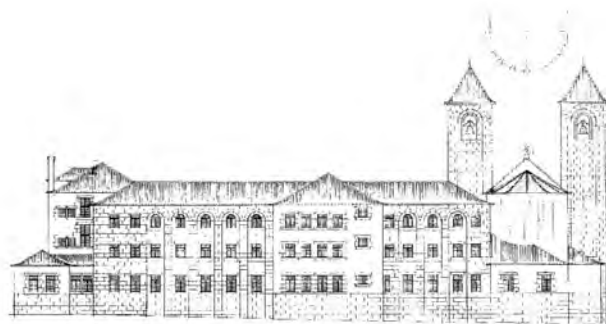
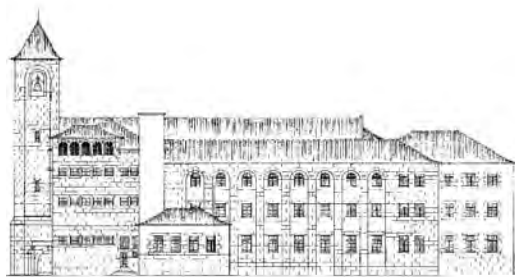
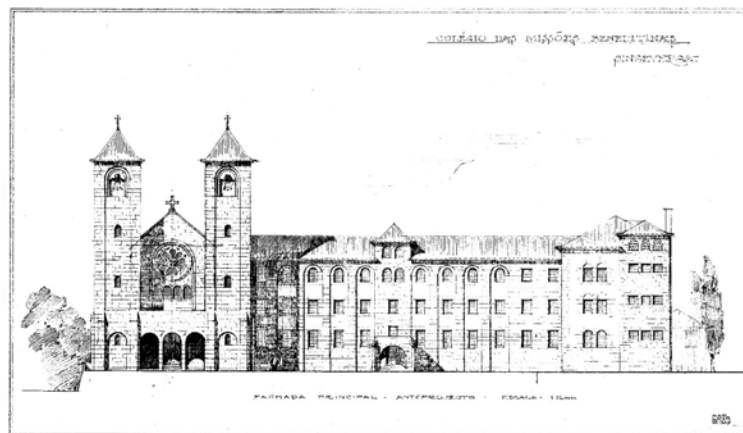
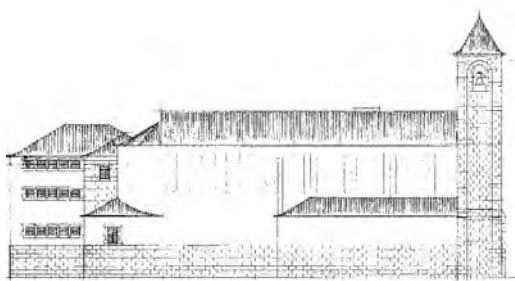


Figura 18 - Alçados Norte e Poente, Sul e Nascente do anteprojecto de Raul Lino para o Colégio das Missões Beneditinas (Mosteiro de Singeverga). Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 384.4, RLDA 384.0, RLDA 384.2 e RLDA 384.3] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivo

## Faseamento

Previu-se no projecto a construção faseada (Figura 19), de acordo com a intenção da Madre Jeanne d’Arc<sup>155</sup>, tal como se viria a propor em Santa Maria do Mar, e assim, apesar de ter sido desenhado na totalidade à escala 1:100, encontramos detalhada à escala 1:50 apenas a primeira fase, com um conjunto de outros pormenores tipo. Assim, o mosteiro construído e hoje existente resume-se às suas primeira e segunda fases, apenas dois tramos do claustro, não tendo ainda sido completado, nomeadamente com a construção da igreja.

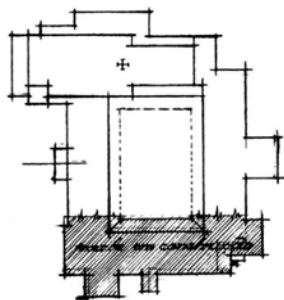


Figura 19 - Planta de localização do Mosteiro de Roriz, assinalando a 1ª fase. Detalhe da planta original acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 384.16] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos



Figura 20 – “Esquema de crescimento tradicional”, Nuno Teotónio Pereira. Detalhe de apontamentos acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio I – preparação do programa - PT NTP TXT 00175]

O segundo tramo já estava construído quando começou o processo do mosteiro de Santa Maria do Mar. Em Janeiro de 1959 é neste contexto que Nuno Teotónio Pereira anota a hipótese de fazer um plano a construir por fases, sem que fique com aparência de estar por acabar, juntando um esboço do que considera o “esquema de crescimento tradicional” – o do mosteiro de Roriz<sup>156</sup> (Figura 20).

Nos desenhos realizados para a primeira fase de construção, as áreas são identificadas com a sua função definitiva e com a sua função provisória, como viria a acontecer no projecto de Sassoeiros, apesar de Nuno Teotónio Pereira considerar que, recorrendo a este esquema de construção, as funções ficavam

<sup>155</sup> Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 79

<sup>156</sup> Apontamentos de Nuno Teotónio Pereira acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio I – preparação do programa - PT NTP TXT 00175]

instaladas em espaços inadequados<sup>157</sup>. Por exemplo, no caso de Roriz, é o refeitório que é identificado como capela provisória, enquanto que em Sassoeiros, a capela provisória é instalada num futuro auditório.

Devemos notar, quanto à afirmação de Nuno Teotónio Pereira de que, num esquema de crescimento rotativo como o de Roriz, ficariam “órgãos instalados durante muito tempo em locais inadequados”, numa “péssima solução”<sup>158</sup> que, nas obras destes dois mosteiros, “muito tempo” se revelou durar até à actualidade, ou até ao encerramento, no caso do mosteiro de Sassoeiros. Isto aconteceu apesar de em Roriz se ter construído a segunda ala de acordo com o projecto original que fez, por exemplo, a capela provisória transitar do refeitório para a sala do capítulo, e de em Sassoeiros se ter realizado uma ampliação fora do projecto original que permitiu criar espaços próprios para a residência das irmãs que anteriormente tinham necessidade de adaptar as suas salas a dormitório na hora de dormir<sup>159</sup>.

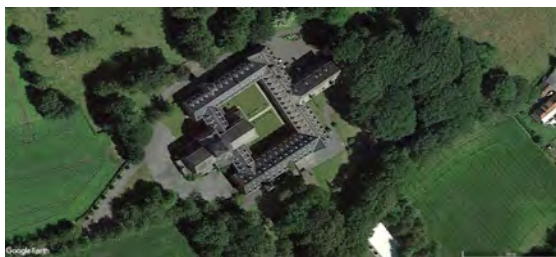


Figura 21 - Vistas de satélite dos mosteiros de Notre Dame de Béthanie e Santa Escolástica de Roriz. Acessível em Google Earth [Em Linha]. [s.l.]:[s.n.] [consult. 2019]. Disponível na Internet: <URL: <https://maps.google.com/>>.

Será de realçar que, de acordo com imagens históricas que encontramos em postais ilustrados, também o Mosteiro de Nossa Senhora de Betânia, casa mãe internacional da congregação de irmãs, foi construído por fases, começando por uma ala residencial, construindo-se depois a igreja e terminando com uma ala simétrica à primeira. As várias alas fecham-se em torno de um claustro central, como no mosteiro de Roriz, no entanto, a igreja ocupa o eixo central, não o extremo, e a sua construção não terá ficado para último lugar, de acordo com fotografias de época (Figura 22).

<sup>157</sup> 31/01/1959 - Apontamentos de Nuno Teotónio Pereira acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio I – preparação do programa - PT NTP TXT 00175]

<sup>158</sup> 31/01/1959 - Apontamentos de Nuno Teotónio Pereira acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio I – preparação do programa - PT NTP TXT 00175]

<sup>159</sup> Apêndice: Conversa com a Irmã Bernardette e a Irmã Cristina





Figura 22 - Evolução da Construção do Mosteiro de Nossa Senhora de Betânia, Loppem, Bruges, postais ilustrados



Figura 23 - Inauguração do Mosteiro de Roriz ainda em construção. Acessível no Arquivo do Mosteiro de Roriz



Figura 24 - Evolução da Construção do Mosteiro de Santa Escolástica de Roriz, postais ilustrados

## Projecto

O projecto final para a primeira fase do mosteiro para as Beneditinas da Rainha dos Apóstolos de Roriz, posterior à alteração do nível do claustro, será o que está datado de 6 de Maio de 1938<sup>160</sup>. Aqui é representado a várias escalas um edifício pequeno, correspondente apenas à primeira fase de construção. Trata-se de um dos quatro tramos do claustro, razão por que apresenta, nos alçados das suas empenas, estruturas *em espera* para a prevista continuação da obra. A solução aqui apresentada, correspondia ao projecto original, mas apenas a uma quarta parte, e estava já corrigida quanto ao nível do claustro que desceu um piso em relação ao anteprojecto. Para além de se desenhar no segundo projecto um claustro mais aproximado do quadrado, foi precisamente a ala Sul (1ª fase) que se alterou porque as funções que albergava no primeiro projecto foram deslocadas para o piso inferior. O elemento que melhor assinala a alteração é a cobertura telhada do claustro em vista superior na planta (Figura 26).

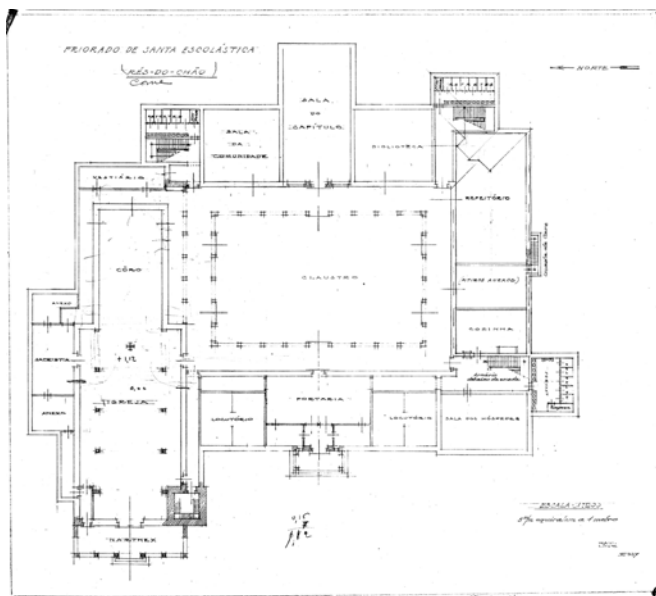


Figura 25 – Planta do Anteprojecto do *Priorado de Santa Escolástica*, Fevereiro 1937 (escala original 1:200). 387.17

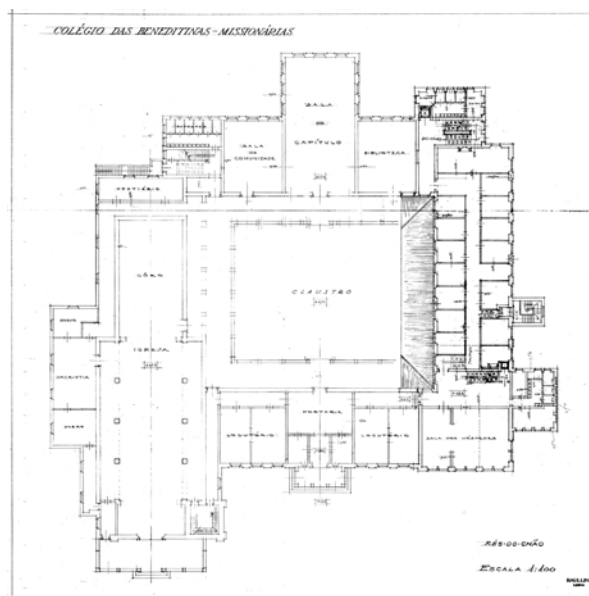


Figura 26 – Planta do Projecto do *Colégio das Beneditinas Missionárias* [Maio 1938] (escala original 1:100). 384.27

<sup>160</sup> Alçado da 1ª Fase da construção – 06/05/1938 (com algumas diferenças em relação ao construído). Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 384.5] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos

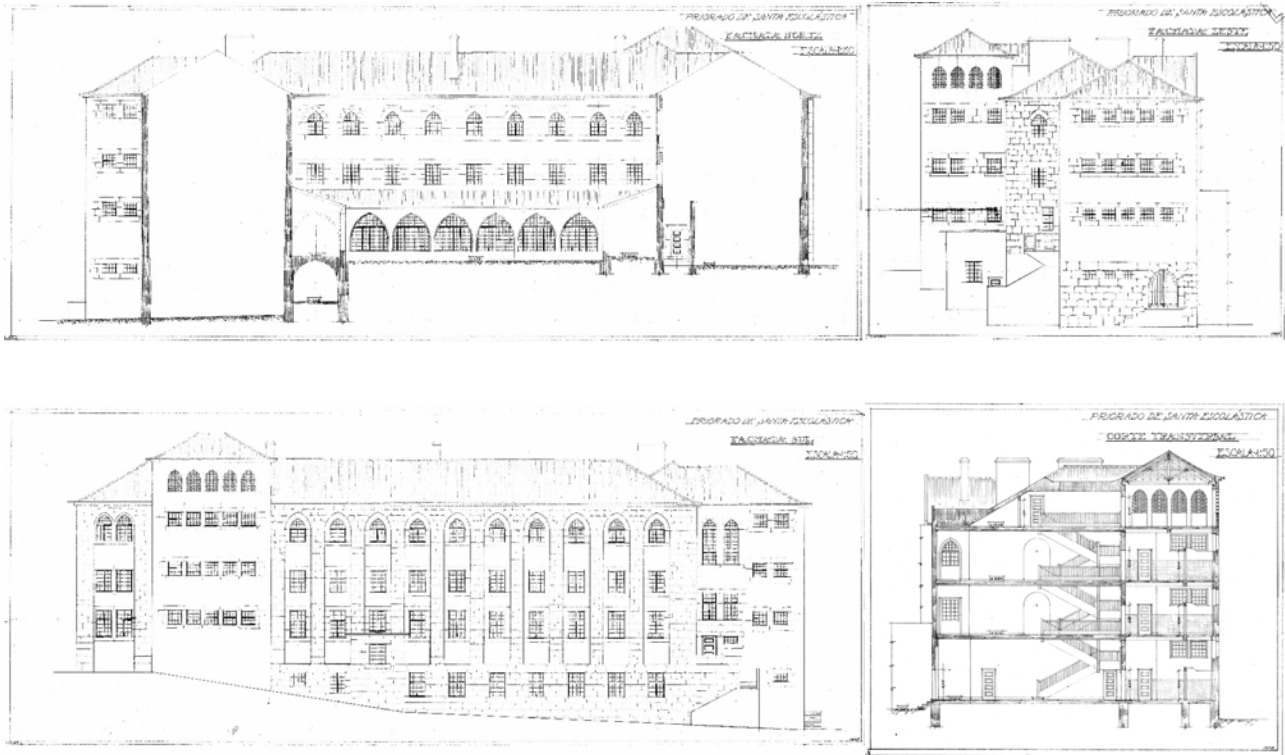


Figura 27 - Anteprojecto (1937) Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 387.4, 387.2, 387.3, 387.1] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos

A alteração acarretou a diferença entre a construção do claustro sobre um aterro plano, ou uma construção mais orgânica e conforme ao declive original do terreno, que alterou também as coberturas, como se pode entender pela comparação dos desenhos do anteprojecto (Figura 27) e do Projecto Final (Figura 28 a Figura 36). A cobertura acabou assim por ganhar complexidade e o corpo adossado que é coroado pelo *miradoiro*, destacando-se mais, tornou-se um elemento de charneira entre a cota alta e a cota baixa. O interior do próprio claustro ganhou uma pendente Oeste-Este (Figura 30), que o projecto original eliminava recorrendo a aterro.

Este corpo com aparência de torre onde se localizava o *miradoiro*, era uma solução engenhosa para localizar grande parte das instalações sanitárias, separadas assim das áreas assoalhadas e com uma fenestração diferente que permitia janelas menores, para maior privacidade.

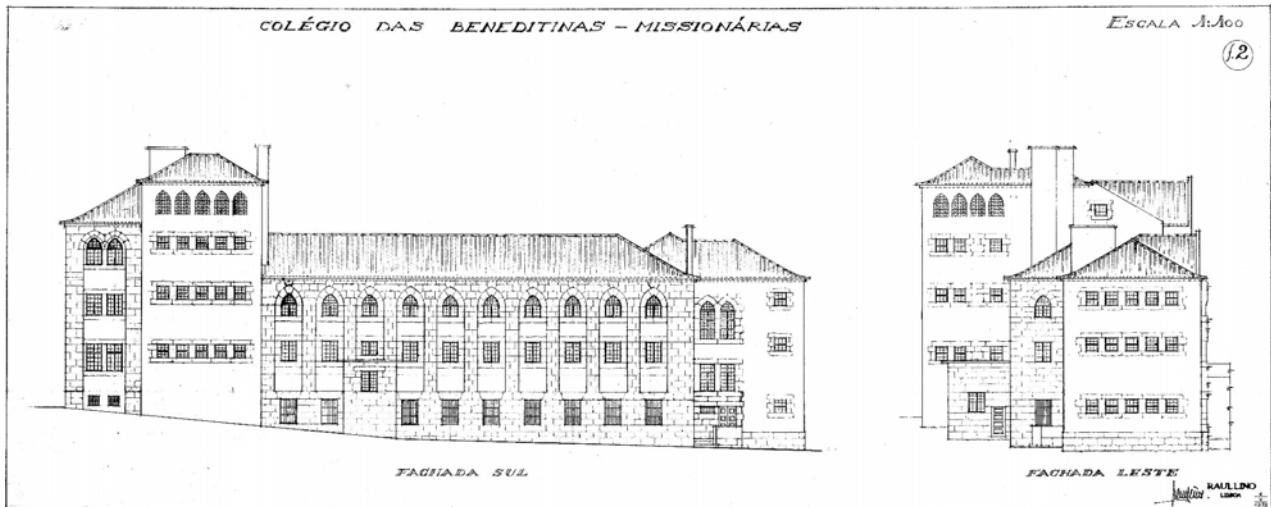


Figura 28 - Alçado da 1ª Fase da construção – 06/05/1938 (com algumas diferenças em relação ao construído). Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 384.5 e RLDA 384.6] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos

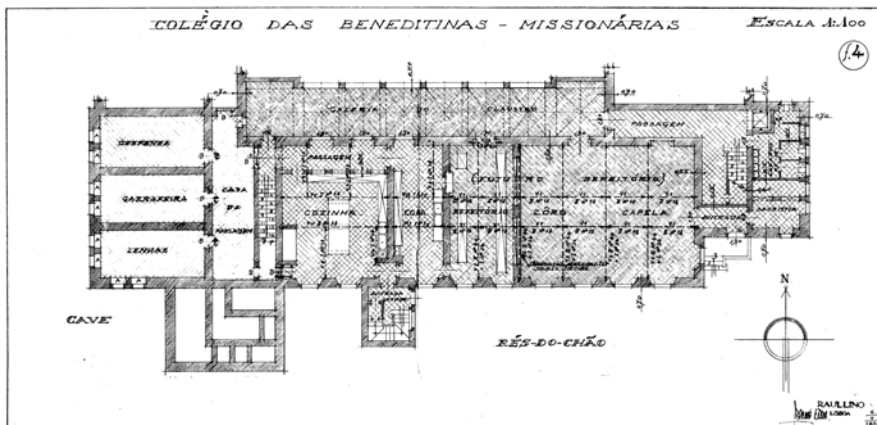


Figura 29 - Planta do rés-do-chão (e cave) da primeira fase do mosteiro de Roriz apresentando em legenda as funções provisórias dos espaços - 06/05/1938. Depois da alteração ao projecto, concretizada nestes desenhos de 1938, o claustro ficou abaixo do nível da entrada, ficando com ligação a uma pequena cave no extremo poente do edifício. Por estar semi-enterrado à cota do claustro, o extremo poente do mosteiro apresenta sempre nomenclatura de piso diferente. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA.384.32] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos

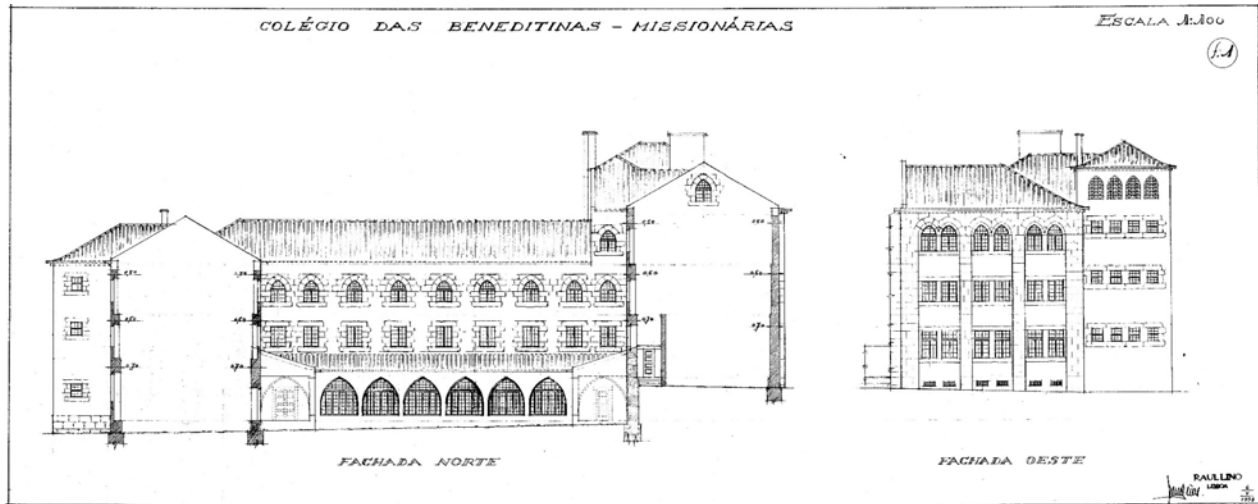


Figura 30 - Alçado da 1ª Fase da construção – 06/05/1938 (com algumas diferenças em relação ao construído). Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 384.5] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos

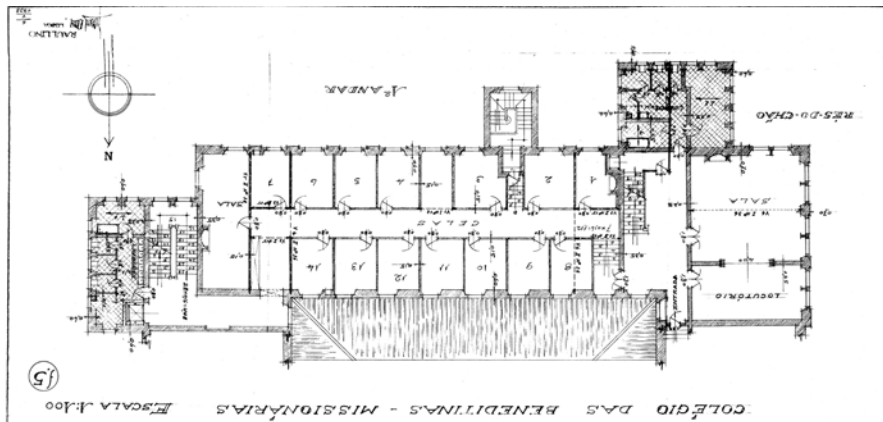


Figura 31 - Planta do primeiro piso (e rés-do-chão) da primeira fase do mosteiro de Roriz - 06/05/1938. Neste piso figura a entrada principal, que como se pode ver não está no mesmo nível do claustro passando a existir, no primeiro piso, um desnível entre a zona de entrada e o resto do edifício que confere aos espaços do rés-do-chão e às salas maior pé direito. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA.384.33] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos



Nesta versão do projecto, o primeiro piso era subdividido em celas e o segundo constituía um grande dormitório cujas camas eram separadas por divisórias leves até meio do pé direito do espaço (Figura 33). A opção pela utilização de dormitórios que não estava desenhada no anteprojecto de Fevereiro de 1937<sup>161</sup>, pode denotar a tentativa de melhor aproveitamento do espaço, mas também é provável que se destinasse a alojamento para estudantes, já que nesta fase o complexo passou a chamar-se *Colégio das Beneditinas Missionárias*.

A capela e a sacristia foram previstas provisoriamente para o lugar do refeitório monástico, no rés-do-chão, nível do claustro. No entanto, soubemos em visita ao Mosteiro de Roriz que a capela se localizou provisoriamente no primeiro piso (rés-do-chão), no espaço da *sala*, junto à entrada, até à construção da segunda ala do mosteiro, em que ocupou o lugar inicialmente previsto para a sala do capítulo. A sala passou assim a destinar-se às refeições dos hóspedes.



Figura 32 - A Sala na actualidade. Fotografia de Hugo Casanova.

---

<sup>161</sup> Anteprojecto (1937). Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 387] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos

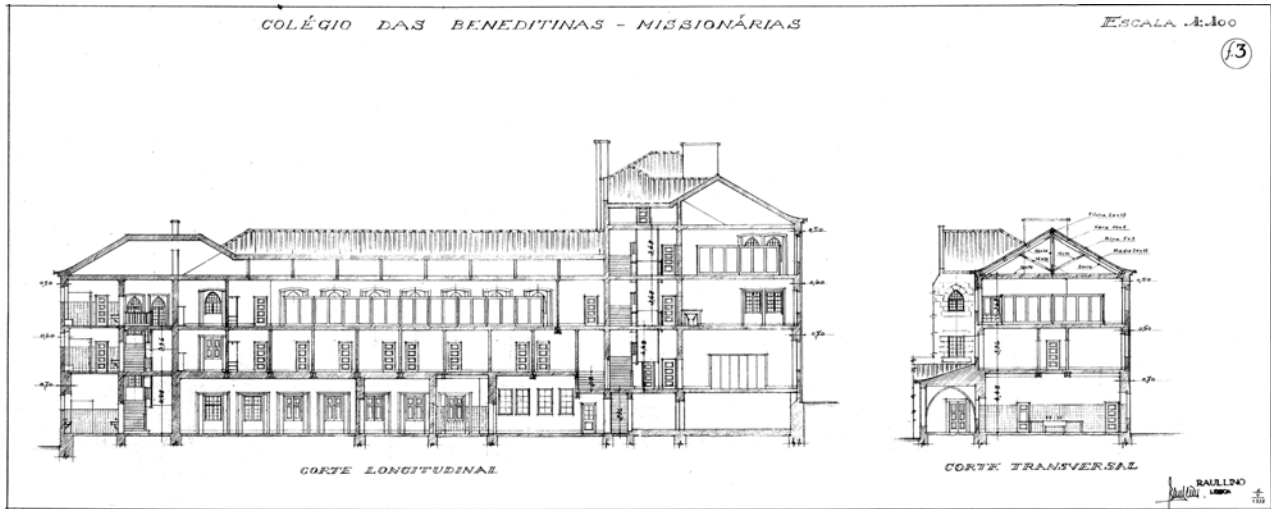


Figura 33 - Corte da 1ª Fase da construção – 06/05/1938 (com algumas diferenças em relação ao construído). Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RDLA 384.12] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos

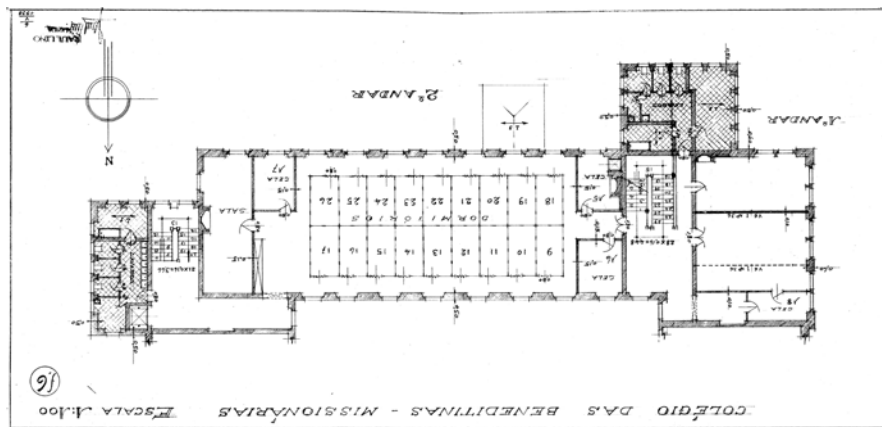


Figura 34 - Planta do segundo piso (e primeiro piso) da primeira fase do mosteiro de Riz - 06/05/1938. Neste piso há quatro celas, mas a maioria dos espaços são dormitórios com divisórias amovíveis. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RDLA.384.34] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos

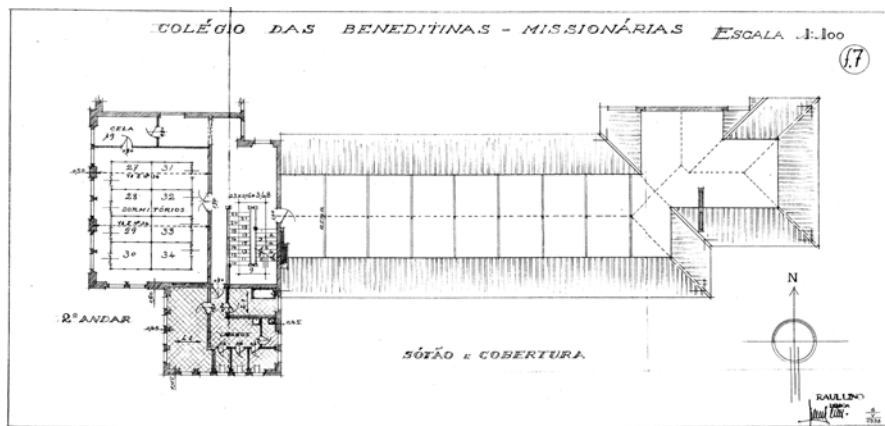


Figura 35 - Planta do Sótão e Cobertura (e segundo piso) da primeira fase do mosteiro de Roriz - 06/05/1938. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA.384.35] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos

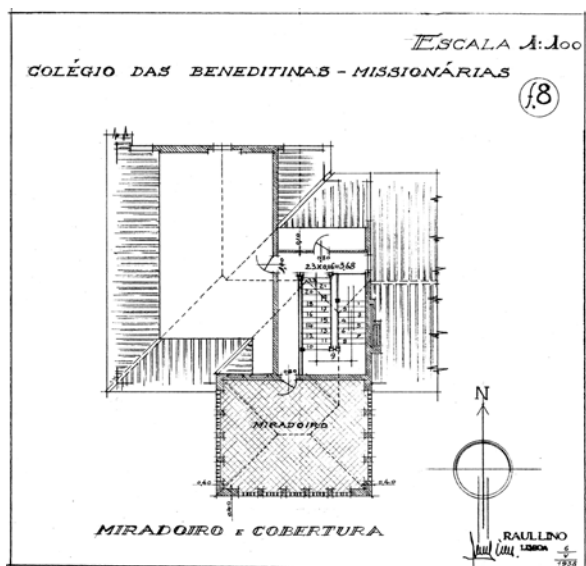


Figura 36 – Planta do miradouro e cobertura da primeira fase do mosteiro de Roriz - 06/05/1938. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA.384.36] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos



## O Mosteiro de Roriz e as Igrejas de Raul Lino

O projecto do Mosteiro de Roriz, que terá começado com uma investigação para se poder inspirar no melhor da tradição beneditina portuguesa<sup>162</sup>, está enquadrado no modelo culturalista de arquitectura que Raul Lino transporta para Portugal, depois de estudar desde criança em Inglaterra e na Alemanha, e de praticar no atelier de “Albrecht Haupt, arquitecto de formação historicista e filosófica, documentado conhecedor de Portugal e da sua arquitectura”<sup>163</sup>.

O regresso de Raul Lino da Alemanha foi marcado pelas tentativas de “conhecer o país real” e “recuperar valores de um habitar, valorizando-os”<sup>164</sup>. Estas intenções traduzem uma abordagem à arquitectura não só de forma, de fachada, mas “em termos de espaço”<sup>165</sup> que, por exemplo, valoriza os “espaços-transição, quer interiorizando varandas e alpendres, quer exteriorizando salas e átrios, jogando com (...) «almofadas de penumbra»”<sup>166</sup>. O contexto da arquitectura de Raul Lino é ainda marcado por John Ruskin (1819-1900)<sup>167</sup> e William Morris<sup>168</sup> (1834-1896), seu seguidor<sup>169</sup>, fundadores do pensamento “arts and crafts”<sup>170</sup>, que se opunha à industrialização e fabrico em série aplicados à arquitectura, defendendo “rugosidade e imperfeição”<sup>171</sup> como sinais do trabalho manual. Isto reflecte-se nos “seus protestos contra a crise materialista do mundo, a desumanização do homem, e um ritmo de vida que este se ofereceu e do qual se tornou escravo, aprendiz de feiticeiro dominado pela técnica dentro de uma civilização «de pé firme no acelerador»”<sup>172</sup>

---

<sup>162</sup> **Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945**. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 80

<sup>163</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - **História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna**. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 81

<sup>164</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - **História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna**. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 82

<sup>165</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - **História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna**. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 82

<sup>166</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - **História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna**. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 83

<sup>167</sup> ROTH, Leland M. – **Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 1999. ISBN 8425217008. p. 471

<sup>168</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - **História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna**. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 82

<sup>169</sup> BERGDOLL, Barry - **European architecture 1750-1890**. Oxford: Oxford University Press, 2000. ISBN: 9780192842220. p. 222

<sup>170</sup> BERGDOLL, Barry - **European architecture 1750-1890**. Oxford: Oxford University Press, 2000. ISBN: 9780192842220. p. 222

<sup>171</sup> BERGDOLL, Barry - **European architecture 1750-1890**. Oxford: Oxford University Press, 2000. ISBN: 9780192842220. p. 214

<sup>172</sup> ALMEIDA, Pedro Vieira, FRANÇA, José-Augusto, PIMENTEL, Diogo Lino, [et al.] - **Raul Lino: Exposição retrospectiva da sua obra**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970. p. 108

Raul Lino valorizava a viagem como modo de aprendizagem, tendo ficado conhecidas a sua viagem “pelo país, particularmente pelo Alentejo”, com Roque Gameiro, e a sua viagem a Marrocos em 1902. Talvez tenha sido aquilo que adquiriu com estas viagens que em 1970 o levou a explicar assim como tinha chegado ao resultado do projecto para uma igreja: “compenetrei-me do destino de uma igreja e imaginei o melhor que pude uma construção obedecendo ao meu sentimento, nutrido por um amor ao país de onde sou natural, que se traduziu no interesse votado sempre às nossas coisas, e adquirido no decorrer de inúmeras peregrinações na nossa terra, de lápis sempre pronto a apontar o que me parecia mais característico da nossa índole”<sup>173</sup>.

Para chegar ao projecto de Roriz propomos traçar o percurso do arquitecto, recuando aos seus projectos de arquitectura religiosa anteriores ao Mosteiro de Roriz<sup>174</sup>. Em 1904 projectou *Turris Eburnea* (Torre de Marfim, um dos títulos dados à mãe de Jesus pelos cristãos), como resposta a um concurso para um “templo monumental”<sup>175</sup> dedicado à Imaculada Conceição de Maria, na Av. António Maria d’Avellar (Picoas), Lisboa.

Dentro de um contexto marcado fortemente pela arquitectura de modelo progressista e escola *Beaux-Arts* francesa<sup>176</sup> do arquitecto Miguel Ventura Terra, doze anos mais velho que Raul Lino, este projecto é apontado como “um programa de intervenção marginal às preocupações e tendências da arquitectura nacional”<sup>177</sup>. Pedro Vieira de Almeida descreve-o como “para o tempo, um notável exemplo de arquitectura sacra, não só tendo em conta a dificuldade própria do tema – sabemos o que foi e tem sido difícil aos arquitectos e à própria igreja-hierarquia, estruturar uma ideia de Igreja-edifício não arqueológica nem construtivamente falsa – mas ainda tendo em conta a qualidade do projecto (...) comparando-o com os projectos classificados em 1.º, 2.º e 3.º lugares (...) qualquer deles francamente inferior, quer em capacidade plástica, quer em inventiva formal”<sup>178</sup>.

---

<sup>173</sup> Nótula Justificativa da Igreja de Palheiros, 1970. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA.602.0.1] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos

<sup>174</sup> “*Turris Eburnea*”, Templo Monumental à Imaculada Conceição de Maria (1904); Igreja para Figueiró, Beira (1925); Capela de Nossa Senhora do Castelo, Vouzela (1933). Não Contruídos.

<sup>175</sup> O Templo monumental á Immaculada Conceição. **O Occidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro**. n.º 934 (10 Dez. 1904). p. 268

<sup>176</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - **História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna**. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 74

<sup>177</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - **História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna**. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 85

<sup>178</sup> ALMEIDA, Pedro Vieira, FRANÇA, José-Augusto, PIMENTEL, Diogo Lino, [et al.] - **Raul Lino: Exposição retrospectiva da sua obra**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970. p. 136

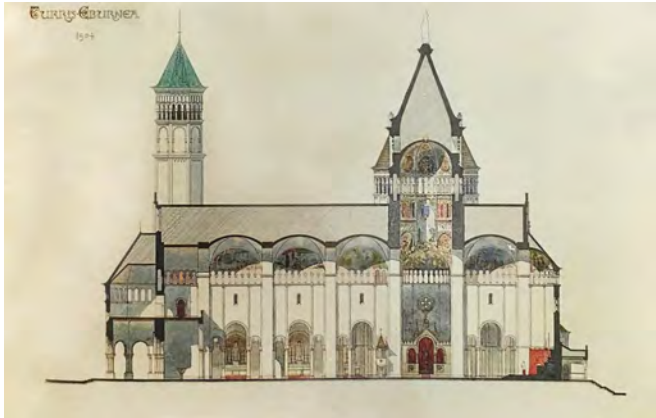


Figura 37 - Raul Lino – Projecto *Turrus Eburnea* (*Torre de Marfim*) para um Templo Monumental à Imaculada Conceição de Maria. In ALMEIDA, Pedro Vieira e FERNANDES, José Manuel - *História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna*. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14, p. 73, 85

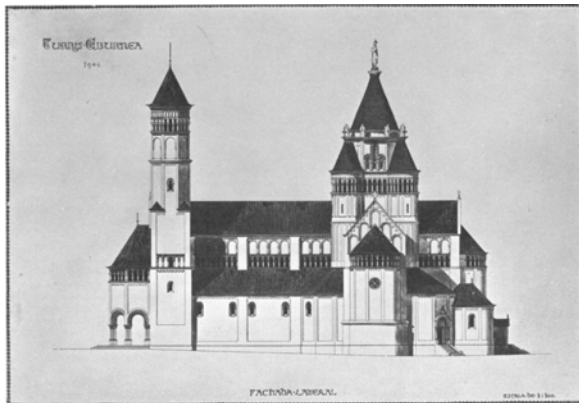


Figura 38 - Projecto *Turrus Eburnea* (*Torre de Marfim*) para um Templo Monumental à Imaculada Conceição de Maria. In ALMEIDA, Pedro Vieira, FRANÇA, José-Augusto, PIMENTEL, Diogo Lino, [et al.] - **Raul Lino: Exposição retrospectiva da sua obra**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.



Figura 39 – Catedral de Worms, Alemanha. In Postal Ilustrado. Darmstadt: Vereinigte Kunstdruckereien Metz & Lutz G.M.B.H

O desenho da igreja (Figura 38) era de carácter medievalizante, neo-românico, ecoando, segundo João Luís Marques, os “modelos tipológicos do Românico alemão”<sup>179</sup> (Figura 39). Apesar de ter maior “frescura e capacidade inventiva” e de registado como “sem dúvida o primeiro”<sup>180</sup> pelo júri que incluía José Luís Monteiro e Ventura Terra, o projecto de Raul Lino foi excluído do concurso “por alegadas razões de custo”<sup>181</sup>. O projecto seleccionado para ser construído era da autoria de Frederico Evaristo da Silva Gomes e chegou a ter a primeira pedra lançada no dia 8 de Dezembro de 1904<sup>182</sup>, mas, na sequência de “um embrulhado problema de apropriações mais ou menos legítimas dos dinheiros que lhe eram destinados”<sup>183</sup> acabou por ter no seu lugar construída a Maternidade Alfredo da Costa, projecto de Miguel Ventura Terra (1908)<sup>184</sup>.



Figura 40 - "Perspectiva do 1º Projecto premiado". In *O Templo monumental à Immaculada Conceição. O Ocidente: revista ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*. nº 934 (10 Dez. 1904). p. 269

<sup>179</sup> MARQUES, João Luís - *Do Espírito em arquitectura (1935) à Arte Viva (1953), obras e pensamento em diálogo* - Raul Lino e Manuel Cerejeira. **Revista ARTisON**, ARTIS – Instituto de História de Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa (2019). [aguarda publicação]

<sup>180</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - *História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna*. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 86

<sup>181</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - *História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna*. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 86

<sup>182</sup> *O Templo monumental à Immaculada Conceição. O Ocidente: revista ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*. nº 934 (10 Dez. 1904). p. 269

<sup>183</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - *História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna*. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 79

<sup>184</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - *História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna*. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 79

O percurso de Raul Lino é dividido por Pedro Vieira de Almeida em quatro fases: 1900-1920, 1920-1930, 1930-1940, 1940-1974. O primeiro período, apelidado de “formação e proposta”<sup>185</sup>, indicando um carácter fundador na obra de Raul Lino, é aquele em que se insere o projecto *Turrís Eburnea* e que é apontado como “o mais inovador e rico” no qual é possível destacar “projectos de diversa índole que são de alguma maneira representativos, se não do todo, pelo menos da maior parte dos temas que irá mais tarde desenvolver”<sup>186</sup>. Foi também neste período que Raul Lino projectou as quatro *Casas Marroquinas*, a Casa dos Patudos (1904), a Quinta da Comenda (1909) e a Casa do Cipreste (1912) e escreveu *A Nossa Casa* (1918)<sup>187</sup>. Na segunda fase, encontramos a Casa dos Penedos, onde “numa série de salas e pátios” Raul Lino explora o “espaço-transição”, o cinema Tivoli (1924) e a Casa António Sérgio (1924) que é apontada como representante de uma “arquitectura média”, de “conforto sereno formalmente contido que Raul Lino” desenvolveu nesta década<sup>188</sup>.

Do ano de 1925 encontramos o projecto da Igreja para Figueiró, Beira. Neste encontramos características como os cunhais e molduramentos dos vãos em aparelho de pedra à vista, os beirados ou o cata-vento, simbólicos de uma arquitectura portuguesa, e também numa das versões do projecto, uma galilé ou “alpendrada” que, segundo Pedro Vieira de Almeida, assim designada na obra de Lino, constitui um todo da cobertura e do espaço definido por ela que “garante a impressão de abrigo que em primeiro lugar um alpendre deve sugerir”<sup>189</sup>.

Na década de 1930, Raul Lino projectou a Loja das Meias (1931), o pavilhão do Brasil para a Exposição do Mundo Português e a proposta para o Monumento ao Infante D. Henrique em Sagres (1933)<sup>190</sup>.

---

<sup>185</sup> ALMEIDA, Pedro Vieira, FRANÇA, José-Augusto, PIMENTEL, Diogo Lino, [et al.] - **Raul Lino: Exposição retrospectiva da sua obra**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970. p. 136

<sup>186</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - **História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna**. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 82

<sup>187</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - **História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna**. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 83

<sup>188</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - **História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna**. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 87

<sup>189</sup> ALMEIDA, Pedro Vieira, FRANÇA, José-Augusto, PIMENTEL, Diogo Lino, [et al.] - **Raul Lino: Exposição retrospectiva da sua obra**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970. p. 148

<sup>190</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - **História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna**. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 87

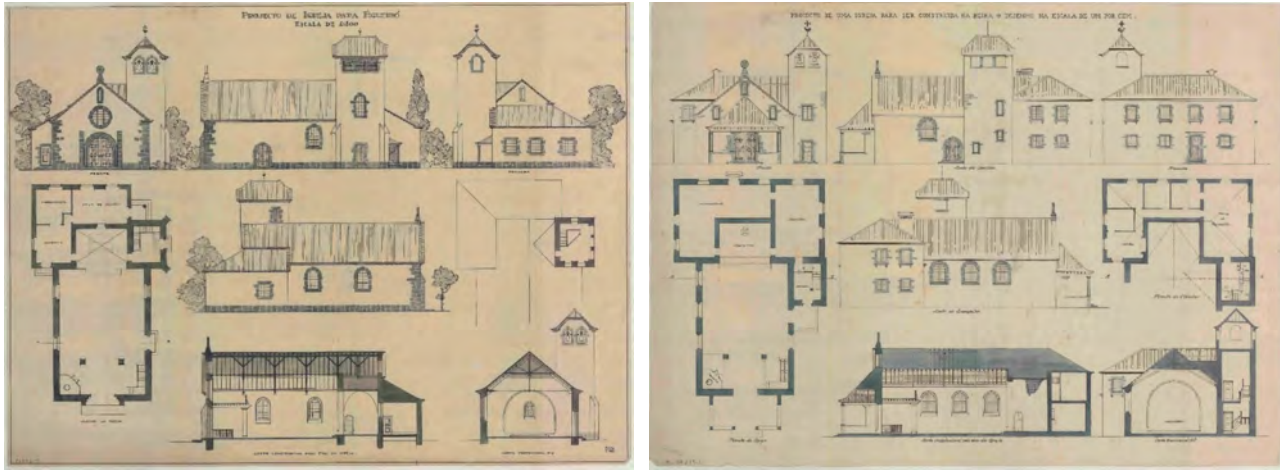


Figura 41 - Raul Lino, duas versões do projecto para uma igreja em Figueiró, Beira. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [615.0 e 615.2] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos

Também em 1933 encontramos o projecto para a Capela de Nossa Senhora do Castelo, Vouzela. Os dois estudos de reconstrução (Figura 42), não executados, conferiam-lhe uma feição acastelada, própria de uma igreja-fortaleza, em consonância com o nome e com o lugar proeminente. O estilo adoptado para esta obra posicionava-se na transição do românico para o gótico jogando com grossas paredes em alvenaria de pedra à vista, que noutra versão do projecto estavam presentes apenas em molduramentos aparelhados nas janelas, e com arcos quebrados que revelavam a influência goticizante. Neste projecto encontramos alguma da linguagem que viria a ser utilizada no projecto do mosteiro de Roriz.

Em 1936, Raul Lino realiza uma viagem ao Brasil que conduz à publicação do livro *Auriverde Jornada* em 1937<sup>191</sup>, o mesmo ano em que, no dia 10 de Janeiro visitou Roriz pela primeira vez com o objectivo de projectar um mosteiro. Como pudemos já referir, Raul Lino, aos 58 anos, gozava assim da fama de ser “o melhor arquitecto do país”<sup>192</sup>.

<sup>191</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - *História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna*. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 88

<sup>192</sup> *Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945*. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 79;

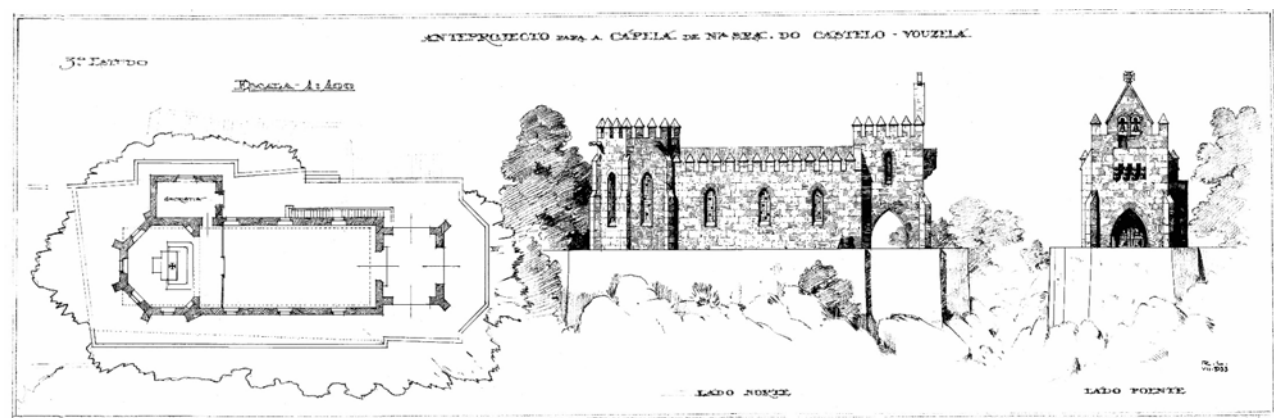
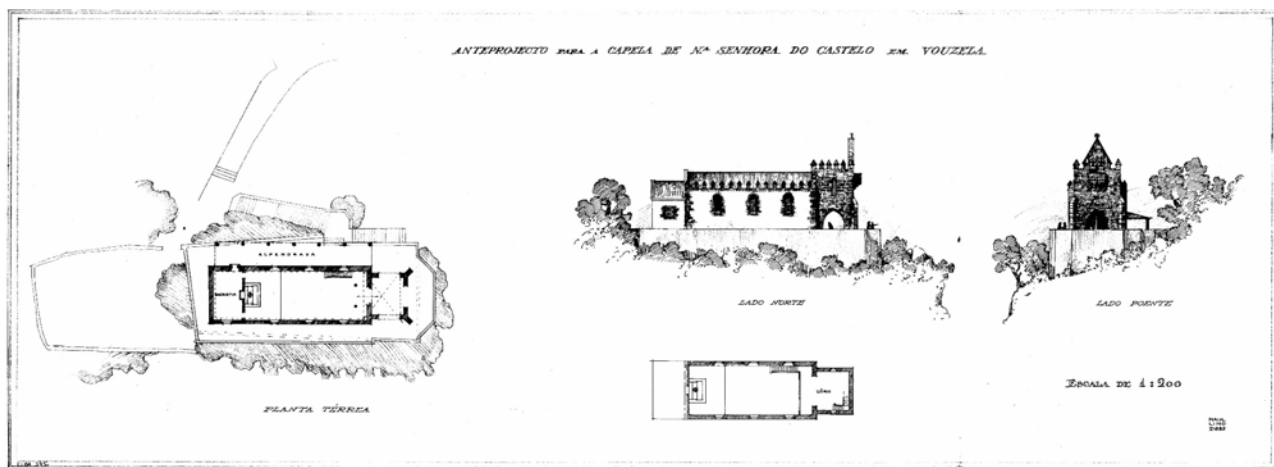


Figura 42 - Raul Lino, duas versões do anteprojecto para a capela de N.<sup>a</sup> Senhora do Castelo em Vouzela. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [345.0 e 345.1] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos



## Arquitectura beneditina historicista: comparações e ressonâncias

Conservou-se de Raul Lino, a crítica à planta preliminar apresentada pelas irmãs: “não é português”. Não se poderá, no entanto, ler esta afirmação pensando que “os problemas de tradição se colocavam a nível morfológico”, sem entender “as outras e mais profundas dimensões do conceito de tradição, que tinha a ver com toda uma permanência de um substrato cultural”<sup>193</sup>. O próprio Raul Lino afirma que se confunde “tradição morfológica na obra dos arquitectos com tradição espiritual na obra dos homens”<sup>194</sup>.

Assim, apesar da intenção de *fazer português*, no projecto final de Raul Lino para Roriz (Figura 43), podemos encontrar proximidade com o mosteiro de Betânia, em Loppem, Bruges (Figura 44), de onde partiram as primeiras irmãs. O trabalho em alvenaria, com desenho da estereotomia e o estilo *neomedieval* do conjunto, mas em particular a galilé que se projecta na fachada da igreja são traços de uma possível citação de Betânia em Portugal, por influência das irmãs ou do próprio Raul Lino. Por outro lado, como vimos nos projectos religiosos anteriores de Raul Lino, essas características não lhe eram já estranhas. Também é possível encontrar outros exemplos de arquitectura Beneditina dos séculos XIX-XX que se insere nos mesmos cânones, por exemplo o mosteiro de Maredsous (Jean-Baptiste Béthune (1821-1894) c. 1872)<sup>195</sup>, na Bélgica, onde as torres da igreja são aparentadas das que fizeram parte da *versão neo-românica* desenhada para o mosteiro vizinho de Singeverga por Raul Lino em 1937 (Figura 45). Aliás, como apresentado em *Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres*, o projecto do Arquitecto Viérin (1924), para o mosteiro de N. D. Béthanie (Loppem, Bruges) (Figura 46) possuía algumas diferenças em relação ao construído cuja primeira ala foi benzida em 1925<sup>196</sup>, nomeadamente um pórtico de três arcadas repetidas em altura e duas torres com frestas verticais, com campanários de arcadas, como todas, em volta perfeita e de coberturas telhadas, com 4 águas, encimadas por cruces, tal como Raul Lino apresenta nesse anteprojecto *neo-românico* que não teve seguimento (Figura 45).

---

<sup>193</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - **História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna**. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 89

<sup>194</sup> Entrevista a Lúcio Costa. In. LINO, Raul - **Auriverde Jornada**. Cit. por ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - **História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna**. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 88

<sup>195</sup> ABBAYE DE MAREDSOUS – **Les Constructions**. [Em Linha]. Maredsous. [Actual. 2010, Consult. 05.02.2019]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.maredsous.be/index.php?id=1235&L=0> >

<sup>196</sup> SOUSA, Gabriel de - **Mosteiro de Singeverga: cem anos de vida beneditina (1892-1992)**. Santo Tirso: Ora & Labora, 1992. p. 160



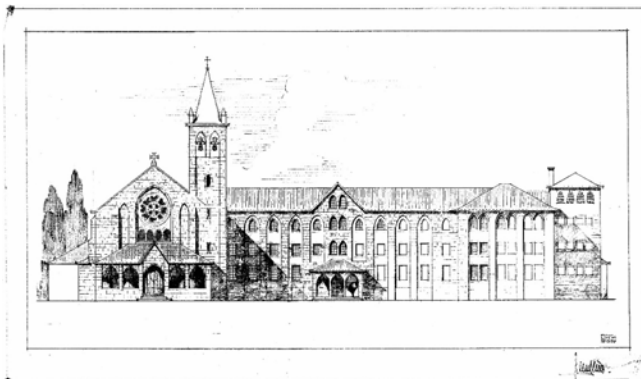


Figura 43 – Março 1937 - Projecto de Raul Lino para o Alçado principal (Poente) do Priorado de Roriz na sua versão definitiva, cuja construção não foi concluída. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [387.0] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos



Figura 44 - Mosteiro de Notre Dame de Béthanie na sua versão final, cuja primeira pedra foi benzida “no local onde mais tarde seria construída a igreja”, no dia 21 de Março de 1924 (**Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945**. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 79;). Postal Ilustrado. In delcampe.net

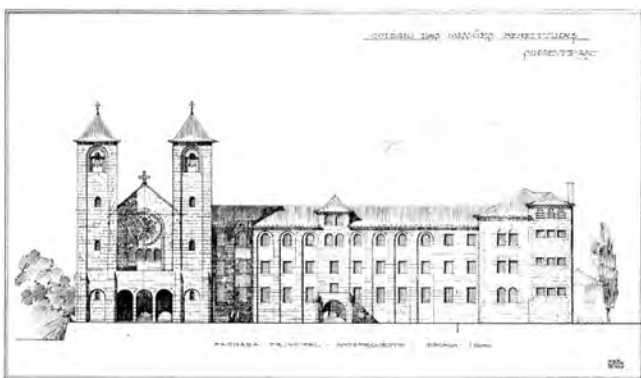


Figura 45 – Março 1937 – Raul Lino, “Fachada principal, anteprojecto, escala 1:200” - Projecto de fachada com duas torres, arcos de volta perfeita e um triplo portal no nártex para o *Colégio das Missões Beneditinas*, em Singeverga. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [384.0] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos



Figura 46 - Projecto do Arquitecto Viérin para o Mosteiro de Betânia, 1924, com duas torres, arcos de volta perfeita e um triplo portal no nártex in *Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Benedictines et Apôtres*. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo III

As diferenças mais marcantes entre o mosteiro belga e o projecto de Raul Lino, são a fenestração e a planta. Em termos de planta a grande diferença é a localização da Igreja ao centro da fachada principal, penetrando no claustro (Figura 21) e não no extremo, correspondendo a uma das suas alas (Figura 19). Na fenestração, enquanto que no projecto belga se preferem janelas maineladas, uma e duas vezes, chegando a formar quase um pórtico *à longueur*, em que a espessura da *parede* diminui sucessivamente à medida que se aproxima do vão propriamente dito, o projecto de Raul Lino utiliza mais a espessura da alvenaria como elemento de composição e de manipulação da luz, aparecendo em certos casos o aparelho de pedra como meio de realçar o vão. Apesar de se destinar ao Norte de Portugal, menos soalheiro que o Sul, este projecto não deixa de revelar, assim, o “gosto” que, pela via alentejana e marroquina, Raul Lino tinha adquirido “pelos valores matéricos das paredes expostas à luz crua meridional, pelas moldurações que adoçam e jogam com os efeitos de sombra, pelos ambientes de frescura dos espaços-transição(...)”<sup>197</sup>. A casa Monsalvat, uma das quatro “casas marroquinas” (1901-1903) de Raul Lino é início desse “entendimento da luz como concreto material arquitectónico, entendimento de possibilidades expressivas cujo aprofundamento vai realizar de maneira profissionalmente isolada ao longo da sua obra”<sup>198</sup>.



Figura 47 - Casa Monsalvat, Raul Lino. In ALMEIDA, Pedro Vieira e FERNANDES, José Manuel - **História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna**. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 84; 83.

<sup>197</sup> ALMEIDA, Pedro Vieira e FERNANDES, José Manuel - **História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna**. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 83

<sup>198</sup> ALMEIDA, Pedro Vieira e FERNANDES, José Manuel - **História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna**. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 83

Entre as duas *versões* de mosteiro, propostas por Raul Lino para os vizinhos mosteiros de Roriz e Singeverga, há a destacar a mudança da tipologia dos arcos que passam de arcos de volta perfeita a arcos quebrados, posicionando-se entre os seus correspondentes belgas dos séculos XIX e XX. Estes dois projectos do mesmo ano de 1937 ora se aproximam visualmente mais do mosteiro de Betânia e da vizinha Abadia (masculina) de Santo André, das abadias de Orval e Dourgne (referências apontadas pelas irmãs, mais tarde, a Nuno Teotónio Pereira), todas de índole revivalista, com arcos de volta perfeita, à românico, ora tendem para o neogótico do mosteiro de Maredsous.

Esta oscilação entre dois *estilos* é reveladora de que, apesar da indecisão, foi clara a intenção de construir num estilo histórico. De facto, no século XIX, apesar de surgirem edifícios que recriaram vários estilos, românico, egípcio e outros mais exóticos<sup>199</sup>, o neogótico viria a tornar-se a principal alternativa ao neoclássico quando se tratava de edifícios religiosos<sup>200</sup>. Um dos grandes defensores do retorno à arquitectura gótica foi Augustus Welby Pugin que no seu livro *Contrastes* (1836) justapôs edifícios góticos e edifícios contemporâneos *clássicos* caracterizados de modo que não restassem dúvidas quanto à superioridade do gótico<sup>201</sup>.

Ao iniciar o diálogo com Nuno Teotónio Pereira (1958) para a concepção do novo mosteiro em Sassoeiros, vinte e um anos depois do diálogo da Priora Ir. Jeanne d'Arc com Raul Lino (1937), a Ir. Maria Alberto, ainda em representação da mesma Priora, enviou por carta uma lista com obras beneditinas que o novo arquitecto poderia visitar para se informar para a realização do projecto, deixando embora esta ressalva: “poderá ver - mas devemos dizer que não sabemos o que estes mosteiros valem no ponto de vista arquitectónico”<sup>202</sup>.

---

<sup>199</sup> ROTH, Leland M. – *Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 1999. p. 462

<sup>200</sup> ROTH, Leland M. – *Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 1999. p. 462

<sup>201</sup> ROTH, Leland M. – *Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 1999. p. 465

<sup>202</sup> Carta da Ir. Maria Alberto a Nuno Teotónio Pereira (18/09/1958) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Correspondência - PT NTP TXT 00172]; vd. cronologia

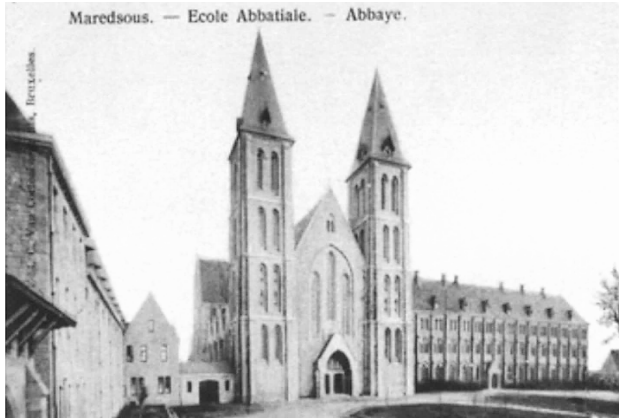


Figura 48 – Abadia de Maredsous, projecto de Jean-Baptiste Béthune (1821-1894), Namur, Bélgica. In **ABBAYE DE MAREDSOUS – Photos Anciennes**. [Em Linha]. Maredsous. [Actual. 2010, Consult. 05.02.2019]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.maredsous.be/index.php?id=1408&L=0> >



Figura 49 - Abadia de Santo André em Loppem, Bruges, Dom Ludgerus Rincklake (arquitecto monge), beneditino em Maria-Laach, c. 1910. In **AGENTSCHAP ONROEREND ERFGOED 2016 - Sint-Andriesabdij Zevenkerken met bijhorende school** [Em Linha]. Bruxelas: Agentschap Onroerend Erfgoed. [Consult. 08.02.2019]. Disponível na Internet: <URL: <https://id.erfgoed.net/erfgoedobjecten/75154>>



Figura 50 - Abadia de Maredsous, projecto de Jean-Baptiste Béthune (1821-1894). In **Maredsous, L'Abbaye (no. 6)** [documento icónico]. Bruxelles: Nels, [c. 1928]. Postal Ilustrado.



Figura 51 – Abbaye bénédictine de Zevenkerken, St-André-lez-Bruges. Coté Est (no. 7) [documento icónico]. Gand-Bruges: Editeur Julien De Clercq, [c. 1913-14]. Postal Ilustrado.



Figura 52 – “St. Benoît d’Encaicat e perto, para monjas [Abadia de Santa Escolástica de] Dourgne”. In Carta da Irmã Maria Alberto a Nuno Teotónio Pereira (18/09/1958) – Vista Aérea da Abadia de São Bento de Encaicat, Dourgne (Tarn), In *Abbaye d’Encaicat, Dourgne (Tarn)* 89/255. [Documento icónico]. [s.l]: Kodak, [s.d.]. Postal Ilustrado.



Figura 53 – “St. Benoît d’Encaicat e perto, para monjas [Abadia de Santa Escolástica de] Dourgne”. In Carta da Irmã Maria Alberto a Nuno Teotónio Pereira (18/09/1958) - Abadia de Santa Escolástica de Dourgne. In *Abbaye de Sainte-Scholastique, Dourgne (Tarn) N° 10. Le Chapitre et L’Abside* [Documento icónico]. Paris: Editions J. David & E. Vallois, [c. 1931]. Postal Ilustrado.



Figura 54 – Mosteiro Feminino de Santa Escolástica de Urt (c. 1888) e em segundo plano Abadia Masculina de Notre Dame de Belloc. In *URT (Pyrénées-Atlantiques). L’Abbaye de Belloc avec au premier plan le Monastère des Bénédictines*. [Documento icónico]. Mâcon: Combiar Imprimeur, [s.d.]. Postal Ilustrado.



Figura 55 – “Coeur Immaculé [de Marie – Notre Dame] de Belloc, Urt (1875) com a casa St. Leon de Pau” In Carta da Irmã Maria Alberto a Nuno Teotónio Pereira (18/09/1958) – Vista Aérea da Abadia de Notre Dame de Belloc In *Abbaye de Belloc, Urt, 64240, Hasparren (...)* – *vue aérienne* [Documento icónico]. Mâcon: Combiar Imprimeur, [c. 1990]. Postal Ilustrado.





Figura 56 – “St. Marie de Tournay (H.tes Pirinées) (antigamente à Madiran)” In Carta da Irmã Maria Alberto a Nuno Teotónio Pereira (18/09/1958) – Vista aérea da Abadia de Tournay. In [Documento icónico]. Mâcon: Combier Imprimeur, [c. 1990]. Postal Ilustrado.



Figura 57 – “St. Paul de Wisques, perto de St. Omer”. In Carta da Irmã Maria Alberto a Nuno Teotónio Pereira (18/09/1958) – In **Couleurs et lumière de France, Abbaye Saint-Paul(...)** Wisques (Pas de Calais) **Façade du Château (...)** [Documento icónico]. Paris: Editions d'art Yvon, [s.d.]. Postal Ilustrado.



Figura 58 – Abadia feminina de Santa Cecília de Solesmes. In **Solesmes (Sathe) – Vue aérienne: Abbaye Ste-Cécile** [Documento icónico]. Mâcon: Combier Imprimeur, [c. 1955]. Postal Ilustrado.



Figura 59 – Abadia masculina de São Pedro, Solesmes. In **2 – L'Abbaye St-Pierre de Solesmes vue du Coteau** [Documento icónico]. [s.l.]: Sablé, [s.d.]. Postal Ilustrado (J. Malicot, phot.).



Figura 60 – “a importantíssima Abadia de Orval” In Carta da Irmã Maria Alberto a Nuno Teotónio Pereira (18/09/1958) – Pátio de Honra e Fachada da Basílica. In *Abbaye N.-D. d’Orval: Cour d’Honneur et façade de la Basilique*. Bruxelles: Nels (Ern. Thill), [c. 1953]. Postal Ilustrado.



Figura 61 – “a importantíssima Abadia de Orval” In Carta da Irmã Maria Alberto a Nuno Teotónio Pereira (18/09/1958) – Entrada da Hospedaria ds Abadia de Orval. In *Abbaye N.-D. d’Orval, L’entrée l’Hôtellerie* [Documento icónico]. Bruxelles: Nels (Ern. Thill), [c. 1953]. Postal Ilustrado.

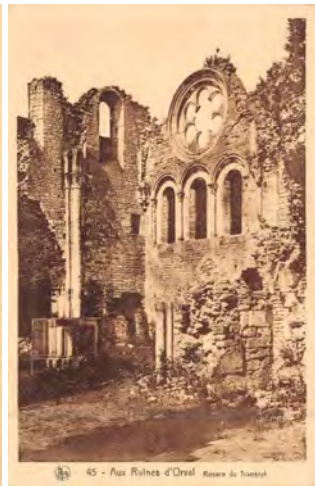


Figura 62 - “a importantíssima Abadia de Orval” In Carta da Irmã Maria Alberto a Nuno Teotónio Pereira (18/09/1958) – Fotografias das Ruínas sobre as quais se edificou o novo mosteiro. In *Abbaye d’Orval Nouvelle Eglise Abbatiale en construction (Aout 1932)*. H. Vaes, Arch. [Documento icónico]. Bruxelles: Nels (Ern. Thill), [s.d.]. Postal Ilustrado; *Abbaye d’Orval, Ancienne salle capitulaire*. [Documento icónico]. [s.l.]: Star, [s.d.]. Postal Ilustrado; *Abbatiale d’Orval, Partie de la grande Nef*. [Documento icónico]. Bruxelles: Nels (Ern. Thill), [s.d.]. Postal Ilustrado; 45 – *Aux Ruines d’Orval, Rosace du Transept*. Virton: Syndicat d’Initiative «la Gaume» (Nels), [s.d.]. Postal Ilustrado.





Figura 63 – “St. Maurice et St. Maur de Clervaux, dito interessante” In Carta da Irmã Maria Alberto a Nuno Teotónio Pereira (18/09/1958) – Abadia de S. Maurício e S. Mauro de Clervaux In [Documento icónico]. Mácon: Combier Imprimeur, [s.d.]. Postal Ilustrado.



Figura 64 - St. Paul d'Oosterhout (De Sint Paulusabdij) In **Abbaye St. Paul, Oosterhout, Cloître, Kloostergang** [Documento icónico]. Rotterdam: Brinio, [s.d.]. Postal Ilustrado. 431/14

Das arquitecturas mencionadas na carta da Irmã Maria Alberto a Nuno Teotónio Pereira, destaca-se “a importantíssima”<sup>203</sup> Abadia de Orval que foi reconstruída, a partir de 1926, quando uma família doou à ordem cisterciense, para restabelecimento da vida monástica, as ruínas de um mosteiro ao qual chegaram monges pela primeira vez em 1070, e que tinha sido fechado em consequência da revolução francesa<sup>204</sup>. Também é relevante mencionar *Solesmes*, que pode referir-se a duas abadias, a feminina, de Santa Cecília, iniciada em 1866<sup>205</sup> num estilo neo-gótico, e a masculina, de São Pedro de Solesmes. A Abadia de São Pedro, sendo um somatório de edifícios de várias épocas onde encontramos grandes arcos quebrados que se sobrepõem a arcos de volta perfeita, acaba por ser acrescentada no século XX com edifícios ecléticos desenhados pelo monge Dom Paul Bellot<sup>206</sup>, nomeadamente o claustro principal.

<sup>203</sup> Carta da Ir. Maria Alberto (18/09/1958) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Correspondência - PT NTP TXT 00172]; vd. cronologia

<sup>204</sup> **Orval: Histoire** [Em Linha]. Orval. [Consult. 2019]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.orval.be/fr/22/Une-longue-histoire> >

<sup>205</sup> Fondation de Sainte-Cécile. In **Abbaye Sainte-Cécile de Solesmes: Historique du monastère** [Em Linha]. Solesmes. [Actual. 2010, Consult. 2019]. Disponível na Internet: <URL: [http://www.saintececiledesolesmes.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=46&Itemid=2](http://www.saintececiledesolesmes.org/index.php?option=com_content&view=article&id=46&Itemid=2) >

<sup>206</sup> **ABBAYE SAINT-PIERRE DE SOLESMES – Buildings**. [Em Linha]. Solesmes. [Consult. 05.02.2019]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.solesmes.com/buildings>>





Figura 65 - Claustro da Abadia de Solesmes.  
In Postal Ilustrado



Figura 66 - Igreja de N. Sra. da Conceição,  
Porto. In Postal Ilustrado

Dom Paul Bellot também realizou obra em Portugal, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição na cidade do Porto (1947)<sup>207</sup>, cuja abóbada em parábola se assemelha aos arcos do claustro de Solesmes.

Esta igreja portuense fez, em 1953, parte do rol das igrejas criticadas na primeira actividade pública do embrionário *Movimento de Renovação da Arte Religiosa*, de que fazia parte Nuno Teotónio Pereira, que viria a ser o arquitecto responsável do Mosteiro de Sassoeiros anos mais tarde. A Exposição de Arquitectura Sacra Contemporânea de 1953<sup>208</sup> abria com a frase “A Arte será tanto mais cristã quanto mais perfeitamente viver as suas obras”, advogando para a Arquitectura Sacra as bem-aventuranças da

---

<sup>207</sup> MARQUES, João Luís Rebelo Ferreira – *A Igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975* [Em Linha]. Porto: 2017. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet < URL: <http://hdl.handle.net/10216/110753>>, p. 704

<sup>208</sup> CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da - *O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX: a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960* [Em linha]. Lisboa: 2014. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet <URL: <http://hdl.handle.net/10400.5/8099>>, p. 155-167

Pureza, Verdade, Pobreza e Paz<sup>209</sup>. Num dos painéis podia ler-se junto à imagem da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, no Porto (1947), “mediocridade | extravagância | afectação | (...) | espírito de riqueza | (...) | superficialidade”<sup>210</sup>. A estas seguia-se uma tradução mais concreta das críticas:

“Isto é fundamentalmente errado. Também aqui se acerta a primazia de certas formas convencionais para dar aos templos «espiritualidade» ou «misticismo». Depois da ogiva, a parábola, ou os fusos apontados para o céu que traduziriam uma atitude de prece. A verdadeira arquitectura não se serve destas receitas de uma simbologia especial, ela procede organicamente a partir das exigências internas da obra.”<sup>211</sup>

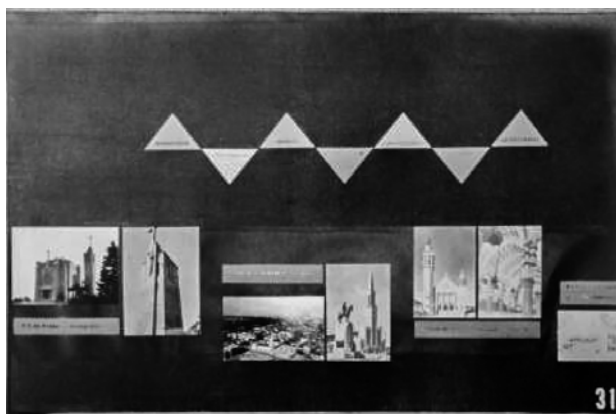


Figura 67 – Painel 31 da Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea (abr.1953). – “3. Igreja de N.a S.ra da Conceição (Porto, 1947) D. Paul Bellot e Rogério de Azevedo” - Acessível em Arquivo MRAR. Cf. CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da - **O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX: a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960** [Em Linha]. Disponível na Internet <URL:<http://hdl.handle.net/10400.5/8099>>, p. 338 (Vol. II)

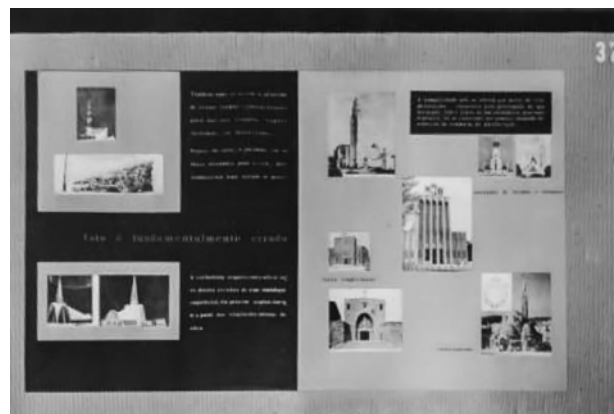


Figura 68 - Painel 32 da Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea (abr.1953). Acessível em Arquivo MRAR. Cf. CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da - **O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX: a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960** [Em Linha]. Disponível na Internet <URL: <http://hdl.handle.net/10400.5/8099>>, p. 338 (Vol. II)

<sup>209</sup> MARQUES, João Luís Rebelo Ferreira – **A Igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975** [Em Linha]. Porto: 2017. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet < URL: <http://hdl.handle.net/10216/110753>>, p. 698

<sup>210</sup> MARQUES, João Luís Rebelo Ferreira – **A Igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975** [Em Linha]. Porto: 2017. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet < URL: <http://hdl.handle.net/10216/110753>>, p. 704

<sup>211</sup> MARQUES, João Luís Rebelo Ferreira – **A Igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975** [Em Linha]. Porto: 2017. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet < URL: <http://hdl.handle.net/10216/110753>>, p. 704

## Atelier de Nuno Teotónio Pereira

O Atelier de Nuno Teotónio Pereira era chamado “a sacristia”<sup>212</sup>, entre os anos 50 e 60 por causa da intensidade do trabalho em projectos de arquitectura religiosa ou em redor desse tema, apesar de, ou a par de, trabalhar também com grande empenho, desde o início na habitação de renda económica ou social em que se destacam os projectos para os Olivais, que começam em 1957. A coexistência destes dois temas não será casual, mas sim justificada pela personalidade de Nuno Teotónio Pereira, “adepto das premissas sociais do «movimento moderno», que temperava com uma humanidade de matriz católica”<sup>213</sup>

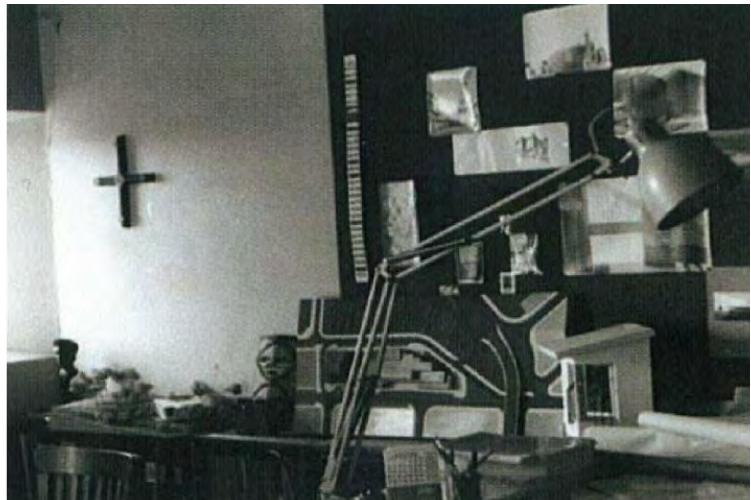


Figura 69 - O atelier de Nuno Teotónio Pereira in OLIVEIRA, Joana – **Políticas de autor ou políticas sociais? : Nuno Portas e o papel do arquitecto em Portugal** [Em Linha]. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013. Dissertação de mestrado. [Consult. 08.02.2019] Disponível na Internet: <<http://hdl.handle.net/10316/24400>>, p. 42

<sup>212</sup> CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da - **O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX: a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960** [Em linha]. Lisboa: 2014. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet <[URL: http://hdl.handle.net/10400.5/8099](http://hdl.handle.net/10400.5/8099)>, Vol. 2, p. 87

<sup>213</sup> TOSTÕES, Ana - **Obra Aberta: entre experimentalismo e contexto, um sentido de escola.** p. 24 In TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279, p. 24

## Contexto Internacional

Num depoimento de 2009, Nuno Portas afirmou que depois de se juntar a Nuno Teotónio Pereira no Atelier, “mentalmente achava” que era necessário “trocar o Le Corbusier pelo Wright” e “cortar com o racionalismo”, apesar de o primeiro corte ter acontecido antes da sua entrada, no projecto da “igreja de Águas que era fortemente vernacular”<sup>214</sup>. A mudança de referências estava directamente ligada à entrada de colaboradores de gerações sucessivas no atelier. À geração de Nuno Teotónio, formada nos anos 40, juntou-se a de Nuno Portas, formada nos anos 50 e mais tarde a de Pedro Botelho, já formada nos 60. Estas décadas de diferença “correspondiam, noutros países a outras tantas correntes do moderno - o Team X e o neo-realismo, o pós-moderno e o neo-moderno”. Nuno Portas refere-se à mudança que pretendia como uma “espécie de aggiornamento da modernidade”<sup>215</sup>.

O testemunho de Pedro Botelho confirma que “o que aconteceu quando o Nuno Portas entrou no atelier foi que o arquitecto [referência] mais importante, que era o Corbusier, passou a ser o Frank Lloyd Wright”<sup>216</sup>. Estas duas personagens chave do movimento moderno, representam também duas abordagens<sup>217</sup>.

Nuno Teotónio Pereira escreveu que o “jovem e feroso Nuno Portas” que se juntou ao atelier em 1957, supria a “insuficiência” na concretização da forma dos projectos, a partir da sua capacidade criativa e da sua “informação de ponta, sempre actualizada”<sup>218</sup>. O próprio Portas, encontra na entrada de

---

<sup>214</sup> CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da - **O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX: a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960** [Em linha]. Lisboa: 2014. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet <URL: <http://hdl.handle.net/10400.5/8099>>. Vol. 2. p. 87

<sup>215</sup> PORTAS, Nuno – **Atelier Nuno Teotónio Pereira. Um testemunho, também pessoal. Anos de 1957 a 1974**. In TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – **Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira**. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279, p. 52

<sup>216</sup> Apêndices: Segunda Conversa com Pedro Botelho.

<sup>217</sup> Ver também sobre o tema:

FRANÇA, José-Augusto – **História da arte ocidental: 1780-1980**. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.

ROTH, Leland M. – **Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 1999. p. 501-528

FRAMPTON, Kenneth - **Modern architecture: a critical history**. 3ª edição. London: Thames and Hudson, 1994. ISBN: 0500202575

COLQUHOUN, Alan - **Modern architecture**. Oxford: Oxford University Press, 2002. ISBN: 9780192842268

PEVSNER, Nikolaus; MACHADO, Luiz Raul (tradutor) - **Origens da arquitectura moderna e do design**. São Paulo : Martins Fontes, 1996

<sup>218</sup> PEREIRA, Nuno Teotónio – **Um testemunho pessoal** In TOSTÕES, Ana (coord.), AFONSO, João, BANDEIRINHA, José 47António, LOPES, Diogo Seixas, PEREIRA, Nuno Teotónio, PORTAS, Nuno [et al.] – **Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira**. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 972-589-127-9, p. 46

colaboradores que desenvolviam também trabalho teórico e crítico, razão, senão de rupturas, de complicação que se reflectia na linguagem dos espaços. Refere que o atelier foi mantendo a sua base no “funcional”<sup>219</sup> de Corbu e dos CIAM, que Nuno Teotónio reconheceu como seu “entusiasmo juvenil”<sup>220</sup>. De facto, em 1944, Nuno Teotónio Pereira (com Costa Martins) traduziu a Carta de Atenas<sup>221</sup> que foi redigida por Le Corbusier em 1943 como sùmula da doutrina urbana dos Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna (CIAM), a partir das actas do seu encontro de 1933<sup>222</sup>. No entanto aos poucos, o trabalho do atelier foi removendo ao moderno os seus aspectos de “vulgata” cristalizada, a sua rigidez formal, a desvalorização da pré-existência, “a crença ingénua, ideológica, no homem novo”<sup>223</sup>.

Partimos então da ideia de que o atelier de Nuno Teotónio Pereira se fundava em Le Corbusier (1887-1966). Este arquitecto nascido na Suíça, depois de estudar artes na sua cidade natal, começou a colaborar no atelier do Arquitecto Auguste Perret, em Paris, cujo trabalho foi pioneiro na utilização do betão armado<sup>224</sup>, e depois no atelier de Peter Behrens em Berlim, que havia feito “elevar a categoria do edifício fabril ao reino da arquitectura”<sup>225</sup>, com o projecto para a fábrica de turbinas da AEG (1908-1909). Uma viagem pelos Balcãs, Turquia e Grécia deixou-o “cativado pela nitidez e dureza das formas à luz brilhante mediterrânea”<sup>226</sup>. Com o Poeta Paul Dermée publicou a revista “L’Esprit Nouveau” (1920-1925), e os seus artigos aí publicados vieram a dar origem a Vers une Architecture (1929). Nesta obra escrita na forma de um manifesto, Le Corbusier usava palavras duras para descrever os arquitectos que

---

<sup>219</sup> PORTAS, Nuno – **Atelier Nuno Teotónio Pereira. Um testemunho, também pessoal. Anos de 1957 a 1974.** In TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. 1ª ed. Lisboa: Químera, 2004. ISBN 9725891279, p. 52

<sup>220</sup> PEREIRA, Nuno Teotónio – **Um testemunho pessoal** In TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. 1ª ed. Lisboa: Químera, 2004. ISBN 9725891279, p. 46;

<sup>221</sup> TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – **Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira**. 1ª ed. Lisboa: Químera, 2004. p. 288

<sup>222</sup> COLQUHOUN, Alan - **Modern architecture**. Oxford: Oxford University Press, 2002. ISBN: 9780192842268. p.217-218

<sup>223</sup> PORTAS, Nuno – **Atelier Nuno Teotónio Pereira. Um testemunho, também pessoal. Anos de 1957 a 1974.** In TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. 1ª ed. Lisboa: Químera, 2004. ISBN 9725891279, p. 52

<sup>224</sup> ROTH, Leland M. – **Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 1999. p. 515

<sup>225</sup> ROTH, Leland M. – **Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 1999. p 507

<sup>226</sup> ROTH, Leland M. – **Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 1999. p 516

vinham das *écoles* para as cidades “com o espírito de um leiteiro que venderia o seu leite com vitriol, com veneno”<sup>227</sup> e que “nunca adquiriram a noção de massas primárias”<sup>228</sup>.

Por outro lado, Le Corbusier elogiava o trabalho dos engenheiros, louvando as formas belas que eles alcançavam utilizando volumes primários “não buscando uma ideia arquitectónica, mas simplesmente guiados pelos resultados do cálculo”. Le Corbusier afirma que os engenheiros “provocam em nós emoções arquitectónicas” e “esmagam com os seus cálculos a nossa arquitectura moribunda”<sup>229</sup>, mas que ainda assim existe “esta coisa chamada arquitectura, a mais admirável coisa, a mais amável de todas”<sup>230</sup>, garantindo um lugar para os arquitectos que assegurariam que a arquitectura é questão de “emoção plástica” e que disporiam os seus elementos de modo a (co)mover os sentidos à primeira vista. Avançando na sua ideia, Le Corbusier foca-se na habitação como um problema por resolver e cita o exemplo dos paquetes, aviões e automóveis para afirmar que a casa deveria ser “uma máquina para habitar”<sup>231</sup>, fruto da vida moderna, de uma boa enunciação do problema e de uma selecção que permitisse à indústria estabelecer standards. A casa – máquina para habitar – foi tipificada na *Maison Citrohan* (1920-1922) em que até o próprio nome pretendia aproximar a casa com um automóvel *Citroën*, pela standardização, baixo custo e simplicidade. A grande necessidade de habitação após a primeira guerra mundial levava ainda à apresentação da *Cidade contemporânea para três milhões de habitantes*.

Em 1926 Le Corbusier publicou com Pierre Jeanneret o artigo *Cinco pontos para uma nova arquitectura*, um novo manifesto corporizado na construção da *Villa Savoye* (1928-1931)<sup>232</sup>. Os cinco pontos que apresentava eram: pilotis, que elevam a casa do solo, cobertura ajardinada, planta livre, conseguida com recurso a um esqueleto de betão armado, janela corrida e fachada livre<sup>233</sup>. O pensamento urbano que Le Corbusier aplicou em projectos utópicos como *Cidade contemporânea para três milhões de habitantes* (1922) ou

---

<sup>227</sup> LE CORBUSIER – *Collection de “l’Esprit nouveau” - Vers Une Architecture: Nouvelle édition revue et augmentée*. 2<sup>e</sup> ed. Paris: Les Éditions G. Crès et Cie, 1925. Disponível na Internet: <URL: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9600362d>>. p. 7

<sup>228</sup> LE CORBUSIER - *Towards a New Architecture*. Trad. por Frederick Etchells. London: Architectural Press, 1946. p. 33

<sup>229</sup> LE CORBUSIER - *Towards a New Architecture*. Trad. por Frederick Etchells. London: Architectural Press, 1946. p. 33

<sup>230</sup> LE CORBUSIER - *Towards a New Architecture*. Trad. por Frederick Etchells. London: Architectural Press, 1946. p. 19

<sup>231</sup> LE CORBUSIER - *Towards a New Architecture*. Trad. por Frederick Etchells. London: Architectural Press, 1946. p. 89

<sup>232</sup> ROTH, Leland M. – *Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 1999. p. 517

<sup>233</sup> COLQUHOUN, Alan - *Modern architecture*. Oxford: Oxford University Press, 2002. ISBN: 9780192842268. p. 146

não construídos, como o plano do Rio de Janeiro (1929) e Argel (1932-1942)<sup>234</sup>, partilhada com os CIAM (Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna), foi consagrada na Carta de Atenas que Le Corbusier redigiu em 1943, a partir do CIAM de 1933<sup>235</sup>.

Apesar de representar, para o atelier de Nuno Teotónio Pereira uma evolução, uma revisão de percurso, a arquitectura de Frank Lloyd Wright (1869-1959)<sup>236</sup> não é necessariamente posterior, Wright até era mais velho que Le Corbusier. A arquitectura mudava na Europa e nos Estados Unidos da América, não exactamente ao mesmo compasso.

Os anos de 1880 e 1890 foram para a cidade de Chicago de grande crescimento imobiliário, que se seguiu a um incêndio em 1871. As condições criadas pela tecnologia permitiam construir até alturas inéditas, com recurso a estruturas metálicas e com o auxílio dos elevadores. O resultado eram edifícios de grande altura e tecnologia moderna, cujos revestimentos criavam fachadas clássicas. Um dos arquitectos mais relevantes da *Escola de Chicago* foi Louis Sullivan, cujas obras “dependem em maior ou menor medida da ornamentação” e cujos escritos “se referem ao ornamento como um prolongamento da estrutura”<sup>237</sup>. Sob a sua liderança um grupo muito unido de estudantes “continuava a projectar casas segundo a tradição organicista” entre 1896 e 1917. Este grupo é apelidado de “Escola da Pradaria” e teve como importante membro Frank Loyd Wright cujas casas são compostas de elementos abstractos que compõem um “sistema de planos que se intersectam ou sobrepõem”, ou de “volumes simples que se entrelaçam e relacionam livremente entre si de modo que se assemelha à tradição arts and crafts”<sup>238</sup>. Isto gerava “entrelaçamento de espaços, criando o que se descreveu como espaços fluidos” para cujo desenvolvimento Wright se inspirou na arquitectura japonesa. A intersecção dos espaços era por vezes realizada com recurso a ângulos de 45, 30 ou 60 graus, e não somente ao angulo recto. A ausência de compartimentação das *prairie houses* teve influência notória na arquitectura europeia, por exemplo no Pavilhão Alemão para a Exposição de Barcelona<sup>239</sup>. As cornijas baixas destas casas comprimem a

---

<sup>234</sup> COLQUHOUN, Alan - **Modern architecture**. Oxford: Oxford University Press, 2002. ISBN: 9780192842268. p. 209

<sup>235</sup> COLQUHOUN, Alan - **Modern architecture**. Oxford: Oxford University Press, 2002. ISBN: 9780192842268. p. 217-218

<sup>236</sup> ROTH, Leland M. – **Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 1999. p. 505

<sup>237</sup> COLQUHOUN, Alan - **Modern architecture**. Oxford: Oxford University Press, 2002. ISBN: 9780192842268. p. 42

<sup>238</sup> ROTH, Leland M. – **Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 1999. p. 51

<sup>239</sup> ROTH, Leland M. – **Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 1999. p. 51

dimensão vertical, provocando a sensação primitiva de uma caverna<sup>240</sup>. As linhas das *prairie houses* eram assim predominantemente horizontais, caracterizadas também por suaves pendentes nas coberturas e por proporções alongadas<sup>241</sup>.

A obra de Wright publicada na Europa, impressionou os arquitectos europeus. Enquanto estes procuravam “libertar-se das formas tradicionais”, Wright apresentava uma arquitectura primitivista, regionalista e antimetropolitana<sup>242</sup>, o que parece corresponder à ideia de que a sua arquitectura se fundava na filosofia de Morris<sup>243</sup>.

---

<sup>240</sup> ROTH, Leland M. – **Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 1999. p. 53

<sup>241</sup> ROTH, Leland M. – **Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado**. **Barcelona**: Editorial Gustavo Gili, SA, 1999. p. 505

<sup>242</sup> COLQUHOUN, Alan - **Modern architecture**. Oxford: Oxford University Press, 2002. ISBN: 9780192842268. p. 55

<sup>243</sup> ROTH, Leland M. – **Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 1999. p. 505



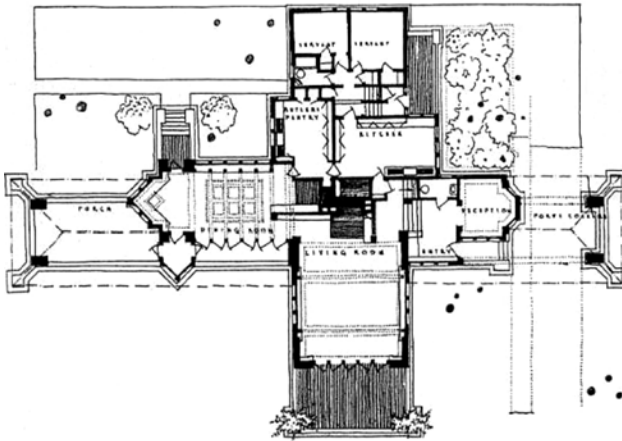
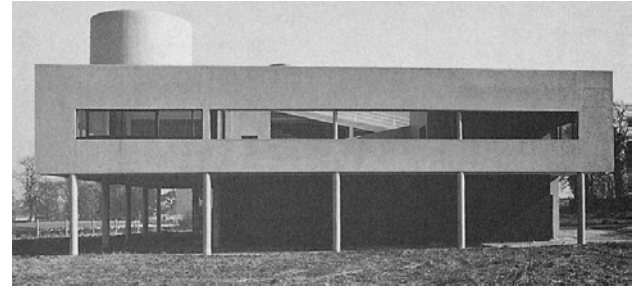
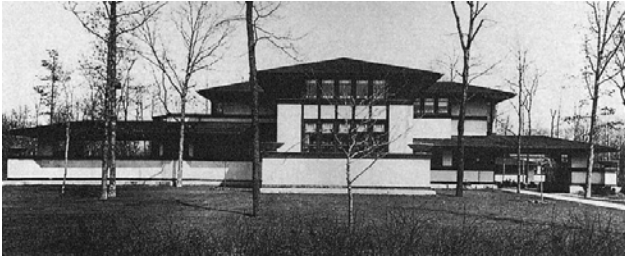


Figura 70 – Fotografia da casa Willits, Highland Park (Illinois), 1900-1902, de Frank Lloyd Wright. In ROTH, Leland M. – **Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 1999. p. 504;

Planta da casa Willits, Highland Park (Illinois), 1900-1902, de Frank Lloyd Wright. In COLQUHOUN, Alan - **Modern architecture**. Oxford: Oxford University Press, 2002.. p. 52

Figura 71 - Fotografia e Planta da *Villa Savoye* (1928-1931) de Le Corbusier. In ROTH, Leland M. – **Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 1999. p. 521

## Contexto Português<sup>244</sup>

Nuno Teotónio Pereira fundou o seu primeiro atelier em 1949<sup>245</sup>, já depois de ter realizado alguns projectos noutros contextos. O panorama da arquitectura portuguesa nessa já decorrida primeira metade de século poderá ser resumido em três fases: a primeira, até ao início dos anos 20, um prolongamento do século XIX, com arquitecturas eclécticas e revivalistas; os anos 20 e 30, em que surgiram no país fiéis seguidores dos melhores exemplos internacionais da arquitectura moderna; os anos 40 e 50, em que, devido à influência do regime, se preferiu uma arquitectura que veio a ser apelidada de *português suave*.

A primeira fase, foi marcada, segundo José-Augusto França, por “um colorido especialmente tradicionalista, neoromânico e ainda neomanuelino, ou marcado pela fórmula incerta da «casa portuguesa», produto do fim de século nacionalista”<sup>246</sup>. Pedro Vieira de Almeida e José Manuel Fernandes definem o período de 1900-1927, marcando o seu início com: o despertar do proletariado que habitava “grandes núcleos de habitação degradada” e se organizava em sindicatos e movimentos grevistas; o nascimento da *Sociedade dos Arquitectos Portugueses* que significava uma nova consciência profissional e a necessidade de afirmação e dignificação da profissão; a publicação da revista *A construção moderna*, a primeira revista dedicada exclusivamente à arquitectura; a construção da Casa Ricardo Severo, símbolo da discussão em torno da casa portuguesa e do nacionalismo na arquitectura; o projecto do elevador de Santa Justa, exemplo da arquitectura metálica, no caso, com decorações góticas; o túmulo dos viscondes

---

<sup>244</sup> Ver sobre o tema:

FRANÇA, José-Augusto – **História da arte ocidental: 1780-1980**. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.

FRANÇA, José-Augusto – **A arte e a sociedade portuguesa no século XX (1910 a 1980)**. 2ª ed. Lisboa : Livros Horizonte, 1980

FRANÇA, José-Augusto – **A arte em Portugal no século XX: (1911-1961)**. Venda Nova: Bertrand Editora, 1991. ISBN: 9722500457

ALMEIDA, Pedro Vieira, FERNANDES, J. Manuel - **História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna**. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14

TOSTÕES, Ana – **Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50**. 2ª ed. Porto: FAUP, 1997. ISBN 9729483302

TOSTÕES, Ana – Ciclo de Conferências: Moderna Arquitectura Portuguesa (Março de 2019, Centro Cultural de Belém)

TOSTÕES, Ana – A idade maior: cultura e tecnologia na arquitectura moderna portuguesa. Porto: FAUP, 2015. ISBN: 9789898527042

<sup>245</sup> TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – **Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira**. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. p. 290

<sup>246</sup> FRANÇA, José-Augusto, **O modernismo na arte portuguesa**. 3ª ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação, 1991, p.61. Cit. por CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da - O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX: a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960 [Em linha]. Lisboa: 2014. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet <URL: <http://hdl.handle.net/10400.5/8099>>. Vol. 1. p. 27

de Valmor, com desenho neo-românico de Álvaro Machado; e a Exposição Universal de Paris de 1900<sup>247</sup>. A realização de um concurso de projectos para a arquitectura que representaria Portugal nessa exposição, fez dela um factor determinante na definição da arquitectura portuguesa do início do século. Os dois projectos que se destacaram foram o de Ventura Terra e o de Raul Lino, que constituem “pontos de referência imprescindíveis para hoje compreender o que a seguir a eles” se passou na arquitectura portuguesa. Enquanto Ventura Terra (1866-1919), que tinha estudado em França, apresentou um projecto de grande influência francesa, *beaux-artiana* da época, de linha “progressista”, Raul Lino (1879-1974), que havia estudado em Inglaterra e na Alemanha apresentou um projecto com “uma linguagem explicitamente vinculada a valores nacionais”<sup>248</sup>, numa abordagem “culturalista”<sup>249</sup>. Para compreender melhor este panorama será necessário completá-lo com a figura anterior de José Luís Monteiro, nascido em 1848, que foi, em 1878, o primeiro português formado pela *École des Beaux-Arts de Paris*<sup>250</sup>. Formou arquitectos até 1928 na Escola de Belas Artes de Lisboa, de onde se destacam nomes como Manuel Norte Júnior, Álvaro Machado, Leonel Gaia e Tertuliano Lacerda Marques<sup>251</sup>, ao contrário de Ventura Terra e Raul Lino que “curiosamente” não foram seus alunos<sup>252</sup>. Pela mudança que provocou na Escola de Lisboa, é considerado o ponto de viragem entre paradigmas na transição do século XIX para o século XX<sup>253</sup>. Um caso exemplar do eclectismo da sua obra, também “complacente perante as exigências dos clientes, muitas vezes limitadoras da realização de uma obra mais (...) pessoal e coerente”<sup>254</sup>, é a justaposição de dois edifícios projectados pelo mesmo autor em estilos marcadamente diferentes, a estação do Rossio cujo programa exigia uma linguagem neo-manuelina e o Hotel Internacional (Avenida Palace), que “liberto das exigências de usar um estilo” José Luís Monteiro desenha em “linguagem classicizante”<sup>255</sup>. Apesar disto, pela influência francesa, José Luís Monteiro introduz as estruturas em ferro

---

<sup>247</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - *História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna*. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 9-20

<sup>248</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - *História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna*. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 21

<sup>249</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - *História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna*. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 73

<sup>250</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - *História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna*. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 25

<sup>251</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - *História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna*. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 33

<sup>252</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - *História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna*. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 32

<sup>253</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - *História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna*. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 26

<sup>254</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - *História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna*. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 29

<sup>255</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - *História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna*. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 25

“com o seu valor plástico autónomo, não maquilhado”, por exemplo na mesma estação de comboios do Rossio<sup>256</sup>, destacando-se como precursor da modernidade.

A data de mudança seguinte, apontada por Pedro Vieira de Almeida e José Manuel Fernandes, é 1927, em que se forma a “geração do compromisso, como lhe chamava o próprio Carlos Ramos (1897-1969), que dela fez parte”. Esta geração introduziu uma sintaxe modernista em Portugal e trabalhou num “significativo período” do Estado Novo<sup>257</sup>. José-Augusto França, aponta os anos 20 e 30 do século XX, em que surgem as primeiras rupturas estilísticas ainda marcadas por decoração, Carlos Ramos na Rua do Ouro n° 242, Jorge Segurado na sede da Carris, na Rampa de Santos, e Pardal Monteiro, prémio Valmor com o n° 49 numa Av. da República marcada por um “gosto Norte Júnior”<sup>258</sup>. Em 1925 foi Cristino da Silva (1896-1976) quem terá dado ao país “uma primeira notícia de modernismo” com o Cinema Capitólio, de “inovada linha, original e arriscada”. Em 1927-1935, o novo Instituto Superior Técnico, iniciativa do seu director Duarte Pacheco e projecto de Pardal Monteiro, “estabelece uma acrópole, encadeando-se para a entrada principal, a poente, e relacionando as suas massas racionalistas, com perfis rectilíneos sob coberturas de terraço, nas possibilidades ainda então em Portugal inexploradas da técnica do cimento armado”<sup>259</sup>. Ainda nos anos 20, Carlos Ramos foi autor de planos de conjunto do Hospital de Oncologia, em Sete Rios e do respectivo *Pavilhão do Rádio* (c. 1928), uma obra “racionalista, lembrada de Gropius”<sup>260</sup>.

Pardal Monteiro (1897-1957) e Cassiano Branco (1898-1970), terão feito percursos marcadamente modernos. Na década de 30 destacam-se as gares marítimas de Lisboa (1934-1942 e 1936-1945) de Pardal Monteiro com “dignidade moderna de boa estrutura”<sup>261</sup> e o Hotel Vitória (1934-1936), “o mais original

---

<sup>256</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - *História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna*. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 32

<sup>257</sup> ALMEIDA, P. V. e FERNANDES, J. M. - *História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna*. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 112

<sup>258</sup> FRANÇA, José-Augusto - *O Modernismo (Século XX)*. Lisboa: Presença, 2004 In FRANÇA, José-Augusto [et al.] - *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Presença, 2001-2004. Vol. 6. p. 44

<sup>259</sup> FRANÇA, José-Augusto - *O Modernismo (Século XX)*. Lisboa: Presença, 2004 In FRANÇA, José-Augusto [et al.] - *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Presença, 2001-2004. Vol. 6. p. 45

<sup>260</sup> FRANÇA, José-Augusto - *O Modernismo (Século XX)*. Lisboa: Presença, 2004 In FRANÇA, José-Augusto [et al.] - *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Presença, 2001-2004. Vol. 6. p. 45

<sup>261</sup> FRANÇA, José-Augusto - *O Modernismo (Século XX)*. Lisboa: Presença, 2004 In FRANÇA, José-Augusto [et al.] - *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Presença, 2001-2004. Vol. 6. p. 90

hotel de lisboa”, “assimétrico voluntariamente”, definido por “superfícies planas e sacadas rotundas”<sup>262</sup>. Em ambas as obras há também edifícios marcados pelo art déco, por exemplo a Caixa Geral de Depósitos (1925), no Porto, e a estação do Cais do Sodré (1928) de Pardal Monteiro<sup>263</sup>, ou o Éden Teatro (1930-1937) de Cassiano, com uma sala “com decorações de gosto *art déco* evoluído”<sup>264</sup>.

As figuras de Cristino e Ramos ficariam associadas porque Cristino foi nomeado professor da escola de Belas-Artes de Lisboa, vencendo Ramos em concurso. Carlos Ramos acabou por fazer carreira como professor e director da Escola do Porto, mas antes, em 1930, “propôs um projecto racionalista para o Liceu D. Filipa de Lencastre”, em Lisboa. Ainda na senda funcionalista do Cinema Capitólio, Cristino projectou os liceus de Beja e Coimbra (não construído), mas “a caminho da exposição de Belém”, de 1940, o estilo do seu projecto para o Areiro (1938-1943), mostra uma “involução historicista”, inspirando-se na arquitectura “lusio-espanhola” dos séculos XVI-XVII, tal como depois em prédios entre a Av. António Augusto Aguiar e o Parque Eduardo VII<sup>265</sup>. Esta “arquitectura do regime”, “pseudomonumental”<sup>266</sup> que “todos os arquitectos seguiam”<sup>267</sup> foi apelidada pela critica de “português suave”<sup>268</sup>. Também as teses da “Casa Portuguesa” de Raul Lino, expressas na sua obra escrita e construída, foram “apropriadas” para bairros sociais de falsa “ruralidade”. No entanto, foi uma “assimilação distorcida que não contemplou a leitura organicista e programática que Lino defendera em termos do habitat”, focando-se na forma da casa “portuguesa”<sup>269</sup>. Seria esta uma outra fase da primeira metade do séc. XX português.

---

<sup>262</sup> FRANÇA, José-Augusto - **O Modernismo (Século XX)**. Lisboa: Presença, 2004 In FRANÇA, José-Augusto [et al.] - História da Arte em Portugal. Lisboa: Presença, 2001-2004. Vol. 6. p. 91-92

<sup>263</sup> FRANÇA, José-Augusto - **O Modernismo (Século XX)**. Lisboa: Presença, 2004 In FRANÇA, José-Augusto [et al.] - História da Arte em Portugal. Lisboa: Presença, 2001-2004. Vol. 6. p. 44

<sup>264</sup> FRANÇA, José-Augusto - **O Modernismo (Século XX)**. Lisboa: Presença, 2004 In FRANÇA, José-Augusto [et al.] - História da Arte em Portugal. Lisboa: Presença, 2001-2004. Vol. 6. p. 91

<sup>265</sup> FRANÇA, José-Augusto - **O Modernismo (Século XX)**. Lisboa: Presença, 2004 In FRANÇA, José-Augusto [et al.] - História da Arte em Portugal. Lisboa: Presença, 2001-2004. Vol. 6. p. 87

<sup>266</sup> PEREIRA, Paulo – **Arte Portuguesa: História Essencial**. Lisboa: Temas e Debates, 2011. ISBN 9789896441531. p. 814

<sup>267</sup> FRANÇA, José-Augusto - **O Modernismo (Século XX)**. Lisboa: Presença, 2004 In FRANÇA, José-Augusto [et al.] - História da Arte em Portugal. Lisboa: Presença, 2001-2004. Vol. 6. p. 95

<sup>268</sup> PEREIRA, Paulo – **Arte Portuguesa: História Essencial**. Lisboa: Temas e Debates, 2011. ISBN 9789896441531. p. 814

<sup>269</sup> PEREIRA, Paulo – **Arte Portuguesa: História Essencial**. Lisboa: Temas e Debates, 2011. ISBN 9789896441531. p. 816

Em 1940, aconteceu a exposição do Mundo Português que foi o culminar da “imagem convenientemente moderna, ou melhor, modernista”, construída por António Ferro (1895-1956), para o “regime dominado por um ideário retrógrado, integralista e ruralista”<sup>270</sup>. Cotinelli Telmo, “versátil arquitecto”, foi o escolhido para coordenar a construção da exposição, mas, os arquitectos por ele chamados, provinham de “origens e confissões estéticas disciplinares diversas, incluindo os arquitectos da renovação modernista dos anos 20 e 30 (...) mas incluindo também alguns arquitectos da mais nova geração” (Cristino da Silva, Pardal Monteiro, Rodrigues Lima, Carlos Ramos, Jorge Segurado, Veloso Reis Camelo, João Simões, Cassiano Branco, Keil do Amaral, Gonçalo de Mello Breyner, Antonio Lino, José Basto e Vasco Regaleira). Apesar de ser já o ano de 1940, “o historicismo imperava formalmente na exposição, numa arquitectura que conjugava o modernismo domesticado”<sup>271</sup>.

### O congresso e a nova arquitectura

Após a II Guerra Mundial surgiram as novas propostas do Movimento Moderno<sup>272</sup>. Jovens arquitectos do ICAT (Iniciativas Culturais Arte e Técnica) com a influência de Keil do Amaral fizeram reaparecer a revista *Arquitectura* em 1946 - depois de ter sido publicada entre 1927 e 1938 – que veio a desempenhar um papel importante. No Porto uma organização semelhante ao ICAT, a Organização dos Arquitectos Modernos (ODAM) de que fizeram parte Fernando Távora, Viana de Lima, João Andresen<sup>273</sup>. Na revista *Arquitectura* Keil escreveu, por exemplo sobre a profissão do arquitecto e sobre a ideia de um inquérito à arquitectura popular o que em conjunto com a publicação da Carta de Atenas provocava “uma nova situação junto da mais nova geração de arquitectos” que se concretizou no congresso do Sindicato Nacional dos Arquitectos em 1948. Neste congresso se concluiu a urgência de reformar o ensino e a necessidade de fazer urbanismo moderno. Dele resultaram ainda o inquérito

---

<sup>270</sup> PEREIRA, Paulo – **Arte Portuguesa: História Essencial**. Lisboa: Temas e Debates, 2011. ISBN 9789896441531. p. 806

<sup>271</sup> PEREIRA, Paulo – **Arte Portuguesa: História Essencial**. Lisboa: Temas e Debates, 2011. ISBN 9789896441531. p. 811

<sup>272</sup> PEREIRA, Paulo – **Arte Portuguesa: História Essencial**. Lisboa: Temas e Debates, 2011. ISBN 9789896441531. p. 820

<sup>273</sup> FRANÇA, José-Augusto - **O Modernismo (Século XX)**. Lisboa: Presença, 2004 In FRANÇA, José-Augusto [et al.] - *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Presença, 2001-2004. Vol. 6. p. 103

“sugerido nas críticas feitas às práticas e ilusões correntes, à arquitectura regional” (1955-1960) e a eleição, para presidente do sindicato, de Keil do Amaral<sup>274</sup>.

### Regionalismo Crítico – Inquérito à Arquitectura Regional

Em 1956 começou o trabalho de campo do Inquérito à Arquitectura Regional que Keil defendera como um trabalho que poderia “constituir uma pedra angular na renovação da nossa arquitectura”. O arranque, apesar de tardio só foi possível com a concessão de um subsídio pelo Ministério das obras Públicas<sup>275</sup>. Em 1958, foi apresentada no Sindicato dos Arquitectos a Salazar, a maquete base para a publicação. As conclusões apresentadas afirmavam não existir uma arquitectura portuguesa, mas sim tantas tradições quanto regiões cuja arquitectura tem forte ligação a factores geográficos, climáticos económicos e sociais<sup>276</sup>. O inquérito foi publicado apenas em 1961, com um novo nome *Arquitectura Popular em Portugal*, propondo “uma aproximação da arquitectura à paisagem, ao lugar, às formas de povoamento e às formas de vida”, contribuindo para o repensar de uma linguagem arquitectónica culturalista entre o movimento moderno e o contexto real, actual e local<sup>277</sup>. Este trabalho constituiu uma escola para os arquitectos de 50, 60 e 70, não se centrando unicamente na forma, mas também na “lógica interna, organização, implantação, inter-relacionamento e distribuição local e regional dos objectos arquitectónicos”<sup>278</sup>.

---

<sup>274</sup> FRANÇA, José-Augusto - **O Modernismo (Século XX)**. Lisboa: Presença, 2004 In FRANÇA, José-Augusto [et al.] - História da Arte em Portugal. Lisboa: Presença, 2001-2004. Vol. 6. p. 102

<sup>275</sup> TOSTÕES, Ana – **Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50**. 2ª ed. Porto: FAUP, 1997. ISBN 9729483302. p. 159

<sup>276</sup> TOSTÕES, Ana – **Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50**. 2ª ed. Porto: FAUP, 1997. ISBN 9729483302. p. 161

<sup>277</sup> TOSTÕES, Ana – **Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50**. 2ª ed. Porto: FAUP, 1997. ISBN 9729483302. p. 164

<sup>278</sup> PEREIRA, Paulo – **Arte Portuguesa: História Essencial**. Lisboa: Temas e Debates, 2011. ISBN 9789896441531. p. 821

## MRAR

No início dos anos 50, Nuno Teotónio Pereira, que já tinha iniciado o projecto da igreja de Águas (1949-1957) assim como havia criticado<sup>279</sup> a “falta de autenticidade” da arquitectura religiosa contemporânea portuguesa, tomou conhecimento do projecto para a nova igreja de Alvalade, de Vasco Regaleira<sup>280</sup>. Constatando o carácter medievalizante do projecto, mobilizou um grupo de colegas para organizar a contestação ao projecto. Foram dissuadidos de protestar pelo cardeal patriarca, no entanto, a igreja acabou por ser construída numa linguagem muito simplificada, alegadamente por razões orçamentais<sup>281</sup>.

Ao grupo de arquitectos e estudantes de arquitectura católicos juntou-se João de Almeida que tinha passado três anos a estudar arte e arquitectura em França e na Alemanha sob orientação dos Padres Marie-Alain Couturier e Pie-Raymond Régamey que dirigiam a revista *L'Art Sacré*. Por isso, João de Almeida trazia a experiência directa e numerosas imagens do trabalho de arquitectos como Auguste Perret, Hermann Baur, com quem trabalhou, Fritz Metzger, Erns Gisel e Rudolf Schwarz, protagonistas da nova arquitectura religiosa na Europa Central<sup>282</sup>.

Em 1953, este pequeno e ainda não oficial grupo decidiu organizar uma exposição para partilhar as suas ideias sobre arquitectura religiosa contemporânea e para mostrar o trabalho que estava a ser feito fora de Portugal. Decidiram usar uma linguagem “dura e contundente”, quase sob a forma de um manifesto iniciado com as bem-aventuranças bíblicas “Pureza, Verdade, Pobreza, Paz” que estavam na

---

<sup>279</sup> PEREIRA, N. Teotónio - A Arquitectura Cristã Contemporânea. *Ala*, Ano V, n.º67 (31.jan.1947). p. 2. Cit. por CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da - **O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX: a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960** [Em linha]. Lisboa : 2014. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet <URL: <http://hdl.handle.net/10400.5/8099>>, p. 149 (Vol. I)

<sup>280</sup> CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da - **O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX: a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960** [Em linha]. Lisboa : 2014. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet <URL: <http://hdl.handle.net/10400.5/8099>>, p. 151 (Vol. I)

<sup>281</sup> CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da - **O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX: a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960** [Em linha]. Lisboa : 2014. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet <URL: <http://hdl.handle.net/10400.5/8099>>, p. 153 (Vol. I)

<sup>282</sup> CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da - **O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX: a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960** [Em linha]. Lisboa : 2014. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet <URL: <http://hdl.handle.net/10400.5/8099>>, p. 153-155 (Vol. I)



base da análise, em contraponto a superficialidade, falsidade, extravagância, desorientação e outras críticas<sup>283</sup>.

Em 1954 este grupo passou a denominar-se Movimento de Renovação da Arte Religiosa e em 1955 Nuno Teotónio Pereira tornou-se o seu primeiro presidente<sup>284</sup>. O MRAR manteve reuniões de estudo e apresentação e debate de projectos, encontros de formação, exposições, conferências, publicações e outros acontecimentos que relacionavam arte, arquitectura e Igreja, até à suspensão das suas actividades em 1969.

---

<sup>283</sup> CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da - **O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX: a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960** [Em linha]. Lisboa : 2014. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet <URL: <http://hdl.handle.net/10400.5/8099>>, p. 156 (Vol. I)

<sup>284</sup> CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da - **O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX: a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960** [Em linha]. Lisboa : 2014. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet <URL: <http://hdl.handle.net/10400.5/8099>>, p. 178 (Vol. I)



## 2. Processo de Projecto (um filme produzido por Nuno Teotónio Pereira)

Por processo, entende-se o caminho que conduziu à concretização do projecto no edifício hoje existente, documentado no arquivo de Nuno Teotónio Pereira e noutros, em desenhos dos vários arquitectos, maquetes, fotografias, memórias descritivas e registado na troca de correspondência entre os arquitectos e as irmãs. O processo constitui-se como uma co-relação entre entidades, equipa de projecto e cliente, cada uma formada por várias pessoas com intervenção directa no longo período desde o início do trabalho até à apresentação do projecto. Deste modo constitui suporte geral à apresentação deste capítulo a cronologia elaborada e incluída no apêndice, onde inscrevemos os registos mais relevantes cuja data é conhecida, mas também diversos momentos da vida da congregação religiosa e da vida e obra dos arquitectos que, de alguma forma, se relacionam com a obra do mosteiro.

A comunidade de irmãs, da congregação das Beneditinas da Rainha dos Apóstolos, que se transferiu para a zona de Lisboa, partiu do Mosteiro de Roriz em 1957, tendo-se instalado primeiro no palácio Centeno, então propriedade da família Centeno<sup>285</sup> e, depois, num prédio na Rua do Porto Santo, em Sassoeiros, até à mudança para o novo edifício, em 1965<sup>286</sup>.

O projecto de Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas para o Mosteiro de Santa Maria do Mar, é também assinado por Pedro Vieira de Almeida como “colaborador” (no *ante-projecto*)<sup>287</sup> e depois, “arq.º est.” (no projecto da 1ª fase)<sup>288</sup>, de acordo com o catálogo elaborado para a exposição *Arquitectura e*

---

<sup>285</sup> BANDEIRA, Filomena, CORREIA, Paula – **Palácio Centeno / Reitoria da Universidade Técnica de Lisboa** [Em linha]. Sacavém: SIPA. [consult. 31.01.2019. actual. 2001]. Disponível na Internet: <URL: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=7775](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7775) >

<sup>286</sup> Apêndice: entrevista com a Ir. Cristina e Correspondência acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Correspondência - PT NTP TXT 00172]

<sup>287</sup> Memória descritiva do *ante-projecto* (06/10/1960), acessível no Arquivo Técnico de Urbanismo da Câmara Municipal de Cascais [Caixa nº 3851] – ver anexo e apêndice: cronologia

<sup>288</sup> Memória descritiva do projecto da 1ª fase (30/08/1962), acessível no Arquivo Técnico de Urbanismo da Câmara Municipal de Cascais [Caixa nº 3851] – ver anexo e apêndice: cronologia

*Cidadania*<sup>289</sup>, e com os desenhos e memórias descritivas que persistem no arquivo de Nuno Teotónio Pereira<sup>290</sup>. Ainda na fase de estudo prévio, há também a participação do engenheiro agrónomo e paisagista Júlio Moreira<sup>291</sup> que realça o aspecto particularmente importante da paisagem, numa intervenção sobre uma área tão vasta e com tão forte ligação programática ao exterior, por via da tradição dos mosteiros beneditinos, de vida ao ar livre nos claustros e nos terrenos das cercas e coutos, a *trabalhar e orar*.

---

<sup>289</sup> TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – **Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira**. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279, p. 267

<sup>290</sup> Memória Descritiva *Problemas Paisagísticos e Agronómicos* (07/02/1959), acessível Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [PT NTP TXT 00174 – Preparação do Terreno]

<sup>291</sup> Paisagista nascido em 1930, estudou Agronomia no Instituto Superior de Agronomia, tendo depois realizado a formação de paisagista também no ISA com Caldeira Cabral, e com o seu assistente Gonçalo Ribeiro Telles, pioneiros na área em Portugal. Exerceu ao longo da sua vida profissional a actividade de paisagista, com uma curta passagem pela indústria no Brasil (c. 1963-73), dedicando-se ainda à escrita de vários livros publicados. Ver Apêndice: Entrevista com o Eng. Júlio Moreira, Paisagista

## O Guião - *Estudo Prévio* 1959

### Localização escolhida

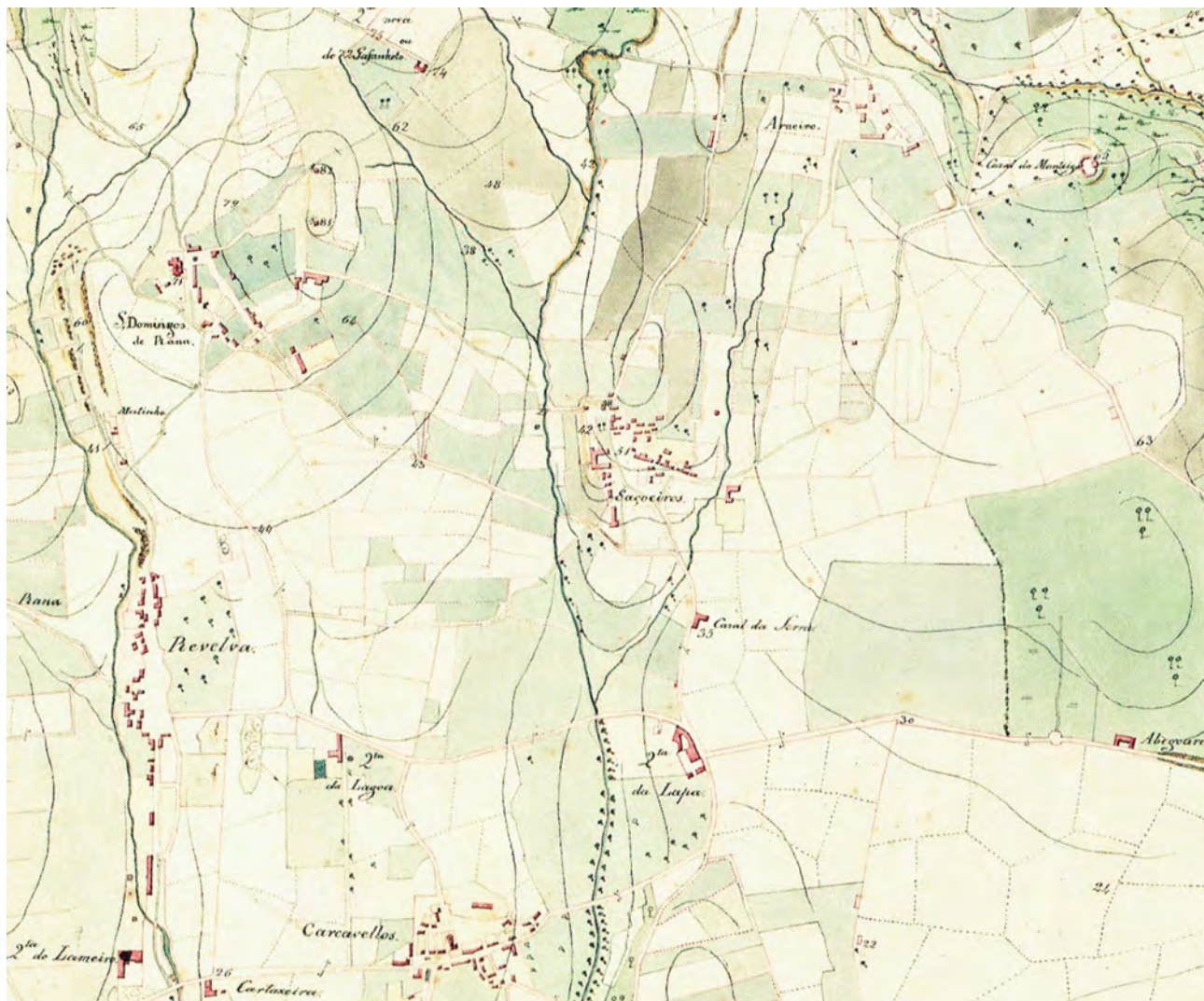


Figura 72 - 1843-1846 – Excerto da *Carta dos Arredores de Lisboa, Folha 2 (Oeiras-Cascais)*. In BOIÇA, Joaquim – *Cartografia de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2003.

O local escolhido para a construção do mosteiro encontra-se em posição proeminente, numa linha de cumeeada, alinhado com o forte de São Julião da Barra, em Oeiras, mas três quilómetros a Norte deste e a cerca de mais 70 metros de altitude<sup>292</sup>.

Na *Carta dos Arredores de Lisboa, Folha 2 (Oeiras- Cascais)* de 1843-1846 (Figura 72), o parcelamento do terreno desenhado assinalava já os contornos que viriam a ser os do muro do Mosteiro de Santa Maria do Mar.

De acordo com o registo na 2ª Conservatória do Registo Predial de Cascais<sup>293</sup>, o terreno onde foi construído o mosteiro pertencia à Família de origem madeirense *Câmara Leme de França Dória*, e apesar de as diligências para o projecto do mosteiro terem começado em 1958, passou para as mãos da *Congregação das Beneditinas Missionárias* no dia 5 de Maio de 1960.

Nos anos de 1950, o local era parte de um conjunto de quintas que persistiam em trabalho agrícola, protegidas da densificação urbana, uma vez que, à excepção de pequenos núcleos urbanos, estavam classificadas como solo rural no Plano de Urbanização da Costa do Sol (de 1948). Nuno Teotónio Pereira refere em apontamentos, de Agosto de 1959<sup>294</sup>, que a ocupação limite do solo rural era de 1% e o estudo prévio proposto para o mosteiro previa 5%, o que representaria uma “elevadíssima ocupação, [que tinha] pendente [a] autorização de ante-projecto”<sup>295</sup>.

---

<sup>292</sup> Cit. por Topografia do município de Cascais acessível em CASCAIS, CÂMARA MUNICIPAL – GeoCascais [Em Linha]. Cascais: Câmara Municipal de Cascais. [consult. 31.01.2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://geocascais.cascais.pt/#>>

<sup>293</sup> “Aquisição. Causa: Compra. Congregação das Beneditinas Missionárias (...) Maria do Carmo Câmara Leme de França Dória. António Câmara Leme de França Dória” Ver Anexo: Registo do Mosteiro de Santa Maria do Mar na 2ª Conservatória do Registo Predial de Cascais.

Um residente de Sassoeiros testemunhou a doação do terreno pelo Brigadeiro Alberto Xavier de França Dória que era proprietário de muitos terrenos em Sassoeiros antes da sua urbanização.

<sup>294</sup> Apontamentos de Reunião em Agosto 1959 acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio 2 com anotações - PT NTP TXT 00176] - Anexo

<sup>295</sup> Apontamentos de Reunião em Agosto 1959 acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio 2 com anotações - PT NTP TXT 00176] - Anexo





Na vista aérea de 1958 (Figura 74) percebemos a sul do mosteiro um território formado por terrenos agrícolas, entre os quais os pertencentes à Quinta dos Marqueses de Pombal, já com um leve sinal da cidade-satélite que viria a nascer em Oeiras, entre o terreno do projecto e o mar - o plano de Nova Oeiras, de Cristino da Silva, com uma concepção entre a cidade jardim e a cidade da *Carta de Atenas*<sup>296</sup>. A sudeste, o núcleo histórico de Oeiras era já francamente desenvolvido.

Sobrepondo o tecido urbano actual à mesma vista aérea, o terreno de implantação do mosteiro surge envolvido pela urbanização, constituída sobretudo por zonas residenciais.

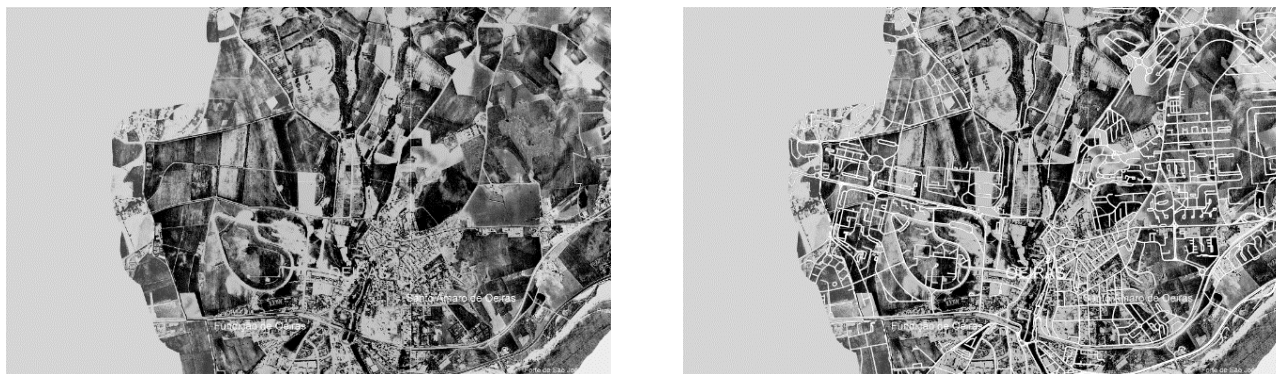


Figura 74 - Fotografia aérea do terreno antes da construção do mosteiro (1958) e sobreposição do tecido urbano de 2017 – imagens manipuladas a partir de ortofoto in OEIRAS, Câmara Municipal - **Geo Portal Município de Oeiras** [Em Linha]. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. [consult. 31.01.2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://geoportalmcm-oeiras.pt/ver/mapas>>

Este terreno localiza-se junto a uma cumeada, entre a ribeira de Sassoeiros, a Oeste, a ribeira do Arneiro, a Nordeste e a ribeira da Laje a Este, estando na totalidade integrado na bacia hidrográfica da ribeira da Laje. Apresenta um declive descendente no sentido sul e a sua morfologia incorpora uma linha de fecho e uma linha de vale que se encontram num cume a partir do qual os arquitectos decidiram implantar o edifício (Figura 75).

---

<sup>296</sup> Ver Também: FERNANDES, José Manuel (ed.), JANEIRO, Maria de Lourdes (ed.) - **O Livro de Nova Oeiras / The Nova Oeiras Book. Bases para uma candidatura a Património da Humanidade UNESCO do Bairro Residencial de Nova Oeiras, Concelho de Oeiras, Portugal**. 1ª ed. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2016



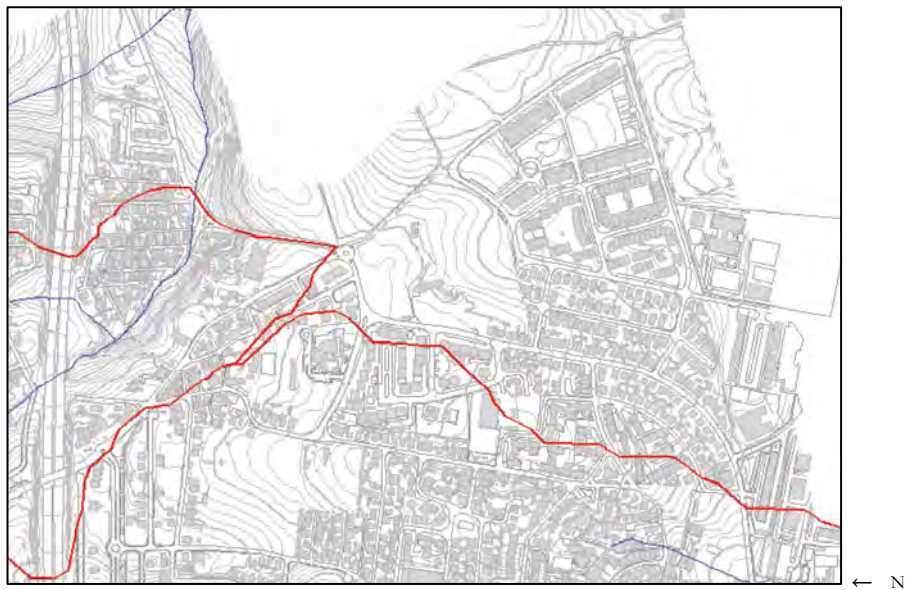


Figura 75 – Topografia, limites das bacias hidrográficas e ribeiras do município de Cascais. Acessível em CASCAIS, CÂMARA MUNICIPAL – GeoCascais [Em Linha]. Cascais: Câmara Municipal de Cascais. [consult. 31.01.2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://geocascais.cascais.pt/#>>



Figura 76 - Planta de localização do Estudo Prévio II (1959) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio 2 com anotações - PT NTP TXT 00176]

Para entender melhor as características, à época, do território em torno do terreno escolhido para a construção do mosteiro, pode recorrer-se à planta utilizada pelos arquitectos para a localização do projecto (Figura 76). As construções visíveis são apenas: a Norte a povoação do Arneiro, a Sudoeste o *bairro novo* de Sassoeiros, já loteado e a Este a abegoaria da Quinta do Marquês, um edifício hexagonal bem definido, localizado também num ponto alto e, por isso, definidor da paisagem.

Os limites do terreno seguiam o parcelamento anterior, aproveitando muros já existentes, e desenhando novos onde o terreno confina com a estrada. A nascente do terreno encontra-se a *Quinta do Marquês*, antiga propriedade dos marqueses de Pombal. A estrada que separa e que marca também a fronteira entre os concelhos de Cascais e Oeiras, trata-se de uma estrada pavimentada em pedra, ainda na actualidade, e que de acordo com plantas históricas (Figura 77) era a estrada que unia Oeiras a Sintra. O seu traçado, hoje interrompido por estradas e muros, mas não destruído, seguia na direcção Sul, até à Vila de Oeiras, onde se unia à antiga estrada Lisboa-Cascais. A condição topográfica e geográfica do terreno e também a sua posição relativa às estradas e aglomerados urbanos foi explorada de maneira determinante por Nuno Teotónio Pereira, como se mostrará adiante.

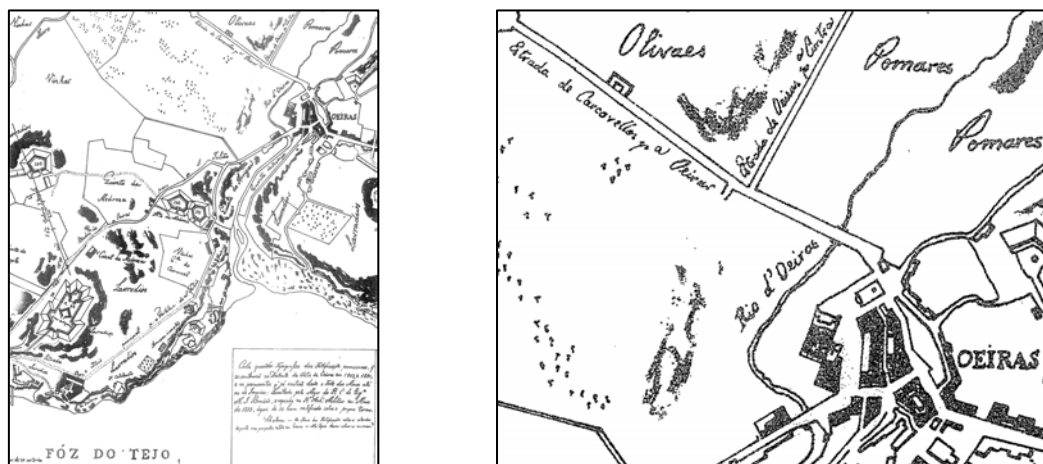


Figura 77 - Carta Topográfica das construções provisionais que se construirão no Districto da Vila de Oeiras em 1809 e 1810 – Acessível em Direcção dos Serviços de Fortificações e Obras do Exército, Processo do Prédio Militar n.º 7/Oeiras, Planta dos PM, sem data.

## Um Programa (1958)

O Estudo Prévio I, aparentemente de autoria exclusiva de Nuno Teotónio Pereira<sup>297</sup>, é de extrema importância para a compreensão do processo e do projecto que se encontram a jusante. Quando se encontrou este estudo, no Forte de Sacavém, estava acompanhado de 15 páginas de apontamentos manuscritos de Nuno Teotónio Pereira onde se apercebe a concepção de um programa em cooperação com a congregação que encomendava o mosteiro.<sup>298</sup>

Neste trabalho são definidas não só as linhas gerais da intervenção a realizar, mas também o próprio programa até então inexistente. Para a construção do mosteiro, e dada a necessidade de apresentar um ante-projecto para aprovação à Câmara Municipal de Cascais, as irmãs necessitam de um arquitecto. Procuram saber se estão de acordo com este arquitecto em “matéria de espiritualidade e de arte”, pedindo-lhe fotografias que ilustrem a “concepção em que se baseia”<sup>299</sup>. Em resposta: “Os elementos que para já necessito são a planta do terreno e o programa; isto consiste na descrição das necessidades, isto é, enumeração das peças e compartimentos necessários, a respectiva lotação ou dimensões aproximadas e as ligações entre si. (...) PS – Se tiverem alguma (...) sobre mosteiros antigos ou modernos, agradecia que me facultassem.”<sup>300</sup> O interesse de Nuno Teotónio Pereira é desde logo claro quando se dispõe a “fazer o ante-projecto sem outros encargos que não sejam as despesas de atelier”, esperando vir a ser contratado para o projecto, e manifesta o seu “entusiasmo e devoção”<sup>301</sup>.

*O que é um mosteiro?* Está datado de apenas cinco dias depois um programa provisório dactilografado que é depois acrescentado e corrigido com indicações das irmãs<sup>302</sup> (Figura 78).

---

<sup>297</sup> Com base no na assinatura do trabalho, que neste caso não inclui nenhum outro arquitecto e seguindo o testemunho do Arq. Pedro Botelho – Apêndice: Segunda Conversa com o Arq. Pedro Botelho

<sup>298</sup> Apontamentos acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio I - PT NTP TXT 00175]

<sup>299</sup> Carta da Ir. Maria Alberto (29/04/1958) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Correspondência - PT NTP TXT 00172]; vd. cronologia

<sup>300</sup> Carta à Ir. Maria Alberto (09/06/1958) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Correspondência - PT NTP TXT 00172]; vd. cronologia

<sup>301</sup> Carta à Ir. Maria Alberto (09/06/1958) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Correspondência - PT NTP TXT 00172]

<sup>302</sup> Programa Dactilografado, redigido por Nuno Teotónio Pereira ou enviado pelas irmãs (14/06/1958) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio 2 com Anotações - PT NTP TXT 00176]

Quanto a referências arquitectónicas, a resposta que Nuno Teotónio Pereira recebe, apenas em Setembro de 1958, é uma lista de mosteiros de arquitecturas históricas ou historicistas<sup>303</sup>, abordados no capítulo sobre a congregação religiosa.

A grande base parece estar lançada com o programa provisório, mas continuando o trabalho em contínuo diálogo, é ao longo de uma série de reuniões, entre 25 de Outubro de 1958 e 31 de Janeiro de 1959, que são tomados os apontamentos onde se desenha o programa e se pensam as hipóteses de construção, que virão a dar corpo ao *Estudo Prévio I*, de 9 de Fevereiro de 1959.

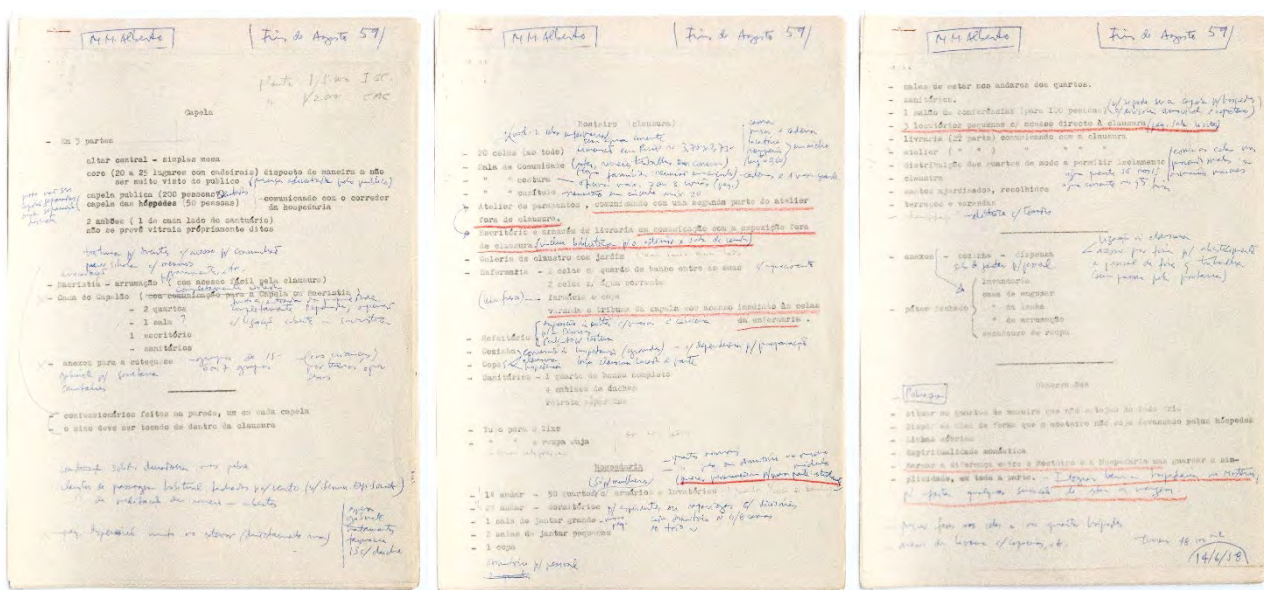


Figura 78 - 14/06/1958 - Programa Dactilografado [com anotações de Nuno Teotónio Pereira], não assinado, enviado, provavelmente pela Madre Maria Alberto - Capela, Mosteiro (Clausura), Hospedaria, Observações. Acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio 2 com Anotações - PT NTP TXT 00176

<sup>303</sup> Vd. Apêndice: Cronologia: Carta da Ir. Maria Alberto (18/09/1958) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Correspondência - PT NTP TXT 00172]

As questões abordadas focam, em suma, a privacidade e abertura dos espaços, as acções que se desenrolam em cada um dos espaços da vida monástica, a liturgia celebrada no mosteiro, a construção do bairro de Sassoeiros, as questões da paisagem envolvente, as ligações pretendidas entre os espaços, os horários, a tipologia de quartos, os sistemas construtivos e a preparação da obra. No fundo, a reunião da informação necessária à *organização do espaço*.

Nos seus apontamentos (Figura 80 .1) Nuno Teotónio Pereira enuncia as questões e as hipóteses de resposta:

“O mosteiro deve ser uma construção estática, acabada, completa, fechada e envolvente ou pode ser dinâmica em crescimento contínuo. A solução é: 1 - fazer o plano tão completo quanto possível ou construir por fases, mas de modo que na primeira fase não tenha o aspecto de uma construção por acabar. 2 - Permitir mesmo para além do plano total, possibilidade de ampliações.”

304

A esta questão junta um “esquema tradicional de crescimento” (Figura 80 .1) numa aparente referência ao faseamento da construção do Mosteiro de Roriz onde, por via do planeamento de fases, o edifício ficou até à actualidade apenas com dois tramos construídos. Ao enunciar o faseamento, Nuno Teotónio Pereira explica como, em Roriz, “umas instalações vão servindo para outros fins até à construção definitiva” o que é “muito inconveniente” pois ficam “órgãos instalados durante muito tempo em locais inadequados”. O exemplo de Roriz neste caso pode não ser inocente. O projecto do primeiro mosteiro desta congregação em Portugal era do Arquitecto Raul Lino que previu o funcionamento provisório, por exemplo, da capela no futuro refeitório<sup>305</sup>. Apesar disso, Nuno Teotónio Pereira reconhece que a outra hipótese seria difícil de realizar: “construir todos os órgãos essenciais e deixar para futura ampliação apenas: celas, quarto para hóspedes, células de trabalho, etc.”<sup>306</sup>

---

<sup>304</sup> Apontamentos de Nuno Teotónio Pereira (31 Jan 1959) acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio I – preparação do programa - PT NTP TXT 00175]

<sup>305</sup> Vd. Projecto da 1ª fase do Mosteiro de Roriz (Figura 28 a Figura 36)

<sup>306</sup> Apontamentos de Nuno Teotónio Pereira (31 Jan 1959) acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio I – preparação do programa - PT NTP TXT 00175]

O questionamento do programa também é feito no que diz respeito às circulações e à separação dos espaços. “A hospedaria é parte fundamental, obrigatória do mosteiro”, mas é também obrigatoriamente “separada da clausura”, por isso o arquitecto conclui que a melhor solução está “no meio”. Deixa também a hipótese de expressar a divisão da clausura através dos volumes, apesar de haver zonas mistas como a capela.<sup>307</sup>

A capela é proposta em três zonas, das quais a zona do coro das irmãs deveria ser a mais destacada. No entanto, coloca-se de parte a hipótese de colocação de grade entre o coro e a assembleia, como noutros mosteiros, sendo considerada uma “péssima solução”. Também se renuncia a uma oposição relativa do coro e da assembleia mediados pelo altar, por causa da posição do padre celebrante. São colocadas várias hipóteses em esquema, por exemplo a disposição em níveis diferentes (Figura 80 .5). Por outro lado, é pedida monumentalidade sobretudo para o adro, pois a igreja servirá a população<sup>308</sup>, sendo a intermediação entre o mosteiro e a comunidade.

Trabalhando sozinho, apenas com a comunidade religiosa, os sistemas construtivos que Nuno Teotónio Pereira propõe são as “paredes em alvenaria da região” com caiação, para as construções baixas, e para as altas, betão armado e tijolo “com o mesmo tratamento”. É usada a referência do sistema construtivo da casa da Praia das Maçãs (projectada pelo atelier em 1958 - Figura 79) com lintéis de betão à vista.

---

<sup>307</sup> Apontamentos de Nuno Teotónio Pereira (31 Jan 1959) acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio I – preparação do programa - PT NTP TXT 00175]

<sup>308</sup> Apontamentos de Nuno Teotónio Pereira (31 Jan 1959) acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio I – preparação do programa - PT NTP TXT 00175]



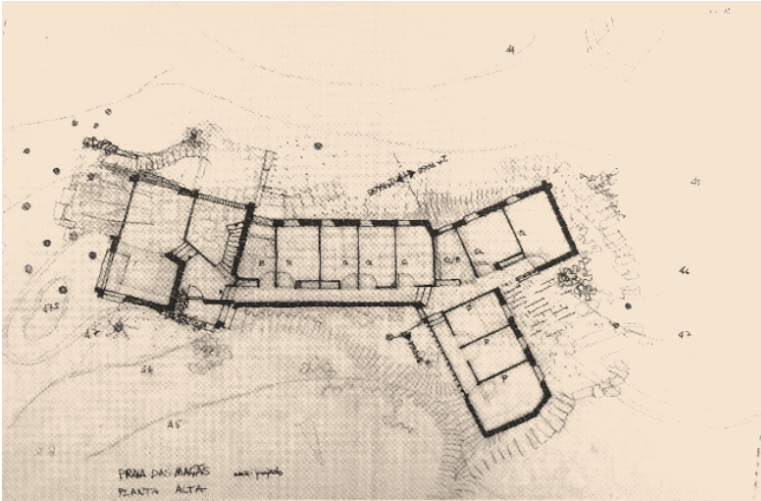


Figura 79 – Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira - Casa da Praia das Maças in TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279, p. 178-181 e 53

Esta referência a uma obra do passado próximo realça o carácter experimental dado a cada obra e que Pedro Botelho explica dizendo que

“uma das coisas que acontecia antigamente era que os projectos eram uma espécie de experiências únicas, mas que se encadeavam umas nas outras e, portanto, havia uns procedimentos, umas maneiras, uns pensamentos que iam evoluindo e de cada vez que era preciso fazer aprofundava-se aquela coisa”<sup>309</sup>.

A *omnilite* é realçada nestes apontamentos como material de revestimento para os tectos, por resolver problemas acústicos “sem sacrifício da rudeza e da austeridade”, enquanto que “os outros absorventes dão demasiado conforto”, demonstrando assim o cunho ascético que Nuno Teotónio Pereira procurava dar a esta arquitectura.<sup>310</sup>

<sup>309</sup> Apêndice: Primeira conversa com o Arq. Pedro Botelho

<sup>310</sup> Apontamentos de Nuno Teotónio Pereira (31/01/1959) acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio I – preparação do programa - PT NTP TXT 00175]





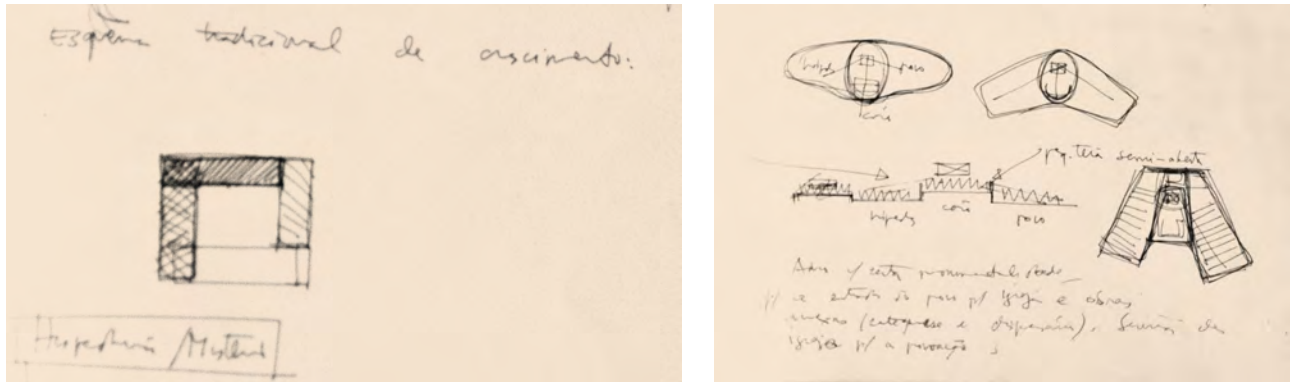


Figura 81 - Ampliação dos desenhos apresentados nos apontamentos para o Estudo Prévio I (31 Jan 1959) acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio I – preparação do programa - PT NTP TXT 00175]

A referência à tradição monástica surge pela primeira vez nos apontamentos do projecto, para referir a “cultura organizada e variada do solo, como o exige a auto-manutenção”. Nuno Teotónio Pereira defende que “o estabelecimento de edifícios não pode ser independente da planificação do terreno todo” e propõe uma planificação feita por um “técnico competente”, em função da localização do mosteiro, que incluía floresta, sequeiro, jardim, regadio etc. ... Propõe-se um arranjo em socalcos para a zona junto ao edifício “à maneira meridional”, referenciado ao “jardim-pomar português tipo Castelo-Branco e Águas”.<sup>311</sup>

O Claustro, outro elemento da tradição, é pensado “à margem do trânsito corrente, do trabalho, etc.”, mantendo-se ligado aos vários órgãos do mosteiro e prolongando-se nos corredores. Haveria assim dois claustros, um reservado para as procissões quotidianas das irmãs e meditação, e outro para recreio.<sup>312</sup>

<sup>311</sup> Apontamentos de Nuno Teotónio Pereira (31/01/1959) acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio I – preparação do programa - PT NTP TXT 00175]

<sup>312</sup> Apontamentos de Nuno Teotónio Pereira (02/02/1959) acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio I – preparação do programa - PT NTP TXT 00175]

O programa é assim escrito à mão pelo arquitecto, “muito metódico, muito cumpridor, muito trabalhador”<sup>313</sup> procurando as indicações da vida monástica, mas antecipando a intervenção da equipa na proposta programática. O Arq. Pedro Botelho comenta que Nuno Teotónio Pereira “estava mais interessado no projecto do que” as irmãs<sup>314</sup>. E estaria, em particular na questão do programa que era tema central nas reuniões do Movimento de Renovação da Arte Religiosa, em particular o programa da igreja paroquial, como a do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, para a qual o movimento colaborou “durante todo o ano [1957], na organização do programa para o concurso de ante-projetos”<sup>315</sup>. Esta ideia mudaria de sentido nos últimos anos do MRAR, quando se considerava a luta primordial da aceitação de uma arquitectura moderna e de um novo programa para as igrejas, concretizado no Programa-tipo do SNIP, já vencida. Nuno Portas, chegado à direcção, propõe que o novo rumo passe pelo questionamento desse programa<sup>316</sup>, levando a uma reunião em 1967 sobre *Novos conceitos de igreja*, partindo do programa-tipo do SNIP. Nesta reunião, Pedro Vieira de Almeida fez uma apresentação crítica do programa-tipo, intitulada *Novos problemas do espaço arquitectónico*, publicada no *Boletim do MRAR*, em que defendeu que “programar em pormenor para uma fase transitória é preparar uma obra que «estará desactualizada no dia da sua inauguração»”<sup>317</sup>.

A referida apresentação de Pedro Vieira de Almeida, tem continuidade num artigo que escreveu, em 1968, para um número da revista italiana *Chiesa e Quartiere* que seria dedicado a Portugal, mas nunca chegou a ser publicado. Foi encontrado e publicado inédito em 2017 por João Luís Marques na sua tese de doutoramento *A Igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975*. Neste artigo<sup>318</sup>,

---

<sup>313</sup> Apêndice: Segunda conversa com o Arq. Pedro Botelho

<sup>314</sup> Apêndice: Segunda conversa com o Arq. Pedro Botelho

<sup>315</sup> CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da - **O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX: a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960** [Em linha]. 2014. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet <URL: <http://hdl.handle.net/10400.5/8099>>, p. 199

<sup>316</sup> CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da - **O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX: a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960** [Em linha]. 2014. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet <URL: <http://hdl.handle.net/10400.5/8099>>, p. 317

<sup>317</sup> MRAR - Novos Conceitos de Igreja, **Boletim MRAR**, 3ª Série, s/nº, (Jan.1967- Mai.1968), p. 1 Cit. por CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da - **O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX: a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960** [Em linha]. 2014. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet <URL: <http://hdl.handle.net/10400.5/8099>>, p. 321

<sup>318</sup> ALMEIDA, Pedro Vieira de - **Programas e arquitectura. 1968** Cit. por MARQUES, João Luís Rebelo Ferreira – **A Igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975** [Em Linha]. Porto: Repositório Aberto da Universidade do Porto, 2017. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet < URL: <http://hdl.handle.net/10216/110753> > [Anexo 8]

Pedro Vieira de Almeida releva a importância das circunstâncias para a definição do programa, e propõe a maleabilidade de utilização – “A possibilidade de alterar o uso de um edifício, ainda que pudesse ser planeado”<sup>319</sup>. Destacamos ainda a singularidade do concurso da igreja para a célula B de Olivais Sul, ganho por Pedro Vieira de Almeida, em que era pedido aos arquitectos que pensassem eles próprios, criticamente, o programa do *centro paroquial* para os anos 1970. O texto afirmava “Programar e projectar não serão acções sucessivas e independentes, mas simples estádios de uma mesma acção não separados por uma fronteira rígida.”<sup>320</sup>, o que conduz a atenção de volta para o trabalho que Nuno Teotónio Pereira faz para o estudo prévio em 1958/59 e que Pedro Vieira de Almeida completará com a sua concretização formal, na fase seguinte.

## Estudo Prévio I

Neste subcapítulo citaremos recorrentemente o *Estudo Prévio I*. De modo a facilitar a leitura, apenas serão explicitamente referenciadas outras fontes citadas<sup>321</sup>.

O corolário do trabalho, de desenho do programa e de leitura do terreno, encontra-se num conjunto de esquemas e notas explicativas, em 11 folhas A4, cujo texto revela de forma exemplar o estilo cooperante, que se encontra na relação com o cliente em Nuno Teotónio Pereira. Neste conjunto de Notas, procurava traduzir “em linhas muito gerais, a solução encarada, com vista a uma primeira troca de impressões” e “formulação de dúvidas e objecções”.

Este *Estudo Prévio I* define já substancialmente o que viria a ser o projecto, ainda que vários temas viessem a ser melhor esclarecidos, em desenho e texto, nas fases posteriores. Nuno Teotónio Pereira destaca do programa a “separação nítida do mosteiro em duas zonas: clausura e espaço acessível aos

---

<sup>319</sup> MARQUES, João Luís Rebelo Ferreira – **A Igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975** [Em Linha]. Porto: Repositório Aberto da Universidade do Porto, 2017. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet < URL: <http://hdl.handle.net/10216/110753> >, p. 420

<sup>320</sup> Programa de Concurso esboços igreja de Olivais Sul, *Arquivo SNIP*, 1969, p.s/n. Cit. por MARQUES, João Luís Rebelo Ferreira – **A Igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975** [Em Linha]. Porto: Repositório Aberto da Universidade do Porto, 2017. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet < URL: <http://hdl.handle.net/10216/110753> >, p. 456

<sup>321</sup> Estudo Prévio I - Notas explicativas de Nuno Teotónio Pereira (arquitecto) (09/02/1959) e Júlio Moreira (Eng. Agrónomo) (07/02/1959) acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio I – PT NTP TXT 00713]

hóspedes ou a estranhos”, a “complexidade das circulações” que resultava dessa separação e a importância da hospedaria e das actividades exteriores – importância muito maior do que a assumida outrora por estas actividades” (catequese, assistência médica, retiros, participação na liturgia do mosteiro etc.). Da arquitectura monástica beneditina, são destacadas, como constantes, “a importância volumétrica da igreja”, “uma acentuada monumentalidade e mesmo grandeza de dimensões”, um volume “fortemente concentrado e bem hierarquizado, estático e acabado, sem qualquer nota de espontaneidade ou improvisação” e uma “harmoniosa integração na paisagem, traduzindo um amplo contacto com a natureza”. Sobre o “local escolhido” são realçados: a “pendente do terreno para sul e a sua posição dominante”, num ponto alto, que sugerem a abertura do edifício para sul, que era reforçada pela “necessidade de defesa dos ventos do Norte”, pelo “sentido da vista e do sol” e pela “presença da povoação de Sassoeiros, à qual o mosteiro ficará organicamente ligado, embora separado”.

Da volumetria proposta salientava-se a unidade “igreja e clausura” e outra “a hospedaria”, que constituiriam os dois volumes dominantes. As outras funções ocupariam corpos mais baixos. A abertura do edifício far-se-ia em dois sentidos: poente-norte, onde se localiza a entrada no terreno e portanto se propõe um espaço de recepção com os “serviços ligados a actividades exteriores: (...) o corpo do dispensário [posto de assistência médica] e da catequese, a frente da igreja [que serviria a povoação de Sassoeiros] e a entrada da hospedaria” e nascente-sul com as “dependências do mosteiro propriamente dito”. A zona a nascente-sul seria um “espaço recolhido do mundo profano, mas amplamente aberto à natureza” com “jardins, hortas e pomares”. Estes dois sentidos de abertura ao exterior, revelam também a particular dicotomia da actividade deste mosteiro, que traduz já uma vida religiosa renovada, com mais contacto com o mundo. Um corresponde ao desenvolvimento de “actividades exteriores de apostolado”, como a assistência médica, a catequese e a formação e outro às actividades tradicionais da vida monástica como o silêncio, a oração, a meditação e o trabalho. A orientação dos edifícios pretendia o “resguardo das vistas e o isolamento do exterior” feito, a Poente-Norte, por um maciço de árvores que também protege dos ventos, a Poente, pela hospedaria e a Sul, pela distância.

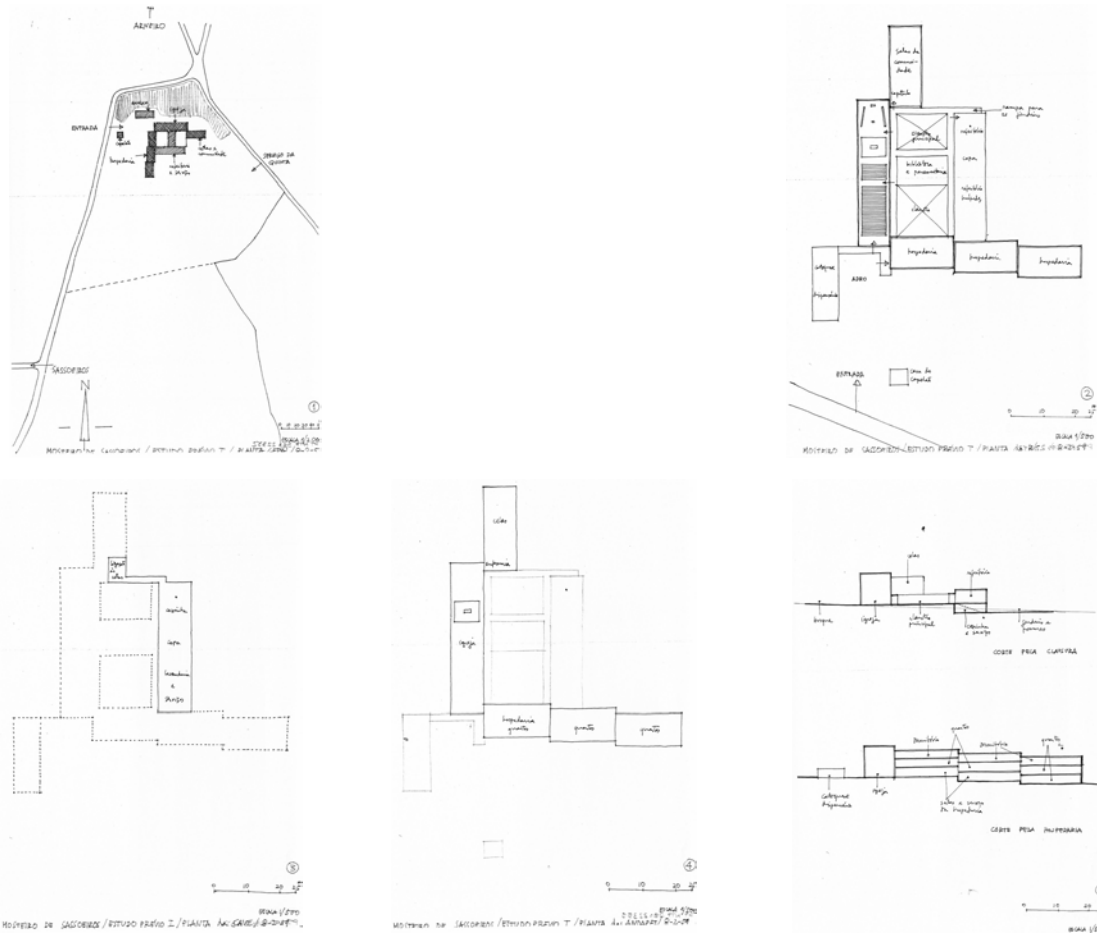


Figura 82 – Desenhos do *Estudo Prévio I* – Nuno Teotónio Pereira (arquiteto) (09/02/1959) e Júlio Moreira (Eng. Agrónomo) (07/02/1959) e acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio I – PT NTP TXT 00713]

O estudo prévio prossegue com a organização e distribuição das funções donde se destaca o relativo à igreja, de “esquema tradicional, com o coro e o espaço reservado à assembleia em lados opostos do altar”. O altar era proposto “bastante alto” para servir de separação, pois as alternativas testadas em que se dividia o espaço entre coro, assembleia e hóspedes, fragmentavam excessivamente o espaço, “com prejuízo para a comunidade do culto”.

Nuno Teotónio Pereira propõe um faseamento de obra, de acordo com o qual as primeiras fases corresponderiam à construção dos “órgãos essenciais”. No esquema apresentado “todos estes serviços essenciais estão colocados ao centro, por forma a constituírem uma única fase de construção”. Em sentido distinto, são planeadas como “susceptíveis de construção por fases e ampliações futuras”, a hospedaria e o corpo das celas, que se localizam nos extremos, e os serviços anexos exteriores que constituem pequenos edifícios independentes. Em caso de extrema necessidade, é posta a hipótese de se construir também a igreja e o corpo de refeitório e serviços por partes.

Nuno Teotónio Pereira explica ainda a necessidade de a organização do solo e o projecto dos edifícios serem interdependentes, razão pela qual o engenheiro agrónomo e paisagista Júlio Moreira elaborou também um estudo prévio anexo. Na nota “problemas paisagísticos e agronómicos”, a primeira preocupação apresentada é a de compartimentar o terreno de modo a proteger as culturas a efectuar. Analisando o local, Júlio Moreira aponta que a “extrema norte do terreno coincide com a linha de cumeada, o que acentua a exposição ao vento dominante”. Por outro lado, a suave inclinação da superfície para sul, é indicada como favorável. Para este terreno “que não excede os 5 hectares”, com uma forma que “se aproxima de um trapézio cuja altura não difere muito da média das bases”, é proposta para a defesa contra o vento norte, uma “cortina” na parte norte, formada por um andar arbóreo e um arbustivo, e fechada por uma “orla” também arbustiva. Propõe-se também um conjunto de sebes compostas de árvores e arbustos distribuídos “de acordo com o aproveitamento do terreno”. A proposta indicativa para as culturas hortícolas, frutícolas e agrícolas a efectuar é a de que “se aproximem tanto quanto possível das necessidades do abastecimento em produtos agrícolas” de cerca de 40 pessoas. No entanto, não é descuidada na nota, a necessidade superior de que o estudo do arranjo do terreno resulte numa “solução harmónica” porque este espaço é habitado “duma forma permanente”.

Onze dias depois, em reunião com Nuno Teotónio Pereira,<sup>322</sup> as irmãs responderam às questões suscitadas pelo Estudo Prévio I com as observações suscitadas. No aspecto litúrgico, as irmãs apontaram o facto de a igreja era demasiado alongada e que interessava que o povo conseguisse acompanhar o ofício do coro, o que mostra que era a própria congregação que procurava mudar o paradigma da forma das igrejas monásticas.

---

<sup>322</sup> Apontamentos de Nuno Teotónio Pereira (20/02/1959) acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio I – preparação do programa - PT NTP TXT 00175]

A exigência da separação de circulações, traduz-se no pedido de sacristias separadas para as irmãs e para o padre e também de confessionários no coro, para as irmãs e na assembleia para a restante comunidade. Uma sugestão feita pelas irmãs é a de incluir uma capela lateral para utilização na quinta-feira santa. Sobre este ponto destaca-se a relevância dada à construção de uma capela para utilização apenas uma vez ao ano, o que justificará apresentarmos o ponto seguinte dos apontamentos da reunião.

Para melhor trabalhar o espaço Nuno Teotónio Pereira regista o “horário provável” da comunidade religiosa:

“Levantar - 6,40	Almoço/recreio – 13,00
+ 30m	[Oração da Hora] Noa – 14,30
[Oração da Hora de] Laudes – 7,10	Trabalho – 14,45
+ 20	[Oração da Hora de] Vésperas – 16,45
Missa – 7,30	Oração
[Oração da Hora] Prima – “	Trabalho – 18,00
+ 1 hora	[Oração da Hora de] Matinas – 19,15
Peq. Almoço etc. – 8,30	Jantar – 20,15
[Oração da Hora] Tércia, Sexta – 9,30	recreio
Trabalho – 10,30	[Oração da Hora de] Completas – 21,30
Visita SS [Santíssimo Sacramento] – 12,45	Deitar – 22,30” <sup>323</sup>

A oração das várias “horas” está ligada a um outro elemento importante dos mosteiros, que as irmãs especificaram com detalhe: “o sino capitular deve ser ouvido nas celas e nos serviços”, porque toca nas

---

<sup>323</sup>323 Apontamentos de Nuno Teotónio Pereira (20/02/1959) acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio I – preparação do programa - PT NTP TXT 00175]

“chamadas para capítulo, conferências, aulas etc. Deve poder ser tocado junto à porta da igreja (no claustro), em ponto central”; os sinos da igreja devem ser dois, um para o mosteiro (que é tocado de dentro da clausura a chamar para os ofícios das várias horas) e outro para a povoação que pode estar no mesmo campanário. A complexidade de circulações, resultante do carácter da clausura, forçava a “haver entrada separada no mosteiro para as madres com ligação directa à clausura”.<sup>324</sup>

Em termos programáticos um outro ponto merece relevância, fruto da mudança de época, traduzida no pedido das irmãs para “abolir dormitórios” fazendo apenas quartos na hospedaria. A hipótese de fazer dormitórios é posta apenas para funcionários<sup>325</sup>. Este detalhe chama a atenção para a importância programática da hospedaria. A hospedaria monástica deveria constituir grande parte do complexo. Isto revela o carisma da congregação religiosa, deixado por São Bento de Núrsia na regra da ordem: “Todos os hóspedes que se apresentam ao mosteiro serão recebidos como o próprio Cristo (...) No recebimento de pobres e viajantes estrangeiros ponha-se particular cuidado e solícitude, porque é principalmente na pessoa destes que se recebe a Cristo”. São Bento dá ainda instruções particulares para a hospedaria “Haverá camas prontas em número suficiente”<sup>326</sup>. Por outro lado, a hospedaria era ainda uma garantia de subsistência económica para as irmãs, já que, quem podia, era convidado a deixar um donativo pela hospedagem no mosteiro, e o mosteiro estaria aberto a pessoas que, individualmente ou em grupo, quisessem passar uns dias em retiro.

Sobre este ponto, note-se que, em nova reunião, em Julho do mesmo ano, Nuno Teotónio Pereira esboça um esquema (Figura 83) de faseamento para a construção, no qual propõe que as irmãs comecem por viver no edifício que mais tarde seria a casa para o capelão, que o dispensário seja inicialmente usado como cozinha e a escola como salas de hóspedes, que seja construída a igreja, mas não abdica da construção inicial da hospedaria, dada a sua importância<sup>327</sup>.

---

<sup>324</sup> Apontamentos de Nuno Teotónio Pereira (20/02/1959) acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio I – preparação do programa - PT NTP TXT 00175]

<sup>325</sup><sup>325</sup> Apontamentos de Nuno Teotónio Pereira (20/02/1959) acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio I – preparação do programa - PT NTP TXT 00175]

<sup>326</sup>BENTO, São, D'AGUIAR, D. Crisóstomo (trad.) – **Regra de São Bento**. Cucujães:1937 (Título Original: Regula S. Benedicti . p.123-127

<sup>327</sup> Apontamentos de Nuno Teotónio Pereira (11/07/1959) acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio II com anotações - PT NTP TXT 00176]



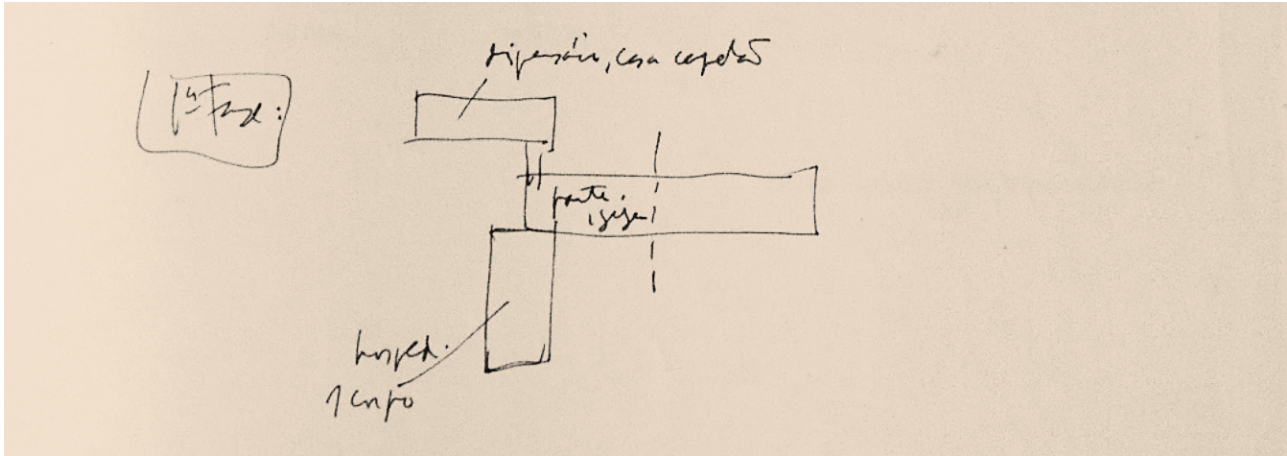


Figura 83 - Esquema para a 1ª Fase in Apontamentos de Nuno Teotónio Pereira (11/07/1959) acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio II com anotações - PT NTP TXT 00176]

O Arq. Pedro Botelho apelidou esta fase de projecto de *guião*, numa analogia com o cinema. Dentro desta ordem de ideias, Nuno Teotónio Pereira seria como que “um produtor à americana, portanto um produtor que intervém, que é interventivo, é como se fosse um curador”<sup>328</sup>.

Nas palavras de Pedro Botelho, a importância de Nuno Teotónio Pereira é exactamente a de ser quem monta “a peça de teatro toda” e faz “uma espécie de guião com todas as alternativas. Isso é muito interessante”<sup>329</sup>. Neste trabalho Nuno Teotónio Pereira procura conhecer a marcada rotina de vida da congregação, as questões programáticas do seu carisma, as suas outras casas espalhadas pelo mundo. Observa também o local, analisa-o, consulta um paisagista. Isso leva à enunciação gráfica e escrita de um conjunto de princípios traduzidos em rectângulos e frases que estabelecem as bases para o desenho de um mosteiro-complexo para aquele local, para aquela topografia, para uma congregação beneditina em consonância com as “constantes da vida monástica”<sup>330</sup>, mas ainda sem forma concreta.

<sup>328</sup> Apêndice: Terceira Conversa com o Arq. Pedro Botelho

<sup>329</sup> Apêndice: Segunda Conversa com o Arq. Pedro Botelho

<sup>330</sup> Estudo Prévio I – Notas explicativas de Nuno Teotónio Pereira (arquitecto) (09/02/1959) acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio I – PT NTP TXT 00713]

## Estudo Prévio II

Neste subcapítulo citaremos recorrentemente a Memória descritiva do *Estudo Prévio II*. De modo a facilitar a leitura, apenas serão explicitamente referenciadas outras fontes citadas.<sup>331</sup>

A correcção e adaptação do *Estudo Prévio I* à luz das observações das irmãs e do levantamento topográfico à escala 1:200, cuja factura data de 24 Junho 1959<sup>332</sup>, é feita no *Estudo Prévio II*. Podemos dizer, que este constitui, não só uma correcção do *Estudo Prévio I*, mas também uma síntese do essencial do projecto, do programa e da proposta. Neste momento, Nuno Teotónio Pereira ainda está a trabalhar sozinho no projecto, enquanto arquitecto, com a *consultoria* do engenheiro agrónomo e paisagista Júlio Moreira.

No *Estudo Prévio II*, a análise do terreno é mais completa e pragmática: “(...) situado a nordeste do bairro novo de Sassoeiros, entre esta localidade e o Arneiro, a pequena distância de Carcavelos e exactamente no extremo do concelho de Cascais. Situado numa linha de cotas elevadas, domina visualmente para sul uma enorme área da Costa do Sol, da outra Banda e do estuário do Tejo e do Oceano. A nascente fica o vale de Oeiras, cujos terrenos são ocupados pela Estação Agronómica Nacional.”

Sassoeiros era nos anos 50 e 60, uma localidade ainda muito rural e comparando com a paisagem densamente urbanizada de hoje, é muito interessante perceber que era visível do terreno do Mosteiro um vasto panorama até ao mar.

Já no texto do *Estudo Prévio II* já se considerava a previsão da construção da auto-estrada Lisboa-Cascais, a norte do terreno, mas “suficientemente afastada para não causar perturbação ao ambiente sossegado indispensável para o mosteiro”. Consideravam-se garantidos “o isolamento e o ambiente rural, tão necessários à vida monástica, sobretudo pela vizinhança imediata dos vastos terrenos da Estação Agronómica”.

---

<sup>331</sup> Memória descritiva do Estudo Prévio II (23/9/1959), acessível no Arquivo Técnico de Urbanismo da Câmara Municipal de Cascais [Caixa nº 3851] – ver anexo e apêndice: cronologia

<sup>332</sup> Carta de Nuno Teotónio Pereira à Madre Priora de Sassoeiros (18/08/1959) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Correspondência - PT NTP TXT 00172]



Figura 84 – Av. Gonçalves Zarco, Sassoeiros nos anos 60: no horizonte apenas torres do plano de Nova Oeiras e algumas quintas, fotogramas de um filme em Super 8 de António Lopes Rodrigues

A continuação da memória descritiva corresponde em geral às notas explicativas do Estudo Prévio I com as devidas correções. No entanto, o final é abreviado sem especificar o faseamento da obra, referindo-se, no último ponto, relativo à organização do solo que se trata de um aspecto “fundamental” a ser planeado por um “técnico da especialidade”. A área total de terreno ocupado por construção seria da ordem dos 3.000 m<sup>2</sup>, sendo que a área do terreno era de 50.000 m<sup>2</sup>. Os cálculos apresentados na memória descritiva indicavam que a área coberta representaria mais ou menos 6% do total, “percentagem que não parece exagerada atendendo ao carácter dos edifícios e ao facto de estes estarem muito afastados de quaisquer massas de construção, devido à vizinhança da estação agronómica”.

Para este Estudo Prévio, foram elaborados desenhos mais completos, que contemplavam já um maior detalhe na distribuição das áreas no edificado e no terreno, estas últimas provavelmente com base no estudo elaborado por Júlio Moreira (sem data), atendendo à similitude da forma.

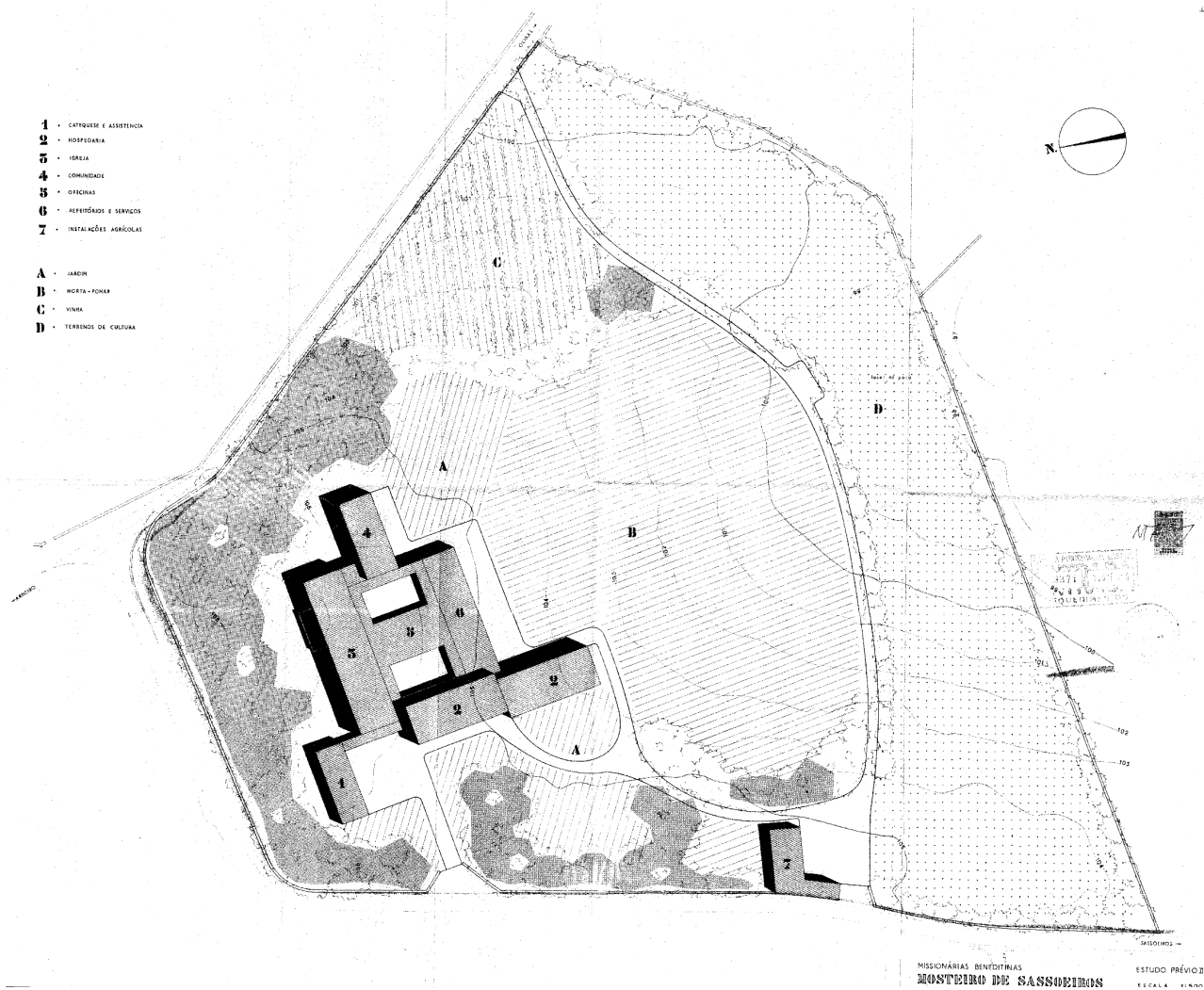


Figura 85 - Planta Geral - Estudo Prévio II acessível no Arquivo Técnico de Urbanismo da Câmara Municipal de Cascais [Caixa nº 3851] – ver anexo e apêndice: cronologia

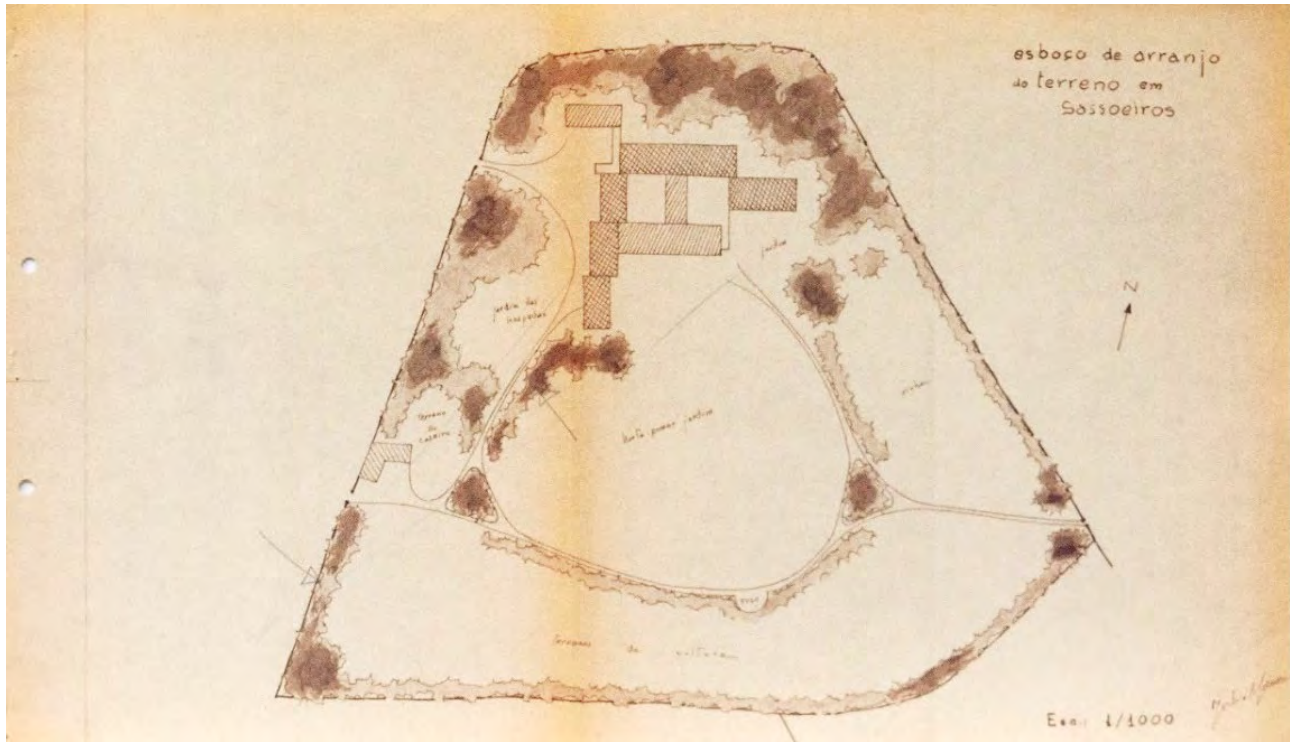


Figura 86 - Esboço de arranjo de terreno em Sasseiros, Júlio Moreira, s.d. acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Preparação do Terreno - PT NTP TXT 00174]

Também o estudo de Júlio Moreira é acompanhado por uma memória descritiva “Esboço e estimativa de custo do arranjo do terreno em Sasseiros”, e estabelecia “as linhas gerais (...) para orientar o estudo geral do aproveitamento do terreno”. O solo foi estudado quanto à sua composição, para determinação das suas “aptidões naturais” e para definir as “grandes zonas de aproveitamento” apresentadas no esboço. Cerca de um hectare era designado por “horta-pomar-jardim”, conjugando a cultura de árvores de fruto e plantas hortícolas “dentro duma concepção geral de jardim”. Junto aos edifícios, dois jardins, um com 1500 m<sup>2</sup> e outro com 500 m<sup>2</sup>, eram destinados às hóspedes e à clausura. A nascente, era proposta a plantação de uma vinha, com objectivo de “produção de castas de mesa”. A área a destinar à vinha foi escolhida atendendo “à qualidade inferior do solo”, o qual servindo a cultura

da vinha poderia não ser adequado a cultura de espécies mais “delicadas ou exigentes”. A zona a sul era destinada às culturas “julgadas necessárias” e isolada por sebes, e a restante área destinada a zonas arbóreas e, arbustivas. Estas zonas deveriam ser compostas por espécies que de início garantissem um “rápido estabelecimento de abrigos contra o vento” e por outras que, posteriormente, correspondessem às características da mata clímax e à sua “situação relativamente aos edifícios e às zonas de aproveitamento agrícola”.

Previa-se a instalação do caseiro e várias dependências agrícolas, junto a um portão de serviço, e a constituição de caminhos “capazes de permitir a passagem de carros, admitindo-se a abertura de uma saída para uma estrada, à época e, até hoje, intransitável, que conduz a Oeiras e confina com a extrema nascente”.

Após este estudo e até Dezembro de 1959, o projecto terá tido um período de paragem, na sequência de dúvidas suscitadas, quanto à escolha do terreno, por uma eventual intenção da Câmara Municipal de Cascais de desviar a estrada a norte do terreno, obrigando à deslocação do edifício para Sul<sup>333</sup>. Provavelmente por esta razão, e apesar de o desvio da estrada nunca se ter concretizado, a implantação final do edifício veio a ser, de facto, a Sul da inicialmente prevista.

A necessidade da deslocação da implantação do projecto, segundo o provável futuro traçado da estrada, foi registada em desenho por Nuno Teotónio Pereira e as irmãs acabaram por dar autorização ao início das plantações e ao trabalho de projecto dia 29 de Dezembro de 1959. A partir deste momento foi iniciado o trabalho para escala 1:200 do projecto, seguindo o mesmo tipo de diálogo com o cliente.

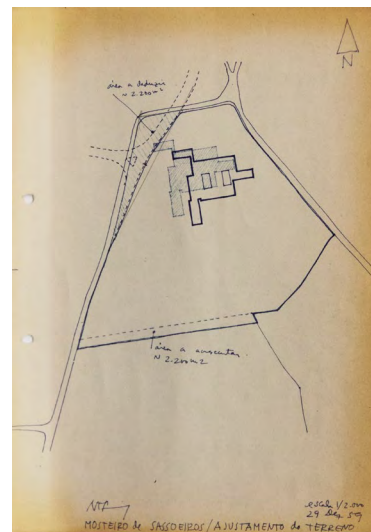


Figura 87 - Ajustamento do Terreno, desenho anexo à Carta à Rev. Madre Maria Alberto, O.S.B. (29/12/1959) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio II - PT NTP TXT 00176]

<sup>333</sup> Carta de Nuno Teotónio Pereira à Rev. Madre Maria Alberto, O.S.B. (16/12/1959) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Correspondência - PT NTP TXT 00172]



Em suma, e segundo as palavras do Arq. Pedro Botelho, esta fase consiste num

“trabalho de programa arquitectónico, digamos assim (...), [que] eu não sabia que havia no atelier, não sei se há outro trabalho assim, não sei. Mas eu diria que (...) nunca tinha visto. (...) É um projecto que tem uma aproximação inicial semi-teórica, digamos assim, um trabalho orientador que (...) tem um primeiro e um segundo estudo prévio com três ou quatro pontos muito interessantes, incluindo uma curta avaliação do que é Roriz. Que são muito interessantes do ponto de vista da maneira como se equaciona um problema.”

O que leva Pedro Botelho a comentar ainda que “Nuno Teotónio Pereira faz uma espécie de pré-programa gráfico”<sup>334</sup>.

## Ante-Projecto 1960

A base criada nos *Estudos Prévios* I e II, transita para o anteprojecto, apresentado 1 ano depois, em 1960, já com assinatura dos arquitectos Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas e Pedro Vieira de Almeida (arq.º est.). Ao olhar para esta fase de projecto pode finalmente perceber-se como os arquitectos interpretaram a arquitectura monástica. Iniciado em pleno fervilhar do Movimento de Renovação da Arte Religiosa (1954-69)<sup>335</sup> este projecto veio reflectir todo o dinamismo do trabalho realizado no seu âmbito. No momento do projecto do mosteiro, Nuno Teotónio Pereira tinha já realizado o seu trabalho fundador (na arquitectura religiosa), a igreja de Águas, em Penamacor, mas, entretanto, decorria uma fase diferente no contexto da arquitectura religiosa, a evolução da concepção eclesiológica e a renovação litúrgica. Havia uma grande bagagem já introduzida pelas conferências, exposições, cursos e discussões promovidos no âmbito do MRAR, havia a dinâmica global que conduziu à reforma litúrgica do Concílio Vaticano II (1962-1965), e ao mesmo tempo que se projectava o mosteiro (1958-1968), dado que o projecto se

---

<sup>334</sup> Apêndice: Terceira Conversa com o Arquitecto Pedro Botelho

<sup>335</sup> CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da - O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX : a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960 [Em linha]. Lisboa : Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2014. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet <URL: <http://hdl.handle.net/10400.5/8099>>

prolongou por cerca de dez anos, os arquitectos vieram a integrar as equipas de projecto da Igreja do Sagrado Coração de Jesus (1962-1976) e da Igreja de Almada (1963-1971)<sup>336</sup>.

Também por esse motivo o projecto do Mosteiro de Sassoeiros não se pode dissociar dos outros dois, que nascem de um programas arquitectónico-funcional diferente – a *igreja paroquial* –, mas também durante o período de trabalho do MRAR, traduzindo, num trabalho de grande intensidade, as mesmas procuras e mudanças. Não encontramos a evidência de que o projecto do Mosteiro tivesse sido debatido com o grupo do MRAR na leitura de João Alves da Cunha<sup>337</sup> e João Luís Marques<sup>338</sup> das actas das reuniões do movimento. As discussões abrangiam temas diversos, mas a arquitectura religiosa mais debatida era a da *igreja paroquial*. Não obstante, na pesquisa que realizámos no Arquivo do Forte de Sacavém verificámos a existência de um apontamento de 25 de Outubro de 1960, com o título *Reunião MRAR*<sup>339</sup>. Precisamente, as reuniões 4, 5 e 6 do MRAR, cujas actas que não foram ainda encontradas pelos investigadores que trabalharam sobre o movimento, coincidem com a data deste apontamento de Nuno Teotónio Pereira, 1960: a acta número três tem data de 13 de Novembro de 1958 e a acta número seis de 4 de Fevereiro de 1961. Nesta nota, Nuno Teotónio Pereira registou as observações feitas ao projecto do mosteiro na reunião:

“Claustros pequenos; Retiros na capela; Disposição envolvente bancadas sala- forma da sala; + unidade no tratamento dos edifícios; Carácter de habitação demasiado marcado na hospedaria; Ligação hospedaria - igreja – mais directa, recatada, dignificada; Igualdade [?] capela - confessionários”<sup>340</sup>.

---

<sup>336</sup> TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279. p. 266

<sup>337</sup> CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da - *O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX : a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960* [Em linha]. Lisboa : Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2014. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet <URL: <http://hdl.handle.net/10400.5/8099>>. p. 226

<sup>338</sup> MARQUES, João Luís Rebelo Ferreira – *A Igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975* [Em Linha]. Porto: Repositório Aberto da Universidade do Porto, 2017. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet < URL: <http://hdl.handle.net/10216/110753>> . p. 687

<sup>339</sup> Apontamentos de Reunião do MRAR, Nuno Teotónio Pereira, 25/10/1960. Acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [memórias, anotações reunião, jornais - PT NTP TXT 00178 1/3]

<sup>340</sup> Apontamentos de Reunião do MRAR, Nuno Teotónio Pereira, 25/10/1960. Acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [memórias, anotações reunião, jornais - PT NTP TXT 00178 1/3]



## Mudança no atelier

A entrada de Nuno Portas e Pedro Vieira de Almeida para a equipa do Atelier de Nuno Teotónio Pereira, terá sido a grande mudança nesta fase de projecto. Um primeiro olhar para as memórias descritivas e para os desenhos não nos transmitiu directamente essa ideia. Assumindo a liderança de Nuno Teotónio Pereira dir-se-ia que nesta fase tinha introduzido uma linguagem nova no projecto. No entanto há a ter em conta vários factores.

Desde 1948, ainda antes de terminar o curso de arquitectura (1949) Nuno Teotónio Pereira trabalhava como arquitecto na “Federação das Caixas de Previdência – Habitações Económicas” onde se manteve até 1972<sup>341</sup>. Pedro Botelho esclarece que este era um emprego que lhe consumia grande parte do seu tempo: “O Nuno Teotónio só vinha à tarde, de manhã trabalhava na Federação das Caixas de Previdência”<sup>342</sup>. Essa particularidade foi explicada na primeira pessoa por Nuno Teotónio Pereira que escreveu que nessa “época, chegando do emprego ao fim da tarde” se começou a habituar “a partilhar o trabalho com colaboradores que haviam estado a riscar sobre o estirador durante todo o dia, deixando assim muitas vezes o desenho entregue a mãos alheias, para além da discussão em comum de ideias e soluções”<sup>343</sup>. Por outras palavras o testemunho de Pedro Botelho veicula a mesma ideia: “há uma coisa do atelier que é importante saber, que era uma máxima do Nuno Teotónio Pereira (...): quem está ao estirador manda mais, manda mais, no sentido em que tem que decidir, não pode ficar à espera de discutir tudo”<sup>344</sup>.

“Em 1957, a entrada do jovem e fogoso Nuno Portas marcou decisivamente novos rumos ao atelier (...) dotado (...) de uma facilidade de concepção e criação muito ricas”. Assumindo a sua dificuldade em “dar forma às ideias que vão surgindo”, Nuno Teotónio Pereira diz ainda que “foi esta insuficiência (além de outras) que Nuno Portas veio suprir ao longo dos dezassete anos que trabalhámos juntos”<sup>345</sup>.

---

<sup>341</sup> TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279. p. 289-290

<sup>342</sup> Apêndice: Primeira Conversa com o Arq. Pedro Botelho

<sup>343</sup> PEREIRA, Nuno Teotónio - Um Testemunho pessoal in TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279. p. 45

<sup>344</sup> Apêndice: Primeira Conversa com o Arq. Pedro Botelho

<sup>345</sup> PEREIRA, Nuno Teotónio - Um Testemunho pessoal in TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279. p. 47

A entrada de Nuno Portas no atelier tem um efeito de tal modo significativo, que justifica o seguinte comentário de Pedro Botelho

“E no atelier digamos que há três períodos, que é o período antes do Portas, o período durante o Portas e o período depois do Portas. No fundo isso é muito visível, muito claro. Portanto há o que se passa até ao Portas entrar e o que se passa quando o Portas começa a levar os alunos para lá. E os alunos são o Byrne, o Duarte, o Reis Cabrita, o Joao Paciência, eu, a Manuela Fazenda... E, portanto, isto é, em meados dos anos 50, 57 e isto é finais de 60, 70, é à roda de 70. E a charneira no livro, a charneira do Portas é o edifício ao cimo da... como é que se chama aquela rua onde morava o Almada, que chega cá abaixo ao Rato, onde está a Galeria Diferença? São Filipe de Néri. Ao cimo da São Filipe de Néri há uma coisa em azulejo branco, assim um triângulo, um quarteirão triangular em azulejo branco. Esse edifício que foi feito não sei por quem, teve como primeiro projecto um projecto do atelier e nesse projecto, quando tu abres o livro, sobre esse quarteirão tens: a metade que é feita pelo Nuno Teotónio e pelo António Pinto Freitas, que é um projecto moderno, rectilíneo e não sei quê. E depois tens as alterações que o Nuno Portas propôs que é uma coisa torta.”<sup>346</sup>

Pedro Botelho esclareceu ainda que apesar de que a ordem das fichas dos projectos, publicadas no catálogo *Arquitectura e Cidadania*, transmita a ideia de que a primeira obra com participação de Nuno Portas foi a *Moradia de Sesimbra* [1957-1964]<sup>347</sup>, é possível perceber a intervenção de Nuno Portas noutros projectos que estavam já a decorrer como é o caso do edifício na Rua de São Filipe Néri cujo projecto havia começado em 1951, seguindo-se o *Anteprojecto I* de 1955 e o *Anteprojecto II*, de 1957, em que Nuno Portas terá, então, participado<sup>348</sup>. Por outro lado, para explicar a evolução do atelier acrescenta ainda que “o primeiro projecto em que os alunos entram é o do centro comercial de São Sebastião da Pedreira [1968-1970, não construído], que é o do Gonçalo [Byrne]. E é aí que as coisas começam a mudar [outra vez]”<sup>349</sup>.

---

<sup>346</sup> TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279, p. 158-159, 261

<sup>347</sup> Casa Brás de Oliveira, Sesimbra, 1957, 1959-1960, 1963-1964 – Nuno Portas, Nuno Teotónio Pereira e Pedro Vieira de Almeida in TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279, p. 186-189, 265

<sup>348</sup> TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279, p. 261

<sup>349</sup> Apêndice: Primeira Conversa com o Arq. Pedro Botelho

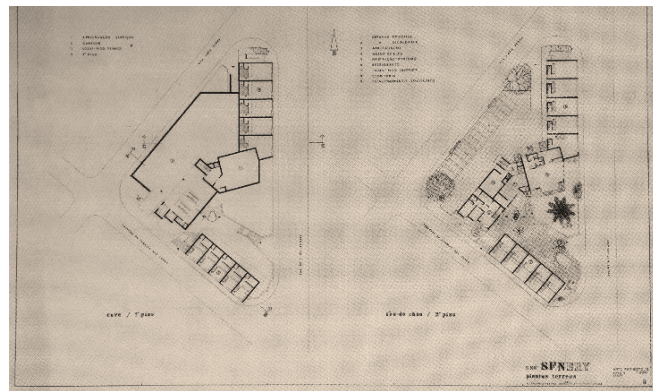
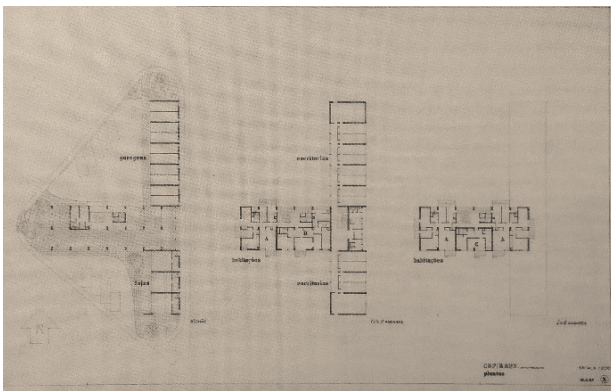
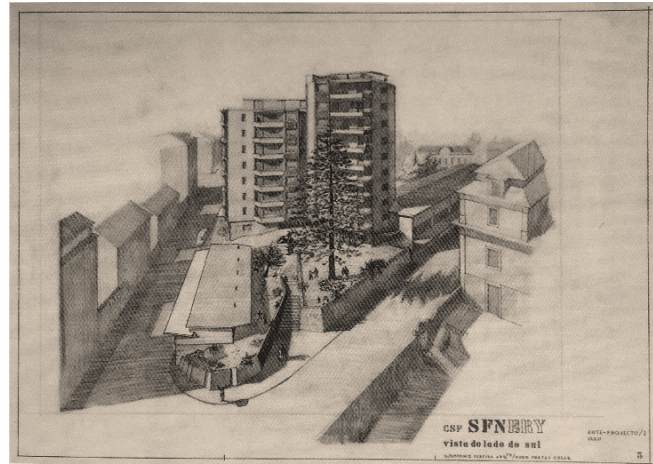
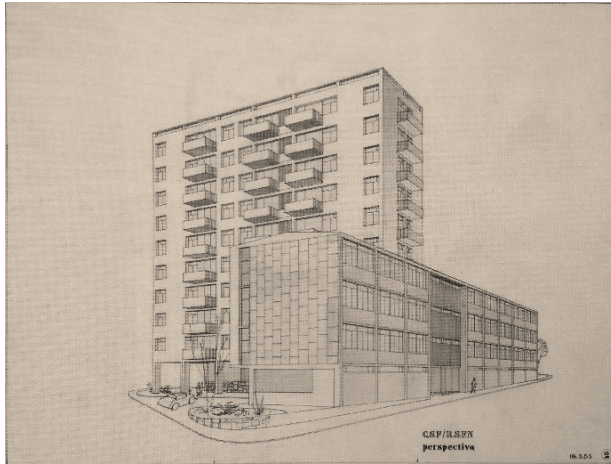


Figura 88 – Edifício de Habitação Escritórios e Comércio, Rua de São Filipe Nery, Lisboa (1951, 1955-1957) Perspectiva e Planta da versão inicial do anteprojecto (1955) de Nuno Teotónio Pereira e António Pinto Freitas e Perspectiva e Planta da segunda versão do anteprojecto (1957) de Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas in TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitetura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279, p. 158-159 e 261

Confirmando a perspectiva de Nuno Teotónio Pereira, Pedro Botelho refere que “tudo no atelier muda com a entrada do Portas” e “mesmo o projecto de São Filipe de Néri é mudado...”<sup>350</sup>. Assim, admitimos ter sido a entrada de Nuno Portas a ditar a grande mudança na linguagem do projecto, levando a ser ele o primeiro nomeado na lista de arquitectos do mosteiro, no catálogo da exposição *Arquitectura e Cidadania*<sup>351</sup>, segundo a ordem que traduz a intensidade com que cada um terá trabalhado no projecto<sup>352</sup>. No entanto, tal como explicou Pedro Botelho, Nuno Portas “em 67 já estava a dar aulas na faculdade” e “além da escola ainda tinha o laboratório [LNEC]”. Coloca-se, por isso, a hipótese de uma importante participação ter sido a do segundo nomeado, Pedro Vieira de Almeida.

“A outra coisa muito interessante é que começa a ficar clara a enorme importância da dupla Portas-Pedro César [Vieira de Almeida] que acontece ali e que nasce ali, nasce ali, não, ali ela aplica-se a um raciocínio prévio do Nuno Teotónio, o que é muito curioso, porque eles tiveram uma parceria muito forte na casa hexagonal, na casa de Sesimbra. O Nuno Portas faz primeiro a moradia da Praia das Maças<sup>353</sup>, faz sozinho com o Nuno a olhar. Depois eles trabalham intensamente na casa de Vila Viçosa e na casa de Sesimbra, mas eu não creio, que nem em Vila Viçosa<sup>354</sup> nem em Sesimbra<sup>355</sup>, eles tivessem um pré-projecto feito pelo Nuno Teotónio como têm aqui [no mosteiro].

E é muito curioso perceber este processo. Este processo de certa forma configura (...) Nuno Teotónio como produtor do filme e eles como dupla de realizadores, se quiseres, à maneira europeia, o Nuno Teotónio como produtor à americana, portanto um produtor que intervém, que

---

<sup>350</sup> Apêndice: Primeira Conversa com o Arq. Pedro Botelho

<sup>351</sup> TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279, p. 192 – a ordem para apresentação dos arquitectos escolhida para o trabalho segue a ordem atribuída na elaboração do catálogo da exposição *Arquitectura e Cidadania*, Atelier Nuno Teotónio Pereira.

<sup>352</sup> “A ordem dos nomes é a de intensidade do trabalho no projecto e isso ajuda a ler os projectos” - Apêndice: Primeira Conversa com o Arq. Pedro Botelho

<sup>353</sup> Casa Metelo, Praia das Maças in TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279, p. 178-181, 53 e 266

<sup>354</sup> Casa Dr. Barata dos Santos, Vila Viçosa in TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279, p. 182-185 e 266

<sup>355</sup> Casa Brás de Oliveira, Sesimbra in TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279, p. 186-189 e 265

é interventivo, é como se fosse um curador, e uns gajos que produzem a forma, produzem a solução no fundo, produzem o som final.”<sup>356</sup>

Apesar da dificuldade em distinguir claramente a participação de um e de outro arquitecto na *reviravolta* do desenho do mosteiro, porque os desenhos, sobretudo os esboços, não têm assinaturas (“no atelier há uma autoria partilhada, que é uma coisa que ninguém sabe que existe porque nos outros ateliers não há, ou não havia ou não houve...”<sup>357</sup>), baseamo-nos na caligrafia, na grafia dos desenhos e no testemunho de Pedro Botelho para aferir o papel dos vários arquitectos no processo de projecto.

## A Realização do Filme

Assume-se que Nuno Portas é o primeiro elemento que se junta à *rodagem* do filme propriamente dita, e o seu grande *apport* para o projecto é algo a que podemos chamar um *storyboard*.

“Eu suspeito que o Pedro era o *esgalhante*. Chamava-se *esgalhante* à pessoa que estava a trabalhar no atelier. Na igreja do Sagrado Coração e na casa, mas sobretudo na casa de Vila Viçosa, eu sei que o Nuno Portas fez uns postalinhos com umas ideias e uns desenhos e depois o Pedro [Vieira de Almeida] desenhava. Mas também é preciso ver... que estas coisas não são feitas por um colaborador, são feitas por alguém que está dentro do projecto... [O Pedro V.A.] É o motor disto!”

Nuno Portas aparece assim como aquele que “despeja em cima do estirador coisas”<sup>358</sup>, em particular uma série de cartões ou “postais” com perspectivas ou pequenos desenhos ou ainda as grandes perspectivas elaboradas para a visualização geral dos projectos, estabelecendo um objectivo formal, concretizando a forma a perseguir. É alguém que diz como é que o desenho deve resultar, como é que deve parecer no fim e que, para isso, vai desenhando alguns fotogramas do *filme*.

---

<sup>356</sup> Apêndice: Terceira Conversa com o Arq. Pedro Botelho

<sup>357</sup> Apêndice: Terceira Conversa com o Arq. Pedro Botelho

<sup>358</sup> Apêndice: Terceira Conversa com o Arq. Pedro Botelho



“Isso é que são as coisas do Nuno Portas, esses postalinhos, nos projectos que eu conheço... na casa... aliás no livro estão lá uns postalinhos destes, se reparares vês estes postalinhos, há assim uns postalinhos. E também fazia estas coisas, como no Restelo, que é ... o projecto está mais ou menos, é preciso uma coisa que ajude a perceber e ele faz uma perspectiva.”<sup>359</sup>

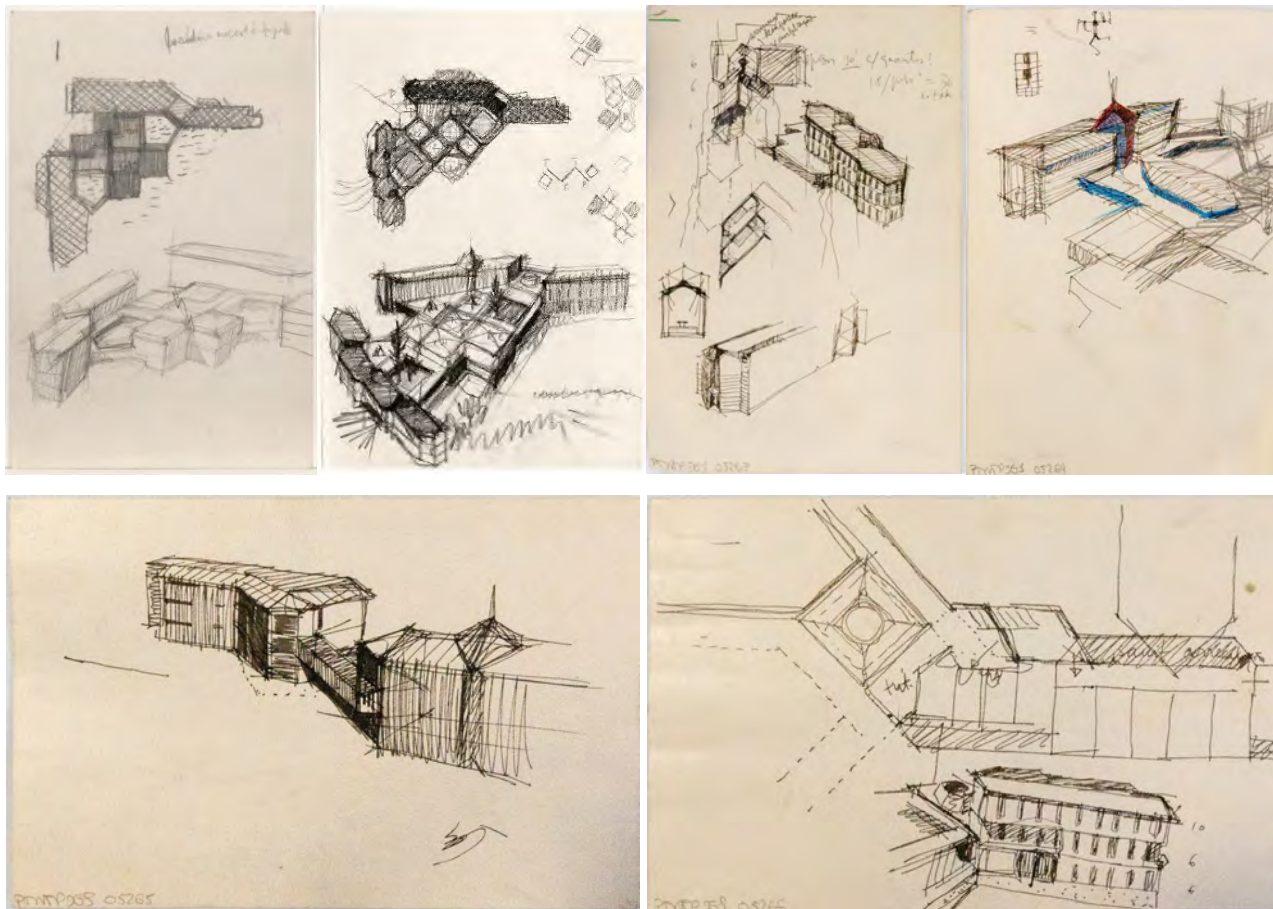


Figura 89 – Esquisso de Nuno Portas (com base no testemunho do Arq. Pedro Botelho). Acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos - PT NTP TXT 00173 (1 e 2); Documento (Rolo) - PT NTP-DES 00370 (Desenhos PT NTP DES.05263; 05264; 05265; 05266)]

<sup>359</sup> Apêndice: Segunda Conversa com o Arq. Pedro Botelho

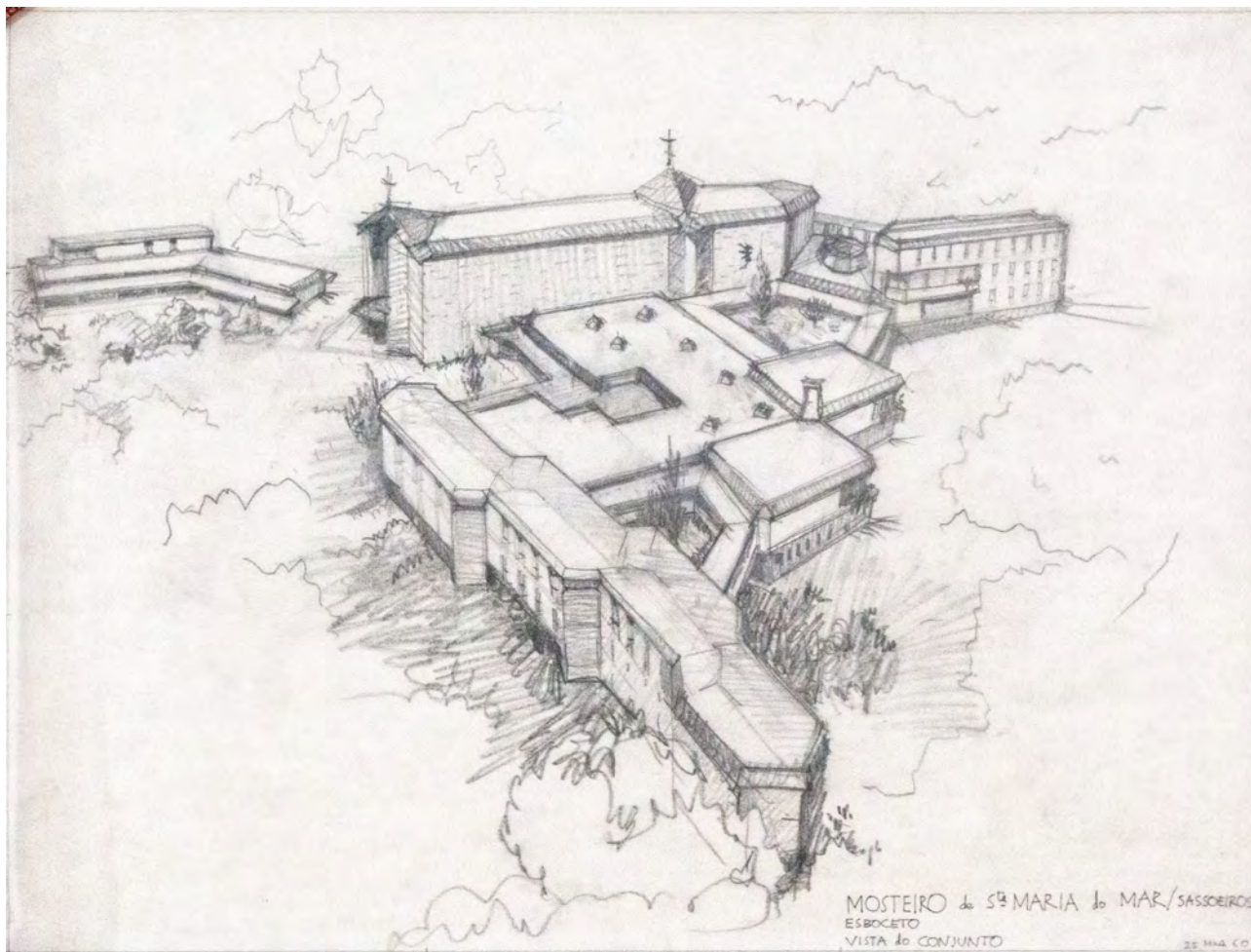


Figura 90 - Perspectiva de Nuno Portas (com base no testemunho do Arquitecto Nuno Portas e do Arq. Pedro Botelho), 25 de Maio de 1960. Acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [PT NTP DES 05313]

Por outro lado, Pedro Vieira de Almeida, que assina como colaborador, mas que ainda não tinha acabado o curso, e é nomeado na segunda posição na ordem de “intensidade de trabalho”<sup>360</sup>, é considerado “o esgalhante” e, até, “o motor” do projecto. Pedro Vieira de Almeida seria quem estava ao estirador, não como *deseñador*, mas como alguém que está dentro do projecto, que explorava a forma, em cada pormenor. Essa procura é expressa nos documentos que encontrámos no arquivo: sequências de esquisos, não só perspectivas livres ou descomprometidas, mas também desenho e redesenho de escalas mais detalhadas. Afirmamos que estes esquisos serão de Pedro Vieira de Almeida, pelo lugar que lhe é atribuído no livro *Arquitectura e Cidadania* e pelo testemunho de Pedro Botelho que afirma: “sempre ouvi dizer que o Pedro foi muito importante em Sassocieiros e que a janela é dele” (...) “eu acredito que muitos destes desenhos sejam dele e que aquilo [perspectiva] seja do Portas (...) não posso garantir nada disso (...) Eu digo isso porque sei que neste período o Pedro estava ao estirador e o Nuno Portas entrava e saía.”<sup>361</sup> Há, no entanto, uma excepção que é um recado ao desenhador (Figura 91), que é assinado “PC”, que serão as iniciais de Pedro César<sup>362</sup>, e de onde apreendemos a sua caligrafia, mostrando que era ele quem estava ao estirador, a fazer a procura do desenho acertado.

“Amigo Romeu. Se me permites um conselho, que me não foi pedido (...) Sobretudo parecia-me que era de garantir o máximo de transparência na parte superior mesmo com as bandeiras [janelas] fechadas. (...) P.C. [Pedro César].”<sup>363</sup>

Por outro lado, um outro recado dirigido a “Pedro” pedindo que este “mais uma vez” chamasse a atenção do empreiteiro, na pessoa do Eng. Almeida Henriques, da construtora Amadeu Gaudêncio<sup>364</sup>, para erros nas betonagens já realizadas, mostra que “há uma pessoa central neste projecto que se chama Pedro César e que, ou dá recados, ou recebe, mas está ele a tomar conta”<sup>365</sup>.

---

<sup>360</sup> TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania*: Atelier Nuno Teotónio Pereira. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279, p. 192 – a ordem para apresentação dos arquitectos escolhida para o trabalho segue a ordem atribuída na elaboração do catálogo da exposição “Arquitectura e Cidadania”, Atelier Nuno Teotónio Pereira.

<sup>361</sup> Apêndice: Primeira Conversa com o Arq. Pedro Botelho

<sup>362</sup> Apêndice: Segunda Conversa com o Arq. Pedro Botelho

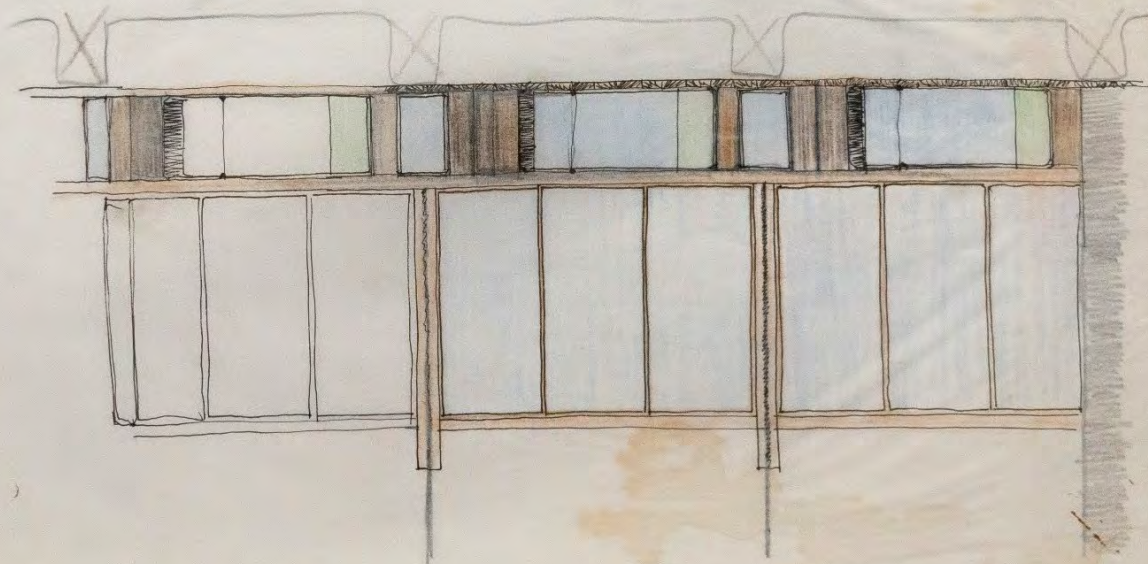
<sup>363</sup> Esquiso com recado assinado "P.C." acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquisos- PT NTP TXT 00173]

<sup>364</sup> 04/02/1964 - Carta da gerência da Sociedade Amadeu Gaudêncio a Nuno Teotónio Pereira acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Correspondência- PT NTP TXT 00172]

<sup>365</sup> Apêndice: Segunda Conversa com o Arq. Pedro Botelho



Aniso formou-se no ponto um conselho que me não foi pedido parece-me que quando  
dominar as bandeiras arriscamos-nos a ter bandeiras variadas.  
Sugiro, ou em vez de cada folha que ale, 2 folhas (o que era melhor para o  
segundo tipo de conexão) ou (centas) abit com a chapeira horizontal.  
So letudo parecia-me que era de garantir o mesmo de transparência um  
pote empurrar como com as bandeiras fechadas.  
Resumo P.C.



SI 141 P. DE O. 0074

Figura 91 - Esquisso com recado assinado "P.C." acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos- PT NTP TXT 00173]

Pedro

Como te disse antes, se a estera está batida,  
a ordem de tetraquim está gracilmente invertida. Pe-  
na-te que mais ou menos 100 chances a favor dela!  
passa isso, por um lado pelas falas de fabrica pe-  
na e Alameda Henriques, e o outro que chega a licen-  
cia de 10000 de jo mais estar na Empresa.

A única solução que vejo para o problema, é  
a a destruição para a simples de que foi feita. Como  
não me compete deitar mão-la... e não como que  
deu a estera disposta a destruir o trabalho realizado  
provisoriamente se lá que aguardar que aquilo não caia...  
ou por pilares a mais de colar, a se fazer o pavimen-  
to.

Quanto ao "chapim", julgo que podem ficar

assim:

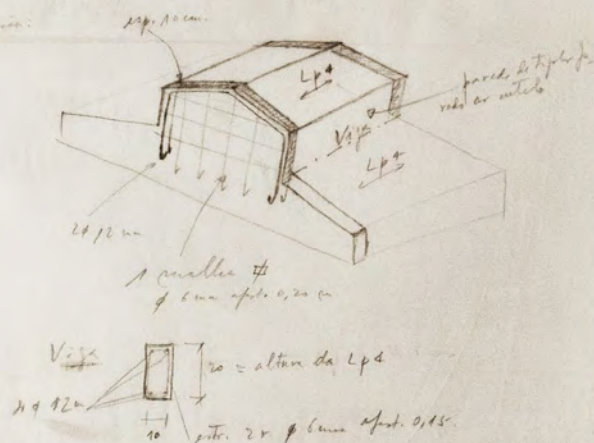


Figura 92 - Recado dirigido a "Pedro", provavelmente Pedro Vieira de Almeida. Acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos- PT NTP TXT 00173]

Esta procura que fazemos do autor do esquisso, da mão que desenha e encontra a forma, não tem como intenção a definição de autores de uma maneira mais clarificada, mas antes o propósito de revelar o processo por trás do projecto, para trazer mais luz ao funcionamento do atelier. Neste atelier, Nuno Teotónio Pereira era a cara, era o contratado, mas existia uma grande confiança nos arquitectos das gerações seguintes, ainda que, para isso, o primeiro tivesse “de dar o ordenado dele para pagar ao desenhador”, também “Nuno Portas levantava dinheiro, [porque] já não havia dinheiro para dar ao Pedro Vieira de Almeida”<sup>366</sup>.

O catálogo organizado para a exposição *Arquitectura e Cidadania*, avançou já ao reordenar os nomes dos arquitectos, porque “nos documentos oficiais o Nuno Teotónio aparece sempre em primeiro lugar, no metro também, mas quando se chega ao livro já não aparece no primeiro lugar”<sup>367</sup>. O nome de Nuno Teotónio Pereira era o primeiro “porque não podia deixar de ser, porque o contrato era com ele. Mas o principal autor está no livro.”<sup>368</sup>

Assim, o que pretendemos realçar é que “o atelier” era “uma casa onde as festas são organizadas por algumas pessoas”. E por isso pretende-se iluminar que “há nomes e há pessoas, há autorias e co-autorias, misturados e não sei quê, mas o fundamental é que as obras têm um objectivo que é partilhado por essas pessoas”. Este objectivo “é uma convicção sobre a forma de habitar e sobre a maneira de pensar o espaço e de o relacionar com o exterior e de enriquecer os pavimentos e de trabalhar com os materiais de uso do betão e da madeira e isso são coisas mais interessantes do que saber quem é que fez ou deixou de fazer”<sup>369</sup>

A particularidade da documentação deste arquivo é a leitura que nos oferece do *modus operandi* do atelier, da “super riqueza do que se passava ali dentro”. Pedro Botelho afirma mesmo não saber “se mais algum projecto do atelier tem aquilo”, “uma coisa que nunca tinha visto”. Crê não ter havido este tipo de processo no projecto do bloco das Águas Livres nem na Igreja do Sagrado Coração e que a razão para a concretização do projecto desta forma é haver “um projecto complexo que é dado ao Nuno” Teotónio

---

<sup>366</sup> Apêndice: Primeira Conversa com o Arq. Pedro Botelho

<sup>367</sup> Apêndice: Segunda Conversa com o Arq. Pedro Botelho

<sup>368</sup> Apêndice: Segunda Conversa com o Arq. Pedro Botelho

<sup>369</sup> Apêndice: Primeira Conversa com o Arq. Pedro Botelho

Pereira, que fica responsável por ele, desenvolve os programas e os esquemas iniciais, mas depois, “como não pode fazer, entrega. Mas ele confia que os outros fazem bem. E é por isso que ele entrega. Ele entrega porque ele sabe medir até onde é que vai. E o atelier é feito destas coisas”<sup>370</sup>

## A orientação continua em reuniões “com NTP”

Fosse de quem fosse a mão ao estirador, os esboços e as anotações que os acompanham, mostram que o trabalho era realizado em liberdade e com elevados níveis de criatividade. O desenvolvimento concreto da forma era explorado ao limite em desenho e todas as dúvidas eram esclarecidas, como relatam os apontamentos, em reuniões “com NTP”. Encontramos esboços em que se procurava ainda a geometria geral, mas também os detalhes de pequenos entalhes de caixilharia. O *esboço* do anteprojecto, à escala 1:200, foi enviado às irmãs para pronunciamento e discussão, depois foi alterado e voltou a ser enviado e alterado por mais duas vezes, antes do anteprojecto final.

“A primeira coisa que estás a ver e que é completamente diferente de hoje em dia que é a quantidade de desenhos que se faziam. As coisas eram feitas com muito tempo e com uma disponibilidade total como se fosse possível fazer um trabalho que nunca mais era acabado. Portanto as soluções são estudadas e verificadas e tidas alternativas e anda-se à roda e às vezes repete-se o mesmo desenho muitas vezes até estarem convencidos de que está boa a solução. Não é de que está bom o desenho é de que está boa a solução.”<sup>371</sup>

A exploração gráfica do desenho do edifício, que parte de uma organização em *L*, com orientação próxima de Norte-Sul, e se cruza com uma métrica baseada em quadrados girados a 45°, é feita dentro de uma lógica de variações sobre uma forma, através da subdivisão do espaço para conformar as áreas definidas no programa.

---

<sup>370</sup> Apêndice: Terceira Conversa com o Arq. Pedro Botelho

<sup>371</sup> Apêndice: Segunda Conversa com o Arq. Pedro Botelho

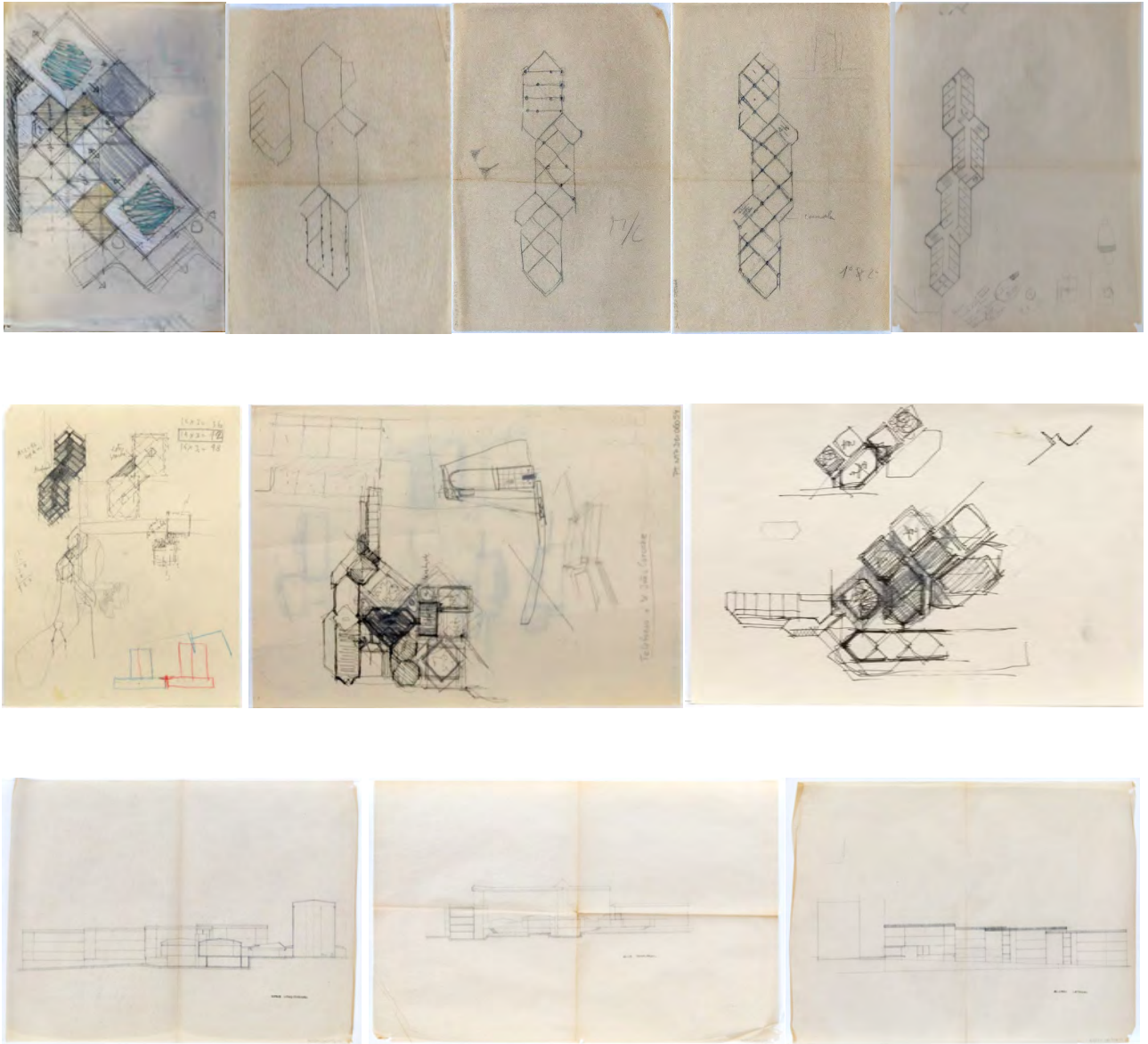


Figura 93 - Esquissos que mostram a procura de uma geometria orientadora, por exemplo, rodando quadrados sobre quadrados, e de uma planta geral acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos- PT NTP TXT 00173]



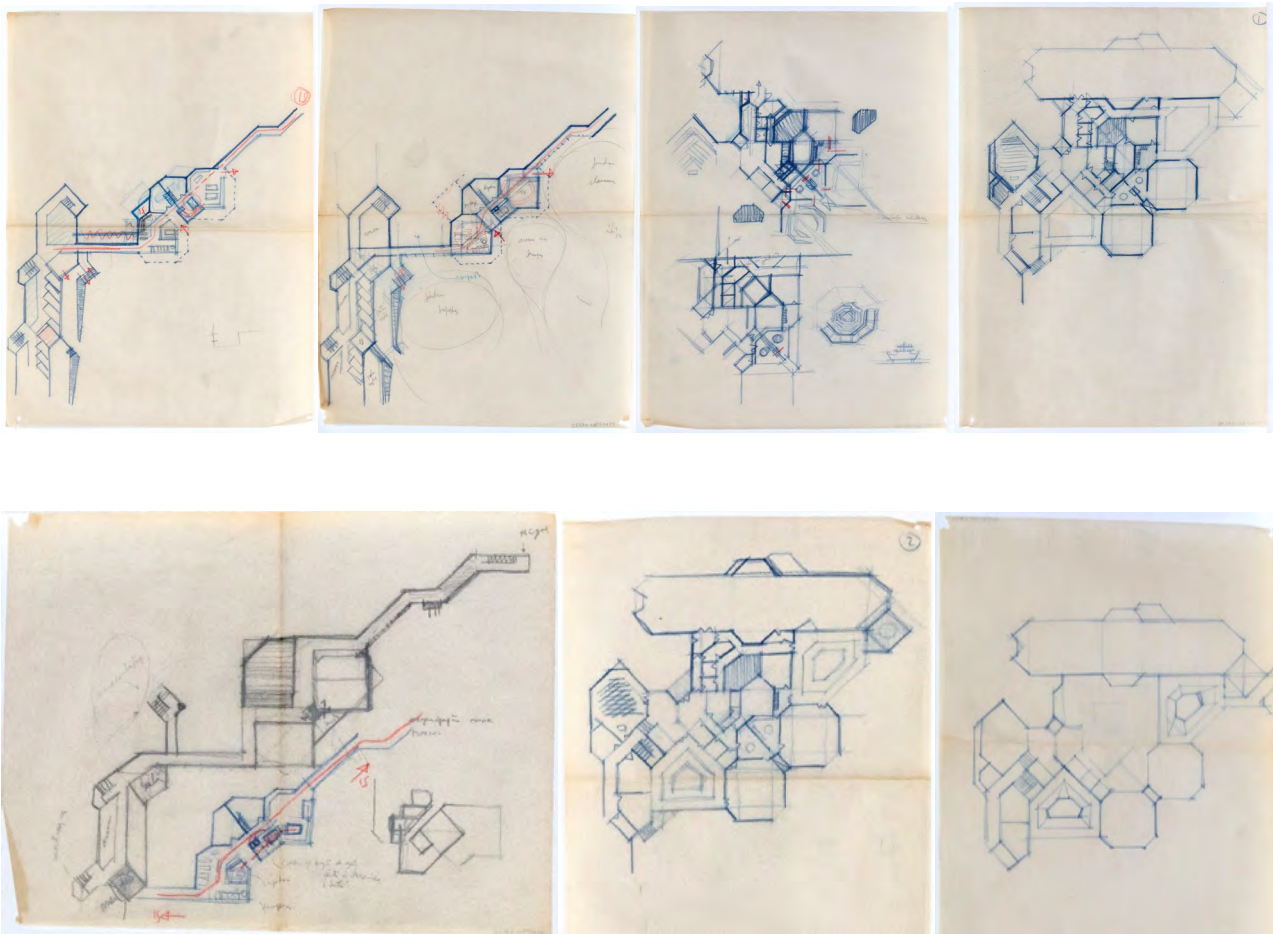


Figura 94 - Esquissos que mostram a procura de uma planta geral acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos- PT NTP TXT 00173]

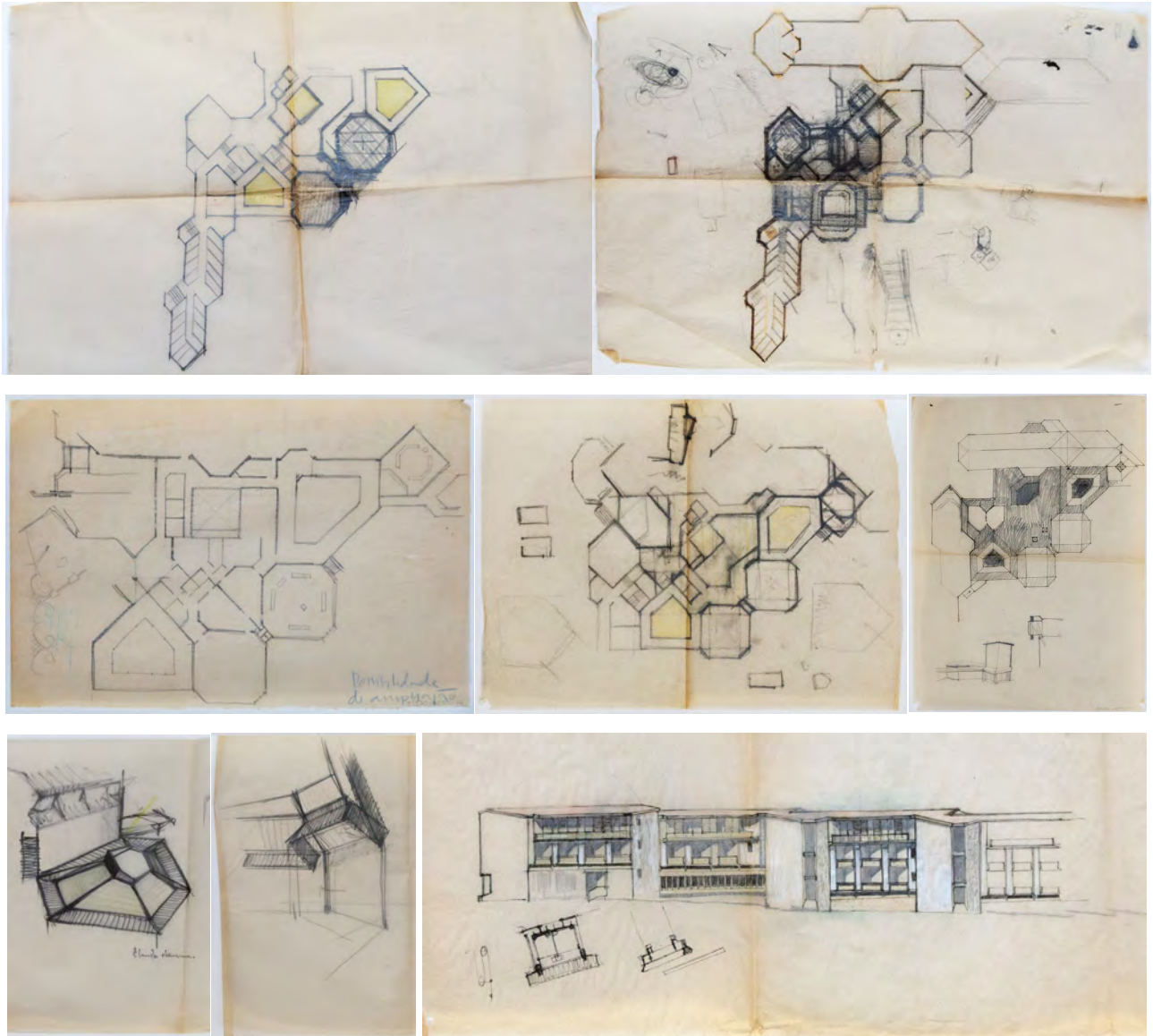


Figura 95 - Esquissos que mostram a procura de uma planta geral (1-5); de uma hipótese de cobertura para o claustro (6-7); de alçado para a hospedaria. Acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos- PT NTP TXT 00173]

## Três Esbocetos

O primeiro esboço (Figura 96) foi enviado à congregação a 25 de Maio de 1960<sup>372</sup> e a 8 de Junho, a Madre Maria Alberto enviou, em nome das irmãs, uma longa carta contendo as suas observações, pedindo ao arquitecto uma reunião, confiante de que “muito se esclarecerá e as dúvidas desaparecerão”. O interessante dos seus comentários é a pertinência arquitectónica dos mesmos. Fala-se na necessidade de luz e ventilação directa em todas as salas, propõem-se como solução pátios em vez de clarabóias, e há um ponto do texto que nos chamou particularmente a atenção: “há muitos espaços perdidos, por exemplo aqueles bicos ao lado das salas”<sup>373</sup>. O motivo do nosso espanto por esta afirmação é a ligação de Pedro Vieira de Almeida ao tema do espaço perdido na arquitectura, sobre o qual escreve uma série de artigos intitulados *O «espaço-perdido» - proposta para a sua revalorização crítica*, no *Jornal Letras & Artes*, em 1965<sup>374</sup>, e ainda no artigo escrito para a revista italiana *Chiesa e Quartiere* em 1968 e nunca publicado, *Programas e Arquitectura*<sup>375</sup>. Nesta resposta revela-se ainda a proximidade do arquitecto com as irmãs que lhe pedem que “se vier de carro e não o trouxer cheio” dê boleia a umas irmãs de Sasseiros para Roriz<sup>376</sup>. Essa reunião em Roriz, realizou-se a 18 de Junho<sup>377</sup>.

---

<sup>372</sup> Carta à Rev. Madre Maria Alberto, O.S.B. (Nuno Teotónio Pereira – 25/05/1960) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Correspondência - PT NTP TXT 00172]

<sup>373</sup> Carta a Nuno Teotónio Pereira (Ir. Maria Alberto, O.S.B. – 08/06/1960) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Correspondência - PT NTP TXT 00172]

<sup>374</sup> ALMEIDA, Pedro Vieira de – “**O «espaço perdido» - proposta para a sua revalorização crítica**”. *Jornal Letras e Artes*, de 27/01, 17/02, 26/05 e 4/08, p. 10 e 14; pp. 8-9; pp.8-10; pp.8-10. Cit. por MARINHO, Margarida, ANDRÉ, Paula - O valor patrimonial do “Ensaio sobre o Espaço da/em Arquitectura” (1963) de Pedro Vieira de Almeida (1933-2011) . in ANDRÉ, Paula, RODRIGUES, Paulo Simões, ALVES, Margarida Brito, COSTA, Miguel Reimão (Ed.) - Antologia de Ensaios - Laboratório Colaborativo: dinâmicas urbanas, património, artes. IV - Seminário de investigação, ensino e difusão. (pp. 56-76). Lisboa: DINÂMICA/CET-IUL, 2018. Disponível na Internet < URL: <http://hdl.handle.net/10071/16713>>, p. 68

<sup>375</sup> MARQUES, João Luís Rebelo Ferreira – **A Igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975** [Em Linha]. Porto: Repositório Aberto da Universidade do Porto, 2017. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet < URL: <http://hdl.handle.net/10216/110753>>, p. 672-680

<sup>376</sup> Carta a Nuno Teotónio Pereira (Ir. Maria Alberto, O.S.B. – 08/06/1960) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Correspondência - PT NTP TXT 00172]

<sup>377</sup> Apontamentos de “Reunião em Roriz” (18/06/1960) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [memórias, anotações, reuniões, jornais - PT NTP TXT 00178 – 1/3]



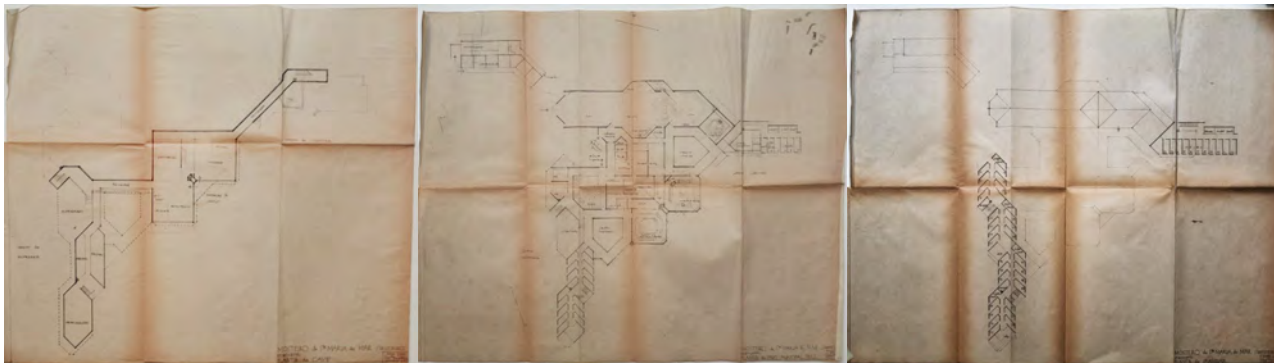


Figura 96 – Plantas de três pisos no *Esboçeto* (I) (Maio/1960). Acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA

Em Agosto de 1960 foi entregue o 2º *Esboçeto* (Figura 97) numa reunião em Sassoeiros<sup>378</sup>. No desenvolvimento destes esboçetos foi aprofundada a divisão da obra em fases, havendo por isso alguma discussão, não só em torno dos espaços definitivos, mas também daqueles que se planeiam como provisórios para as diversas funções. Na reunião de 18 de Junho de 1960 tinham sido aclaradas algumas questões, no entanto, só aquando da entrega do 3º Esboçeto, em Setembro, surgiram os primeiros desenhos da 1ª fase.

Os desenhos sobre o 2º esboçeto (Figura 97) fazem notória ainda a procura de Nuno Teotónio Pereira por conseguir fazer construir na primeira fase todas as instalações fundamentais, assinalando não só os três corpos da futura hospedaria, mas também os claustros, os refeitórios e copas, o capítulo, os ateliers de paramentos, a exposição e livraria, os locutórios e secretaria, as instalações sanitárias, etc. ...

---

<sup>378</sup> Apontamentos de “Reunião em Sassoeiros” (08/1960) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [memórias, anotações, reuniões, jornais - PT NTP TXT 00178 – 1/3]

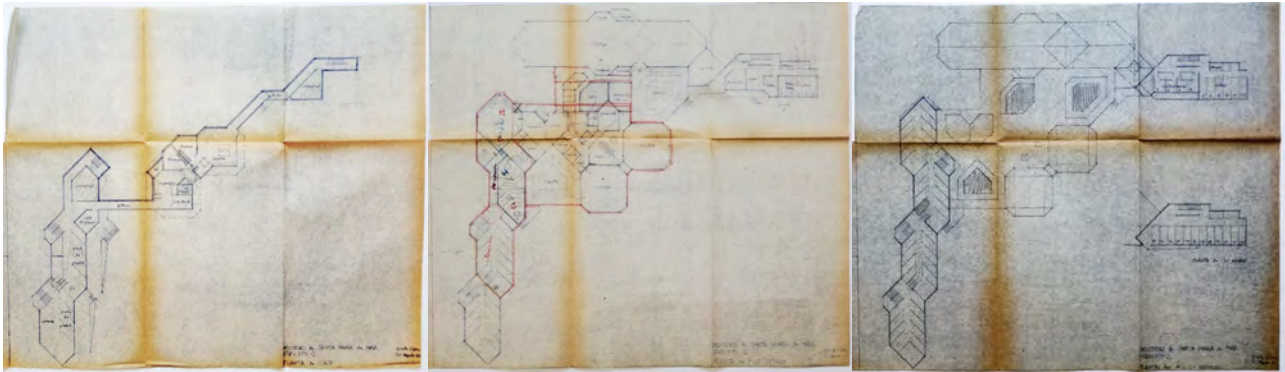


Figura 97 – Plantas de três pisos no 2º Esboço (31/08/1960). Acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA

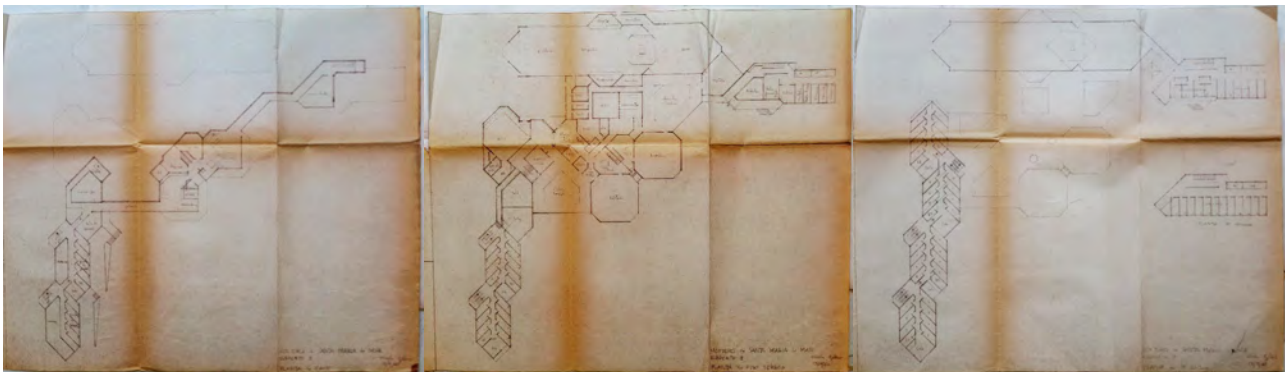


Figura 98 - Plantas de três pisos no 3º Esboço (13/09/1960). Acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA

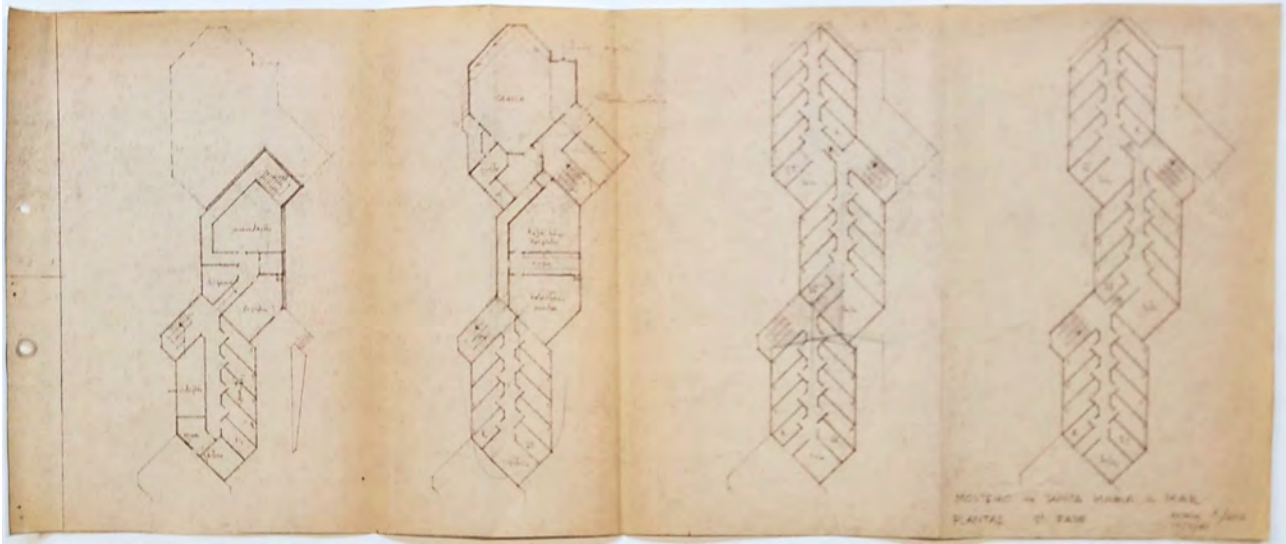


Figura 99 - Plantas da primeira fase no 3º Esboceto (13/09/1960). Acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA

Em Setembro de 1960 seguiram para os dois mosteiros cópias do 3º Esboceto<sup>379</sup> (Figura 98) incluindo plantas da primeira fase a construir (Figura 99). A proposta feita era a de que se construíssem três dos corpos da hospedaria, adaptando um dos corpos para residência provisória das irmãs e as salas do piso de entrada para as várias funções necessárias: capela, refeitórios, etc. ... O que significa que acabou por ser necessário recorrer à solução que Nuno Teotónio Pereira desde o início preteria, ou seja, uma construção “rotativa como em Roriz, em que umas instalações vão servindo para outros fins até à construção definitiva”. Provisoriamente as salas de reunião seriam refeitórios, o “salão” seria capela, a sala do pessoal seria cozinha entre outros compartimentos que receberiam funções provisórias.

Através da. Ir. Maria Alberto, a priora agradeceu o terceiro esboceto, afirmando que agrada mais que o segundo. Entre outros pontos, pedia mais luz natural, um espaço amplo no salão (capela provisória - planeando já a instalação de um ecrã de projecção) e a correcção das designações da planta para a

<sup>379</sup> Carta à Rev. Madre Maria Alberto, O.S.B. (Nuno Teotónio Pereira, - 13/09/1960) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Correspondência - PT NTP TXT 00172]

“apresentação às Obras Públicas”. Um dos exemplos é a correcção de “Mosteiro” para “Casa de Estudos da congregação das Beneditinas Missionárias”, outro é de “Capela” para “Sala de Conferências – Capela Provisória”. Novamente depois da entrega do *ante-projecto* as irmãs pediram a inclusão de várias referências ao estudo e ao carácter missionário da congregação na memória descritiva<sup>380</sup>. O que terá que ver uma maior facilidade na aceitação, por parte das instituições estatais de então, de tudo o que pudessem beneficiar a colonização portuguesa, no quadro do regime<sup>381</sup>.

Notamos que para o mosteiro de Roriz foram desenhadas pelo arquitecto Raul Lino duas versões. Em 1937, a primeira, apresentava o nome *Priorado de Santa Escolástica*<sup>382</sup> e em 1938 a segunda versão tinha como título *Colégio das Beneditinas-Missionárias*<sup>383</sup>, num movimento semelhante.

Na carta enviada aos arquitectos, a Ir. Maria Alberto pedia ainda um croquis de um quarto da hospedaria (Figura 100 e Figura 101), terminando “e o tempo urge”. Em *Post Scriptum* pedem-se já as indicações para se arranjar a primeira pedra que se pretendia benzer a 13 de Outubro<sup>384</sup>. Contudo, a primeira pedra não viria a ser benzida em Outubro, mas sim a 17 de Dezembro<sup>385</sup>, depois da apresentação do *Ante-Projecto* e do pronunciamento sobre o mesmo, por parte do Ministério das Obras Públicas. O desenho da primeira pedra foi também realizado no atelier (Figura 102).

---

<sup>380</sup> Apontamento “Para acrescentar à memória” acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [memórias, anotações, reuniões, jornais - PT NTP TXT 00178 – 1/3]

<sup>381</sup> Apêndice: Entrevista com a Ir. Cristina

<sup>382</sup> Raul Lino, projecto do “Priorado de Santa Escolástica”. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RL 387] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos

<sup>383</sup> Raul Lino, projecto do “Colégio das Beneditinas-Missionárias”. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RL 384] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos

<sup>384</sup> Carta a Nuno Teotónio Pereira (Ir. Maria Alberto, O.S.B. – 16/09/1960) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Correspondência - PT NTP TXT 00172]

<sup>385</sup> FRANCO, José Eduardo (dir.), MOURÃO, José Augusto (dir.), GOMES, Ana Cristina da Costa (dir.) - **Dicionário histórico das ordens e instituições afins em Portugal**. Lisboa: Gradiva, 2010. ISBN 9789896163693, p. 336 e **Família Beneditina Portuguesa**. Roriz: Edições Ora et Labora, 2018. p. 24

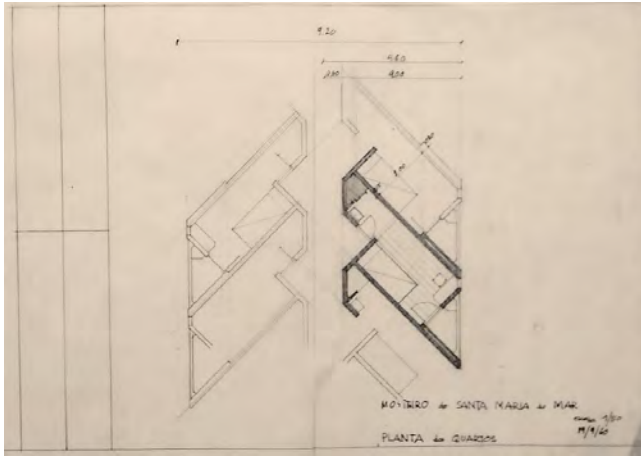


Figura 100 - Planta de quartos da hospedaria, enviada em resposta ao pedido das irmãs acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio II com anotações- PT NTP TXT 00176]

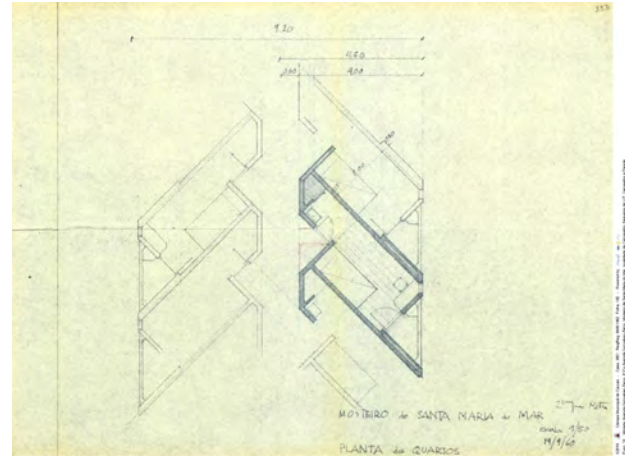


Figura 101 - Cópia da planta de quarto da hospedaria recebida pelas irmãs residentes em Sassoeiros. Acessível no Arquivo da Câmara Municipal de Cascais [Espólio do Mosteiro de Santa Maria do Mar]

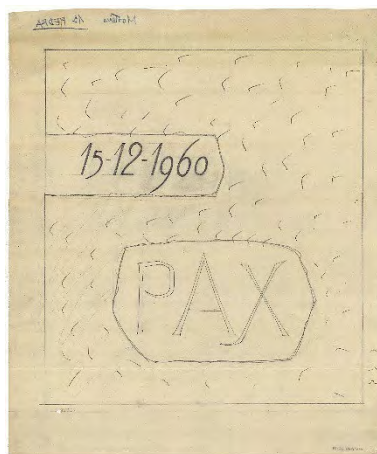


Figura 102 - Desenho da Primeira Pedra acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Documento (Rolo) - PT NTP-DES 00370 (Desenhos PT NTP DES.05294) ]



Figura 103 - Fotografia da Primeira Pedra (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)



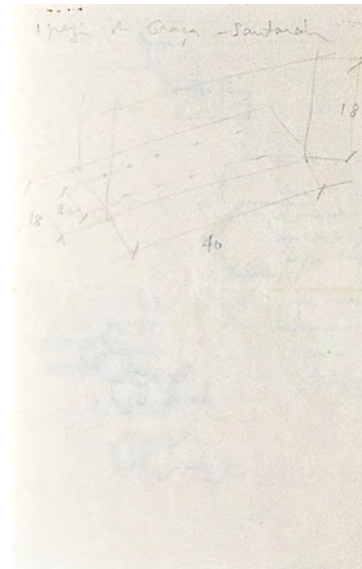
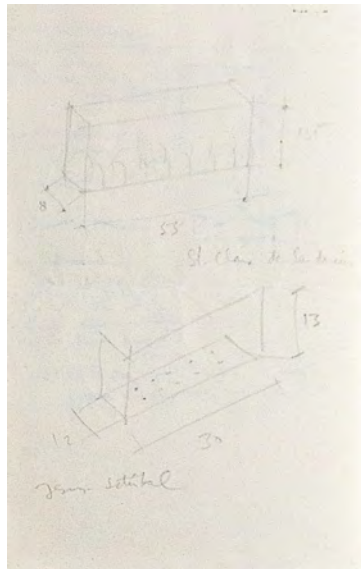
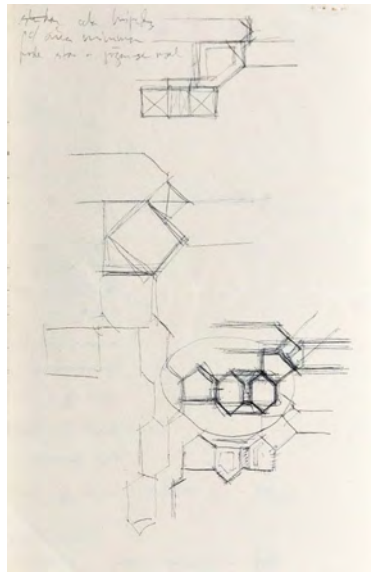


Figura 104 - Estudo procurando formas de abrigar os claustros, criando uma cobertura em vidro tipo *impluvium* e estudo das proporções de três igrejas antigas em Portugal: St. Clara de Santarém; [Convento de] Jesus, Setúbal; Igreja da Graça, Santarém. Acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [memórias, anotações, reuniões, jornais - PT NTP TXT 00178 - 1/3]

## Ante-Projecto final

Neste subcapítulo citaremos recorrentemente a Memória descritiva do *ante-projecto*<sup>386</sup>. De modo a facilitar a leitura, apenas serão explicitamente referenciadas outras fontes citadas.

Para a entrega do *ante-projecto*, a 6/10/1960, o texto da memória descritiva foi significativamente aumentado e ganhou detalhes que mostram o cuidado e a atenção que eram dados a este projecto. No entanto, os grandes princípios permaneceram os mesmos das diversas fases do estudo prévio. Analisamos alguns pontos de interesse do *ante-projecto*.

A implantação proposta é essencialmente a mesma do estudo prévio, o edifício, “situado numa linha de cumeeada”, muito exposto às condições do clima e “dominando visualmente para sul uma vasta área”, vira as costas ao vento norte e abre-se ao panorama, a sul.

A igreja, especialmente importante devido à função (exterior) de serviço à população, abre para o espaço de entrada no terreno, a Norte-Poente, para onde também abrem os serviços ligados a actividades exteriores de apostolado e caridade: a entrada para o edifício da hospedaria e das salas de cursos e formação e todo o edifício do posto de assistência e da catequese.

A implantação na zona mais alta é justificada pela fertilidade dos terrenos mais baixos e pela posição dominante pretendida para o edifício. Por outro lado, a hospedaria está fragmentada em vários corpos para acompanhar o declive do terreno, mas também para reduzir o impacto do seu volume sobre as vistas do rio, do mar e de toda a zona da Costa do Sol, realçando, no conjunto, o volume da Igreja que se pretendia destacar. Correspondendo a zona mais elevada ao extremo Norte do terreno, segundo os arquitectos o edifício fica assim “nitidamente metido no terreno e envolvido por este, como é tradicional nos mosteiros Beneditinos”. A referência à tradição da arquitectura monástica é importante na memória descritiva do estudo prévio e é repetida ainda no *ante-projecto*. São enunciadas quatro características afirmadas como guia neste projecto, que não se referem à forma ou à linguagem usada, mas a “constantes arquitectónicas” correspondentes à grande escala da intervenção, portanto, independentes do *estilo*.

---

<sup>386</sup> Memória descritiva do *ante-projecto* (06/10/1960), acessível no Arquivo Técnico de Urbanismo da Câmara Municipal de Cascais [Caixa nº 3851] – Ver Apêndice: Cronologia





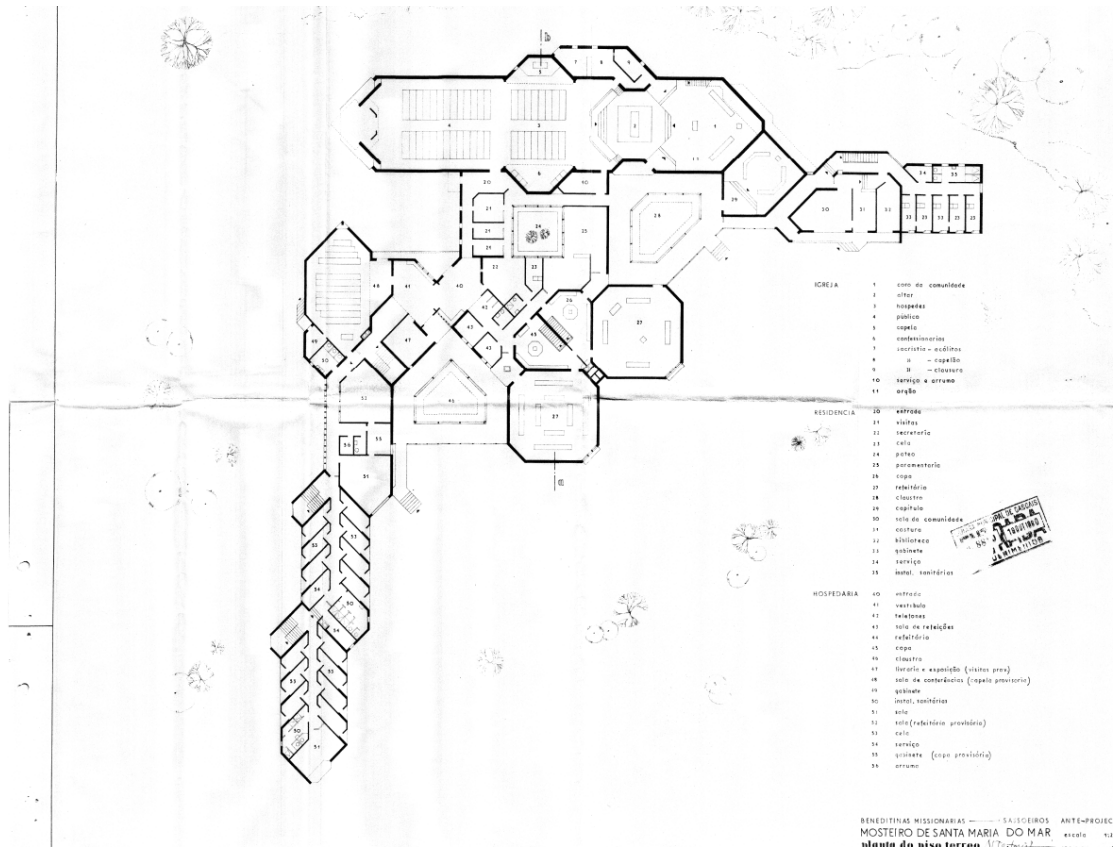


Figura 106 - Planta do Piso Térreo (*ante-projecto*) acessível no Arquivo Técnico de Urbanismo da Câmara Municipal de Cascais [Caixa nº 3851]

Pode entender-se esta interpretação da arquitectura monástica, partindo de um exemplo paradigmático, e comparando-o ao *ante-projecto*. O projecto do séc. IX encontrado em St. Gall (Suíça) (Figura 105), não correspondendo à arquitectura da abadia Beneditina de St. Gall (Suíça), é interpretado como a planta genérica para um mosteiro ideal na cultura monástica carolíngia. A sucessão de espaços, a grande proporção da igreja em relação ao conjunto e a complexidade de circulações são comuns à planta de St. Gall e à planta de Sassoeiros (Figura 106). Também a abadia de Cluny (Figura 107), exemplo quase desaparecido de uma abadia de regra Beneditina, pode servir como suporte para o entendimento da tradução volumétrica levada a cabo pelos arquitectos para o Mosteiro de Sassoeiros (Figura 108).

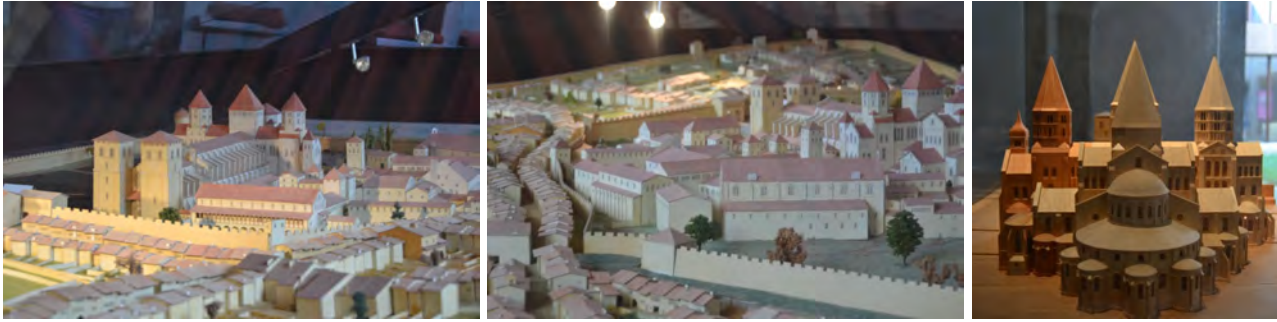


Figura 107 – Fotografias de Maquetes da Abadia de Cluny (actualmente quási totalmente destruída), em Cluny, mostrando bem a importância do volume da igreja no conjunto (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)

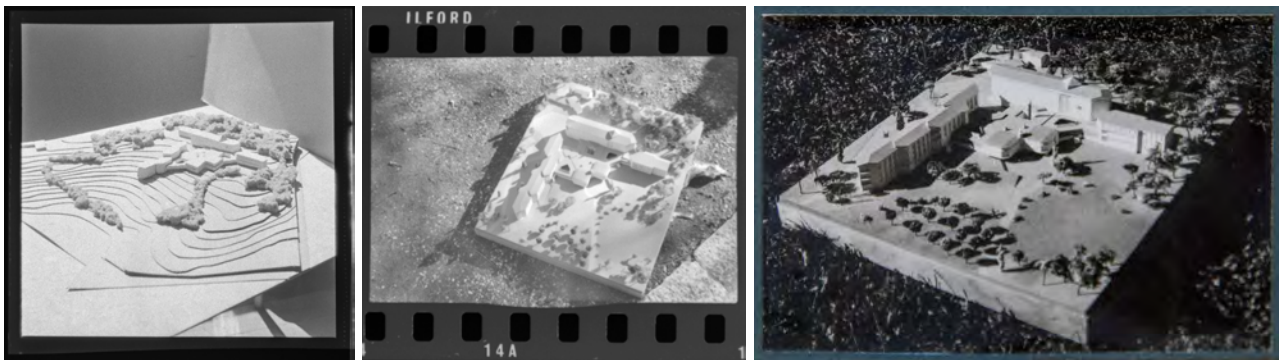


Figura 108 - Fotografias de Maquetes executadas em 1960 acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Negativos Maquete c. 1960 - PT NTP FOTO 12091-12125], [Maquete 1960 - PT NTP FOTO 12103 - 12107 - 12108 - 12112] e [Cartão com fotografias - PT NTP FOTO 12012 - 12014]

Para o restante terreno do mosteiro, são definidas (Figura 109), a partir do trabalho prévio do engenheiro agrónomo e paisagista Júlio Moreira, áreas arborizadas na zona norte e nordeste do terreno, para protecção dos “ventos muito fortes (...) do quadrante norte” e “isolamento do exterior”. Na zona sul e poente, o isolamento é garantido pela distância do edificado ao limite do terreno. São também propostas uma “horta pomar jardim”, no centro, uma zona de vinha e, a Sul, uma zona para “culturas arvenses, pastagens ou outras”.



Figura 109 –*Planta Geral* acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [cópias de desenhos de *ante-projecto* - PT NTP TXT 00177]

A hospedagem não era somente um elemento central da regra beneditina, nem era já de “ocorrência acidental”. Poderia ser também fonte de subsistência para as irmãs, não trabalhando já no “sentido de uma total autarquia”, mas mais ligadas à comunidade. A presença “permanente e numerosa de hóspedes” levou a estabelecer os pontos de contacto entre a comunidade, os hóspedes e o pessoal de serviço que se previa existir num complexo de tão grande dimensão, com zonas de trabalho e residência próprias. A separação resultava numa grande complexidade de circulações através de longos corredores.

A igreja, principal ponto de encontro entre hospedaria, clausura e comunidade, teria a função “excepcional” de servir ainda a população de Sassoeiros que não se previa vir a dispor de uma igreja própria. A separação entre os visitantes e as irmãs traduzia-se no desenho dos espaços de dormida e refeição até ao desenho da igreja, onde a assembleia dos fiéis e o coro das religiosas figuravam em locais diferentes, apesar da reduzida separação, em relação ao modelo com “largas tradições”, que “não tinha já qualquer justificação”.

Para Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas e Pedro Vieira de Almeida, “A participação de um mesmo espaço e a orientação centrada no altar traduzem sentido de unidade e comunhão que parece corresponder por um lado à maior abertura da própria actividade das religiosas e por outro à valorização do laicado na vida da Igreja”.

O discurso da memória descritiva é detalhado na descrição da arquitectura e na descrição da vida que ela viria a conter. Como se se tratasse de um manual de instruções de utilização do edifício, mas, ao mesmo tempo, de um manual de vida monástica que explica as actividades na interacção com os diversos espaços criando uma imagem em movimento. Os arquitectos descrevem “jardins, hortas e pomares que, em socacos e estabelecendo uma perfeita continuidade, se estenderão pelo terreno”, a copa “organizada por forma a acentuar o trabalho em comum, colocando-se ao centro um grande lava-loiça em redor do qual se junta a comunidade” e as “extensas galerias de circulação, semi-enterradas” cujos “inconvenientes poderão ser atenuados com o emprego de pequenos carros de transporte”.

Por outro lado, os arquitectos esclarecem constantemente acerca da adequação dos espaços ao programa de vida monástico. Por exemplo, todas as dependências do mosteiro propriamente dito, nomeadamente as celas e dois claustros, o da hospedaria e o da comunidade, abriam para o centro do terreno que estabelecia “pleno contacto” com “a natureza” e era um “espaço recolhido do mundo profano, mas amplamente aberto à natureza”. “Dominado pelo silêncio corresponde às actividades tradicionais de oração, meditação e trabalho.” São também frequentes as referências ao recato exigido pela vida monástica como, por exemplo, “a preocupação de não permitir uma violação visual da clausura, garantindo por meio da posição dos corpos do edifício ou da orientação das janelas, que a vida da comunidade se faça ao abrigo de olhares estranhos”.

Toda esta minúcia é tradução dos trabalhos preparatórios do projecto, fruto das muitas reuniões com a congregação religiosa (cliente), a qual, por meio das palavras da memória descritiva, descansava

por ver garantidas as orientações programáticas indicadas ao longo de dois anos. No entanto, a leitura desta memória descritiva veicula igualmente a ideia de ser escrita por alguém de dentro, ou seja, por um homem da igreja que sabe de religião e que idealizou, ele próprio a vida dentro do mosteiro, e também a vida da igreja. As observações constantes da memória descritiva, acerca da “tradução actual de uma fundação monástica beneditina” ou sobre “a valorização do laicado na vida da Igreja”, a propósito da organização da igreja, não eram exigidas para a mera descrição da arquitectura, e encerram em si a visão pessoal dos arquitectos, ou do arquitecto Nuno Teotónio Pereira, responsável da equipa, para a igreja.

Realçamos ainda o tratamento da luz como elemento muito importante, participante da constituição da arquitectura. Na igreja, com um carácter “funcional” importante, o de “proporcionar suficiente iluminação para leitura na zona do público e no coro”, a luz entraria “através de rasgos verticais”, mas também para “marcar fortemente o espaço do altar”. Os arquitectos assinalam ainda a “orientação de uma das aberturas a sul, com inflexões a nascente e poente” para “marcar pela luz as horas do dia”, acompanhando o ritmo de oração das irmãs na igreja

Os claustros, elemento tratado como “tradicional”, são, por outro lado, objecto de grande atenção, de modo a não serem meras passagens de serviço, mas proporcionarem simultaneamente o abrigo e a abertura à natureza necessários num local de “recolhimento e meditação”. Assim, a “abertura superior da zona central” é reduzida com recurso ao balanço das galerias, criando abrigo, mas os lados dos claustros, que têm jardim adjacente a Sul-Nascente, são envidraçados estabelecendo a ligação com o exterior e fazendo entrar “uma grande faixa de luz” (Figura 110 e Figura 111).

A hospedaria, isolada da clausura, deveria permitir que os hóspedes se sentissem “realmente dentro do mosteiro”, havendo para isso grande semelhança entre os espaços das duas áreas. Obedecia a um modelo de unidades de sete quartos, com o objectivo de permitir agrupar pequenos grupos em retiro que se podiam reunir na sala existente para cada grupo de quartos, de forma a evitar o “movimento”, “aumentando-se assim o silêncio e a possibilidade de recolhimento”. Esta solução obrigava à repetição frequente de escadas, mas independentizava o acesso a cada unidade. As celas eram rodadas em relação ao edifício, para abrirem para sul, “para o Sol e para o panorama”, evitando o vento.



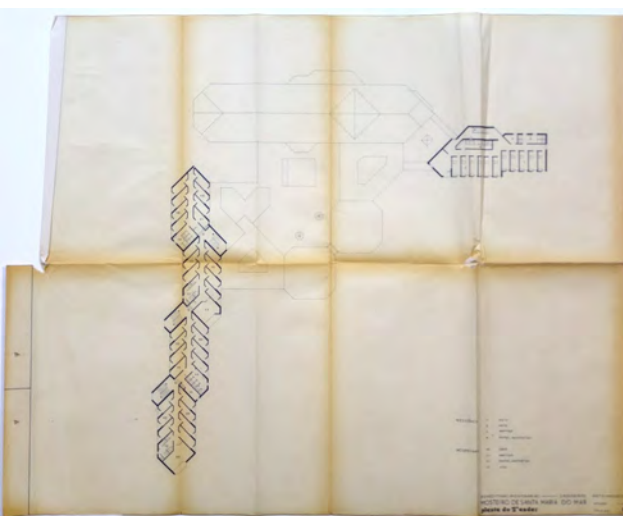
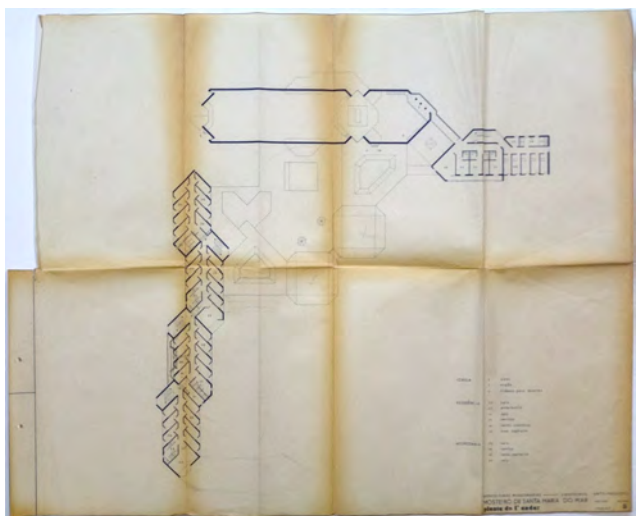
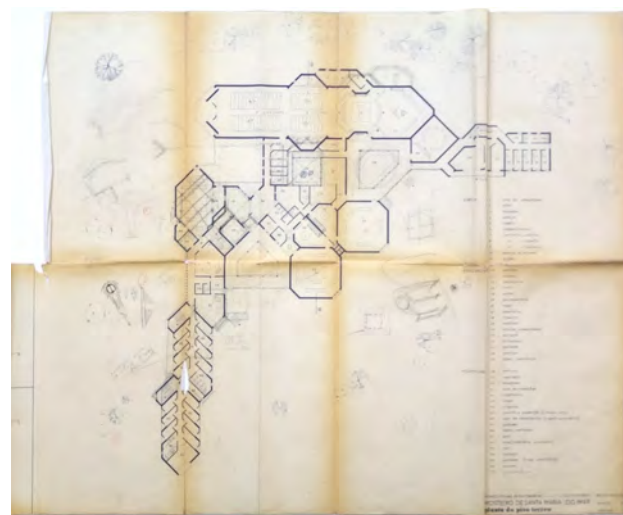
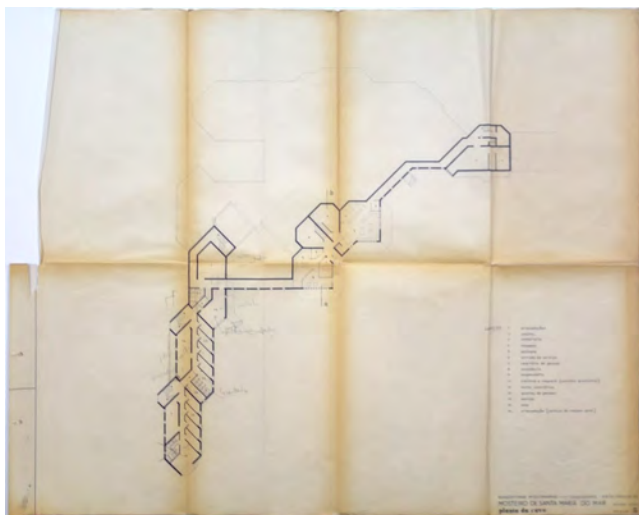


Figura 110 - Plantas do *Ante-Projecto* acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [cópias de desenhos de *ante-projecto* - PT NTP TXT 00177]

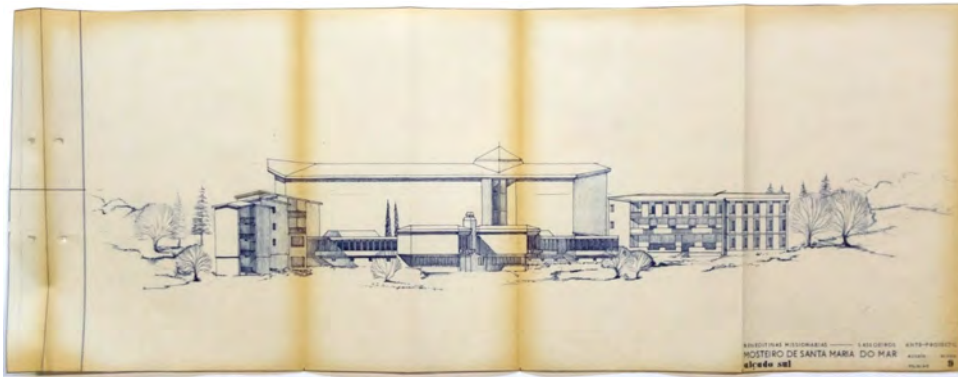
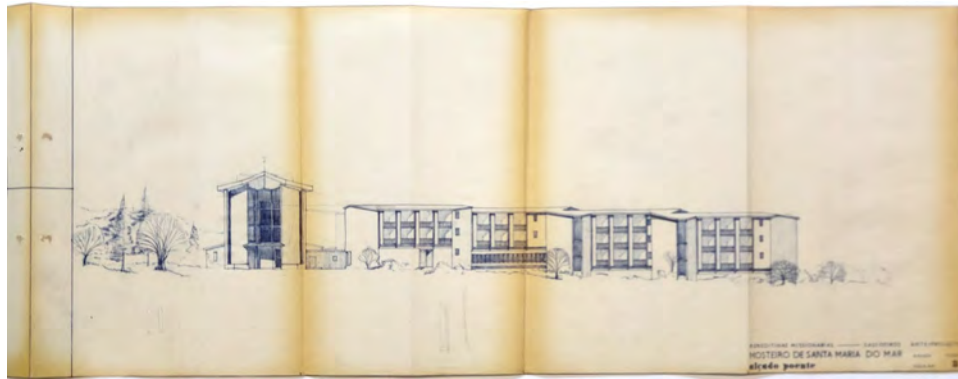
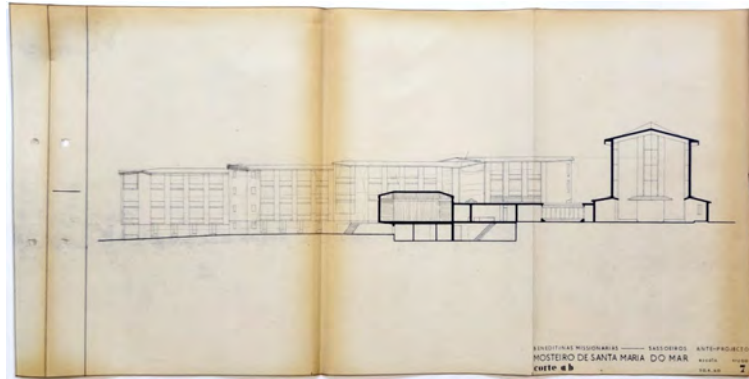


Figura 111 - Alçados do Ante-Projecto acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [cópias de desenhos de ante-projecto - PT NTP TXT 00177]

No *ante-projecto* estava previsto o faseamento da construção, sendo a primeira fase assinalada e constituída por três corpos da hospedaria com adaptações provisórias nas salas polivalentes dos pisos térreos que substituiriam os edifícios em falta, albergando as funções de refeitório, copa, sala de conferências e capela. Destes três corpos da hospedaria as celas da cave ficariam para residência das irmãs, os pisos superiores para os hóspedes e, do terceiro corpo, só seria construído o piso térreo com a função única de capela provisória, que, apesar de estruturalmente preparado para receber no futuro os pisos superiores da hospedaria ficaria rematado com uma cobertura provisória em telha.



## A linguagem adoptada

A forma proposta para o Mosteiro de Santa Maria do Mar expõe a estrutura. Em vez de um moderno *racionalista*, referenciado em Le Corbusier, usa-se um moderno *orgânico*, mais próximo de Wright ou dos BBPR (Tor Velasca)<sup>387</sup>, recordando as perspectivas de Nuno Portas para o Restelo ou para a Igreja do Sagrado Coração de Jesus.

Também Quaroni pode ter sido uma referência importante por isso comparamos directamente algumas obras. É o caso da Igreja de Martella, cuja *capela-mor* (um elemento da arquitectura religiosa ainda usado num primeiro moderno) tem, no exterior semelhanças fortes com o desenho do atelier de Nuno Teotónio Pereira para o *lanternim* sobre o altar. No interior, a secção da nave é também significativamente semelhante à proposta para a igreja do mosteiro (Figura 112).



Figura 112 - Igreja de San Vincenzo de Paoli, La Martella (Ludovico Quaroni, 1951-54) acessível em PORTAS, Nuno – Arquitectura Religiosa Moderna em Portugal. *Arquitectura*. n.º 60, (Outubro de 1957). p. 20-34

---

<sup>387</sup> Apêndice: Segunda Conversa com o Arq. Pedro Botelho



Figura 113 - Perspectiva geral num pequeno cartão da autoria provável de Nuno Portas, acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos e Anotações do Desenhador - PT NTP TXT 00173]

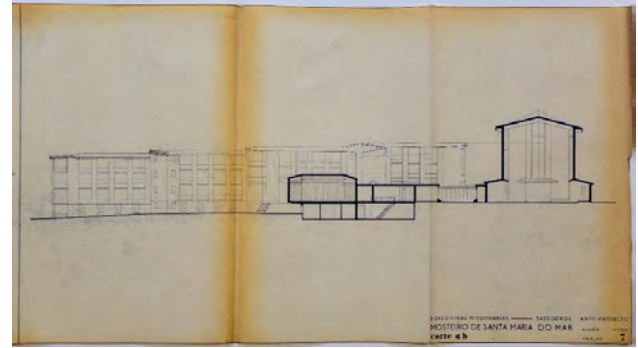


Figura 114 - Corte da Igreja (anteprojecto), acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [cópias de desenhos de anteprojecto - PT NTP TXT 00177]

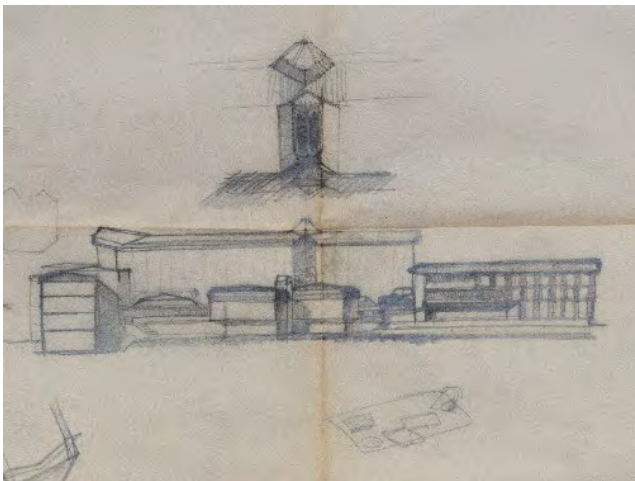


Figura 115 - Esquisso do alçado sul, em que se estuda a relação do alçado e secção no ponto fulcral da igreja, onde se localiza o altar, acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos e Anotações do Desenhador - PT NTP TXT 00173]

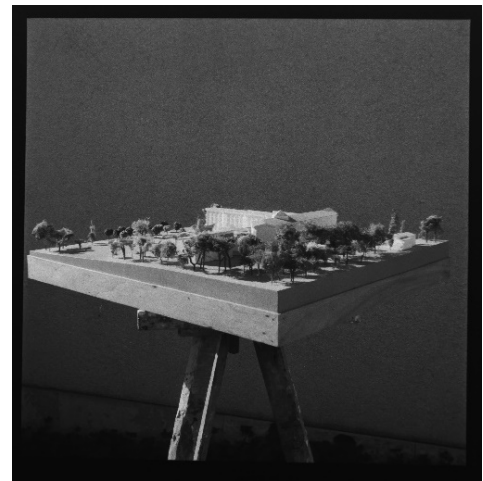


Figura 116 - Fotografia da Maquete aparentemente à escala 1:200, onde se revela a marcação volumétrica do ponto do altar, acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Negativos Maquete c. 1960 - PT NTP FOTO 12091-12125]

Por outro lado, a igreja de Ludovico Quaroni em Génova, *Sacra Famiglia*, apresenta uma janela de esquina, que poderia ter servido de modelo ao *janelão da escada* do Mosteiro de Santa Maria do Mar, tal é a semelhança do tipo de abertura na parede exterior. Também a marcação desse vão na vertical com o uso de guardas metálicas estará aí referenciada, mas a referência não é inconsequente, procura adaptar-se perfeitamente à situação concreta e, no caso, é este janelão que faz entrar a luz rasante entre a parede e a escadaria do mosteiro. Apesar de no interior a igreja ser de linguagem muito mais depurada e branca, o tipo de pormenores, ângulos, recortes nas paredes e no próprio betão são próximos no tipo de caracterização dada. Em entrevista a Fátima Filipe, Nuno Portas apresenta a Igreja de Quaroni em Génova, como uma igreja “lindíssima” que visitou e que também serviu para si “como exemplo”.

“fizemos muitas viagens naquela altura em que não íamos especificamente as igrejas, íamos também para a habitação. E aí, a grande mudança, havia sempre o lado dos ingleses por outro lado dos italianos e nós jogávamos mais para o lado dos italianos que para o dos ingleses. E também fizeram algumas igrejas muito importantes, o Quaroni, por exemplo. Arquitectura de grande nível, fez duas igrejas muito importantes, uma delas lindíssima, em Génova, e que serviu para mim também de exemplo. Eu ia lá para ver habitação social, foi por acaso, mas aconteceu aquilo. (...)”<sup>388</sup>



Figura 117 - Igreja da Sagrada Família (Chiesa Sacra Famiglia), Génova, Itália (Ludovico Quaroni, 1956-59) acessível em CUNHA, p. 390; Igreja da Sagrada Família (Chiesa Sacra Famiglia), Génova, Itália (Ludovico Quaroni, 1956-59) acessível em Visita Guiada - Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa. Lisboa: RTP, 201

<sup>388</sup> Anexo: Transcrição de excertos da entrevista de Fátima Filipe ao Arquitecto Nuno Portas, acessível em FILIPE, Fátima Alexandra Barreto - **Arquitectura religiosa: reflexões em torno do espaço religioso no século XXI** [Em linha]. Lisboa: ISCTE-IUL, 2014. Dissertação de mestrado. [Consult. 10/10/2018] Disponível na Internet: < <http://hdl.handle.net/10071/8765> >

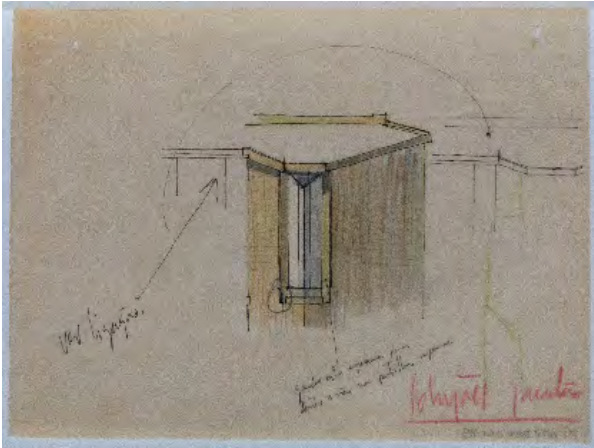


Figura 118 - Esquissos para o *Janelão da Escada* que serão provavelmente da autoria de Pedro Vieira de Almeida acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos e Anotações do Desenhador - PT NTP TXT 00173] e Fotografia do Autor

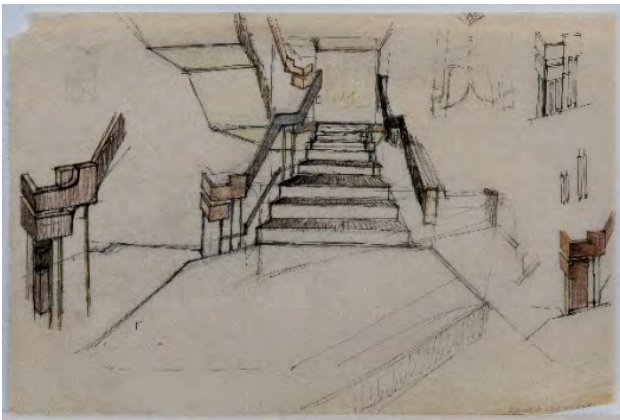


Figura 119 – O interior do *janelão da Escada* (esquisso que será provavelmente da autoria de Pedro Vieira de Almeida) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos e Anotações do Desenhador - PT NTP TXT 00173] e Fotografia do Autor



## Projecto da 1ª Fase

Foi pedido aos arquitectos que apresentassem em Junho, do ano seguinte à apresentação do anteprojecto, uma proposta da redução do edifício que constituiria a primeira fase. Combinou-se entre as irmãs e os arquitectos que haveria quartos maiores para casais no 4º corpo da hospedaria e que se consultariam liturgistas como o Pe. Gonçalves<sup>389</sup> a propósito da organização da capela e do carácter a dar aos espaços. As irmãs pretendiam também que fosse acentuado o “carácter monástico da hospedaria” e que se desse “carácter sacro à capela provisória”<sup>390</sup>.

A 11 de Maio foi enviado<sup>391</sup> um desenho-proposta para os quartos de casal com o qual Nuno Teotónio Pereira fazia a proposta de que ficassem no andar superior para poderem ser construídos logo na primeira fase. Nuno Teotónio apresentava as vantagens desta solução com tal veemência que denotava o seu envolvimento pessoal no projecto, a vontade de imprimir mudança na igreja, e, quem sabe, de poder fazer também um retiro no Mosteiro. No entanto, a congregação rejeitou a opção por não se poderem misturar quartos de casal no corpo de hospedaria destinado a senhoras, remetendo-os para o último corpo da hospedaria, se tivesse entrada independente<sup>392</sup>. A congregação enviou ainda a proposta de que os quartos para casais fossem quartos duplos que também servissem para casais<sup>393</sup>. A versão corrigida do desenho, com um quarto e duas camas, data logo de dia 19/05/1961, e terá sido provavelmente uma proposta desenhada pelas irmãs.

O desenho de quartos para casais foi assim adiado e o seu edifício, o quarto corpo da hospedaria, não chegou a ser pormenorizado nem construído. O estudo apresentado foi desenhado à escala 1:100 e a resposta da congregação é que agradou à priora. A Madre Maria Alberto lembrou também que os

---

<sup>389</sup> Provavelmente o Padre Tomás Gonçalves de Oliveira, monge sacerdote da Abadia de Singeverga (... - 6/01/2006). In **Família Benedictina Portuguesa**. Roriz: Edições Ora et Labora, 2018. p. 17

<sup>390</sup> Reunião a 18/04/1961 acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [memórias, anotações, reuniões, jornais - PT NTP TXT 00178 – 1/3]

<sup>391</sup> Carta de Nuno Teotónio Pereira à Rev. Madre Maria Alberto O.S.B. (11/05/1961) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Correspondência - PT NTP TXT 00172]

<sup>392</sup> Carta da Madre Maria Alberto a Nuno Teotónio Pereira (15/05/1961) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Correspondência - PT NTP TXT 00172]

<sup>393</sup> Carta da Madre Maria Alberto a Nuno Teotónio Pereira (15/05/1961) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Correspondência - PT NTP TXT 00172]

quartos do corpo sobre a capela não seriam construídos na 1ª fase<sup>394</sup>. À troca de correspondência sobre a possibilidade de fazer quartos para casais, seguiu-se o envio de um estudo para a primeira fase, a 14 de Junho de 1961<sup>395</sup>.

A partir desta data, Junho de 1961, desenvolveu-se o projecto de execução, o que durou cerca de um ano. É nesta fase do processo que se situam os apontamentos do *colaborador* do atelier que reunia “com NTP” e “com Jaime” [de Oliveira], engenheiro que assina a memória descritiva do projecto de estabilidade<sup>396</sup>.

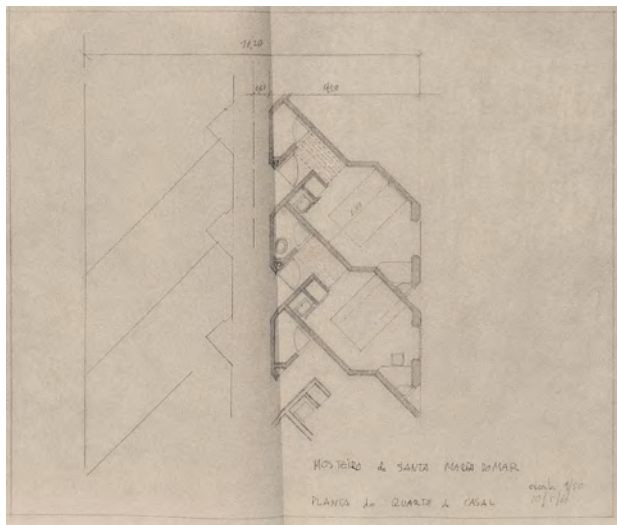


Figura 120 - Desenho de um quarto de casal (escala 1:50). Acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA

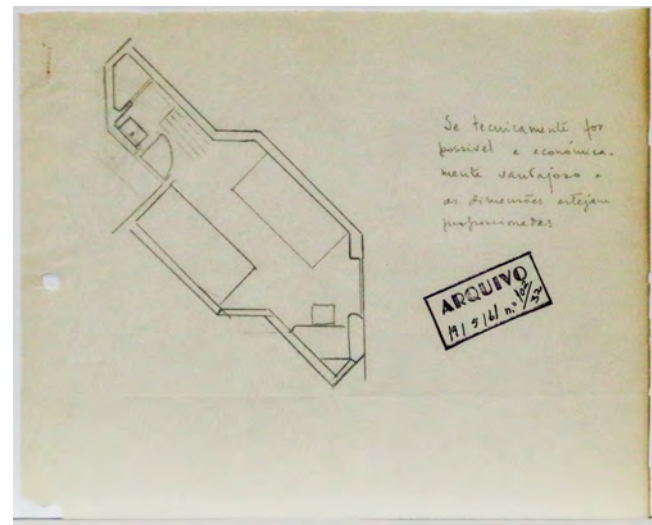


Figura 121 - Desenho de um quarto duplo. Acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA

<sup>394</sup> Carta da Madre Maria Alberto a Nuno Teotónio Pereira (20/06/1961)

<sup>395</sup> Carta à Rev. Madre Priora do Mosteiro de Santa Escolástica, Roriz (14/06/1961) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Correspondência - PT NTP TXT 00172]

<sup>396</sup> Memória descritiva e justificativa - Agosto de 1962 - Engenheiro Civil Jaime de Oliveira acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Correspondência - PT NTP TXT 00178 (3/3)]

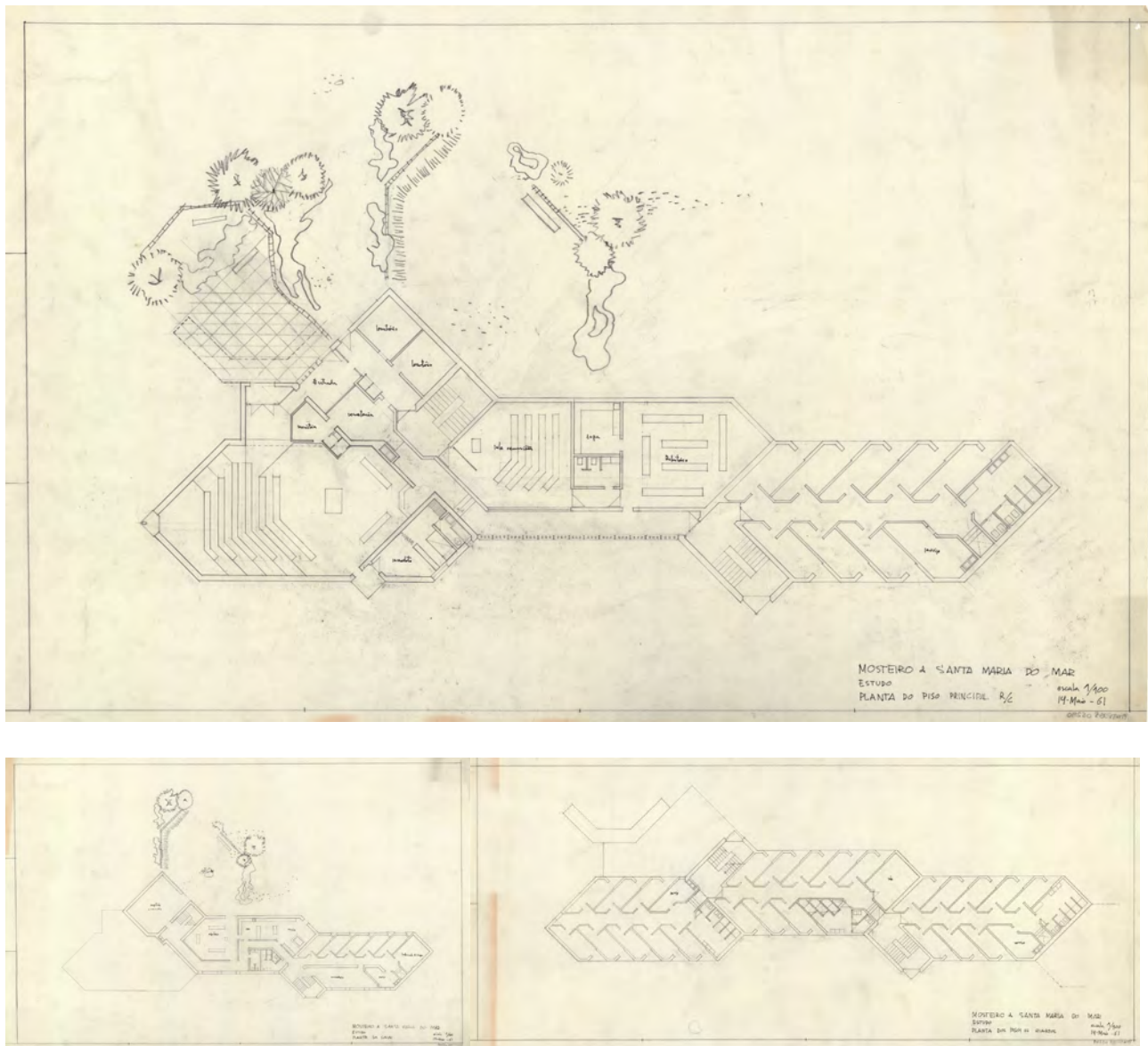


Figura 122 –Estudo acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Documento (Rolo) - PT NTP-DES 00370 (Desenhos PT NTP DES.05289 a PT NTP DES.05292 ) ]

Esta fase aconteceu no mesmo ano em que o atelier ganhou o concurso de projectos para a Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Foi também ainda no final de 1962 que Pedro Vieira de Almeida, o colaborador do atelier neste projecto, entregou o seu trabalho de CODA, na Escola de Belas Artes do Porto, com o título de *Ensaio sobre o espaço da arquitectura: Ensaio sobre algumas características do espaço em arquitectura e elementos que o informam*<sup>397</sup>. Neste trabalho, Pedro Vieira de Almeida inclui a análise de alguns projectos realizados no atelier, a Casa Metelo, Praia das Maçãs (projecto: 1958-1959, Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira e colaboração de Luís Almeida Moreira)<sup>398</sup> e a Casa Dr. Barata dos Santos, Vila Viçosa (projecto: 1959-1962, Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira.), em que Pedro Vieira de Almeida participa como colaborador, tal como Luís Moreira<sup>399</sup>.



Figura 123 – Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Fotografia de Hugo Casanova; Capa de *Ensaio sobre o espaço da arquitectura: Ensaio sobre algumas características do espaço em arquitectura e elementos que o informam*, trabalho para o CODA de Pedro Vieira de Almeida.

<sup>397</sup> ALMEIDA, Pedro César Vieira de - **Ensaio sobre algumas características do espaço em arquitectura e elementos que o informam**. [em linha]. Porto, 1962. CODA (Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto). [Consult. 29/11/2018] Disponível na Internet: <URL:<http://hdl.handle.net/10405/48199>>

<sup>398</sup> Casa Metelo, Praia das Maçãs in TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279, p. 178-181, 53 e 266

<sup>399</sup> Casa Dr. Barata dos Santos, Vila Viçosa in TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279, p. 182-185 e 266



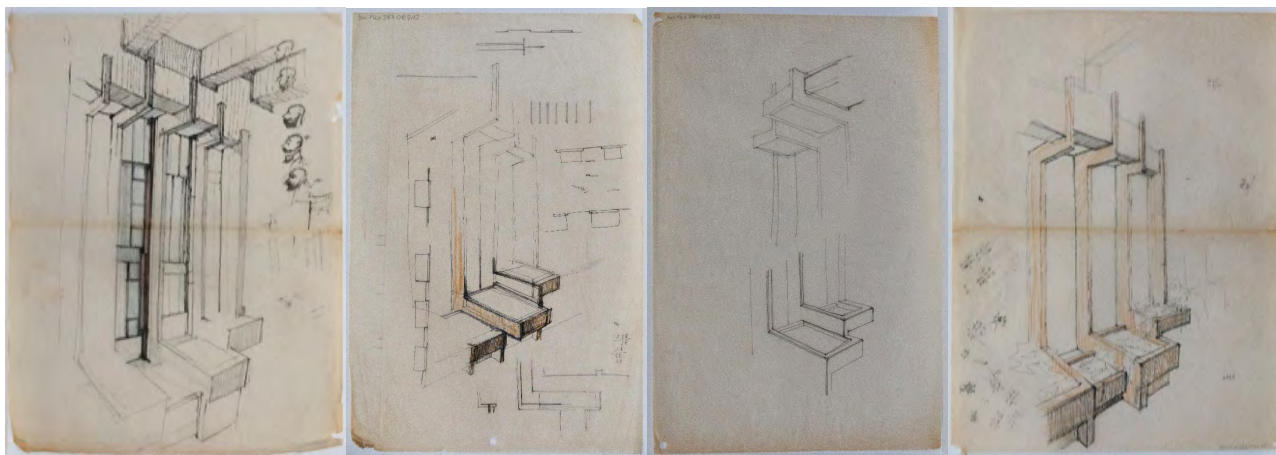
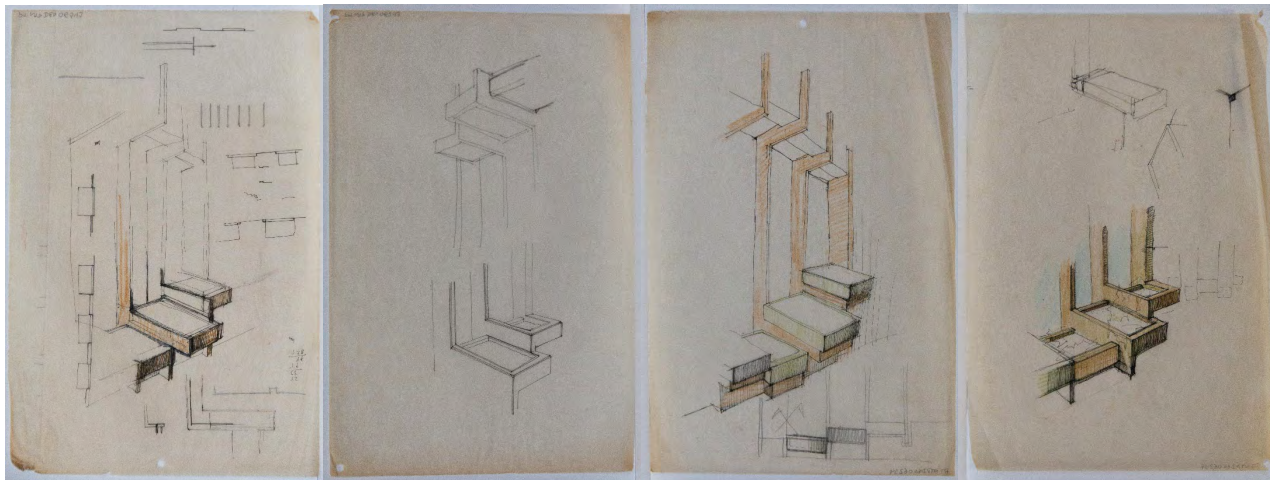


Figura 124 - “Essa janela é que de facto, Nossa Senhora, está sempre a aparecer e a desaparecer, é uma perseguição, e há mais, mais janelas.” (Apêndice: Segunda Conversa com o Arq. Pedro Botelho) – Esquissos da janela da capela provisória – salão, acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos- PT NTP TXT 00173]

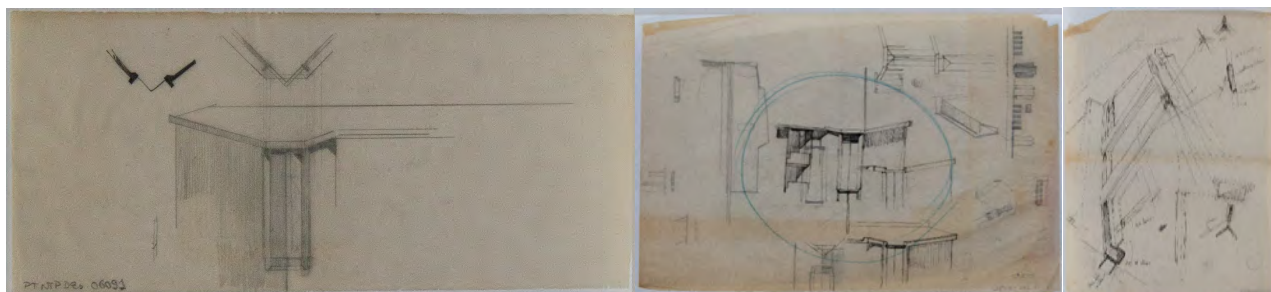
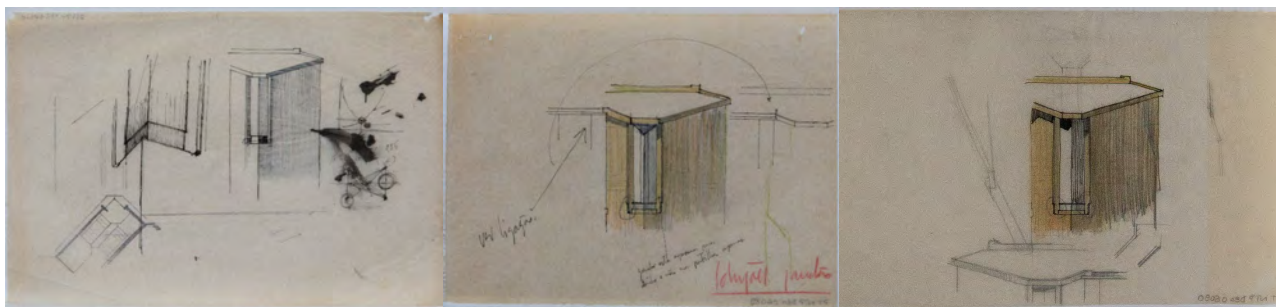
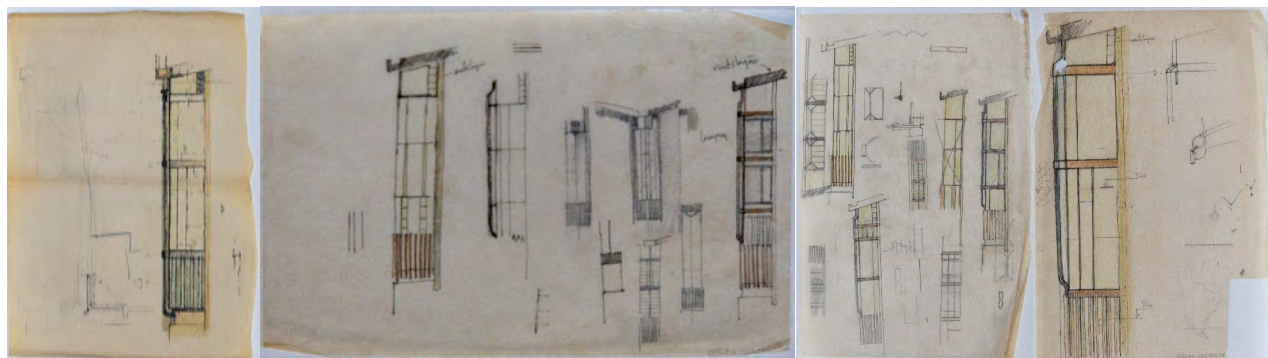
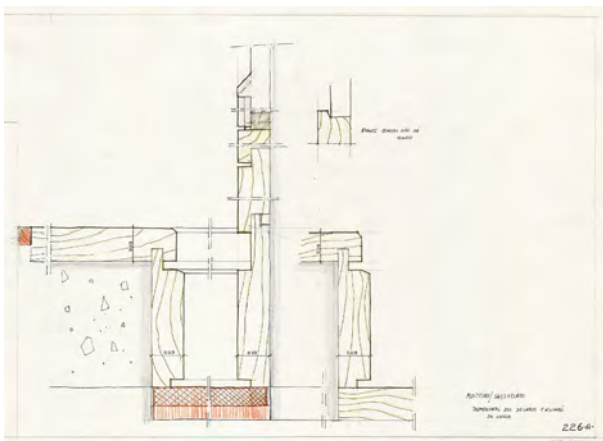


Figura 125 - Esquissos do *janelão da escada*, acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos- PT NTP TXT 00173]

A observação dos esboços mostra um trabalho intenso de detalhe em múltiplos elementos, nomeadamente nos vãos cuja importância é tratada como central, sendo a luz uma das matérias de trabalho com significado mais espiritual. Apesar do carácter provisório desta fase há extremo cuidado em conferir carácter a ambientes revestidos a materiais simples como a madeira ou o mosaico, mas detalhados de forma única. Realçamos o desenho do espinhado do pavimento cerâmico, a guarda da escada em madeira com múltiplas versões, a utilização de azulejo e madeira na capela: materiais de sempre com modernidade de forma.



O período exploratório do detalhe culminou na entrega do projecto à escala 1:100 e 1:20 a 30/08/1962, apesar de haver inúmeros detalhes executados durante a obra como esclarecimento de dúvidas ou mesmo como complemento planeado ao projecto que se ia fazendo também *em navegação à vista*, consoante a obra o exigia e simultaneamente permitia o estudo *in situ* da forma em construção.

Figura 126 - Exemplo de desenho de detalhe à escala 1:1. Acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA

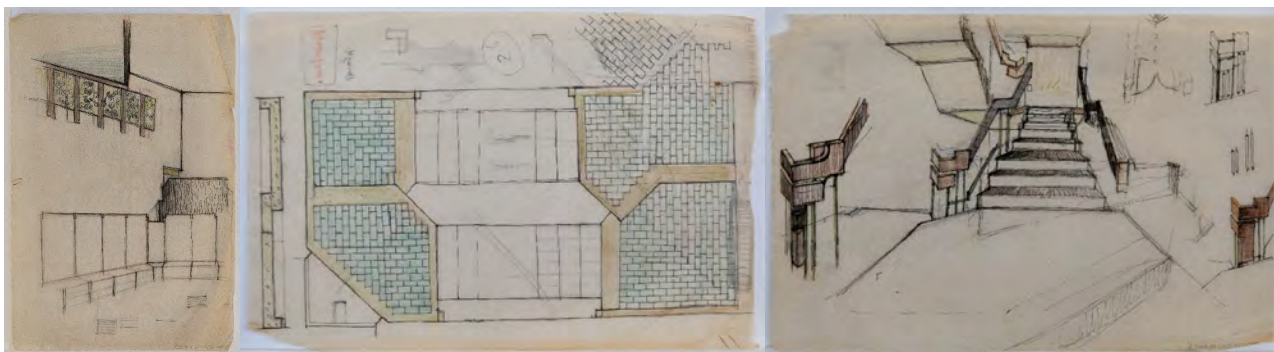


Figura 127 - Esboços de diversos pormenores acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esboços- PT NTP TXT 00173]



## 1ª Fase 1962-1968

A forma exterior dos corpos a construir seria quase a definitiva, os volumes da hospedaria desenvolver-se-iam acompanhando o terreno e apenas a capela provisória teria uma volumetria temporária com cobertura de telha em duas águas.

Para que a qualidade e dignidade das funções provisórias dos espaços não fosse afectada, havia ainda o cuidado de “através de um adequado tratamento de tectos, pavimentos e iluminação natural, sublinhar o conteúdo dos ambientes”<sup>400</sup> provisórios. Os detalhes de madeira de kambala a marcar os pavimentos, a estereotomia da tijoleira e das cofragens de betão e o cuidado das entradas de luz são demonstração disso mesmo. É algo a que se pode chamar um luxo austero, ou uma nobre simplicidade que o Arq. Pedro Botelho comenta:

“Há uma mistura entre o mosteiro e a habitação social... e há um certo franciscanismo, uma certa ideia de ordem mendicante, não sei se os beneditinos são... Há uma certa ideia de despojamento dos confortos do mundo e do essencial. E os mínimos para... tanto em dinheiro, como em fausto ... nada de supérfluo.”<sup>401</sup>

Durante a obra há a registar uma discussão que marca a correspondência trocada, sobre a existência de um degrau que as irmãs não admitiam. O espaço da capela provisória também demora a ser definido, sofrendo várias mudanças até 1968 com base em pareceres de vários especialistas que se olharão adiante. Em Setembro de 1965 as irmãs entram no novo edifício e “está por decidir a construção do corpo 3 dado o elevado custo da construção do 1º e 2º corpos”. Em carta do dia 11 de Abril de 1966 NTP admite que o custo excedeu muito aquilo que se tinha pensado. Nesta fase a Priora do Mosteiro de Roriz, Ir. Joana D’Arc Patenotte afirma a Nuno Teotónio Pereira “(...) Estamos “enterradas” por longos anos sem poder dar solução a esta penosa situação.”<sup>402</sup>. Por causa dos seus custos a construção foi interrompida, ficando

---

<sup>400</sup> Memória descritiva da 1ª Fase (30/08/1962) acessível no Arquivo Técnico de Urbanismo da Câmara Municipal de Cascais [Caixa nº 3851]

<sup>401</sup> Apêndice: Segunda Conversa com o Arq. Pedro Botelho

<sup>402</sup> Carta a Nuno Teotónio Pereira (14/04/1966) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Correspondência - PT NTP TXT 00172]

resumida a 2 corpos, ou seja, um corpo residencial e o corpo da capela, a que se somam a portaria e o próprio muro, projectados pelos arquitectos.

Em 1967 colocou-se a hipótese<sup>403</sup> de construir o corpo da clausura no local inicialmente proposto, que Nuno Teotónio Pereira afirma ser mais difícil construir do que o corpo 3 da 1ª fase, fazendo, apesar disso uma proposta de planta de ampliação enviada em 1968<sup>404</sup>, não abdicando de um pequeno corpo a sul. Esta construção não seria realizada.

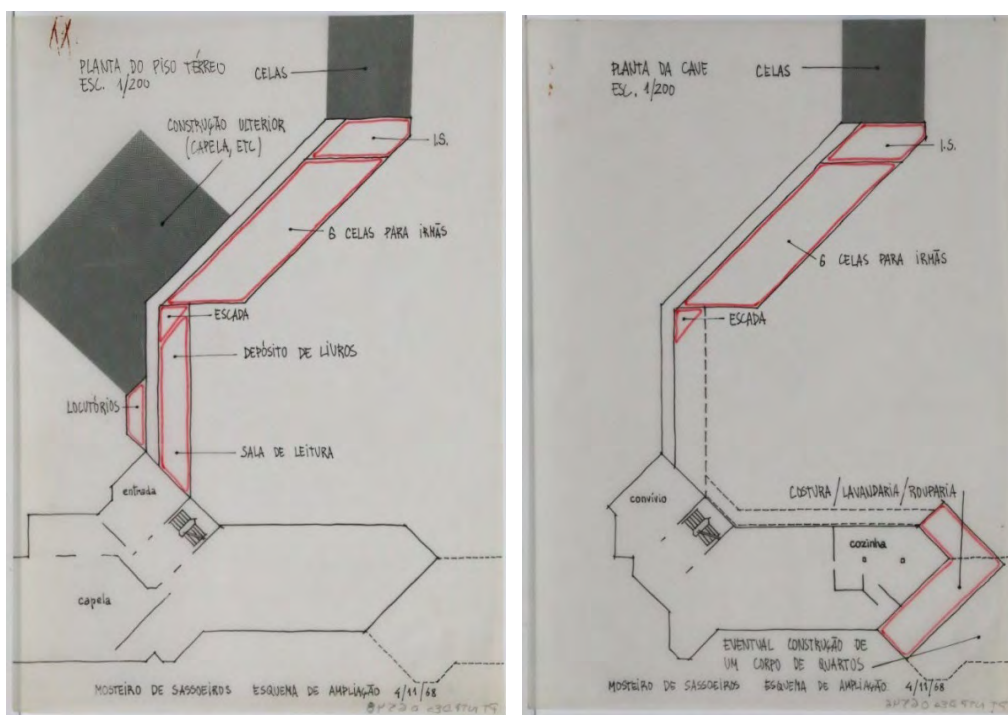


Figura 128 - Proposta de Nuno Teotónio Pereira para a prossecução das obras acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Projecto de Ampliação - PT NTP TXT 00185]

<sup>403</sup> Carta à Rev. Madre Priora do Mosteiro de Santa Maria do Mar (10/08/1967) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Correspondência - PT NTP TXT 00172]

<sup>404</sup> Carta à Rev. Maria Alberto O.S.B. e desenhos anexos (4/11/1968) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Correspondência - PT NTP TXT 00172]

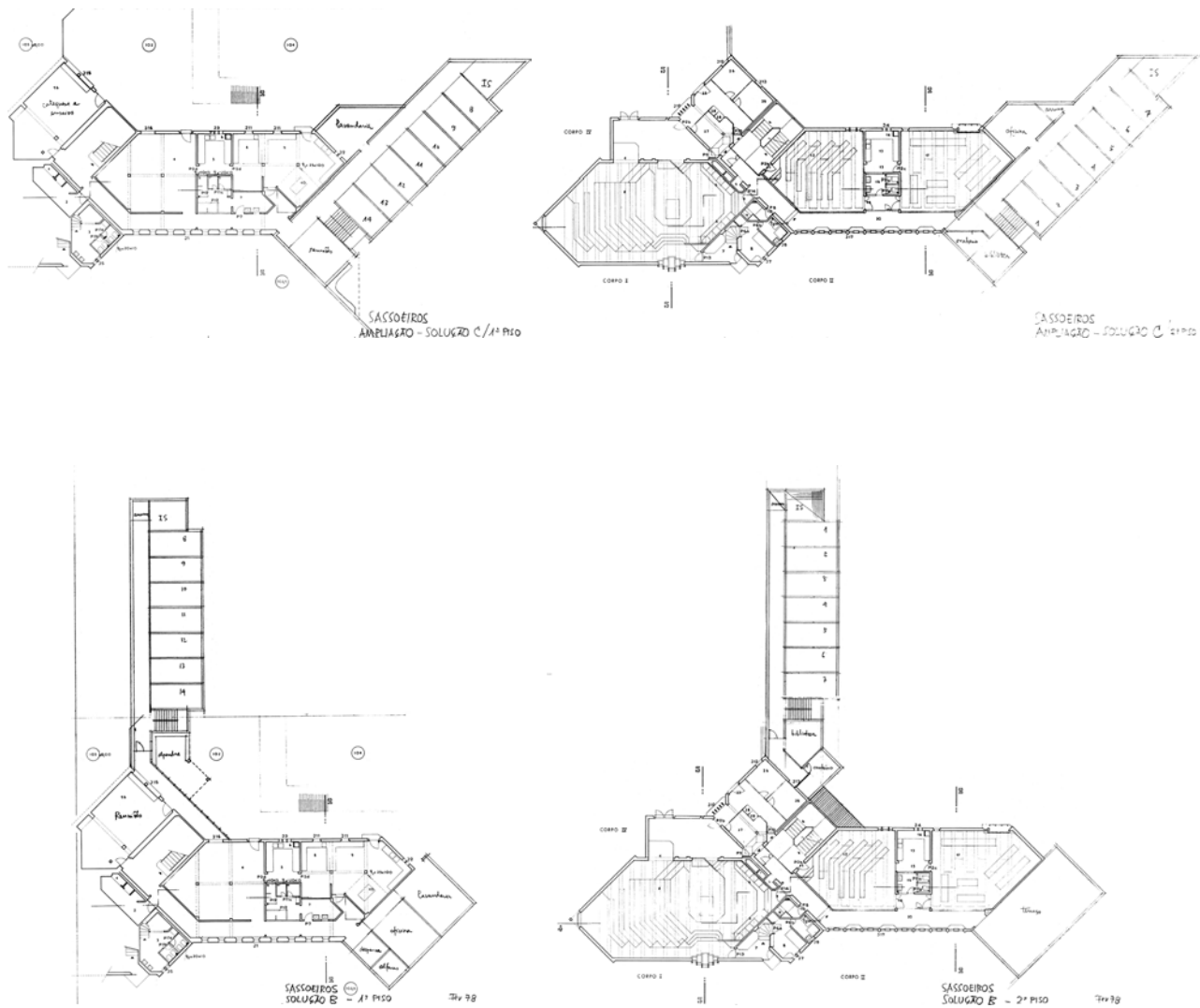


Figura 129 – Fevereiro de 1978 - Duas soluções para a ampliação do edifício do mosteiro com a construção de uma ala residencial (o mosteiro propriamente dito acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Rolo de Desenhos - PT NTP DES 00368 (PT NTP DES.05261; PT NTP DES.05262; PT NTP DES.05259; PT NTP DES.05260)]

Foi com a configuração de um só corpo residencial e uma capela provisória que as irmãs habitaram o edifício, durante cerca de 15 anos, usando como residência a cave e algumas salas como dormitório, para poderem ceder aos hóspedes os quartos da hospedaria<sup>405</sup>, até que houve a intenção de terminar o mosteiro, mas num contexto de constrangimento financeiro.



Figura 130 - Fotografias do mosteiro após a interrupção da construção acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Negativos da obra feita - PT NTP FOTO 12156 – 12186] e [fotografias da obra feita 1978 (1ª fase) - PT NTP FOTO 12015 - 12020]

---

<sup>405</sup> Apêndice: Entrevistas no mosteiro de Roriz



## A Integração dos Azulejos na Capela



Figura 131 - Capela do Mosteiro de Santa Maria do Mar com Painele de Azulejo e Madeira. Fotografia do Autor

O espaço construído como capela destinava-se na sua função definitiva a sala de conferências, mas no decorrer do processo procurou garantir-se que a sua utilização provisória como capela não ficava comprometida e foi pedido aos arquitectos que o lugar tivesse um “carácter sacro”<sup>406</sup>. Talvez por essa razão, na exploração do desenho do espaço em esquisso, este começou a ganhar mais complexidade por via do trabalho da luz, e foi introduzido um painel de azulejos na parede do fundo que se prolongava nos rodapés. Os esquissos de uma primeira fase mostram painéis com folhagens atrás co coro das irmãs, intercalados com ripas de madeira verticais, no entanto, esta versão do desenho dos azulejos não é detalhada pelos arquitectos, nem é indicado o artista que realizaria o painel.

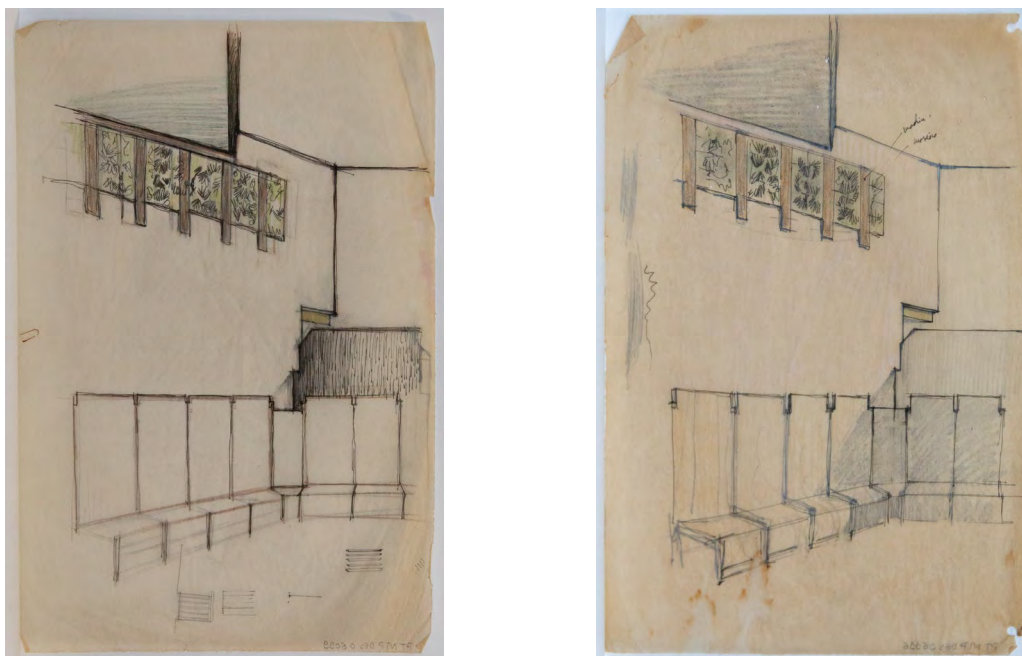


Figura 132 - Esquissos do espaço do coro das religiosas na capela, onde são propostos painéis de azulejos com folhagens. Acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos- PT NTP TXT 00173]

<sup>406</sup> Reunião a 18/04/1961 acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [memórias, anotações, reuniões, jornais - PT NTP TXT 00178 – 1/3]

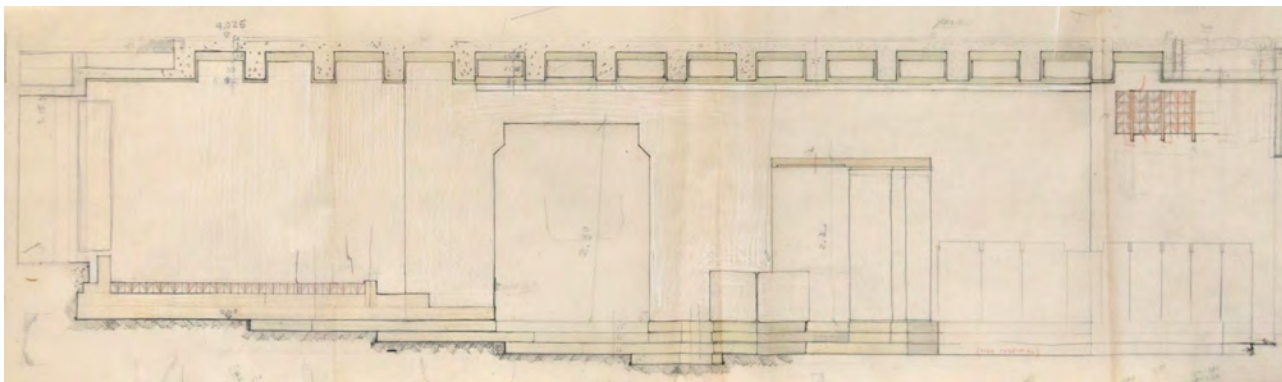


Figura 133 - Secção da Capela em Esquisso. Acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [PT NTP TXT 00173]

Surge numa fase seguinte um novo desenho para os azulejos, que apresentava um padrão geométrico não figurativo, composto por triângulos brancos e verdes em duas direcções diferentes, intercalados pelas mesmas ripas de madeira. Esta foi a versão construída que deduzimos ser da autoria dos arquitectos, por surgir nos esboços do processo desde cedo e repetidamente. No entanto, há uma proximidade entre o desenho dos azulejos da capela e um padrão desenhado por Raul Lino, arquitecto sobre o qual, em 1970, Pedro Vieira de Almeida organizou uma exposição na Fundação Calouste Gulbenkian.

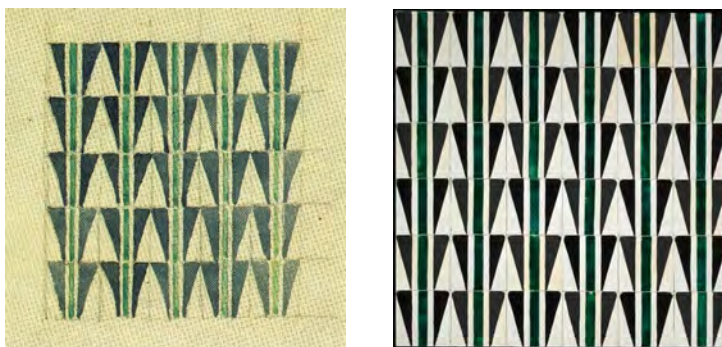


Figura 134 - 1) Estudos Decorativos para Azulejos acessível em LEITE, António Maria Pinto – **Exposição Raul Lino, Artes Decorativas**. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 1990. 2) Painel de azulejos, 1915, replica 1970, Museu Nacional do Azulejo inv. 175 acessível em MATRIZNET - Lino, Raul (Lisboa, 1879 - Lisboa, 1974) - Painel de azulejos, nº inventário 175, Museu Nacional do Azulejo. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural [Consult. 26/07/2019]



Figura 135 - Motivo *Ondas Luminosas do Bem* na moldura do retrato de Raul Lino, feito por Columbano. In LEITE, António Maria Pinto – **Exposição Raul Lino, Artes Decorativas**. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 1990



Figura 136 - Motivo *Ondas Luminosas do Bem* aplicado por Pedro Vieira de Almeida e Diogo Lino Pimentel no Baptistério da Igreja de Olivais Sul. Fotografia de Hugo Casanova.

Assim, não podendo afirmar que o painel se trata de uma referência directa à obra de Raul Lino, apresentamos uma obra de Pedro Vieira de Almeida em que foi aplicado directamente um padrão de Raul Lino. O Arquitecto Diogo Lino Pimentel, neto de Raul Lino, que acompanhou o final da obra da Igreja de Olivais Sul, de Pedro Vieira de Almeida, descreveu esse episódio na primeira pessoa.

“O baptistério é uma coisa que no contexto geral da obra e do projecto, é um bocadinho complicado, com água por cima água por baixo etc..., mas porque foi uma experiência de baptistério por imersão, e fui eu que acabei por desenhar os acabamentos do baptistério, com uma particularidade: é que há um painel de mármore, com umas ondas que é um desenho, original do Raul Lino, aqui da Casa do Cipreste concretamente. O Pedro tinha-me dito: Ó Diogo eu gostava muito que aqui a parede do fundo do Baptistério tivesse aquelas ondas desenhadas pelo teu avô... Sim Senhor! Pronto, eu sabia disso, tinha tido essa conversa, de maneira que lhe fiz a vontade, pus lá o tal painel. Não é nem do Pedro, nem meu, é do Raul Lino, pá, curiosamente, quer dizer, adaptado e interpretado.”<sup>407</sup>

<sup>407</sup> PIMENTEL, Diogo Lino – entrevista concedida no documentário *A Espessura da Luz* Cit. por VALÉRIO, João – *A Espessura da Luz* [Registo vídeo]. Lisboa, 2018



No catálogo da Exposição Retrospectiva sobre Raul Lino, Pedro Vieira de Almeida apresenta numa secção do seu texto *Os Azulejos*, elemento que “se liga profundamente à arquitectura”, utilizado como “instrumento para um controle mais efectivo do espaço e do ambiente”<sup>408</sup>. Assim, cremos possível uma referência à obra de Raul Lino neste painel de azulejos.

Apesar da proximidade à obra de Raul Lino, não podemos deixar de mencionar outros painéis de azulejos onde se encontra um padrão semelhante. A estação Parque do Metropolitano de Lisboa, está revestida a azulejos da autoria de Maria Keil que, pela sua coordenação com a madeira das guardas apresenta uma forte relação com os azulejos da capela do Mosteiro. No hotel Alvor-Praia (1968), em cuja decoração colaboraram José Espinho, António Garcia, João Alcobia, Alberto Cruz, Arq. Eduardo Medeiros, Paulo Guilherme e Daciano da Costa<sup>409</sup> existe também azulejo de padrão triangular nas mesmas cores e geometrias em que o atelier de Nuno Teotónio Pereira o propôs para Santa Maria do Mar.

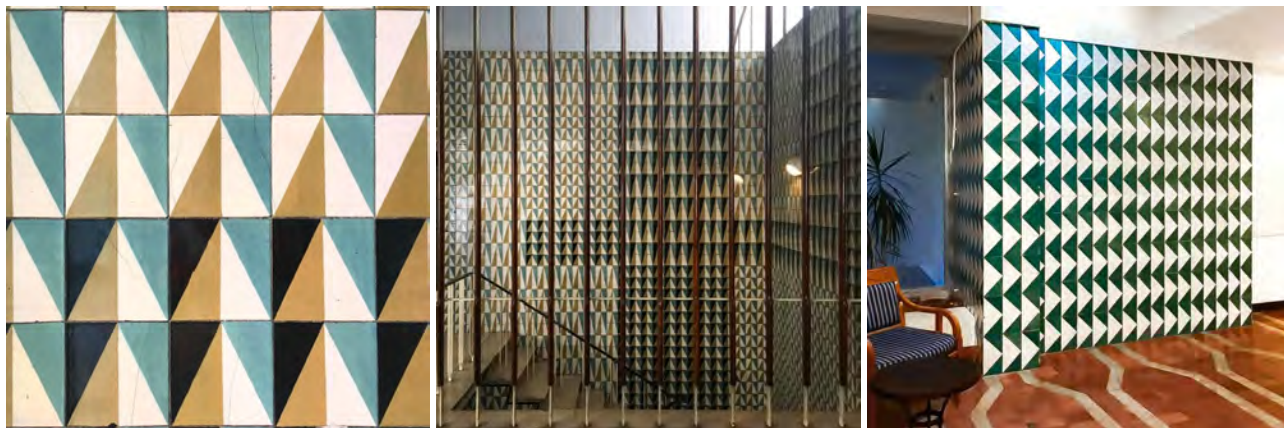


Figura 137 – 1) 1959 - Estação de Metro *Parque*, Lisboa, revestimento azulejar de Maria Keil, fotografias do autor. 2) 1968 - Hotel do Alvor, revestimento azulejar de autor desconhecido. Fotografia: Dra. Ana Barata

<sup>408</sup> ALMEIDA, Pedro Vieira, FRANÇA, José-Augusto, PIMENTEL, Diogo Lino, [et al.] - **Raul Lino: Exposição retrospectiva da sua obra**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970. p. 115-116

<sup>409</sup> CRUZ, Alberto – a decoração do Hotel Alvor-Praia. **Binário**. n.º 114(Mar. 1968). p. 136-138

## Ampliação 1978-1986

O 3º corpo do edifício, construído para a residência das irmãs, veio a ser completamente diferente em termos de planta, volume e tratamento de fachadas. Este edifício caracteriza-se por maior simplicidade construtiva, optando por soluções correntes de custo mais baixo. Com este remate formal e funcional, foi atingida a forma final, que o mosteiro tem até hoje.

Este projecto é assinado por Nuno Teotónio Pereira sozinho<sup>410</sup>. Deduz-se assim, que apesar de todo o constrangimento financeiro das irmãs que exigiam um projecto de muito baixo custo, o projecto terá sido prejudicado também pela situação pessoal de Nuno Teotónio Pereira, sozinho no atelier e também viúvo<sup>411</sup>. Embora na memória descritiva Nuno Teotónio Pereira chame remate ao novo volume, Pedro Botelho considera que o corpo construído nos anos 80, é “uma espécie de assassinato do processo”<sup>412</sup>.

“Há dois acidentes muito grandes neste projecto. Um é a omissão do grande tamanho previsto e o outro é a introdução de um elemento que é de tal maneira condicionado pelas condições da altura... não é só a falta de dinheiro, é o atelier não existir. O Nuno está completamente sozinho, não tem ninguém. (...) isso corresponde a um grande desamparo da parte dele, também, é um trabalho muito desamparado. O atelier não está a funcionar, está reduzido a uma pessoa sozinha, portanto há que ter essas questões em atenção. E depois eu diria que há outra coisa, outra coisa, é que o projecto de Sassoeiros corresponde ainda a uma fase eufórica... a uma fase heróica do atelier, não é? E de alguma maneira o, esse arranjo corresponde a um momento de enorme quebra... enfim de ... Nós levamos imenso tempo a levantar cabeça.”<sup>413</sup>

---

<sup>410</sup> Memória descritiva do Projecto de Ampliação (20/08/1978) acessível no Arquivo Técnico de Urbanismo da Câmara Municipal de Cascais [Caixa nº 3851]

<sup>411</sup> †1971 – Falecimento de sua mulher Maria Natália e da filha Catarina”. In TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279, p. 297

<sup>412</sup> Apêndice: Terceira Conversa com o Arq. Pedro Botelho

<sup>413</sup> Apêndice: Primeira Conversa com o Arq. Pedro Botelho

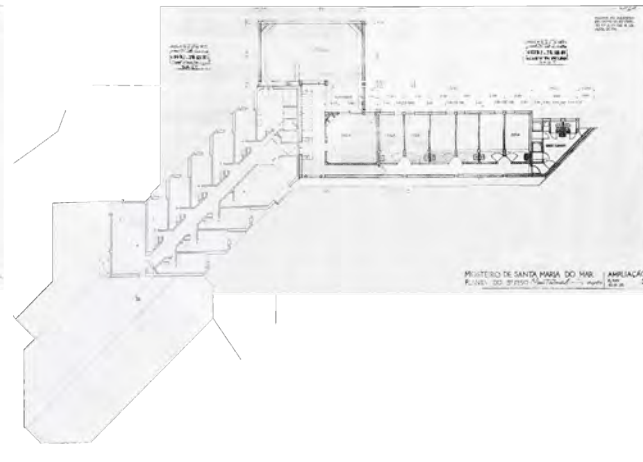
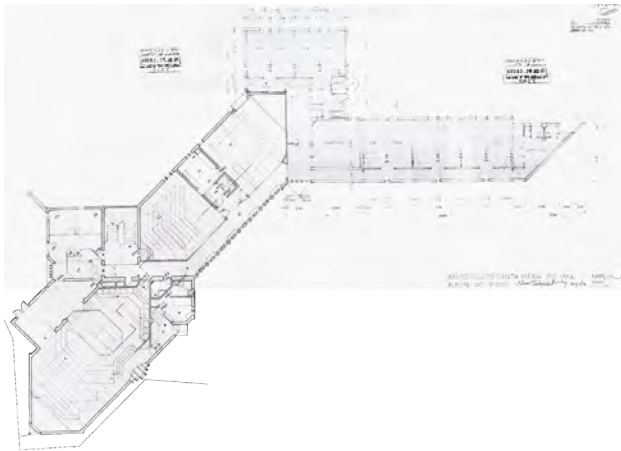
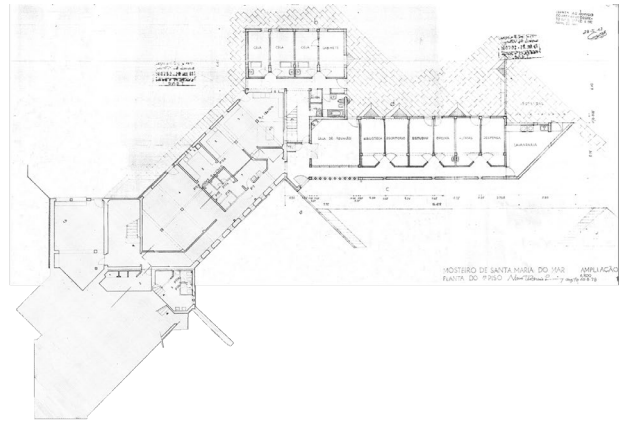
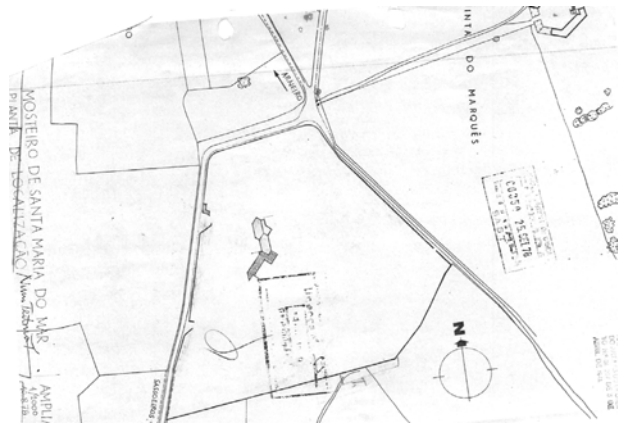


Figura 138 – Montagem feita a partir de Plantas da Ampliação (20/08/1978) acessíveis no Arquivo Técnico de Urbanismo da Câmara Municipal de Cascais [Caixa nº 3851]





Figura 139 - Fotografias do Conjunto final acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Diapositivos] - PT NTP FOTO 12187 - 12198]

Neste contexto, de acentuado constrangimento, e que impossibilitou um maior investimento em termos de construção, notamos extremo cuidado no desenho de objectos e alguns detalhes, como por exemplo os candeeiros ou o mobiliário do oratório privado das irmãs e das celas. Sendo de características muito mais simples que as celas da hospedaria, das celas das irmãs fazia parte um roupeiro em *aparite* que encaixa no relevo do pilar e separa a zona de dormir do pequeno lavatório. Os candeeiros do oratório têm de relevante assemelharem-se muito aos candeeiros da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, sendo totalmente em madeira e não em metal e mármore, como se se tratasse de maquetes.

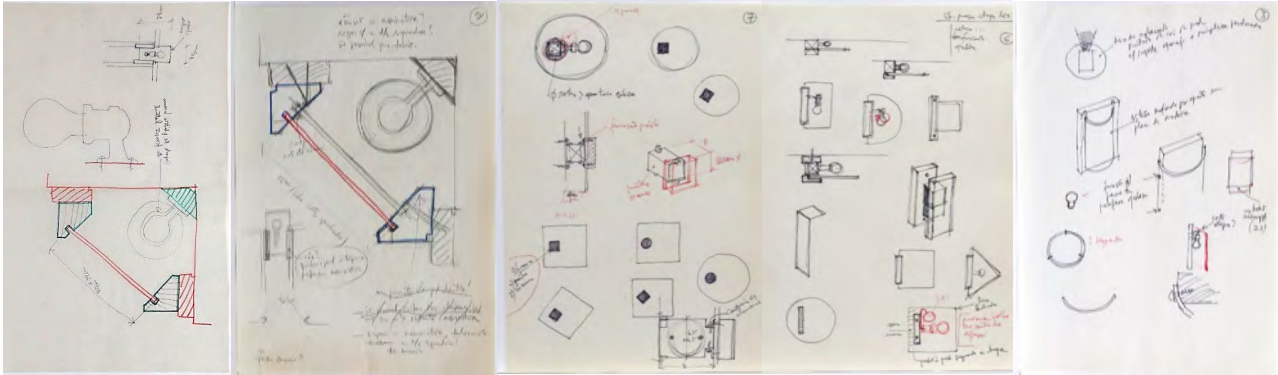


Figura 140 - Esboços de Candeeiros para o mosteiro acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Projecto de Ampliação - PT NTP TXT 00185]

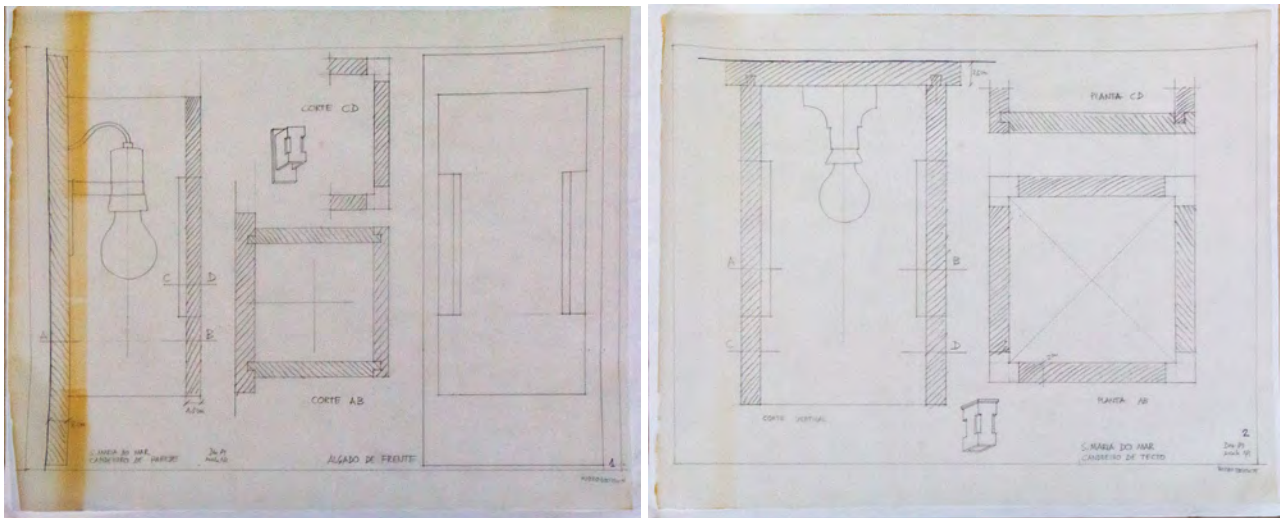


Figura 141 - Alçado; Corte; Perspectiva; Planta; Corte; Perspectiva; dos candeeiros de parede e de tecto para o oratório das irmãs no corpo da ampliação – 1989, acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Rolo de Desenhos PT NTP-DES 00374 - PT NTP-DES 05508 e PT NTP-DES 05509]



Figura 142 - Mobiliário e Candeeiros desenhados por Nuno Teotónio Pereira. Fotografias de Hugo Casanova

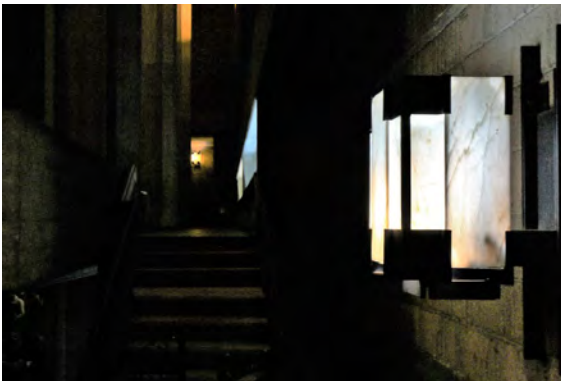


Figura 143 - Candeeiro da Igreja do Sagrado Coração de Jesus do atelier de Nuno Teotónio Pereira. Fotografias de Hugo Casanova



Figura 144 - Uma irmã em oração no oratório com banco, candeeiro, altar e sacrário desenhados por Nuno Teotónio Pereira in Álbum de Fotografias acessível no Mosteiro de Roriz



Figura 145 - Conjunto de Altar, sacrário e Ambão, hoje no mosteiro de Roriz, fotografias de Hugo Casanova

O espaço do oratório, de marcada simplicidade afirmada na construção de um banco a partir da alvenaria da parede, foi pontuado por um conjunto de objectos móveis com desenho de Nuno Teotónio Pereira: um altar, um ambão e um sacrário<sup>414</sup>. Este conjunto desenhado apenas em 1983, é exemplar da valorização dos elementos religiosos do espaço, não por via da riqueza dos materiais, que são simples, mas por via da riqueza do desenho.

O ano de 2001 é a data da escultura assinada por Clara Menéres, exposta na capela, representando Santa Maria (Nossa Senhora) do Mar. O corpo da figura aparenta formar-se a partir de ondas do mar, segura um barco nas mãos e apresenta na cabeça uma estrela, apelando a um antigo título usado para fazer referência a Maria, mãe de Jesus Cristo, *Stela Maris, Estrela do Mar*. Apesar de não ter havido mais construção no mosteiro, e de ter vindo a encerrar poucos anos mais tarde, a exposição desta escultura mostra que o acolhimento à arquitectura e à arte não tinha ficado limitado à obra do edifício.

<sup>414</sup> Estas três peças de mobiliário encontram-se hoje no Mosteiro de Roriz.



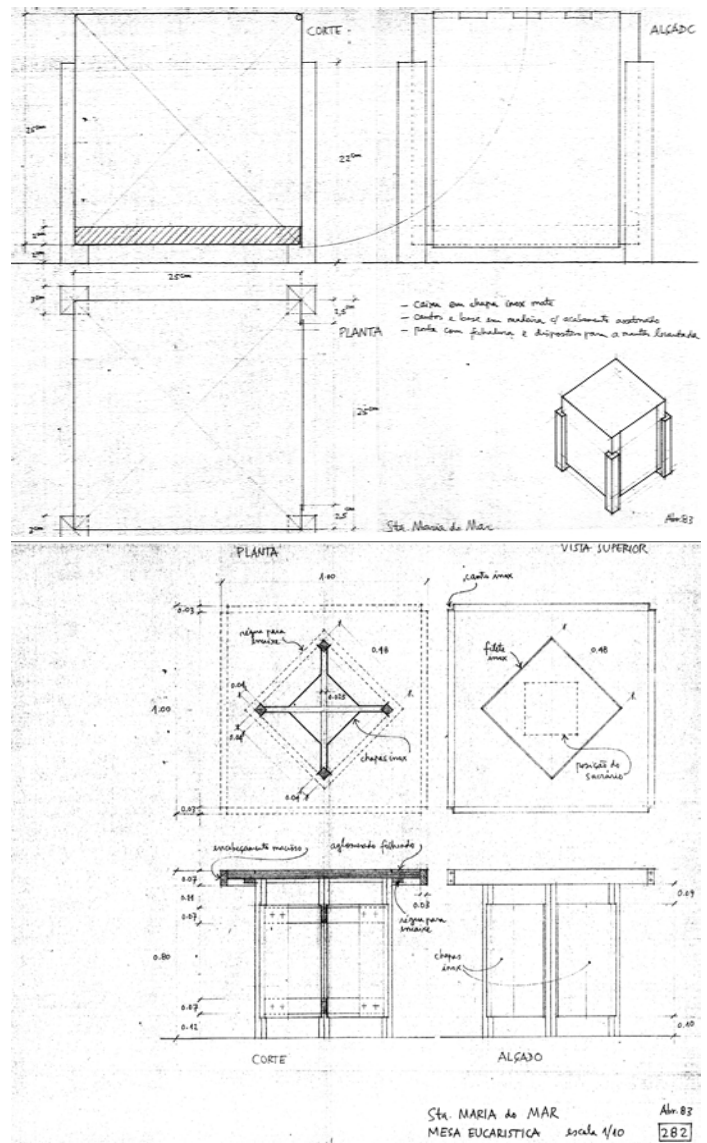
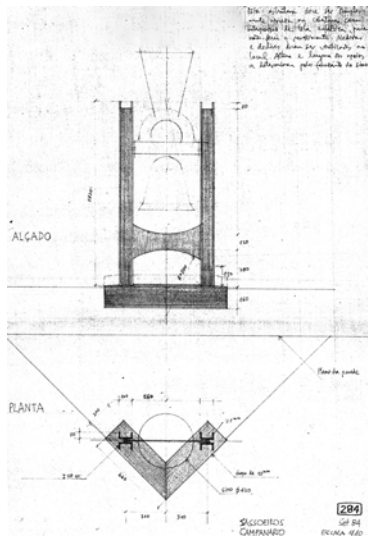


Figura 146 - Desenhos de Nuno Teotónio Pereira para o Altar, sacrário e campanário acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [1980 Projecto de Alterações - Altar, Sacrário, Campanário - PT NTP TXT 00186]

NTP + P. Vieira de  
Almeida - Mosteiro  
de Sassoeiros



Figura 147 - Diapositivo encontrado no arquivo de Nuno Teotónio Pereira com referência a Nuno Teotónio Pereira (ou ao Atelier) e particularmente a Pedro Vieira de Almeida. Acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Diapositivos) - PT NTP FOTO 12187 - 12198]

## Considerações Finais e Reflexões a prolongar

Partindo da completíssima documentação relativa ao projecto do Mosteiro de Santa Maria do Mar (Sassoeiros), avançámos para uma leitura do processo de projecto, explorando a relação entre cliente (Congregação das Beneditinas da Rainha dos Apóstolos) e arquitecto (Atelier de Nuno Teotónio Pereira) e para uma análise das consequentes fases e ferramentas do projecto em processo. Para essa leitura e análise foi crucial estudar a congregação religiosa procurando entender a sua relação com a arquitectura e os edifícios que habitaram ao longo do tempo, abordando, ainda que de forma breve, o contexto internacional e nacional.

A Congregação da Rainha dos Apóstolos da Ordem Beneditina interessou-se por ter *bela* arquitectura, chamando arquitectos para o desenho dos seus mosteiros. Foi o caso do mosteiro de Roriz, por recomendação dos Monges Beneditinos da Abadia de Singeverga, entregue a Raul Lino, com quem a se empenhou para a construção da sua primeira casa em Portugal.

A Congregação em 1958 quando pretendeu instalar uma nova casa na capital de Portugal, recorreu a Nuno Teotónio Pereira, um arquitecto que nesse momento se empenhava na luta por uma nova arquitectura religiosa, e reconhecido já pela sua Igreja de Águas (1949-1957)<sup>415</sup>.

O processo do projecto do novo mosteiro em Sassoeiros durou cerca de dez anos (1958-1968) nos quais trabalharam Nuno Portas e Pedro Vieira de Almeida, liderados por Nuno Teotónio Pereira que estabeleceu sempre um diálogo frutífero com a congregação cliente, apesar de menos presente no desenho em concreto. A construção da primeira fase não foi terminada por motivos económicos apesar do longo período de construção.

A derrapagem orçamental que motivou a não finalização do mosteiro de Sassoeiros foi compensada pela assumpção das dificuldades pelo arquitecto e pelas irmãs, que levou a um diálogo sempre frutífero não perturbando a confiança que estas depositavam no trabalho do atelier. Quando decidiram rumar a Sul (Torrão, Alcácer do Sal), o atelier de Nuno Teotónio Pereira, já com novos colaboradores, foi de novo chamado a projectar uma casa. Apesar disso, a mudança de épocas e de interlocutores e o

---

<sup>415</sup> TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279, p. 290



decrescimento da ordem terá acabado por ditar o gradual desligar que fez que não se construísse o mosteiro do Torrão e não se finalizasse o de Sassoeiros, os dois já encerrados actualmente.

Embora não totalmente clarificadas as razões da encomenda do mosteiro a Nuno Teotónio Pereira, ficou claro que as irmãs beneditinas valorizavam habitar em arquitectura de qualidade, e tinham um enorme respeito pelo trabalho do arquitecto, que se traduzia em que não se colocasse “uma coisa na parede sem lhe perguntar!”<sup>416</sup>

No processo do mosteiro de Santa Maria do Mar, Nuno Teotónio Pereira levou a cabo um longo estudo que ultrapassa o contexto específico do projecto e assume uma dimensão tratadística. Esta dimensão e capacidade reflexiva consiste na tradução arquitectónica – e moderna - de um plano de vida ritualizado, desde o nível individual ao nível comunitário, baseado na regra de São Bento, transmitido directamente e detalhadamente a Nuno Teotónio pelas irmãs e que nos parece herdar ainda a experiência pessoal da hospedagem no mosteiro de Singeverga.

Apesar de não publicado e divulgado em revistas e livros de arquitectura da época, provavelmente por nunca ter sido terminado, o Mosteiro de Santa Maria do Mar mereceu reconhecimento posterior em obras de vários autores. Por outro lado, ainda que o projecto do mosteiro não tenha sido objecto de análise nos trabalhos já realizados acerca do MRAR, consideramos que certamente terá passado pela mesa de debate dos membros do movimento, dois deles autores do projecto e activos na reunião de dia 25 de Outubro de 1960<sup>417</sup>.

Para levar a cabo a construção de um mosteiro moderno, que comportava consigo uma nova abordagem da clausura e maior aproximação à comunidade local, a reflexão programática foi realizada colectivamente, em estreita relação com o cliente – um cliente colectivo, uma comunidade representada pela sua madre, Madre Jeanne d’Arc Patenotte e pela sua irmã celerária, Madre Maria Alberto<sup>418</sup>. Tudo isso aponta para o reconhecimento de um programa funcional-arquitectónico de excepção neste caso de estudo.

---

<sup>416</sup> Apêndice: Conversa com a Irmã Bernardette e a Irmã Cristina

<sup>417</sup> Apontamentos de Reunião do MRAR, Nuno Teotónio Pereira, 25/10/1960. Acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [memórias, anotações reunião, jornais - PT NTP TXT 00178 1/3]

<sup>418</sup> Cargo da irmã que tem a função de ecónoma ou tesoureira.

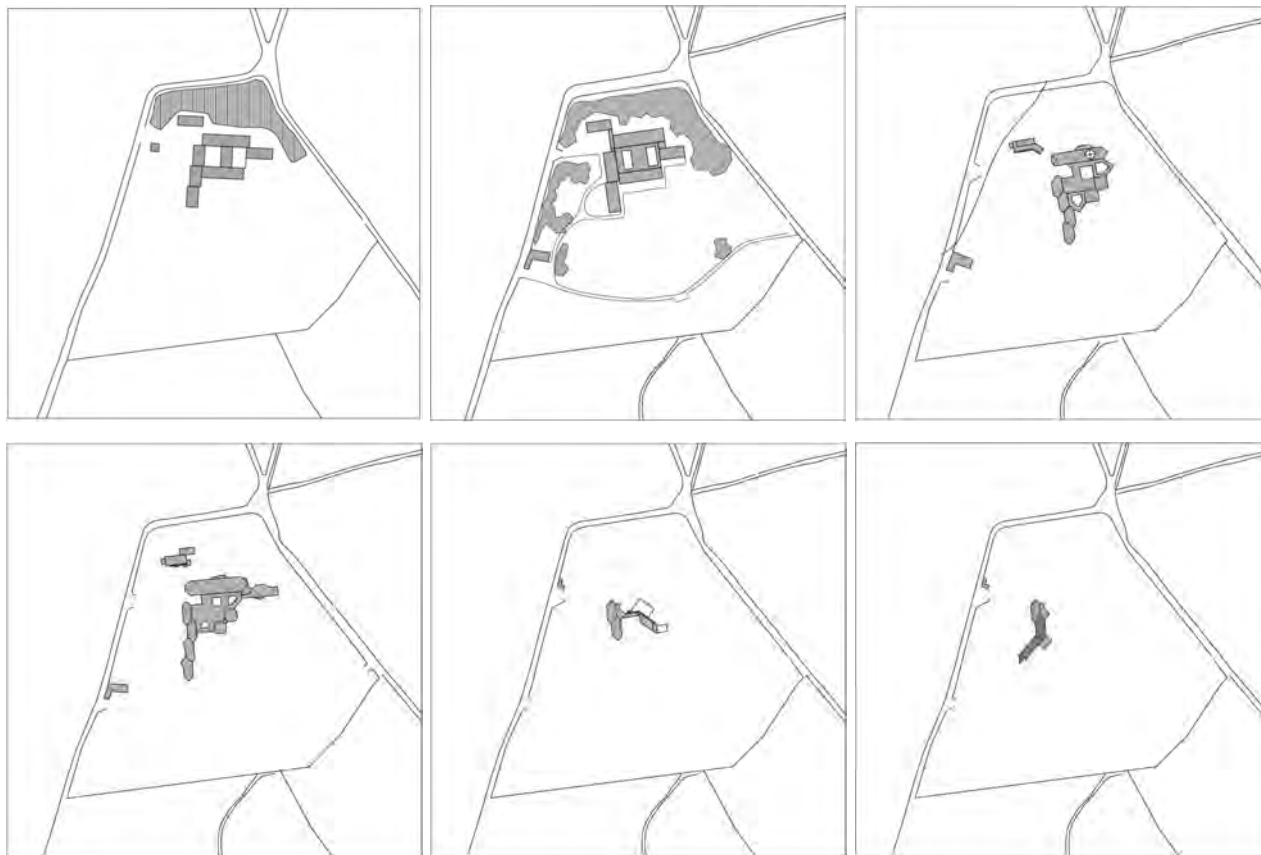


Figura 148 – Síntese gráfica da evolução dos desenhos do projecto do mosteiro - 1959,1959,1960,1960,1968,1978 - do autor.

Na fase seguinte o trabalho também foi colectivo. O desenvolvimento formal do mosteiro foi realizado em 2 (3) partes, e no avançar, Nuno Teotónio Pereira, o primeiro arquitecto, *perdeu o controlo* da linguagem arquitectónica do projecto, para as mãos de Nuno Portas e Pedro Vieira de Almeida. No entanto, não deixou de se bater por ele: um mestre que estabeleceu as bases, conduziu o processo e assumiu o projecto, com os seus méritos e as suas consequências – “às quais não me posso considerar

alheio”<sup>419</sup>, escreveu Nuno Teotónio Pereira -, entre as quais a necessidade da interrupção da obra e da sua finalização precária, para a qual elaborou então um *terceiro* projecto.

Este percurso do próprio projecto, entre o que era para ser, o que foi, o que nunca foi e o que passou a ser, não sendo único, é demonstrativo da participação de vários arquitectos e da forte ligação da arquitectura com as muitas condicionantes topográficas, urbanas, construtivas, tecnológicas, económicas, institucionais e pessoais que a envolvem.

Considerando que no Atelier de Nuno Teotónio Pereira, “os projectos eram uma espécie de experiências únicas, mas que se encadeavam umas nas outras”<sup>420</sup>, o mosteiro de Santa Maria do Mar, o primeiro de três projectos marcantes (com a Igreja do Sagrado Coração de Jesus e a Igreja de Almada), desenvolvidos com a dupla Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas, terá constituído um ensaio para esses trabalhos, no que se refere à renovação da arquitectura religiosa, mas também na escolha dos sistemas construtivos e outras “características do projecto” que no caso do mosteiro de Santa Maria do Mar “contribuíram para as dificuldades financeiras que impediram o prosseguimento da obra”<sup>421</sup>. Esta é uma linha que interessará seguir.

No plano do trabalho teórico, nomeadamente do arquitecto Pedro Vieira de Almeida, possivelmente o arquitecto que deu forma à maioria dos espaços do mosteiro de Santa Maria do Mar, e que realizou, nos anos do desenvolvimento do projecto, o seu CODA, será relevante procurar ligações entre as suas reflexões e este seu trabalho inicial que não mencionou directamente no *Ensaio sobre algumas características do espaço em arquitectura e elementos que o informam*, como fez com as casas da Praia das Maças e de Vila Viçosa projectadas no Atelier de Nuno Teotónio Pereira na mesma época.

Objecto de um desenho particularmente único, o mobiliário dos quartos, constituinte da própria arquitectura de um espaço mínimo e suficiente, herdeiro da tradição monástica e simultaneamente peça de design moderno, merece enquadramento a par de outros mosteiros, residências, colégios e alojamentos contemporâneos, tal como a capela que sendo provisória foi preparada para ser definitiva e se tornou um

---

<sup>419</sup> Carta de Nuno Teotónio Pereira “à Comunidade de Santa Maria do Mar” (18/04/1978) – acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Projecto de Ampliação - PT NTP TXT 00185]

<sup>420</sup> Apêndice: Primeira Conversa com o Arquitecto Pedro Botelho

<sup>421</sup> Carta de Nuno Teotónio Pereira “à Comunidade de Santa Maria do Mar” (18/04/1978) – acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Projecto de Ampliação - PT NTP TXT 00185]

espaço de muita densidade plástica, formado pelo invólucro exterior e por todas as peças que foram desenhadas de forma muito reflectida ao longo de dez anos (1958-1968), em que se inclui o painel de azulejo, paradigmático da intenção de integrar a arte na arquitectura.

Partindo do espaço da capela, o estudo do mosteiro é ainda relevante para o estudo do provisório e do definitivo na arquitectura. Tornando-se património moderno pela sua qualidade, o mosteiro tornou-se também caso para o estudo da re-funcionalização e adaptação quando foi desocupado e vendido, prosseguindo o caminho da evolução orgânica do seu projecto e construção. A necessidade de se repensar a utilização de um edifício como o Mosteiro de Santa Maria do Mar, deverá conduzir a um processo de classificação que torne público e proteja o seu grande valor cultural.

O surgir de um mosteiro moderno quando a arquitectura religiosa moderna não era a prática geral, mostra o contributo da congregação religiosa que o encomendou para a renovação da arte e arquitectura religiosas que pode e deve ser enquadrada com as obras realizadas por outras congregações. Por outro lado, o projecto do mosteiro de Santa Maria do Mar que se estende de um período anterior ao Concílio Vaticano II (11/10/1962 a 8/12/1965) até depois do seu encerramento, implica também o aprofundamento da mudança teológica, doutrinal e canónica que se traduziu, nomeadamente, na distribuição programática dos espaços entre clausura, hospedaria e serviços à comunidade e na organização do espaço da capela, em que a localização do sacrário só é finalmente resolvida em 1968<sup>422</sup>.

Essa dependência da dimensão religiosa e ritual do espaço, personificada no seu cliente, motivou uma arquitectura dialogada, talvez a dimensão mais relevante no projecto do mosteiro. O diálogo foi realizado entre arquitectos, até mesmo no grupo alargado do MRAR, mas primordialmente com as irmãs beneditinas. Por isso sublinhamos como chave o primeiro registo de Nuno Teotónio Pereira neste processo: “ponho neste trabalho todo o meu entusiasmo e devoção (...) uma obra destas, para poder resultar tem de ser feita sem constrangimento, em plena liberdade criativa. (...) E estarei sempre disposto à mais viva e profunda colaboração: a obra final não poderá ser só minha – terá de ser de todos nós”<sup>423</sup>.

---

<sup>422</sup> Maio 1968 – desenho acessível no Arquivo Técnico de Urbanismo da Câmara Municipal de Cascais [Caixa n.º 3851]

<sup>423</sup> Carta à Ir. Maria Alberto (09/06/1958) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Correspondência - PT NTP TXT 00172]



## Fontes

### Arquivos Nacionais

Ministério da Cultura, Direcção Geral do Património Cultural (DGPC), Divisão do Património Imóvel, Móvel e Imaterial, Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA), Arquivo do Forte de Sacavém, Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira

[Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA]

### Arquivos Municipais

Câmara Municipal de Cascais; Direcção Municipal de Estratégia [DMEI], Inovação e Qualificação; Departamento de Inovação e Comunicação [DIC]; Divisão de arquivos, bibliotecas e património histórico [DABP], Arquivo Técnico de Urbanismo; Caixa n° 3851

[Caixa n° 3851, Arquivo Técnico de Urbanismo da Câmara Municipal de Cascais]

Arquivo da Câmara Municipal de Cascais

**[Espólio do Mosteiro de Santa Maria do Mar]**

### Patriarcado de Lisboa

Patriarcado de Lisboa, Fundo Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado, PT PL SNIP

## Diocese de Santarém

Arquivo Diocesano de Santarém, Fundo Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado, Série 29.3 – Capela Salão de Marinhas, 001 – Arquitectura [PT ADST SNIP/29.3]

## Fundação Calouste Gulbenkian

Colecção Espólio Raul Lino | Fundação Calouste Gulbenkian – Biblioteca de Arte e Arquivos

## Mosteiro de Roriz

Arquivo



## Bibliografia

ABBAYE DE MAREDSOUS – Abbaye de Maredsous. **Les Constructions**. [Em Linha]. Maredsous. [Actual. 2010, Consult. 05.02.2019]. Disponível na Internet: <URL:<http://www.maredsous.be/index.php?id=1235&L=0>>

AGENTSCHAP ONROEREND ERFGOED 2019 - Inventaris Onroerend Erfgoed. **Priorij Onze-Lieve-Vrouw van Bethanië** [Em Linha]. Bruxelas: Agentschap Onroerend Erfgoed. [Consult. 08.02.2019]. Disponível na Internet: <URL: <https://id.erfgoed.net/erfgoedobjecten/209994> >

AGENTSCHAP ONROEREND ERFGOED 2019 - Inventaris Onroerend Erfgoed. **Sint-Andriesabdij Zevenkerken met bijhorende school** [Em Linha]. Bruxelas: Agentschap Onroerend Erfgoed. [Consult. 08.02.2019]. Disponível na Internet: <URL: <https://id.erfgoed.net/erfgoedobjecten/75154>>

AGENTSCHAP ONROEREND ERFGOED 2019 – Inventaris Onroerend Erfgoed. **Kasteel Lisbona** [Em Linha]. Bruxelas: Agentschap Onroerend Erfgoed. [Consult. 08.02.2019]. Disponível na Internet: <URL:<https://id.erfgoed.net/erfgoedobjecten/209996> >

ALMEIDA, Pedro César Vieira de - **Ensaio sobre algumas características do espaço em arquitectura e elementos que o informam**. [Em Linha]. Porto, 1962. CODA (Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto). [Consult. 29/11/2018] Disponível na Internet: <URL:<http://hdl.handle.net/10405/48199>>

ALMEIDA, Pedro Vieira de – **O «espaço perdido» - proposta para a sua revalorização crítica.**

Jornal Letras e Artes, de 27/01, 17/02, 26/05 e 4/08, p. 10 e 14; p. 8-9; p.8-10; p.8-10. Cf.

MARIÑO, Margarida, ANDRÉ, Paula - O valor patrimonial do “Ensaio sobre o Espaço da/em Arquitetura” (1963) de Pedro Vieira de Almeida (1933-2011) . in ANDRÉ, Paula, RODRIGUES, Paulo Simões, ALVES, Margarida Brito, COSTA, Miguel Reimão (Ed.) - Antologia de Ensaios - Laboratório Colaborativo: dinâmicas urbanas, património, artes. IV - Seminário de investigação, ensino e difusão. [Em Linha]. Lisboa: DINÂMIA'CET-IUL, 2018. Disponível na Internet: <URL:<http://hdl.handle.net/10071/16713>>, p. 68

ALMEIDA, Pedro Vieira de - Duas igrejas: Sagrado Coração de Jesus e Paroquial de Almada.

**Arquitectura.** n.º 123, 4ª série, (Set. Out. 1971), p. 163-164

ALMEIDA, Pedro Vieira e FERNANDES, José Manuel - **História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna.** Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14

ALMEIDA, Pedro Vieira, FRANÇA, José-Augusto, PIMENTEL, Diogo Lino, [et al.] - **Raul Lino: Exposição retrospectiva da sua obra.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.

ATANÁSIO, Manuel Cardoso Mendes - **Arte moderna e arte da igreja: critérios para julgar e normas de construção.** Coimbra: Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, 1959

BANDEIRA, Filomena, CORREIA, Paula – **Palácio Centeno / Reitoria da Universidade Técnica de Lisboa** [Em Linha]. Sacavém: SIPA. [consult. 31.01.2019. actual. 2001]. Disponível em WWW: <URL: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=7775](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=7775) >

BENEVOLO, Leonardo – **Historia de la Arquitectura Moderna.** Trad. de Luis Felipe Vivanco e Jesús Fernández Santos Madrid: Taurus Ediciones, 1963.

BENTO, São– **Regra de São Bento.** Trad. de D. Crisóstomo D’Aguiar. Cucujães: 1937

BERGDOLL, Barry - European architecture 1750-1890. Oxford: Oxford University Press, 2000.  
ISBN:9780192842220

BYRNE, Gonçalo - Quelques prémices pour une architecture nouvelle. **L'Architecture d'aujourd'hui**. n. 185 (1976), p. 32- 35

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS– **GeoCascais** [Em Linha]. Cascais: Câmara Municipal de Cascais. [consult. 31.01.2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://geocascais.cascais.pt/#>>

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS - **Geo Portal Municipio de Oeiras** [Em Linha]. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. [consult. 31.01.2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://geoportal.cm-oeiras.pt/ver/mapas>>

CITÉ DE L'ARCHITECTURE & DU PATRIMOINE – **Ressources Pédagogiques: Eglise Notre-Dame de la Consolation, Le Raincy, 1922-1923, Auguste et Gustave Perret** [Em Linha]. Paris: Cité De L'architecture & du Patrimoine, [s.d.]. Disponível na Internet: <URL: [https://www.citedelarchitecture.fr/sites/default/files/documents/2017-09/fo\\_nddelaconsolation\\_def.pdf](https://www.citedelarchitecture.fr/sites/default/files/documents/2017-09/fo_nddelaconsolation_def.pdf)>

COLQUHOUN, Alan - **Modern architecture**. Oxford: Oxford University Press, 2002. ISBN: 9780192842268

COMISSÃO EPISCOPAL DE LITURGIA DE ITÁLIA – **Nota Pastoral: A Adaptação das Igrejas segundo a reforma litúrgica**. 2ª ed. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2018. ISBN 978-989-8877-09-3 (Traduzido de L'adeguamento delle chiese secondo la riforma litúrgica, Nota Pastorale della commissione Episcopale per la Liturgia, Notiziario della Conferenza Episcopale Italiana a cura della segreteria generale; numero 4 – 31 Maggio 1996)

CONCILÍO ECUMÉNICO VATICANO II - **Documentos do Concílio vaticano II:**

**Constituições, Declarações e Decretos.** Apelação: PAULUS Editora, 2014. ISBN: 978-972-30-1750-2

**Constituição Conciliar “Sacrosacntum Concilium” sobre a Sagrada Liturgia.** Roma, 1963, in CONCILÍO ECUMÉNICO VATICANO II – Documentos do Concílio vaticano II:

Constituições, Declarações e Decretos. Apelação: PAULUS Editora, 2014. ISBN: 978-972-30-1750-2. p. 47

COUTINHO, Maria João Pereira - Beneditinas da Rainha dos Apóstolos. In FRANCO, José Eduardo; MOURÃO, José Augusto; GOMES, Ana Cristina da Costa (ed. lit) - **Dicionário histórico das ordens e instituições afins em Portugal.** Lisboa: Gradiva, 2010. p. 335-337.

CRUZ, Alberto – a decoração do Hotel Alvor-Praia. **Binário.** nº 114(Mar. 1968). p. 136-138

CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da - O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX: a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960 [Em Linha]. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2014. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet: <URL:<http://hdl.handle.net/10400.5/8099>>

DIAS, Tiago Lopes - **Teoria e desenho da arquitectura em Portugal, 1956-1974 : Nuno Portas e Pedro Vieira de Almeida.** Barcelona: UPC, Departament de Teoria i Història de l'Arquitectura i Tècniques de Comunicació, 2017. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet <URL:<http://hdl.handle.net/2117/113682> >

DOCOMOMO IBÉRICO – **Convento de Santa Maria do Mar** [Em Linha]. Barcelona: Fundació Docomomo Ibérico. [consult. 31.01.2019. actual. 2013]. Disponível na Internet: <URL:[http://www.docomomoiberico.com/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=957:convento-de-santa-maria-do-mar&lang=pt](http://www.docomomoiberico.com/index.php?option=com_k2&view=item&id=957:convento-de-santa-maria-do-mar&lang=pt) >

FALCÃO, D. Manuel Franco – Liturgia das Horas. In **Enciclopédia Católica Popular** [Em Linha]. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa; Lisboa: Paulinas, 2004.

**Família Beneditina Portuguesa.** Roriz: Edições Ora et Labora, 2018.

FERNANDES, José Manuel – **Igrejas do Século XX: Arquitecturas na Região de Lisboa.** 1ª ed. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2014. ISBN 978-989-658-265-4

FERNANDES, José Manuel (ed.), JANEIRO, Maria de Loures (ed.) - O Livro de Nova Oeiras / The Nova Oeiras Book. Bases para uma candidatura a Património da Humanidade UNESCO do Bairro Residencial de Nova Oeiras, Concelho de Oeiras, Portugal. 1ª ed. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2016

FERREIRA DA COSTA, Bernardino – **Espaço Celebrativo.** 2ª ed. Fátima: Secretariado Nacional da Liturgia, 2017. ISBN 978-989-8293-67-1

FIGUEIREDO, Paula - **Mosteiro de Santa Maria do Mar** [Em Linha]. Sacavém: SIPA. [consult. 31.01.2019. actual. 2009]. Disponível em WWW:  
<URL:[http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/SIPA.aspx?id=27926](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=27926)>

FILIPE, Fátima Alexandra Barreto - **Arquitectura religiosa: reflexões em torno do espaço religioso no século XXI** [Em Linha]. Lisboa: ISCTE-IUL, 2014. Dissertação de mestrado. [Consult. 10/10/2018] Disponível na Internet: < URL: <http://hdl.handle.net/10071/8765> >

Fondation de Sainte-Cécile. In **Abbaye Sainte-Cécile de Solesmes: Historique du monastère** [Em Linha]. Solesmes. [Actual. 2010, Consult. 2019]. Disponível na Internet:  
<URL:[http://www.saintececiledesolesmes.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=46&Itemid=2](http://www.saintececiledesolesmes.org/index.php?option=com_content&view=article&id=46&Itemid=2) >

- FRANÇA, José-Augusto – **A arte e a sociedade portuguesa no século XX (1910 a 1980)**. 2ª ed. Lisboa : Livros Horizonte, 1980
- FRANÇA, José-Augusto – **A arte em Portugal no século XX: (1911-1961)**. Venda Nova: Bertrand Editora, 1991. ISBN: 9722500457
- FRANÇA, José-Augusto – **História da arte ocidental: 1780-1980**. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.
- FRANÇA, José-Augusto - O Modernismo (Século XX). Lisboa: Presença, 2004 In FRANÇA, José-Augusto [et al.] - **História da Arte em Portugal**. Lisboa: Presença, 2001-2004. Vol. 6
- FRANCO, José Eduardo (dir.), MOURÃO, José Augusto (dir.), GOMES, Ana Cristina da Costa (dir.) - **Dicionário histórico das ordens e instituições afins em Portugal**. Lisboa: Gradiva, 2010. ISBN 9789896163693
- FRANCO, José Eduardo, ABREU, Luís Machado (coord.) – **Para a História das ordens e congregações religiosas em Portugal, na Europa e no Mundo**. Lisboa: Paulinas Editora, 2014. ISBN 9789896733346
- GABINETE DO PLANO DE URBANIZAÇÃO DA COSTA DO SOL – Plano de Urbanização da Costa do Sol [Em Linha]. Cascais: Arquivo Histórico Digital Municipal de Cascais. [consult. 31.01.2019]. Disponível na Internet:  
<URL:<https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=165056&type=PCD>>
- GRANDE, Nuno, org. expo, PRESCOTT, David, trad - **O Ser Urbano: Nos caminhos de Nuno Portas**. 1ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2012. ISBN 978-972-27-2067-0, p. 138-140

Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Benedictines et Apôtres. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo III

Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV

JAMOT, Paul – **Notre-Dame du Raincy**. Paris: Gazette des Beaux Arts, 1923

JOÃO XXIII, Papa - **Constituição Apostólica “Humanae Salutis”**: para a **Convocação do Concílio Ecuménico Vaticano II**. Roma, 1961. In CONCILÍO ECUMÉNICO VATICANO II - Documentos do Concílio vaticano II: Constituições, Declarações e Decretos. Apelação: PAULUS Editora, 2014. ISBN: 978-972-30-1750-2

JOÃO XXIII, Papa - **Discurso de Sua Santidade o Papa João XXIII na abertura solene do Ss. Concílio**. Roma, 1962. In CONCILÍO ECUMÉNICO VATICANO II - Documentos do Concílio vaticano II: Constituições, Declarações e Decretos. Apelação: PAULUS Editora, 2014. ISBN: 978-972-30-1750-2

LE CORBUSIER – **Collection de “l’esprit nouveau” - Vers Une Architecture: Nouvelle edition revue et augmentée**. 2<sup>a</sup> ed. Paris: Les Éditions G. Crès et Cie, 1925. Disponível na Internet: <URL: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9600362d>>

LE CORBUSIER - **Towards a New Architecture**. Trad. por Frederick Etchells. London: Architectural Press, 1946

LEITE, António Maria Pinto – **Exposição Raul Lino, Artes Decorativas**. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 1990



- MAGNO, Gregório (c. 540-604) – CHAPTER XXII: How by a vision, he gave order to construct the Monastery of Terracina. In **Life of Our Most Holy Father St. Benedict: Being the Second Book of the Dialogues of St. Gregory the Great. Trad. de .** [Em Linha] Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library. Disponível na Internet: <URL: [http://www.ccel.org/ccel/gregory/life\\_rule](http://www.ccel.org/ccel/gregory/life_rule) >. p. 32
- MARQUES, João Luís - Do Espírito em arquitectura (1935) à Arte Viva (1953), obras e pensamento em diálogo - Raul Lino e Manuel Cerejeira. **Revista ARTisON**, ARTIS – Instituto de História de Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa (2019). [aguarda publicação]
- MARQUES, João Luís Rebelo Ferreira – **A Igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975** [Em Linha]. Porto: Repositório Aberto da Universidade do Porto, 2017. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet < URL: <http://hdl.handle.net/10216/110753> >
- MATRIZNET - Lino, Raúl (Lisboa, 1879 - Lisboa, 1974) - Pannel de azulejos, nº inventário 175, Museu Nacional do Azulejo. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural [Consult. 26/07/2019]. Disponível na Internet: <URL:<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/CommonServices/ThumbnailDownloader.axd?Lang=PT&fileId=266838&IdReg=229458&TipoReg=1&ThumbnailType=2&NoImageSize=250X180>>
- MELO, Maria, FERREIRA, Ana Luísa (coord.); TOUSSAINT, Michel, D'ALMEIDA, Patrícia Bento, ALCÂNTARA, Maria Daniela (textos); WYBURN, Carla (trad.) - **Guia de Arquitectura de Lisboa, 1948-2013: Do Movimento Moderno à actualidade**. 2ª ed. Lisboa: A+A Books, 2013. ISBN:978-989-98462-0-3
- MIRANDA, Jorge Augusto, CARDOSO, Guilherme, TEIXEIRA, Carlos A. - **Registo fotográfico de Carcavelos e alguns apontamentos histórico-administrativos**. Cascais: Câmara Municipal, 1988.

NEGREIROS, José de Almada - [Autorretrato], 1926 in FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN - «**Os meus olhos não são meus, são os olhos do nosso século!**» [Em Linha]. Lisboa. [consult. 31.01.2019. actual. 2018]. Disponível na Internet: <URL:<https://gulbenkian.pt/museu/jose-almada-negreiros-maneira-moderno/os-meus-olhos-nao-sao-meus-sao-os-olhos-do-seculo/>>

**O Movimento Graal em Portugal.** [Em Linha]. Lisboa: Graal - Associação de Carácter Social e Cultural [consult. 26/08/2019]. Disponível na Internet: URL< <http://www.graal.org.pt/pt/graal/o-que-e-o-graal>>

O Templo monumental á Immaculada Conceição. **O Occidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro.** n° 934 (10 Dez. 1904). p. 268-269, 271

OLIVEIRA, Joana – **Políticas de autor ou políticas sociais?: Nuno Portas e o papel do arquitecto em Portugal** [Em Linha]. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013. Dissertação de mestrado. [Consult. 08.02.2019] Disponível na Internet: <<http://hdl.handle.net/10316/24400>>

**Orval: Histoire** [Em Linha]. Orval. [Consult. 2019]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.orval.be/fr/22/Une-longue-histoire> >

PAULO VI, Papa – Carta Apostólica com a qual se encerra o Concílio. Roma, 1965. In CONCILÍO ECUMÉNICO VATICANO II - Documentos do Concílio vaticano II: Constituições, Declarações e Decretos. Apelação: PAULUS Editora, 2014. ISBN: 978-972-30-1750-2

PAULO VI, Papa – Homília na conclusão solene do Concílio. Roma, 1965. In CONCILÍO ECUMÉNICO VATICANO II - Documentos do Concílio vaticano II: Constituições, Declarações e Decretos. Apelação: PAULUS Editora, 2014. ISBN: 978-972-30-1750-2

PELLICCIA, Guerrino, dir., ROCCA, Giancarlo, dir. - **Dizionario degli istituti di perfezione. Vol I** Roma: Ed. Paoline, 1974-2003. 10 vols.

PEREIRA, Paulo – **Arte Portuguesa: História Essencial**. Lisboa: Temas e Debates, 2011. ISBN 9789896441531

PORTAS, Nuno – Arquitectura Religiosa Moderna em Portugal. **Arquitectura**. nº 60, (Outubro de 1957). p. 20-34

PORTAS, Nuno, PEREIRA, Nuno Teotónio – Duas Igrejas. **Binário**. nº 161 (Fev. 1972), p. 70-75

PUGIN, Augustus Welby - Contrasts: or a parallel between the noble edifices of the middle ages, and corresponding buildings of the present day; shewing the present decay of taste [Em Linha]. Edimburgh: John Grant, 1898. Disponível na Internet: <URL:<https://archive.org/details/contrastsorparal00pugi/page/n5>>

PUGIN, Augustus Welby - **The true principles of pointed or Christian architecture : set forth in two lectures delivered at St. Marie's, Oscott** [Em Linha]. London: Henry G. Bohn, 1853. Disponível na Internet: <URL: <https://archive.org/details/trueprinciplesof00pugi/page/n33>>

ROCCA, G. - Benedittine della Regina degli Apostoli. In PELLICCIA, Guerrino, dir., ROCCA, Giancarlo, dir. - **Dizionario degli istituti di perfezione**. Roma: Ed. Paoline, 1974-2003. Vol.I. p. 1277- 1278

ROCCA, G. - Benedittine Missionarie, di Tutzing (Baviera, Germania), Missions-Benediktinerinnen von Tutzing. In PELLICCIA, Guerrino, dir., ROCCA, Giancarlo, dir. - **Dizionario degli istituti di perfezione**. Roma: Ed. Paoline, 1974-2003. Vol.I. p. 1270

ROTH, Leland M. – **Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 1999. ISBN:84-252-1700-8.

SERVIÇO DE PLANEAMENTO [DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA] - Urbanização de Olivais Sul. **Boletim GTH**. Lisboa: CML, nº 1 (Jul. - Ago. 1964), p. 11-27.

SERVIÇO DE PLANEAMENTO [DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA] - Urbanização de Olivais Sul. **Boletim GTH**. Lisboa: CML, nº 18 (1º Semestre 1970), p. 19-35.

SILVA, António - **Raul Lino, Livre como o Cipreste** [Registo Vídeo] [Em Linha]. Realização de: Cristina Antunes. Lisboa: RTP 1, 1999. Vídeo em Linha (1h., 07min.): Cor; Mono; 4:3 PAL. Disponível na Internet: <URL: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/raul-lino-livre-como-o-cipreste/>>

SOUSA, Gabriel de - Mosteiro de Singeverga: cem anos de vida beneditina (1892-1992). Santo Tirso: Ora & Labora, 1992.

SPIRI, Jean – **Tradition et modernité dans l'architecture religieuse**. [Em Linha]. Paris: École Normale Supérieure – Élèves (Aumônerie) [consult. 31.01.2019]. Disponível na Internet: < URL: [https://www.eleves.ens.fr/aumonerie/en\\_ligne/paques03/seneve003.html](https://www.eleves.ens.fr/aumonerie/en_ligne/paques03/seneve003.html) >

TAFURI, Manfredo, DAL CO, Francesco – **Modern Architecture/2**. Trad. de Robert Erich Wolf. New York: Rizzoli International Publications, 1986. ISBN: 0 8478 0761 4

TOSTÕES, Ana – **Ciclo de Conferências: Moderna Arquitectura Portuguesa** (Março de 2019, 2019, Centro Cultural de Belém)

TOSTÕES, Ana – **Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50**. 2ª ed. Porto: FAUP, 1997. ISBN 9729483302

TOSTÕES, Ana (coord.), AFONSO, João, BANDEIRINHA, José António, LOPES, Diogo Seixas, PEREIRA, Nuno Teotónio, PORTAS, Nuno [et al.] – **Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira**. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 972-589-127-9

UCHA, Margarida Mariño, ANDRÉ, Paula - **O valor patrimonial do “Ensaio sobre o Espaço da/em Arquitetura” (1963) de Pedro Vieira de Almeida (1933-2011)** in ANDRÉ, Paula, RODRIGUES, Paulo Simões, ALVES, Margarida Brito, COSTA, Miguel Reimão (Ed.) - Antologia de Ensaios - Laboratório Colaborativo: dinâmicas urbanas, património, artes. IV - Seminário de investigação, ensino e difusão. (pp. 56-76). Lisboa: DINÂMIA'CET-IUL, 2018. Disponível na Internet: <URL:<http://hdl.handle.net/10071/16713>>, p. 68

## Índice de Imagens

Figura 1 – FERNANDES, José Manuel – **Igrejas do Século XX: Arquitecturas na Região de Lisboa**

Figura 2 - Página dedicada à apresentação gráfica do Mosteiro de Santa Maria do Mar in TOSTÕES, Ana – **Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50**. 2ª ed. Porto: FAUP, 1997. ISBN 9729483302, p. 306

Figura 3 - GRANDE, Nuno, org. expo, PRESCOTT, David, trad - **O Ser Urbano: Nos caminhos de Nuno Portas**

Figura 4 - Catálogo da exposição *Arquitectura e Cidadania, Atelier Nuno Teotónio Pereira*. In TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*

Figura 5 - BAÍA, Pedro (ed.); PROVIDÊNCIA, Paulo (ed.) - **Nuno Portas: 18 Obras Partilhadas**. Porto: Circo de Ideias. 2019

Figura 6 - Fotografias do Mosteiro de Santa Maria do Mar in MIRANDA, Jorge Augusto, CARDOSO, Guilherme, TEIXEIRA, Carlos A. - **Registo fotográfico de Carcavelos e alguns apontamentos histórico-administrativos**. Cascais: Câmara Municipal, 1988, p. 151

Figura 7 – Capas das principais obras da bibliografia.

Figura 8 - Primeira Casa das Irmãs Beneditinas da Rainha dos Apóstolos em Portugal. In **Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945**. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 91

Figura 9 – Fotografias do novo Mosteiro de São Bento no Huambo. Acessíveis em TOVAR, Irmã Maria do Carmo - Inauguração do Novo Mosteiro de S. Bento no Huambo, Angola. **Mosteiro de Santa Escolástica** [Em Linha]. (31/05/2019) [consult. 31/05/2019]. Disponível na Internet: <URL:<https://www.facebook.com/Beneditinas.Roriz/>>;

- Figura 10- Pedra fundacional do Mosteiro de Roriz, desenho de Raul Lino, Outubro 1937. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 387.31] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos; Fotografia da Primeira Pedra na parede exterior do mosteiro (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)
- Figura 11 – Lançamento da primeira pedra do mosteiro de Roriz e a primeira ala finalizada. In **Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945**. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 91
- Figura 12 – Plantas gerais do rés-do-chão de duas versões do projecto do mosteiro de Roriz: projecto com duas torres, cabeceira da igreja semicircular e claustro mais alongado (Fevereiro 1937); projecto com uma só torre, cabeceira da igreja rectangular e claustro mais próximo do quadrado (Fevereiro 1937 [?] projecto parcialmente construído). Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 384.17 e RLDA 384.27] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos
- Figura 13 - Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 384.17 e RLDA 384.27] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos
- Figura 14 - Planta de Localização do Mosteiro de Roriz. Projecto de Raul Lino 1937. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 384.16] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos
- Figura 15 - Planta de localização do Mosteiro de Singeverga. Projecto de Raul Lino 1937. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 384.13] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivo.
- Figura 16 - Plantas da cave e rés-do-chão de uma versão do projecto de Raul Lino para o mosteiro masculino da Singeverga em que a igreja figura na ala sul e o claustro conforma um quadrado (Setembro de 1938). Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 384.20 e RLDA 384.21] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivo
- Figura 17 - Implantações alternativas para o mosteiro masculino de Singeverga, ambas com a igreja localizada a sul do claustro. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 384.14 e RLDA 384.15] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivo
- Figura 18 - Alçados Norte e Poente, Sul e Nascente do anteprojecto de Raul Lino para o Colégio das Missões Beneditinas (Mosteiro de Singeverga). Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 384.4, RLDA 384.0, RLDA 384.2 e RLDA 384.3] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivo



- Figura 19 - Planta de localização do Mosteiro de Roriz, assinalando a 1ª fase. Detalhe da planta original acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 384.16] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos
- Figura 20 – “Esquema de crescimento tradicional”, Nuno Teotónio Pereira. Detalhe de apontamentos acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio I – preparação do programa - PT NTP TXT 00175]
- Figura 21 - Vistas de satélite dos mosteiros de Notre Dame de Béthanie e Santa Escolástica de Roriz. Acessível em **Google Earth [Em Linha]**. [s.l.]:[s.n.] [consult. 2019]. Disponível na Internet: <URL: <https://maps.google.com/>>.
- Figura 22 - Evolução da Construção do Mosteiro de Nossa Senhora de Betânia, Loppem, Bruges, postais ilustrados
- Figura 23 - Inauguração do Mosteiro de Roriz ainda em construção. Acessível no Arquivo do Mosteiro de Roriz
- Figura 24 - Evolução da Construção do Mosteiro de Santa Escolástica de Roriz, postais ilustrados
- Figura 25 – Planta do Anteprojecto do *Priorado de Santa Escolástica*, Fevereiro 1937 (escala original 1:200). 387.17
- Figura 26 – Planta do Projecto do *Colégio das Beneditinas Missionárias* [Maio 1938] (escala original 1:100). 384.27
- Figura 27 - Anteprojecto (1937) Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 387.4, 387.2, 387.3, 387.1] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos
- Figura 28 - Alçado da 1ª Fase da construção – 06/05/1938 (com algumas diferenças em relação ao construído). Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 384.5 e RLDA 384.6] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos

- Figura 29 - Planta do rés-do-chão (e cave) da primeira fase do mosteiro de Roriz apresentando em legenda as funções provisórias dos espaços - 06/05/1938. Depois da alteração ao projecto, concretizada nestes desenhos de 1938, o claustro ficou abaixo do nível da entrada, ficando com ligação a uma pequena cave no extremo poente do edifício. Por estar semi-enterrado à cota do claustro, o extremo poente do mosteiro apresenta sempre nomenclatura de piso diferente. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA.384.32] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos
- Figura 30 - Alçado da 1ª Fase da construção – 06/05/1938 (com algumas diferenças em relação ao construído). Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA 384.5] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos
- Figura 31 - Planta do primeiro piso (e rés-do-chão) da primeira fase do mosteiro de Roriz - 06/05/1938. Neste piso figura a entrada principal, que como se pode ver não está no mesmo nível do claustro passando a existir, no primeiro piso, um desnível entre a zona de entrada e o resto do edifício que confere aos espaços do rés-do-chão e às salas maior pé direito. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA.384.33] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos
- Figura 32 - A Sala na actualidade. Fotografia de Hugo Casanova.
- Figura 33 - Corte da 1ª Fase da construção – 06/05/1938 (com algumas diferenças em relação ao construído). Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RDLA 384.12] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos
- Figura 34 - Planta do segundo piso (e primeiro piso) da primeira fase do mosteiro de Roriz - 06/05/1938. Neste piso há quatro celas, mas a maioria dos espaços são dormitórios com divisórias amovíveis. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA.384.34] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos
- Figura 35 - Planta do Sótão e Cobertura (e segundo piso) da primeira fase do mosteiro de Roriz - 06/05/1938. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA.384.35] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos

- Figura 36 – Planta do miradoiro e cobertura da primeira fase do mosteiro de Roriz - 06/05/1938. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RLDA.384.36] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos
- Figura 37 - Raul Lino – Projecto *Turrís Eburnea* (*Torre de Marfim*) para um Templo Monumental à Imaculada Conceição de Maria. In ALMEIDA, Pedro Vieira e FERNANDES, José Manuel - **História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna**. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14, p. 73, 85
- Figura 38 - Projecto *Turrís Eburnea* (*Torre de Marfim*) para um Templo Monumental à Imaculada Conceição de Maria. In ALMEIDA, Pedro Vieira, FRANÇA, José-Augusto, PIMENTEL, Diogo Lino, [et al.] - **Raul Lino: Exposição retrospectiva da sua obra**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.
- Figura 39 – Catedral de Worms, Alemanha. In Postal Ilustrado. Darmstadt: Vereinigte Kunstdruckereien Metz & Lutz G.M.B.H
- Figura 40 - "Perspectiva do 1º Projecto premiado". In O Templo monumental á Immaculada Conceição. **O Occidente: revista ilustrada de Portugal e do Extrangeiro**. nº 934 (10 Dez. 1904). p. 269
- Figura 41 - Raul Lino, duas versões do projecto para uma igreja em Figueiró, Beira. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [615.0 e 615.2] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos
- Figura 42 - Raul Lino, duas versões do anteprojecto para a capela de N.ª Senhora do Castelo em Vouzela. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [345.0 e 345.1] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos
- Figura 43 – Março 1937 - Projecto de Raul Lino para o Alçado principal (Poente) do Priorado de Roriz na sua versão definitiva, cuja construção não foi concluída. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [387.0] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos

- Figura 44 - Mosteiro de Notre Dame de Béthanie na sua versão final, cuja primeira pedra foi benzida “no local onde mais tarde seria construída a igreja”, no dia 21 de Março de 1924 (**Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Des Anées Laborieuses 1930-1945**. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo IV. p. 79;). Postal Ilustrado. In delcampe.net
- Figura 45 – Março 1937 – Raul Lino, “Fachada principal, anteprojecto, escala 1:200” - Projecto de fachada com duas torres, arcos de volta perfeita e um triplo portal no nártex para o *Colégio das Missões Beneditinas*, em Singeverga. Acessível em Col. Espólio Raul Lino [384.0] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos
- Figura 46 - Projecto do Arquitecto Viérin para o Mosteiro de Betânia, 1924, com duas torres, arcos de volta perfeita e um triplo portal no nártex in *Histoire des Moniales Bénédictines de la Reine des Apôtres: Benedictines et Apôtres*. Rixensart: Editions du Centre «Le Chemin», 2006. Tomo III
- Figura 47 - Casa Montsalvat, Raul Lino. In ALMEIDA, Pedro Vieira e FERNANDES, José Manuel - **História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna**. Lisboa: Publicações Alfa, 1993. Vol. 14. p. 84; 83.
- Figura 48 – Abadia de Maredsous, projecto de Jean-Baptiste Béthune (1821-1894), Namur, Bélgica. In ABBAYE DE MAREDSOUS – **Photos Anciennes**. [Em Linha]. Maredsous. [Actual. 2010, Consult. 05.02.2019]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.maredsous.be/index.php?id=1408&L=0> >
- Figura 49 - Abadia de Santo André em Loppem, Bruges, Dom Ludgerus Rincklake (arquitecto monge), beneditino em Maria-Laach, c. 1910. In AGENTSCHAP ONROEREND ERFGOED 2016 - **Sint-Andriesabdij Zevenkerken met bijhorende school** [Em Linha]. Bruxelas: Agentschap Onroerend Erfgoed. [Consult. 08.02.2019]. Disponível na Internet: <URL: <https://id.erfgoed.net/erfgoedobjecten/75154>>
- Figura 50 - Abadia de Maredsous, projecto de Jean-Baptiste Béthune (1821-1894). In **Maredsous, L'Abbaye (no. 6) [documento icónico]**. Bruxelles: Nels, [c. 1928]. Postal Ilustrado.

- Figura 51 – Abbaye bénédictine de Zevenkerken, St. André-lez-Bruges. Coté Est (no. 7) [documento icónico]. Gand-Bruges: Editeur Julien De Clercq, [c. 1913-14]. Postal Ilustrado.
- Figura 52 – “St. Benoît d’Encalcat e perto, para monjas [Abadia de Santa Escolástica de] Dourgne”. In Carta da Irmã Maria Alberto a Nuno Teotónio Pereira (18/09/1958) – Vista Aérea da Abadia de São Bento de Encalcat, Dourgne (Tarn), In **Abbaye d’Encalcat, Dourgne (Tarn) 89/255**. [Documento icónico]. [s.l.]: Kodak, [s.d.]. Postal Ilustrado.
- Figura 53 – “St. Benoît d’Encalcat e perto, para monjas [Abadia de Santa Escolástica de] Dourgne”. In Carta da Irmã Maria Alberto a Nuno Teotónio Pereira (18/09/1958) - Abadia de Santa Escolástica de Dourgne. In **Abbaye de Sainte-Scholastique, Dourgne (Tarn) N° 10. Le Chapitre et L’Abside** [Documento icónico]. Paris: Editions J. David & E. Vallois, [c. 1931]. Postal Ilustrado.
- Figura 54 – Mosteiro Feminino de Santa Escolástica de Urt (c. 1888) e em segundo plano Abadia Masculina de Notre Dame de Belloc. In **URT (Pyrénées-Atlantiques). L’Abbaye de Belloc avec au premier plan le Monastère des Bénédictines**. [Documento icónico]. Mâcon: Combiér Imprimeur, [s.d.]. Postal Ilustrado.
- Figura 55 – “Coeur Immaculé [de Marie – Notre Dame] de Belloc, Urt (1875) com a casa St. Leon de Pau” In Carta da Irmã Maria Alberto a Nuno Teotónio Pereira (18/09/1958) – Vista Aérea da Abadia de Notre Dame de Belloc In **Abbaye de Belloc, Urt, 64240, Hasparren (...) – vue aérienne** [Documento icónico]. Mâcon: Combiér Imprimeur, [c. 1990]. Postal Ilustrado.
- Figura 56 – “St. Marie de Tournay (H.tes Pirinées) (antigamente à Madiran)” In Carta da Irmã Maria Alberto a Nuno Teotónio Pereira (18/09/1958) – Vista aérea da Abadia de Tournay. In [Documento icónico]. Mâcon: Combiér Imprimeur, [c. 1990]. Postal Ilustrado.
- Figura 57 – “St. Paul de Wisques, perto de St. Omer”. In Carta da Irmã Maria Alberto a Nuno Teotónio Pereira (18/09/1958) – In **Couleurs et lumière de France, Abbaye Saint-Paul(...)Wisques (Pas de Calais) Façade du Château (...)** [Documento icónico]. Paris: Editions d’art Yvon, [s.d.]. Postal Ilustrado.

- Figura 58 – Abadia feminina de Santa Cecília de Solesmes. In **Solesmes (Sathe) – Vue aérienne: Abbaye Ste-Cécile** [Documento icónico]. Mâcon: Combiér Imprimeur, [c. 1955]. Postal Ilustrado.
- Figura 59 – Abadia masculina de São Pedro, Solesmes. In **2 – L’Abbaye St-Pierre de Solesmes vue du Coteau** [Documento icónico]. [s.l.]: Sablé, [s.d.]. Postal Ilustrado (J. Malicot, phot.).
- Figura 60 – “a importantíssima Abadia de Orval” In Carta da Irmã Maria Alberto a Nuno Teotónio Pereira (18/09/1958) – Pátio de Honra e Fachada da Basílica. In **Abbaye N. -D. d’Orval: Cour d’Honneur et façade de la Basilique**. Bruxelles: Nels (Ern. Thill), [c. 1953]. Postal Ilustrado.
- Figura 61 – “a importantíssima Abadia de Orval” In Carta da Irmã Maria Alberto a Nuno Teotónio Pereira (18/09/1958) – Entrada da Hospedaria ds Abadia de Orval. In **Abbaye N.-D. d’Orval, L’entrée l’Hôtellerie** [Documento icónico]. Bruxelles: Nels (Ern. Thill), [c. 1953]. Postal Ilustrado.
- Figura 62 - “a importantíssima Abadia de Orval” In Carta da Irmã Maria Alberto a Nuno Teotónio Pereira (18/09/1958) – Fotografias das Ruínas sobre as quais se edificou o novo mosteiro. In **Abbaye d’Orval Nouvelle Eglise Abbatiale en construction (Aout 1932). H. Vaes, Arch.** [Documento icónico]. Bruxelles: Nels (Ern. Thill), [s.d.]. Postal Ilustrado; **Abbaye d’Orval, Ancienne salle capitulaire.** [Documento icónico]. [s.l.]: Star, [s.d.]. Postal Ilustrado; **Abbatiale d’Orval, Partie de la grande Nef.** [Documento icónico]. Bruxelles: Nels (Ern. Thill), [s.d.]. Postal Ilustrado; **45 – Aux Ruines d’Orval, Rosace du Transept.** Virton: Syndicat d’Initiative «la Gaume» (Nels), [s.d.]. Postal Ilustrado.
- Figura 63 – “St. Maurice et St. Maur de Clervaux, dito interessante” In Carta da Irmã Maria Alberto a Nuno Teotónio Pereira (18/09/1958) – Abadia de S. Maurício e S. Mauro de Clervaux In [Documento icónico]. Mâcon: Combiér Imprimeur, [s.d.]. Postal Ilustrado.
- Figura 64 - St. Paul d’Oosterhout (De Sint Paulusabdij) In **Abbaye St. Paul, Oosterhout, Cloître, Kloostergang** [Documento icónico]. Rotterdam: Brinio, [s.d.]. Postal Ilustrado. 431/14
- Figura 65 - Claustro da Abadia de Solesmes.
- Figura 66 - Igreja de N. Sra. da Conceição,

- Figura 67 – Painel 31 da Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea (abr.1953). – “3. Igreja de N.ª S.ª da Conceição (Porto, 1947) D. Paul Bellot e Rogério de Azevedo” - Acessível em Arquivo MRAR. Cf. CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da - **O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX: a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960** [Em Linha]. Disponível na Internet <URL:<http://hdl.handle.net/10400.5/8099>>, p. 338 (Vol. II)
- Figura 68 - Painel 32 da Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea (abr.1953). Acessível em Arquivo MRAR. Cf. CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da - **O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX: a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960** [Em Linha]. Disponível na Internet <URL: <http://hdl.handle.net/10400.5/8099>>, p. 338 (Vol. II)
- Figura 69 - O atelier de Nuno Teotónio Pereira in OLIVEIRA, Joana – **Políticas de autor ou políticas sociais? : Nuno Portas e o papel do arquitecto em Portugal** [Em Linha]. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013. Dissertação de mestrado. [Consult. 08.02.2019] Disponível na Internet: <<http://hdl.handle.net/10316/24400>>, p. 42
- Figura 70 – Fotografia da casa Willits, Highland Park (Illinois), 1900-1902, de Frank Loyd Wright. In ROTH, Leland M. – **Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 1999. p. 504;
- Figura 71 - Fotografia e Planta da *Villa Savoye* (1928-1931) de Le Corbusier. In ROTH, Leland M. – **Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 1999. p. 521
- Figura 72 - 1843-1846 – Excerto da *Carta dos Arredores de Lisboa, Folha 2 (Oeiras- Cascais)*. In BOIÇA, Joaquim – Cartografia de Oeiras. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2003.
- Figura 73 - Plano de Urbanização: Parede e Carcavelos e Oeiras, Santo Amaro de Oeiras, Paço de Arcos e Caxias. Acessível em **Plano de Urbanização da Costa do Sol** [Em Linha]. Cascais: Arquivo Histórico Digital Municipal de Cascais. Disponível na internet: <URL:<https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=165056&type=PCD>>



- Figura 74 - Fotografia aérea do terreno antes da construção do mosteiro (1958) e sobreposição do tecido urbano de 2017 – imagens manipuladas a partir de ortofoto in OEIRAS, Câmara Municipal - **Geo Portal Municipio de Oeiras** [Em Linha]. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. [consult. 31.01.2019]. Disponível em WWW: <URL: <http://geoportalmunicipal.cm-oeiras.pt/ver/mapas>>
- Figura 75 – Topografia, limites das bacias hidrográficas e ribeiras do município de Cascais. Acessível em CASCAIS, CÂMARA MUNICIPAL – **GeoCascais** [Em Linha]. Cascais: Câmara Municipal de Cascais. [consult. 31.01.2019]. Disponível em WWW: <URL: <https://geocascais.cascais.pt/#>>
- Figura 76 - Planta de localização do Estudo Prévio II (1959) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio 2 com anotações - PT NTP TXT 00176]
- Figura 77 - *Carta Topográfica das construções provisionais que se construirão no Destricto da Vila de Oeiras em 1809 e 1810* – Acessível em Direcção dos Serviços de Fortificações e Obras do Exército, Processo do Prédio Militar n.º 7/Oeiras, Planta dos PM, sem data.
- Figura 78 - 14/06/1958 – Programa Dactilografado [com anotações de Nuno Teotónio Pereira], não assinado, enviado, provavelmente pela Madre Maria Alberto – Capela, Mosteiro (Clausura), Hospedaria, Observações. Acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio 2 com Anotações - PT NTP TXT 00176]
- Figura 79 – Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira - Casa da Praia das Maçãs in TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279, p. 178-181 e 53
- Figura 80 - Apontamentos de Nuno Teotónio Pereira para o Estudo Prévio I (31 Jan 1959) acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio I – preparação do programa - PT NTP TXT 00175]
- Figura 81 - Ampliação dos desenhos apresentados nos apontamentos para o Estudo Prévio I (31 Jan 1959) acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio I – preparação do programa - PT NTP TXT 00175]

- Figura 82 – Desenhos do *Estudo Prévio I* – Nuno Teotónio Pereira (arquitecto) (09/02/1959) e Júlio Moreira (Eng. Agrónomo) (07/02/1959) e acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio I – PT NTP TXT 00713]
- Figura 83 - Esquema para a 1ª Fase in Apontamentos de Nuno Teotónio Pereira (11/07/1959) acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio II com anotações - PT NTP TXT 00176]
- Figura 84 – Av. Gonçalves Zarco, Sassoeiros nos anos 60: no horizonte apenas torres do plano de Nova Oeiras e algumas quintas, fotogramas de um filme em Super 8 de António Lopes Rodrigues
- Figura 85 - Planta Geral - Estudo Prévio II acessível no Arquivo Técnico de Urbanismo da Câmara Municipal de Cascais [Caixa nº 3851] – ver anexo e apêndice: cronologia
- Figura 86 - Esboço de arranjo de terreno em Sassoeiros, Júlio Moreira, s.d. acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Preparação do Terreno - PT NTP TXT 00174]
- Figura 87 - Ajustamento do Terreno, desenho anexo à Carta à Rev. Madre Maria Alberto, O.S.B. (29/12/1959) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio II - PT NTP TXT 00176]
- Figura 88 – Edifício de Habitação Escritórios e Comércio, Rua de São Filipe Nery, Lisboa (1951, 1955-1957) Perspectiva e Planta da versão inicial do anteprojecto (1955) de Nuno Teotónio Pereira e António Pinto Freitas e Perspectiva e Planta da segunda versão do anteprojecto (1957) de Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas in TOSTÕES, Ana (coord.) [et al.] – *Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 9725891279, p. 158-159 e 261
- Figura 89 – Esquisso de Nuno Portas (com base no testemunho do Arq. Pedro Botelho). Acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos - PT NTP TXT 00173 (1 e 2); Documento (Rolo) - PT NTP-DES 00370 (Desenhos PT NTP DES.05263; 05264; 05265; 05266)]

- Figura 90 - Perspectiva de Nuno Portas (com base no testemunho do Arquitecto Nuno Portas e do Arq. Pedro Botelho), 25 de Maio de 1960. Acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [PT NTP DES 05313]
- Figura 91 - Esquisso com recado assinado "P.C." acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos- PT NTP TXT 00173]
- Figura 92 - Recado dirigido a "Pedro", provavelmente Pedro Vieira de Almeida. Acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos- PT NTP TXT 00173]
- Figura 93 - Esquissos que mostram a procura de uma geometria orientadora, por exemplo, rodando quadrados sobre quadrados, e de uma planta geral acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos- PT NTP TXT 00173]
- Figura 94 - Esquissos que mostram a procura de uma planta geral acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos- PT NTP TXT 00173]
- Figura 95 - Esquissos que mostram a procura de uma planta geral (1-5); de uma hipótese de cobertura para o claustro (6-7); de alçado para a hospedaria. Acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos- PT NTP TXT 00173]
- Figura 96 – Plantas de três pisos no *Esboçeto* (I) (Maio/1960). Acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA
- Figura 97 – Plantas de três pisos no 2º *Esboçeto* (31/08/1960). Acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA
- Figura 98 - Plantas de três pisos no 3º *Esboçeto* (13/09/1960). Acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA
- Figura 99 - Plantas da primeira fase no 3º *Esboçeto* (13/09/1960). Acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA

- Figura 100 - Planta de quartos da hospedaria, enviada em resposta ao pedido das irmãs acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Estudo Prévio II com anotações- PT NTP TXT 00176]
- Figura 101 - Cópia da planta de quarto da hospedaria recebida pelas irmãs residentes em Sassoeiros. Acessível no Arquivo da Câmara Municipal de Cascais [Espólio do Mosteiro de Santa Maria do Mar]
- Figura 102 - Desenho da Primeira Pedra acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Documento (Rolo) - PT NTP-DES 00370 (Desenhos PT NTP DES.05294) ]
- Figura 103 - Fotografia da Primeira Pedra (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)
- Figura 104 - Estudo procurando formas de abrigar os claustros, criando uma cobertura em vidro tipo *impluvium* e estudo das proporções de três igrejas antigas em Portugal: St. Clara de Santarém; [Convento de] Jesus, Setúbal; Igreja da Graça, Santarém. Acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [memórias, anotações, reuniões, jornais - PT NTP TXT 00178 – 1/3]
- Figura 105 - Planta – organigrama de um mosteiro encontrada em St. Gall e Planta da Abadia de Cluny in ROTH, Leland – Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado, Barcelona: Gustavo Gili, 1999, ISBN 84-252-1700-8, p. 293, 294
- Figura 106 - Planta do Piso Térreo (ante-projecto) acessível no Arquivo Técnico de Urbanismo da Câmara Municipal de Cascais [Caixa nº 3851]
- Figura 107 – Fotografias de Maquetes da Abadia de Cluny (actualmente quási totalmente destruída), em Cluny, mostrando bem a importância do volume da igreja no conjunto (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)
- Figura 108 - Fotografias de Maquetes executadas em 1960 acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Negativos Maquete c. 1960 - PT NTP FOTO 12091-12125], [Maquete 1960 - PT NTP FOTO 12103 - 12107 - 12108 - 12112] e [Cartão com fotografias - PT NTP FOTO 12012 - 12014]

- Figura 109 –*Planta Geral* acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [cópias de desenhos de ante-projecto - PT NTP TXT 00177]
- Figura 110 - Plantas do Ante-Projecto acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [cópias de desenhos de ante-projecto - PT NTP TXT 00177]
- Figura 111 - Alçados do Ante-Projecto acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [cópias de desenhos de ante-projecto - PT NTP TXT 00177]
- Figura 112 - Igreja de San Vincenzo de Paoli, La Martella (Ludovico Quaroni, 1951-54) acessível em PORTAS, Nuno – *Arquitectura Religiosa Moderna em Portugal. Arquitectura.* n.º 60, (Outubro de 1957). p. 20-34
- Figura 113 - Perspectiva geral num pequeno cartão da autoria provável de Nuno Portas, acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos e Anotações do Desenhador - PT NTP TXT 00173]
- Figura 114 - Corte da Igreja (anteprojecto), acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [cópias de desenhos de anteprojecto - PT NTP TXT 00177]
- Figura 115 – Esquisso do alçado sul, em que se estuda a relação do alçado e secção no ponto fulcral da igreja, onde se localiza o altar, acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos e Anotações do Desenhador - PT NTP TXT 00173]
- Figura 116 -Fotografia da Maquete aparentemente à escala 1:200, onde se revela a marcação volumétrica do ponto do altar, acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Negativos Maquete c. 1960 - PT NTP FOTO 12091-12125]

- Figura 117 - Igreja da Sagrada Família (Chiesa Sacra Famiglia), Génova, Itália (Ludovico Quaroni, 1956-59) acessível em CUNHA, p. 390; Igreja da Sagrada Família (Chiesa Sacra Famiglia), Génova, Itália (Ludovico Quaroni, 1956-59) acessível em Visita Guiada - Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa. Lisboa: RTP, 201
- Figura 118 - Esquissos para o *Janelão da Escada* que serão provavelmente da autoria de Pedro Vieira de Almeida acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos e Anotações do Desenhador - PT NTP TXT 00173] e Fotografia do Autor
- Figura 119 – O interior do *janelão da Escada* (esquisso que será provavelmente da autoria de Pedro Vieira de Almeida) acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos e Anotações do Desenhador - PT NTP TXT 00173] e Fotografia do Autor
- Figura 120 - Desenho de um quarto de casal (escala 1:50). Acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA
- Figura 121 - Desenho de um quarto duplo. Acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA
- Figura 122 – *Estudo* acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Documento (Rolo) - PT NTP-DES 00370 (Desenhos PT NTP DES.05289 a PT NTP DES.05292 ) ]
- Figura 123 – Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Fotografia de Hugo Casanova; Capa de *Ensaio sobre o espaço da arquitectura: Ensaio sobre algumas características do espaço em arquitectura e elementos que o informam*, trabalho para o CODA de Pedro Vieira de Almeida.
- Figura 124 - “Essa janela é que de facto, Nossa Senhora, está sempre a aparecer e a desaparecer, é uma perseguição, e há mais, mais janelas.” (Apêndice: Segunda Conversa com o Arq. Pedro Botelho) – Esquissos da janela da capela provisória – salão, acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos- PT NTP TXT 00173]

- Figura 125 - Esquissos do *janelão da escada*, acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos- PT NTP TXT 00173]
- Figura 126 - Exemplo de desenho de detalhe à escala 1:1. Acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA
- Figura 127 - Esquissos de diversos pormenores acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos- PT NTP TXT 00173]
- Figura 128 - Proposta de Nuno Teotónio Pereira para a prossecução das obras acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Projecto de Ampliação - PT NTP TXT 00185]
- Figura 129 – Fevereiro de 1978 - Duas soluções para a ampliação do edifício do mosteiro com a construção de uma ala residencial (o mosteiro propriamente dito acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Rolo de Desenhos - PT NTP DES 00368 (PT NTP DES.05261; PT NTP DES.05262; PT NTP DES.05259; PT NTP DES.05260)])
- Figura 130 - Fotografias do mosteiro após a interrupção da construção acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Negativos da obra feita - PT NTP FOTO 12156 – 12186] e [fotografias da obra feita 1978 (1ª fase) - PT NTP FOTO 12015 - 12020]
- Figura 131 - Capela do Mosteiro de Santa Maria do Mar com Painel de Azulejo e Madeira. Fotografia do Autor
- Figura 132 - Esquissos do espaço do coro das religiosas na capela, onde são propostos painéis de azulejos com folhagens. Acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Esquissos- PT NTP TXT 00173]
- Figura 133 - Secção da Capela em Esquisso. Acessível no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [PT NTP TXT 00173]



- Figura 134 - 1) Estudos Decorativos para Azulejos acessível em LEITE, António Maria Pinto – **Exposição Raul Lino, Artes Decorativas**. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 1990. 2) Painel de azulejos, 1915, replica 1970, Museu Nacional do Azulejo inv. 175 acessível em MATRIZNET - Lino, Raul (Lisboa, 1879 - Lisboa, 1974) - Painel de azulejos, nº inventário 175, Museu Nacional do Azulejo. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural [Consult. 26/07/2019]
- Figura 135 - Motivo *Ondas Luminosas do Bem* na moldura do retrato de Raul Lino, feito por Columbano. In LEITE, António Maria Pinto – **Exposição Raul Lino, Artes Decorativas**. Lisboa: Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 1990
- Figura 136 - Motivo *Ondas Luminosas do Bem* aplicado por Pedro Vieira de Almeida e Diogo Lino Pimentel no Baptistério da Igreja de Olivais Sul. Fotografia de Hugo Casanova.
- Figura 137 – 1) 1959 - Estação de Metro *Parque*, Lisboa, revestimento azulejar de Maria Keil, fotografias do autor. 2) 1968 - Hotel do Alvor, revestimento azulejar de autor desconhecido. Fotografia: Dra. Ana Barata
- Figura 138 – Montagem feita a partir de Plantas da Ampliação (20/08/1978) acessíveis no Arquivo Técnico de Urbanismo da Câmara Municipal de Cascais [Caixa nº 3851]
- Figura 139 - Fotografias do Conjunto final acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Diapositivos) - PT NTP FOTO 12187 - 12198]
- Figura 140 - Esquissos de Candeeiros para o mosteiro acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Projecto de Ampliação - PT NTP TXT 00185]
- Figura 141 - Alçado; Corte; Perspectiva; Planta; Corte; Perspectiva; dos candeeiros de parede e de tecto para o oratório das irmãs no corpo da ampliação – 1989, acessíveis no Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [Rolo de Desenhos PT NTP-DES 00374 - PT NTP-DES 05508 e PT NTP-DES 05509]
- Figura 142 - Mobiliário e Candeeiros desenhados por Nuno Teotónio Pereira. Fotografias de Hugo Casanova

- Figura 143 - Candeeiro da Igreja do Sagrado Coração de Jesus do atelier de Nuno Teotónio Pereira.  
Fotografias de Hugo Casanova
- Figura 144 - Uma irmã em oração no oratório com banco, candeeiro, altar e sacrário desenhados por  
Nuno Teotónio Pereira in Álbum de Fotografias acessível no Mosteiro de Roriz
- Figura 145 - Conjunto de Altar, sacrário e Ambão, hoje no mosteiro de Roriz, fotografias de Hugo  
Casanova
- Figura 146 - Desenhos de Nuno Teotónio Pereira para o Altar, sacrário e campanário acessíveis no  
Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA [1980  
Projecto de Alterações - Altar, Sacrário, Campanário - PT NTP TXT 00186]
- Figura 147 - Diapositivo encontrado no arquivo de Nuno Teotónio Pereira com referência a Nuno  
Teotónio Pereira (ou ao Atelier) e particularmente a Pedro Vieira de Almeida. Acessível no  
Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira, Forte de Sacavém, SIPA  
[Diapositivos) - PT NTP FOTO 12187 - 12198]
- Figura 148 – Síntese gráfica da evolução dos desenhos do projecto do mosteiro -  
1959,1959,1960,1960,1968,1978 - do autor.
- Figura 149 - Hospedaria da Abadia de Singeverga (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)
- Figura 150 - Claustros e exterior da Abadia de Singeverga (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de  
2019)
- Figura 151 - Igreja da Abadia de Singeverga (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)
- Figura 152 - Igreja e Sacristia da Abadia de Singeverga (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de  
2019)
- Figura 153 - Mosteiro de Singeverga: 1 e 2 - exterior da Sala do Capítulo; 3 - interior do refeitório  
convertido em Igreja; (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)
- Figura 154 - Mosteiro de Singeverga visto do Mosteiro de Roriz (fotografia: Hugo Casanova,  
Novembro de 2019)

- Figura 155 - Mosteiro de Singeverga em postais ilustrados (ed. Mosteiro de Singeverga). Acessível em MARQUES, João Luís Rebelo Ferreira – **A Igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975** [Em Linha]. Porto: Repositório Aberto da Universidade do Porto, 2017. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet < URL: <http://hdl.handle.net/10216/110753>>. p. 36
- Figura 156 - Corte, Planta e Fotografia da Igreja de Notre-Dame du Raincy, dos Arq. Auguste e Gustave Perret, em Paris. In JAMOT, Paul – Notre-Dame du Raincy. Paris: Gazette des Beaux Arts, 1923. p. 3; 5.
- Figura 157 – Fotografias da Igreja de Notre-Dame du Raincy, dos Arq. Auguste e Gustave Perret. [Fonds Perret. CNAM/SIAF/CAPA/Archives d’architecture du XXe siècle/Auguste Perret/UFSE/SAIF] In CITÉ DE L’ARCHITECTURE & DU PATRIMOINE – **Ressources Pédagogiques: Eglise Notre-Dame de la Consolation, Le Raincy, 1922-1923, Auguste et Gustave Perret** [Em Linha]. Paris: Cité De L’architecture & du Patrimoine, [s.d.]. Disponível na Internet: <URL: [https://www.citedelarchitecture.fr/sites/default/files/documents/2017-09/fo\\_nddelaconsolation\\_def.pdf](https://www.citedelarchitecture.fr/sites/default/files/documents/2017-09/fo_nddelaconsolation_def.pdf)>
- Figura 158 – Mosteiro de Roriz visto do Mosteiro de Singeverga; Dispensário médico no exterior da cerca; a aproximação ao Mosteiro de Roriz (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)
- Figura 159 - A Hospedaria do Mosteiro de Roriz (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)
- Figura 160 - Cerca, ermitério e perspectivas exteriores sobre o Mosteiro de Roriz (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)
- Figura 161 - Obra de Ampliação do sótão, refeitório monástico e paramento confeccionado pelas irmãs (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)
- Figura 162 - Claustro do Mosteiro de Roriz (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)
- Figura 163 - Capela do Mosteiro de Roriz a horas diferentes do dia (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)



## Anexos

### Apresentação do Mosteiro no livro *Nuno Portas 18 Obras*

“Os textos que descrevem cada obra foram escritos a partir de entrevistas a Nuno Portas realizadas pelos editores com Nuno Grande.”<sup>424</sup>

#### “MOSTEIRO DE SANTA MARIA DO MAR

Sassoeiros, 1959-1968

Eu sou católico e pertenceo a uma família católica. A mulher do Nuno Teotónio Pereira e a minha eram muito ligadas à religião, ao movimento católico. Fazíamos parte do Movimento de Renovação da Arte Religiosa. Éramos católicos progressistas. O Pedro Vieira de Almeida não era ligado à Igreja. Mas isso não era importante, o Pedro teve muita importância no desenho. Eu e o Pedro gostávamos muito deste projecto. Não foi possível construí-lo integralmente porque não havia dinheiro. E, também por isso, o processo durou muito tempo.

Há um lado de La Tourette nesta obra, nesta espécie de pátio central onde as coisas se aglomeram. Não quisemos fazer um bloco uno. Preferimos partir e distribuir o programa em vários volumes. O mosteiro tem uma igreja maior, mas também uma igreja mais pequena, em losango, que é o único espaço que está construído. A igreja vai buscar a forma do losango aberto no canto para entrar luz. Temos mais uma vez o tema da luz no canto afunilado, a partir da janela de canto no topo losango. Esta forma do losango permite construir a assembleia no centro e depois afunilar para o altar, tal como na sala de jantar da Casa Dr. Barata Santos de Vila Viçosa. Há um conjunto de ideias que já vimos anteriormente nas casas que tínhamos projectado. Existe a ideia do corredor não ser linear, de ser um corredor orgânico em que os quartos não têm uma relação ortogonal com o corredor, mas sim oblíqua. Usam-se as mesmas geometrias para espaços diferentes. Usam-se os mesmos artificios de desenho, mas aplicados a outro equipamento, com uma outra escala.

---

<sup>424</sup> BAÍA, Pedro (ed.); PROVIDÊNCIA, Paulo (ed.) - Nuno Portas: 18 Obras Partilhadas. Porto: Circo de Ideias. 2019. p.3

Autoria

Nuno Portas, Pedro Vieira de Almeida, Nuno Teotónio Pereira

Localização

Carcavelos, Sassoeiros, Av. Gonçalves Zarco

Dono de obra

Congregação das Beneditinas Missionárias”<sup>425</sup>

---

<sup>425</sup> BAÍA, Pedro (ed.); PROVIDÊNCIA, Paulo (ed.) - Nuno Portas: 18 Obras Partilhadas. Porto: Circo de Ideias. 2019

## Transcrição de excertos da entrevista de Fátima Filipe ao Arquitecto

### Nuno Portas

A entrevista de que transcrevemos excertos neste anexo foi realizada por Fátima Filipe no âmbito do trabalho apresentado para o Mestrado Integrado em Arquitectura no ISCTE-IUL<sup>426</sup>. É parte integrante dos anexos desse trabalho em formato áudio, pelo que decidimos transcrever informação relevante para a nossa investigação do depoimento do arquitecto Nuno Portas, que passa assim a estar disponível.

Ao longo da conversa o arquitecto Nuno Portas foca vários temas partindo do projecto da Igreja do Sagrado Coração de Jesus: o concurso contemporâneo para a Fundação Calouste Gulbenkian, as referências do atelier, as viagens de estudo, a relação do projecto da igreja com a vida da cidade, num sentido *pastoral*, sucessos maiores e menores no projecto da igreja, os materiais e técnicas construtivas, a liberdade de usos oferecida pelos espaços, o uso da luz e a perspectiva para a arquitectura religiosa do século XXI. Há também uma curta referência ao Mosteiro de Sassoeiros e ao papel de Pedro Vieira de Almeida no projecto da Igreja do Sagrado Coração de Jesus que são relevantes.

### Excertos transcritos

Concursos para a Igreja do Sagrado Coração de Jesus e para a Sede da Fundação Calouste Gulbenkian: diferenças e semelhanças e a linguagem da arquitectura

**Nuno Portas (NP)** - “Aquele concurso é praticamente semelhante ao da Gulbenkian, só que o nosso era livre e o da Gulbenkian tinha quatro equipas escolhidas, e também se inauguraram na mesma altura, são, portanto, dois projectos muito curiosos. A minha interpretação e do Nuno Grande, suponho eu, também, a tese do Nuno Grande é sobre a Gulbenkian e outros edifícios culturais como o CCB e outros ainda mais antigos. Foram dois projectos em paralelo, com condições

---

<sup>426</sup> FILIPE, Fátima Alexandra Barreto - Arquitectura religiosa: reflexões em torno do espaço religioso no século XXI [Em linha]. Lisboa: ISCTE-IUL, 2014. Dissertação de mestrado. [Consult. 10/10/2018] Disponível na Internet: < URL: <http://hdl.handle.net/10071/8765> >

opostas, uma estava dentro de um grande parque e a outra, a igreja, estava dentro de uma belíssima área urbana. Nós estávamos muito mais próximos de uma arquitectura entre a inglesa e a italiana, enquanto que a Gulbenkian é de certo modo o último grande projecto do período moderno *clássico* digamos assim. Pronto, que o nosso, com aquele decorativismo ... de que nessa altura os italianos eram a nossa imagem, nós fomos a Itália, em vez de visitarmos França, visitávamos a Itália, representava qualquer coisa, também no cinema, em muitas coisas” (...) “Pode ser interessante a comparação da utilização do betão, por exemplo, e da estrutura, pode ser uma ter muitas funções muito apertadas, outras estão muito a vontade no meio do parque, portanto são dois projectos que é curioso fazerem-se como se fizeram”

NP - “Estávamos num período em que se começava a fazer a crítica à arquitectura moderna porque se pensava que a arquitectura moderna era *uma* [uma só] arquitectura moderna, quando havia uma grande diversidade, primeira coisa importante. E a igreja jogou na diversidade, já a Gulbenkian não, era um clássico, que para nos era alguma coisa que era confusa. Por outro lado, se compararmos por igrejas que fizemos ao mesmo tempo, Almada por exemplo, porque igreja, igreja foi essa, depois houve outras coisas... conventos (...) Sasseiros, um projecto que ficou só com uma pequena parte contruída, o resto não se construiu, e podia ter sido uma coisa também interessante nesse aspecto (...) A igreja de Almada, por exemplo, não tanto o espaço interno, mas a concepção urbana, é muito diferente da ISCJ, portanto, mais uma vez, isso era o que nessa altura já se estava a criticar em muitos aspectos, uma arquitectura moderna das reuniões oficiais que se faziam que estava gasta e que era preciso procurar outros caminhos. Uma das igrejas que nós fizemos, em concurso, é um compacto, já Almada é completamente diferente, aberto, porque não tinha limitações de espaço e é mais pequena. É preciso ver que muitas dessas coisas não são específicas da arquitectura religiosa, são específicas da arquitectura daquele período que estava, não diria em crise, mas em mudança. E estas igrejas são igrejas de mudança.”

#### A Arquitectura da Igreja do Sagrado Coração de Jesus e as referências do atelier

NP - “É um projecto de ruptura, porque se fosse um edifício cultural, por exemplo, seria uma coisa parecida, embora, eu tenha desenhado aquelas coisas lá em cima, o sino... e sabíamos que os sinos já não funcionavam nas cidades barulhentas actuais, mas é um exemplo de que as igrejas já não eram



como no tempo do gótico, ou do renascimentos ou do barroco, com desenhos praticamente iguais. Naquele caso é de ruptura, mas não é a única que é de ruptura, houve outras rupturas.”

NP - “Aquilo é um exercício de espaço interno muito complexo. Ainda hoje é a igreja que tem dois ou três pisos e cabem 2200 pessoas... isso é uma igreja muito grande” (...) “o concílio pedia a união da assembleia, que não é só em planta, é também em corte. Quer dizer que se sobe degraus nuns casos, desce-se noutros. Há ali um movimento que isso é que é raro, portanto reconheço que aí há uma originalidade”

NP - “estavam-se a fazer igrejas noutros países também muito fortes. Em relação à importância do betão, em vez da pedra, havia coisas em França, do Perret e assim, havia a questão da assembleia em volta de... eu nessa altura tinha ido fazer umas visitas a igrejas na Alemanha e na Suíça e havia um belíssimo projecto de um discípulo do Frank Lloyd Wright, acho que era suíço, em Zurique, para públicos protestantes. A ideia do envolver é muito tirada daí (...) mas se nos envolvêssemos muito, o terreno não chegava. O terreno tinha 40 m por 40, isso não é nada. Comparado com a Gulbenkian... ou coisas assim que se estavam a fazer nessa altura.

Nós tínhamos de fazer o tal envolvimento que já não foi preciso limitar em Almada. Eu acho que o espaço interior de Almada é muito bom! Eu não trabalhei nele directamente, o Teotónio diz que sim, mas eu digo que não, eu digo que ajudei a fazer. Na Igreja do Sagrado Coração é verdade, ele fazia um trabalho de nos ajudar, de nos limitar se cometêssemos excessos, portanto aquilo era um grupo que se tinha formado em 1955, Pedro Vieira de Almeida e outros, mas sobretudo Pedro Vieira de Almeida foi muito importante porque desenhou quase tudo o que eram os elementos estruturais do betão que eu acho que são das coisas mais extraordinárias daquela igreja, são os pilares, depois havia todos os ferros da iluminação etc., que eram de outro colega que já morreu, o Pedro Vieira de Almeida também já morreu. Tínhamos ali um grupo, embora depois haja uma grande lista de nomes na ficha, não corresponde, porque teve que ver com umas coisas à pressa do concurso, vieram ajudar-nos nas últimas duas ou três semanas, como o caso do Vítor Figueiredo. Ou o caso de entregar o processo na câmara em que o Vassalo Rosa nos foi emprestado, estive ali algum tempo e fez o desenho da parte do pároco lá em cima e da cobertura. Portanto eram coisas de momento, não era pessoas permanentes do atelier.

De facto, é verdade que os elementos fixos acabaram por ser eu, o Pedro Vieira de Almeida e o que disse há pouco, o Vale, que desenhou os candeeiros, todos aqueles ferros que eu acho lindíssimos, arte nova quase, *art nouveau*, no fundo, muito Scarpa.

NP - Nós tínhamos ido visitar o Scarpa a Veneza, nós fizemos muitas viagens naquela altura em que não íamos especificamente as igrejas, íamos também para a habitação. E aí, a grande mudança, havia sempre o lado dos ingleses por outro lado dos italianos e nós jogávamos mais para o lado dos italianos que para o dos ingleses. E também fizeram algumas igrejas muito importantes (33:45m) o Quaroni, por exemplo. Arquitectura de grande nível, fez duas igrejas muito importantes, uma delas lindíssima, em Génova, e que serviu para mim também de exemplo. Eu ia lá para ver habitação social, foi por acaso, mas aconteceu aquilo. Naquela altura ainda não sabíamos que ia haver o concurso. Há ali umas relações de problema estético, digamos, ou de desenho urbano etc... que tiveram a ver com coisas que vinham de outro lado, que não vinham da arquitectura religiosa. (...) Todas essas coisas, o jogo dos ferros, de se usar o ferro à moda antiga, com novas formas, mas como vinha de trás.

#### Materiais e técnicas de construção: pobreza *pétrea*

NP - Também está nos bairros dos Olivais, nos nossos projectos... não se usou ali o tijolo... utilizaram-se tijolos, tijolos de cimento. Eu tinha ido à América do Sul, ao Peru, por aí, e eles tinham um processo de fazer parede com umas máquinas. Fizemos essas máquinas cá e fizemos todas as paredes daquela igreja são feitas por uma máquina no próprio estaleiro, tudo aquilo, todas aquelas placas e todo aquele betão, por um processo o mais simples possível, que fazia *assim* e fazia tijolos. E esses tijolos eram parecidos com os da habitação dos pobres, que se faziam na América Latina. Foi isso que deu aquele interior fantástico, que depois se pode afastar um bocadinho os tijolos [uns dos outros] e ficou a caixa acústica que deu muito bom resultado, toda a gente diz, e houve concertos filmados pela televisão e tudo, excelentes, mas deixou de haver(...) a verdade é que aquilo funcionou muito bem no aspecto da acústica, e de outras coisas. E tem-se aguentado muito bem no tempo, e não é pedra, em si mesma. É pedra, é *pétrea*, não são grandes blocos, nem são grandes blocos de betão que esses estão para fora, por dentro queríamos que fosse mais suave, mais simples.”

## O programa, os utilizadores e o espaço da igreja: funcionalismo e liberdade

- NP - “A Liturgia muda muito e a arquitectura também. Portanto há uma mistura das duas situações. Podem dar resultado ou não dar resultado, portanto não era uma coisa que pudéssemos dizer claramente «estamos a mudar, não estamos a mudar, vamos fazer o contrário de tudo o que se fez para trás...» não, não brincámos, com essas questões assim. Procurava-se encontrar soluções e as soluções deviam ser todas bem assentes”
- NP - “Eu tenho pena é que aquela igreja que tem muitas valências... não sejam aproveitadas”
- NP - “Ao longo da história a luz foi sempre uma grande preocupação, é muito curioso, uma grande importância, e ali também. Talvez até haja alguns efeitos de luz que são muito fortes na igreja de Almada. E depois há outros arquitectos que deram muita importância como nós demos.”
- NP - “A luz zenital sobre o altar é um bocadinho convencional, embora haja muitas igrejas ao longo da história em que o altar está escuro. Não tinham aberturas suficientes, e era como podia ser. Mas a verdade é que aquilo era de certo modo um lugar comum, o dar um pouco mais, e nem sequer é muito forte... aquilo está a uma grande altura... não exageramos, mas manteve-se esse lugar comum de que há uma luz que cai sobre o altar. Não tem de ser assim, mas e varia também com a luz exterior, mas a verdade é que por isso mesmo não puxamos demasiado. Aliás, a igreja tem uma luz bastante aberta, pode-se ler lá, não tem de se pedir para acender a luz, a não ser à noite.”
- NP - “Esta é uma igreja que não tem público fixo, mas é uma igreja que é, e pusemos isso na memória descritiva, e isso é a coisa mais importante de todas, dizíamos que a igreja tinha uma iluminação e um tipo de disposições que permitiam que pessoas que não eram católicas podiam encontrar ali um lugar de silencio, quem diz silencio diz, para poder estar a ler. Há sempre alguém na igreja, sempre que eu lá vou, vejo sempre alguém. Aqui um, três ali, não há missa, mas há o uso. Até me lembrava aquela coisa que o Le Corbusier fez na Índia que é um sítio para pensar”
- NP - “Eu acho que há pessoas que vão para lá pensar, à hora de almoço, à saída dos empregos, era isso que pensávamos, que aquela igreja era para o pessoal dos empregos e não para os que dormiam no bairro”

- NP - “Disseram me o número de pessoas que vão ali regularmente como se fosse uma paróquia, não sei, é qualquer coisa de ridículo, mas por outro lado aquilo podia ter todas as semanas, se o Patriarcado pensasse aquilo que pensavam os teólogos que trabalharam connosco, que em vez de se fazer uma Sé lá em cima no parque Eduardo VII, fazia-se no meio da cidade, dos edifícios, das ruas, daí aquilo ter a importância de caixa fechada, que era boa para as pessoas entrarem por lá. Como também nunca usaram aquela porta que se abre toda, na Páscoa, por exemplo, talvez fosse um pouco complicado, quer dizer, se fizessem todas as semanas não, mas como só fazem uma vez a cada cinco anos, é que se lembram que aquela porta pode abrir, em vez da outra porta directa, que vai para dentro da igreja”
- NP - “É ao mesmo tempo espaço de as pessoas se entenderem, falarem, como também é um espaço para estar tudo um pouco fechado e as pessoas estarem sozinhas. Encontrar a possibilidade de os estrangeiros passarem por lá... A catacumba que lá está por baixo, a parte que o Nuno Teotónio desenhou verdadeiramente é a parte dos mortos que é extraordinária. Aquela parte lá de baixo, que se divide em três, e vai por ali acima e segura o altar lá em cima. Todo o betão que vai dali até lá acima, em três andares é a mesma estrutura, mas é independente do resto. O Nuno Teotónio fez questão de desenhar ele isso. E hoje em dia é uma das funções importantes da igreja, já não são os vivos, são os mortos, que independentemente de serem católicos... (...)”
- NP - “O importante ali para nós, para além daquilo que se falou já muito aqui, do espaço interno, era o espaço externo. No concurso aquele projecto foi o único que fez a passagem de baixo para cima, de cima para baixo, nos tais quarenta metros, que era uma coisa muito difícil, porque era muito apertado, fizemos uma rua por ali abaixo. E de facto há sempre pessoas a passar por ali (...) Achávamos muito importante as pessoas tanto podiam vir de um lado, ou de outro, daí o snack bar, de que já desistiram, o cineclube, que nunca se chegou a fazer, depois toda ali a parte de jornais, jornalistas, católicos ou não católicos podiam ocupar aquelas coisas à balda. Cursos, chegaram a fazer, havia sectores do patriarcado ocuparam um pouco aqueles andares que aquilo apertou tudo muito para poder ter aqueles edifícios paralelos à igreja. E ao mesmo tempo, como faria o funcionalista daquela época, obviamente que a igreja devia ser um rectângulo para ter a outra saída do outro lado mesmo que se quisesse fazer a rua. E nós fizemos a igreja gorda, e *assim*, e ainda com as escadinhas para o outro lado. (...)”

NP - “Os altares... aquela igreja também tinha altares lá em baixo, que até se podiam ver de cima que era uma coisa que os padres não gostavam muito... hoje eu não alteraria muito a igreja. (...) O espaço religioso, os teólogos dizem que não é o espaço que faz, não é uma questão funcional, e em muitos sítios aparentemente não o é. Por outro lado, há formas que pensamos que são boas para o isolamento, ou pelo contrário, para o grupo pensar, estar ali, e não vai lá ninguém, não se faz. Aquela igreja deveria oferecer muitas hipóteses. O resto são as pessoas que vão decidir, os usos. Pode haver párocos que são muito intencionais, outros são puramente funcionais, estamos aqui na nossa missa e até é uma chatice ter aqueles dois altares ali, parece que está um a brigar com o outro. Fiz aquela coisa para os grupos pequeninos, já sabíamos que o povo dali estava a diminuir, agora são uns velhos, embora tenham um dos espaços alugados é de crianças, não são necessariamente de lá, não sei de onde vêm, ginástica... também dá para ginástica (...). É simplista dizer o que são as características mais importantes da arquitectura religiosa. Está-se mesmo a ver o que é que pode ser, mas também podem ser importantes para outras actividades. Já se sabe que um museu tem a luz de certa maneira, uma igreja tem a luz de outra, mas só ao fim de um certo tempo é que se percebe como é que isso foi sendo feito. Nas várias fases da igreja, de outros tempos, séculos, milénios, hão de ter alguns elementos de semelhança que não são de feitio arquitectónico, mas são de concepção, tem que ver com a luz, tem que ver com a trajectória, o andar em, tem que ver com juntar as pessoas todas à porta cá fora... com actividades mais inesperadas. Há de facto elementos que são de há muitos séculos e não necessariamente da igreja católica e outros que já são criados com a igreja católica e que hoje já não são usados assim, mas para outras actividades. Portanto há uma questão do tempo. Ou as coisas se adaptam ao tempo ou perdem o peso porque, entretanto, ganharam outras diferentes. Naquela igreja a nossa ideia pensámos: isto pode durar muito com funções diferentes e não necessariamente sempre com a mesma situação. Logo a igreja devia dar muitas possibilidades e nenhuma coisa definitivamente definitivas.”

### Luz Natural na igreja

NP - “A luz natural é importante, mas não pode ser truque. «Vem o Sol dali» e passado um quarto de hora já não há sol, já deu a voltinha para o outro lado, acabou-se o milagre. É preciso muito cuidado nestes espaços que não são só as igrejas, são também de outras actividades, que não são necessariamente espectaculares. Por exemplo, nos teatros, nos circos há focos. Não se vê isso nas

igrejas, focos nesse sentido para apresentar uma coisa. Pode haver algumas coisas que podem servir assim. A igreja de dia está escura, à noite é iluminada, não é muito iluminada, não é focada, nem sequer o altar, uma coisa neutra, um pouco mais neutro do que é costume. Portanto não estou a ver que a luz seja tão especial que seja mágica, embora haja uma grande tradição histórica com a luz, mas era a luz das velas. Não tinham outro processo de fazer as iluminações que temos hoje. Hoje há uma tendência ao contrário, de muita luz, ou então põe-se tudo às escuras. Eu não ligo muito a isso. Acho que os tempos vão dando mais luz, menos luz, mas o projecto não tem de marcar «ah eu gosto de igrejas escuras, e os que não acreditam em igrejas escuras, preferem igrejas claras» ... têm de ir para outro sítio.”

### Arquitectura religiosa para o século XXI

NP - “A Arquitectura religiosa do século XXI ... não se responde, é isto que acabamos de falar, «pode ser assim», é esta complexidade. O caminho do espaço religioso depende do que usam a igreja dos que estão na igreja e que mudam. A igreja depois pode servir para outra coisa. Há muitas igrejas que já servem para outras coisas, foram transformadas em assembleias, aulas etc. é o uso das pessoas que conta. Tal como há conventos que em vez de conventos são outras coisas. Não há um modelo de igreja do século XXI, mas há tendências. Não digo que cada um deve fazer o que quer. O contrário acho que há um excesso de espalhar, de fazer tudo diferente. Eu acho que apesar de tudo, não tem de se fazer o estilo gótico ou o românico que o Bruno Zevi no *Saber ver a Arquitectura* explica, mas hoje em dia isso ainda é mais frágil. Primeiro porque não se consegue que tudo seja igual. O gótico veio de França e era copiado e actualmente já não se faz isso já não se copia uma coisa da outra. Hoje temos tudo à vista podemos todos escolher as coisas estando um aqui e o outro na China. Os tempos de hoje não permitem sequer pensar nisso.”

# Registo na 2ª Conservatória do Registo Predial de Cascais

<b>2ª Conservatória do Registo Predial de Cascais</b>	<b>Freguesia Carcavelos</b>	
2394/20091126		
AP. 10 de 1992/05/07 - AVERBAMENTO (INFORMAÇÃO ANTERIOR)		
Averbamento de Alteração		
ÁREA TOTAL:	51951 M2	
ÁREA COBERTA:	492 M2	
ÁREA DESCOBERTA:	51459 M2	
MATRIZ N.º:	878	
FREGUESIA:	Carcavelos	
<b>COMPOSIÇÃO E CONFRONTAÇÕES:</b>		
Edifício com dois corpos		
Corpo * A * - cave, rés-do-chão, 1º e 2º andares		
Corpo * B * - destinado a capela - A.C. 450 m2 e outro edifício destinado a portaria com A.C. 42 m2		
Morte - Estrada de Sasseiros para o Arneiro		
Sul, Luisa Rosa Penaforte Seguro e Maria do Carmo da Câmara Leme de França Dória e irmãos		
Nascente, Estrada do Arneiro para Ceiras		
Poente, Estrada de Sasseiros para o Arneiro		
** Desanexados:		
Lote 4 - 300m2 - descrito sob o n.º 11 643 a fls.44v do livro B-47		
Lote 3 - 300m2 - descrito sob o n.º 11 652 a fls.49v do livro B-47		
Parcela com 159,40m2 - descrito sob o n.º 11 660 a fls.57v do livro B-47		
Lote 7 - 280m2 - descrito sob o n.º 11 795 a fls.55 do livro B-48		
Lote 8 - 243,60m2 - descrito sob o n.º 11 796 a fls. 55v do livro B-48		
Lote 6 - 289m2 - descrito sob o n.º 11 816 a fls.70 do livro B-48		
Lote 5 - 294m2 - descrito sob o n.º 11 862 a fls.4 do livro B-49		
Lote 2 - 294m2 - descrito sob o n.º 11 894 a fls.39v do livro B-49		
Lote 1 - 281m2 - descrito sob o n.º 12 016 a fls.58v do livro B-50		
Reprodução da descrição da ficha		
O(A) Ajudante Isabel Maria Pereira Ribeiro		
<b>INSCRIÇÕES - AVERBAMENTOS - ANOTAÇÕES</b>		
AP. 7 de 1960/05/05 - Aquisição	HISTÓRICO	
CAUSA : Compra		
SUJEITO(S) ATIVO(S):		
** CONGREGAÇÃO DAS BENEDITINAS MISSIONÁRIAS		
Morada: Mosteiro de Santa Ecolástica, Ríziz, Santo Tirso		
SUJEITO(S) PASSIVO(S):		
** MARIA DO CARMO DA CÂMARA LEME DE FRANÇA DÓRIA		
** ANTÓNIO DA CÂMARA LEME DE FRANÇA DÓRIA		
Casado/a com MARIA MADALENA CALDEIRA DE CASTRO FREIRE DE FRANÇA DÓRIA		
** MARIA MADALENA CALDEIRA DE CASTRO FREIRE DE FRANÇA DÓRIA		
O sujeito activo é: Congregação das Beneditinas Missionárias - Corporação Missionária reconhecida, estabelecida no Continente, no Mosteiro de Santa Escolástica, Roriz, Santo Tirso.		
Reprodução da inscrição G-1		
O(A) Ajudante Isabel Maria Pereira Ribeiro		
-----		
1ª Conservatória do Registo Predial de Cascais		
AP. 517 de 2017/09/12 10:49:52 UTC - Aquisição		
Registado no Sistema em: 2017/09/12 10:49:52 UTC		
<b>1ª C.R.P. Cascais</b>	<b>Informação Total</b>	<b>Página - 3 -</b>
<a href="http://www.predialonline.mj.pt">www.predialonline.mj.pt</a>	2019/10/24 12:24:31 UTC	<a href="http://www.casapronta.mj.pt">www.casapronta.mj.pt</a>





## Apêndices

### Entrevista com o Eng. Júlio Moreira, Paisagista - 31/01/2019

O Eng. Júlio Moreira foi um dos intervenientes no projecto do Mosteiro de Santa Maria do Mar, dos Arquitectos Nuno Teotónio Pereira, Pedro Vieira de Almeida e Nuno Portas. A presente entrevista foi realizada no dia 31 de Janeiro de 2019 em casa do Eng. Júlio Moreira, com o objectivo de recolher um testemunho relativamente à sua participação no projecto, mas também para conseguir contextualizar a sua participação no projecto com a sua biografia.

#### Percurso de Júlio Moreira

**Júlio Moreira (JM)** - O meu espólio está guardado na Gulbenkian, e este projecto é muito antigo e o mais provável é não o ter entregue por falta de dados. Nesse caso gostaria até de o recuperar.

(...)

**Hugo Casanova (HC)** - O Júlio é Arquitecto Paisagista e Engenheiro Agrónomo, não é?

JM - Sim, sim.

HC - Pelo menos é o que está escrito na sua biografia, nos sites das livrarias que vendem os seus livros.

JM - Ah, já foi pesquisar o meu curriculum...

HC - Sim, e fez a sua formação no ISA (Instituto Superior de Agronomia)?

JM - Tirei o curso de agronomia no ISA, e durante o curso fui fazendo cadeiras complementares: culturas coloniais e paisagismo. Mas o paisagismo foi o que me interessou realmente. O professor Caldeira Cabral tinha criado o Curso Livre de Arquitectura Paisagista e eu matriculei-me.

HC - O professor Caldeira Cabral foi dos pioneiros no paisagismo...

JM - Em princípio de carreira tinha ido para a Alemanha estudar música, e depois interessou-se pelo paisagismo e fez a sua formação como Arquitecto Paisagista. Quando regressou fundou o curso no âmbito do ISA.

HC - E o Júlio Moreira começou pela arquitectura paisagista ou pela engenharia agronómica?

JM - Quando entrei para o ISA havia dois cursos oficiais: Agricultura e Silvicultura. Tirei o curso de Agrónomo e ao mesmo tempo fiz as cadeiras de paisagismo. Nessa altura ainda não eramos engenheiros. O acordo com a Ordem dos Engenheiros foi mais tarde. E o Curso Livre de Arquitectura Paisagista só se autonomizou também mais tarde.

Apresentação do estudo e participação de Júlio Moreira no projecto do Mosteiro de Santa Maria do Mar – contexto, peças do projecto

HC - [em torno de uma planta com movimentos de terra] Este desenho tem as curvas de nível... Com a alteração, que vem explicada na memória descritiva: aqui, especialmente esta alteração, era feita para que houvesse uma continuidade visual, para não existir esta depressão aqui.

JM - Portanto, nesta zona foi projectado um preenchimento de terras...

HC - Sim, e assim passaria a haver uma continuidade visual por cima do muro que daria a impressão de maior amplitude ao terreno e mais privacidade em relação a quem passava no caminho.

JM - O projecto era do atelier do arquitecto Nuno Teotónio Pereira, não é? Quem eram os outros arquitectos?

HC - Sim, se calhar começo pelo início. Os arquitectos que colaboraram neste projecto foram o Arquitecto Nuno Portas, que já estava no atelier e o Arquitecto Pedro Vieira de Almeida.

JM - Ah, o Pedro Vieira de Almeida...

HC - E este trabalho corresponde, para mim a duas vertentes que são o Projecto Final e uma pequena dissertação que pode ser sobre o mesmo tema ou sobre tema diferente. Eu, por razão de a minha turma estar a trabalhar no concelho de Cascais, escolhi este sítio que foi comprado pela Câmara Municipal agora. Como os projectos são todos no âmbito do equipamento público, do espaço público, decidi fazer um projecto para este sítio, de adaptação a novas funções, porque as irmãs

mudaram para o mosteiro delas em Roriz. Na vertente teórica estou a fazer uma investigação histórica e teórica em que a linha mais forte será procurar o processo do projecto. Porque é surpreendente a maneira como se consegue traçar o processo e a participação de cada um dos arquitectos no projecto a partir do Arquivo de Sacavém. Há uma altura em que o Arq. Nuno Teotónio Pereira está a trabalhar nas caixas de previdência para além do atelier próprio, o Arq. Nuno Portas já dá aulas na universidade e o Arq. Pedro Vieira de Almeida é provavelmente aquele que está mais tempo debruçado sobre o projecto. E uma coisa que é dita quer no livro, sobre o Arq. Nuno Teotónio Pereira, sobre o atelier, quer pelo Arq. Pedro Botelho que é nosso professor e trabalhou lá no atelier, é que, «quem estava ao estirador é que mandava», quem estava lá mais tempo, para não ter de estar à espera para discutir o projecto, levava o projecto para a frente. O Arq. Pedro Botelho trabalhou lá, mas não nesta altura, nesta altura não estava lá.

JM - Então houve duas memórias descritivas?

HC - Sim, a primeira parece-me uma espécie de diagnóstico e a segunda já tem até uma espécie de orçamento preliminar, uma estimativa de custo. Parece-me de qualquer maneira que, no fundo, este projecto é depois interpretado pelos arquitectos nos desenhos.

JM - De que data é a primeira?

HC - Penso que é de 59, é mesmo o início do processo. Então começava por lhe perguntar como é que veio parar a isto. Foi o arquitecto Nuno Teotónio Pereira que o contactou?

JM - Foi. Eu dava-me muito com o Nuno Teotónio Pereira, com o Pedro Vieira de Almeida, que eram pessoas próximas. Pertencíamos a um grupo de gente que mantinha relações a vários níveis. e, portanto, naturalmente convidaram-me para colaborar. Fiz a tropa em 54, mas antes tinha acabado agronomia e comecei logo a trabalhar como agrónomo no sector da química, mas também como paisagista e sempre que aparecia um trabalho ia bater à porta do professor Caldeira Cabral. Por exemplo, não me lembro em que ano, fiz um trabalho muito complexo para Albarraque. O plano para espaços exteriores da Tabaqueira e do bairro para habitação dos trabalhadores e serviços. O *mestre* Caldeira Cabral, que foi realmente um mestre, muito mais que um professor, encorajou-me a aceitar o trabalho, mesmo sem ter concluído o curso. E, curiosamente, mais tarde o professor Caldeira Cabral esteve a trabalhar numa sala que reservei para ele no meu gabinete da Rua Rodrigues Sampaio, enquanto transferia o seu atelier da Rua do Salitre para a Avenida da Liberdade.

HC - Então não foi por via da congregação religiosa que se juntou ao projecto..., o convite não partiu das irmãs.

JM - Não, não. Mas a segunda memória descritiva quando é que aparece?

HC - A segunda é de 60.

JM - A primeira é só essa folha?

HC - São duas folhas, frente e verso.

JM - Depois há de me enviar as versões digitais destes dados.... De uma primeira fase consta o tal diagnóstico, como você diz e muito bem...

HC - A outra, de 1960, (...) já é uma estimativa de custos, fala-se dos trabalhos que são necessários de acordo com o zonamento do esboço de 1960: hortas, pomar, vinha, outras culturas, quais os trabalhos a realizar, portanto, incluindo a movimentação de terras, que vem incluída na estimativa.

JM - Portanto, o zonamento e movimentos de terras constituem as bases da estimativa de custos.

HC - Há também uma definição de fases de trabalhos, porque havia uma prioridade que era a plantação do bosque na zona Norte, e os custos aparecem aqui, ainda dando várias hipóteses para serem escolhidas mais para a frente.

### Orgânico ou Geométrico

Depois... Não sei bem como era o vosso sistema de relação entre arquitecto e arquitecto paisagista, mas este projecto é transposto para os desenhos do atelier. Aqui, no primeiro desenho dos volumes, em que o projecto de paisagismo corresponde claramente à mesma coisa que tinha proposto, e depois numa versão mais *organicista*, com os ângulos de 45, 30 e 60 graus a trabalhar.

JM - No esboço do projecto de paisagismo há nitidamente uma concepção orgânica do espaço e no desenho final do anteprojecto uma expressão mais geométrica. É provável que tenha entregue os meus desenhos feitos à mão para serem integrados numa forma mais geometrizada.

HC - O desenho do estudo prévio é só do arquitecto Nuno Teotónio Pereira e no anteprojecto há transição já para os arquitectos Nuno Portas e Pedro Vieira de Almeida, isto concluímos nós, porque

os desenhos não são assinados. No estudo prévio temos o esboço inicial dos volumes e no anteprojecto já temos o projecto de arquitectura e também já há uma definição mais gráfica das culturas que iam existir. Estes desenhos também já devem ter aparecido depois de mais diálogo com as irmãs.

### Estado Actual do Mosteiro

JM - Que parte do projecto é que chegou a ser construída?

HC - Aqui temos umas fotografias das maquetes com as massas arbóreas. Depois o que aconteceu foi que a construção dos primeiros dois corpos do edifício foi um grande esforço financeiro para as irmãs e a obra foi interrompida. Houve um projecto apenas para uma primeira fase que é esta que vem aqui a escuro, estes três volumes dos quais só foram construídos dois. Depois foi adicionado um aqui, uma ampliação, nos anos 70, ainda pelo Arq. Nuno Teotónio Pereira e é este o resultado final, nestas vistas aéreas.

JM - Só este pequeno conjunto de edifícios é que chegou a ser construído? E esta é a imagem actual?

HC - Sim. Actual. O que acontece é que eu não sei o que é que existia de culturas agrícolas numa primeira fase, mas nos anos 90 tudo foi substituído por vinha porque se aperceberam do valor da vinha de Carcavelos. O cultivo passou a ser feito pelo Patriarcado de Lisboa. Como tinham vinhas nos seminários faziam o cultivo de vinho de Carcavelos também.

JM - Pois, isso foi uma boa ideia evidentemente. Naquela altura ainda havia muita vinha e poucas casas. De maneira que não houve uma focagem na vinha. Considerou-se mais a necessidade de produção de alimentos para consumo diário... enfim, para uma população muito maior do que aquela que de facto se instalou.

HC - Estas são fotografias que eu fiz do topo de uns prédios. Temos um grande bosque que está bonito, depois a vinha, mas a câmara de Cascais comprou...

JM - O bosque de protecção na estrema norte chegou a ser plantado, portanto...

(...)

## A Vinha no Mosteiro de Santa Maria do Mar

HC - Aqui tenho um desenho feito agora pela Câmara de Cascais que define a intervenção que vão realizar, a alteração da orientação da vinha, porque estão a pensar produzir o vinho de Carcavelos, é esse o grande interesse deles.

JM - Claro, recuperar a marca. A vinha vai ter quantos hectares?

HC - Área final de vinha 2,6. Porque estão a pensar manter alguma da que lá está. Vão arrancar parte porque a vinha tinha adoecido. Mas em termos de paisagem, com base neste desenho, o projecto não parece estar muito pensado.

JM - E as vinhas antigamente plantavam-se com intervalos muito maiores do que agora, de modo que é muito mais rentável refazer a vinha, ainda que as vinhas velhas dêem melhor vinho que as vinhas novas. Mas a qualidade é uma coisa que está a passar de moda....

HC - Também há uma outra questão: é necessário fazer a plantação nova porque a vinha era toda da mesma casta e o vinho de Carcavelos é um *blend*, mistura, de várias castas diferentes e é também cada mistura que define a característica daquela daquela adega ou de uma série de garrafas. Portanto é a própria mistura que dita depois se o vinho é bom ou não.

JM - Bom de qualquer maneira não há dúvida de que entraram numa política de produção diferente, portanto a reestruturação da vinha é agora o objectivo.

HC - Sim, parece-me que o objectivo é também que a *vinha de Carcavelos* não fique toda no concelho de Oeiras, sob a alçada da Câmara Municipal, mas se mantenha também na freguesia de Carcavelos, tendo como investidor também a Câmara de Cascais.

(...)

## Paisagismo e Percurso Profissional

JM- Portanto já me mostrou, em termos de material gráfico aquilo que recolheu...

HC - Sim, como o meu trabalho se deverá centrar no processo de projecto, o que eu procuro saber sobretudo são as relações entre os projectistas e dos projectistas com a ordem.

JM - Os projectistas como lhe disse, foram convidados pessoalmente pelo arquitecto Nuno Teotónio Pereira que foi contratado pela Ordem. Foram convites directos de pessoas que faziam parte do círculo das suas relações e a única pessoa que tinha formação no âmbito da agricultura e do paisagismo era eu. Naquela altura havia poucos paisagistas. Eu pertencço à terceira geração e era eu que fazia parte daquele grupo.

HC - Sim, porque é da geração mais ou menos do Nuno Teotónio Pereira. A Gulbenkian, por exemplo, com projecto do Arq. Ribeiro Telles, é mais ou menos contemporânea disto.

JM - Quando frequentei o curso, o Gonçalo Ribeiro Telles levava lá os alunos, para ver o prosseguimento das obras. Aquele projecto ao princípio foi feito pelo grupo dos primeiros alunos do professor Caldeira Cabral. Nós, os alunos da terceira geração, de brincadeira dizíamos que eram os apóstolos do professor. Todos eles colaboraram um pouco, mas o Gonçalo Ribeiro Telles depois é que foi o chefe daquele projecto.

HC - Este foi o único projecto que fez com o atelier do Nuno Teotónio Pereira?

JM - Lembro-me de ter feito com o Nuno Teotónio Pereira um estudo para Catumbela, um projecto de desenvolvimento agrícola, em Angola.

HC - Está no livro, complexo Fabril e Residencial em Ganda, Angola, paisagismo Júlio Moreira. É isto?

JM - É isso, sem dúvida. Mas pouco tempo depois a minha actividade profissional foi desviada por um convite para trabalhar no âmbito da química orgânica.... Mesmo assim continuei a dar-me com o Nuno em termos pessoais. Houve uma altura em que nós trabalhámos em conjunto, eu e o Nuno Teotónio, cada um no seu atelier, a fazer textos para ajudar os estudantes das greves académicas de 62. Ajudávamos na redacção, imprimíamos, e entregávamos, umas vezes a partir do atelier dele, outras do meu, para despistar as vizinhanças.

HC - Como é que funcionava? Não trabalhavam no mesmo atelier?

JM - Ao princípio, trabalhava no atelier do Nuno. Mas por essa altura tive um convite para fazer o projecto de ordenamento e paisagístico da área da Tabaqueira, em Albarraque, destinada à fábrica e bairro para trabalhadores. Não tive coragem de recusar. Era um projecto muito interessante: um terreno acidentado, com afloramentos rochosos... Tive de acumular o trabalho com a fase

preparatória de laboratório do emprego na indústria química... Foi então que aluguei um pequeno apartamento na Rua da Arrábida onde tinha os desenhadores.

### Modelação do Terreno

HC - Os trabalhos de terra são trabalhos muito caros dentro dos projectos de arquitectura, não é?

JM - Pois é, as freiras, quando se começou esse aterro para a modelação do terreno que era preciso fazer, assustaram-se com os custos das máquinas: «ah, é tão caro... é preciso as máquinas virem cá mais vezes?»

HC - Encontrei cartas em que elas dizem «estamos enterradas e por muitos anos». Ficaram com muitas dificuldades financeiras. Li nas memórias descritivas que a ideia também era em parte a transferência de massa da zona das fundações do edifício para o limite nascente do terreno, onde a vista passaria a ser acima do nível da estrada.

JM - Pois, evidentemente que para se encher aquela depressão se aproveitavam as terras retiradas das áreas para construção. A modelação do terreno é um dos trabalhos fundamentais do arquitecto paisagista. Por exemplo, quando fiz o projecto de uma quintazinha do doutor Rui Vilar, em Galamares com vista para Monserrate era um lote rectangular muito chato, um plano inclinado sem expressão, com um ribeiro ao fundo. Depois de modelado ficou com uma vida completamente diferente e com um zonamento aparentemente natural para os diferentes usos. Em todos os trabalhos que faço, parto sempre de uma modelação do terreno como um objectivo primordial: ao mesmo tempo integrar o espaço na envolvente e atribuir-lhe uma certa particularidade.

### Paisagismo e Percurso Profissional

HC - E a participação dos paisagistas no projecto de arquitectura em 1959 já era uma coisa corrente?

JM - Nessa altura os paisagistas que havia eram realmente os discípulos do professor Caldeira Cabral. Eu e os meus colegas constituíamos uma terceira geração.

HC - Mas se por um lado podemos dizer que era uma área emergente, também já os jardins românticos, e para trás disso os jardins barrocos etc. tinham planeamento, não é?



JM - Sim, foram planeados por grandes mestres... O que não havia era a profissão em si, socialmente organizada. Os arquitectos trabalhavam com pessoas do sector silvícola, agrícola e de jardinagem, que sempre houve. A especificação de arquitecto paisagista apareceu em Portugal com o curso livre de arquitectura paisagista, fundado no ISA pelo professor Caldeira Cabral.

HC - Portanto, em termos do panorama português este é um projecto que na altura estava um bocadinho à frente do seu tempo?

JM - Estava de facto e o de Albarraque também, obviamente. Depois acontece que em 1968 fui para o Brasil e, portanto, deixei de trabalhar cá em Portugal. Quando voltei, em 73, estava em preparação a Segunda Exposição de Design Português e o arquitecto Sena da Silva desafiou-me para integrar um sector sobre o design da paisagem. Tinha deixado Portugal pouco depois das cheias de Novembro de 1967, que devastaram a região de Lisboa. E as tragédias causadas pelas cheias foram na maior parte resultado de uma ocupação errada do território.

HC - E depois foi um assunto um bocado abafado...

JM - O mais abafado possível.... Naquela altura todos os assuntos que pudessem comprometer as autoridades eram abafados. Mesmo assim, no dia seguinte os jornais publicaram fotografias dramáticas que eu recolhi prevendo o bloqueio das notícias. E então aceitei o desafio da Cooperativa PRAXIS, que executou a exposição. Reservaram-me o piso térreo do edifício da antiga FIL onde está agora a Associação Industrial Portuguesa. O tema base da exposição, designada Design-Paisagem, foram as cheias de 1967, evidentemente. Na altura a exposição teve bastante importância porque o tema era extremamente agressivo. Os visitantes entravam e a primeira sala tinha apenas fotografias ampliadas para uma dimensão natural que os confrontavam com o horror da tragédia. Saíam por um corredor estreito e escuro e logo a seguir viam a sua própria imagem num espelho de corpo inteiro que os identificava com as vítimas. Daí em diante o percurso único levava os visitantes ao longo da evolução das sociedades humanas, até aos tempos actuais, com os nossos conflitos com o meio em que vivemos.

HC - Mas a exposição foi antes da Revolução...

JM - Foi e isso teria as suas consequências.... Moderadas porque se fizeram mesas redondas com personalidades respeitáveis como o Gonçalo Ribeiro Teles, José Cardoso Pires, Luis Stau Monteiro,

Sena da Silva e o Nuno Teotónio Pereira...E o tema geral da paisagem não atraía ainda muito as atenções. E mesmo depois do fecho da exposição do Design Português, a secção Design-Paisagem ainda ficou aberta a pedido de escolas primárias que faziam visitas e a própria Direcção Geral do Ensino encomendou-me um livro resumo, com desenhos da Cristina Reis da *Cornucópia*, para os pais lerem às crianças, a que dei o título *O Mundo é a Nossa Casa*. Mas aí o nosso primeiro ministro Marcelo Caetano não resistiu e mandou queimar...Felizmente pouco depois chegámos ao 25 de Abril e *O mundo é a Nossa Casa* foi reeditado e usado por várias gerações. A última edição saiu em 2011...

(...)

HC - E o material que foi exposto na exposição, foi conservado em algum catálogo propriamente dito ou arquivo?

JM - O material da exposição foi retirado para os armazéns da Cooperativa Práxis, que ocupava parte de um andar da Vila Berta, à Graça, continuando a funcionar em sectores muito específicos. Após o 25 de Abril, começou a decompor-se gradualmente, em parte porque alguns dos cooperantes foram chamados a integrar funções no PCP.

### Período no Brasil

HC - No Brasil esteve a trabalhar como paisagista?

JM - Não. Estive a trabalhar como engenheiro agrónomo, no sector da alimentação humana e animal. Fiz uma especialização sobre o emprego de vitaminas nas indústrias alimentares, na Hoffmann La Roche, em Basileia. Era um domínio ainda em fase experimental e foi como especialista nesse sector que fui para o Brasil. Mas lá é claro que frequentava a xácara de Burt Marx, também ele com raízes na música e na Alemanha como o Caldeira Cabral. E fiz amizade com o Arq. Sérgio Bernardes, um arquitecto extraordinário, ele queria que eu lá ficasse e tinha lá e tinha um espaço reservado para meu atelier. Mas acabei por voltar e nessa altura deixei as vitaminas e dediquei-me então inteiramente ao projecto.

(...)

## A Importância da função a que se destina o edifício: os casos de Sassoeiros e de Alcobaça

HC - No projecto de Sassoeiros lembra-se da importância que possa ter tido para o seu projecto o facto de se tratar de um mosteiro?

JM - Evidentemente que quando abordamos o problema do arranjo da envolvente de um edifício, é fundamental saber quais são as funções que vai desempenhar e quem são as pessoas que o vão utilizar. O espaço destinado a um mosteiro dependerá muito da ordem, mas no caso de Sassoeiros pretendia-se ordenar o terreno de maneira a garantir uma certa privacidade e criar condições favoráveis para a produção dos alimentos frescos, frutos e produtos hortícolas, com o mínimo de custo e o máximo de qualidade, para o número previsível de religiosas. No conjunto da área haveria que plantar uma cortina de árvores e arbustos ao longo das extremas, com espécies diversificadas, que, por exemplo a norte funcionasse como um pequeno bosque que protegesse do vento. No interior haveria pomares, hortas, zonas de culturas como por exemplo uma pequena vinha. Mas além disso era importante assegurar um clima de espiritualidade que reunisse todo o conjunto numa unidade.

HC - Existem ao longo das coisas que eu fui lendo do projecto, muitas referências à protecção da faixa norte por causa dos ventos, também associada à passagem da futura auto-estrada. Em certa fase até aparece uma linha tracejada que é a indicação de uma possível nova estrada de Sassoeiros, portanto uma estrada que podia vir a cortar o terreno na zona Norte e nesta altura ainda se estava expectante da decisão camarária sobre esse assunto. Assim, ao mesmo tempo que este bosque serve para a protecção do vento também vem atribuir o referido carácter do isolamento e privacidade. O próprio edifício estabelece uma relação de costas com o exterior e é para o terreno que ele se vira as áreas comuns e abertas. Há também a relação histórica das ordens religiosas com a agricultura. Houve uma frase que ouvi dizer a uma investigadora e memorizei, sobre um mosteiro medieval que fica na Guarda, São Pedro de Águias. Dizia que as ordens religiosas dependiam do terreno e ao mesmo tempo transformavam o terreno. Dependiam do território e transformavam o território.

JM - Estou inteiramente de acordo, mas as ordens religiosas encontram-se hoje perante situações que nem sempre correspondem ao seu espírito e às suas tradições. Posso citar-lhe como exemplo muito significativo a Ordem de Cister. Trabalhei no estudo prévio de um projecto para o espaço envolvente do Mosteiro de Alcobaça. Foi um estudo demorado porque convenci a Câmara de que

era indispensável adquirir ou reservar algumas pequenas áreas da envolvente. Entretanto foram efectuados dois simpósios sobre a Arquitectura de Cister, nos quais apresentei comunicações relativas à integração das obras de Cister nos espaços urbanos.

HC - Uma enorme obra de hidráulica, não é?

JM - Sem dúvida. Mas o problema fundamental das obras da Ordem de Cister é que foram concebidas como centros de territórios onde ficariam isoladas, transformando esses territórios.

HC - Os mosteiros tinham a cerca e o couto e os coutos eram áreas enormes.

JM - Eram grandes áreas, e evidentemente que tudo isso criava um isolamento em que eles inclusivamente recebiam os homens que fugiam às polícias para não serem presos e ficavam a trabalhar para a ordem em instalações separadas. De qualquer forma, o que acontece é que com a extinção das ordens religiosas no século XIX os espaços envolventes dos mosteiros foram *urbanizados* e começaram a ser cercadas pela população e os terrenos começaram a ser divididos e ocupados de maneira que as obras que foram pensadas para o isolamento acabaram por se confrontar com meios urbanos. No meu estudo prévio para Alcobaça tentava criar um espaço que permitisse a leitura integral da fachada, mas fosse contido em relação à envolvente urbana. E um dia sem aviso prévio da Câmara recebi um telefonema de um jornalista a informar-me de que a Câmara tinha adjudicado o projecto da praça em frente do mosteiro ao arquitecto Byrne.

HC - Já estava mesmo já contratado para fazer o projecto?

JM - Estava, estava! Tinha feito o estudo prévio, estava à espera para completar o projecto que a câmara me dissesse se podia ou não ocupar os terrenos que estavam em negociação. É uma história exemplar, de manobras político-partidárias... A Ordem dos Arquitectos, na altura dirigida por Helena Roseta confessou-se incapaz de resolver o problema e o meu advogado aconselhou-me a negociar com a Câmara. Foi o que fiz e deram-me um projecto muito interessante e de responsabilidade... O que é imperdoável é ter acontecido aquele desastre: a fachada pode-se ler, conforme recomendava no meu estudo, mas não recuperou a dignidade do seu espaço.

HC - Falando sobre Alcobaça, o mosteiro tinha uma espécie de jardimzinho romântico à frente, um jardim de buxo. E este trabalho corresponderá de certa maneira à transição desses jardins muito marcados para jardins mais orgânicos, para um paisagismo mais...

JM - Teve várias soluções durante o século XX e aqueles jardinzinhos, com o pormenor e a vegetação, roubavam a presença ao mosteiro.

### A escolha das espécies vegetais

HC - Por exemplo, a escolha das espécies arbóreas era feita entre as espécies nacionais? No fundo o que eu quero perguntar é, o que é que faz com que, passados alguns anos, pareça que uma intervenção na paisagem sempre esteve ali? Pensando no bosque do mosteiro de Sassoeiros.

JM - Ah, nesse bosque.... Creio que tive a preocupação de utilizar espécies autóctones, espécies próprias do sítio, do território e da zona. Evidentemente que, noutros casos, como por exemplo no Parque Central da Amadora que é um parque com características de parque urbano, não havia razões para me limitar às espécies autóctones. O parque tinha um grande lago com água de nascente e margens com vegetação adequada, de maneira que tinha uma vida própria e muitas espécies de peixes e de aves em equilíbrio sustentável. Mas há poucos anos, estava no seu pleno desenvolvimento e foi destruído para fazer muitos pavimentos e desportos e o lago tem água tratada com lixívia...São coisas que acontecem com mais frequência do que se julga, mas é preciso resistir, por isso é que lhe estou a contar esta história, e convidei o advogado Francisco Teixeira da Mota para pôr um processo contra a Câmara Municipal da Amadora por violação de direitos de autor, um processo na altura único no nosso sector, e a Câmara foi condenada. Serve de exemplo, mas o parque não foi recuperado.... As espécies exóticas podem aparecer, conforme as suas características.... Claro que em Sintra, se abusou das espécies exóticas, porque o romantismo desvairou com o exótico, mas de qualquer forma Sintra acabou por adquirir uma fisionomia própria.

### Sintra

HC - O que pensa a respeito dessa fisionomia?

JM - Sempre tive uma grande atracção por Sintra. Pela vila, pela serra, pelas praias..., mas o meu interesse profissional surgiu por acaso. Como deve ter verificado na sua pesquisa a respeito do meu curriculum, tenho tido sempre uma considerável actividade como escritor e jornalista cultural, ainda que, por vezes, com grandes intervalos. Mas em 1993 publiquei um romance, A Barragem, que

ganhou o prémio do PEN Clube de 1994. Em 97 o livro foi publicado na Alemanha e visitei várias cidades para lançamento do livro. Nessas viagens tomei contacto com uma instituição lá muito corrente, mas desconhecida em Portugal: as Casas da Literatura, que poderá imaginar o que seja. De regresso encontrei em casa de amigos a Edite Estrela, nessa altura presidente da Câmara de Sintra. Falámos naturalmente dos meus livros e das Casas da Literatura e do interesse que Sintra tinha despertado sempre nos meios culturais de toda a Europa. E é claro que ambos chegámos à conclusão de que o Parque de Monserrate seria o sítio ideal de uma Casa da Literatura à escala mundial. Até ao fim do seu mandato fui seu assessor, como arquitecto paisagista, mas também com funções culturais

HC - Mas a Casa da Literatura chegou a ser feita?

JM - Ao mesmo tempo que tive o meu papel como paisagista, trabalhei na candidatura de Sintra a Património da Unesco, na criação do Monte da Lua e no projecto de Monserrate com o arquitecto João de Almeida. Uma iniciativa com a dimensão prevista para a Casa da Literatura de Monserrate exigia uma aprovação prévia de todas as instituições e personalidades culturais do país. Essa pesquisa foi feita exaustivamente com aprovação unânime, inclusive do primeiro ministro António Guterres. As reacções das entidades consultadas foram enviadas por carta para a presidência da Câmara e constarão, por certo, dos arquivos. Duma maneira geral foram positivas, algumas entusiásticas, mas algumas duvidosas quanto à viabilidade. Quem exprimiu isso muito bem foi o José Saramago, entusiasta da proposta, que escreveu uma breve carta à Edite Estrela dizendo mais ou menos que o meu projecto era excelente, «mas numa terra como esta nunca se vai fazer». E Monserrate continua morto.

HC - Ainda por cima está ligado a escritores, por exemplo Lord Byron, não é?

JM - Há uma lista interminável de escritores que escreveram sobre Sintra. A pedido de Edite Estrela organizei um livro que é uma espécie de história cultural de Sintra, onde se encontram pequenos excertos dos textos escritos sobre Sintra desde a antiguidade, além de listas de visitantes ilustres, dos construtores dos monumentos, dos sítios. O livro, com o título de *O Génio de Sintra* reúne os dados de investigações feitas por José Sarmiento Matos, um historiador recentemente falecido, mas não foi editado porque o arranjo gráfico ia sair muito caro e o sucessor de Edite Estrela na presidência da Câmara de Sintra não se interessava por essas coisas... Quanto a Monserrate, como

o principal património de Sintra estava sob tutela de várias entidades, da Câmara sem dúvida, mas também de três ministérios, ninguém podia decidir nada, nem mesmo obras de conservação. Foi essa situação que levou à criação do Monte da Lua que ficou responsável pela gestão do património. Das quatro entidades que participam no Monte Lua, três têm cotas de 15% e a quarta de 55%. No princípio o Monte da Lua teve uma gestão danosa, mas com a direcção do engenheiro Lamas o património tem sido conservado e recuperado. Mas é um património museológico, morto. E Monserrate merecia ressuscitar.

HC - Mas há um escritor que conta a história de ter visitado o palácio de Monserrate. Penso que o Lord Byron conta mesmo que esteve ...

JM - Foi sem dúvida o Lord Byron. E o livro de que lhe falei tem imensa informação sobre a importância cultural de Sintra desde a antiguidade. A Casa da Literatura foi anulada pelo ministro José Sócrates, com os seus 55% do Monte da Lua. O argumento foi o dinheiro... Mas Monserrate poderia ter sido um polo cultural importantíssimo, Ainda por cima tem uma tapada do lado oposto da estrada, para onde o meu projecto incluía um centro de estudos ecológicos que era um complemento científico da reunião de escritores, músicos, pintores.... Podia ter sido um centro extremamente importante mesmo do ponto de vista de um turismo de qualidade.

HC - Mais cultivado, não é? É que o que se passa ali é que há espaços que estão a ser muito bem conservados, muito bem restaurados.

JM - Isso tem a sua importância, mas são espaços mortos.... Pode ser que ainda ressuscitem...

HC - Estão mortos, são só para passar por trás da fita, espreitar e continuar e a entrada é demasiado elevada para os portugueses.

(...)

### Espécies Vegetais

HC - Gostava de lhe perguntar é o que é que vê no estado actual inacabado do mosteiro de Sassoeiros.

JM - Não tenho conhecimento da parte do projecto que foi concretizada, nem do estado actual...

HC - Por acaso aqui em relação ao bosque parece-me sobretudo pinheiro manso.

JM - Sobretudo, talvez não. Não me lembro das espécies que constavam do projecto, mas nunca fui de espécie única...Espécies únicas é característica das matas e a cortina arbórea a norte do terreno de Sassoeiros pretendia mais ser um pequeno bosque. E o bosque será sempre mais aparentado com a floresta do que com a mata.

HC - Sim, única não. Mas durante um tempo diziam que a mata estava com nemátodo, donde supus que fosse em grande parte pinheiro. (...)

JM - De qualquer forma nunca concordei inteiramente com a solução para revestimento de Monsanto. Foi uma obra importantíssima, mas teria ganho em aspirar a uma solução florestal em vez da distribuição de matas de espécie única. Mas o coberto arbóreo não é estático e a distribuição espontânea das espécies pode ir atenuando essa situação.

HC - Então é daí que vem a tal característica que eu dizia de que o bosque parecer sempre ter estado ali e parecer ser natural.

JM - Pois, por haver uma diversidade de espécies...

HC - Não imposta, não parece forçada.

JM - Não, e havia equilíbrio! É muito importante procurar sempre um equilíbrio entre as espécies, evitar que uma espécie se torne dominante, por ensombramento, por exemplo, ou sistema radicular. É frequente uma espécie exótica chegar, com grande capacidade de reprodução e destruir os equilíbrios das espécies autóctones.

Na Arrábida estão a aparecer zonas onde o pinheiro de Alepo começa a dominar. Um pinheiro que fica com as pinhas secas presas muito tempo o que aumenta os riscos de incêndio.

HC - E não é português?

JM - É originário do médio oriente, da região de Alepo.

HC - Estive no Mosteiro com um Paisagista da Câmara Municipal que chefia o departamento que está a trabalhar no projecto para a vinha do mosteiro e disse-me que, na leitura que faz do sítio, a terra não parece ser dali que parece terra demasiado fértil para vinha e demasiado fértil para Sassoeiros.



JM - É que precisamente os movimentos de terras foram feitos deslocando terra de uns sítios para os outros e foram criar condições que permitiram que ao longo destes anos houvesse um acréscimo de fertilidade resultante dos trabalhos agrícolas.

HC - Até se nota na vista aérea uma diferença na cor da terra, que parece mais barrenta. Será intervenção da altura ou mais recente?

JM - A intervenção foi na altura em que se fez a modelação do terreno. Deslocaram-se terras de um lado para o outro, sobretudo das áreas para construção, que foram nivelar a zona em depressão.

HC - O que eu me pergunto é se terá havido uma intervenção depois, quando se plantou a vinha

JM - Isso há sempre, conforme as condições do solo. Não sendo necessária a surribo, é a lavoura, a gradagem, as adubações, com mais ou menos recurso aos compostos orgânicos...

HC - Esta zona de oliveiras parece bastante antiga, parece mais antiga que o resto.

JM - As oliveiras já lá estariam, com certeza, e foram integradas no ordenamento do terreno.

HC - E parece uma marca distintiva do sítio, porque também os limites da estação agronómica têm oliveiras do mesmo tipo...

JM - Pois, é natural. Terá havido um continuo de olival que se manteve, mesmo com eventuais mudanças de propriedade.

(... conversa sobre os desenhos)

## A Vinha

HC - Sobre o projecto para a nova vinha disseram-me que orientação Norte - Sul é a recomendada para a vinha crescer.

JM - Pois, é uma boa orientação para a vinha produzir.

HC - Será então a melhor para esta vinha a orientação Norte-Sul?

JM - A exposição a sul dá mais número de horas de luz e as horas de luz são fundamentais para a produção de açúcar das uvas e, portanto, de álcool na fermentação. Na Suíça conseguem produzir vinhos

graduados nas encostas viradas a sul, em frente dos lagos. As vinhas recebem luz directa do sol e a luz reflectida na água reforça a energia total, resultante da exposição. No caso de Sassoeiros a plantação de vinhas tem todas as vantagens, dos pontos de vista ecológico, paisagístico, e até, por certo económico, a médio prazo, porque o vinho de Carcavelos tem boas tradições.

(...)

HC - Eu até acho que, no fundo, o que a câmara municipal pretenderá é o desenvolvimento do terreno numa perspectiva de utilização pública, porque ele estava fechado. Antes as características disto eram de uma cerca, tinha um muro de pedra feito a toda a volta na altura da construção. No entanto, penso que a mudança na utilização deve também corresponder a uma continuação da vinha para uns terrenos que existem a sul.

JM - Se os terrenos contíguos pertencem à Câmara o melhor seria fazer a integração deste lote no conjunto.

(...)

#### “Horta – Pomar – Jardim Português”

HC - Nos seus desenhos de paisagismo do mosteiro refere uma zona de «Horta-Pomar-Jardim» que descreve na memória descritiva como «uma área (..) onde as árvores de fruto e os talhões para cultivo de plantas hortícolas serão distribuídos dentro duma concepção geral de jardim».

Nos documentos dos arquitectos encontrei as referências:

«Hortas, jardins e pomares regados em socalcos com grandes árvores isoladas ou em pequenos grupos ou alinhadas» (...); «Estando na tradição dos mosteiros, uma cultura organizada e variada do solo, como o exige a auto-manutenção (...) há que fazer uma planificação ordenada da exploração do solo, feita por técnico competente, e que defina em função da localização do mosteiro e, ao mesmo tempo, as zonas a afectar à floresta, ao sequeiro, à jardinagem, ao regadio, etc.» (...); «Estudo do arranjo em socalcos com muros de suporte, à maneira meridional, sobretudo nas zonas regadas de jardim e pomar junto à casa. Ver jardim-pomar português tipo Castelo Branco e Águas (Penamacor)».

Quando no projecto se propõe esta zona de «Horta-Pomar-Jardim», será com base num pedido dos arquitectos e na tradição e condições territoriais portuguesas de alguma maneira?

JM - A área murada, destinada à construção de um mosteiro que viria a ser habitado por um número elevado de religiosas, teria que corresponder a um conjunto de objectivos decorrentes do espírito da ordem, entre os quais o isolamento e o máximo de auto-suficiência.

Em termos do projecto de espaços exteriores (paisagístico), esses objectivos implicavam a cortina arbóreo-arbustiva ao longo das estremas com reforço na estrema norte por razões decorrentes do movimento regular das massas de ar, transportadoras de ruídos, além das razões climáticas. A atribuição de uma área considerável para a produção de alimentos frescos, frutos e hortícolas, permitiria uma economia significativa das despesas do mosteiro e uma ocupação regular das religiosas nos trabalhos de produção, num ambiente de jardim florido.

Quanto à organização do terreno em socalcos, referida a um caso concreto na zona de Penamacor, não corresponde a uma opção de estilo, mas à necessidade de criar faixas de declives moderados numa encosta de declives excessivos para os trabalhos agrícolas, construindo muros de suporte, em geral de pedra seca, ao longo das curvas de nível.



## Conversas com o Arquitecto Pedro Botelho

### Primeira Conversa - antes da consulta do arquivo - 11/10/2018

A primeira conversa com o arquitecto Pedro Botelho foi no dia 11 de Outubro, motivada pelo pedido de entrevistas e de apoio na consulta do arquivo de Nuno Teotónio Pereira. Acrescentam-se inicialmente as notas escritas à mão durante a conversa:

- O que está no livro é o mais rigoroso sobre o atelier.
- A ordem dos nomes é a de intensidade do trabalho no projecto e isso ajuda a ler os projectos.
- Ver no livro em que momento entra o Nuno Portas para o atelier. Assim como quando entra o Gonçalo Byrne e outros.
- O Pedro [Vieira de Almeida] teve muita importância no atelier na casa de Sesimbra, aqui (mosteiro); sempre ouvi dizer que o Pedro [Vieira de Almeida] foi muito importante em Sassoeiros e que a janela é dele.
- O convento tem muito desenho do Pedro [Vieira de Almeida].
- O Pedro [Vieira de Almeida] era quem estava no atelier o tempo todo. O Nuno Teotónio trabalhava na Federação de Caixas de Previdência e o Portas no LNEC e dava aulas na ESBAL.

**Pedro Botelho (PB)** - Embora ele não fosse sócio, os sócios eram o Nuno Teotónio e o Nuno Portas.

Eu acho que há aqui umas alturas em que o Bartolomeu já não está, eu não sei exactamente quando, mas o Pedro [Vieira de Almeida] é muito importante. Depois não sei mais... sei pouco mais que isso! Depois sei uma coisa que eu acho que na ficha técnica não está certa, naquela que mostraste há pouco. Se tu vires a ficha técnica do Restelo tem as várias etapas e aqui falta a parte relativa àquele corpo que o Nuno projectou e foi construído no final dos anos 70.

**Hugo Casanova (HC)** - Não está em ruínas, estivemos lá ontem.

PB - Então onde é que cheira a mofo? É nos quartos?

HC - Quer dizer essa parte foi ocupada..., não é bem a mofo.

PB - A hospital, a mau cheiro, o Pedro diz que o caseiro alugava os quartos.

HC - Quem é que lhe disse?

PB - O professor Pedro Mendes, nós trocamos impressões sobre os trabalhos dos alunos.

HC - Ah, está bem.

PB - Eu não sei porque é que esse convento era tão grande e acabou por ficar tão pequenino.

HC - Eu acho que foi dinheiro.

PB - Sim foi dinheiro...

HC - Estes são os desenhos que estão no livro. O professor, por exemplo faz ideia se este painel de azulejos que está na capela...

PB - Deixa ver, o que é que lá está?

HC -Tenho aqui uma fotografia, o painel é aquele:

PB - São umas coisas abstractas, não faço ideia, não faço ideia. *Aquilo* [a janela], sei eu, que sempre se disse que era desenho do Pedro [Vieira de Almeida], mas o convento deve ter imenso desenho do Pedro [Vieira de Almeida]. Porque ... nessa altura, isto é que data?

HC - Início da construção perto de 1962 ou depois, sendo que as irmãs entraram no mosteiro em 1965.

PB - O Portas nesta altura já está no laboratório

HC - Estudo prévio 1959, Anteprojecto 1960 e projecto da primeira fase em 1962.

PB - Esses desenhos de projecto que tens aí, devem ser do Pedro que era quem estava no atelier, porque o Portas só vinha... o Portas e o Nuno Teotónio tinham empregos. O Nuno Teotónio só vinha a tarde, de manhã trabalhava na Federação de Caixas de Previdência e o Portas, entre a escola, porque em 67 já estava a dar aulas na faculdade ... além da escola ainda tinha o laboratório, estás a perceber? Há uma coisa do atelier que é importante saber, que era uma máxima do Nuno Teotónio Pereira que era: «quem está ao estirador manda mais» - manda mais, no sentido em que tem de decidir, não pode ficar à espera de discutir tudo, estás a perceber? E, portanto, é pena não haver aqui datas,

porque eu acho que essas datas, dessa parte branca, devem ser 77, 78, por essa altura, porque é antes de eu voltar ao atelier e não assisti a isso. Aquilo é de alvenarias rebocadas, é uma coisa para ser muito barata e o Nuno Teotónio está sozinho, faz aquilo sozinho. Que eu saiba, faz aquilo sozinho.

HC - Segundo me disse um sobrinho que é o Pedro Teotónio Pereira, director do museu de Santo António, que conversou com a Irene Buarque, ela participou na obra da ampliação.

PB - Sim, mas não participou no projecto de certeza, participou em alguma coisa, que eu não sei o que é, que esteja a seguir. Mas sim, ela já estava com ele nessa altura. Isso é um momento em que o Nuno está sozinho praticamente. Não sei... Não sei se o Bartolomeu terá dito alguma coisa, mas isso é ali entre 75 e 80...

HC - A memória descritiva da ampliação tem data de 74 acho eu.

PB - Não pode ser...

HC - 78.

PB - Ah! Eu disse, 77/78

HC - 74 estava ele preso...

PB - Não estava nada! Saiu de Caxias a 26 de Abril..., mas 74 é SAAL, não é Sassoeiros...

HC - De qualquer maneira é a tal parte... diz: «sendo muito grandes as limitações financeiras, procurou-se um tipo de construção económica».

PB - Completamente! Aquilo é habitação social! Nem sei se tem paredes duplas! Pronto. Depois nós fizemos um segundo convento para elas, que nunca se construiu, para o Torrão [Alcácer do Sal].

[das anotações] Eu e a Rosário [Beija] fizemos o projecto para o Torrão. Havia muitas limitações económicas, foi cerca de 1988.

HC - Fizeram um projecto para o Torrão?

PB - Sim, esse foi feito por mim e pela Rosário [Beija].

HC - Ah, isso é muito interessante.

PB - Mas tens aí, também está, o projecto do Torrão está aí!

O projecto do Torrão é uma coisa já feita... não sei quando... 87, 88, 89... Não 80... 87, 88, uma coisa assim (confirmado no Arquivo do Forte de Sacavém - 1987-1989). E também com muitas limitações... e que não tem nada a ver porque é um projecto que é feito amparado numa construção antiga que lá está, numa igreja que fica à saída para ... como é que se chama aquilo? É uma das saídas em direcção a... é a saída para nascente! É a Saída para nascente- Norte, mas depois nunca se construiu. (A ermida de Nossa Senhora do Bom Sucesso localiza-se na saída do Torrão para Vila Nova da Baronia)

HC - Dá para ver o projecto?

PB - O projecto está em Sacavém.... É uma coisa muito pequenina, mas o que tu tens no livro dá para perceber um bocadinho o que é, mas não tem nada a ver com isto.

HC - Estes são os quartos...(desenho)

PB - São as celas...

HC - Da zona barata.

PB - Ah, mas... então também são estreitinhos e compridos com uma janelinha.

HC - Sim!

PB - Então são muito parecidos com os outros.

HC - Mas são ortogonais.

PB - Sim, sim, sim...

HC - E mesmo assim aquele armário encaixava no pilar, havia ali um desenho.

PB - Olha, não sabia que era tão desenhado! Pensei que era mais simples ainda.

HC - Isto é a cozinha...



PB - Eu acho que aqui, eu se tivesse de trabalhar sobre este edifício, reduzia ao mínimo o pensamento sobre a intervenção recente. Ou seja, a intervenção recente.

Há dois acidentes muito grandes neste projecto. Um é a omissão do grande tamanho previsto e o outro é a introdução de um elemento que é de tal maneira condicionado pelas condições da altura... não é só a falta de dinheiro, é o atelier não existir. O Nuno está completamente sozinho, não tem ninguém. Eu ainda no outro dia perguntei ao Luís Moreira se ele tinha participado nisso e ele disse que não... que só viu. Portanto, o Nuno faz isso muito, muito solitário. Ora isso corresponde a um grande desamparo da parte dele, também, é um trabalho muito desamparado. O atelier não está a funcionar, está reduzido a uma pessoa sozinha, portanto há que ter essas questões em atenção. E depois eu diria que há outra coisa: outra coisa, é que o projecto de Sassoeiros corresponde ainda a uma fase eufó[rica]... a uma fase heróica do atelier, não é? E de alguma maneira, esse arranjo corresponde a um momento de enorme quebra... enfim de... Nós levamos imenso tempo a levantar cabeça. Nós só começamos a levantar cabeça com Laveiras, assim vagamente, mas de facto, só com, só com o Metro é que a gente levanta cabeça a sério, assim, fortemente. Quer dizer, Laveiras parece uma espécie de remate do pensamento sobre a habitação. Uma sumula das coisas que se tinham aprendido ao longo daqueles 30 ou 40 anos. Mas o Metro... então a gente ganha algum fôlego. Uma das coisas terríveis que acontece é que nós ganhamos mal, mas muito, muito mal, desde a rescisão do contrato do Restelo, que é em 75, até ao contrato do Metro, ou por outra, até alguns contratos chorudos feitos já no fim dos anos 80. Durante 15 anos praticamente, o atelier vive com trabalhos muito mal pagos, muito mal pagos. Isto dava uma sensação de miséria muito grande. Maior do que a que tinha havido antes do Restelo, porque no tempo destes projectos uma das coisas que caracterizava o atelier, as finanças do atelier, é que estava sempre em déficit.

O Nuno Teotónio tinha de dar o ordenado dele para pagar ao desenhador, o Nuno Portas levantava dinheiro... já não havia dinheiro para dar ao Pedro Vieira de Almeida. Depois as pessoas divorciavam-se porque as mulheres em casa zangavam-se porque eles não traziam um bocado de dinheiro para casa. Era ali uma situação muito complicada.

O Restelo veio pôr fim a isso. O Restelo e as tabelas de 72. Antes de 72 os arquitectos ganhavam muito mal. Há uma diferença muito grande entre o que se passa antes das tabelas do MOP (Ministério das Obras Públicas) de 72 e o que se passa depois. Em termos financeiros, que dão alguma alegria às pessoas, é como comer bem ou não comer...

Agora, eu acho é que o convento tem uma particularidade muito perturbadora para mim que é... a contradição entre a grande obra monumental e um bocadinho, é tão evidentemente... tão evidente, que aquilo é como se fosse um acidente, não chega a ser um objecto arquitectónico, são duas coisinhas que estão ali agarradas uma à outra, num território com uma dimen[são]... ficam assim, ali parece um.. como é que eu hei de dizer... um milagre, um pequeno milagre, quando se esperava que... quando aquele pequeno milagre corresponde a uma pontinha de um grande, de um grande conjunto que ninguém conhece nem nunca verá... está no boneco.

Assim uma coisa que em vez de ser uma coisa espalhada, extensa e horizontal, é assim duas coisas espetadas ali e isso é uma... quer dizer eu acho que aquele ... a única maneira de ver isso é pegar num 3D daqueles dois objectos e enfiá-lo na perspectiva que está desenhada a castanho. É tentar mostrar que isso ... é uma coisa minúscula posta assim num pontinho que fazia parte de um [grande edifício] ... porque isto era repetido três vezes e ...

HC - Mesmo este corpo da capela era para levar mais dois pisos ou três, com quartos.

PB - Pronto, portanto tudo isto... E depois esta imagem é impressionante, nada disso existia (fotografia superior com vista dos edifícios de habitação em altura).

HC - Não.

PB - Uma das coisas que é muito difícil de perceber é o que é que seria esse lugar se aquele edifício lá estivesse e depois se a história do país não fosse isto, fosse outra coisa [referindo-se ao urbanismo].

HC - Porque isto ainda era na fase em que na Costa do Sol não tinha permissão ... não havia permissão para construir prédios na Costa do Sol, ou não?

PB - A Costa do Sol tem um plano dos anos 40 que, mesmo assim, acho que... deve haver aí uma grande alteração dos critérios. A Costa do Sol era uma coisa de baixa densidade. De repente..., mas isso só acontece depois do 25 de Abril. Isso eu não te sei dizer bem, mas eu acho que vale imenso a pena.

[No arquivo encontrámos um documento sobre o pedido de autorização para construir com densidade de 5% quando o máximo autorizado era 1%, nas zonas rurais da Costa do Sol]

HC - Isto são umas fotografias tiradas pelo meu avô.

PB - Ah ele mora ali, vocês moram ali?

HC - Sim, morava.

PB - E então isto é a torre de Nova Oeiras do Cristino Silva, era a única coisa que se via.

HC - Nova Oeiras, quando aparece...

PB - Isto era assim. Ouve eu conheci isso tudo assim. Eu sou do tempo em que esta estrada antiga ainda se fazia. Aliás eu não sou do tempo disso porque quando eu nasci já a marginal estava a fazer-se já estava feita, mas os meus avós que passavam férias, eu tinha duas casas de férias. Uma que está lá no Alto da Parede, entre a Parede e a Igreja de São Domingos de Rana, mas essa foi entregue à Câmara e agora é um sítio onde fazem acompanhamento de trabalhos de crianças, que era a casa do meu avô pintor. A outra foi desfeita. Mas, portanto, uma era na Parede ao pé dos Maristas, acho que há ali um colégio de Maristas.

HC - Sim

PB - Um bocadinho mais acima na encosta, e a outra era no Murtal. O Murtal é uma terrinha...

HC - Nós ontem estivemos no Murtal.

PB - Portanto vocês passaram essa outra casa. Era uma quintinha, feita nessa várzea onde vocês foram passear. E agora estão lá umas casas, vendeu-se e não sei quê. Mas, portanto, a Costa do Sol era, a Costa do Sol no princípio do século ainda era uma coisa agrícola, mas eu ainda vi juntas de bois a lavrar a terra. Portanto, antes dos tractores ainda. Uma das coisas incríveis, por exemplo, é que o vale de Mirafleres era trigo. Eu ainda vi searas... E Oeiras, não é por acaso que o Marquês de Pombal tinha a Quinta em Oeiras, e depois se fez aquela coisa da investigação agrícola, mas Oeiras era o segundo melhor terreno para trigo a seguir aos barros de Beja.

HC - E sobre onde encontrar mais coisas sobre o Mosteiro?

PB - Sobre este projecto, essas coisas estão todas em Sacavém.

HC - E o que acha que há lá? Maquete? Tenho aqui uma fotografia de uma maquete.

PB - Não, maquetes não. Não há maquetes, (...) as maquetes foram todas à vida, acabaram todas... eu nunca conheci essa maquete.

HC - E haverá fotografias?

PB - Ah, isso há!

HC - Fotografias da época, da obra?

PB - Pode haver, pode haver. Eu não sei o que está em Sacavém antes do Restelo. Só conheço o que está depois de 70. Mas tenho a lista do que está.

PB - Haverá alguém que saiba mais coisas?

PB - Olha, infelizmente...

HC - O Arquitecto Nuno Portas está muito esquecido.

PB - O Nuno Portas está muito esquecido.

HC - Pois a última vez que eu o ouvi falar ele não se lembrava de coisas da exposição sobre o atelier.

PB - Ouviste-o falar onde?

HC - Na Igreja do Sagrado Coração, há um ano.

PB - Podes falar com ele. Ele vem cá ao ISCTE. E ele tem uma casa em Lisboa. O que eu não sei é como é que se consegue que o Nuno Portas esteja bem para dizer as coisas que a gente quer ouvir. De vez em quando diz, de vez em quando não diz. O Pedro morreu, o Nuno Portas está muito esquecido... O que é que há de projectos perto desse, com datas semelhantes, para ver quem é que lá estava dentro? Mas eu não estou a ver alguém que ...

HC - Olivais Sul... Bartolomeu...

PB - Não, não, isto está por ordem, não é? Então vê lá antes...

HC - Vila Viçosa

PB - Vila Viçosa também é Pedro e Portas. O Nuno Portas entra ali naquele projecto, é quando ele entra naquela casa.

E aqui, quem é que está?

HC - Alfredo Silva Gomes, António Freitas Leal, Bartolomeu, Jorge Cardoso da Silva, Colaboradores: Tomás Taveira.

PB - O Torre do Vale morreu...

HC - Torre do Vale?

PB - O José Maria Torre do Vale foi quem desenhou os candeeiros do Sagrado, de acordo com o que ouvi. [o nome Torre do Vale não aparece na ficha da Igreja]

HC - Ah, o professor sabe que no mosteiro existem uns candeeiros que parecem uma maquete dos do Sagrado?

PB - Um protótipo queres tu dizer?

Uns que têm uns marmorezinhos fininhos? São de lata? Ah são uma caixa aberta só sai a luz pelos buracos. (com fotografia)

HC - Mas têm um quê dos outros.

PB - Agora, de facto é possível falar com o Nuno Portas, pode ser que dê alguma coisa, mas aí, não sei se é ir lá a casa. Quando a Filipa Roseta fez uma coisa lá na faculdade de ciências sobre a investigação em arquitectura, o Nuno Portas também não quis falar. Ficou sentado... e depois de a gente, o Byrne, eu e o Bartolomeu falarmos, apeteceu-lhe dizer umas coisas e disse umas coisas importantes. Quer dizer, disse umas coisas que ajudaram a perceber outras coisas. Creio que para esse projecto o Pedro era importante, mas infelizmente morreu.

HC - Mas deixou muitas coisas escritas.

PB - Sobre isso?

HC - Em geral, sobre o espaço da arquitectura.

PB - Sim, o Pedro deixou muitas coisas escritas.

HC - Há tempos travámos conhecimento com a mulher dele, que é mais nova.

PB - Calma, a última mulher dele.

HC - Sim, mas ela tem o arquivo dos projectos, por exemplo o projecto da igreja dos Olivais Sul, ela tinha-o. Digo-o porque tenho um amigo que realizou um documentário sobre a igreja de Olivais Sul e que a contactou. Pode saber alguma coisa.

PB - Não acredito que haja alguma coisa. Agora, acredito que em Sacavém haja imensa coisa.

HC - Mesmo esquisos e até coisas escritas?

PB - O que é que acontece com os esquisos? No atelier há uma coisa, é que nós não assinávamos os desenhos, portanto nunca está assinado. Há uns esquisos no livro, da Igreja do Sagrado Coração, que é a escada, aquela escada que desce na traseira da plateia, na traseira da nave, que eu sei que são dele (do Pedro Vieira de Almeida). E eu acredito que muitos destes desenhos sejam dele e que aquilo (perspectiva) seja do Portas. Mas eu não sei, não te posso garantir nada disso. Não te posso garantir essas coisas. Eu digo isso porque sei que neste período o Pedro estava ao estirador e o Nuno Portas entrava e saía. Portanto se sempre disseram que aquilo era dele e se isto é parecido ... ali já não é tão parecido, portanto é mais por comparação de grafismos e assim que se pode perceber o que é que é de quem. Mas isso interessa assim muito? É muito decisivo? Para a compreensão das coisas?

Uma das coisas que eu acho que é importante no Atelier é que, sim senhor, há nomes e há pessoas, há autorias e co-autorias, misturados e não sei quê, mas o fundamental é que as obras têm um objectivo que é partilhado por essas pessoas. Que é uma convicção sobre a forma de habitar e sobre a maneira de pensar o espaço e de o relacionar com o exterior e de enriquecer os pavimentos e de trabalhar com os materiais de uso do betão e da madeira e isso são coisas mais interessantes do que saber quem é que fez ou deixou de fazer.

Neste período há uma coisa que é... o betão é tratado como se fosse quase serralharia porque há elementos estreitíssimos, não é? Coisas como se fosse madeira, moldadas com cofragem, portanto essas coisas são mais importantes do que saber quem foi.

HC - Isso é um grande desafio, ler a arquitectura.

PB - Uma das coisas que acontecia antigamente era que os projectos eram uma espécie de experiências únicas, mas que se encadeavam umas nas outras e, portanto, havia uns procedimentos, umas maneiras, uns pensamentos que iam evoluindo e de cada vez que era preciso fazer aprofundava-se aquela coisa. E no atelier digamos que há três períodos, que é o período antes do Portas, o período durante o Portas e o período depois do Portas. No fundo isso é muito visível, muito claro. Portanto há o que se passa até ao Portas entrar e o que se passa quando o Portas começa a levar os alunos

para lá. E os alunos são o Byrne, o Duarte, o Reis Cabrita, o Joao Paciência, eu, a Manuela Fazenda... E, portanto, isto é, em meados dos anos 50, 57 e isto é finais de 60, 70, é à roda de 70. E a charneira no livro, a charneira do Portas é o edifício ao cimo da... como é que se chama aquela rua onde morava o Almada, que chega cá abaixo ao Rato, onde está a Galeria Diferença? São Filipe de Néri. Ao cimo da São Filipe de Néri há uma coisa em azulejo branco, assim um triângulo, um quarteirão triangular em azulejo branco. Esse edifício que foi feito não sei por quem, teve como primeiro projecto um projecto do atelier e nesse projecto, quando tu abres o livro, sobre esse quarteirão tens: a metade que é feita pelo Nuno Teotónio e pelo António Pinto Freitas, que é um projecto moderno, rectilíneo e não sei quê. E depois tens as alterações que o Nuno Portas propôs que é uma coisa torta.<sup>427</sup> Naquelas fichas, em termos de data, a entrada do Nuno é naquela moradia que eu disse na moradia da Praia das Maçãs, mas depois dentro do livro, para perceber onde ele entra ... ele entra em projectos que não estão aí. (...) E depois eu não sei se aqui está uma casa feita por ex-alunos... não está, eu acho que não está, a casa que o Duarte Cabral de Mello e a Margarida Sousa Lobo fizeram, que era uma casa palladiana, muito interessante, que está em Cascais, uma casa cúbica, uma casa quadrada, em cruz grega, acho que não está aí. [Casa Barros Leite 1970 - Publicada na revista Architecture d'Aujourd'hui <sup>428</sup>]

O primeiro projecto em que os alunos entram é o do centro comercial de São Sebastião da Pedreira, que é o do Gonçalo [Byrne]. E é aí que as coisas começam a mudar.

HC - Que é o tal do sítio do edifício revestido a azulejo?

PB - Não. São Sebastião da Pedreira é onde está o Corte Inglês. Aquele Quarteirão era para ter a nova Igreja, que não está lá... e um grande...

HC - Está um grande templo...

PB - Não, está uma coisa diferente, está um templo à gastadeira, um templo aos ... como é que é quando Jesus expulsa os não sei quantos do templo?

---

<sup>427</sup> TOSTÕES, Ana (coord.), AFONSO, João, BANDEIRINHA, José António, LOPES, Diogo Seixas, PEREIRA, Nuno Teotónio, PORTAS, Nuno [et al.] - Arquitectura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira. 1ª ed. Lisboa: Quimera, 2004. ISBN 972-589-127-9, p. 158-159, 261

<sup>428</sup> BYRNE, Gonçalo, "Quelques prémices pour une architecture nouvelle", L'Architecture d'Aujourd'hui, n. 185, 1976. p.32- 35

HC - Os vendilhões.

PB - Os vendilhões, um templo aos vendilhões.

HC - Então o Professor diz que esse projecto é quando os alunos entram?

PB - Sim, esse projecto do centro comercial de São Sebastião da Pedreira é um projecto que tem uma perspectiva do Byrne, no livro, é quando os alunos, quando os alunos entram a fazer... quando os alunos do Portas entram a fazer.

HC - De qualquer maneira, a entrada do Arquitecto Nuno Portas é no projecto da Rua de São Filipe de Néri?

PB - A entrada do Portas é para fazer a moradia da Praia das Maçãs. Ele entra em 57, não sei se está ali a data. E tudo no atelier muda com a entrada do Portas.

HC- E mesmo o projecto de São Filipe de Néri é mudado ...

PB - Mesmo o projecto de São Filipe de Néri é mudado...

HC - E no Restelo também havia... eu lembro-me de ver alguns esquisos que eram a visão de uns e os do Arquitecto Nuno Portas que punham a estrutura toda à vista....

PB - Não, não, não, o que acontece no Restelo é que o Nuno Portas faz o primeiro desenho, que é esse da estrutura à vista estilo Sagrado Coração, simplesmente eu tinha estado a trabalhar com o Gonçalo Byrne no projecto da Mundial, rebocado, liso, e não quero fazer aquilo e faço liso. O Portas afasta-se, e o Nuno Teotónio asperge, dá a bênção com um bocado de água benta em cima do que eu estava a fazer e aquilo avança. Mas foi um momento muito complicado. O Portas ficou muito ... O Portas tinha sido dono da linguagem do atelier durante treze anos, catorze e de repente... aquilo saiu-lhe do controlo, mas é muito interessante que ele depois, agora no fim, quando foi da exposição e do livro, fez as pazes. A exposição serviu-me para fazer as pazes com o Nuno Portas.

O que é tu queres mais?

HC - Não sei.

PB - Então quando souberes diz.



## Segunda Conversa - no Arquivo do Forte de Sacavém - 22/10/2018

Conversa em volta dos desenhos e documentos do Projecto do Mosteiro de Santa Maria do Mar no Arquivo Pessoal de Nuno Teotónio Pereira.

**Pedro Botelho (PB)** - Já viste essa tentativa entre o quadrado e o octógono?

**Hugo Casanova (HC)** - Eu acho que esta ficou, que é uma sala do capítulo... Está aqui a sobreposição dos dois quadrados.

PB - Que dá o octógono, dá a estrela que depois dá o octógono

HC - Havia uma espécie de misticismo ligado a isso?

PB - Isso não sei, o que havia ... o que aconteceu quando o Nuno Portas entrou no atelier foi que o arquitecto [referência] mais importante, que era o Corbusier, passou a ser o Frank Lloyd Wright. Mas essa viragem é uma viragem feita com o Zevi na Itália que é uma viragem contra o mecanicismo corbusiano, se quiseres. Não é bem verdadeiro, porque em Ronchamp também é assim.

HC - O Corbusier tem essa espécie de contradição. Quando chega aos edifícios religiosos não tem nada a ver. Apesar de La Tourette também ser muito *racionalista*.

PB - Sim, mas tem uma igreja que é uma coisa completamente diferente, e a maneira como a luz entra, mas quer dizer, há uma diferença, a relação ... a complexidade dos espaços no Frank Lloyd Wright é maior, pronto. Nos espaços interiores e nas relações com o exterior, na maneira como as coisas se abrem e se fecham... é aquela conversa sobre a arquitectura orgânica e não orgânica.

HC - Isso já são nomes dados à posteriori, ou não?

PB - São, eu não sei isso exactamente

HC - Diria que há influências de Quaroni na arquitectura do mosteiro?

PB - Mas isso é muito recente ... é mais recente.

HC - Nesta fase, não?

PB - O Quaroni já existia, sim, eventualmente, mas eu isso não sei dizer. As influências italianas são claras, não é?

HC - Sim, o Quaroni foi um exemplo dentro dos italianos.

PB - Pronto, mas, por exemplo, uma das coisas, há duas peças que eu sei que foram importantes. Uma é a torre Velasca em Milão que é do Rogers, que é italiano, mas tem um nome inglês. A outra é a maneira como está feito um armazém estilo corte -inglês em Roma, feito pelo Albiní, tem painéis de betão descofrado e lavado exactamente como a igreja. Portanto foi em Roma que eles decidiram como é que ...

HC - Que o agregado fica à vista.

PB - Como é que faziam os painéis, com um descofrante, depois quando é descofrado e lavado aquilo fica com o agregado à vista, com o inerte, não é agregado é inerte. A palavra certa é inerte.

HC - Mas também se usa a outra...

PB - Há o agregante que é a massa e há o agregado, de facto, que é o que é agregado pela massa. Mas se quiseres falar com propriedade dizes que é com os inertes à vista. É como a betonilha lavada, aquela que fica sarrabulhenta, ou polida, aquela das casas do Palladio que é de betonilha polida.

HC - Do Palladio? Já na época?

PB - Betonilha das mais bonitas betonilhas do mundo, feita com seixos do rio, polida, mas eu acho que os romanos também já têm betonilha polida. Eu não sei como é que eles faziam o polimento, mas lá que é polida é.

HC - Aqui no mosteiro o pavimento é a conjugação de tijoleira vermelha com madeira. E é espinhada e depois de repente muda de direcção e chega às instalações sanitárias e muda para uma coisa mais resistente, mosaico hidráulico com os rodapés em ...

PB - Têm meias canas nos rodapés... Quartos de cana. Nos rodapés e nas esquinas. Que é uma coisa que deixou de haver. Aliás até havia uns mosaicos hidráulicos que tinham uma virada para fazer um pequeno rodapé que estava preso ao chão. Eram os mosaicos *linker*. Mas pelo que eu estou a ver...

HC - Cada desenho está numerado.

PB - Isto já são coisas aqui dos arquivos, de certeza.

(...)

HC - Esta igreja completamente axial não tinha nada a ver...

PB - Com o que aconteceu depois.

HC - E ainda tinha o altar lateral obrigatório e não sei quê... um bocadinho como La Tourette. Quer dizer, não, como as igrejas de mosteiro, tipicamente igreja de mosteiro.

PB - Isso é! Com um grande coro cá atrás...

HC - Era para poder haver mais irmãs e muitos hóspedes.

PB - Isso é curiosíssimo, é uma outra coisa.

HC - Tem coberturas inclinadas, parece a igreja de Almada, mas acho que é este mosteiro.

PB - O que eu acho que tu devias fazer primeiro... tu não vais fazer uma investigação científica exaustiva, pois não?

HC - Tenho, à partida 30 páginas para escrever.

PB - Eu penso que tu devias ter uma ideia do que é que aconteceu... isso parece-me outra coisa, parece uma escola...

HC - Mas eles têm um corpo de catequese e assim...

PB - De ensino? Então é isso. Eu acho que tu devias perceber o que é que aconteceu para não contares senão uma história que tenha um fio, sem ser em ziguezague, porque senão tu podes-te perder e não perceber bem o ziguezague todo.

A primeira coisa que estás a ver e que é completamente diferente de hoje em dia que é a quantidade de desenhos que se faziam. As coisas eram feitas com muito tempo e com uma disponibilidade total como se fosse possível fazer um trabalho que nunca mais era acabado. Portanto as soluções são estudadas e verificadas e tidas alternativas e anda-se à roda e às vezes repete-se o mesmo desenho muitas vezes até estarem convencidos de que está boa a solução. Não é de que está bom o desenho é de que está boa a solução.

HC - Quem é que desenhou?

PB - Eu suspeito que o Pedro era o esgalhante. Chamava-se esgalhante à pessoa que estava a trabalhar no atelier. Na igreja do Sagrado Coração e na casa, mas sobretudo na casa de Vila Viçosa, eu sei que o Nuno Portas fez uns postais com as ideias e uns desenhos e depois o Pedro desenhava. Mas também é preciso ver... que estas coisas não são feitas por um *colaborador*, são feitas por alguém que está dentro do projecto...

HC - Mas o Pedro Vieira de Almeida...

PB - É o motor disto!

HC - Mas o que é que quer dizer com não é feito por *colaborador*?

PB - É porque na ficha técnica tu tens os autores, vem por ordem e é o Nuno Portas ... Nas fichas do livro.

HC - Mas, nas memórias descritivas aparece “colaborador” ou “arq. estagiário” Pedro Vieira de Almeida.

PB - O que é que isso quer dizer?

HC - Quer dizer que era ele que estava a desenhar? quem assinava?

PB - Não, quer dizer que oficialmente havia uma sociedade no atelier feita pelo Nuno Teotónio e pelo Nuno Portas. Mas ... a realidade arquitectónica está mais no livro do que nas memórias, pronto, se quiseres, há uma espécie de documentos oficiais, quer dizer, em Laveiras, nos documentos oficiais o Nuno Teotónio aparece sempre antes, no metro também, mas quando se chega ao livro já não aparece no primeiro lugar. Portanto isso é assim porque não podia deixar de ser porque o contrato era com ele. Mas o principal autor está no livro.

HC - Quando a obra do metro acabou se calhar ele já nem trabalhava.

PB - Claro que trabalhava, mas não desenhou o Metro.

HC - Pois, não sei...

PB - Como no Restelo. O Nuno Teotónio não fez... dos projectos que eu fiz o Nuno Teotónio nunca fez desenho nenhum.

HC - Então?

PB - Era eu que desenhava... não era ele...

HC - Mas ele ia fazendo outros projectos não?

PB - Sim, o Nuno Teotónio acompanhava todos os projectos, mas não desenhava todos, ... com o Portas passava-se o mesmo, daí o Pedro Vieira de Almeida estar encarregue de Sassoeiros.

HC - E pela caligrafia não se chega lá? Está tudo escrito...

PB - Qual caligrafia? Isso é capaz de ser do Pedro (Vieira de Almeida).

HC - Assinaturas não tem, mas tem grafias.

PB - Tem, mas a questão mais importante é que no atelier há uma autoria partilhada, que é uma coisa que ninguém sabe que existe porque nos outros ateliers não há, ou não havia ou não houve...

HC - Ou não é assumida... se calhar. Aqui já estamos a ver a fase em que já não há dinheiro e eles estão a propor uma cobertura em duas águas para a capela.

PB - É uma laje, vagamente inclinada, não é?

HC - Não, nós fomos ao sótão. Tem madeira. Porque estava previsto a cobertura sair e ainda se fazer mais pisos em cima.

(...)

HC - Altura da Camioneta ...

PB - Isso é a passagem da entrada? Tem de se perceber, o trânsito passa por baixo de alguma pala, não? O portão tem alguma coisa por cima?

HC - Isto é a estereotomia do muro, pedra aparentemente seca, tem uma pala... não é o desenho final...

PB - Isso é uma coisa que tem uma nota para saber a altura das camionetas. Isso são prateleiras?

HC - Isto devem ser caixilharias. As tais da janela. O cadeiral, o painel... nesta altura tinha desenhos. Estava a falar com o Arq. João Alves da Cunha, que fez a tese sobre o MRAR (...) que me estava a dizer que a certa altura na arquitectura portuguesa há um redescobrir do azulejo. O azulejo estava

desconsiderado pelos modernos, legado para o domínio da casa portuguesa e os modernos radicais desprezavam-no. E depois há um momento muito ligado aqui a Nuno Teotónio Pereira etc. o tal que é chamado revisionismo crítico, revisão do moderno, crítica ao moderno, regionalismo crítico...

PB - Regionalismo crítico, que ganha força depois do Inquérito. Mas o azulejo não estava descurado pelos modernos, senão não havia os painéis da Infante Santo, nem o Metro. O metro é tudo azulejo, está é muito estragado porque a maior parte dos azulejos bonitos da Maria Keil foram deitados fora. (...) A Maria é que fez a maior parte das coisas porque fez à borla. O Keil é que tinha o projecto e como não havia dinheiro para artistas plásticos foi ela que fez. Ela e o filho e a nora...

HC - E há uma fase em que há muitos azulejos de Rogério Ribeiro que não sei quem é...

PB - O Rogério Ribeiro é um pintor, do PC que dirigiu a Casa da Cerca.

HC - Isto é um corte da cobertura, é de madeira.

PB - Então: aqui tens tu um belo pormenor.

HC - E aqui o desenho da estereotomia espinhada.

PB - Do chão? Tudo contido, são os patins das escadas...

HC - «Solstício de Inverno, cela voltada a poente - estudo da iluminação solar». A funcionária da Câmara Municipal de Cascais falou de uns arquitectos que atribuíram à luz que entra pelo rasgo um significado místico, porque é a primeira luz da manhã ... nas celas a nascente. Para mim aquilo é uma entrada de luz colocada à esquerda, para se poder escrever, porque a secretária está nesta esquina, e não é mais do que isso.

PB - Claro, e não é mais do que isso.

(...)

HC - Pode fazer-se uma relação entre o *funcionalismo* da arquitectura das celas - um espaço que dá para tomar banho, e não dá para mais, um sítio que basta para dormir... etc. - com a arquitectura religiosa também *funcionalista* do início do MRAR, muito baseada no estudo dos movimentos das pessoas na acção litúrgica... «o padre vai à esquerda, o padre vai à direita», e que depois é criticada

por Pedro Vieira de Almeida e Nuno Portas nas reuniões do MRAR, e resulta na Igreja de Pedro Vieira de Almeida nos Olivais, que não tem nada disso, é um plano onde pode decorrer uma acção..

PB - É uma casa Japonesa....

Há uma mistura entre o mosteiro e a habitação social... e há um certo franciscanismo, uma certa ideia de ordem mendicante, não sei se os beneditinos são... Há uma certa ideia de despojamento dos confortos do mundo e do essencial. E os mínimos para... tanto em dinheiro, como em fausto ... nada de supérfluo. Só que quando o desenho também começa a ser muito impositivo torna-se uma coisa assim cheia de bicos e de sítios e a querer um quarto aberto em que pode mexer a mesa de sítio, mas isso é como tudo. A arquitectura caminha e volta ao mesmo sítio.

Olha, tem um boneco... quem será este? O Torre do Vale? É uma caricatura, este gajo é um gajo qualquer que estava ali. Será o Torre do Vale?

(...)

HC - Há uma diferença que notei entre estes corrimãos e os do Sagrado Coração de Jesus. São muito parecidos, o desenho é muito semelhante, só que no Sagrado Coração de Jesus eles têm...

PB - Um sítio para agarrar.

HC - Sim, não são só uma tábua, têm depois outra peça, *triangular*, que permite que a mão faça *isto*, enquanto que estes são mais simples, são só uma tábua. Mas estes desenhos ainda não têm nada a ver. Este desenho curvo teria sido outro projecto diferente.

(...)

PB - Isso são alterações ao que estava projectado. Uma cópia de um desenho feito com alterações feitas a lápis em cima e com números, cotas para dizer que não é assim, é de outra maneira. É capaz de ser um desenho de obra.

PB - Isto é a letra do Nuno Teotónio (Estudo Prévio)

HC - No estudo prévio que entra na Câmara não há planta, só planta de cobertura.

PB - Um esquema... isto hoje em dia não se pode chamar estudo prévio, mas eles chamavam assim.

(...)

HC - Tinha um confessionário e tinha o altar ao meio.

(...)

PB - Isto é a letra do Nuno também.

HC - Isto é para encaixar o tapete?

PB - Menos 3 cm? Deve ser. Isso deve ser o esclarecimento de uma coisa em obra ou um desenho sobre uma coisa que já está feita.

(...)

PB - Aqui há duas *layers* completamente diferentes. A vermelho é uma pessoa e a azul outra. A arquitectura é desenhada, mas a criatura humana não. «não se senta ...» (lê)

(...)

PB - Eu acho que tu disseste há pouco uma coisa muito importante. E enquanto não tiveres bem noção do que isso é, eu acho que devias mover-te com muita calma, que é, tu disseste eu tenho que ter uma linha de orientação para a tese. Portanto antes de ficar embriagado com o material... o saber que material se tem pela frente pode orientar a linha de condução para a tese, mas a linha de condução para a tese não pode estar dependente só disso. Não sei como se faz uma tese, é como qualquer casamento. Tem de ser feito em função da circunstância e daquilo a que se tem acesso e das condições que se tem e do tempo. A coisa pior do que todas que já aconteceu a vários alunos foi quererem mais do que podiam. Pode ser uma tese que seja só um esboço de uma tese. No sentido em que é, não é uma tese, é a tal dissertação, como eles chamam, um ensaio que pode transformar-se em tese de doutoramento, mas que agora não é. Agora é só uma primeira hipótese, um primeiro esboço, uma espécie de draft de uma tese. Eu acho que num caso como este ...

Isso é que são as coisas do Nuno Portas, esses postalinhos, nos projectos que eu conheço... na casa... aliás no livro estão lá uns postalinhos destes, se reparares vêes estes postalinhos, há assim uns postalinhos. E também fazia estas coisas [perspectivas], como no Restelo, que é ... o projecto está mais ou menos, é preciso uma coisa que ajude a perceber e ele faz uma perspectiva.

Desculpa estar aqui, mas eu também estou curioso. Há muitos projectos que eu conheço, mas este nunca tinha visto. Isto é um alpendre... Não existe? Não se fez...



HC - Mas não chegou a ser feito. Este tipo de pormenor de ligação do pilar de madeira ao metal só vi numa obra do Diogo Lino Pimentel, a Capela do Olival.

PB - Eles andavam todos atrás uns dos outros e todos atrás dos de lá de fora. A arquitectura é uma promiscuidade.

Mapas de aduelas, mapas de vãos, esboços, mil e uma soluções para frestas ...

HC - Não sei porque diz aqui CODA que eram os projectos finais...

PB - O Pedro Vieira de Almeida também fez o CODA no Porto, não foi?

HC - Fez um trabalho teórico sobre o espaço.

(...)

PB - Porta 9, porta 10, isso são esquemas para elaborar o mapa.

Isto é a entrada, aquela da altura da camioneta.

HC - Mas não tem lá a caleira. Tem qualquer coisa.

PB - E em cima tem a caleira em tamanho natural, verde...

HC - Era em cobre, por isso é que está a verde.

PB - Por isso é que está a verde... Não, isso é porque em novo é castanho e depois fica verde, com o verdete. Essa janela é que de facto, Nossa Senhora, está sempre a aparecer e a desaparecer, e a voltar e a... é uma perseguição, e há mais, mais janelas. Olha um alicate todo bem desenhado.

HC - Isto é um candeeiro no tecto, acho que isto existe. Esta porta também existe, uma espécie de porta pivotante. Isto parece uma coisa mais agrícola.

PB - Isso é um desenho de chão de estereotomia, com portas em cima, porque este movimento só pode ser feito se aquela coisa escura for um pé no chão, senão bate, portanto, e porque há aqui umas coisas quaisquer. ... «Amigo Romeul» Isto é o Romeu Pinto da Silva (...) «Se me permites um conselho, que me não foi pedido, parece-me que quando diminuir as bandeiras arriscamo-nos a ter bandeiras maiores. Eu queria ao invés de uma folha» ... e ... Pedro César! «PC» é Pedro César, isto é um recado do Pedro Vieira de Almeida. O Pedro Vieira de Almeida chamava-se Pedro César

Vieira de Almeida. Portanto isto é a letra do Pedro, e agora podes comparar. E o Romeu Pinto da Silva era o que estava a desenhar. Pronto, mas isto agora está decifrado. O P.C. é Pedro César que é o Pedro Vieira de Almeida. E isto pelos vistos é um desenho do Romeu... Bom aí tens uma caligrafia do Pedro Vieira de Almeida se quiseres comparar. PC não é partido comunista, é Pedro César. Isso faz muita, sabes que isto a mim também me faz um bocadinho de saudade, porque eu devia ter para aí oito ou dez anos quando conheci o Pedro, ele trabalhava lá no atelier com o meu pai. E ainda me lembro do irmão dele, o Vasco fazer carreiras de colchão, nas marés vivas, na praia de São Pedro do Estoril.

HC - Esse é o irmão que foi ministro?

PB - Sim.

(...)

Tu tens aí como é que se monta um puzzle. Portanto: tu tens aqui um exemplo do que tu tens de fazer. Há uma ideia forte geral, depois tem partes, mas tu podes tratar só a ideia forte geral, um dia quando tiveres mais tempo tratas das partes. Este edifício tem uma coisa muito relevante que é ser uma coisa com muito trabalho que não existe, não está lá não foi feito. Enfim «Pedro César», «Amigo Romeu», com muito boa educação, «um conselho que não me foi pedido». O pai do Pedro Vieira de Almeida era professor universitário, acho que era da faculdade de letras, acho que era de filosofia e acho que era monárquico. O Pedro teve uma educação à moda antiga. O Pedro era um tipo muito complicado. Ele só ficou diferente depois de ter tido o acidente cardíaco. Ficou muito mais terno, muito mais, como hei de dizer... ele era muito agressivo, zangava-se com uma facilidade enorme.

HC - Ao que parece, depois abandonou as duas obras nas igrejas...

PB - Mas isso é porque as pessoas o contrariavam e ele não aguentava ser contrariado.

(...)

HC - Este começa com «Pedro».

PB - Isso é para ele, isso é capaz de ser do Portas. «Como te disse ontem, se a estrutura está betonada, a ordem de betonagem está gravemente invertida.» Isto não é a letra do Portas.

HC - «Pedia que mais uma vez chamasses a atenção deles para isso pois não devo poder falar da fábrica para o Almeida Henriques.»

PB - «E à hora a que chego a Lisboa ele é capaz de já não estar na empresa.» - Almeida Henriques é o construtor - «A única solução que vejo seria a destruição pura e simples do que já foi feito. Como não lhe compete terminá-la nem me parece que estejam dispostos a destruir o trabalho realizado só há a aguardar que aquilo não caia ou pôr pilares a meio das celas a reforçar os pavimentos, quanto ao chapéu julgo que poderá ficar assim.»

Não sei o que isto é, mas isto não é a letra do Nuno Teotónio, a letra do Nuno Teotónio não é deitada, isso deve ser outra pessoa, não sei, pode ser o Portas. Agora, o que é que isso mostra? É que há uma pessoa central neste projecto que se chama Pedro César que ou dá recados ou recebe, mas está ele a tomar conta e isso é uma coisa interessante. Isso é uma fotocópia. Isso é uma coisa escrita pelo Nuno Teotónio...

HC - Mas diz «PVA» ... não percebo. Isto são os candeeiros... «capela tecto», eles têm dois candeeiros, os fluorescentes e os incandescentes que são virados para baixo. E depois ... «PVA» ... «vigas capela» ...

PB - «Ver desenho Pedro Vieira de Almeida, remates vigas capela dos dois lados». «Ver desenho», é o que aqui está escrito, confirmando que o desenho é PVA. Não é o que está escrito? Isso parece-me escrito pelo Nuno Teotónio. Bom..., mas a tua tese não é sobre grafologia.

Eu só estou com estas coisas porque se tu estás a fazer um trabalho sobre uma obra do atelier tu tens que perceber que aquele atelier não é como com o Siza que depois de muitas ajudas, no fim, desenha ele a solução. Não é a mesma coisa. Isso é um mapa de acabamentos? Não é um mapa de tempos.

HC - Isto é uma visita de obra. É 70... ainda estávamos em obra?

PB - O Nuno é que fazia as visitas de obra, isso é escrita do Nuno.

HC - Mas aqui diz 64... 70 não pode ser a ampliação... deve ter sido uma correcção qualquer. Sim «ventiladores que faltam e clarabóia»

(...)

Mas aqui... «ritmo largo, respiração»

PB - Claustro. Isso ainda são ...isto tem todo o ar de serem assim umas notas para se discutir qualquer coisa.

HC - Mas aqui fala em «ritmo largo, necessidade de pilares, pilares em betão ou em ferro, ritmo largo respiração, ritmo curto, marcha».

PB - «Passagem dos hóspedes através do átrio a quem serve a sala grande» ... isto são umas notas para discutir qualquer coisa que havia por aí.

(...)

Sempre estive muitíssimo curioso sobre o que é que foi a passagem do Pedro pelo atelier, porque a última vez que estivemos juntos foi quando ele soube que eu tinha desenhado as moradias do Restelo. Porque ele não sabia e ficou interessado nisso. E eu sempre imaginei que a passagem do Pedro pelo atelier também tinha sido uma coisa muito importante e eventualmente menos compensatória do que tinha sido para mim. Porque apesar de tudo eu cá não me posso queixar. Portanto o Pedro para mim é uma figura bastante enigmática. Um tipo que não se dava muito bem a ... ele era muito agressivo, ficou mais suave depois de ter estado doente. E eu nunca me dei muito com ele... só estou curioso, estou curioso com isto.

(...)

(Romeu Pinto da Silva) O nome dele deve estar no livro. Há uma coisa que também é preciso perceber no atelier, quem tinha mais coisas para dizer aparece mais vezes. Quem estava mais calado a certa altura desaparece.

(...)

Isso é que é o trabalho do, como se diz na América, há o produtor e o realizador, esse é o produtor a dizer o que é que quer. Esses textos podem ser muito importantes para apanhar o fio à meada.

HC - Ele põe as hipóteses de construção. A primeira é: «construir todos os órgãos essenciais tipo igreja claustro etc. e deixar para futura ampliação apenas as celas.» E escreve, «possivelmente não realizável». Hipótese B: «como em Roriz» ...

PB -Esse texto é muito importante para ti!

HC - E Roriz é do Raul Lino.

PB - «Em que umas instalações são servidas por outras para outros fins até à construção definitiva - muito inconveniente. Os órgãos instalados durante muito tempo em locais inadequados, péssima solução.»

«Admite-se que quando feito organicamente não planificado..., mas desde que há um plano e que se prevêem grandes intervalos o plano deve ter em consideração as fases de construção e, portanto, evitar este sistema. Mas como? 1ª Fase: Mosteiro propriamente dito com todas as celas as sobrantes destas seriam aproveitadas para hospedaria provisória. Depois deste, construção de um corpo de hospedaria, depois outro etc. a Igreja ou [Igreja] no refeitório e este numa sala capitular ou a igreja género barracão barato ou só a zona do santuário coro e as restantes zonas em barracão.»

Tu estás a ver a importância do Nuno Teotónio... Estás a ver como é que é? Tu folheias uns esquissos e vês o Pedro Vieira de Almeida, mas de repente pegas num texto onde tens o fio de pensamento todo explicado. Portanto há umas pessoas que esgalham, mas há uns gajos que montam a peça de teatro toda e fazem uma espécie de guião com todas as alternativas. Isso é muito interessante, por exemplo.

HC - «O mosteiro deve ser uma construção estática, acabada, completa, fechada e envolvente ou pode ser dinâmica em crescimento contínuo. A solução é: 1 fazer o plano tão completo quanto possível ou construir por fases, mas de modo que na primeira fase não tenha o aspecto de uma construção por acabar.»

PB - Ficou com esse aspecto

HC - «Permitindo mesmo para além do plano total a possibilidade de ampliação. As zonas do mosteiro, hospedaria e anexos podem vir a ampliar-se.» E depois faz um esquema tradicional de crescimento em desenho. .... Ampliar para além do que nunca foi.

PB - Sim, mas as cores devem querer dizer, primeiro, a seguir, a seguir e mais a seguir ainda... há aí umas ... as intensidades devem corresponder às idades.

HC - Em 59 pensava-se mesmo que a igreja ia crescer, crescer, crescer... «A separação da clausura deve ser claramente exprimida nos volumes».

PB - «A separação da clausura deve ser claramente exprimida nos volumes, correspondendo por exemplo a corpos distintos ou não desde que haja zonas mistas haverá realmente? Quais? Capela».

HC - Aqui temos um horário das irmãs: levantar, laudes, missa... parece que o arquitecto foi lá ao mosteiro e foi ele que fez o programa à mão....

PB - Pois elas não sabiam... e há outra coisa é que ele estava mais interessado no projecto do que elas. O Nuno Teotónio era muito metódico, muito cumpridor, muito trabalhador, e nessa altura ainda não lhe tinha morrido a mulher. Ele depois de lhe ter morrido a mulher ficou muito abatido.

(...) O esquema foi usado, foi mantido. Depois foi refeito com esquadros de 45° graus. «Agora que têm aqui o roteiro, se faz favor fazem a arquitectura.»

(...) O problema dessas coisas é que se deres a uns fica de uma maneira de deres a outros fica de outra. (...) Isto é um grande ensinamento que tu estás a aprender.

HC - Pode ser que me ensine a fazer o meu projecto.

PB - Os projectos fazem-se pensando-se sobre o que se quer que sejam, não é à espera que eles apareçam. A gente pensa!

(...)

HC - Sala de exposições e salão auditório, refeitório e locutórios.

(...)

PB - Elas viviam de alugar quartos, era o rendimento que tinham. Porque quando fiz lá em baixo aquela coisa no Torrão, os hóspedes ficavam separados da clausura. Com refeitório autónomo e tudo.

HC - Mas as celas delas já eram simplórias como ficaram.

PB - Sim, sim, são sempre umas coisinhas pequeninas.

HC - O que eu quero dizer é que não tinham este desenho.

PB - Não tinham porque são a sul. Isto é para ir buscar o bocadinho de sul que há de um lado e do outro. É essa tentativa de deixar entrar o Sol...

HC - Então... a enfermaria é aqui... e esta é a tal ligação directa à igreja...

PB - Os doentes podiam rezar, mas muito pouquinho. No Torrão os doentes estavam no 1º andar e havia um balcão na igreja para irem rezar, para não terem que ir lá abaixo. Porque estas pessoas adoecem muito porque vivem muito. Estão velhos e ficam lá dentro, não vão para o lar, ficam ali.

(...)

PB - Em cima de uma velha cópia há uma nova forma que define um pouco que aconteceu. Portanto tens aí um bocado de história que aconteceu.

(...)

Por isso e que eu digo que vale a pena ver que material tens antes de começar aí doido a fotografar tudo. Não quer dizer que não faças depois, mas primeiro tens que ver o material para perceber o que é que queres fazer. Porque tu agora simplesmente tinhas o pé à porta, foste aí, foste à camara e não sei quê. Agora aqui tens uma espécie de história gráfica. Tens uma história escrita e ilustrada. Portanto agora podes perceber o que queres disso ou se não queres nada. E não é de repente que tens a ideia.

Ia dizer o seguinte. Tu estás a visitar um edifício que não existe, mas que é visitável. E com cicerone. Tu até tens um cicerone que te diz o que é que estava a acontecer, o que é que não aconteceu... o que é que não sei quê... Portanto tu tens material que te permite visitar uma obra virtual. Não é na net, não é em digital, mas é em papel. E, portanto, permite-te depois de visitares a obra podes pensar sobre o que ela te faz pensar ou sobre o que é que queres tratar ou o que é que queres falar. Que pode ser só sobre o método e não sobre o concreto. Pode ser uma conversa sobre o processo e não sobre os resultados. Pode haver muitas maneiras de abordar isso. Ou pode ser uma conversa sobre o processo que tem algumas ilustrações nos resultados. Como se o que lá estivesse feito fosse uma espécie de protótipo para uma coisa que não aconteceu.

HC - E é...

PB - Mas eu só estou a falar por falar. O que eu acho é que só depois de perceber qual é o tesouro é que tu podes perceber que pedras preciosas vais tirar do tesouro para mostrar aos outros. Exactamente porque neste projecto tu és obrigado a seguir o processo com muita atenção em vez de *à vontade* visitar um edifício e elucubrar sobre ele. Tu aqui só tens o documento da secretária. Não tens a

coisa lá sem ser uma pequena ilustração. Mesmo que isto não sirva para nada eu acho que é importante se estás a trabalhar nesta coisa ver isto.

HC - Mas isto serve para tudo

PB - Pois, mas serve sobretudo para tu perceberes que há uma dimensão muito grande que não dá para agora fazer toda, mas dá para fazer uma espécie de esqueleto de uma coisa que pode ser feita mais tarde. Não sei, o orientador da tua tese não sou eu. Felizmente, não sabia orientar-te.

(...)

HC - Aqui parece pôr-se esta nova possibilidade, uma capela só para 200 pessoas.

PB - Começa a reduzir-se o programa?

(...)

HC - Observações: Pobreza, situar os quartos de modo que não estejam no lado frio, dispor as alas de forma que o mosteiro não seja devassado pelas hóspedes. Linhas sóbrias, espiritualidade monástica, marcar a diferença entre o mosteiro e a hospedaria, mas guardar a simplicidade em toda a parte.

PB - Arquitectura escrita ... e depois há arquitectura desenhada.

(...)

HC - Regulamento da Costa do Sol: ocupação de zona rural, 1%, requerimento de 5%.

PB - Falar com o Celestino da Costa. O Augusto, Celestino da Costa presidia à Direcção Geral de Urbanismo

Eles deviam ser da mesma idade.

PB - Então faziam um requerimento para aumentar a taxa de ocupação. Mas a razão da compra do terreno pela câmara e não por outro, por exemplo um movimento católico que queria fazer um colégio, foi o impedimento de construir lá mais corpos, porque agora o terreno está sob outro tipo de protecção.

(...)

PB - Isso são reuniões. (folhas com anotações de NTP)



HC - Aliás elas já viviam lá, num apartamento.

PB - Isso é como no Torrão. Viviam lá numa casa e queriam fazer a casa delas.

Mas uma das coisas por exemplo muito importante na arquitectura é o tempo de a conseguir fazer. Que é uma coisa que agora vocês não têm noção nenhuma. Claro, não estamos no tempo das igrejas góticas que demoravam 100 anos a acabar, mas estamos no tempo em que as coisas são lentas e difíceis. E avançam e recuam e mudam. A arquitectura não é como agora essa coisa que um tipo come e vomita a seguir. Portanto o tempo é uma coisa ...

(...)

Em 59 o Nuno tem 37 anos. E eu tenho 10 anos. 11. Nós tínhamos 26 anos de diferença.

(...)

## Terceira Conversa - depois da consulta do arquivo - 24/10/2018

Esta conversa, no dia 24 de Outubro de 2018 foi participada pelo Arq. Pedro Mendes

**Pedro Botelho (PB)** - Porquê? Não sei se existe outro projecto naquele atelier com as características daquilo que tu viste no outro dia, que eu vi, que eu vi!

Que são:

- Um trabalho de programa arquitectónico digamos assim
- Eu não sabia que havia no atelier, não sei se há outro trabalho assim, não sei. Mas eu diria que tu foste desembrulhar uma coisa que eu nunca tinha visto. E que é o quê?
- É um projecto que tem uma aproximação inicial semi-teórica, digamos assim, um trabalho orientador que até tem uma primeira e uma segunda (como é que tu chamaste aquilo?)

**Hugo Casanova (HC)** - Estudos prévios.

PB - Pronto a gente agora dá outro nome, mas vamos já agora usamos os nomes que lá estão.

Tem um primeiro e um segundo estudo prévio com três ou quatro pontos muito interessantes, incluindo uma curta avaliação do que é Roriz. Que são muito interessantes do ponto de vista da maneira como se equaciona um problema. E depois tem uma coisa, que eu não fazia ideia de que havia alguma coisa lá no atelier e que eu creio que a igreja não é assim, a igreja do sagrado coração.

No caso do convento de Sasseiros nós estamos perante uma coisa em que o Nuno Teotónio Pereira faz uma espécie de pré-programa gráfico sobre o qual os organicistas trabalham. E essa coisa interessante passou-se no Restelo, de outra maneira.

HC - E aí foi o Arquitecto Nuno Portas não foi?

PB - E aí foi: eu recebi uns esquemas de fogos a 1:200, sem linguagem e eu mudei-os e introduzi a linguagem. Portanto, eles também receberam uma espécie de esquema gráfico com muita clareza: que desenhava dois braços e uma quadricula central que distribui aqueles programas e entretiveram-

se a pôr ali quadrados rodados uns sobre os outros e portanto em cima de uma base digamos, quase que de pura função, uma base funcionalista e de desenho muito simplório eles estabeleceram uma série de outros valores linguísticos que deram aquilo uma pujança grá[fica]... uma pujança plástica muito grande, portanto. E eu acho que isto, este facto, que eu não sei se existe noutros projectos do atelier, porque eu nunca tinha visto assim, o Bartolomeu sempre me disse que tinha recebido do Nuno Teotónio um desenho de alçado feito numa caixa de fósforos... pouco mais, portanto, de alguma maneira as coisas não ficaram registadas como ali ficaram, ali há um registo de um procedimento que provavelmente se repetiu noutras situações, mas não está registado.

HC - Encontrei umas folhas em que, possivelmente, o Pedro Vieira de Almeida escrevia: «reunião com NTP»

PB – Sim

HC - E depois tinha todos os tópicos que ia tirando da reunião, e depois havia a folha seguinte, já com outra data «reunião com NTP» e os tópicos, depois «reunião com o Jaime» - vim a perceber que era um engenheiro de estruturas.

PB - Sim. A segunda questão muito interessante (à parte) Este gajo descobriu um tesouro!

A outra coisa muito interessante é que começa a ficar clara a enorme importância da dupla Portas-Pedro César que acontece ali e que nasce ali, nasce ali, não, ali ela aplica-se a um raciocínio prévio do Nuno Teotónio, o que é muito curioso, porque eles tiveram uma parceria muito forte na casa hexagonal, na casa de Sesimbra. O Nuno Portas faz primeiro a moradia da Praia das Maçãs, faz sozinho com o Nuno [Teotónio Pereira] a olhar. Depois eles trabalham intensamente na casa de Vila Viçosa e na casa de Sesimbra, mas eu não creio, que nem em Vila Viçosa nem em Sesimbra, eles tivessem um pré-projecto feito pelo Nuno Teotónio como têm aqui.

E é muito curioso perceber este processo. Este processo de certa forma configura aquilo que já no outro dia eu te tinha dito do Nuno Teotónio como produtor do filme e eles como dupla de realizadores, se quiseres, à maneira europeia, o Nuno Teotónio como produtor à americana, portanto um produtor que intervém, que é interventivo, é como se fosse um curador, e uns gajos que produzem a forma, produzem a solução no fundo, produzem o som final,

Ora bem, eu acho que isto tem muito a ver com o que tu podes fazer. Não sei qual é o teu programa, não sei o que é que tu vais para ali fazer, mas sei que eu fiquei fascinado com uma ideia que era, os esquemas funcionais simplificados e rectilíneos iniciais, até do primeiro, os primeiros, que são muito, muito minimal..., são muito pouca coisa, mas que orientam o trabalho do paisagista, que esse está no terreno. Há ali um diedro, não é, que é formado pelo braço norte sul e pelo braço nascente poente, há depois aquela espécie de mosaico de quadrados em escadas que agora, que dantes tinha uma coisa por baixo.

HC - Já tinha uns alçados com rectângulos só que acompanhavam o terreno

PB - Exactamente, portanto o teu trabalho podia ser agarrar nos mesmos princípios, mas fazer uma espécie de ruína que não é, que é, no interior daquelas sebes feitas pelo [Júlio] Moreira, desenhar o mínimo que permitisse perceber a ideia inicial daquela coisa, desenhar uma espécie de jardim, pensei em desenhares uma espécie de jardim, mas pensei que tu se calhar tens, levas para lá um ... não sei se ele faz hotel, se faz restaurante, se dorme lá se não dorme lá..

Mas eu acho que também podias, se quiseses, demolir a obra dos anos 80. Demolir pura e simplesmente. Demolir. Dizer assim, houve aqui um momento dramático em que foi preciso improvisar um corpo que está muito degradado e que deve ser demolido.

Fotograva-se guarda-se e arruma-se.

E eu fiquei muito curioso sobre o corpo das celas verdadeiras, as celas de reclusão, as celas das monjas.

HC - A questão é que eu encontrei algum paralelo entre esse corpo e o corpo dos anos 80.

PB - Pois encontraste, pois, encontraste, exactamente, só que o corpo...

HC - É norte sul.

PB - Não, está no prolongamento do outro.

HC - Pronto, mas rodou

PB - Mas é uma espécie de assassinato do processo. O corpo dos finais de 70. Nessa altura o Nuno Teotónio estava sozinho no atelier, creio que não tinha ajudas de ninguém.

HC- Mas ele chama-lhe remate.

PB - Sim, mas o verdadeiro remate eram os corpos previstos no projecto inicial.

No que viste em Sacavém o Nuno tem os princípios todos daquilo, feitos a régua e esquadro só de 90 graus e depois os dois malandros, pegam naquilo e começam a rodar quadrados uns sobre os outros e pegam nos esquadros de 45° e transformam, não é completamente, mas introduzem uma linguagem. Eles fazem o contrário do que nós depois fazemos no Restelo, que é: o Nuno Portas traz-nos umas coisas assim todas torcidas e nós dznn znn dznn...endireitamos e rebocamos tudo.

Mas ouve, eu acho que isto mostra-te a *super riqueza* do que se passava ali dentro, e, portanto, acho que tu tens um , não sei o que é que tu vais fazer, mas acho que tu não precisas de fazer muito, tu só precisas de mostrar o que viste.

E tu viste ... não sei se mais algum projecto do atelier tem aquilo. Aquilo não há nas Águas Livres, eu acho que aquilo não há na igreja [Igreja do Sagrado Coração de Jesus], e aquilo acontece porque aquilo é um projecto complexo que é dado ao Nuno, ele responsabiliza-se por aquilo, mas depois, como não pode fazer, entrega. Mas ele confia que os outros fazem bem. E é por isso que ele entrega. Ele entrega porque ele sabe medir até onde é que vai. E o atelier é feito destas coisas. Tu... tu, vocês, neste caso tu, tens perante ti uma coisa olha, que eu nunca tinha visto, que eu nunca tinha visto.

Portanto, voltando ao que eu estava a dizer, se tu usares para ti, agora que sabes a história toda, sabes o princípio e o fim do filme, se usares os esquemas que ele desenha para o princípio do filme, para tu usares e agora lhe deres, o que tu entenderes que é a tua posição perante aquela ponte que existe ali entre o Corbu e o Frank Lloyd Wright, uma espécie de arco a agarrar aquelas coisas, enfim, exagerando, tentando simplificar o raciocínio, tu agora tens liberdade para fazeres o que tu quiseres, mas tens que ter a liberdade coarctada como eles também tiveram. Porque eles estiveram ali, eles andaram ali na linha, fizeram umas coisinhas. Empurraram de um lado, empurraram do outro...

**Pedro Mendes (PM)** - Eu vi muito mal o corpo novo, mas para além do óbvio contraste, e depois de ouvir essa história que o Hugo também já me tinha contado um bocadinho

PB - Eu fiquei ...

PM - Eu acho que o corpo novo é a expressão disto que estavas a dizer, o corpo novo, apesar de todas estas contingências da vida do Nuno Teotónio, é o Nuno Teotónio sozinho com os esquemas de organização do programa. Não teve os outros arquitectos ao lado.

PB - Estava sozinho, estava sozinho. Estava sozinho e muito frágil.

PM - Estava sozinho, poucos recursos e uma situação geral muito difícil.

PB - *Faz-se.*

PM - Quando se passa de uma ala para a outra, aquela riqueza, eu não conhecia a história, mas tu sentes, há ali bom arquitecto com mão para a arquitectura, é uma coisa que não se consegue explicar.

PB - Dois gajos à disputa.

PM - Não, mas há ali alguém que tu dizes que é o Pedro porque conheces.

PB - Eu digo que é o Pedro, porque tudo confirma.

PM - Há ali alguém que desenha.

PB - Tudo o que eu tinha ouvido é confirmado pelos papéis incluindo isso que tu disseste há bocado não é...

PM - Porque o Portas não está a desenhar no estirador.

PB - Mas a perspectiva grande é dele, exactamente como no Restelo.

PM - E a experimentar geometrias.

HC - E os cartõezinhos...

PM - É ... traz outras coisas para o projecto.

PB - Ele traz coisas, ele despeja em cima do estirador coisas.

PM - Eu estava a dizer isso... vê-se que há ali um arquitecto com mão, quando digo mão é talento a desenhar, a fazer e a pormenorizar. Aquele corredor das celas, as torções.

PB - Aquilo é uma espécie de *carloscarpiana coisa*.

PM - Muito bem feito, aquilo é muito bem feito.

PB - E quando se chega à igreja de Olivais há um Carlo Scarpa e régua e esquadro, mas há sempre ... tu conheces Carlo Scarpa?

HC - Só conheço uma coisa em Veneza que tem umas portas em pedra...

PB - O Pedro foi ver o cemitério...

PM – Sim, mas o Scarpa é rendilhado em betão. Muito bem feito.

PB - Mas se tu vires os vegetais que ele foi desdobrando, há não sei quantas vezes a mesma janela feita de não sei quantas maneiras.

PM - Aquela janela é entre o Scarpa e o Frank Lloyd Wright.

PB - Exactamente, exactamente...

PM - Aquilo está cheio de Wright e de Scarpa e de coisas dessas, só que ali depois há um trabalho sobre essas coisas todas, elas não são directas, não são bacocas nem copiadas.

HC – Mas assumindo as duas coisas, a de que a qualidade construtiva é má e a de que a fase da vida do Nuno Teotónio Pereira também era má, aquele corpo último é condicionado também por uma coisa que vinha do início, em que se dizia que a ala dos hóspedes ia ser *mais rica* que a ala das monjas. A ala das monjas ia ser mais pobre e mais fraca do que a hospedaria que é aquela desenhada com essa *mão*.

PM - Mas o betão ... quer dizer aquilo depois ficou tudo truncado, provavelmente tiveram de hospedar as freiras e os de fora no mesmo sítio.

HC - Sim, mas originalmente os quartos que foram construídos não eram para elas.

PM - Aquela do betão, não era para elas, era para os convidados?

PB - A delas era na outra ponta da igreja.

HC - A delas era perpendicular.

PM - Era mais austera?

PB – Não... e era lisinha, lisinha, lisinha, mesmo na solução do Pedro.... Há uma questão que é: como o projecto a sério é só feito num bocadinho muito pequeno, vamos lá ver...

(...) desenhos

PB – O outro é uma coisa mesmo a safar, agora não o vais deitar abaixo, mas no projecto académico, tu podes pôr e tirar aquela coisa, podes pôr e tirar. Podes mostrar as dúvidas que tiveres, pronto.

Já mostraste a 1ª fotografia que tiraste lá, uns quadrados a preto e branco? Um vegetal com uns quadrados. Isto é quando eles começam a mexer os quadrados dele. O processo é absolutamente incrível.

PM - Começam a partir aquilo. Isto dos convidados é desenhado como uma cela, está cheio de Le Corbusier e de conventos...

PM - Estudo da luz solar: a cela é muito bonita. No Inverno era o dia em que chegava um raio de luz solar lá ao fundo, ao chuveiro.

PB - É porque está tudo documentado...

PM - É uma espécie de diário de bordo, como nos navios, os projectos deviam ter isso.

PB - É uma espécie de diário de bordo, está tudo documentado.

PM - Tens aí material muito interessante.

PB - Não, a única coisa que ele corre o risco é de se perder no meio daquilo. O que eu lhe disse e repito é que ele devia fazer uma tese que era um esqueleto de uma tese mais desenvolvida, era uma espécie de pré-tese portanto ele agora fazia as tais 10 000 palavras ou lá o que é isso.

PM - Fazias a pesquisa! Se conseguisses fazer a pesquisa este ano ... ordenar aquilo e elencar, saber... o que é que há de material.

PB - Exactamente, ter uma ideia do que é que podiam ser os capítulos de uma tese em vez de andares a querer tudo...

PM - Mas olha é preciso fazeres um projecto no meio disso!

PB - Mas o projecto ... o que eu lhe dizia é que ele podia portar-se como se fosse o Pedro Vieira de Almeida. Só que agora, está perante um quadro, no limite porque já não pode dialogar nem ter reuniões, mas tem uma serie de material que lhe permite... e se te portares como as pessoas do atelier introduzes agora a tua própria linguagem



PM - Consegues traçar o perfil arquitectónico de cada um deles.

PB - Portanto tu agora és o quarto autor.

PM - Acabaste de entrar no atelier, os outros saíram foram tomar café e... nunca mais voltam.

PB - Eles não podem falar mais deixaram-te uma data de papeis e tu agora usas os papéis.

PM - Vais à procura das coisas e tens de avançar com aquilo.

## Quarta Conversa com o Arq. Pedro Botelho - dia 5/ 07/ 2019

Nesta curta conversa com o Arq. Pedro Viana Botelho, muito posterior às outras, pretendemos esclarecer algumas dúvidas no que respeita sobretudo ao mosteiro do Torrão, em cujo projecto trabalhou o arquitecto. A transcrição foi feita livremente com recurso apenas a apontamentos à mão.

### Mosteiro do Torrão

PB - “Houve ali no Torrão uma grande desgraça. A pessoa que nos contactou - era uma [Maria Gabriel] Neuparth que ficou doente. Esta nossa primeira interlocutora na ordem era uma pessoa interessada que sabia que aquilo era uma coisa específica, que não era uma coisa corrente, que não podia ser tratada por qualquer pessoa. A pessoa que lhe sucedeu, não gostava tanto de nós.”

PB - “O Torrão era um sítio importante antigamente, tinha algumas casas ricas mesmo a sério.”

PB - “As irmãs vivem de alugar quartos são uma ordem hospitaleira. Queriam um espaço para hóspedes junto à ermida (igreja) que tinha do lado norte uma construção de um só piso, que demolíamos para, nesse lugar, construir o mosteiro.”

PB - “No piso térreo do mosteiro havia uma espécie de pérgulas. Podia ser protegido por uma buganvília. A cantina era o que obrigava os hóspedes a atravessar o pátio e as pessoas não passavam da cantina. Tinham que apanhar chuva e sol para ir das casas dos hóspedes à cantina.”

### Derrapagem de custos e a relação do Mosteiro com a Igreja do Sagrado Coração de Jesus

PB - “A derrapagem nos custos do mosteiro de Santa Maria do Mar tem que ver com o facto de atelier não ter critérios de custos, nem de produção, nem de obra.... Estavam habituados a trabalhar para gente rica.... A comissão de obras da igreja do Sagrado Coração eram só paroquianos ricos, por exemplo, o dono do C. Santos, o Conde de Caria (Mendes de Almeida).”

PB - “No projecto de Sassoeiros, o atelier vinha com uma pedalada de fazer coisas caras. Também sabia fazer habitação social muito bem. O projecto [da Igreja] do Sagrado Coração [de Jesus], por exemplo, deve ter sido bem caro.”

PB – “A relação entre arquitectos e clientes exige confiança e a confiança, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, quebrou-se porque os clientes não gostaram... A maior parte do tempo em que acompanhei o assunto, o Nuno Teotónio estava de relações cortadas com o padre do Sagrado Coração. Era uma relação que não existia. Foi um conflito longo que foi um grande sofrimento ... uma coisa terrível... um conflito destrutivo e com muitas mágoas.

Para o Nuno Teotónio aquela obra era também um manifesto sobre a liturgia, sobre a cidade, a arquitectura do templo... Assim o demonstram os desenhos e os esquemas em planta para o desenrolar das acções litúrgicas no espaço, a dizer como se devia fazer.... As procissões, os lugares das celebrações, etc. ...”

PB – “A antiga igreja do Sagrado Coração ficava na Rua de Santa Marta, a *rua pobre*, no sítio onde está um edifício de escritórios que o Nuno projectou nos anos 80. A ligação entre as duas ruas é também um sinal de que a igreja não ficaria aberta só para a rua de cima, para o lado da Av. Da Liberdade, para os paroquianos ricos, mas uniria as duas ruas, dando acesso a todos.

Os degraus que existem a separar as ruas dos adros servem para perceber *que saíste da rua... que saíste de um lugar e foste para outro*. E há que ter noção que os degraus não eram vistos como um problema naquela altura. Só os Ingleses é que já tinham muitos problemas com os degraus por causa das pessoas que ficaram deficientes nas guerras, eles tinham muitas.”



## Viagem a Roriz, Santo Tirso

Para conhecer a vida nos mosteiros beneditinos, aprofundar a pesquisa sobre a Congregação das Beneditinas da Rainha dos Apóstolos e procurar testemunhos sobre a construção e a história dos mosteiros de Roriz, Sassoeiros e Torrão, viajámos no mês de Novembro de 2018 até Roriz, Negrelos, Santo Tirso.

Neste local estão localizados dois grandes mosteiros beneditinos, um masculino, a Abadia de São Bento de Singeverga e do outro lado do vale, o Mosteiro de Santa Escolástica de Roriz. Deste modo hospedámo-nos no mosteiro masculino onde vivemos o ritmo litúrgico monástico, baseado na liturgia das horas e também partilhámos as refeições com os monges durante as quais são feitas leituras. Os períodos livres serviram para conhecer melhor o carácter da vida beneditina e o edifício do mosteiro, projecto do Arq. Alberto da Silva Bessa, 1958<sup>429</sup>. Deste edifício realizámos um levantamento fotográfico, tal como do mosteiro de Santa Escolástica, projecto de Raul Lino (1937-1938; inaug.: 1939).

Os períodos da manhã e da tarde foram passados no mosteiro de Santa Escolástica de Roriz das monjas Beneditinas da Rainha dos Apóstolos, onde realizámos uma visita guiada ao mosteiro e um levantamento fotográfico, participámos em algumas das celebrações da liturgia das horas, analisámos e copiamos documentos de arquivo relevantes para a investigação, recolhemos informação histórica na biblioteca e testemunhos de algumas irmãs sobre o tema da nossa investigação e sobre a congregação.

Hoje já não há no mosteiro nenhuma irmã que pudesse dar um testemunho directo sobre processo de construção do Mosteiro de Santa Maria do Mar. Assim, os depoimentos são sobretudo um enquadramento da ordem religiosa e a vida monástica, testemunhos pessoais e esclarecimento de alguns factos posteriores à construção do mosteiro de Santa Maria e sobre os mosteiros de Roriz e Torrão.

Deixamos o nosso agradecimento à Irmã Maria do Carmo, Priora do Mosteiro de Roriz e às irmãs Cristina e Bernardette que prestaram os seus valiosos depoimentos. No mosteiro de Singeverga agradecemos ao Abade, D. Bernardino da Costa e ao Padre Luís Aranha, que nos acolheu.

---

<sup>429</sup> MARQUES, João Luís Rebelo Ferreira – A Igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975 [Em linha]. Porto: Repositório Aberto da Universidade do Porto, 2017. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet < URL: <http://hdl.handle.net/10216/110753>>

## Visita à Abadia de Singeverga



Figura 149 - Hospedaria da Abadia de Singeverga (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)



Figura 150 - Claustros e exterior da Abadia de Singeverga (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)

A Arquitectura de Singeverga apresenta traços da procura de um estilo *cristão* dentro da arquitectura moderna através de uma estilização do arco ogival em parábolas, solução também adoptada na Abadia de Solesmes, em França, e na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, no Porto, projectos do Monge Benedictino, D. Paul Bellot. Por outro lado, a organização do espaço e a estrutura do edifício revelam um projecto moderno, racionalista, apesar de procurar referências tradicionais, por exemplo os telhados em telha e a pedra granítica no nível térreo. A sala do capítulo e a igreja (prevista como refeitório) são duas peças particulares, individualizadas do conjunto e unidas apenas pelas suas entradas cujas estruturas portantes e de cobertura revelam um modernismo, talvez, referenciado em Perret. Os revestimentos de madeira, os vitrais, o órgão e a decoração não são do projecto original, correspondem à adaptação do espaço que foi projectado como refeitório em Igreja. O espaço recebeu uma tela atribuída ao pintor veneziano Tintoretto (c.1518-1594) herdada pelo mosteiro. O altar, o ambão e outras peças são fruto de uma intervenção coordenada pelo Abade de Singeverga, D. Bernardino Ferreira da Costa.



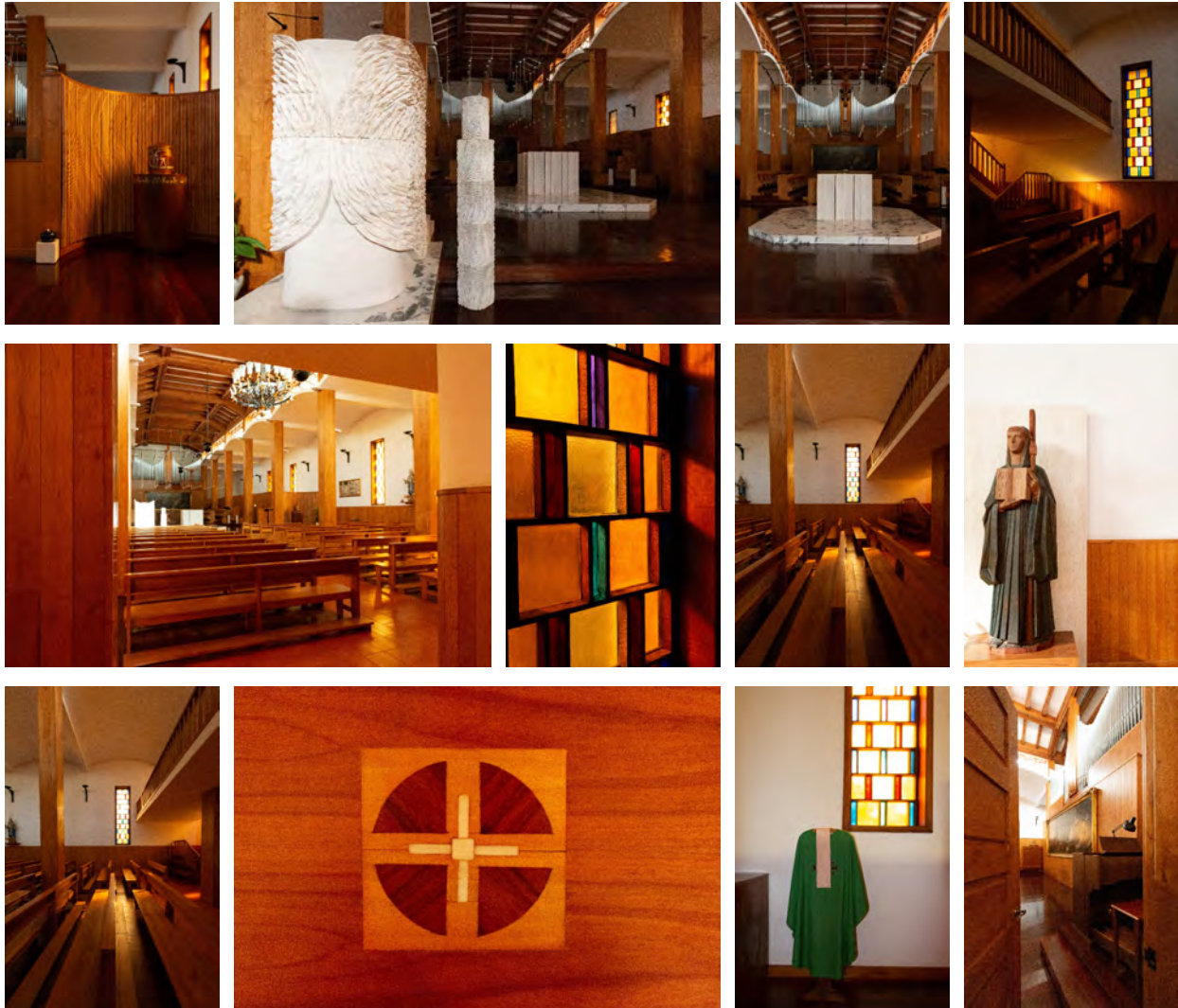


Figura 151 - Igreja da Abadia de Singeverga (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)



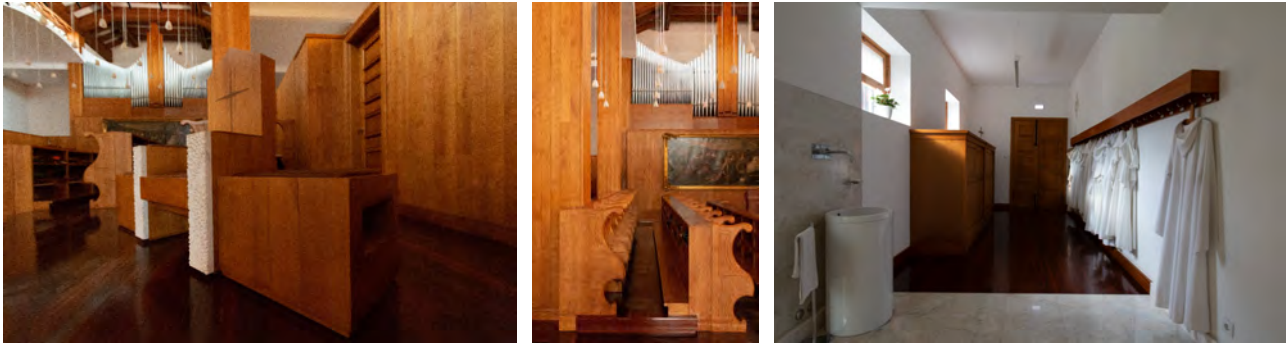


Figura 152 - Igreja e Sacristia da Abadia de Singeverga (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)

Focada na liturgia pós-conciliar esta intervenção inclui algumas peças do escultor Paulo Neves<sup>430</sup> e está justificada pelo seu orientador no livro *Espaço Celebrativo*. O Ambão, lugar das leituras, que com semelhança a asas recorda “o anúncio angélico da ressurreição de Cristo” que, o autor defende como sendo o mistério a representar sempre que se pretenda uma decoração iconográfica do ambão<sup>431</sup>. A sua estrutura sólida e fixa, tem o objectivo de “ser anúncio e memória da ressurreição, mesmo depois da celebração”<sup>432</sup> e a sua elevação em relação ao altar pretende mostrar que “o lugar da palavra é uma realidade litúrgica diferente”<sup>433</sup>.

O “altar de pedra e em forma de bloco remete” para as “imagens proféticas do antigo Testamento”, para a “ara do sacrifício”<sup>434</sup> das celebrações hebraicas. É formado por doze peças representativas dos doze apóstolos, assinalando que o altar cristão, tem, por outro lado, origem “na mesa da última ceia”, à volta da qual “Jesus reúne na intimidade afectuosa os seus apóstolos”<sup>435</sup>. É de forma quadrada evitando

<sup>430</sup> FERREIRA DA COSTA, Bernardino – *Espaço Celebrativo*. 2ª ed. Fátima: Secretariado Nacional da Liturgia, 2017. ISBN 978-989-8293-67-1. p. 90

<sup>431</sup> FERREIRA DA COSTA, Bernardino – *Espaço Celebrativo*. 2ª ed. Fátima: Secretariado Nacional da Liturgia, 2017. ISBN 978-989-8293-67-1. p. 44

<sup>432</sup> FERREIRA DA COSTA, Bernardino – *Espaço Celebrativo*. 2ª ed. Fátima: Secretariado Nacional da Liturgia, 2017. ISBN 978-989-8293-67-1. p. 43

<sup>433</sup> FERREIRA DA COSTA, Bernardino – *Espaço Celebrativo*. 2ª ed. Fátima: Secretariado Nacional da Liturgia, 2017. ISBN 978-989-8293-67-1. p. 42

<sup>434</sup> FERREIRA DA COSTA, Bernardino – *Espaço Celebrativo*. 2ª ed. Fátima: Secretariado Nacional da Liturgia, 2017. ISBN 978-989-8293-67-1. p. 74

<sup>435</sup> FERREIRA DA COSTA, Bernardino – *Espaço Celebrativo*. 2ª ed. Fátima: Secretariado Nacional da Liturgia, 2017. ISBN 978-989-8293-67-1. p. 56

a forma rectangular que “cria sempre psicologicamente uma frente e uma barreira”<sup>436</sup> e fundado entre outras na razão dada por Simeão de Tessalónica: “a mesa é quadrada porque dela se nutrirão sempre as quatro partes do mundo; alta e dirigida ao céu porque o seu mistério é alto e celeste e totalmente transcendente em relação à terra”<sup>437</sup>. Sob um crucifixo, relembra o sacrifício “no altar da cruz”<sup>438</sup>, não de um animal como no costume judaico, mas do próprio Cristo que se “entregou aos discípulos”<sup>439</sup>.

A cadeira da presidência da assembleia é outro elemento estudado pelo Abade de Singeverga que propõe que uma sede “próxima dos fiéis, evidencia sobretudo o papel activo daquele que preside, privilegiando a função dialogal e reforçando o carácter didáctico daquele que se apresenta como guia da oração”<sup>440</sup>. O tratamento artístico da cadeira executada e a sua localização traduzem um todo “harmonioso com o altar e o ambão”<sup>441</sup>. Também o tocheiro para o círio pascal e a capela onde se encontra o sacrário foram trabalhados pelo mesmo escultor com a mesma linguagem artística.

A linguagem de betão possivelmente influenciada por Auguste Perret que mencionámos na introdução é utilizada nos dois espaços mais amplos do mosteiro: o refeitório – transformado em igreja – e a sala do capítulo. A estrutura da cobertura realizada com recurso a arcos abatidos em betão, em duas linhas laterais longitudinais a que se sobrepõe uma cobertura típica ao centro, e a grelhagem em betão utilizada nos dois casos para inserir vitrais em vários alçados são as maiores evidências de uma ligação do Mosteiro de Singeverga projecto de 1958 da autoria do Arq. Alberto da Silva Bessa<sup>442</sup> e a obra de Auguste

---

<sup>436</sup> FERREIRA DA COSTA, Bernardino – Espaço Celebrativo. 2ª ed. Fátima: Secretariado Nacional da Liturgia, 2017. ISBN 978-989-8293-67-1. p. 67

<sup>437</sup> TESSALÓNICA, Simeão de – De Sacro Templo et ejus consecratione. 133. In Patrologia Grega 155. Paris: Jacques-Paul Migne, 1866, p. 341 Cf. FERREIRA DA COSTA, Bernardino – Espaço Celebrativo. 2ª ed. Fátima: Secretariado Nacional da Liturgia, 2017. ISBN 978-989-8293-67-1. p. 57

<sup>438</sup> Rito da dedicação da igreja e do altar, cap. IV, nº.3 Cf. FERREIRA DA COSTA, Bernardino – Espaço Celebrativo. 2ª ed. Fátima: Secretariado Nacional da Liturgia, 2017. ISBN 978-989-8293-67-1. p. 66

<sup>439</sup> Rito da dedicação da igreja e do altar, cap. IV, nº.3 Cf. FERREIRA DA COSTA, Bernardino – Espaço Celebrativo. 2ª ed. Fátima: Secretariado Nacional da Liturgia, 2017. ISBN 978-989-8293-67-1. p. 66

<sup>440</sup> FERREIRA DA COSTA, Bernardino – Espaço Celebrativo. 2ª ed. Fátima: Secretariado Nacional da Liturgia, 2017. ISBN 978-989-8293-67-1. p. 87

<sup>441</sup> FERREIRA DA COSTA, Bernardino – Espaço Celebrativo. 2ª ed. Fátima: Secretariado Nacional da Liturgia, 2017. ISBN 978-989-8293-67-1. p. 87

<sup>442</sup> MARQUES, João Luís Rebelo Ferreira – A Igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975 [Em linha]. Porto: Repositório Aberto da Universidade do Porto, 2017. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet < URL: <http://hdl.handle.net/10216/110753>>. p. 36

(1874-1954) e Gustave (1876-1952) Perret<sup>443</sup>, nomeadamente a igreja de Notre Dame de Raincy (1922-1923)<sup>444</sup>. Esta igreja foi apelidada de “La Sainte Chapelle du béton armé” por ser apontada como a primeira igreja inteiramente construída em betão armado e, claro, pelo preenchimento de todos os seus alçados com vitral como acontece na *Sainte Chapelle* na Île de la Cité, Paris. Os irmãos Perret, “conceberam a forma como resultado da estrutura e não o inverso” deixando a estrutura de betão “a nu, o que confere a esta igreja um lugar particular na arquitectura contemporânea”<sup>445</sup>. Isto traduz a herança da “relação entre classicismo e ciência da construção”, “de que nascem todos os progressos da técnica moderna”, “que o eclectismo inutiliza” e que Perret recebe de “Duran, de Labrouste, de Dutert, de Eiffel”<sup>446</sup>.

Foi no atelier de Perret que se iniciou o jovem Le Corbusier (1887-1966) em 1908, conhecendo aí as possibilidades do uso do betão armado<sup>447</sup>, muito importante para a sua obra futura, muito fundada nas ideias que defende em *Vers une Architecture* de que as estruturas calculadas pelos engenheiros “provocam em nós emoções arquitectónicas fazendo ainda ressoar a obra humana com a ordem universal” e que “esmagam a arquitectura agonizante”<sup>448</sup>.

---

<sup>443</sup> Ver Também:

TAFURI, Manfredo, DAL CO, Francesco – **Modern Architecture/2**. Trad. de Robert Erich Wolf. New York: Rizzoli International Publications, 1986. ISBN: 0 8478 0761 4. p. 306-308

BENEVOLO, Leonardo – **Historia de la Arquitectura Moderna**. Trad. de Luis Felipe Vivanco e Jesús Fernández Santos Madrid: Taurus Ediciones, 1963. p. 73, 383-394

<sup>444</sup> CITÉ DE L'ARCHITECTURE & DU PATRIMOINE – **Ressources Pédagogiques: Eglise Notre-Dame de la Consolation, Le Raincy, 1922-1923, Auguste et Gustave Perret** [Em Linha]. Paris: Cité De L'architecture & du Patrimoine, [s.d.]. Disponível na Internet: <URL: [https://www.citedelarchitecture.fr/sites/default/files/documents/2017-09/fo\\_nddelaconsolation\\_def.pdf](https://www.citedelarchitecture.fr/sites/default/files/documents/2017-09/fo_nddelaconsolation_def.pdf)>. p. 1

<sup>445</sup> CITÉ DE L'ARCHITECTURE & DU PATRIMOINE – **Ressources Pédagogiques: Eglise Notre-Dame de la Consolation, Le Raincy, 1922-1923, Auguste et Gustave Perret** [Em Linha]. Paris: Cité De L'architecture & du Patrimoine, [s.d.]. Disponível na Internet: <URL: [https://www.citedelarchitecture.fr/sites/default/files/documents/2017-09/fo\\_nddelaconsolation\\_def.pdf](https://www.citedelarchitecture.fr/sites/default/files/documents/2017-09/fo_nddelaconsolation_def.pdf)>. p. 3

<sup>446</sup> BENEVOLO, Leonardo – **Historia de la Arquitectura Moderna**. Trad. de Luis Felipe Vivanco e Jesús Fernández Santos Madrid: Taurus Ediciones, 1963. p. 394

<sup>447</sup> ROTH, Leland M. – **Entender la arquitectura: sus elementos, historia y significado**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 1999. ISBN:84-252-1700-8. p. 515

<sup>448</sup> LE CORBUSIER – **Collection de “l'esprit nouveau” - Vers Une Architecture: Nouvelle édition revue et augmentée**. 2ª ed. Paris: Les Éditions G. Crès et Cie, 1925. Disponível na Internet: <URL: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9600362d>>. p. 20



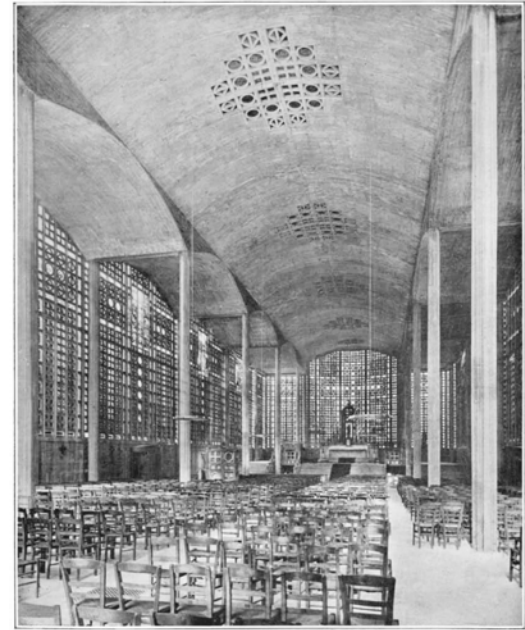
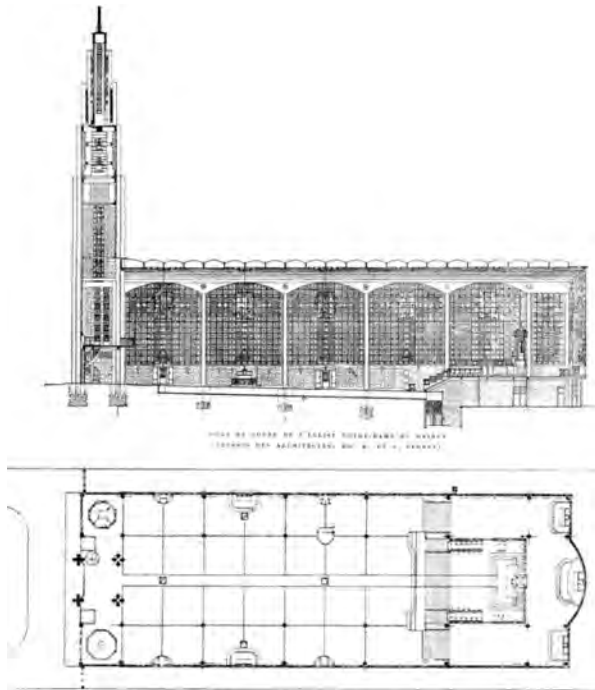
Figura 153 - Mosteiro de Singeverga: 1 e 2 - exterior da Sala do Capítulo; 3 - interior do refeitório convertido em Igreja; (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)



Figura 154 - Mosteiro de Singeverga visto do Mosteiro de Roriz (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)



Figura 155 - Mosteiro de Singeverga em postais ilustrados (ed. Mosteiro de Singeverga). Acessível em MARQUES, João Luís Rebelo Ferreira – **A Igreja na cidade, serviço e acolhimento, arquitectura portuguesa 1950-1975** [Em Linha]. Porto: Repositório Aberto da Universidade do Porto, 2017. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet < URL: <http://hdl.handle.net/10216/110753>>. p. 36



VUE INTERIEURE DE L'ÉGLISE NOTRE-DAME DU RAINCY  
(A. ET G. PERRET ARCHITECTES)

Figura 156 - Corte, Planta e Fotografia da Igreja de Notre-Dame du Raincy, dos Arq. Auguste e Gustave Perret, em Paris. In JAMOT, Paul – Notre-Dame du Raincy. Paris: Gazette des Beaux Arts, 1923. p. 3; 5.

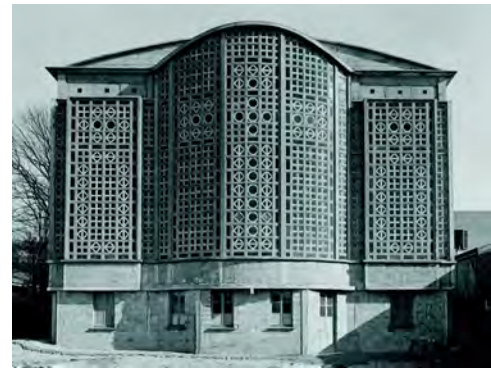


Figura 157 – Fotografias da Igreja de Notre-Dame du Raincy, dos Arq. Auguste e Gustave Perret. [Fonds Perret. CNAM/SIAF/CAPA/Archives d'architecture du XXe siècle/Auguste Perret/UFSE/SAIF] In CITÉ DE L'ARCHITECTURE & DU PATRIMOINE – Ressources Pédagogiques: Eglise Notre-Dame de la Consolation, Le Raincy, 1922-1923, Auguste et Gustave Perret [Em Linha]. Paris: Cité De L'architecture & du Patrimoine, [s.d.]. Disponível na Internet: <URL: [https://www.citedelarchitecture.fr/sites/default/files/documents/2017-09/fo\\_nddelaconsolation\\_def.pdf](https://www.citedelarchitecture.fr/sites/default/files/documents/2017-09/fo_nddelaconsolation_def.pdf)>





## Visita ao Mosteiro de Roriz



Figura 158 – Mosteiro de Roriz visto do Mosteiro de Singeverga; Dispensário médico no exterior da cerca; a aproximação ao Mosteiro de Roriz (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)

Fizemos do Mosteiro de Roriz, projecto do Arquitecto Raul Lino (1937-38; inaug.: 1939) objecto da nossa investigação para entender o contexto em que a congregação das Beneditinas da Rainha dos Apóstolos encomenda um novo mosteiro a um atelier destacado no país, cujo responsável tem um pensamento teórico relevante. O projecto foi construído por fases, correspondentes a tramos de um claustro quadrado, tendo a primeira sido inaugurada em 1939 e a segunda em 1955. Este faseamento seguiu o projecto de Raul Lino, guardado na Biblioteca de Arte e Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian<sup>449</sup>.

<sup>449</sup> Acessível em Col. Espólio Raul Lino [RL 384 e RL 387] | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos



Figura 159 - A Hospedaria do Mosteiro de Roriz (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)





Figura 160 - Cerca, ermitério e perspectivas exteriores sobre o Mosteiro de Roriz (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)



Figura 161 - Obra de Ampliação do sótão, refeitório monástico e paramento confeccionado pelas irmãs (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)



Figura 162 - Claustro do Mosteiro de Roriz (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)



Figura 163 - Capela do Mosteiro de Roriz a horas diferentes do dia (fotografia: Hugo Casanova, Novembro de 2019)

Na primeira fase da construção as funções necessárias foram propostas para espaços provisórios, como indicado nas plantas, por exemplo: refeitório (capela provisória). Esta configuração que se previa provisória, apenas com dois tramos de um claustro quadrado, os pisos superiores correspondentes e uma *torre* coroadada por um *miradoiro* onde se inserem as escadas e inicialmente os compartimentos com água é a configuração actual. Os dois tramos do claustro em falta correspondiam a mais uma ala de quartos e à grande igreja monástica proposta por Raul Lino. Não tendo sido construída a Igreja, esta função vai ocupando espaços provisórios, inicialmente o refeitório dos hóspedes e hoje a sala do capítulo.

Tendo já sido alvo de obras de adaptação às necessidades actuais e modernização das instalações, o mosteiro mantém as características originais, assumindo uma configuração estabilizada com as duas alas construídas dentro das quais se faz hoje uma ampliação para o sótão, ao invés de continuar a construção das restantes alas. Hoje a construção de uma igreja, seria até redundante, por existir já em Roriz uma grande igreja na qual a povoação tem as suas celebrações e por servir também o efeito a antiga sala do capítulo.

O Mosteiro de Roriz, sendo um mosteiro feminino, foi para nós de acesso mais restrito que o Mosteiro de Singeverga. Acresce o facto de estar a decorrer uma remodelação nas celas das irmãs, que, assim, foram ocupar os quartos da hospedaria, donde que a nossa visita tenha sido apenas aos espaços comuns da hospedaria – refeitório, salas de hóspedes e capelas para hóspedes, em pisos diferentes, passando no entanto por alguns espaços mais privados como os locutórios, onde montámos *escritório*, refeitório monástico, o claustro e a capela da comunidade, onde os hóspedes são também habitualmente acolhidos. Visitámos ainda outra área em obras no desvão da cobertura do mosteiro, onde se estava a ampliar a biblioteca.

A visita à cerca, ao exterior do mosteiro, foi muito importante para entender o espírito monástico. Nesta área de terreno agrícola, bosque, vinhas, pomares e jardins, localizam-se a adega e uma pequena casa-ermitério onde vive sozinha uma irmã eremita.

No período da visita foram-nos facultados dossiers de arquivo respeitantes aos projectos dos mosteiros de Roriz, Sassoeiros e Torrão, álbuns de fotografias e também diversos livros sobre a congregação religiosa. Para completar a informação acompanhamos a consulta dos arquivos de conversas com as irmãs Cristina, Bernardette e Maria do Carmo, prioresa do mosteiro. São estas conversas que transcrevemos seguidamente.



## Entrevistas

### Primeira Conversa com a Ir. Cristina

#### Ligação da Ir. Cristina a Santa Maria do Mar

**Hugo Casanova (HC)** - A irmã esteve em Santa Maria em que altura?

**Ir. Cristina (IC)** - Olhe, eu estive lá... quando é que foi o golpe de estado?

HC - 74?

IC – 74, olhe eu estava lá nessa altura, estava lá mesmo. Foi quando estive 1 ano e ainda estava a irmã Helena. Nunca mais me esqueço, eu estava a dormir naquele quatinho ao lado da capela [que é um quarto pensado para o capelão], que é onde estava a sacristia e eu dormia muito mal. Eu estava ainda a fazer a preparação para a profissão perpétua e ia as aulas ao seminário da Luz.

HC- Aos Franciscanos?

IC – Sim, era mas quem dava as aulas era um Padre Dominicano, eu sei o nome, mas agora não me lembro, ele dava aulas para noviços e assim e então eu ia lá às aulas porque depois quando vim (para Roriz) nesse ano, no fim desse ano, era para fazer a profissão perpétua, que depois não quis fazer, porque eu tinha a profissão temporária. Eu vinha muito cansada. Foi numa altura em que uma irmã foi operada no Hospital do Ultramar, que nessa altura ainda tinha o nome de Hospital do Ultramar e eu ia lá todos os dias e aquilo foi muito cansativo, eu vinha muito cansada.

HC - Ia de Sta. Maria do Mar ao hospital?

IC – Eu ia de comboio e ia para Oeiras, de autocarro ou a pé, nessa altura... e depois então não fiz a profissão, era previsto eu fazer a profissão no fim desse ano e quando eu vim em Agosto/Setembro mais ou menos, disse «ó madre, eu já não posso mais de cansaço, agora já não aguento mais e então vim e preparei-me assim mais calmamente e fiz a profissão depois em Janeiro. Foi nesse ano que eu estive lá nesse quatinho e a Ir. Helena Lioba chegou lá e precisou do acompanhamento médico.

HC - Mas então esse quatinho não era preciso para o capelão? Não era usado?

IC – Era tipo sacristia, era tipo sacristia onde se passava a ferro as coisinhas da capela.

HC - É dos poucos sítios do mosteiro em que eu não consegui entrar ainda porque a técnica da câmara municipal ainda não tinha a chave desse sítio

IC – Sai-se aqui da capela... E vai-se assim por umas escadinhas. E pronto é em baixo e até se não me engano tinha casa de banho.

HC - Pois, mas não tem ligação a sacristia ou tem?

(...)

IC – Pois, por trás de onde estava o sacrário tinha assim umas escadinhas onde tinha a sacristia e depois o quarto para o Sr. Padre se precisasse e que até tinha uma porta por trás, na mata, que vinha directamente, entrava directamente no quarto e na capela.

IC – Tenho aqui fotografias, já vi aqui o sacrário. Portanto aqui vê se o lado do oriente e aqui o ocidente que dava uma vista muito, muito bonita e aqui vê a mata, aqui para trás.

HC - Aqui ainda tinha pouca vinha

IC – Não tinha vinha nessa altura.

HC - Pois... não tinha nenhuma vinha?

IC – Nesta altura ainda não tinha.

HC - Sabe quando é que foi plantada... bem, não saberá.

IC – Pois já não estava

HC – A Câmara de Cascais apontou para 93 ...

IC – Enquanto estive lá não tive vinha.

### Tapeçaria da Portaria

Aqui, na entrada da hospedaria, eu sei, fiz isto (tapeçaria) a pedido da Ir. Daniel...

HC - A Ir. Daniel também já faleceu?

IC – Já faleceu.

HC - Era irmã da Ir. Gabriel?

IC – Não, não era. Não tinha, ela não tinha irmãs. Tinha muito mais irmãs, mas no mosteiro não tinha. A Ir. Leonor é que tinha nessa altura, talvez, a Ir. Teresa Maria, eram duas, mas a Ir. Teresa Maria também deixou. Isto ainda foi antes do golpe.

HC - A tapeçaria tinha a vida de S. Bento e Sta. Escolástica ou não?

IC – Eu ainda ia a aulas de música litúrgica no Porto com o Dr. Santos e fiz isto aos bocados, ainda, nos intervalos porque a Ir. Daniel tinha pedido. Depois quando fui a Sassoeiros é que a levei para aqui [portaria].

### Fotografia da Missa

HC - Aí, estava cheio.

IC – Aqui a missa de Domingo estava sempre repleta, então aqui...

HC - Ah, nesta fotografia ainda tinha outra escultura antiga de Nossa Senhora, essa não é a imagem que eu conheci lá. Hoje ainda a imagem que está lá é uma imagem moderna, não sei se conhece... vou-lhe mostrar. É de uma escultora chamada Clara Menéres e eu de facto fiquei surpreendido...

IC – Sta. Maria... Nossa Senhora do Mar.

HC - Sim, eu fiquei surpreendido porque a data, a escultura estava assinada e dizia 2001

(...)

[conversa sobre a tradução da liturgia das horas]

(...)

HC - [mostrou fotografias antigas de Sassoeiros]

IC – Isto era tudo um descampado, durante esse ano quando vinha pelo caminho ia completamente isolada.

HC - [enquanto mostra fotos]. Estas fotografias são de hoje em dia.

IC – Ah, esta imagem ... (escultura fixa na parede da escada, junto a portaria)

HC - Mas não era desta que eu estava a falar. Esta está lá desde o início não esta?

IC – Sim, está.

HC - Mas sabe a história dela? Ela estava aqui no álbum, também. Logo no início.

IC – Pois, olhe, não me escolheu bem para...

HC - Há uma coisa que eu tenho a certeza, desde o início que ela está lá porque encontrei uma pagela da 1ª pedra, de comemoração da 1ª pedra e a pagela já trazia esta imagem.

IC – Já, ela é uma pagela já muito antiga que anda por aí espalhada só com a Nossa Senhora.

HC - Mas vou-lhe mostrar a nova. A nova é esta.

IC – Pois, é essa que eu por acaso não gosto tanto, não sei, a outra parece que me ...

HC – Eu diria que tem um bocadinho de deusa brasileira, não é? Por causa da estrela na cabeça. Isso serão as ondas do mar.

IC – É, pois, serão. Mas a outra...

HC - Pelos vistos, aqui era uma imagem do séc. XVIII ou próximo. A Irmã Maria do Carmo diz que veio para Roriz.

IC – Eu não fui buscar as coisas a Sassoeiros e tudo o que se foi buscar, está ainda encaixotado.

HC - A sério? Pois...

[Fotografias]

IC – Aqui, aqui é a porta de saída... aqui eu não estou a ver bem.

HC - Aqui é a porta que vai para o mosteiro e aqui, mais para trás, é que é a sacristia. Quer ver uma fotografia da capela?

### Organização do espaço da capela

IC – Pronto aí era onde eu punha sempre... eu gostava de pôr sempre arranjos de flores.

HC – Aqui na janela?

IC – Sim, aí é que tinha umas escadas que subiam e davam para a sacristia.

HC - Tem um lavabo.

IC – Sim e depois tinha mais... não sei se subia ainda para o quarto do Sr. Padre porque havia uma porta que dava para a mata, por onde o Sr. Padre podia entrar se quisesse, sem precisar de vir chamar as irmãs. Depois: nesta fotografia, aquela porta onde nós entrávamos para o coro...

HC - As irmãs davam-se bem com esta disposição do altar?

IC – Eu, eu não gostava porque nós praticamente não tínhamos coro. O nosso coro era naqueles bancos atrás...

HC - Eram quantas irmãs? Eram poucas?

IC – Eram, quando eu lá estive, eram realmente.

### O período de *empréstimo* do mosteiro

São umas experiências que se fazem porque houve uma altura em que a casa esteve alugada, pronto não foi alugada, foi emprestada ao, aquele movimento...

HC - A Legião de Maria?

IC – Não é a Legião de Maria.

HC - Não é a Boa Nova?

IC – Não.

HC – A Acção Católica?

IC – Não, ... eu fiz parte da Acção Católica.

HC – Não é o Shalom?



IC – Não... também não. Eram senhoras assim já...

HC – Estes eram vários movimentos de Sassocieiros. Seriam as Noelistas?

IC – As Noelistas ou outras com muita cultura...

HC – Na altura a União Noelista era muito activa e alguns membros do MRAR também faziam parte do movimento Noelista<sup>450</sup>.

IC – Ou era Noelistas ou era... outra coisa<sup>451</sup>. Elas iam lá muitas vezes fazer retiros e depois num Verão, estiveram com a casa. Porque a casa ficou sem ninguém a partir de quando tivemos uma prioresa que achou que a comunidade não estava bem e que era melhor fazer uma paragem. Foi nessa altura que a Ir. Alberto foi com a Ir. Marcelina [primeira prioresa de Santa Maria do Mar] para uma casinha em Setúbal, e estiveram lá um tempo.

HC - E esta casa ficou vazia?

IC – Ficou por um tempo porque também precisava de obras e como precisava de obras esteve.

HC - E a Ir. [Maria] Alberto foi com quem?

IC – Com a Ir. Marcelina e pronto...

HC - Que era madre ou não?

## Madres e Irmãs

IC – A Madre Marcelina e a Madre [Maria] Alberto. Porque antigamente era assim: as irmãs com cultura eram as madres, faziam parte do coro e ...

---

<sup>450</sup> É o caso de Madalena Cabral e Maria José Mendonça que interligavam os dois movimentos, por exemplo, proferindo conferências sobre arte no âmbito da união Noelista. Ver CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da - **O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX: a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960** [Em linha]. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2014. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet: <URL:<http://hdl.handle.net/10400.5/8099>>. Vol. II, p. 63-65

<sup>451</sup> Referia-se ao movimento Graal de que faziam parte, por exemplo, Maria de Lourdes Pintassilgo, que foi Primeira-Ministra de Portugal e Teresa Santa Clara Gomes, fundadoras da secção portuguesa, e outras pessoas destacadas pela sua cultura e papel social. Este movimento cristão feminino define-se ainda hoje como “um movimento de inspiração Cristã, uma comunidade internacional de mulheres” In O Movimento Graal em Portugal. [Em Linha]. Lisboa: Graal - Associação de Carácter Social e Cultural [consult. 26/08/2019]. Disponível na Internet: URL< <http://www.graal.org.pt/pt/graal/o-que-e-o-graal>>

HC - Havia uma divisão...

IC – E havia as irmãs conversas que chamavam irmãs. Quer dizer, isso não era o nome, soa um bocado mal hoje...

HC - Não, mas eu agradeço que me explique porque a semana passada eu estive num colóquio em que se falava de mosteiros nos vários pontos de vista e falava se muito sobre o mosteiro de Tibães dos irmãos, monges e dos irmãos conversos. Ou o mosteiro de Alcobaça, que também tinha os conversos, que ficavam sempre em zonas separadas e mais relacionadas com a agricultura e o trabalho, não era?

IC – Isso quer dizer, não sei até que ponto... Por exemplo, as irmãs *conversas* rezavam só alguns dos ofícios com as irmãs *de coro* (as *madres*) porque eram em latim, nessa altura, e não sabiam latim. Algumas nem sabiam ler e seria até mesmo humilhante do meu ponto de vista. Há quem quisesse a vida religiosa e não tivesse condição até...

### Sassoeiros

IC – Encontrei uma irmã e disse-lhe assim, «não sabes nada de Sassoeiros» e ela lembrou-me uma coisa que realmente era: devem conhecer a dona Pepa que era esposa do engenheiro não sei quê, que eram muito amigos de Sassoeiros...

HC - Mas encontrou uma irmã agora aqui no Mosteiro?

IC – Sim, quando ia agora no caminho ... sabes, é que eu não sei muito bem estas coisas... as mais antigas, por exemplo, a irmã Regina, que já faleceu, que foi celerária muito tempo aqui, é que devia...

HC - Foi o quê?

IC – Celerária, economista.

HC - Ah, porque vem de celeiro... Mas dona Pepa?

IC – Dona Pepa, ela vivia lá, eu ainda me lembro ela tinha lá...Pepa devia ser uma abreviatura de...

HC – Pois, e o marido sabe o nome?

IC – Eng. Dinis e que estavam muito ligados a este...

HC – Ah, eu já vi o nome Dinis...

IC – Agora que não sabemos é se realmente foi vendido, se foi doado... [o terreno]

### O trabalho do *ofício* e o trabalho monástico

[mais conversa sobre a liturgia das horas]

IC – .... Seguimos este esquema de liturgia das horas em duas semanas.

HC – Está aqui escrito, «schema B réparti sur 2 semaines, sans répétitions...» ...Mas isto foi feito para a Congregação da Rainha dos Apóstolos da Bélgica?

IC – E cistercienses, para quem quiser, para as comunidades

HC – Ah está aqui...veio mesmo de Clairvaux (...)

IC – Houve uma equipa que trabalhou, para quem quisesse modernizar o *ofício*, a liturgia das horas. Dizia-me a madre: «ao menos, o que os nossos antepassados faziam num dia, nós fazamos em 2 semanas». Os monges cantavam os 150 salmos num dia, rezavam...

HC – Mas ...e trabalhavam?

IC – Trabalhavam, não falavam era com ninguém. E isto é um trabalho de *ofício*.

### Nome *Missionárias* e os *Dispensários*

HC – A vossa congregação, talvez fruto da reforma, não sei, apelida-se de *missionária*. Por exemplo, em Sassoeiros tinha a catequese e tinha a pretensão de ter um posto de assistência, que é uma coisa que eu ainda não consegui perceber o que é.

IC – O nosso fundador, D. Theodore Nève, que era belga estava no mosteiro de Santo André. Ele dizia que queria beneditinas com o breviário na mão e apóstolas... como as irmãs de Betânia, que foram para o Congo Belga, e sobre quem D. Theodore escreveu que as pessoas vinham ao mosteiro atraídas pelo canto das irmãs. As pessoas vinham ao *ofício*, portanto, elas faziam a sua acção apostólica não como os outros *missionários*, mas muito pela oração da liturgia das horas.

Na altura as irmãs eram um bocadinho ajudadas, na despesa, na ida para Angola, para as Missões.

HC – Pelo Estado?

IC – Sim, agora nada. Mas talvez missionárias por causa da atitude. Temos umas irmãs agora no Chade ... Nas crónicas que recebemos, soubemos que começaram a vida delas e começaram logo a ter pessoas a procurá-las. Começaram logo a ter necessidade de construir hospedaria.

HC – Mas não são irmãs portuguesas ou são?

IC – São mesmo do Congo. Dependente do nosso mosteiro temos só um mosteiro no Huambo.

HC – E tem Irmãs portuguesas?

IC – Tinha até há 4 ou 5 anos, mas voltaram e agora as irmãs já são todas de lá.

(...)

HC – E lá em Angola têm vocações de novas irmãs?

IC – Elas vêm aos montes, só que depois não ficam.

HC – Li hoje num painel no mosteiro de Singeverga um excerto da regra... «Se alguém aparecer, deixa-o ficar dois meses e depois lê-lhe a regra toda de seguida» ... deve ser duro!

IC – Nós aqui não fazemos isso à letra... Uma candidata que venha, vem, fica e vê. Depois vai. Quando voltar ainda fica um tempo na hospedaria.

(...)

HC – Estávamos a falar do Huambo

IC – Por causa da abertura! D. Teodoro dizia que as irmãs nem precisavam de ir porque as pessoas vinham atraídas pela beleza do canto. Mas de qualquer modo, cada mosteiro tinha um dispensário onde atendiam. Não iam ter com as pessoas, as pessoas vinham, para ser tratadas ...

HC – O que é um Dispensário.

IC – Ora, é como nós tínhamos aqui...esta casinha que está aqui junto à curva. A Irmã Madalena e outras Irmãs atendiam lá as pessoas que vinham tomar uma injeção, fazer um tratamento ou serviço de enfermagem.

HC – Tenho lido que, em Sassoeiros, se pretendia ter um dispensário e um posto de assistência e salas para a catequese e que tudo isso formaria um adro de frente para o portão. Depois, não foi construído, e ficou assim, mais recuado, o que até acabou por traduzir uma humildade que não era expressada pelo primeiro projecto que era monumental.

Os próprios arquitectos escreviam que uma das constantes da arquitectura monástica era a monumentalidade do conjunto. Mas será que a igreja do nosso tempo se quer impor como monumental?

IC – Nós na altura ...agora já não é preciso, mas a irmã Madalena não tinha mãos a medir. Ao Domingo havia alguém que tinha um acidente, problemas de ouvidos, muita gente vinha ao mosteiro de Roriz por não ter condições..., entretanto começou a haver centros de saúde então, já não havia problema, mas ao Domingo ou assim, ainda não havia urgências nos hospitais e havia duas ou três irmãs que faziam isso com formação em primeiros socorros.

HC – Por isso está lá fora a placa a agradecer à irmã Madalena o trabalho dela.

## Origens

IC – Isto estava na intenção de D. Teodoro Nève porque estas jovens que ele foi juntando, durante a Grande Guerra... A essas raparigas, que eram enfermeiras, ele começou a incutir o serviço de ir socorrer os feridos, e foi assim que ele reuniu as primeiras monjas num mosteiro a que no princípio chamavam *Petit Bethanie*, que fica muito perto do Mosteiro de Betânia actual, onde estão as irmãs. Temos aqui os cadernos onde está descrita a acção das primeiras irmãs.

HC – Mas o D. Teodoro era abade do mosteiro de Santo André?

IC – Sim, Beneditino. ...isso foi no passado, a História, é bom haver história.

## Hierarquia entre Mosteiros

HC – Existe uma hierarquia entre os mosteiros?

Este, por exemplo, é um priorado...

IC – Este é um priorado conventual. Pode fazer fundações. As de Angola dependem de nós, são um priorado simples. A partir de um determinado número de professoras, podem fazer fundações ... Há os priorados simples que não podem fazer fundações, há os priorados conventuais e há as *celas* ... que já não podem ter noviciado, ao contrário dos outros.

Sassoeiros era um priorado simples. A Ir. Cândida fez noviciado lá, mas depois saiu. O Torrão é uma cela.

HC – A irmã viveu no Torrão?

IC – Estive no primeiro ano da fundação, depois fiquei doente.

## Álbum de Fotografias

IC – Isto é o Encontro Monástico de Santa Maria do Mar, com irmãs daqui e dos outros mosteiros.

HC – Que bonita fotografia, as oliveiras estão lá!

IC – Aqui estávamos a experimentar o hábito claro, que depois deixámos. Só no Torrão o mantiveram. Aqui estão a Ir. Gabriel, a Ir. Catarina, a Ir. Escolástica e a Ir. João Maria, que está agora paralisada. A Ir. Regina, que foi uma grande celerária. Estas fotografias são todas no encontro.

Esta é a Madre Plácida e esta a Madre Cecília. Este é o Padre Luís Aranha, agora o Padre Prior em Singeverga.

(...)

IC – Nestas fotografias já é o Huambo, passeio à Penha, Guimarães, com a irmã Ana de Curutiba, que faleceu há pouco. Estas irmãs estiveram no nosso mosteiro, esta saiu..., esta vem cá este ano. São dois álbuns parecidos. Mas como vi aqui o papel sobre a arquitectura pensei que interessasse.

HC – Tem uma espécie de carta fundadora! Aqui está o convite para se juntarem e a assinatura das irmãs todas... Às nossas irmãs de Santa Escolástica... Este outro foi para o Huambo, também tem a dedicatória.

- Toque para Vésperas -

## Segunda Conversa com a Ir. Cristina

### Mosteiro do Torrão

**Hugo Casanova (HC)** – No Torrão acabaram por construir uma casa melhor, não foi?

**Irmã Cristina (IC)** – As pessoas de lá, a dona Cidália e Sr. João, diziam sempre que havíamos de começar a pedir um tijolinho. E andávamos sempre a ver, há lá uma ermida, de Nossa Senhora do Bom Sucesso. Estávamos muito entusiasmadas em construir lá.

HC – Ao escolher um lugar para um mosteiro, têm alguma razão especial?

IC – Nós queríamos continuar a vida monástica num ambiente de silêncio. Quando é assim, escolhe-se um lugar isolado. Lá era afastado do movimento. Quando viemos pela primeira vez à casa mãe para vermos se seria lá a fundação ou se não. Lá, no Torrão, porque o padre tinha pedido, mas aquilo foi só um ano de experiência.

A mim pediram-me para dar aulas de Religião e Moral, as outras irmãs tinham uma creche, estilo Jardim Infantil. Eu sempre disse à irmã Gabriel «acho que não é aqui o nosso lugar ... aqui não precisam de nós». Era uma desgraça do ponto de vista da catequização, precisavam de irmãs mais activas, com vocação mais missionária. Não sobrava tempo para a nossa oração.

Pediam-me «a irmã tem de continuar as aulas de religião e moral, as crianças já sabem rezar»

As pessoas que vinham à igreja eram só senhoras viúvas ou vestidas de preto. O primeiro natal que lá passámos, na igreja matriz, no Natal o padre ia lá celebrar.

Eu tinha o grupo de jovens que, ainda hoje, nos visitam.

Nesse Natal, não queira saber, eu andei pela rua à procura dos jovens com quem tínhamos ensaiado os cânticos... O medo que eu tinha - só se viam homens bêbados que cantavam aquele canto alentejano. E avisaram-me «Irmã, depois vamos ver a meio da missa» ... E a, meio da missa, entraram por lá dentro a fazer uma barulheira, encostaram-se às laterais, nós cheias de medo. Ainda fomos oferecer um chá aos hóspedes em nossa casa, mas... Era a casa emprestada ainda, muito pobrezinha.

Quando tínhamos de decidir se ficávamos ou não. Eu dizia: «Eu acho que não devíamos ficar aqui. Para termos vocações temos de estar em lugares onde há jovens, aqui não há jovens.» Os jovens iam sempre estudar para Lisboa ou Setúbal, não ficava ali ninguém, nós ficávamos com os velhotes.

Agora encontrei umas jovens que, por acaso, encontraram o seu trabalho lá e que me disseram «oh irmã isto vai morrer». Alcácer do Sal tem de apostar no Torrão.

Continuavam a dizer-me, a Cidália, «...vamos começar, vamos começar a pedir um tijolo».

Havia aquela ermida, de que eu gostava muito, havia os campos de trigo e havia mais mata. Eu dizia à irmã Gabriel que a seguir a uma quinta dos grandes da terra, que ali não ficava mal. Mas no primeiro ano o pensamento ficou assim. Quando voltaram para o Torrão, eu já não fui, então não tive mais voto na matéria. Ficaram numa casa com melhores condições, uma casa que ficava na Rua dos Cardins, mesmo no centro da vila. Pensámos sempre que poderia ser um bocadinho mais afastado, porque parecendo que não, no centro da vila há muito barulho, na altura das festas não se consegue dormir.

HC – Mas a casa foi adaptada e até tem uma grande capela, não é? É uma Casa de um, dois três andares?

IC – A capela é pequenina, é pena. A casa antiga é de dois andares, depois as irmãs ainda fizeram um quatinho, a meio da escada, e depois um mirante.

HC – Mas houve um momento em que as irmãs pensaram, de facto, em reconstruir a ermida, porque eu encontrei um projecto dos mesmos arquitectos em que se reconstruía a ermida e se construía, ao lado, um edifício para as irmãs.

IC – No Torrão? Nós falámos muito nisso e estivemos muito voltadas para aí.



HC – Isto foi nos anos 1980... Encontrei uma carta da irmã Gabriel, em que pedia o envio do projecto porque queriam avançar quanto antes.

IC – Entretanto eu vim para aqui e peguei aqui no trabalho da liturgia.

HC – Tenho aqui os documentos do arquivo. (Mostra)

IC – Ah pois, as fotografias! Sim, nós andámos por aí, a ver com o Padre Daniel, e até andámos a medir!

HC – Isto é o dossier do arquitecto, em 88, assinado Pedro Viana Botelho, novo colega do arquitecto Nuno Teotónio Pereira. Houve alguma coisa que parou o processo?

IC – Eu vim para Roriz e peguei aqui no trabalho da liturgia. Nunca mais trabalhei com isso. Em 88 ou 89 eu fiquei aqui na hospedaria e a irmã Gabriel deve ter falecido aqui em 94.

HC – Aqui está uma carta da Ir. Gabriel: «Sr. arquitecto junto cheque para o pagamento. (...) espero que no meu regresso da Bélgica já esteja pronto o nosso projecto para podermos arrancar sem mais demoras. Ir Gabriel Neuparth 4/10/88»

IC – Eu era uma das que fazia muita força para ficarmos na ermida se ficássemos lá no Torrão.

HC – Já em 92, a Ir. Gabriel diz: «Bem confusa pela demora em responder à sua carta de 9/12 apresento desde já as minhas desculpas e a sua compreensão. Motivos de saúde me impediram de comunicar convosco, pois o meu desejo, expresso ainda pela priora, a Madre Maria Plácida antes de partir para África, era de contactar com o Sr. Arquitecto para pessoalmente o pôr ao corrente da nossa decisão.

Depois de tantos anos de estudo e de procura para a realização do projecto de construção do Mosteiro do Torrão não era assunto para se arrumar numa simples carta.

Logo que possa sair e possa voltar a fazer a minha vida normal irei a Lisboa e combinaremos um encontro. Mas para não demorar mais tempo a liquidação da nossa dívida junto um cheque com a importância que lhe devemos.

Todas as festas passaram e não marcámos a nossa presença nem com um sinal, mas a união e os desejos de paz eram comuns.

Que o ano de 1992 que já começou seja para todos os que aí trabalham de maiores esperanças, de paz, saúde e alegria ainda que no meio deste mundo em turbilhão.»

IC – Ela não sabia a doença que tinha, já não estava bem, veio cá e pensava que eram problemas de ossos, coluna... e ela deve ter morrido em 94. Quando veio cá foi para ir ao hospital da Carcereira, a um médico muito bom. O médico não lhe disse nada, mas ela ficou por aqui, e disse-me: «Parece que a minha doença afinal não é dos ossos, é de cabeça, porque o médico disse que eu precisava de uma consulta de um neurocirurgião». Ela veio para casa com essa convicção, foi ficando por aqui à espera da consulta.

(...)

Ela foi uma doente formidável, muito feliz, que não sabia bem o que tinha e o médico deu-lhe três meses de vida. Era o pâncreas. Morreu pouco antes da Páscoa.

Não sei se o negócio da casa já estava feito ainda com a Irmã Gabriel. Estavam a viver na casa alugada, na rua dos Cardins, que depois acabaram por comprar.

HC – Para terem feito o projecto para a ermida talvez já a certeza de poder ficar com ela.

IC – Eu estive sempre contra a compra da casa no centro da vila, lembro-me de dizer à irmã Pia que não deviam comprar já a casa, que o melhor era manter a casa alugada. Mas, entretanto, compraram e fizeram as obras que fizeram. Em que ano, não sei.

(...)

HC – Outra carta diz: «Sr Arquitecto na impossibilidade de passar por Lisboa no meu regresso do Torrão envio a carta que recebemos da Câmara. Penso que o mês de Agosto é de férias para o vosso atelier e só em Setembro nos poderemos encontrar.» - Ela teve até aprovação da câmara.

IC – Eu não contactei mais com o projecto, a irmã Bernardette já lá estava e a irmã Bernardo e a irmã Gerardo foram para lá.

HC – «O projecto foi diferido na Câmara.»

IC – Foi pena, porque talvez tivesse dado um impulso... As pessoas receberam-nos muito bem, apesar da seriedade, do ofício, de tudo. Mas andava-se muito na rua, enquanto que nós no mosteiro de

Roriz, íamos à cidade, fornecíamo-nos e voltávamos para casa. Ali havia a facilidade de sair a rua, para fazer isto e aquilo e acabávamos por sair muito. Isso não me parece certo. Depois o jardim infantil e as festas das crianças aumentavam essa sensação.

(...)

Eu gostava muito da vida cá no mosteiro de Roriz e achava um bocadinho demasiado as saídas. Depois decidiram ficar. A irmã Bernardo teve dificuldade em adaptar-se, mas agora está bem e voltarão quando as obras aqui estiverem prontas.

Lá, é uma pena, não haver sequer uma jovem que dissesse vou estar uma semana com as irmãs. Aqui em Paços de Ferreira, que é a minha freguesia, miúdas pediram para passar aqui alguns dias nas férias a rezar connosco. Lá não – era um meio muito, muito descristianizado. Na celebração eucarística as pessoas nem sabiam como participar. (...)

HC – Aqui é outra irmã a escrever: «Como a irmã Gabriel está doente, venho enviar-lhe a planta de localização da ermida. Não está na escala, mas espero que dê para o vosso trabalho. Irmã Maria Bernardo» ... ou Bernardette.

IC – A irmã Maria Bernardo ainda não estava totalmente inserida nessa altura, por isso pode ser Bernardette.

HC – «Outra interrogação nos ficou: Recebeu o cheque? Pareceu-nos ter ouvido na última reunião que a tribuna da capela ficaria com uma rampa. Será uma rampa? Porquê?»

E acrescenta um pedido interessante:

«Não se esqueça de fazer, tudo o que lhe pedi, para aproveitar bem a paisagem do Norte no primeiro andar. Contamos muito com a sua arte e a sua criatividade. Os nossos cumprimentos pedindo as nossas desculpas se somos importunas.»

IC – Nunca pensei que houvesse tanta documentação acerca do Torrão.

HC – Foi um *extra* que eu fui encontrar, para fazer um paralelo, uma vez que são os mesmos arquitectos a fazer o projecto.

«No mesmo correio segue a cópia caseira com os marcos. Desculpe a demora, mas o topógrafo nunca mais se despachava.» (...) «O terreno que o Sr. Patronilho nos cedeu é para acertar melhor depois do projecto feito. Espero encontrá-lo de novo depois em Setembro.»

IC – Não sabia que tinham dado todas estas indicações antes de resolverem comprar a casa no centro da Vila. Provavelmente quando viram que não era possível construir, compraram a casinha onde estão e depois fizeram obras na casa.

HC – Qual terá sido o problema? Pode ter sido a doença da Ir. Gabriel?

IC – Sim, também foi uma altura de um movimento que defendia os mosteiros dentro da cidade. Começou a haver uma tese favorável a isso. O que é certo é que dentro da cidade se pode viver, mas havendo barulho ... Alguém terá dado apoio.

HC – Esta carta diz: «Tudo depende da paróquia e da diocese às quais pertence a ermida». Ora, a ermida pertencia ao arcebispado de Évora, pelo que seria tomada como garantida a possibilidade de ficar lá.

IC – Eu fiquei um ano longe, voltei lá no ano seguinte porque o padre Daniel morreu, depois vieram outros padres.

HC – Nas cartas também se fala em «Falta de fundos», ainda em 87.

IC – Logo no início começamos a sentir a necessidade de construir e é natural que a irmã Gabriel começasse os contactos. Ela era a responsável na altura. Depois, o Torrão, passou a priorado simples e ela ficou priora, mas nunca pediram para passar a priorado conventual, porque nunca atingiram o número de irmãs necessário.

HC – Era uma ideia muito interessante, esta de ocupar um edifício que já tinha tido função religiosa.

IC – Sim, foi um entusiasmo muito grande no ano em que lá estive. A irmã Pia ainda falou comigo mais tarde quando pensaram em comprar a casa e eu defendi que não comprassem. Já tinham desistido da ermida.

HC – A última documentação que eu encontro é este pedido de desculpas por fechar o assunto por carta, em 92.

(...)

Aqui há o envio para o arquitecto do programa da obra: as irmãs a enviar o programa da obra:

«10 celas, instalações sanitárias, sala de comunidade, biblioteca, duas oficinas de trabalho, uma celeraria, uma pequena farmácia, uma dispensa, um refeitório para a comunidade e outro para os hóspedes, sala de piano, WC, lavandaria, estendal, capela, dois locutórios, WC, sótão com arrecadação; e na ermida: restaurar a capela e os anexos com cinco quartos para hóspedes, uma pequena sala com kitchenette ou barzinho, sala para os encontros».

IC – Até sinto alguma comoção, porque penso que era uma coisa que devia ter ido avante.

HC – O seu entusiasmo pelos vistos vingou.

(...)

IC – Cansei-me muito. (...) Vim para Sasseiros. Tinha aquele clima marítimo ...

HC – Carcavelos teve vários Sanatórios...

IC – Enquanto estive lá primeiro dormia, ...queria estudar, caíam os livros... Depois quando vim do Torrão perdi o sono.

### Correspondência do Projecto do Mosteiro de Sasseiros

HC – Aqui está uma carta enviada para o arquitecto, uma representante da priora, pela Madre Maria Alberto «Espero chegar a tempo. Até gostava de lhe enviar bons esclarecimentos, mas infelizmente pouco possuo. As fotografias que nos enviaram não valem nada e daí nem sequer as remeto. No Sul de França, poderá haver, mas não sabemos o que estes mosteiros valem no ponto de vista arquitectónico». Dá-lhe recomendações de mosteiros para referência...

IC – Sim, são beneditinos.

HC – «(...) estes talvez já sejam demasiado longe» - Estavam mesmo a dizer ao arquitecto para ir fazer uma viagem!

«Enfim em Itália parece ser tudo arquitectura pouco notável, e é o que sei dizer» - eu diria que a arquitectura moderna em que acabaram por se inspirar foi a italiana.

«Desejo uma óptima viagem e em Outubro quando for a Lisboa, se Deus não determinar o contrário, teremos ocasião de trocar impressões.

Os meus religiosos cumprimentos, M. Maria Alberto.»

Em 1958 a irmã Maria Alberto era a ecónoma, celerária?

IC – Sim, aqui no mosteiro de Santa Escolástica!

HC – Esta carta é enviada aqui de Roriz, Negrelos (papel timbrado). E aqui há uma Carta da irmã Gabriel: «Profundamente sensibilizada pela atenção de V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup>, dando-nos parte da exposição de arte sacra aberta no Porto» ... Esta foi a primeira Exposição de Arte Sacra, organizada pelo arquitecto Nuno Teotónio Pereira, pode ter sido por as irmãs fazerem algum paramento para a exposição.

IC – Sim, nessa altura trabalhavam muito os paramentos.

«Tive muita pena de não poder ir pessoalmente pois tinha o maior interesse nisso, mas não podemos sair do mosteiro, tem de ser por motivos de força maior, e este era só por gosto pessoal. Apesar disso umas irmãs que tiveram que ir ao Porto nesta altura foram lá e não só viram como apreciaram imenso, trazendo-nos ecos. Também recebemos um convite para a inauguração que penso ter sido mandado pela Lena Cabral».

IC – Helena Costa Cabral foi Professora de Música da irmã Bernardo.<sup>452</sup>

HC – Esta Carta era de 1959. A letra do arquitecto era pior: «Estive na Câmara de Oeiras com o arquitecto Fonseca que me disse nada estar decidido quanto ao bairro. No que respeita ao desvio da estrada que ladeia o terreno da estação agronómica não está previsto. Aconselhou finalmente que fosse entregue o estudo prévio com o respectivo requerimento de que junto minuta.»

---

<sup>452</sup> Apesar da leitura da irmã Cristina, cremos tratar-se provavelmente de Madalena Cabral, membro do MRAR como Nuno Teotónio Pereira e especialmente ligada à exposição referida por ser autora de vários paramentos. Ver biografia em CUNHA, João Pedro F. Gaspar Alves da - **O MRAR e os anos de ouro na arquitectura religiosa em Portugal no século XX: a acção do movimento de renovação da arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960** [Em linha]. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, 2014. Tese de Doutoramento. Disponível na Internet: <URL:<http://hdl.handle.net/10400.5/8099>>. Vol. II, p. 64-65

(...)

### Celas ou Dormitórios e o projecto de Sassoeiros

«Celas para as madres». É porque está a diferenciar das celas das Irmãs e das Madres. As Irmãs conversas das irmãs de coro.

IC – Aqui em Roriz encontrei irmãs em celas, mas como as celas não davam para todas, havia dormitórios e havia irmãs de coro em dormitórios. Eu entrei para o coro e fui para o dormitório, aqui. É que aqui nunca encontrei grande diferença, simplesmente, nós tínhamos alunas para dar aulas, não eram as irmãs que pouco sabiam ler e escrever que iam dar aulas. Mas tínhamos a confeitaria, a leitaria, fazíamos manteiga, tínhamos a cozinha, as irmãs asseguravam esses trabalhos. As irmãs faziam o que sabiam. Agora somos poucas, fazemos de tudo, não há nem madres nem irmãs.

HC – Isto é a planta completa de Santa Maria do Mar com o que não foi construído também. Tinha Sala de paramentaria, pátio, capítulo, fora uma casa de assistência... Isto eram as maquetes e os desenhos. Foi construído só um corpo da hospedaria e uma capela. Depois foi ampliado. Era para ter uma grande igreja e atrás sim, era a zona das irmãs. No meio havia claustros, salas de trabalho, refeitórios, capítulo. E fora era a parte pública, posto de assistência, catequese ...

IC – O tal dispensário.

HC – Tudo isto formaria um grande adro para receber a comunidade para a missa, porque a ideia era receber a comunidade na igreja.

IC – Na parte de fora da capela muita gente ficava ali a conversar, no fim da missa.

HC – O projecto depois foi reduzido e mesmo assim ficou incompleto.

## Terceira Conversa com a Irmã Cristina

### Construção em *lusalite* no Mosteiro de Santa Maria do Mar

HC – Nas cartas, a certa altura aparece uma construção em *lusalite*... que agora até é proibida.... Podia ser para um armazém, tinha lá máquinas agrícolas, mas pede-se especial atenção porque era uma casa para estudantes que iam para as missões.

IC – A irmã Gerardo, falou-me realmente de irmãos que estiveram lá de passagem para ser formadas pela Madre Marcelina que era lá priora.

HC – «Tendo visto na feira de Santarém umas construções em chapa ondulada, creio que de vosso fabrico, interessando-nos fazer umas instalações provisórias para fins diversos em anexo ao Mosteiro de Santa Maria do Mar, que estamos construindo em Sassoeiros, venho pedir a fineza de nos enviarem as informações que entenderem por bem para o nosso completo esclarecimento. Interessa-nos saber se se encarregam da montagem, qual o preço e as condições de pagamento. Considerando que se trata de uma corporação missionária, e para uma nova construção que servirá de casa de estudos das missionárias que partirão para as terras do Muxico, Angola, esperamos que nos sejam feitas as mais favoráveis condições possíveis. A representante da congregação, Madre Maria Alberto, Sassoeiros, 20 Julho de 1965»

IC – Eu já estava cá..., mas sendo postulante não entrava nos negócios do mosteiro.

HC – Aqui já vêm contas... construíram mesmo. Há facturas de tudo até das passagens de avião para Bruxelas. «Madre Ivone Boumal»

IC – Foi priora... não sabia que era Ivone.

### A crónica do Mosteiro

HC – Isto é em 1969. Não têm uma espécie de crónica do Mosteiro?

IC – Isso está tudo no arquivo. E agora penso que até não há arquivista e que quando é preciso alguma coisa a nossa madre vai lá ou pede para ir lá ver. Por exemplo, quando morre uma irmã, aconteceu-



me agora há pouco tempo: a nossa madre disse-me, vai ao arquivo – porque o celebrante gosta de dizer alguma coisa sobre a irmã que faleceu (e isso está lá). Tínhamos uma arquivista, era a irmã Pia, pôs tudo muito organizado, mas não teve tempo de pôr tudo no sítio, morreu antes disso. Agora tem de ser eleita uma arquivista para poder entrar no arquivo. Quando estive na Bélgica, certa irmã dizia-me «Irmã Cristina eu deixo-a ir ao arquivo» – porque daqui me tinham pedido para ver como é que o arquivo de lá estava arranjado – «a irmã é a primeira pessoa estranha que eu deixo entrar no arquivo, no arquivo ninguém entra a não ser a arquivista...» Aqui está um pouco desarrumado, mas temos as crónicas que saíam todos os meses, com tudo o que se passava, tudo o que acontecia no mosteiro, e isso está em pastas.

HC – De Sassoeiros também?

IC – Em Sassoeiros...como era uma comunidade pequena, não tinham o costume de mandar uma crónica. No início ainda mandaram, mas depois desleixaram-se. Mas há crónicas... se Sassoeiros não falava de alguma coisa, Roriz falava. As crónicas iam para os outros mosteiros, para o Congo, para o Brasil, para a Bélgica.

HC – Em Singeverga há uma crónica curtinha, mais ou menos diária, que sai na revista deles e também sai na internet.

IC – Houve uma altura em que a cronista daqui escrevia e eles acrescentavam à crónica deles «Mosteiro de Santa Escolástica». A partir de certa altura a nossa cronista deve ter deixado de escrever e eles não puseram mais nada sobre Santa Escolástica. Eles punham só um resumo das nossas crónicas.

HC – Ontem estava-me a falar da irmã Gabriel e eu vim a descobrir que ela escreveu a carta a dizer que estava doente em 1992 e morreu logo em 1993. Foi logo no ano seguinte.

IC – Ela já estava na fase final quando descobriu a doença. Os médicos lá em baixo nunca tinham mandado fazer nada. Aqui o médico viu logo que não era ossos.

HC – Está escrito no anuário «Maria Gabriel Sottomayor Neuparth, primeira priora do mosteiro de Nossa Senhora da Boa Nova, no Torrão, 30 de Maio de 1993»

IC – Posso falar com a Irmã Bernardette que, como foi priora aqui durante 3 anos, pode saber de mais alguma coisa. A irmã Ilda João seria uma boa ajuda, porque viveu mais tempo em Sassoeiros, mas hoje não está.

## Conversa com a Irmã Bernardette e a Irmã Cristina

### O Armazém em Fibrocimento e a Agricultura em Sassoeiros

**Hugo Casanova (HC)** – As irmãs queriam construir um barracão em *lusalite*.

**Irmã Bernardette (IB)** – Não seria para os porcos e para as vacas?

HC – Se calhar quando falam de casa de estudos, estão a falar do próprio mosteiro.

IB – ...era o suporte para as missões as idas e as vindas, e casa para se estudar, por exemplo a Ir. Madalena a Madre Plácida e a Irmã Filomena também esteve lá que era o suporte para se fazer cursos em Lisboa, porque enfermagem tropical só havia em Lisboa.

IC – Mas havia uma casa à parte?

IB – Não, era no mosteiro.

IC – Mas isso então não é Lusalite, é mesmo o mosteiro.

IB – Em Lusalite era o das vacas e das ovelhas...

HC – Mas havia animais lá?

IB – Sim, tiveram, nos primeiros anos, porcos, galinhas e coelhos.

HC – O caseiro que lá esteve agora também tinha.

IB – Mas isso agora era à revelia...

IC – Houve uma ovelha que gostou muito da irmã Marta.

IB – Pois, as vacas foi muito antes. A vinha foi só a partir de 90/91.

HC – O agrónomo da Câmara de Cascais falou de 93... se calhar foi a primeira colheita.

IB – Lembro-me que quando a irmã Gabriel foi operada aos olhos esteve uns dias no hospital, fui buscá-la com a Irmã Catarina e com a Céu. E dizia «ah! Como está tudo verdinho.» A vinha tinha sido plantada naqueles anos em que eu estive em Santa Maria do Mar, 91 e 92, fui tratar a Ir. Helena Cidrais, que foi a encarregada das obras depois, na ampliação.

## A Relação com o Arquitecto Nuno Teotónio Pereira e a sua Arquitectura

HC – Na correspondência da fase da ampliação as irmãs já tratavam o arquitecto por «Amigo Nuno». No início era «Sr. Arquitecto», escrevia a irmã Maria Alberto. E ele respondia «Reverenda Madre».

IB – Sim, ele sempre foi amigo. Mas depois a irmã Gabriel, eram da mesma idade, e a irmã Daniel também, tratavam-no por Nuno. Naquele tempo das obras ele já era tratado como da casa.

HC – E depois tinha de entrar na clausura...

IB – Tinha! A Irmã Catarina não punha uma coisa na parede sem lhe perguntar!

HC – Que bonito, isso revela uma consciência e respeito pelo papel do arquitecto.

IB – Valorizavam o trabalho dele!

IC – Sim, o respeito pelo outro, pelas coisas que outro faz.

IB – As escadas de madeira, da primeira parte, tinham uns intervalos muitos grandes. Aquelas ripinhas ao alto foram colocadas por ele, foi ele que mandou pôr. Foi ele que fez o desenho e mandou pôr. O corrimão é de ferro, e tem as escadas de madeira, que não são de madeira, são de betão. E os intervalos (aquilo não é feito para crianças) eram largos, e uma vez uma criança caiu e ele foi alertado e mandou pôr umas ripinhas para ficarem mais estreitos.

HC – No outro lado também tem um espaço entre a escada. Mas nos patamares não tem... tem uma espécie de murete.

IB – Sim.

HC – A minha pergunta é se é original, porque pode ter sido uma protecção adicionada, mas existe em todos os patamares igual.

IB – Sim, pode ser uma protecção, mas ele não fazia nada incompleto, se fazia era todos por igual.

HC – Estava a dizer-me que a Madre Catarina tinha muito cuidado com o edifício, mas era uma coisa comum a todas as irmãs? Não digo só o cuidado, mas o gosto...

IB – Sim! Respeitavam muito!

HC – Tenho a ideia de que na comunidade de Sassoeiros, alguns dos visitantes detestavam aquela coisa do betão.

IB- Sim, porque aquilo era tão moderno para a altura! Eu fui encontrar uma igreja no Huambo, em Angola que é deste estilo e é dos anos 70. É dos padres Espiritanos que estão na Torre da Aguilha. É a (...) dos Espiritanos, tem uma igreja que não estava acabada que é toda estilo de Santa Maria. E disseram-me que era daquela altura em que ele também fez a igreja do Sagrado Coração de Jesus em Lisboa. Era o grupo dos arquitectos...

HC – Muitos deles trabalharam para as colónias também. Houve um grande concurso para a Catedral de Nova Lisboa.

IB – Nova Lisboa é Huambo, mas a Catedral nunca foi feita. Foi feita a igreja de Nossa Senhora de Fátima que não é catedral. A Catedral é mesmo no centro da cidade e é uma catedral pequena.

IB – A igreja de Nossa Senhora de Fátima, a que pertencem às nossas irmãs, a caminho do aeroporto, é uma *igrejeja* ... essa é que é Catedral! Fazem lá as ordenações, depois têm um grande terreno, já fizeram um altar coberto e as celebrações duram 4 horas, 5 horas.

HC – As irmãs lidavam bem com a arquitectura do Mosteiro?

IB – No geral sim, tinha muita coisa que ... tinha muitos degraus, por exemplo, e algumas pessoas caíam. Ali à entrada da capela, depois o espaço descia para a zona da comunidade e fazia ali uma confusão.

HC – Encontrei uma discussão por carta entre a priora e o arquitecto por causa de um degrau no meio do corredor das celas.

IB – Sim, tinha muitos degraus.

IC – Era o que dificultava mais.

HC – A Madre Maria do Carmo disse-me que, se fosse hoje, estariam mesmo muito preocupadas com os degraus. Na altura, o arquitecto defendia por escrito o degrau, que estaria bem assinalado pelo pavimento que era em cerâmica e que contrastava com um degrau de madeira. Defendia que era preciso um elemento para separar o espaço. Que dissesse «aqui é um corredor, ali já é silencio. Já é o corredor dos quartos». Honestamente não sei qual era o degrau... por isso ainda não sei como é que foi resolvido.

IC – Realmente, os mosteiros ... nós vamos precisando de adaptar.

HC – Sim, mas Santa Maria do Mar é mais difícil, porque os degraus ou são triangulares ou acompanham formas poligonais.

(...)

### Ermidas e Eremitas

HC – A vida de ermitério tem relação com o vosso carisma beneditino?

IB – Tem sim, São Bento começou por ser eremita.

HC – As ermidas eram dentro das cercas?

IC – Os eremitas eram muito procurados, portanto nunca estavam assim sozinhos, pediam-lhes conselhos ...

HC – E uma pessoa que está num mosteiro decide ir para um ermitério ou é enviada?

IC – Na regra, São Bento diz que, o monge, se mostrar capacidade de viver sozinho, pode, com a licença do abade.

IB – Há muitos mosteiros que têm eremitas, na nossa congregação só somos nós que temos assim eremitas com estatuto próprio. Agora temos uma. Mas já houve uma altura em que tivemos três. A Irmã Myriam, a Irmã Nazaré que começou em França com a Irmã Myriam, depois separaram-se. A Irmã Nazaré era uma eremita que não tinha comunicação com mais ninguém, a irmã Myriam não. A Irmã Isabel Maria tinha um estatuto mais leve, porque era doente e não se bastava a si mesmo.

HC – Aqui no mosteiro só têm uma casa isolada?

IB – Sim, mas o ermitério pode fazer-se aqui dentro da casa. Lá em cima, na salinha onde é o terraço, tinha três quatinhos a que chamávamos o dormitório das pombas. Tinha três ou quatro camaratas separadas por umas cortinas. E ela chegou a viver ali, um tempo bom. Depois, por ter de subir muitas escadas, com a madre Plácida, priora, decidiram construir aquela casinha.

## As Beneditinas, a vinha e o trabalho monástico

HC – As irmãs ainda produzem vinho?

IB – Sim, o vinho cá da casa é feito cá! Temos umas máquinas, que não são muito modernas, ainda é manual.

HC – A vinha tem uma presença quase obrigatória nos mosteiros, não é?

IB – Aqui no Minho é uma coisa que já existia quando para cá viemos. É em latada porque já era assim, ainda há alguns pés que são da quinta primitiva que nos deram. É a quinta da Eira. Este terreno foi dado a Singeverga para umas futuras irmãs que viessem. A família que chamou os beneditinos para ali já há muito tempo sonhava com uma comunidade de irmãs. As Quintãs, onde fomos acolhidas primeiro, é mais longe, é uma casa senhorial muito bonita, a família até costuma vir cá buscar o mel. Agora já não produzimos mel porque as abelhas tiveram uma doença. A irmã Ilda João e a Irmã Rosa Maria foram as últimas a trabalhar no mel.

HC – Então que actividades mantém?

IB – Temos a vinha, de que o Sr. Fernando trata, temos a fruta, as compotas que são feitas só com fruta da casa, temos a confeitaria e a hospedaria...

HC – E em Santa Maria do Mar era mais ou menos a mesma coisa?

IB – Sim, tínhamos a catequese, mas ultimamente já havia grupos de catequistas preparados e, pouco a pouco, fomos retirando.

IC – São Bento diz que a nossa função é conforme a necessidade. Lá as irmãs também eram procuradas por causa da biblioteca, a irmã Daniel tinha pessoas que a procuravam, também havia grupos da Legião de Maria.

IB – Tinham a oração carismática.

HC – E os animais? E azeite, nunca fizeram?

IB – Os animais foi só no início, depois a irmã Marta morreu... Quanto ao azeite, aquela azeitona não é boa para azeite, é toda furada por causa do mar.

HC – O agrónomo da Câmara disse-me que aquelas oliveiras têm de ser muito antigas.

IB – São, ... desde a fundação.

HC – Foram as irmãs que as plantaram?

IB – Sim, plantaram para fazer muro, aquela rede só foi posta muitos anos depois.

### A ampliação do mosteiro e as suas razões

HC – Depois venderam uns talhões de terra.

IB – Vendemos aquelas últimas casas que estão na avenida. Vendemos para poder construir aquela última parte para a comunidade. A comunidade, no Verão, para receber todos os grupos e hóspedes, tinha de se desinstalar e ir para a parte de baixo onde ficava mal instalada. Por outro lado, nós daqui não podíamos lá ir, por não ter onde ficar.

HC – E até à construção como é que fizeram?

IC – Enquanto lá estive dormia na sala onde se dava a catequese. Punha-se uma cortina e duas caminhas.

IB – No Verão ficavam mal instaladas para dar lugar aos hóspedes.

HC – E no tempo normal, como é que dividiam entre as irmãs e os hóspedes? Ficavam as irmãs num piso e os hóspedes noutro? Tinham Clausura?

IB – Na parte de cima, sim.

IC – Sim, eu penso que era na parte de baixo. Quando lá estive estávamos todas em baixo. Naquela salinha dormíamos duas ou três (na sala do pátio). A irmã Catarina chegou a dormir no refeitório onde tínhamos um divã.

HC – Então reservavam os quartos sempre para hospedaria.

IB – Sim, porque vinham grupos, daí a urgência de fazer uma zona mais simples, não tão dispendiosa, para alojar a comunidade.

HC – Conheceu pessoalmente o NTP? Estava numa fase difícil.

IB – Sim, ele estava parece-me numa fase difícil e depois, é que pouco a pouco tornou a crescer.

HC – Mas já estava a trabalhar com ele a Irene Buarque?

IB – Sim, ela também estava a trabalhar! O segundo projecto era para a comunidade e nós exigimos que houvesse menos escadas. Mesmo assim, naquelas escadas para baixo, muitos trambolhões nós demos, porque ela é bastante a pique. Uma vez caí.

(...)

«A maquete do mosteiro completo estive em exposição muito tempo lá na sala da entrada»

(...)

IB – Em 2010 fui eu, com a irmã Lúcia, que fechei a porta. A irmã Daniel morreu em Julho. (...) eu tinha vindo de Angola em Abril, e fui lá fazer esse trabalho. Estavam lá a Irmã Daniel, a Irmã Inês e a irmã Aloísia que foi para lá para cuidar da irmã Daniel.

HC – Nessa altura trouxeram coisas?

IB – Nessa altura trouxemos as coisas que couberam na carrinha. Depois a irmã Maria foi lá mais tarde. Trouxemos as coisas da capela, alvas, casulas, as coisas da sacristia, só não trouxemos o sacrário. A Nossa Senhora e o Sacrário. A Nossa Senhora era obra da Clara Menéres, que era nossa hóspede aqui. As peanhas, os candeiros, foi tudo o arquitecto que fez.

IC – Tens que ir ver o ermitério enquanto é dia!

HC – As senhoras estão a tentar despachar-me!

### Conversa com a Ir. Maria do Carmo, Prioressa do Mosteiro e com a Ir. Maria da Graça

**Hugo Casanova (HC)** – De certa maneira o nome *colégio* no projecto do Raul Lino, podia ajudar a que o projecto passasse despercebido ou fosse mais aceite, tal como o nome *missionárias* também ajudava?

**Irmã Maria do Carmo (IMC)** – É que nós tínhamos uma escola, uma escola de Agentes Sociais Rurais. Este telhado está mais simples agora, era muito complexo, tem um terraço e tem janelas.



HC – O Raul Lino era especialista em fazer telhados complicados. Nas casas dele que ainda estão bem mantidas, os telhados são uma coisa lindíssima.

(...)

A obra na vossa capela foi na época da obra da Igreja em Singeverga ou não? Esta foi em 2002...

IMC – Foi pouco antes.

HC – Sem querer ser invasivo, os projectos de obras aqui no mosteiro foram oferecidos ou foram pagos?

IMC – Este era a contar que ia ser pago, mas depois não foi. Este que foi feito para aqui não foi pago e este outro foi descontinuado, era só para substituir as luzes.

HC – A irmã Maria disse-me que as lâmpadas tubulares fluorescentes já existiam na sala que agora é o refeitório dos hóspedes desde o tempo da construção original.

IMC – Sim, e estavam postas em cima de madeira, criando grande perigo de incêndio.

HC – Quando se está nesse refeitório ou na sala dos hóspedes, sente-se um ambiente à Raul Lino, estive na Casa do Cipreste e encontro em comum estas salas muito iluminadas, mas muito acolhedoras, com a vista direccionada para onde é mais bonito.

IMC – Sim, ele fazia as coisas pensadas, não é?

HC – As portas da capela são originais?

IMC – Sim, mas não foram desenhadas por ele, foram desenhadas por um Padre de Singeverga. Há coisas no projecto que não foram feitas, por exemplo estas janelinhas (tipo mansarda – nos desenhos) não foram feitas, estamos agora a fazer lá um sótão com janelas novas.

HC – Podia estar a seguir esse projecto... Também estava desenhada uma grande portaria.

IMC – Sim, essa parte não foi feita.

HC – Este é um fenómeno comum. Estava a lembrar-me do Seminário dos Olivais. Só foi feito um dos braços e depois a capela também já não foi construída segundo o projecto original. Não tem desenhos de exactamente como o mosteiro está?

IMC – Não...

HC – As aguarelas são de quem? Em Singeverga também vi.

IMC – Chama-se Eugénio era Alemão, vinha cá passava 15 dias a pintar aí e fazia isto muito rápido!  
Temos um amigo farmacêutico com muitas ideias que também nos fez um desenho para a igreja daqui.







HC – Isto são cheques?

IMC – Não são propriamente cheques, são *letras*, era uma coisa que circulava como dinheiro sem ser dinheiro. No fundo era como os cheques.

Ir. Maria da Graça – Estive em Santa Maria do Mar só de passagem e quando eu vim para o mosteiro a antiga priora já estava muito debilitada. E por isso não tenho conhecimento da história do mosteiro. Estive lá só de passagem e em encontros. Gostava muito do mosteiro, mas não estive lá.

## Cronologia

Data	O quê?	Como?	Quem?	Fonte
<b>1921</b>				
<b>03/05/1921</b>	Beneditas da Rainha dos Apóstolos	Aprovação diocesana da fundação da Congregação em Bruges, Bélgica. Fundada por D. Théodore Nève, O.S.B., abade de Santo André.		PELLICCIA, ROCCA, 1974-2003, Vol. I, p. 1277-1278
<b>1922</b>				
<b>1922</b>	Nuno Teotónio Pereira	Nasce em Lisboa		TOSTÕES [et al.], 2004. p. 285
<b>1935</b>				
<b>17/12/1935</b>	Beneditas da Rainha dos Apóstolos	É recebido nas Quintas pelos monges de Singeverga um grupo de irmãs que tinha recebido formação no Mosteiro de Notre-Dame de Béthanie (Loppem-Bruges, Bélgica), que era o priorado geral da congregação		COUTINHO, 2010. p. 335-337;
<b>1937</b>				
<b>10/02/1937</b>	Beneditas da Rainha dos Apóstolos	Lançamento da primeira pedra para o novo mosteiro de Santa Escolástica, Roriz		<b>Família Benedictina Portuguesa</b> , 2018. p. 17
<b>1939</b>				
<b>05/03/1939</b>	Beneditas da Rainha dos Apóstolos	Entrada solene das Irmãs no Mosteiro de Roriz (ocupado já desde 1938)		COUTINHO, 2010. p. 335-337;
<b>1948</b>				
<b>1948</b>	Nuno Teotónio Pereira	“Admitido como Arquitecto na Federação das Caixas de Previdência – Habitações Económicas” (até 1972)		TOSTÕES [et al.], 2004. p. 289
<b>1948-1952</b>	Nuno Teotónio Pereira	Reconstrução da “igreja Sagrado Coração de Jesus, Covilhã proj.: 1948   inaug: 1952”		MARQUES, 2017. p. 103; 735
<b>25/01/1948</b>	Beneditas da Rainha dos Apóstolos	Envio das Primeiras Missionárias para a Missão do Luso (hoje Luena), Moxico, Angola		<b>Família Benedictina Portuguesa</b> , 2018. p. 17
<b>15/03/1948</b>	Beneditas da Rainha dos Apóstolos	Entrada das Irmãs na Missão no Luso (hoje Luena), Moxico, Angola		<b>Família Benedictina Portuguesa</b> , 2018. p. 18
<b>04/06/1948</b>	Beneditas da Rainha dos Apóstolos	Fundação Canónica do Mosteiro do Sagrado Coração de Jesus no Luso (hoje Luena), Moxico, Angola (Monjas Benedictinas)		<b>Família Benedictina Portuguesa</b> , 2018. p. 19

11/07/1948	Beneditas da Rainha dos Apóstolos	Elevação do Mosteiro de Santa Escolástica a Priorado Conventual	<b>Família Beneditina Portuguesa</b> , 2018. p. 20
<b>1949</b>			
1949	Nuno Teotónio Pereira	“Termina o Curso de Arquitectura, na EBAP, com a classificação final de 18 valores” “Igreja Paroquial de Águas”	TOSTÕES [et al.], 2004. p. 290
1949-1957	Nuno Teotónio Pereira	“Igreja paroquial, Águas de Penamacor proj.: 20 Jul. 1949 (MD do ante-projecto)   inaug: 1957”	MARQUES, 2017. p. 735 PORTAS, 1957. p. 31-34
			
<b>1951</b>			
1951	Ludovico Quaroni	Projecto de Igreja para o Bairro de La Martella, Matera, Italia	TAFURI, 1976. p. 335 PORTAS, 1957. p. 31-34
			
			
<b>1952</b>			
1952	Nuno Teotónio Pereira	“Co-fundador e dirigente do MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa”	TOSTÕES [et al.], 2004. p. 291
<b>1953</b>			
1953	Nuno Teotónio Pereira	“Integra a comissão organizadora da «Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea» (...) Mercado, Crato (não construído). Em colaboração com António Pinto Freitas e Pedro Vieira de Almeida”	TOSTÕES [et al.], 2004. p. 291 CUNHA, 2014. p. 155

“1953 - Exposição de Arquitectura Religiosa Contemporânea” – organizada pelo grupo fundador do Movimento de Renovação da Arte Religiosa

1954

1954 MRAR Fundação oficial do Movimento de Renovação da Arte Religiosa CUNHA, 2014. p. 168

1955

18/12/1955 Beneditinas da Rainha dos Apóstolos Bêção da segunda ala do mosteiro de Roriz COUTINHO, 2010. p. 335-337;

1956

1956 Nuno Teotónio Pereira “Participa no “Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa” (...) equipa da Estremadura (...)” TOSTÕES [et al.], 2004. p. 292

1956-1958 BBPR (L. Belgioioso, E. Perussutti, E. Rogers)

Torre Velasca, Milão



TAFURI, 1976. p. 347  
Imagem In BENEVOLO,  
p. 796-797

1957

1957 Franco Albini e Franca Helg Projecto dos Armazéns Rinascente em Roma

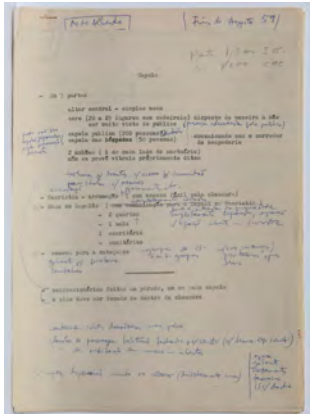
TAFURI, 1976. p. 353

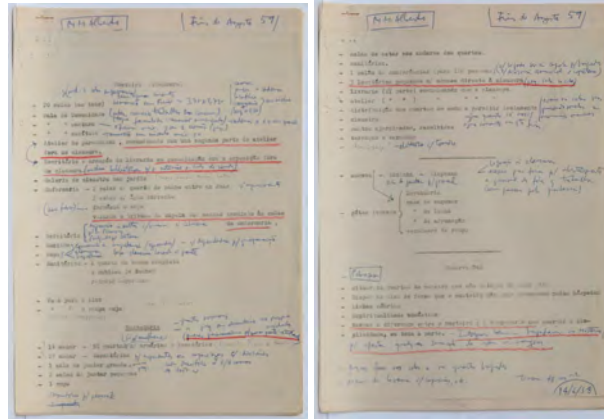


1957 Nuno Teotónio Pereira “Segundo Atelier: Rua da Alegria, nº 61, r/c Nuno Portas entra para o atelier (...)”

TOSTÕES [et al.], 2004. p. 292

		<p>Casa Brás de Oliveira, Sesimbra. Com Nuno Portas e Pedro Vieira de Almeida.</p> <p>Conjunto de Casas de Renda Económica, Vila do Conde, Federação de Caixas de Previdência. Com Nuno Portas</p> <p>Conjunto de Casas de Renda Económica, Federação de Caixas de Previdência, Trancoso. Com Duarte Nuno Simões.</p> <p>Olivais Norte (I)/ Câmara Municipal de Lisboa. Em parceria com Nuno Portas e António Pinto Freitas. Prémio Valmor em 1968.”</p>		
1957-1961	Nuno Teotónio Pereira	“Centro Social Alto da Serafina - igreja provisória do Bairro da Liberdade – Campolide, Lisboa proj.: 26 Abr.1957 (MD projecto)   1ª pedra: 20. Jul.1958   inaug: 24. Jul.1961 colab.: João Braula Reis”		MARQUES, 2017. p. 735
Julho 1957	Nuno Portas	Artigo sobre a Arquitectura Religiosa Moderna em Portugal, a Igreja do Arq. Ludovico Quaroni para a Comunidade de la Martella e a Igreja dos Arqs. Luigi Figini e Gino Polini para o Bairro INA-Casa em Baggio		PORTAS, 1957. p. 31-34
06/09/1957	Mosteiro	Fundação do Mosteiro de Santa Maria do Mar		COUTINHO, 2010. p. 335-337;
08/09/1957	Mosteiro	Fundação do Mosteiro de Santa Maria do Mar (“começada em Lisboa”)		<b>Família Beneditina Portuguesa</b> , 2018. p. 21
<b>1958</b>				
1958	Nuno Teotónio Pereira - Atelier	<p>“Viagem a Barcelona e a Itália com Nuno Portas. Em Veneza conhece Carlo Scarpa.”</p> <p>“Complexo Fabril e Residencial, Ganda, Angola. Com Bartolomeu da Costa Cabral e António de Freitas Leal.” – paisagismo de Júlio Moreira</p> <p>“Casa Metelo, Praia das Maças. Com Nuno Portas. (...) Antepiano Geral de Urbanização, Fronteira. Desenvolvido com a colaboração de Nuno Portas”</p> <p>“Conjunto de Casas de Renda Económica, Barcelos, Federação de Caixas de Previdência”</p>		TOSTÕES [et al.], 2004. p. 293
2 a 5/01/1958	MRAR Formação	Curso em Lisboa com presença de Hermann Baur	MRAR	MARQUES, 2017. p. 685
29/04/1958	Carta a Nuno Teotónio Pereira	<p>Pedido do anteprojecto para a Câmara Municipal de Cascais que tendo autorizado a construção só determinará a percentagem depois de ver o ante-projecto.</p> <p>Pedido das fotografias que o arquitecto tinha ficado de enviar para verem “a concepção em que se baseia e chegarmos a uma conclusão de se podemos estar de acordo em matéria de espiritualidade da arte”</p>	Ir. Maria Alberto, O.S.B.	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)

31/05/1958	Carta a Nuno Teotónio Pereira	Confirmação de que a proposta foi aceite pela Rev. M. Pioresa, marcação de reunião em Lisboa, pedido de “tópicos do que mais lhe interessa saber” para “levarmos já assentes o maior número de ideias”	Ir. Maria Alberto, O.S.B.	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
09/06/1958	Carta a Ir. Maria Alberto	<p>“satisfeito com a minha proposta de fazer o ante-projecto sem outros encargos que não sejam as despesas de atelier; isto no caso de o ante-projecto não ser aceite e de não se poder chegar a um acordo. Mas é claro que fiz essa proposta na esperança de que esse acordo seja possível, e nesse caso – e entende – o projecto será remunerado como habitualmente, segundo as tabelas em vigor.</p> <p>Quero manifestar-lhe a minha alegria e o meu agradecimento pelo encargo que me acabam de incumbir e digo a V. Rev.as Que ponho neste trabalho todo o meu entusiasmo e devoção”</p> <p>“E estou sempre disposto à mais viva colaboração; a obra final não poderá ser só minha – terá de ser de todos nós. Nos poucos contactos que já tivemos tive o prazer de observar que existe de V. Rev.as um esplêndido espírito de colaboração e isso parece-me ser uma boa garantia para o bom resultado final.</p> <p>Peço-lhe o favor transmitir tudo isto à Rev. Madre Pioresa, ao mesmo tempo que o meu agradecimento. (...) Os elementos que para já necessito são a planta do terreno e o programa; isto consiste na descrição das necessidades, isto é, enumeração das peças e compartimentos necessários, a respectiva lotação ou dimensões aproximadas e as ligações entre si. Com os melhores cumprimentos Nuno Teotónio Pereira</p> <p>PS – Se tiverem alguma (...) sobre mosteiros antigos ou modernos, agradeça que me facultassem.”</p>	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
14/06/1958	Projecto	Programa dactilografado	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00176 (estudo prévio 2 com anotações)
				



### “Capela

- Em 3 partes

Altar central – simples mesa

Coro (20 a 25 lugares com cadeirais) disposto de maneira a não ser muito visto do público (presença adivinhada pelo público)

Capela pública (200 pessoas?) – sentadas

Capela das hóspedes (50 pessoas)

- Comunicando com o corredor da hospedaria

Pode não ser capela separada, basta separação discreta

2 ambões (1 de cada lado do santuário)

Não se prevê vitrais propriamente ditos

Tribuna p/ doentes c/ acesso p/ comunhão

Prever schola p/ meninos

Arrecadação p/ paramentos etc.

- Sacristia – arrumação (com acesso fácil pela clausura)

- Casa do Capelão (com comunicação para a capela ou sacristia) completamente isolada

Junto à entrada da propriedade completamente separada, apenas c/ ligação coberta à sacristia

- 2 quartos

- 1 sala

1 escritório

- Sanitários

- Anexos para a catequese - grupos de 15 – 6 ou 7 grupos – 200 crianças por turnos e por sexos

Gabinete p/ secretaria

Sanitários

- Confessionários feitos na parede, um em cada capela

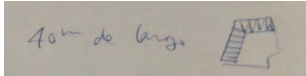


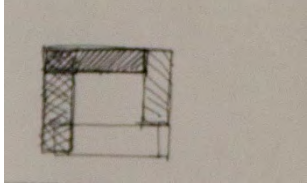
- O sino deve ser tocado de dentro da clausura  
 Construção sólida, duradoura, mas pobre  
 Claustros de passagem habitual fechados p c/ [cortar] vento (v/ Semin.  
 Esp. Santo) [Seminário do Espírito Santo – Provavelmente de São  
 Domingos de Rana]  
 Claustros de meditação ou recreio – abertos  
 - Peq. Dispensário muito no exterior (directamente rua) – espera, gabinete,  
 tratamentos, farmácia, IS c/ duche

(...)

Mosteiro (clausura) (...)  
 Hospedaria (...)  
 Observações (...)"

29/06/1958	Carta a Nuno Teotónio Pereira	<p>Envio de Planta (“não servirá talvez”)          Pedido de contacto entre Nuno Teotónio Pereira e o Eng. Joel Câncio Escudeiro – que tem feito o traçado do bairro de Sassoeiros          O Rev. D. Martin ausentou-se para férias          Pedido de que Nuno Teotónio Pereira vá a Singeverga quando for a Roriz.          “Ignoro se de Roriz já lhe enviaram literatura e fotografia sobre mosteiros antigos”          [D. Martin Martin O.S.B. (1889-1965) natural de França, professou (15. Jan.1914) e foi ordenado (30. Dez.1923) na abadia de Mont César, em Lovaina na Bélgica. Dedicou-se à Ourivesaria sacra – razão pela qual visitou Portugal pela primeira vez em 1931. Esteve por diversas vezes em Portugal até que ingressou no mosteiro beneditino de Singeverga (27. Abr.1950). Escreveu com regularidade artigos dedicados à arte sacra na revista Ora et Labora. In MARQUES, 2017. p. 17]</p>	Ir. Maria Alberto, O.S.B.	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
18/9/1958	Carta a Nuno Teotónio Pereira	<p>Exemplos de Mosteiros a conhecer enviados pelas irmãs em resposta a pedido de Nuno Teotónio Pereira:          Sul de França:          Coeur Immaculé de Belloc (1875) com a casa Dt. Leon de Pau          “St. Benoît d’Encalcat e perto para monjas [Abadia de] Dourgne”          St. Marie de Tournay (H.tes Pirinées) (antigamente à Madiran)          Norte de França:          Solesmes          Luxemburgo:          St. Maurice et St. Maur de Clervaux “dito interessante”          Bélgica:          Abadia de Orval “é importantíssima”          Ainda em França:          St. Paul de Wisques, perto de St. Omer          Holanda:</p>	Ir. Maria Alberto, O.S.B.	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)

		St. Paul d'Oosterhout (De Sint Paulusabdij) “Enfim na Itália parece ser tudo de arquitectura pouco notável.” “Desejo óptima viagem e em Outubro (...) teremos ocasião de trocar impressões.”		
25/10/1958	Reunião Sassoeiros	Reunião Sassoeiros c/ Brigadeiro, Engenheiro e Madres – Plantação faixa, construção de escola pública próxima, bairro de Sassoeiros, Sala do Capítulo [Desenho]	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00175 (estudo prévio 1 - preparação do programa)
				
		“Reunião Sassoeiros Brigadeiro, Eng. Escudeiro [?], M. M. Alberto, M. Pioresa” – Águas, Esgotos, Plantação, acesso ao bairro, população do bairro.		
1958	Reunião	“Outra Reunião 1958” – “Muro de Vedação do terreno não indispensável, não como no Carmelo”, serviços integrados no mosteiro, esclarecimento de dúvidas sobre a vida do mosteiro		Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00175 (estudo prévio 1 - preparação do programa)
12/11/1958	Reunião	M. M. Alberto M. Pioresa Fase plano de conjunto, fase projecto e construir casa capelão e anexos para habitação provisória; Prazo para Apresentação – Primavera (Março) “Serviços Florestais – (Eng. ...) / R. Marquês de Fronteira (...) Tratar arquitecto paisagista p/ o efeito Fazer Jardim provisório p/ retiros próx. da casa actual [muros, alpendre, árvores o mais possível (...)] v/ possibilidade de construção desmontável provisória para – Dormitório 30 pessoas e instal. Sanitárias – Capela (resposta daqui a 1 mês) (desmontável - ou aproveitamento de lavoura)		Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00175 (estudo prévio 1 - preparação do programa)
<b>1959</b>				
1959	Atelier de Nuno Teotónio Pereira	Entrada de Pedro Vieira de Almeida para o Atelier de Nuno Teotónio Pereira	Pedro Vieira de Almeida	TOSTÕES [et al.], 2004. p. 317
1959-1968	Atelier de Nuno Teotónio Pereira	Mosteiro de Santa Maria do Mar Sassoeiros, Carcavelos colab.: Nuno Portas, Pedro Vieira de Almeida		MARQUES, 2017. p. 735

1959	Atelier de Nuno Teotónio Pereira	<p>“Mosteiro de Santa Maria do Mar, Sassocieiros. Com Nuno Portas e Pedro Vieira de Almeida.</p> <p>Conjunto de Casas de Renda Económica, Caramulo, Federação de Caixas de Previdência.</p> <p>Casa Dr. Barata dos Santos, Vila Viçosa. Com Nuno Portas.”</p>	TOSTÕES [et al.], 2004. p. 293
31/01/1959	Reunião	<p>“</p> <p>1</p> <p>CRESCIMENTO &amp; FASES</p> <p>O mosteiro deve ser uma construção estática, acabada, completa, fechada e envolvente ou pode ser dinâmica, em crescimento contínuo?</p> <p>A solução é</p> <p>1 – Fazer um plano tão completo qto possível, a construir por fases, mas de modo que na 1ª fase não tenha o aspecto de uma construção por acabar.</p> <p>2- Permitir, mesmo para além do plano total, possibilidade de ampliações.</p> <p>As zonas de mosteiro, hospedaria e anexos podem vir a ampliar-se</p> <p>Esquema tradicional de crescimento:</p> <p>[Desenho]</p>  <p>HOSPEDARIA/MOSTEIRO</p> <p>A hospedaria deve integrar-se completamente no mosteiro?</p> <p>Ou deve comportar-se como um anexo?</p> <p>Parece que no meio está a solução, i. e. :</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- A hospedaria é parte fundamental do mosteiro, obrigatória, faz parte dele;</li> <li>- Mas deve ser separado da clausura</li> <li>- Portanto não separação exagerada nem nada que se assemelhe a um anexo.</li> </ul> <p>Todas as partes do Mosteiro devem ser fortemente integradas.</p> <p>2</p> <p>CONSTRUÇÃO</p>	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00175 (estudo prévio 1 - preparação do programa)

---

Parede de alvenaria da região, c/ juntas to...s e caiação c/ fixador. Mesmo q. fique um pouco + caro que b.a. c/ tijolo é preferível? Pelo menos p/ as construções baixas; as altas, p/ ex: igreja, torre, santuário e talvez hospedaria, em b.a. e tijolo, mas c/ o mesmo tratamento.

Lintéis de b.a. com vigas pré-fabricadas de pavimento (como Praia das Maçãs), deixadas à vista nas paredes, com as suas concavidades. V/ problema da espessura das paredes e da presença de juntas por baixo. De qualquer modo, os lintéis de b.a. deixados à vista, incluindo ou não a laje...

-  
Tectos de elementos pré-fabricados sem revestimento), só com caiação (simples ou outro).

-  
Omnilite à vista div. zonas comuns c/ boas condições acústicas: igreja, capítulo, refeitório, sala conferências.

A omnilite garante absorção sem sacrifício da rudeza e austeridade: os outros absorventes dão demasiado conforto.

3

A separação da clausura deve ser claramente exprimida nos volumes, correspondendo, p.x. a corpos distintos= ou não, dado que há zonas mistas? Haverá realmente? Quais? Capela”

### CAPELA

3 zonas: madres (coro) – 20

hóspedes – 50

público – 200

c/ tribuna p/ doentes c/ acesso p/ comunhão

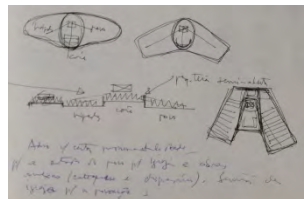
tudo num espaço unitário, o menos possível compartimentado, donde: dominância do espaço do altar ou do altar-coro, quando [?] este é pequeno.

De qualquer modo, o coro deve estar no eixo principal, ou ocupar o lugar + importante, sem relegar demasiado o povo (por ex. c/ grades atrás do coro, o q. seria péssima solução).

Pro... soluções em níveis diferentes?

A solução de opor coro a povo não é boa, p/ causa da posição do celebrante (gestos, saudações, bênção etc.)

[Desenhos]



---

Adro c/ certa monumentalidade p/ a entrada do povo p/ igreja e obras anexas (catequese e dispensário). Servirá de igreja p/ a povoação.

#### ARBORIZAÇÃO E CULTURAS

- a) Estando na tradição dos mosteiros uma cultura organizada e variada do solo, como o exige a auto-manutenção, e
- b) Sendo o terreno no estado actual sem a mínima organização nesse sentido,
- c) – Há q. fazer uma planificação ordenada de exploração do solo, feita por técnico competente, e que defina em função da localização do mosteiro e ao mesmo tempo as zonas a afectar à floresta, ao sequeiro, à jardinagem, ao regadio, etc.

-

Estudo do arranjo em socacos c/ muros de suporte à maneira meridional, sobretudo nas zonas regadas de jardim e pomar junto à casa.

V/ jardim-pomar português tipo Castelo Branco e Águas.

-

De facto, o estabelecimento de edifícios não pode ser independente da planificação do terreno todo, aqui com a máxima razão.

#### FASES

Hipótese A

Possivelmente não realizável:

Construir todos os órgãos essenciais e deixar p/ futura ampliação apenas: celas, quarto para hóspedes, células de trabalho, etc.

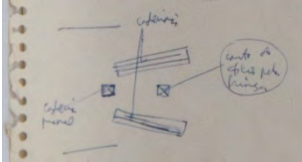
Hipótese B

Construção rotativa como em Roriz, em que umas instalações vão servindo p/ outros fins até à construção definitiva (muito inconveniente). Os órgãos instalados durante muito tempo em locais inadequados, péssima solução. Admite-se quando feita organicamente, não planificada. Mas, dado que há um plano e que se prevêem grandes intervalos o plano deve ter em consideração as fases de construção e, portanto, evitar este sistema. Mas como? 1ª Fase: Mosteiro propriamente dito com todas as celas as sobranças destas seriam aproveitadas para hospedaria provisória. Depois deste, construção de um corpo de hospedaria, depois outro etc. a Igreja une o refeitório este numa sala capitular ou a igreja género barracão barato ou só a zona do santuário coro e as restantes zonas em barracão.

Fase Provisória (...?)

Construção casa p/ obras anexas e capelão c/ compartimentação ligeira e jardins anexos a sul

Casas p/ lavoura devem ser do lado oposto (nascente)”

02/02/1959 Reunião Sassoeiros	<p>“Procissões Quotidianas” das Irmãs</p> <p>“No corredor das celas não há procissões (a não ser na extrema-unção). (...) em todo o caso deve ser considerado como um prolongamento do claustro.”</p> <p>O claustro deve estar à margem do trânsito corrente, do trabalho, etc. Claustro só para procissões e meditação. Fazer outros claustros para recreio, etc. Claustro ligado a Capela, refeitório, capítulo, jardim.</p> <p>-</p> <p>Aqui fazem matinas antecipadas, à noite, na véspera.</p> <p>-</p> <p>Separar hospedaria em diversas partes: silêncio, convívio, mulheres, raparigas, casais?, guarda filhos? [?]</p> <p>(esquema da disposição do coro)</p>	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00175 (estudo prévio 1 - preparação do programa)		
	<p>-</p> <p>v/ acústica [?] em capela/capítulo/refeitório)</p> <p>-</p> <p>Pensar cursos [?] domésticos, anexo ao dispensário (separado da hospedaria)</p> <p>-</p> <p>Claustro hóspedes ligado a claustro clausura?</p> <p>-</p> <p>Casa do capelão bem separada de qualquer edifício, mesmo dos anexos.</p> <p>-</p>			
07/02/1959	Projecto	Memória Descritiva “Problemas Paisagísticos e Agronómicos”	Júlio Moreira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00175 (estudo prévio 1 - preparação do programa)
8/02/1959	Projecto	Desenhos do Estudo Prévio I		Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00175 (estudo prévio 1 - preparação do programa)(PT NTP DES

			06264-06268, 06270,06271)
<b>09/02/1959</b>	Projecto	Mosteiro de Sasseiros - Estudo Prévio I – Nota Explicativa	Nuno Teotónio Pereira Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00175 (estudo prévio 1 - preparação do programa)
<b>20/02/1959</b>	Reunião	1 Resposta ao I estudo Prévio Igreja muito alongada: Interessa que o povo assista e acompanhe os ofícios do côro - Sacristias – separadas: padre, sacristã (a maior) - Confissões: religiosas – dentro do côro (sem o padre entrar), pessoas de fora - Sugestão capela lateral p/ expo 5ª feira Santa (problema: tem de ser acessível a religiosas e povo) - Horário Provável: Levantar - 6,40 + 30m Laudes – 7,10 + 20 Missa – 7,30 Prima – ° + 1 hora Peq. Almoço etc. – 8,30 Tércia, Sexta – 9,30 Trabalho – 10,30 Visita SS – 12,45 Almoço/recreio – 13,00 Noa – 14,30 Trabalho – 14,45 Vésperas – 16,45 Oração Trabalho – 18,00 Matinas – 19,15 Jantar – 20,15 recreio Completas – 21,30 Deitar – 22,30	M. Prioresa/ M. M. Alberto Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00175 (estudo prévio 1 - preparação do programa)

---

2

ao conforto do coro (frio) deixar entrar sol. Defender do vento.

-

Concordância c/ disposição lugares do estudo prévio na igreja: lugares principais, no eixo, ao coro e às hóspedes; o público, ao fundo, atrás. No entanto: aprofundar a solução em L c/ capela lateral p/ hóspedes, permitindo correr vedação p/ fazer conferências.

-

Atenção Igreja c/ boas condições acústicas. Ver problema em relação ao peq. Número de religiosas do coro.

-

Órgão: prever [?], talvez em tribuna, mas c/ organista tocando em baixo, junto ao cadeiral. De início, apenas harmónio.

-

Prever tribuna da capela para hóspedes doentes

-

Casa capelão mais próxima Igreja, embora separada. Talvez ligada com passarela.

-

Abolir dormitórios. tudo quartos p/ hóspedes

Fazer só dormitório p/ pessoal (talvez 6 raparigas) (na zona da hospedaria)

-

v/ possibilidade (...) vizinhança enfermaria do coro e do refeitório. As doentes em geral assistem aos ofícios.

-

Rouparia central desnecessária: só nas grandes zonas de utilização.

3

Serviço de lavanderia e engomadoria com pessoal de fora. Na cozinha não.

-

Separar catequese etc. do capelão, p/ c/ silêncio e isolamento deste.

-

Sino capitular: tem que ser ouvido nas celas e nos serviços; chamadas p/ capítulo, conferências, aulas, etc. Deve poder ser tocado junto à porta da igreja (no claustro?), em ponto central.

Sínos da igreja. Dois: para o mosteiro (ofícios) – a tocar de dentro da clausura – para a povoação (oração)

Pode ser um campanário único.

-

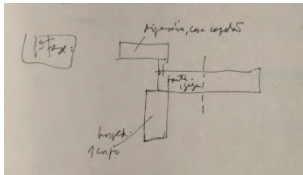
Tem que haver entrada separada no mosteiro para as madres c/ ligação directa à clausura. Se não for possível, fazer entrada por trás/fora, (...) ou melhor: entrada sem ligação directa à clausura, mas não passando pela entrada da hospedaria



---

Por José Orlando de Campos Martins

---

<b>11/07/1959</b>	Carta a Nuno Teotónio Pereira	Agradecimento por lhes ter “dado” parte da Exposição de Arte Sacra no Porto – reconhecimento.	Ir. Maria Gabriel, O.S.B.	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>11/07/1959</b>	Reunião com M. Prioressa Geral M. M. Alberto	Pontos a Esclarecer - Conjunto sacristias - Problema entrada directa clausura - Igreja - Casa capelão (p/ os padres dos retiros) – pode ser ligado ao dispensário, c/ entrada própria - v/ ruído crianças – 3 quartos/sala - Construção imediata: bloco dispensário? Assim: casa capelão – comunidade; dispensário -cozinhas etc.; escola etc – salas hóspedes Corpo p/ casais independente ou hospedaria? 1ª fase: [Desenho]		Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00176 (estudo prévio 2 com anotações)
				
Ante-projecto – necessário 20 Set – provável Outubro				
<b>1959</b>	Minuta para carta ao presidente da C.M. Oeiras	Pedido de pronunciamento sobre o estudo prévio e a sua relação com a estrada que separa o mosteiro do terreno da Quinta do Marquês.	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>18/08/1959</b>	Carta à Rev. Madre Prioressa	Envio da factura do levantamento topográfico (apresentada por Orlando de Campos Martins) – nota de que foi feito um desconto		Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>Fim de Agosto 1959</b>	Reunião com M. M. Alberto	“Regulamento da Costa do Sol – ocupação zona rural 1% Pedido em requerimento 5% Considerada elevadíssima ocupação Pendente autorização de ante-projecto Falar com Celestino Costa		Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00176 (estudo prévio 2 com anotações)

---

---

Esclarecer corte terreno pela estrada (...?)  
-  
Hospedaria no R/C  
Átrio tipo hotel:  
locutórios clausura  
portaria  
telefones  
vestiários e IS p/ público externo  
assentos p/ espera  
Sala conferências – lotação: 10/60 pessoas??  
Capela-oratório [?]  
Sala de estar geral [?] – bastará o átrio? /vestíbulo?  
Há pequenas salas comuns nas zonas  
A entrada para o mosteiro e o acesso aos locutórios pode não ser  
rigorosamente através da clausura, basta que seja através zona  
sossegada/segregada [?]  
Pgt – 1 ou mais salas de conferências? (hipótese diversos grupos – aulas,  
etc. )

---

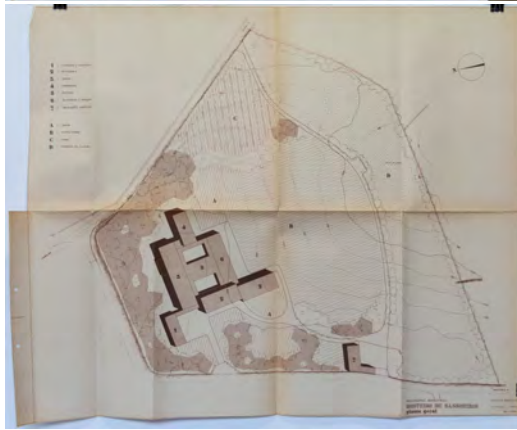
22/09/1959 Projecto

Estudo prévio II  
Planta de Localização - 1:2000 PT NTP DES 06272  
Planta Geral – 1:500 – PT NTP DES 06273

Nuno  
Teotónio  
Pereira

Arquivo Pessoal do  
Arquitecto Nuno  
Teotónio Pereira - PT  
NTP TXT 00176 (estudo  
prévio 2 com anotações)

---

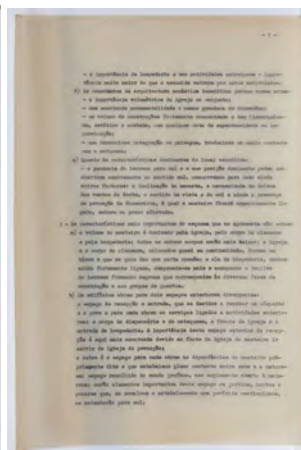
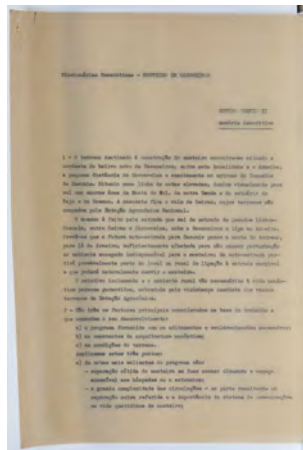


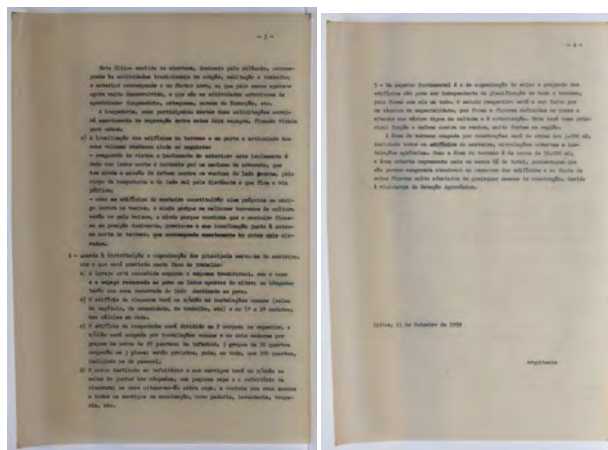
23/09/1959 Projecto

Memória Descritiva do Estudo Prévio II

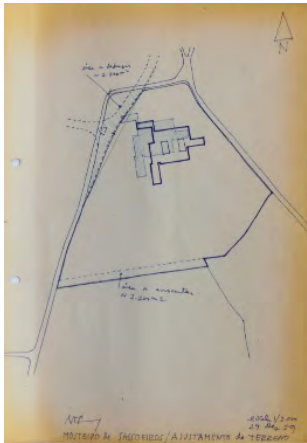
Nuno Teotónio Pereira  
Caixa nº 3851, Arquivo Técnico de Urbanismo da Câmara Municipal de Cascais

PT NTP TXT 00176  
(estudo prévio 2 com anotações)





17/10/1959	Reunião com M.M. Alberto M. Pioresa	<p>Não há capela privativa das hóspedes na hospedaria 4 locutórios (1 Grande, 3 + pequenos) 1 sala R/C p/ 100 pessoas 1 sala R/C p/ +/- 40 pessoas Salas p/ 20 pessoas nos andares Não fazer vestíbulo grande p/ evitar bulício Qto p/ porteira junto à portaria p/ dormir Jardim rigorosamente separado Prever rede telefónica interna</p>	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)
5/11/1959	Carta à Rev. Madre Pioresa	<p>Reunião com o arquitecto Fonseca – nada está decidido quanto ao bairro, nada está previsto quanto à estrada que ladeia a estação agronómica. Recomendação de entrega de requerimento na Câmara Municipal Oeiras para definição da solução futura.</p>	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
16/12/1959	Carta à Rev. Madre Maria Alberto, O.S.B.	<p>Indicações conseguidas nas Câmaras de Cascais e Oeiras. A Câmara de Cascais prevê vir a desviar a estrada na faixa norte do terreno, obrigando à deslocação do edifício para sul e compensando as irmãs com uma faixa de terreno a sul (desenho anexo?). A Câmara de Oeiras julga não ter que ver com o projecto que se localiza em Cascais, não prevê nada para a estrada-limite e admite que venha a não haver bairro nos “terrenos” Riba d’Ave, objecto de demoradas conversações. “Desde a nossa última conversa em Sassoeiros não peguei no trabalho do projecto, pois nessa altura foi-me dito que se encarava a hipótese do abandono do terreno actual; esta disposição foi me confirmada mais tarde pelo Eng. Júlio Moreira, a quem foram dadas indicações de que as plantações não se fariam antes de haver uma certeza sobre o caso?”</p>	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)

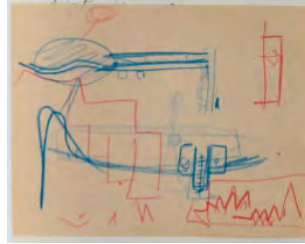
Indicações dadas pelo Eng. Júlio Moreira			
29/12/1959	Carta à Rev. Madre Maria Alberto, O.S.B.	“Recebi comunicação telefónica de Sassoeiros, dizendo que as plantações e que o trabalho de projecto podia prosseguir.” Envio de desenho. Pedido de informações.	Nuno Teotónio Pereira Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
29/12/1959	Projecto	Mosteiro de Sassoeiros/ Ajustamento de Terreno 1:2000 	Nuno Teotónio Pereira Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00176 (estudo prévio 2 com anotações)
<b>1960</b>			
09/01/1960	Carta a Nuno Teotónio Pereira	A Rev. Madre Priora concorda que a terra onde poderá a vir a passar a estrada seja plantada pois ficaria “muito inestética se ficasse inculca” “Comunicado a Júlio Moreira em 9/1”	Ir. Maria Alberto, O.S.B. Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
14/02/1960	Carta a Nuno Teotónio Pereira	Envio de cheque para Eng. Júlio Moreira	Ir. Maria Alberto, O.S.B. Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
19/04/1960	Carta a Nuno Teotónio Pereira	“votos de santas festas pascaís” “espero que (...) o Mosteiro de S.ta Maria do Mar já esteja visível no papel” Pedido para reunião em Sassoeiros com a Priora para ver o que está feito. “Realmente agora temos de acelerar ao máximo os trabalhos”	Ir. Maria Alberto, O.S.B. Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)

20/04/1960	Reunião M. Pioresa Roriz M. Pioresa Sassoeiros	<p>“Comparticipação? Fases? Apresentação MOP -Setembro projecto 1ª fase Entrada/Vestíbulo – carácter fechado ou aberto/ zona de convívio/permanência / entrada única ou 2 separadas</p> <p>Claustro como simples circulação – acesso aos serviços na cave está esclarecido que não/ mas ligação ao locutório, portaria etc.? Não pode ser através do claustro? Pode Enfermaria ligada à capela por galeria? Problema deslocação dos doentes muitas vezes ao dia</p> <p>Esclarecer bem programa salas hóspedes (v/ notas na folha) (sala grande c/ ambiente de capela c/ oratório) Lava-mãos no claustro? – (refeições etc.) Talvez Ligação directa claustro-oficinas? Programa detalhado cozinha/copas/serviços e sua distribuição por pisos</p> <p>Enfermaria: celas separadas? Deslocação? Capítulo – entrada procissão, disposição círculo, mesa, cadeiras, etc. Disposição das mesas refeitório hóspedes – Mesas compridas? Sim Quarto prioresa diferente? c/ escritório - Quartos irmãs conversas e pessoal? Vestiário das casulas p/ vestir antes da estação p/ o coro – suntu à sala de estar. Possível funcionamento de curso de cozinha na copa de hóspedes. Esta deve ser acessível aos hóspedes. Lavagem loiças de mesa nas copas, em comunidade, logo: copas amplas.</p> <p>Locutórios c/ ligação directa à clausura - Salas de trabalho em contacto com a natureza (especialmente paramentos). Talvez através de claustro. Estudar vedação/redução janelas p/ quando termina [?] o trabalho p/ desarrumação. “ ... Igreja Capítulo Hospedaria- capacidade 30 1ª fase e 70/80 definitivo</p> <p>“M. prioresa Visita Madre Geral Outubro 1ª Pedra Maquete</p> <p>Vedação: consultar empreiteiro alvenaria – seca; argamassada (...)</p>	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)
------------	---	--	-----------------------	---

---

CM Cascais se chegou processo nº 2719

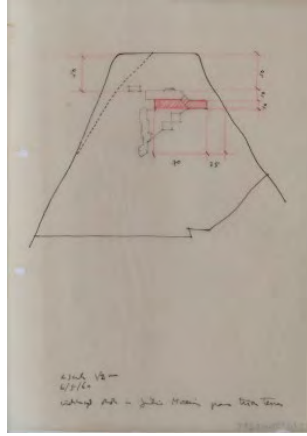
Fazer capela própria p/ retiros ou cripta p/ esse efeito  
Abrigo p/ retiros pequenos?”

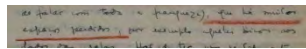


---

<b>5/5/1960</b>	Beneditas da Rainha dos Apóstolos	Aquisição do terreno do Mosteiro de Santa Maria do Mar registada na 2ª Conservatória do Registo Predial de Cascais. “Aquisição. Causa: Compra. Congregação das Beneditinas Missionárias (...) Maria do Carmo Câmara Leme de França Dória. António Câmara Leme de França Dória”		2ª Conservatória do Registo Predial de Cascais (Ver Anexo)
<b>25/05/1960</b>	Carta à Rev. Madre Maria Alberto, O. S. B.	Envio de dois exemplares do esboçeto. “enviarei um 3º para Sassoeiros” “desenvolvimento do que foi mostrado no passado mês à Rev. Madre Priora;” “não (...) definitiva; sobretudo na parte central é natural que encontremos uma outra solução melhor” “convinha que examinassem com atenção êste esboçeto e nos fizessem chegar as vossas observações” Estimativa de custos; Pedido de pagamento antecipado se isso não causar transtorno; Pedido do despacho de aprovação do estudo prévio na câmara; Pedido de que contactem a Câmara sobre a estrada.	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>5/06/1960</b>	Desenho	Escala 1/2mil (...) Indicação dada a Júlio Moreira para triar [?] terras		Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00176 (estudo prévio 2 com anotações)

---

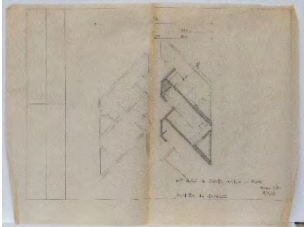
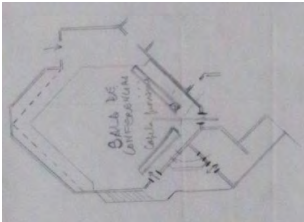

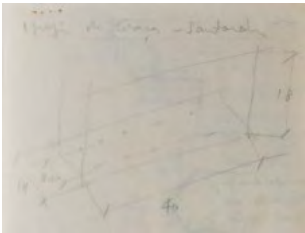


<p>08/06/1960 Carta a Nuno Teotónio Pereira</p>	<p>“(…) não pode ser analisado de ânimo leve.”</p> <p>“A M.e M. Cecília diz-me que o Sr. Arq.º está decidido a vir a Roriz para vermos tudo em conjunto. Será óptimo porque temos muitos pontos de interrogação a embarçar-nos.”</p> <p>“agrada muito”</p> <p>“salas sem luz nem ventilação directa (...) as clarabóias (...) devem ser evitadas” – proposta de pátios ajardinados para ser possível abrir janelas.</p> <p>“complicação dos telhados”</p> <p>“que poderemos entender por alpendrado, recinto aberto, mas pavimentado?”</p> <p>“estou certa uma vez que se troque impressões sobre o trabalho muito se esclarecerá e as dúvidas desaparecerão.”</p> <p>“há muitos espaços perdidos, por exemplo aqueles bicos aos lados das salas”</p>	<p>Ir. Maria Alberto, O.S.B.</p>	<p>Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)</p>
<p>08/06/1960 Carta a Nuno Teotónio Pereira</p>	 <p>“vou pedir o favor de lhe enviarem um cheque de 10000”</p> <p>“se vier de carro e não o trouxer cheio agradecia dissesse alguma coisa para S.ta Maria do Mar, pois estão para vir umas Irmãs, (...) seria óptimo se aproveitassem.”</p> <p>“cumprimentos a sua esposa e a sua Irmã – Maria Alice. Faço votos que os pequeninos estejam muito bem.”</p> <p>Pedido para que avise e vá com tempo para não terem pressa.</p>	<p>Ir. Maria Alberto, O.S.B.</p>	<p>Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT</p>



				NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>13/06/1960</b>	Bilhete Postal a Nuno Teotónio Pereira	Aviso de que não estarão na sexta feira seguinte e pedido para avisar da sua ida.	Ir. Maria Alberto, O.S.B.	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>13/06/1960</b>	Reunião/apontamentos para reunião	Sala do capítulo "leitura, espaço p/ prostração monjas à frente das cadeiras" Estacionamento Lavagem de loiça Escritório Prioresa		Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)
<b>18/06/1960</b>	Reunião em Roriz	1 Cozinha e serviços 1ª fase "M. P. Pretende não fazer 1ª A do refeit. Madres - Vénia à MP e ao crucifixo no entrar p/ o refeitório. A leitura [o local da leitura] deve ser deslocada p/ o lado, deixando o espaço central livre - Estudar solução terraços na hospedaria. Mandar depois." "Bibliotecas separadas (...)"  2 "Proposta p/ a 1ª fase MP: (Madre Prioresa) Fazer os 2 refeitórios [?] q. ficarão para – hóspedes: refeitório e sala comunidade; irmãs: conferências (c/ acesso pelo ext.) Salão em capela Refeitório hóspedes por bx. 1º corpo hospedaria (onde estão as salas) Claustro hóspedes só p/ clausura Não fazer por ora? Oficina de paramentos - MP não aconselha terraços"		Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)
<b>26/6/1960</b>	Carta M.M. Alberto	Pormenores diversos  Mosteiro: Honorários "(...) Recebido (...) 14/06/60 10.000\$00 40% p/ fundo 45% NTP 15% NP (...)"		Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)

<b>3?/08/1960</b>	Reunião Sassoeiros	M. M. Alberto M. Prioresa Sassoeiros Entrega Esboceto 2 Economato? – gabinete junto aos serviços? Pagamento e recepção fornecimentos, etc. Lavandaria c/ depósito de roupa lavada e suja. Separação de roupas. Roupa das irmãs não e engomada. v/ problema de humidade [?] na lavandaria. Transporte de roupa na cave em carrinhos c/ cestos de verga. Gabinete da - celerária (superiora de tudo isto [?]) c/ gabinete junto à cela; despenseira; rouparia; ecónoma (quinta [?]); provedora [?] (faz as compras) - Irmã porteira pode estar fora da clausura. É ela q. é telefonista. - Muitas cabines telefónicas p/ as hóspedes - Secretária sem aspecto de hotel Visita M. Prioresa Geral – 7 Out.		Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)
<b>13/09/1960</b>	Carta à Rev. Madre Maria Alberto, O.S.B.	“Junto 1 colecção de desenhos de conjunto do mosteiro que constituem o 3.º esboceto, e que vai servir de base para o ante-projecto a ser apresentado no fim deste mês. Junto (...) plantas relativas à 1ª fase (...)” “Envio (...) para Santa Maria do Mar.”	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>16/09/1960</b>	Carta a Nuno Teotónio Pereira	A prioresa agradece o 3º esboceto, agrada mais que o 2º; Os locutórios podiam ter mais luz directa, podiam abrir para o pátio; Na 1ª fase: Rever a segurança; Pode tornar-se a sala de estar maior? Qual o pé direito do salão (capela)? A entrada das religiosas não pode ser de lado, mas a direito e o sacerdote não pode entrar pelo coro; É necessário eliminar o monta pratos; Correcção das designações;  Pedido de um desenho de um quarto; Pedido de indicações para a 1º pedra a benzer “talvez no dia 13 de Outubro”;	Ir. Maria Alberto, O.S.B.	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>19/09/1960</b>	Carta à Rev. Madre Maria Alberto, O.S.B.	“recebi a sua carta, q. agradeço.” “Junto a planta do quarto da hospedaria, conforme pediu.” “Pé-direito do salão – está previsto que será bastante maior do que o dos quartos; para isso o respectivo pavimento será rebaixado (...)” “Porta de entrada das religiosas – não compreendo a razão porque há-de ser de topo. Parece-me até que fica mal uma porta detrás da cadeira da Madre Prioresa”	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>19/09/1960</b>	Projecto	Planta de Quartos – Escala 1/50 – PT NTP DES 06289	Atelier	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT

		NTP TXT 00176 (estudo prévio 2 com anotações)		
		Guia nº NTP-DES00271		
<b>20/09/1960</b>	Carta a Nuno Teotónio Pereira	Agradece o desenho Esclarece que a priorosa ocupa o primeiro lugar, mas não de frente isolada pois isso seria se fosse abadessa. “(...) a porta tem de ser no topo.”	Ir. Maria Alberto, O.S.B.	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
				
<b>Out 1960</b>	Projecto	Esquissos mostrando “impluvium” Esquissos com dimensões de igrejas de vários mosteiros/conventos	Atelier Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)
				
				
<b>06/10/1960</b>	Projecto	Memória Descritiva do Anteprojecto	Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas, P. Vieira de	Caixa nº 3851, Arquivo Técnico de Urbanismo da Câmara Municipal de Cascais

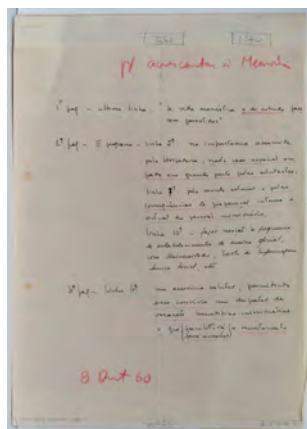
---

Almeida,  
colaborado  
r

---

8/10/1960

“p/ Acrescentar a Memória”: escrito com a caligrafia de uma das irmãs, pedindo referências ao estudo, missões.



Tabelas com cálculo de áreas, honorários.  
Apontamento sobre acústica e abrigos para os retirantes no exterior

Arquivo Pessoal do  
Arquitecto Nuno  
Teotónio Pereira - PT  
NTP TXT 00178 1/3  
(memórias, anotações  
reunião, jornais)

---

20/10/1960 Nota de Honorários

Honorários do Anteprojecto

Nuno  
Teotónio  
Pereira

Arquivo Pessoal do  
Arquitecto Nuno  
Teotónio Pereira - PT  
NTP TXT 00172  
(correspondência)

---

25/10/1960 Reunião M.M. Alberto

Muros, “A. Gaudêncio deu preços” ...

Nuno  
Teotónio  
Pereira

Arquivo Pessoal do  
Arquitecto Nuno  
Teotónio Pereira - PT  
NTP TXT 00178 1/3  
(memórias, anotações  
reunião, jornais)

---

25/10/1960 Mosteiro  
MRAR  
Reunião MRAR

“Reunião MRAR  
Mosteiro de Sassoeiros  
Claustros pequenos  
Retiros na capela  
Disposição envolvente bancadas sala- forma da sala  
+ unidade no tratamento dos edifícios  
Carácter de habitação demasiado marcado na hospedaria  
Ligação hospedaria- igreja – mais directa, recatada, dignificada

Nuno  
Teotónio  
Pereira

Arquivo Pessoal do  
Arquitecto Nuno  
Teotónio Pereira - PT  
NTP TXT 00178 1/3  
(memórias, anotações  
reunião, jornais)

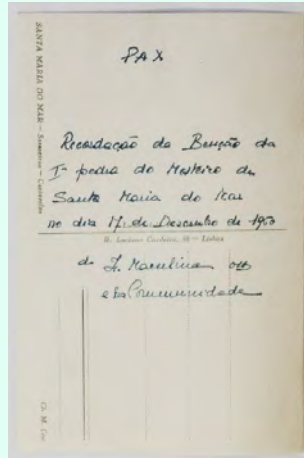
---

Igualdade [?] capela-confessionários”

Reunião ainda não referida pelos autores João Alves da Cunha e João Luís Marques nas sequências elaboradas sobre o MRAR.



26/10/1960	Reunião M. M. Alberto	Decisões relativamente ao ante-projecto. Luz, Segurança, entrada no coro. “Substituir degraus por rampas: no 1º piso da hospedaria, no r/c da residência” Gabinete-Sacristia Refeitórios Locutórios	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)
28/10/1960	Carta à Rev. Madre Maria Alberto, O.S. B.	Agradece o cheque com a 2ª prestação do anteprojecto; Confirmação da entrega na D.G.S. Urbanização da Memória Descritiva Corrigida; Aviso da possibilidade de apreciação do Projecto pelo Conselho Superior de Obras Públicas – pedido de diligências para o evitar por parte da congregação.	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
06/12/1960	Informação Ministério das Obras Públicas	A obra não está prevista no plano de 1960. O anteprojecto poderá servir de base ao projecto final.	Arquitecto António Gomez Egea.	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
17/12/1960		Primeira pedra do Mosteiro de Santa Maria do Mar;  Memória do lançamento da primeira pedra para o novo mosteiro;  17 de Dezembro de 1960 – Postal assinado “Ir. Marcelina OSB e sua comunidade”.		COUTINHO, 2010. p. 335-337;  <b>Família Benedictina Portuguesa</b> , 2018. p. 24

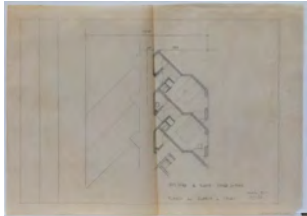



Arquivo Pessoal do  
Arquitecto Nuno  
Teotónio Pereira - PT  
NTP TXT 00177 (peças  
escritas do anteprojecto)

1961

17/01/1961	Carta à Rev. Madre Prioressa	Parecer da comissão da cúria Patriarcal sobre o anteprojecto do mosteiro. “resulta da análise cuidada dos programas e de um estudo cuja seriedade não pode deixar de assinalar-se” “rigidez na articulação ou organização dos espaços” “rever as dimensões e características dadas aos claustros” “duvidoso, a colocação em capelas laterais simétricas e idênticas de funções cuja diversidade parece exigir a diferenciação” “altar secundário (...) rever a sua localização” “positivo (...) situação da igreja em relação ao acesso e ao conjunto”	Secretário da Vigararia Geral do Patriarcado de Lisboa	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
05/03/1961	Recibo	3ª prestação do anteprojecto;	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
23/03/1961	Reunião	“José Antunes Casa Amadeu Gaudêncio Sassocieiros” Bombas e depósitos de água		Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)
18/04/1961	Reunião	“Est. M. Superiora Lisette Monteiro	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3

		<p>- qts p/ casais maiores do que as celas individuais e com banho privativo – Combinado deixar o 4º corpo para isso</p> <p>- Acentuar o carácter monástico da hospedaria</p> <p>- Zona baixa ou 1ª fase será projectada depois da revisão da zona central</p> <p>- Dar carácter sacro à capela provisória</p> <p>- Ver local p/ arranjo de flores na capela provisória</p> <p>- Prever ateliers na zona da paramentaria c/ compartimentação móvel, iluminação zenital, etc. (.), na nova solução, a possibilitar ampliação)</p> <p>- Fazer depósito de água de reserva no cimo do edifício p/ o caso de falta de energia.</p> <p>- Problema de colocação do sacrário. Indicação de que não deve ficar no altar principal. Consultar liturgistas (P. Gonçalves) [Provavelmente o Padre Tomás Gonçalves de Oliveira, monge sacerdote da Abadia de Singeverga (...- 6/01/2006). In <b>Família Beneditina Portuguesa</b>. Roriz: Edições Ora et Labora, 2018. p. 17]</p> <p>- Projecto p/ Junho (1ª fase)”</p>		(memórias, anotações reunião, jornais)
20/04/1961	Reunião	<p>Entrega projecto DGSU – 31 Maio (Direcção Geral de Serviços de Urbanização)</p> <p>Depois de aprovado na Bélgica</p> <p>Orçamento muro 180 contos – demasiado – c/ h= 1,80</p> <p>Só se faz entre AS 2 ENTRADAS COM H=1,60</p> <p>Fundação betão ciclópico faz-se toda</p> <p>Quarto casais c/ filhos – acesso absolutamente separado</p> <p>Não convém colocá-los todos num único piso; preferível fazê-los no 3º corpo; IS próprias</p> <p>Tentar (...) 8 qts p/ piso 3=24/corpo = 12 qts casal</p>		Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)
28/04/1961	Carta à Amadeu Gaudêncio	Envio do Projecto das Cabines de Electricidade e do Muro de Vedação	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
28/04/1961	Carta à Madre Superiora de Santa Maria do Mar	Envio de 4 cópias do projecto – duas para a C. M. Cascais; Aviso de Envio de Projecto à Amadeu Gaudêncio;	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
01/05/1961	Carta a Nuno Teotónio Pereira	Envio de cópia de Proposta de orçamento do muro	Amadeu Gaudêncio	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)

<b>01/05/1961</b>	Carta às Beneditinas de Sassoeiros	Envio de Proposta de Orçamento do muro	Amadeu Gaudêncio	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>03/05/1961</b>	Carta a Nuno Teotónio Pereira	Envio de cópia de Proposta de Orçamento das cabines de electricidade	Amadeu Gaudêncio	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>03/05/1961</b>	Carta às Beneditinas de Sassoeiros	Envio de Proposta de Orçamento das cabines de electricidade	Amadeu Gaudêncio	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>05/05/1961</b>	Recibo	4ª prestação e liquidação do anteprojecto;	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>10/05/1961</b>	Projecto	Planta de Quartos de Casal – Escala 1/50 – PT NTP DES 06290  Esquema de Circulações – Corpo da Hospedaria Escala 1/200 – PT NTP DES 06291 	Atelier	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00176 (estudo prévio 2 com anotações)
<b>11/05/1961</b>	Carta à Rev. Madre Maria Alberto, O.S. B.	Envio de 3 desenhos de quarto de casal para a hospedaria com sugestão de os colocar no andar superior para serem construídos a partir da 1ª Fase: quartos mínimos, em balanço sobre a fachada, suprimindo a varanda, mantendo o total de quartos – uso de quartos simples por casais.	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT



		Pede opinião; Pede liquidação dos honorários do anteprojecto.		NTP TXT 00172 (correspondência)
15/05/1961	Carta a Nuno Teotónio Pereira	A M. Prioresa analisou e reafirmou já ter dito ao arquitecto N. Portas que não é autorizado receber casais na hospedaria de senhoras; A ala de casais será a última a ser construída; deverão ser quartos de duas camas com possibilidade de receber casais, sem sanitários.	Ir. Maria Alberto, O.S.B.	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
19/05/1961	Desenho de um quarto duplo que também serve para casais.			Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
14/06/1961	Carta à Rev. Madre Prioresa do Mosteiro de Santa Escolástica, Roriz	Envio de desenhos de estudo da 1ª fase; Pedido de resposta com alterações; Sugestão de consultar a Madre Maria Alberto, O.S.B.	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
20/06/1961	Carta a Nuno Teotónio Pereira	A M. Prioresa agradou-se com o estudo apresentado. Pede para lembrar que os andares sobre a capela não serão construídos já, a necessidade de estudar medidas de segurança do edifício, que é urgente ultimar o trabalho – “atrás que nos está prejudicando extraordinariamente”	Ir. Maria Alberto, O.S.B.	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
1/09/1961	Conversa c/ Jaime	Lages Paredes Soco e Caves	Pedro Vieira de Almeida	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)

1961	Conversa c/ Nuno Teotónio Pereira	Aberturas quartos Laje Paredes	Pedro Vieira de Almeida	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)
21/10/1961	Conversa c/ Jaime e Nuno Teotónio Pereira	Paredes	Pedro Vieira de Almeida	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)
26/10/1961	Conversa c/ Nuno Teotónio Pereira	Detalhes das paredes (esquemas)	Pedro Vieira de Almeida	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)
				
6/11/1961	Conversa c/ Nuno Teotónio Pereira - Jaime	Tubos de queda Paredes sala Cobertura capela: hipóteses	Pedro Vieira de Almeida	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)
8/11/1961	Conversa c/ Nuno Teotónio Pereira - Jaime	2 hipóteses cobertura corpo II a) Igual ao corpo I Vigas baixas c/ laje a encher	Pedro Vieira de Almeida	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)

<b>21/11/1961</b>	Mosteiro	Conversa c/ Nuno Teotónio Pereira e “Jaime” “Depósito d’água”	Pedro Vieira de Almeida	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)
<b>22/11/1961</b>	Reunião com Eng. Sebastião Sanfins	Distribuição de água Aquecimento de Água ...		Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)
<b>24/11/1961</b>	Conversa c/ Nuno Teotónio Pereira - Jaime	Tubos de queda Caldeira Galeria ligação III e IV corpos ligando as escadas [?] Ver Patins Neufert Marcar mais o aspecto provisório	Pedro Vieira de Almeida	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)
<b>28/11/1961</b>	Reunião em Sassoeiros	“Água fria depósitos”  “Projecto Mosteiro – processo CM Cascais 3744/63”		Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)
<b>01/12/1961</b>	Beneditinas da Rainha dos Apóstolos	As Beneditinas habitam um prédio na Rua do Porto Santo, nº 25		Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>01/12/1961</b>	Carta às Beneditinas de Sassoeiros	Envio de Proposta de Orçamento para o mosteiro - estrutura	Amadeu Gaudêncio	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>25/12/1961</b>	Igreja Católica	Constituição Apostólica “Humanae Salutis” do Papa João XXIII para a Convocação do Concílio Ecuménico Vaticano II que viria a produzir efeitos na liturgia, na organização dos institutos religiosos e por consequência na arquitectura de mosteiros e igrejas.	Papa João XXIII	JOÃO XXIII, Papa, 1961. p. 9-16
<b>26/12/1961</b>	Carta a Nuno Teotónio Pereira	Envio de cópia de Proposta de Orçamento para o mosteiro - estrutura - enviado a congregação (Sassoeiros) no dia 1 de Dezembro;	Amadeu Gaudêncio	Arq. Arq.Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)

1962				
1962	Nuno Teotónio Pereira	“Terceiro atelier Rua da Alegria, nº 25, 3º, que aluga com Nuno Portas e Bartolomeu da Costa Cabral...”		TOSTÕES [et al.], 2004. p. 294
1962	Atelier de Nuno Teotónio Pereira	Entrada de Romeu Pinto da Silva para Atelier de Nuno Teotónio Pereira		TOSTÕES [et al.], 2004. p. 317
1962	Atelier de Nuno Teotónio Pereira	“1º Prémio Concurso Sagrado Coração de Jesus (1962-1970)”  “1º Prémio no Concurso público para a nova Igreja do Sagrado Coração de Jesus (Lisboa), em parceria com Nuno Portas e colaboração de Vasco Lobo, Vítor Figueiredo, Pedro Vieira de Almeida e outros. Prémio Valmor, em 1975.”  “Olivais Sul (III)/ Câmara Municipal de Lisboa. Com Bartolomeu da Costa Cabral.”	Atelier Nuno Teotónio Pereira	MARQUES, 2017. p. 735  TOSTÕES [et al.], 2004. p. 294  TOSTÕES [et al.], 2004. p. 294
1962-1970	Atelier de Nuno Teotónio Pereira	“Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa proj.: 1962 (1º prémio concurso)   1ª pedra: 22. Mai.1966   inaug.: 19. Jun.1970, concurso: Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas, Vítor Figueiredo e Vasco Lobo colaboração arquitectos tirocinantes Luís de Almeida Moreira e Pedro Vieira de Almeida”		MARQUES, 2017. p. 735
1962-1970	Atelier de Nuno Teotónio Pereira	“Igreja de S. Tiago, Almada enc.: 1962 - elaboração do programa e adjudicação   proj.: 1963 (anteprojecto)   1964-65 (suspensão dos trabalhos) 1966 - entrega do projecto geral, const.: 1967 - adjudicação da 1ª empreitada, inaug.: 1970 (igreja), 1971-1972 (trabalhos de acabamento)   colab.: João Rebelo, Almeida Moreira, Luís de Almeida, Nuno Portas”		MARQUES, 2017. p. 735
12/01/1962	Conversa com NTP	- Acesso ao telhado - Telhado “Trocar degrau c/ a porta no corredor dos quartos” “Resolver o encontro no tecto da sala c/ banda [?]”	Pedro Vieira de Almeida	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)
	Apontamentos	“(…) Janela: floreiras ou não, tabuleiros? pormenor janela, protecção contra o vento, como é. Janela de canto de abrir? Ventilação da sala”	Pedro Vieira de Almeida	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)
24/01/1962	Conversa com NTP	“Porta para a sala + estreita e de canto” “Rever janelas no WC no (...) Substituir por melhor [?] c/ vidro comum como em V.V. [Vila Viçosa]” Entrada Sacristia Janela Sala como gaiola	Pedro Vieira de Almeida	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3

---

Janelão escada

Planta quartos da cave

WC cave

“Cela – cortina só na porta – porta de vidro, portada em bandeira?”

(...)

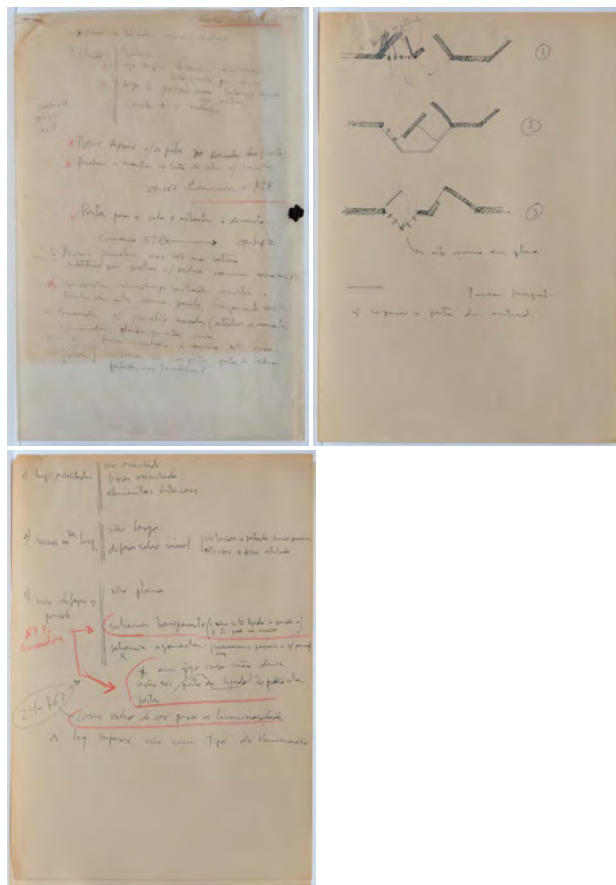
“Separar a porta da entrada”

- 1- Imp. Orientada: vão orientado, brisas orientadas, elementos interiores
- 2- Necessidade mta. Luz: vão largo, defesa solar móvel – interior – portada, biombo, persiana – exterior – *brises [soleil]* rotulados
- 3- Não desfazer [?] a parede - vão plano, [NTP Concorda>>] saliência transparente (q não se lê ligada à parede e q pode ser maior) \* em qqr caso não deve o vão ser perto ou ligado ao vão da porta.

Com vidro de cor para a luminosidade, a luz superior cria um tipo de iluminação.

---

(memórias, anotações  
reunião, jornais)



31/01/1962 [?] - 4ª F	Reunião M- Prioresa Geral	Fiscalização: qualidade, medições, verificação de peças	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)
2/02/1962	Reunião em Sassoeiros com J. Ant. (Sr. Antunes?)	Reunião com representante do empreiteiro [?] Muro, Rede, Alvenaria ...		Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)

<b>7/02/1962</b>	Apontamento	Decidido Muro alv. ordin. c/ 1,60 até à curva do caminho p/ Oeiras – daí p diante, possivelmente só o soco com rede, aproveitando a pedra que sai dos caboucos do edifício. Não chapar argamassa nas juntas. A Gaudêncio vai fornecer uma estimativa, prevendo o aproveitamento de pedra do local; regime de administração directa.		
<b>16/02/1962</b>	Conversa com Jaime		Pedro Vieira de Almeida	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)
<b>2/04/1962</b>	Conversa com Nuno Teotónio Pereira	“Tacos nas celas, clinker no corredor encerado, tacos nas salas” Ver c/ o Jaime aberturas na parede nascente”	Pedro Vieira de Almeida	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)
<b>05/07/1962</b>	Carta a Júlio Moreira	Orçamento para electrobomba e arrancador;	Luzimpor	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>06/07/1962</b>	Reunião no Mosteiro de Sassoeiros	Próxima Reunião c Júlio Moreira p/ traçado geral, depósitos, etc. Inclui-se projecto de águas quentes e frias, electricidade, telefones, sinalização. Resolver: quadro geral futuro (junto da entrada), quadros parciais nas escadas. Consulta às madres: campanha nos quartos?	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)
<b>30/08/1962</b>	Projecto	Memória Descritiva do Projecto da 1ª Fase "No entanto seria necessário tratar os ambientes por forma a que a qualidade do espaço não fosse também afectada pelo carácter incompleto e provisório precisamente das partes mais significativas do edifício. Sem forçar, portanto, a função futura, por exemplo, da capela e salas (...) procurou-se através de um adequado tratamento de tectos, pavimentos e iluminação natural sublinhar o conteúdo dos ambientes actuais "  Desenhos 1:20	Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas, arquitectos; Pedro Vieira de Almeida, arq.º est.	Caixa nº 3851, Arquivo Técnico de Urbanismo da Câmara Municipal de Cascais  Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)
<b>31/08/1962</b>	Caderno de Encargos		Atelier	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT

				NTP TXT 00714_orçamento_encargos
<b>15/09/1961</b>	Carta a Nuno Teotónio Pereira	Envio de originais dos desenhos. “as minhas desculpas por tudo o que o apoquentou durante os 15 dias negros do meu atelier”	Gabeng - engenharia	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>30/09/1962</b>	Carta às Beneditinas de Sassoeiros	Nota de Honorários do projecto da 1ª fase;	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>03/10/1962</b>	Carta à Rev. Madre Priora de Santa Escolástica, Roriz	Envio de nota de honorários para a 1ª fase com explicação; Pedido de desculpa pelo atraso no projecto;	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>11/10/1962</b>	Igreja Católica	Abertura do Concílio Ecuménico Vaticano II com o Discurso do Papa João XXIII	Papa João XXIII	JOÃO XXIII, Papa, 1962. p. 19-28
<b>28/12/1962</b>	Carta à Rev. Madre Priora de Santa Escolástica, Roriz	Foi feita uma alteração nos esgotos a pedido da C. M. Cascais; Sugestão de maneiras de ligação aos esgotos dado o custo da bombagem dos esgotos para o colector; Pedido da liquidação da 1ª parcela de honorários.	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>31/12/1962</b>	CODA de Pedro Vieira de Almeida	Data de Publicação do “Ensaio sobre o espaço da arquitectura: Ensaio sobre algumas características do espaço em arquitectura e elementos que o informam” de Pedro Vieira de Almeida entregue para o Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto (CODA)	Pedro Vieira de Almeida	ALMEIDA, 1962.
<b>1963</b>				
<b>1963</b>	Atelier de Nuno Teotónio Pereira	“Nova Igreja Paroquial de Almada. Com a colaboração de Nuno Portas e de Luís de Almeida Moreira.”		TOSTÕES [et al.], 2004. p. 295
<b>28/01/1963</b>	Carta à Rev. Madre Priora de Santa Maria do Mar	Resposta a pedido de estimativa do custo de 1 corpo de hospedaria.	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)



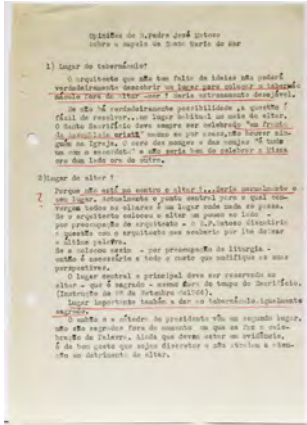
<b>16/02/1963</b>	Recibo	1ª prestação do projecto do mosteiro;	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>16/02/1963</b>	Carta à Rev. Madre Maria Alberto, O.S.B	1ª prestação do projecto do mosteiro; Possivelmente terão de passar recibos em nome de cada um dos técnicos do atelier;	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>20/03/1963</b>	Carta à Rev. Madre Priora de Santa Maria do Mar	Envio de duas séries de desenhos – esgotos e posto de transformação; Pergunta pelas diligências sobre os esgotos passarem pelo terreno do Senhor Brigadeiro; Carta escrita para as companhias reunidas de Gás e Electricidade.	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>12/07/1963</b>	Carta às Beneditinas de Sassoeiros	Honorários do projecto de água e esgotos – eng. Eurico Baptista e César de Brito	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>30/08/1963</b>	Informação Ministério das Obras Públicas	Avaliação do pedido de comparticipação justificado com a importância da formação das beneditinas para a partida para as províncias ultramarinas;	Arquitecto Luís Alberto Helbing e Ag. Téc. de Eng. António da Conceição Santos	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>31/12/1963</b>	Carta às Beneditinas de Sassoeiros	Honorários correspondentes aos projectos de electricidade e ventilação do eng. Sebastião Sanfins	Nuno Teotónio Pereira, Bartolomeu da Costa Cabral, Nuno Portas Arquitectos	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)

1964	Pedro Vieira de Almeida	Concurso da Sé de Bragança – 3º Classificado		MARQUES, 2017. p. 740
10/01/1964	Reunião Sassoeiros	Iluminação Mosteiro	Sr. Argentino Rodrigues - Sr. Antunes	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00182 (alterações 1965)
13/01/1964	Carta a Nuno Teotónio Pereira	Pedido do estudo dos honorários do projecto de água e esgotos; Assinado pelos engenheiros Eurico Baptista e César e Brito.	Gabeng - engenharia	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
20/01/1964	Carta a Gabeng - engenharia	Resposta com envio da nota de honorários;	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
21/01/1964	Carta a Nuno Teotónio Pereira	Resposta e confirmação do valor dos honorários. Assinado pelos engenheiros Eurico Baptista e César e Brito.	Gabeng - engenharia	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
22/01/1964	Carta à Rev. Madre Maria Alberto, O.S.B.	Pede participação nas cópias dos desenhos enviadas e liquidação dos honorários dos pormenores enviados no dia 08/01.	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
01/02/1964	Recibo	Honorários de projecto e assistência à obra;	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
04/02/1964	Carta a Nuno Teotónio Pereira	Modificação do traçado da instalação eléctrica; “Por indicação do nosso Engenheiro, Snr. Almeida Henriques”	Amadeu Gaudêncio	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
10/04/1964	Reunião em Sassoeiros com M. Prioresa e M. M. Alberto	“na capela indicar que pertence ao mosteiro Incluir os três 1ºs corpos Nos quartos da comunidade não especificar		

No piso da comunidade as I.S. mantêm-se agrupadas em todos os outros  
 I.S. isoladas (só duches)  
 Apenas duche nos qts  
 (...)  
 3º corpo – centro de acolhimento universitário João XXIII (...)"

<b>06/05/1964</b>	Carta às Beneditinas de Sassoeiros	Informações sobre o aquecimento do mosteiro	Eng. Sebastião Sanfins	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>07/05/1964</b>	Carta à Rev. Madre Maria Alberto, O.S.B.	Envio de informação do eng. Sebastião Sanfins sobre instalação de aquecimento;	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>27/08/1964</b>	Carta à Rev. Madre Maria Alberto, O.S.B – Mosteiro de Santa Maria do Mar	Nuno Teotónio Pereira deu indicação para manter o degrau projectado no corredor dos quartos, e ao qual foram postas objecções, para evitar a alteração do jogo de níveis projectado. O guarda vento a colocar e a diferença de cor no pavimento tornarão visível o degrau; Pede pagamentos;	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>09/09/1964</b>	Projecto	Tabela Caixilhos	Pedro Vieira de Almeida (Atelier)	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00182 (alterações 1965)
<b>15/09/1964</b>	Carta a Nuno Teotónio Pereira	Será preciso evitar o degrau; Pedido de extracto da conta corrente;	Ir. Maria Alberto, O.S.B.– Mosteiro de Santa Maria do Mar	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>03/10/1964</b>	Carta à Rev. Madre Maria Alberto, O.S.B – Mosteiro de Santa Escolástica, Roriz	Não reviu ainda o degrau; Envio de 2ª via da nota de honorários de 30/09/1962;	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>21/11/1964</b>	Carta à Rev. Madre Maria Alberto, O.S.B –	Pesar pela discussão tida pessoalmente sobre o degrau; Desilusão com as irmãs;	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT

	Mosteiro de Santa Maria do Mar	<p>“Verifico com pesar que, ao fim de alguns anos de contacto e estreita colaboração, não tenhamos conseguido fazer compreender isto: o que procuramos e propomos, não sendo embora soluções perfeitas, não são desenhos gratuitos ou caprichosos. Esta constatação não nos é agradável, mas tudo isto faz parte da condição humana. E talvez estivéssemos iludidos ao pensar que podíamos contar com um pouco mais de confiança no resultado final da solução em causa. De qualquer modo, foi pena que a questão não tivesse sido levantada na altura própria, isto é, quando da entrega do projecto.”</p> <p>“resolve-se a questão como entendem - suprima-se o degrau e improvise-se uma solução medíocre.”</p>		NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>31/12/1964</b>	Carta à Rev. Madre Maria Alberto, O.S.B – Mosteiro de Santa Maria do Mar	<p>Envio de dois desenhos respeitantes à capela; Tudo é descrito em ordem a vir a ser transformado em sala polivalente – o equipamento é de madeira;</p> <p>“A solução apresentada foi discutida com o Padre João de Almeida, que se manifestou favorável a solucionar o problema do sacrário fazendo-o deslocar sobre o altar conforme a posição do celebrante. Será ele, e não outra pessoa, quem se pronunciará sobre o projecto por parte do Patriarcado.”</p> <p>Pede pagamentos, compreendendo a difícil situação financeira da congregação.</p> <p>“quero desejar um Ano Novo favorável à nossa obra e em que haja uma fraternidade mais autêntica, mais dinâmica e mais universal, como pede o nosso Papa Paulo”</p>	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>31/12/1964</b>	Carta à Rev. Madre Priora de Santa Escolástica, Roriz	Carta semelhante à enviada na mesma data para Santa Maria do Mar.	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>1965</b>				
<b>07/01/1965</b>	Recibo	Honorários devidos por assistência à obra;	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)

17/01/1965 Carta a Nuno Teotónio Pereira	<p>“Meu Caro Amigo”</p> <p>“Tenho pena de não poder conversar mais demoradamente consigo para poder entrar melhor dentro do espírito do projecto. Talvez um diálogo fosse mais proveitoso do que essa opinião que aí vai.”</p> <p>“considero fundamentalmente diferente a forma como se deve tratar o altar, que é ele próprio uma presença (símbolo de Cristo, sagrado, unguido, incensado, beijado) e o ambão e a cátedra, que são apenas lugares, sítios, que só têm significado quando num se lê a palavra e noutra se senta o Ministro Sagrado. Fora disso são simples móveis. Por isso creio ter mais importância o lugar onde ficam do que a sua forma. Dito isto creio que o meu Amigo saberá melhor do que ninguém exprimi-lo na Arquitectura. O que teria muita pena era se, subjacente a um determinado partido arquitectónico, estivesse subjacente uma concepção discutível da Liturgia da Missa.</p> <p>Queria também notar que o altar pode, depois da nova instrução, ser muito mais pequeno, porque não há razão alguma para mudar o livro de um lado para o outro, antes pelo contrário.</p> <p>Fico esperando por uma ocasião de ver o que já está feito em Sassoceiros.</p> <p>Tenho imenso empenho em ir lá.”</p> <p>“cumprimentos à Natália e saudades à Luísa.</p> <p>Creia-me, um amigo m.to dedicado.”</p>	Padre Frei José Mattoso, O.S.B.	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)	
17/01/1965 Apontamento da Madre Gabriel-Marie	<p>Apontamentos sobre a opinião do Padre Jose Mattoso recolhidos em reunião com a Madre Gabriel-Marie - anexos à sua carta.</p>	Padre Frei José Mattoso, O.S.B.	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)	
	28/01/1965 Cartão a Nuno Teotónio Pereira	<p>“Ex.mo Senhor</p> <p>Só agora pude ler os apontamentos e a carta do Sr. Fr. José Mattoso. As suas observações vieram ao encontro das minhas e são muito judiciosas - espero, portanto, que tenham o seu peso e sejam tomadas em consideração.</p> <p>Agradeço os desejos de bom ano que retribuo sinceramente pedindo a Deus a sua bênção para o belo trabalho do Senhor Arquitecto.</p>	Ir. Joana d’Arc Patenotte, O.S.B., Priora de Santa	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)

		Sempre Grata no Senhor Ir. Joana d'Arc, O.S.B Prioressa ”		Escolástica , Roriz
08/02/1965	Carta às Beneditinas de Sassoeiros	“Nota sobre a organização da capela” Sobre a provisoriedade, a liturgia e a organização  " No desenho dos elementos, que serão de madeira e ferro, materiais que ajudarão a exprimir o seu carácter provisório, procurar-se-á dar maior presença e solidez ao altar relativamente aos restantes"	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
30/07/1965	Carta ao presidente da C. M. Cascais	A comunidade reside na Rua do Porto Santo, nº 14. Pedido de licença para construção da portaria.	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
05/09/1965		Entrada das Primeiras Irmãs no Mosteiro		<b>Família Beneditina Portuguesa</b> , 2018. p. 21
05/09/1965		Entrada das Primeiras Irmãs no Mosteiro		COUTINHO, 2010. p. 335-337;
15/10/1965	Carta a Nuno Teotónio Pereira	“(…) está por decidir a continuação da construção (corpo 3) Dado o elevado custo da construção do 1º e 2º corpos, mas porque há necessidade de ter alojamento para a comunidade, é encarada (...) a hipótese de construir a cave do 3º corpo. (...) Não posso dizer-lhe quanto me custa fazer esta consulta e encerrar esta hipótese (...)” Pede resposta urgente	Ir. Maria Alberto, O.S.B – Mosteiro de Santa Maria do Mar	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
19/10/1965	Carta à Rev. Madre Maria Alberto, O.S.B – Mosteiro de Santa Maria do Mar	Lamenta, confirma a viabilidade construtiva, sugere pedido de orçamento com e sem corpo III à construtora.	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
7/12/1965	Igreja Católica	Conclusão Solene do Concílio Ecuménico Vaticano II com a Missa presidida pelo Papa Paulo VI	Papa Paulo VI	PAULO VI, Papa, 1965. p. 515-523
8/12/1965	Igreja Católica	Carta Apostólica do Papa Paulo VI com a qual se encerra o Concílio Ecuménico Vaticano II	Papa Paulo VI	PAULO VI, Papa, 1965. p. 525-526
22/12/1965	Carta às Beneditinas de Sassoeiros	Envio de estimativas de orçamento para o corpo III do mosteiro	Amadeu Gaudêncio	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)

<b>27/12/1965</b>	Carta às Beneditinas de Sassoeiros	Envio de estimativas de orçamentos para o corpo III do mosteiro	Amadeu Gaudêncio	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
-------------------	------------------------------------	---	------------------	--

## 1966

<b>28/02/1966</b>	Carta a Nuno Teotónio Pereira	Envio de cópias de estimativas de orçamento	Amadeu Gaudêncio	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
-------------------	-------------------------------	---	------------------	--

<b>11/04/1966</b>	Carta à Rev. Madre Priora de Santa Escolástica, Roriz	“continuação de conversa havida no passado dia 12 de Março em Santa Maria do Mar.” “(.. ) o custo de obra excedeu de muito aquilo que se tinha pensado (.. )” Mobiliário Candeeiros da Capela Honorários e despesas – Apuramento da situação a 11/04/1966	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
-------------------	---	---	-----------------------	--

<b>19/04/1966</b>	Carta a Nuno Teotónio Pereira	Resposta a Nuno Teotónio Pereira e explicação da situação financeira; “(.. ) Estamos “enterradas” por longos anos sem poder dar solução a esta penosa situação. ”	Ir. Joana d’Arc Patenotte, O.S.B., Priora de Santa Escolástica, Roriz	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
-------------------	-------------------------------	--	---	--

<b>22/06/1966</b>	Sassoeiros – Armaduras	“Sassoeiros – Armaduras [candeeiros] (.. ) tipo hospitalar (.. ) olho de boi (.. )”		
-------------------	------------------------	---	--	--

<b>02/08/1966</b>	Carta à Rev. Madre Maria Alberto, O.S.B – Mosteiro de Santa Maria do Mar	Insistência na liquidação de honorários;	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
-------------------	--	--	-----------------------	--

<b>05/10/1966</b>	Recibo	Honorários devidos;	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
-------------------	--------	---------------------	-----------------------	--

## 1967

1967-1969	Nuno Teotónio Pereira (Atelier)	Igreja de Santo André, Boidobra, Covilhã	Nuno Teotónio Pereira	MARQUES, 2017. p. 735
20/04/1967	Beneditinas da Rainha dos Apóstolos	Entrada das Irmãs na Missão em Bundas, Moxico, Angola		<b>Família Beneditina Portuguesa</b> , 2018. p. 18
18/05/1967	Carta à Rev. Madre Maria Alberto, O.S.B – Mosteiro de Santa Maria do Mar	Envio da colecção de desenhos dos bancos, do confessionário, da zona de acesso a pavimentar e do leitoril a condizer com o futuro altar, e que foi executado para o Apostolado do Mar;	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
16/06/1967	Projecto	Projecto de Alterações “As alterações indicadas no presente projecto são de três tipos: a) Supressão do corpo terminal sul, que não chegou a ser construído, ficando para uma fase ulterior; b) Pequenas modificações na compartimentação, nomeadamente na entrada e capela e nas celas (piso corrente), resultante da instalação de chuveiros individuais; c) Construção de uma zona sobreelevada na cobertura para alojamento dos depósitos de água. Nenhuma destas alterações implicou modificações estruturais, pelo que se considera desnecessário apresentar quaisquer cálculos de estabilidade.”	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00183 (projecto de alterações 1967)
17/06/1967	Carta à Rev. Madre Maria Alberto, O.S.B – Mosteiro de Santa Maria do Mar	Envio do projecto de alterações, de cópias dos desenhos dos bancos que foram alterados e de minuta para pedido de licenciamento do projecto de alterações à C. M. Cascais.	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
30/06/1967	Projecto	Projecto de Alterações Portaria e Entrada	Atelier	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00182 (alterações 1965)
20/07/1967	Atelier de Nuno Teotónio Pereira	Encomenda do centro paroquial de São Sebastião da Pedreira, Lisboa: “encomenda: 20. Jul.1967   estudo base: 18. Ago.1967   suspensão: 23. Jun.1970”	Atelier	MARQUES, 2017. p. 735
10/08/1967	Carta à Rev. Madre Priora do Mosteiro de Santa Maria do Mar	Sobre a construção do corpo III ou do corpo original da residência (a nascente) – afirma-se que seria mais difícil construir o corpo de residência original.	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)



<b>10/08/1967</b>	Carta à Rev. Madre Maria Alberto, O.S.B – Mosteiro de Santa Maria do Mar	Envio de parecer sobre a construção do corpo de residência (a nascente). Planta da proposta de ampliação da portaria e telas finais; Sugestão de Carpinteiros.	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>11/12/1967</b>	Recibo	Honorários devidos;	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>28/12/1967</b>	Carta à Rev. Madre Maria Alberto, O.S.B – Mosteiro de Santa Maria do Mar	Envio de novas cópias das telas finais para a C.M.C. Desejo de um ano de 1968 de trabalho fecundo e renovador.	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>1968</b>				
	Nuno Teotónio Pereira	“Centro de Compras de São Sebastião, Lisboa (não construído). Desenvolvido por Gonçalo Byrne e Nuno Portas.”		TOSTÕES [et al.], 2004. p. 296
<b>16/05/1968</b>	Carta a Nuno Teotónio Pereira	Envio de desenho com medidas para o sacrário; “Como é inteligente vai perceber.”	Ir. Maria Alberto, O.S.B.– Mosteiro de Santa Maria do Mar	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>04/11/1968</b>	Carta à Rev. Madre Maria Alberto, O.S.B – Mosteiro de Santa Maria do Mar	Envio de estudo prévio do prosseguimento das obras no mosteiro de acordo com reuniões tidas. Na “impossibilidade absoluta” de terminar o projecto original propõe-se a continuação com um corpo a sul. Envio de 3 exemplares de desenhos 1 dos quais para o Padre José Mattoso.	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>12/12/1968</b>	Carta ao Eng. Jaime Oliveira	Acerto final de honorários da 1ª fase do mosteiro.	Nuno Teotónio Pereira	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00172 (correspondência)
<b>1969</b>				
<b>1969-1975</b>	Pedro Vieira de Almeida	“capela salão Marinheiros, Salvaterra de Magos proj.: Mar.1969 (anteprojecto), (proj.)   inaug.: 27. Abr.1975 colab.: Pedro Vieira de Almeida (Mar.1969)”		MARQUES, 2017. p. 741
<b>1970</b>				

1970-1989	Pedro Vieira de Almeida	“concurso: igreja de Olivais Sul, Lisboa (1º classificado) proj.: Fev.1970 (concurso)   1ª pedra: 6. Jan.1980   inaug.: 18. Abr.1988”		
1970	Atelier de Nuno Teotónio Pereira	“Urbanização do Restelo (...) Em parceria com Nuno Portas (...).”		TOSTÕES [et al.], 2004. p. 297
1970	Atelier de Nuno Teotónio Pereira	1970-1975 – Urbanização do restelo, Lisboa – contempla igreja, associada à zona central (colab: Nuno Portas, Gonçalo Ribeiro Telles, Pedro Botelho, João Paciência)		MARQUES, 2017. p. 735
24/06/1970	Beneditas da Rainha dos Apóstolos	Fundação da Missão das Beneditas em Bundas, Moxico, Angola		<b>Família Beneditina Portuguesa</b> , 2018. p. 19
1971				
	Nuno Teotónio Pereira	“Falecimento da sua mulher Maria Natália e da filha Catarina.”		
1972				
1972	Nuno Teotónio Pereira	“Participa na Vigília da capela do Rato, tendo sido detido pela PIDE.”		TOSTÕES [et al.], 2004. p. 297
1973				
1973	Nuno Teotónio Pereira	“Em Novembro, é preso pela PIDE.”		TOSTÕES [et al.], 2004. p. 297
1974				
1974	Nuno Teotónio Pereira	“É Libertado da cadeia de Caxias na noite de 26 para 27 de Abril.”		TOSTÕES [et al.], 2004. p. 298
1975				
1975	Atelier de Nuno Teotónio Pereira	“Nova Igreja Paroquial, Boidobra, Covilhã. Com a colaboração de João Correia Rebelo.”		TOSTÕES [et al.], 2004. p. 298
1975	Atelier de Nuno Teotónio Pereira	“1975-1986 – Igreja de Santo André de Boidobra, Covilhã; colab.: João Coreia Rebelo (responsável pela 2ª versão não construída)”	Nuno Teotónio Pereira	MARQUES, 2017. p. 735
1976				
13/10/1976	Beneditas da Rainha dos Apóstolos	Chegada das irmãs para a fundação do Mosteiro de Nossa Senhora da Boa-Nova no Torrão		COUTINHO, 2010. p. 335
1978				
20/08/1978	Projecto	Memória Descritiva da Ampliação	Nuno Teotónio Pereira	Caixa nº 3851, Arquivo Técnico de Urbanismo da C. Municipal de Cascais
1979				

---

1980

1982

Nuno Teotónio Pereira “Casa com Irene Buarque”

TOSTÕES [et al.], 2004.  
p. 298

1986

**1986-1989** Pedro Vieira de Almeida Igreja de “Santa Teresinha do Menino Jesus, Brandoa, Amadora; 1ª pedra: 12. Out.1986 | inaug.: 1. Out.1989 | alterada: 2014”

MARQUES, 2017. p. 740

1987

Atelier de Nuno Teotónio Pereira “Mosteiro das Beneditinas, Torrão (não construído). Desenvolvido por Pedro Viana Botelho e Nuno Teotónio Pereira.”

TOSTÕES [et al.], 2004.  
p. 302

1988

**31/05/1988** Beneditinas da Rainha dos Apóstolos Elevação do Mosteiro de Nossa Senhora da Boa-Nova no Torrão, a Priorado Simples

**Família Beneditina Portuguesa**, 2018. p. 19

1992

**1992** Nuno Teotónio Pereira “(...) comunicação “Património: nem desprezo nem idolatria”.”

TOSTÕES [et al.], 2004.  
p. 304

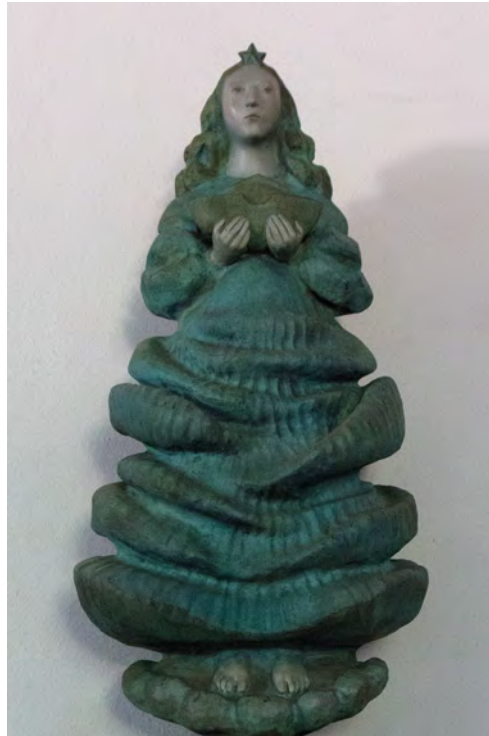
2000

**29/10/2000** Mosteiro (Artigo de Jornal) Publicado artigo no Jornal Público: Conversas à volta dos conventos - António Marujo (texto) e Luís Ramos (fotos) – com fotografias do mosteiro ocupado

Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)

2001

**2001** 2001 é a data da escultura de Clara Menéres exposta na capela, representando Santa Maria (Nossa Senhora) do Mar. O corpo da figura aparenta formar-se a partir de ondas do mar, segura um barco nas mãos e apresenta na cabeça uma estrela, apelando a um título usado para fazer referência a Maria, mãe de Jesus Cristo, “Estrela do Mar” (“Stella Maris”).



19/01/2001	Mosteiro (artigo de Jornal)	Publicado artigo sobre retiros e hospedagem em mosteiros, no suplemento <i>Vidas</i> do Jornal <i>Expresso</i> – com fotografias do mosteiro ocupado.	Arquivo Pessoal do Arquitecto Nuno Teotónio Pereira - PT NTP TXT 00178 1/3 (memórias, anotações reunião, jornais)
<b>2010</b>			
08/07/2010	Beneditinas da Rainha dos Apóstolos	Partida do Mosteiro de Santa Maria do Mar para Roriz, depois da morte da Irmã Maria Daniel Gomes de Castro (08/07/2010)	Irmãs Beneditinas Conversa com a Ir. Cristina; <b>Família Beneditina Portuguesa</b> , 2018. p. 20
<b>2017</b>			
04/09/2017	Venda do Mosteiro à Câmara Municipal de Cascais		Irmãs Beneditinas Câmara Municipal de Cascais (notícia)





Trabalho Prático submetido como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Arquitectura

Hugo Maria Rodrigues Casanova

2019

Orientação de Professor Doutor Arquitecto Pedro Mendes – Professor Auxiliar

ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Mestrado Integrado em Arquitectura

Mosteiro de Santa Maria do Mar:  
processo (em) aberto









# Índice

Estratégia	409
Princípios	413
Intervenção	437
Desenhos	441

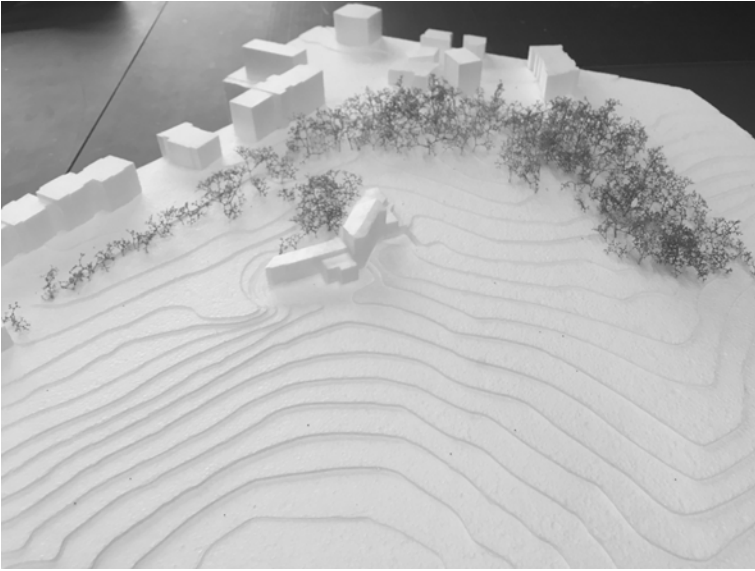


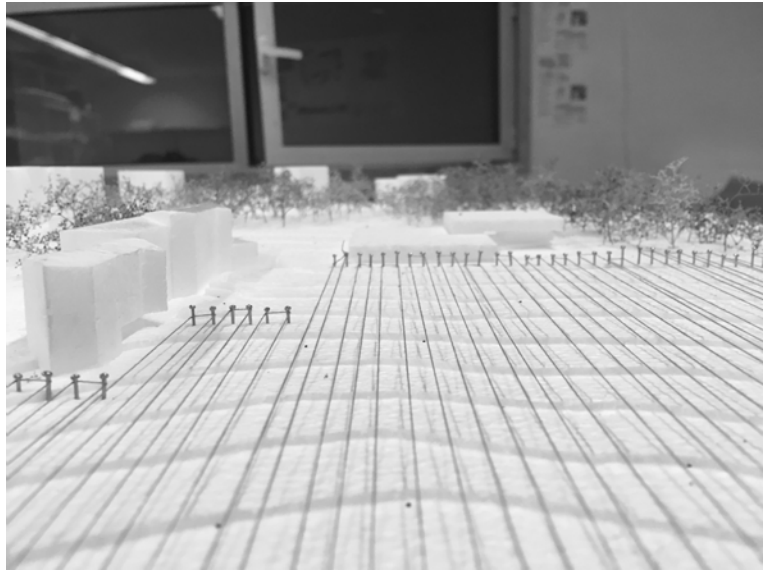
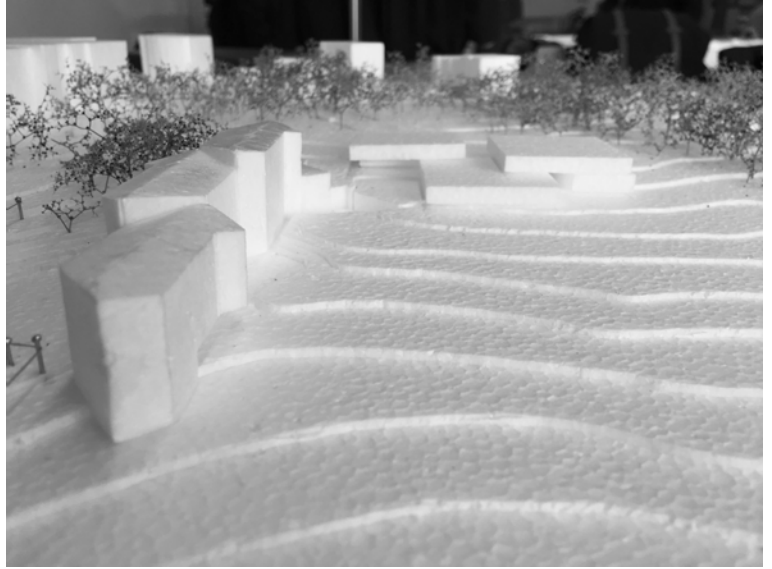
## Estratégia

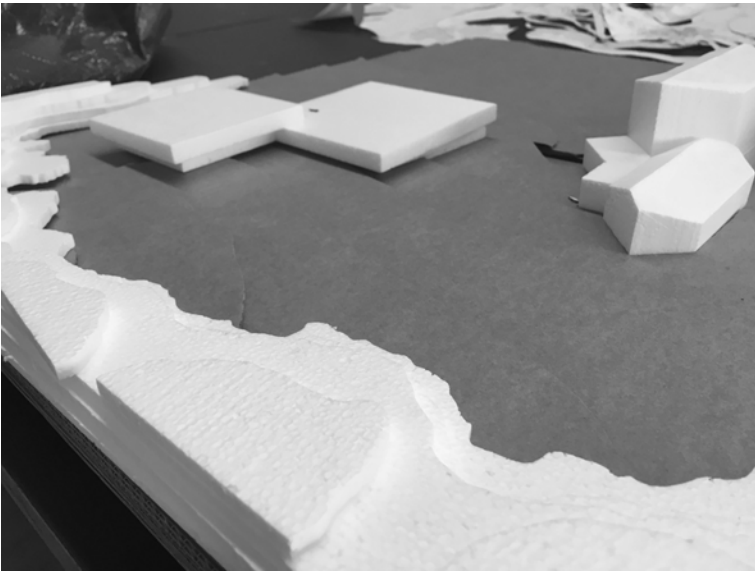
O Mosteiro de Santa Maria do Mar, desenhado por Nuno Portas, Nuno Teotónio Pereira e Pedro Vieira de Almeida, é única área da Freguesia de Carcavelos onde está plantada vinha para produção de vinho de Carcavelos. Talvez por esse motivo, quando desocupado pelas monjas beneditinas, foi adquirido pela Câmara Municipal de Cascais. Sendo assim, espera-se que venha a ser transformado num equipamento público que, pelas características inerentes do edifício, se centrará na função da hospedagem – residência de artistas, hotel para enoturismo, residência de estudantes, centro de formação, ou tudo isso dependendo da época.

A abordagem que se propõe parte do momento em que se interrompeu a construção do projecto de Nuno Portas, Nuno Teotónio Pereira e Pedro Vieira de Almeida. Considerando esse grande “acidente” e o segundo que se lhe seguiu, a ampliação do edifício em contexto de grande constrangimento financeiro, resultando num corpo construtivamente inferior, recua-se até ao ponto em que a construção parou e sugere-se a sua continuação, somando dois corpos de hospedaria ao já existente, seguindo o projecto original. Esta solução remataria devidamente o volume interrompido, de proporção alterada porque vertical, espraiando o volume em desníveis sucessivos para sul. Por outro lado, acrescentaria capacidade de hospedagem necessária para a valorização do conjunto enquanto equipamento. No projecto apresentado, fazemos esta proposta utilizando o desenho original, focando a nossa atenção num novo volume.

Se grande parte das possíveis necessidades de espaço são supridas pelo edifício original, como é o caso de cozinhas, refeitórios e salas de reuniões, o conjunto não tem uma grande sala para eventos, que teria de ser exterior pois a rígida estrutura do edifício da hospedaria não possibilita a sua adaptação. Assim, definimos como programa de projecto, uma sala polivalente, para concertos ou jantares, conferências ou aulas de dança, e um espaço de café-restaurante, aberto à população e não apenas aos hóspedes, especialmente dedicado à prova e ao tema do vinho de Carcavelos, produzido no Mosteiro.









## Princípios

Para elaboração da nossa proposta procurámos conhecer todas as propostas volumétricas do projecto original do mosteiro de Santa Maria do Mar para poder nelas basear a implantação do novo volume. Tornou-se claro que o volume se deveria implantar na faixa norte do terreno, para onde era proposta uma igreja monumental, claustros, várias dependências e a residência das irmãs, mas a experimentação conduziu à inversão do *cheio* da igreja, que propomos como área livre limitada pelo bosque de carácter sólido e pela construção. Também o volume da residência das irmãs é transformado num vazio. Deste modo, aproximando a nossa intervenção ao projecto original pensamos conseguir não apagar a memória da interrupção do processo de construção que actualmente faz parte fundamental do conjunto.

Para a área central que incorporava em todas as fases de projecto os claustros, propomos a sala polivalente que vemos como a interiorização de um claustro, a inversão do espaço interior e exterior e se configura como uma sala conformada por um deambulatório.

As caixas conformam os dois espaços propostos, propõem-se em betão descobrado, para seguir a linguagem visual aplicada no edifício original, apesar de espacialmente e volumetricamente se propor uma abordagem diferente, marcadamente ortogonal, apesar das devidas excepções.

A vinha é um elemento determinante no encaixe da nossa proposta no terreno, aproveitando-se o recente levantamento da vinha antiga, para plantar a nova conforme a direcção do edifício da hospedaria, aproximada de Norte-Sul, correcta para a plantação de vinha, que assim seguimos também como direcção dos novos volumes. Deste modo, criamos uma volumetria baixa, para ficar semi imersa na vinha, emergindo apenas as testas das caixas que cobrem os espaços. Estas testas em betão dialogarão com a vinha seguindo a ideia que as habitantes originais do mosteiro evocavam de uma *vinha que suaviza o betão*.





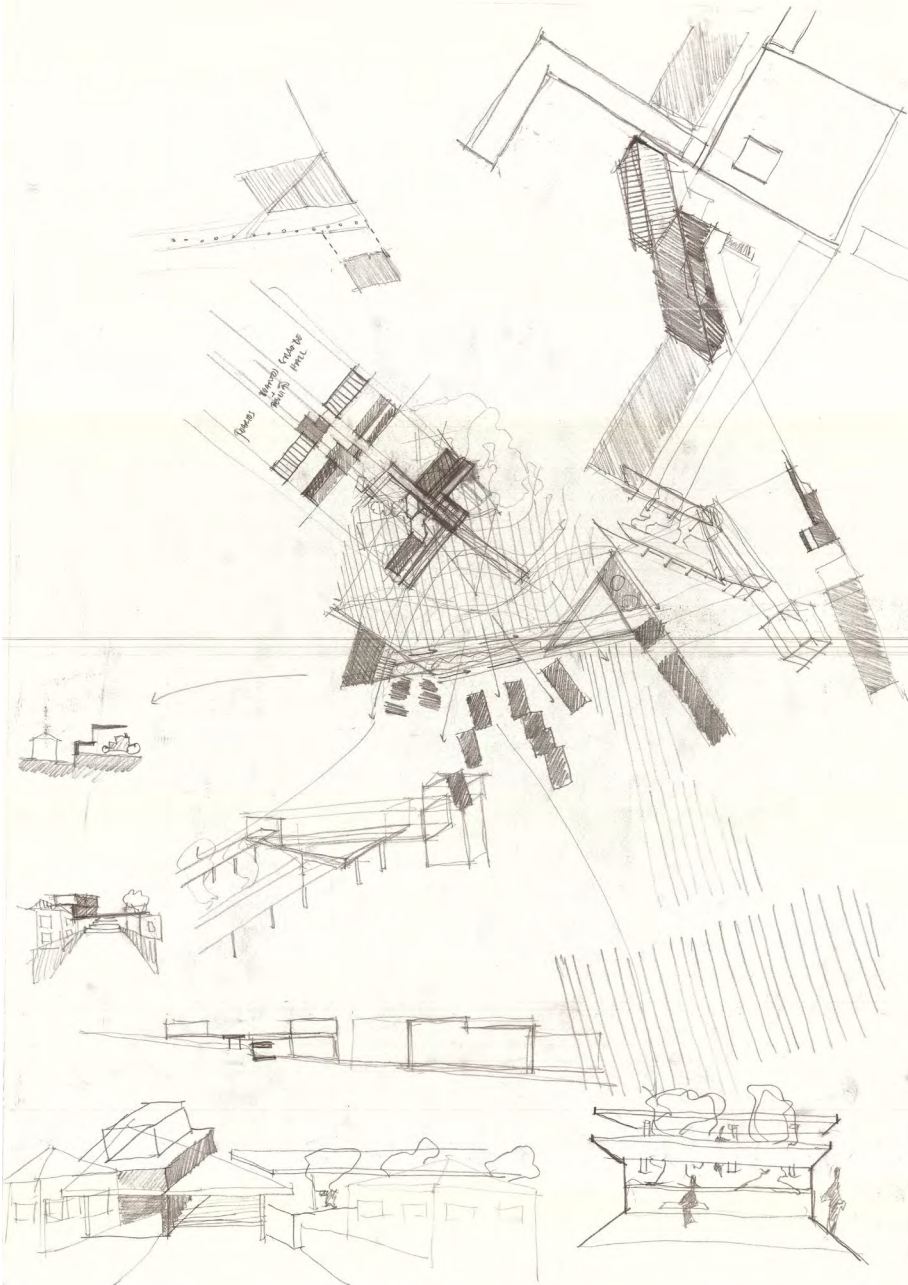










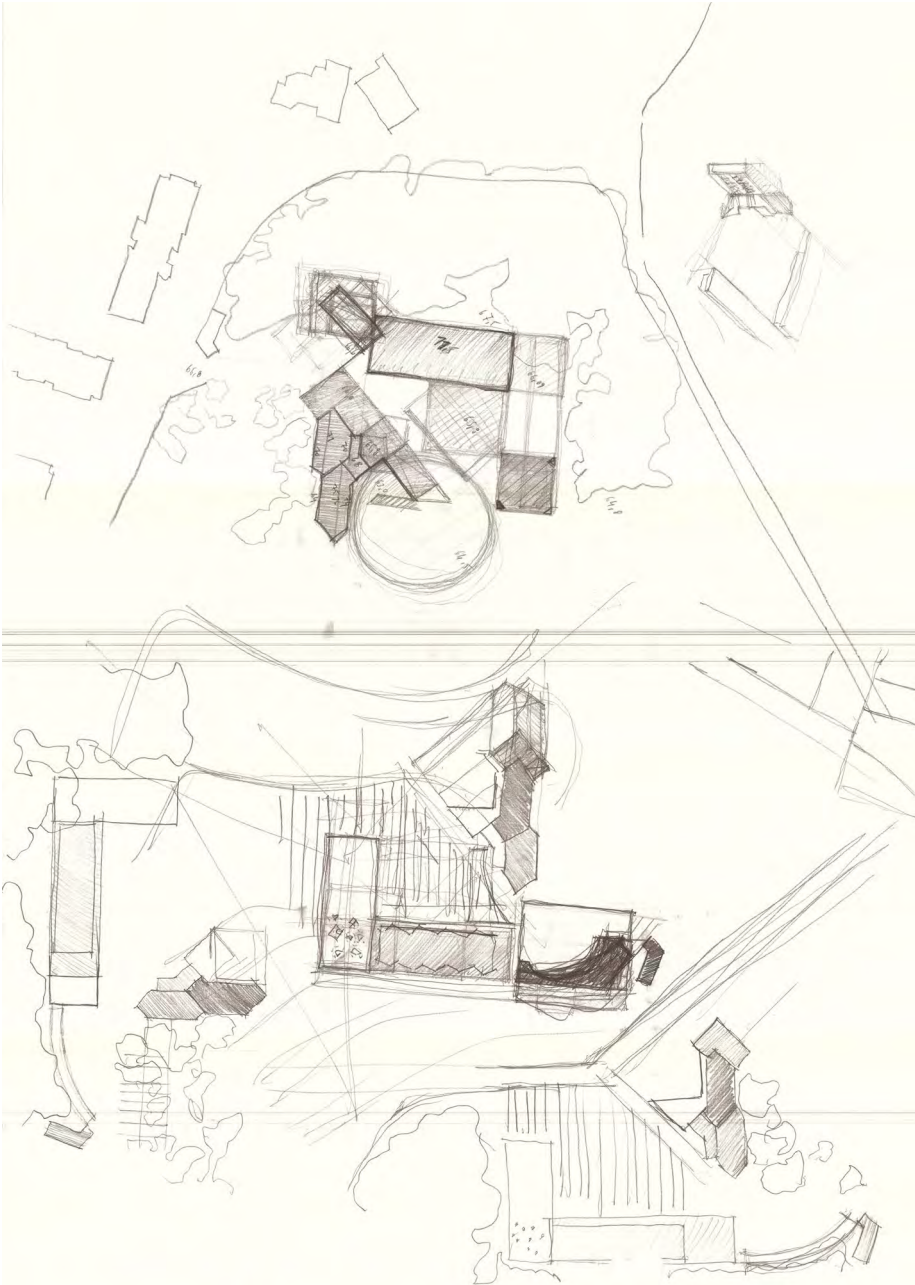


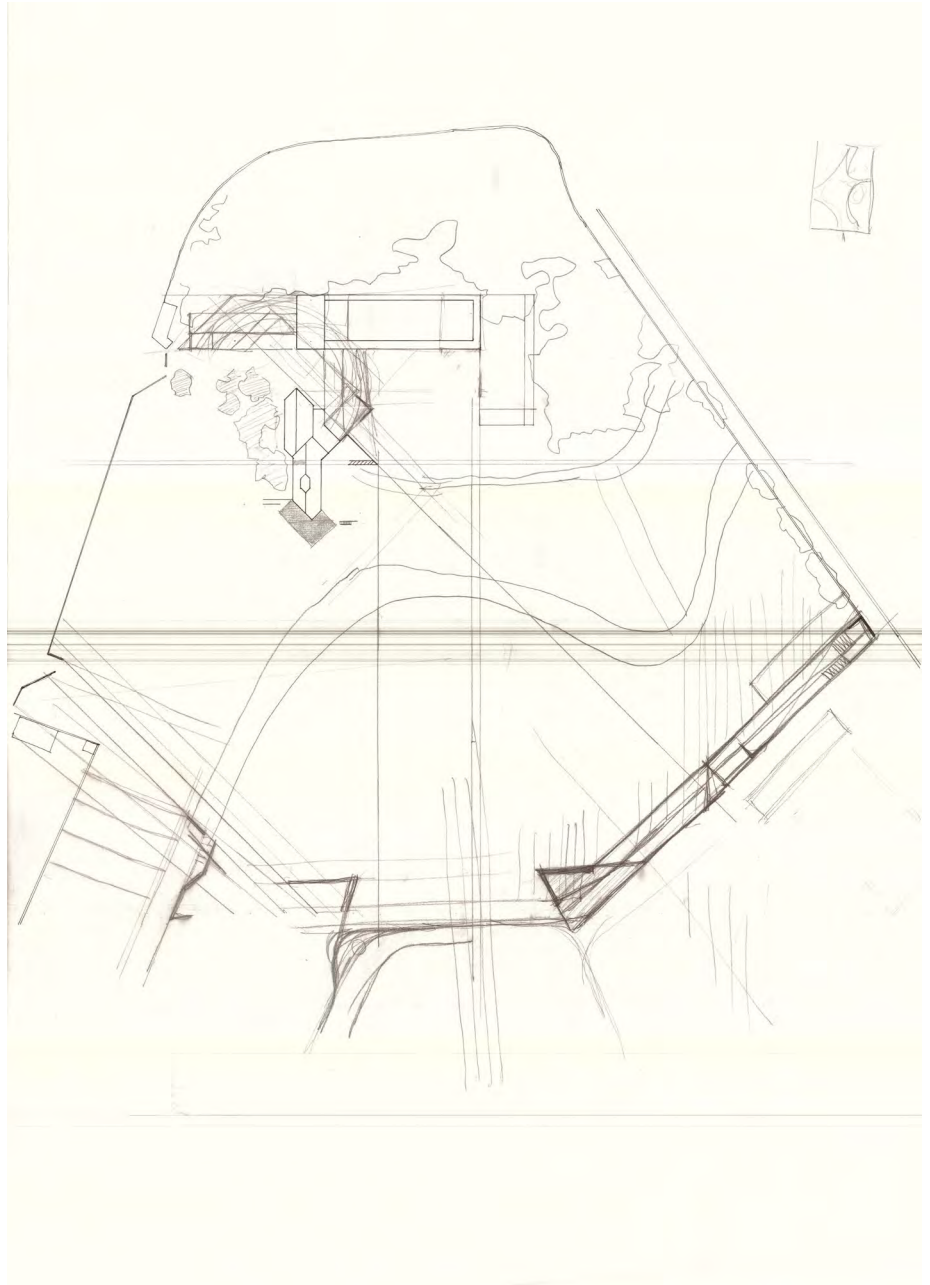


"PATRIMÔNIO (...) É SO UM: PASSADO, PRESENTE E FUTURO"  
 "O BESTO DE PRESERVAR É O DE RECONSTRUI-LOS"  
 "EM ESSÊNCIA A MESMA COISA"

"OS HOMENS FAZEM CASAS, AS  
 CASAS FAZEM OS HOMENS (...)  
 JUSTIFICA A MANUTENÇÃO, NO  
 NOVO EDIFÍCIO, DE UMA ESCALA  
 E DE UM PLANO DE ES PAÇOS  
 QUE TRAZENDO A PRESENÇA  
 DE UM PASSADO QUE SE RECORDAM  
 ÀS VEZES, A QUE SE RECORDAM  
 E UTILIZAM PARA ATUALIDADE E  
 NO SEU SIGNIFICADO" (TRIVONA)



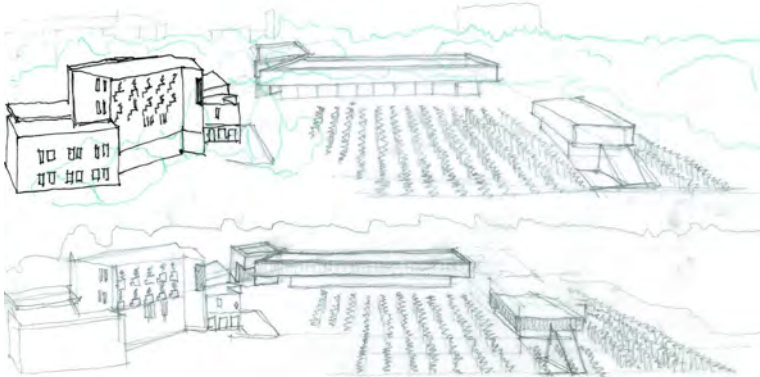
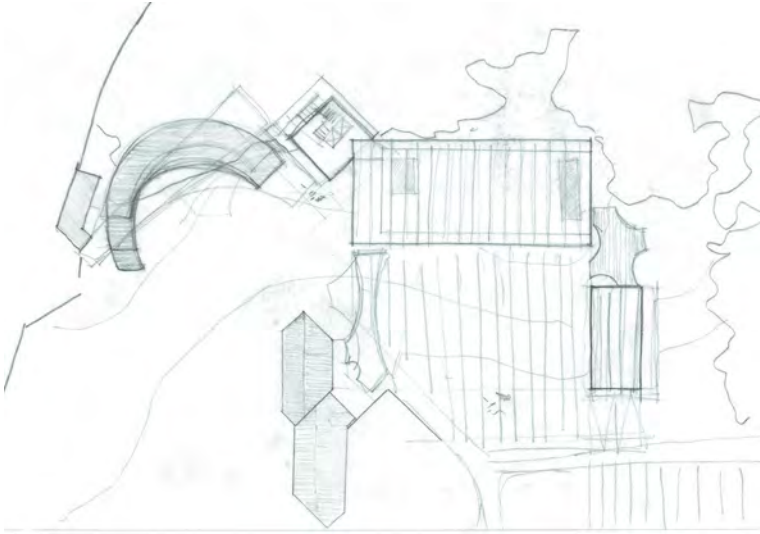


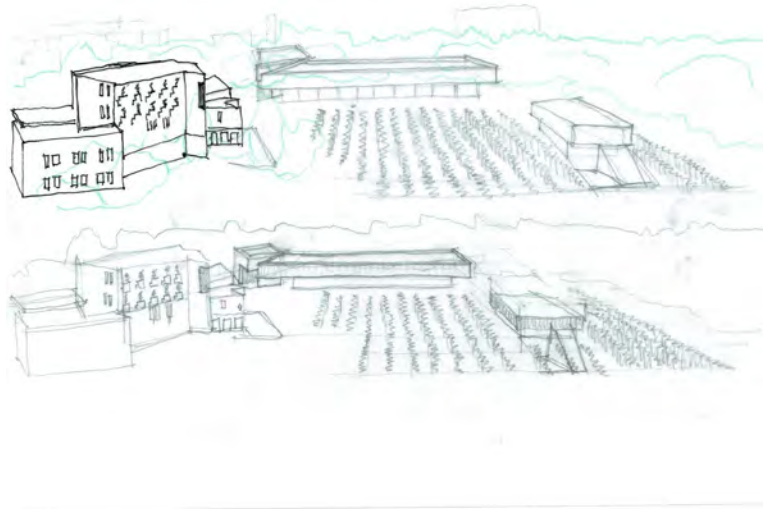
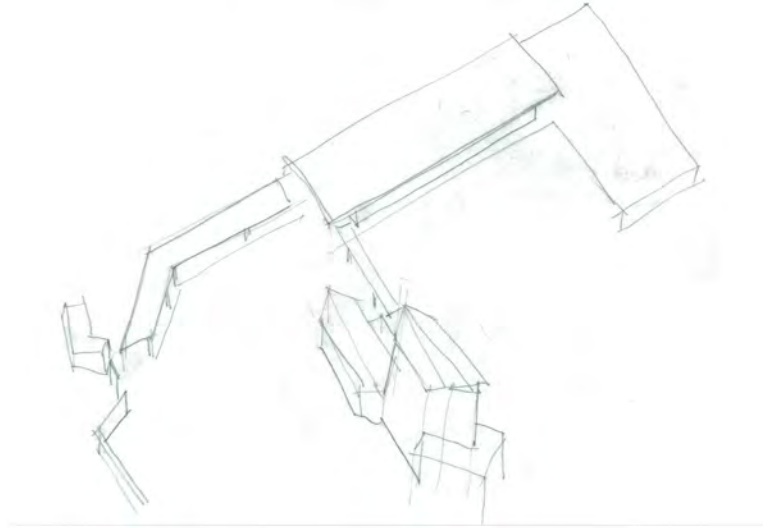


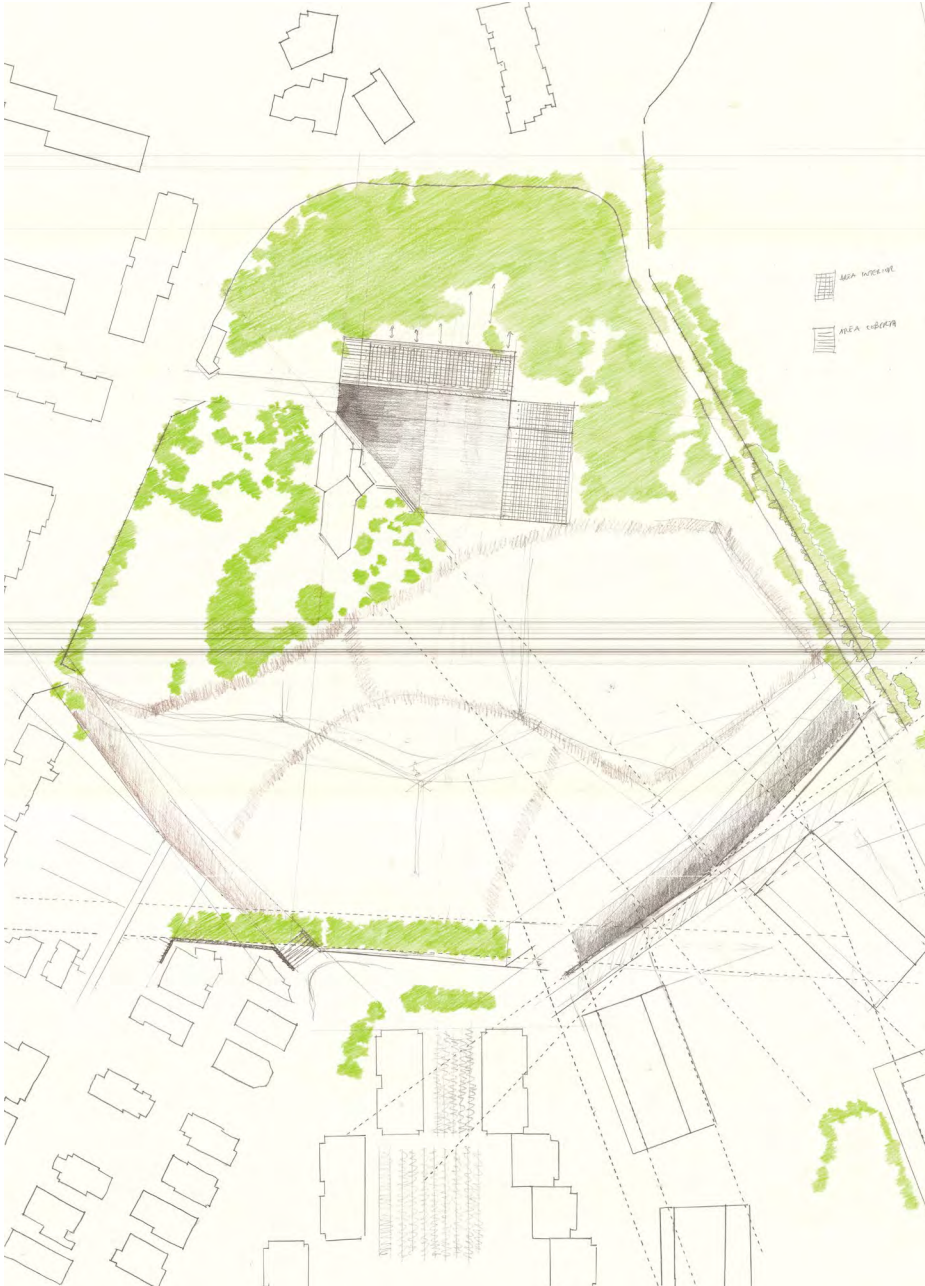




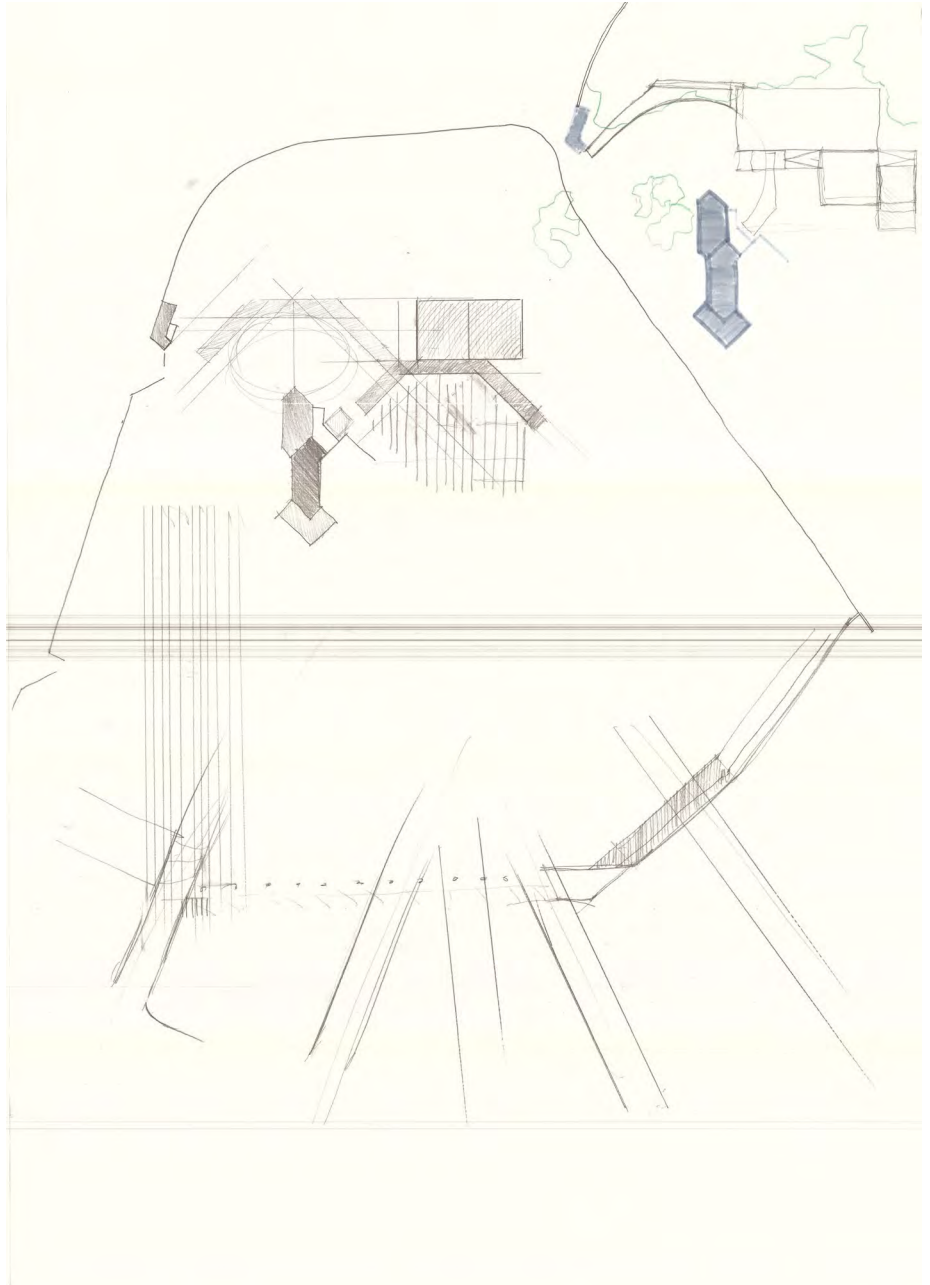


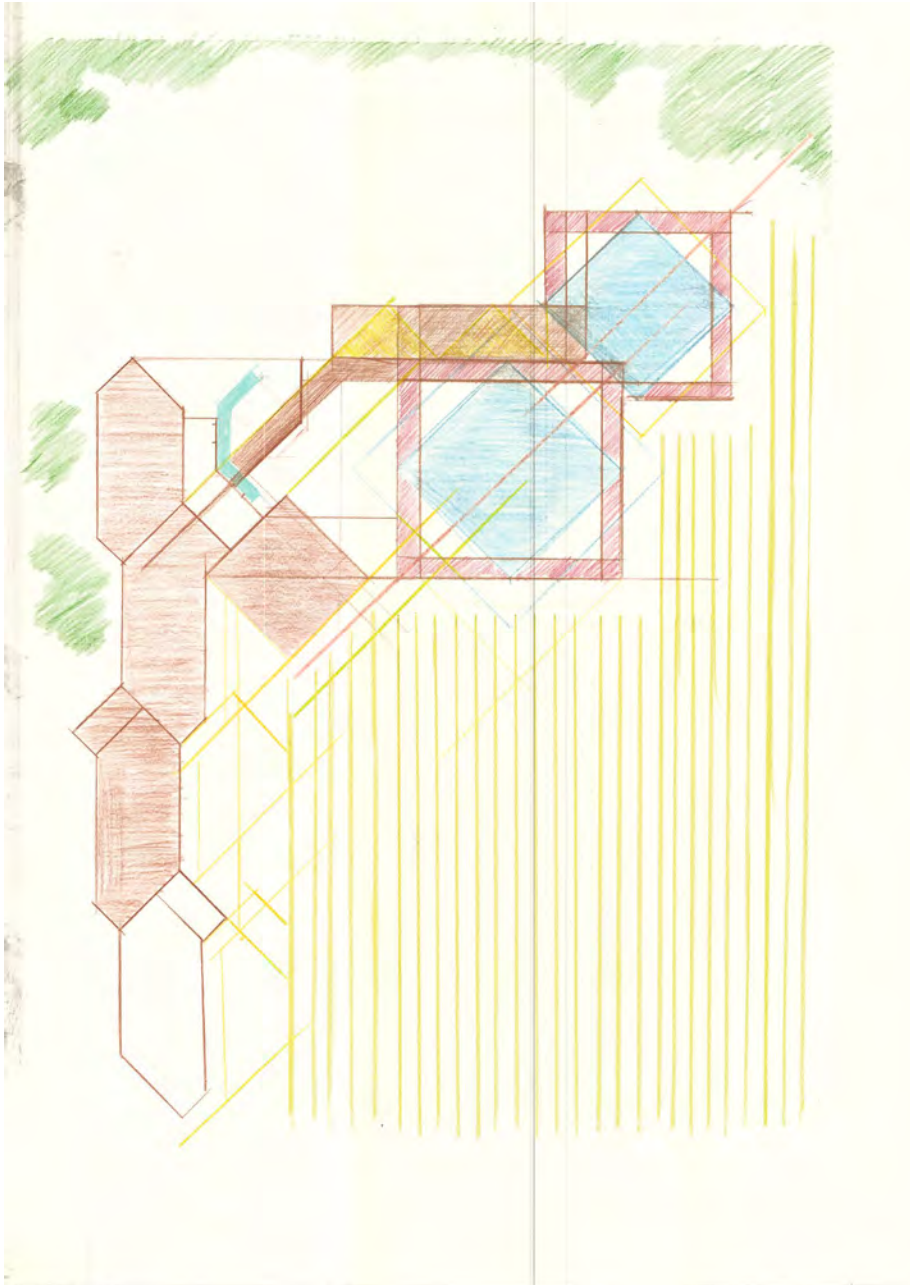


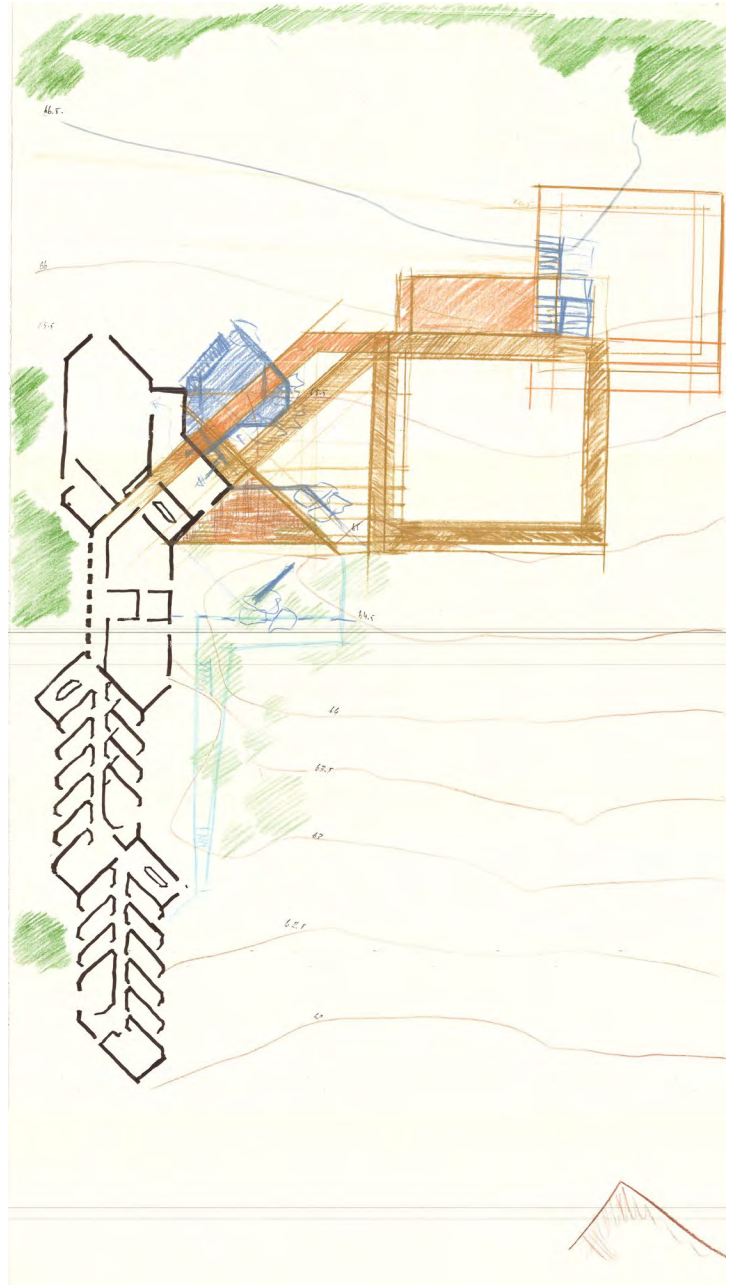


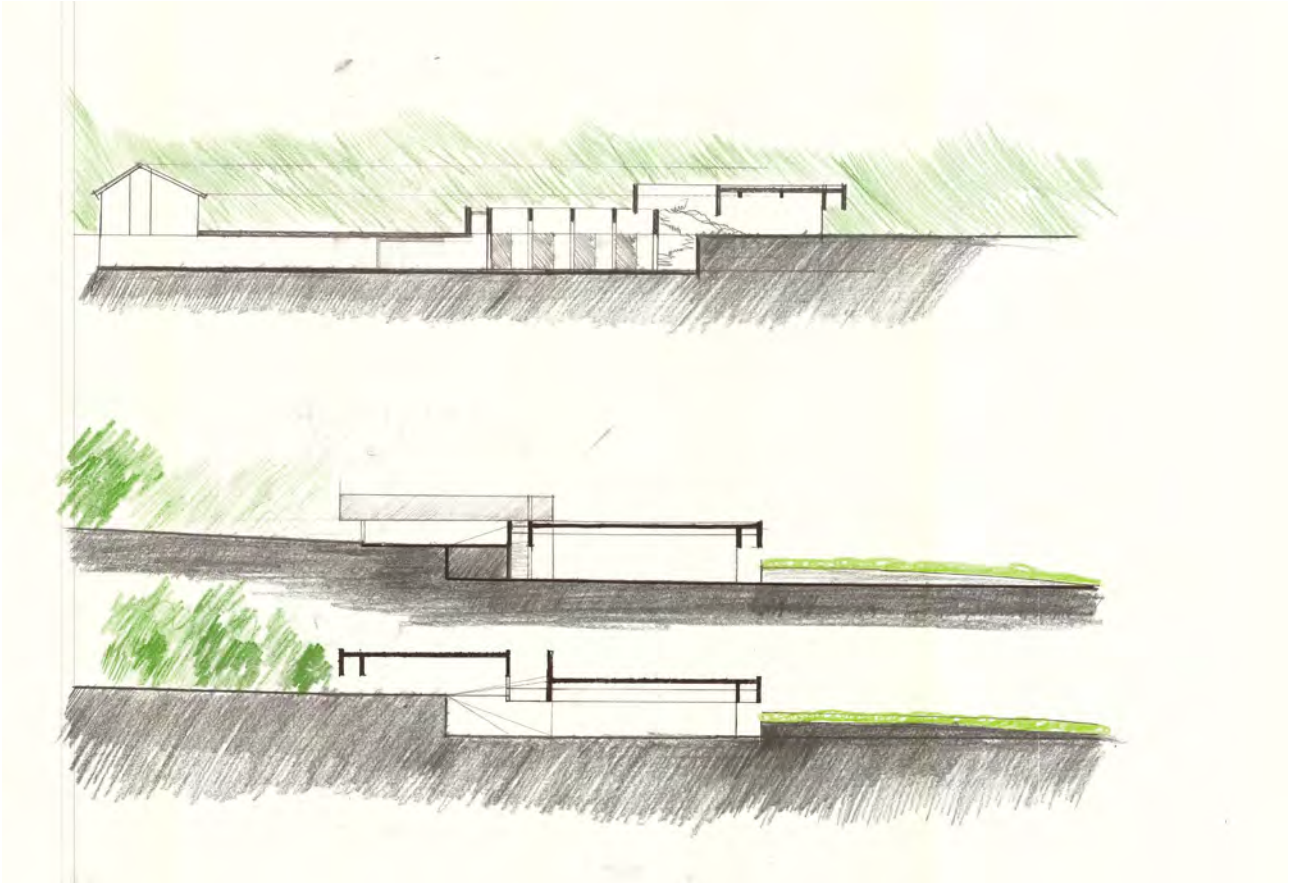




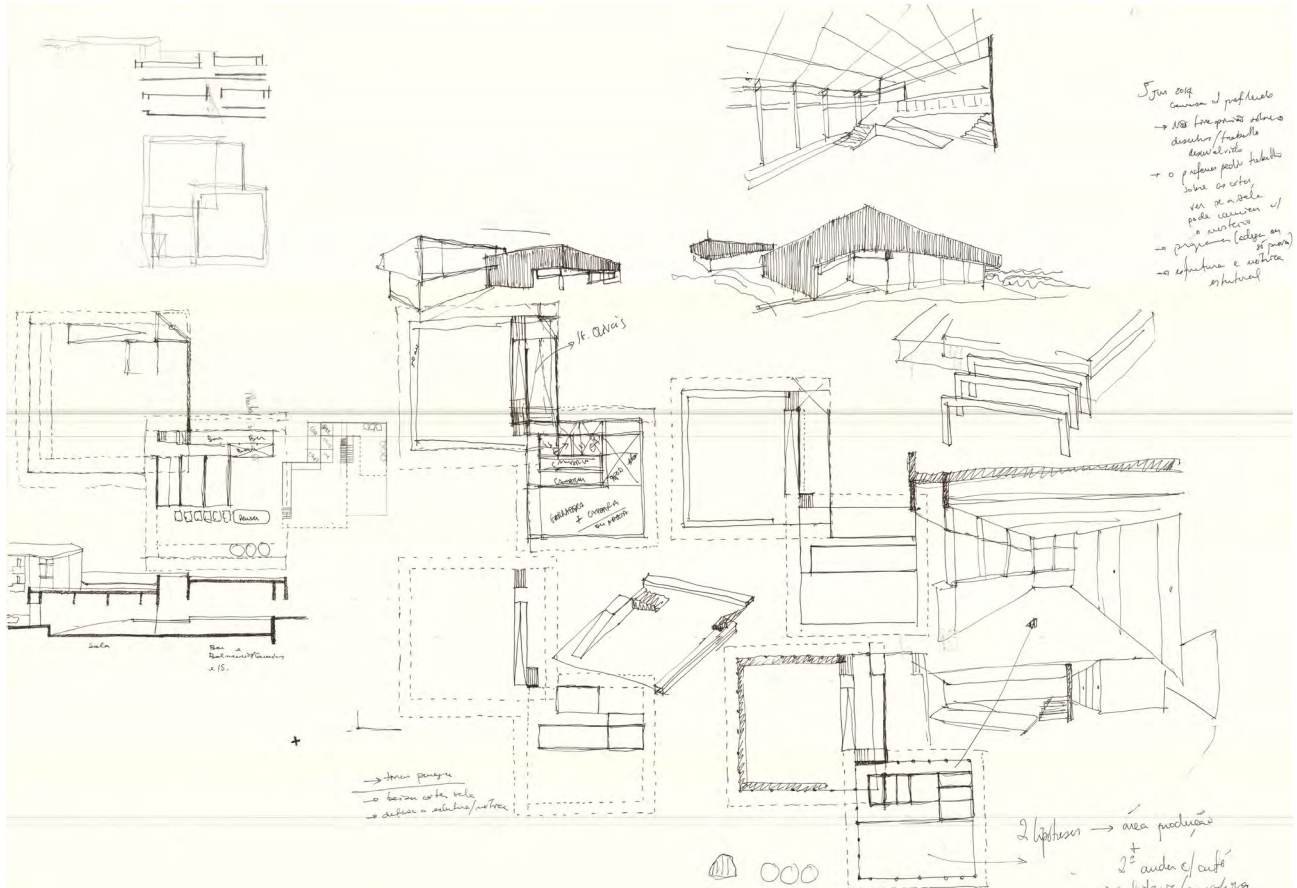


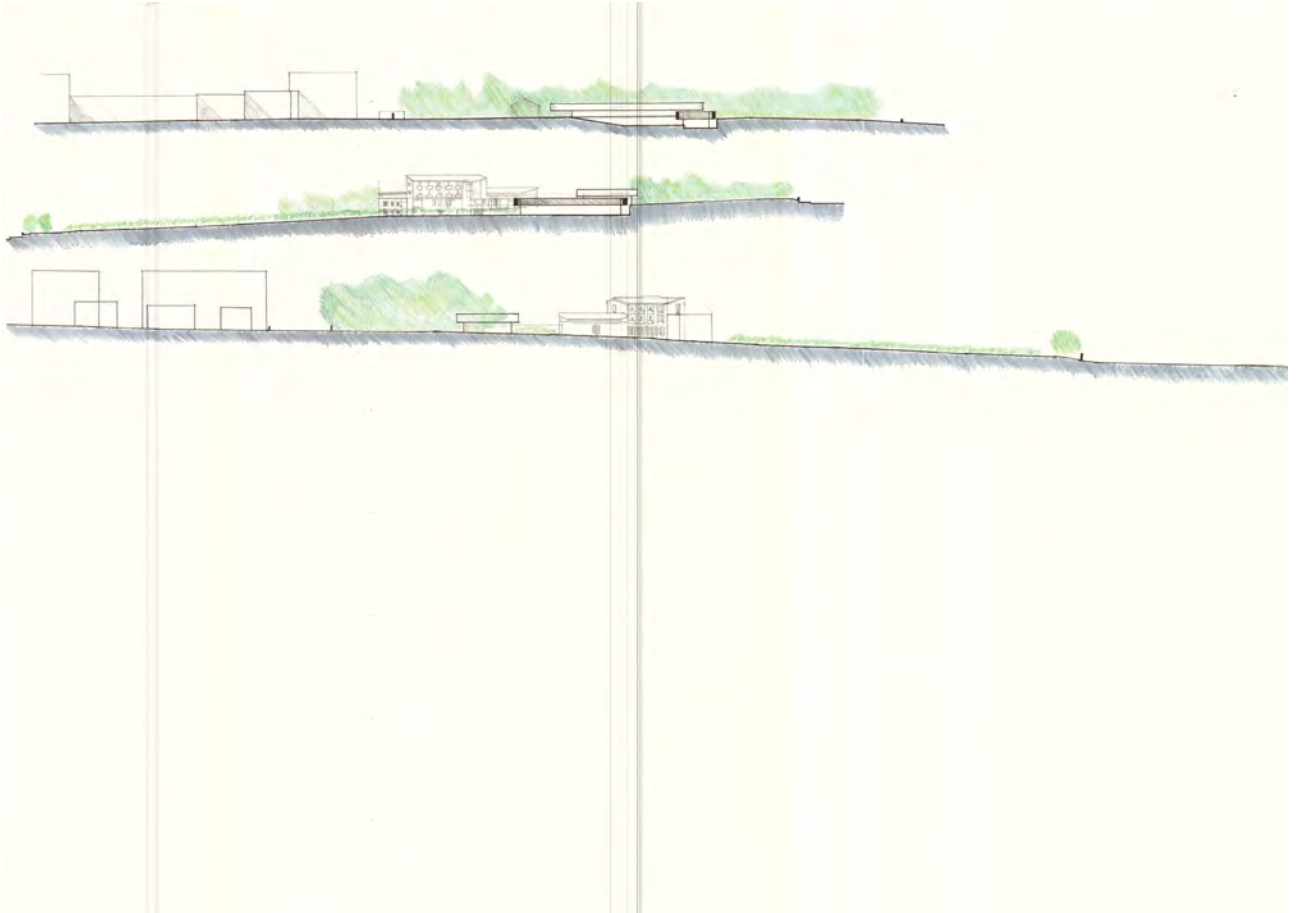


















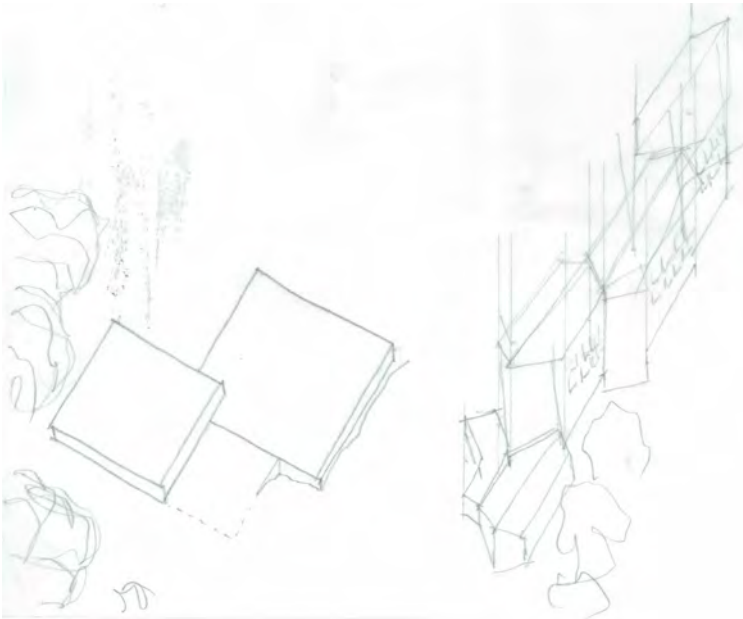
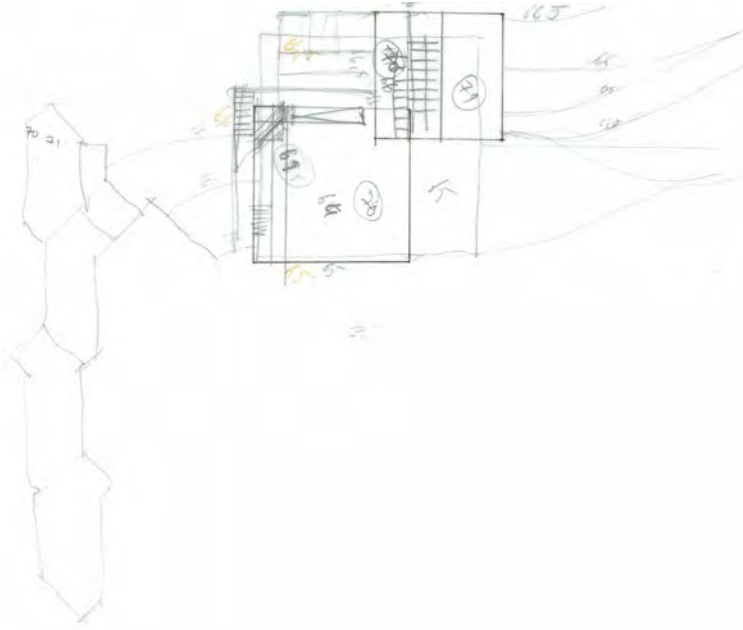
## Intervenção

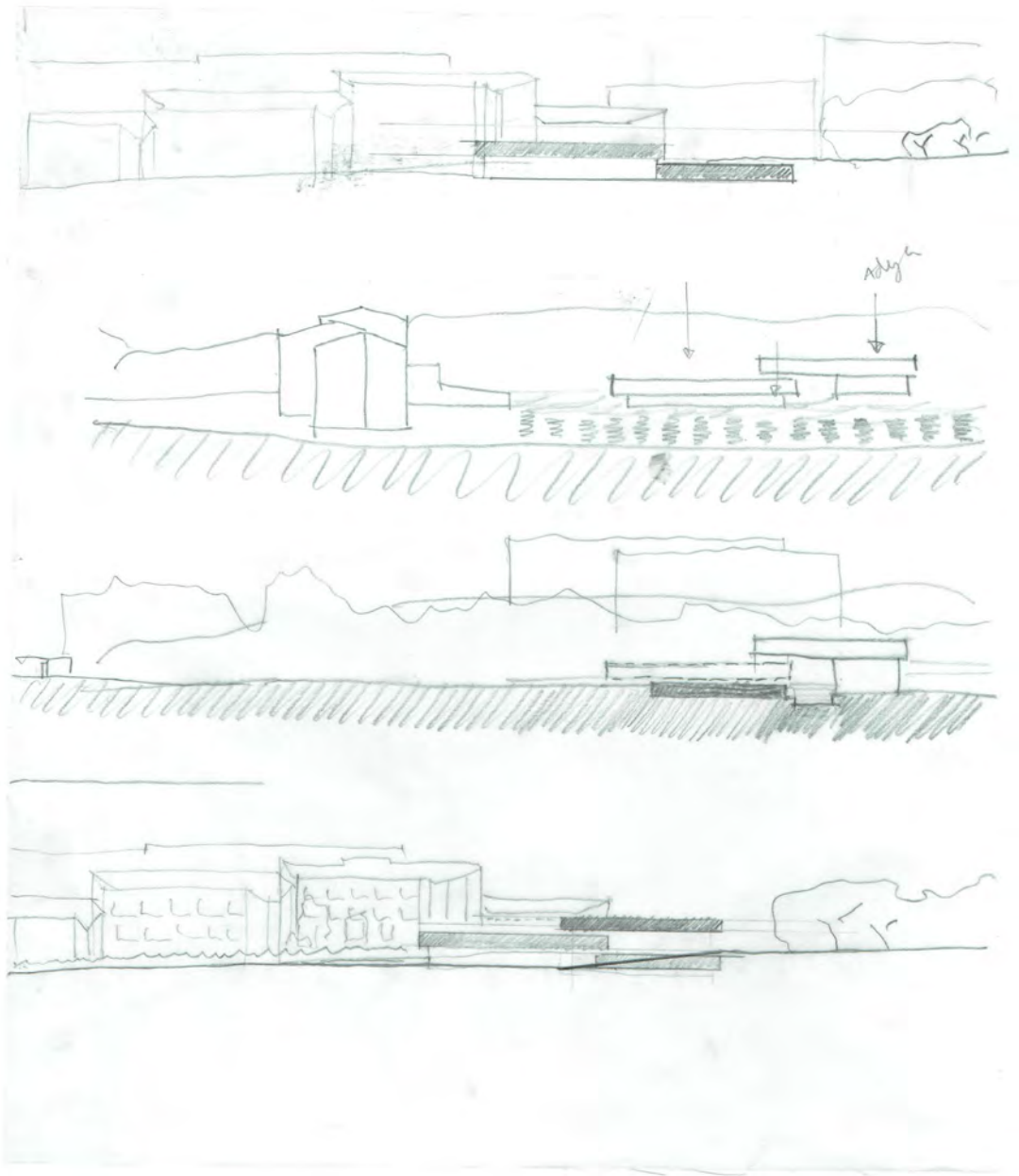
A nossa proposta pode resumir-se em 3 quadrados sala, restaurante-adega-café, terraço.

A sala com cerca de 400 m<sup>2</sup> está ligada por uma passagem enterrada ao edifício do mosteiro. A localização desnivelada em relação ao exterior coloca a vinha ao nível do olhar e cria uma plataforma de entrada no espaço. Existem um conjunto de instalações sanitárias e de camarins que servem esta área polivalente e que estão intermediados por um espaço recolhido por meio do ritmo dos pilares, mas acessível.

A circulação liga o edifício do mosteiro à sala polivalente e depois às escadas por onde se acede ao espaço de restauração e prova de vinhos que tem cerca de 100 m<sup>2</sup>, e de maneira diferente do anterior está elevado em relação à vinha colocando-nos em posição dominante sobre a encosta plantada. Existem cerca de 80m<sup>2</sup> de foyer, espaço livre que pode ser utilizado para actividades simultâneas, como pequenas feiras ou conferências.

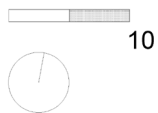
Por fim, o conjunto está ligado a um terraço que aproveita a grande área da sala multiusos e cria um ponto de observação da arquitectura dos anos 60 do edifício da hospedaria e sobre o panorama que se estende até ao mar, a 3 km de distância e 70 m abaixo.





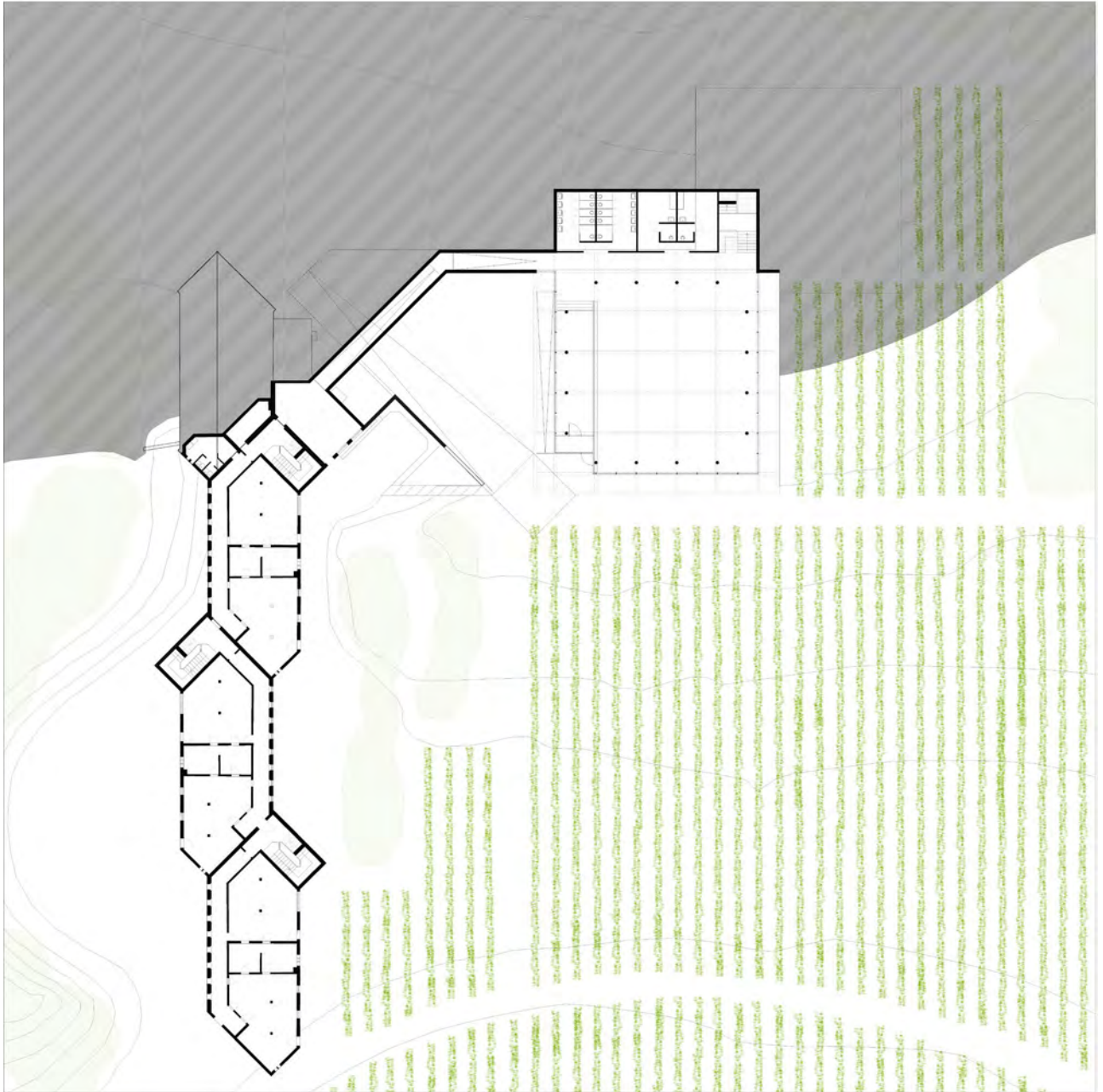


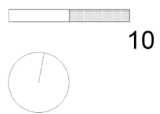
# Desenhos



10

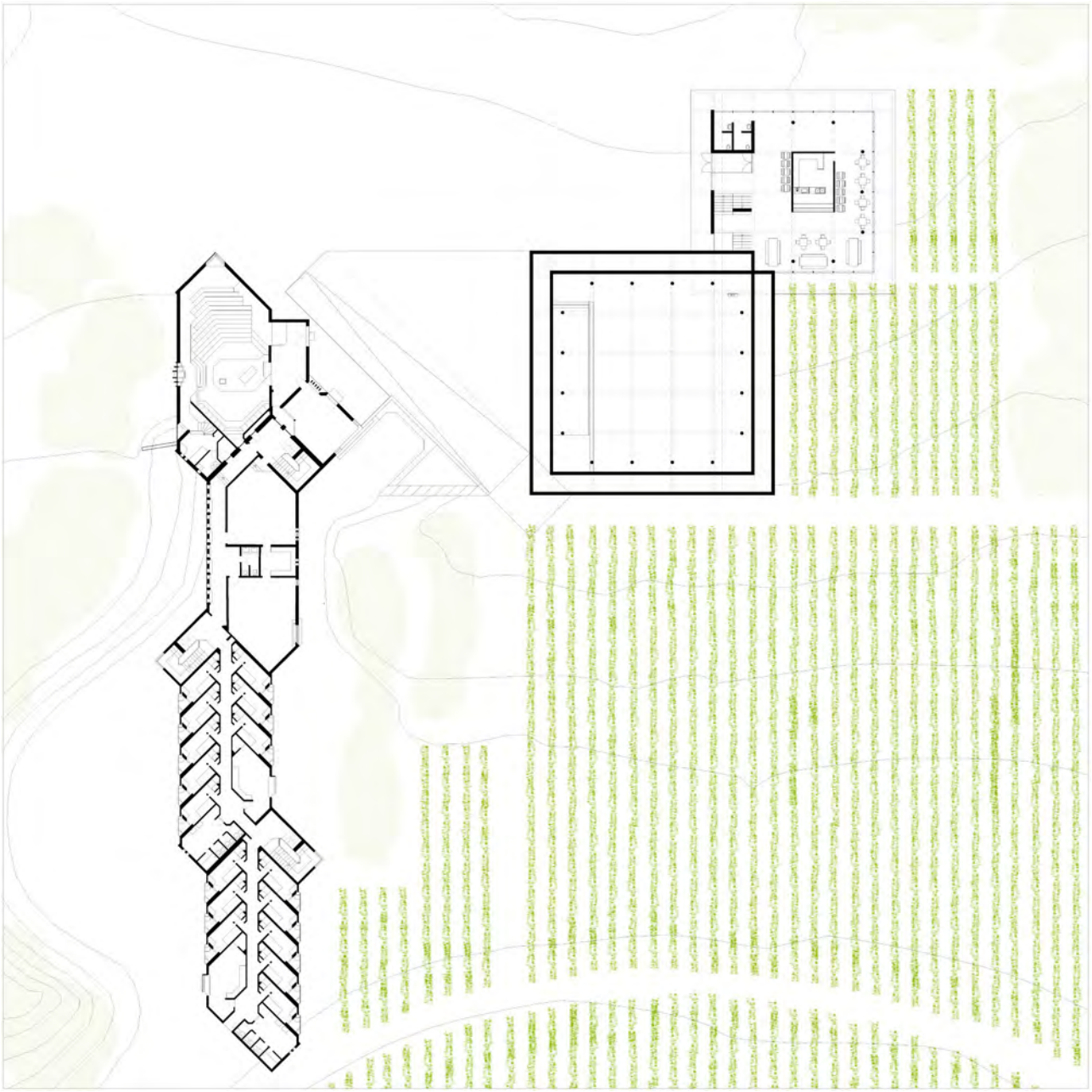
Planta à cota 65.5

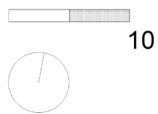




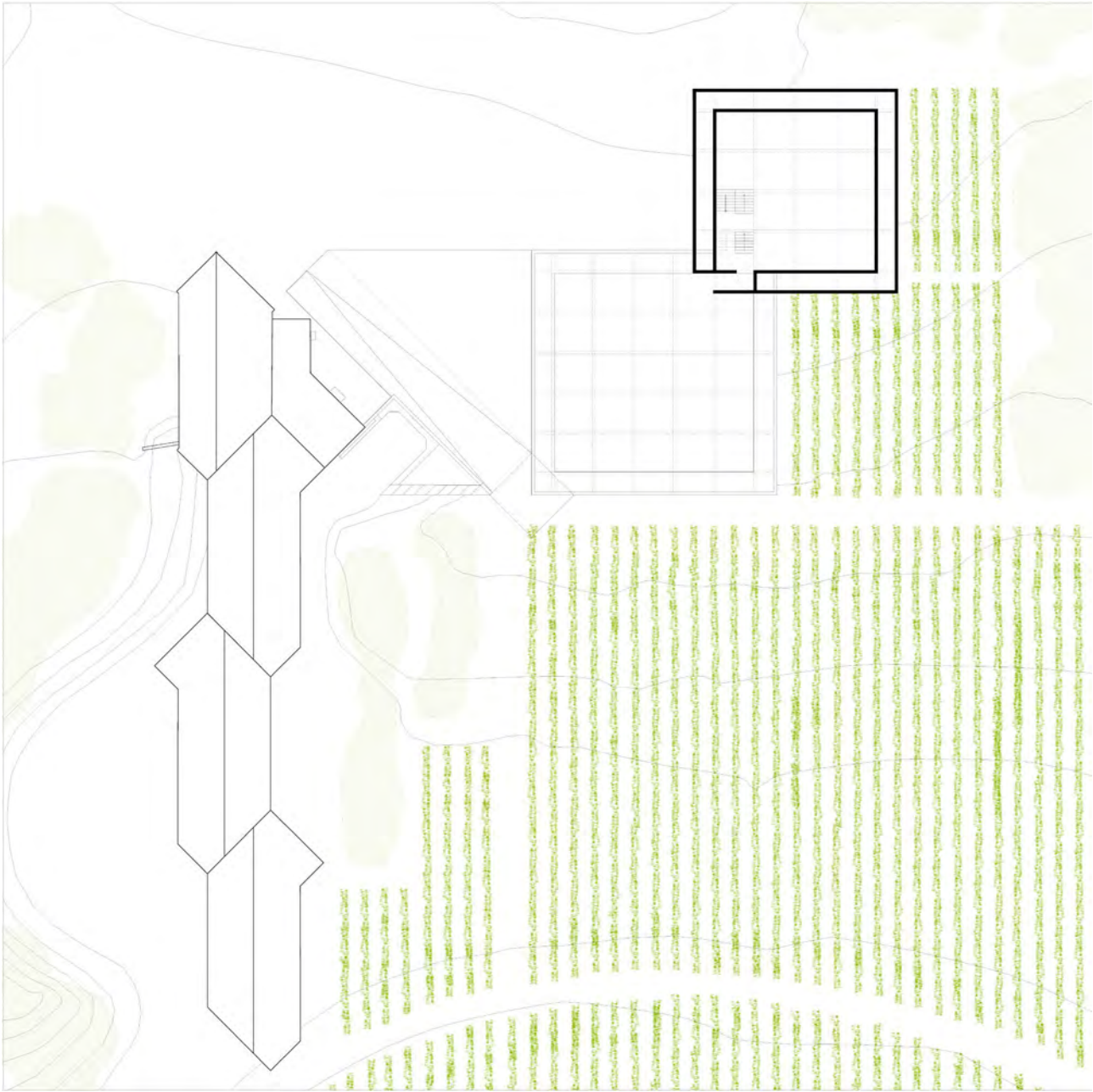
Planta à cota 67.5







Planta à cota 70

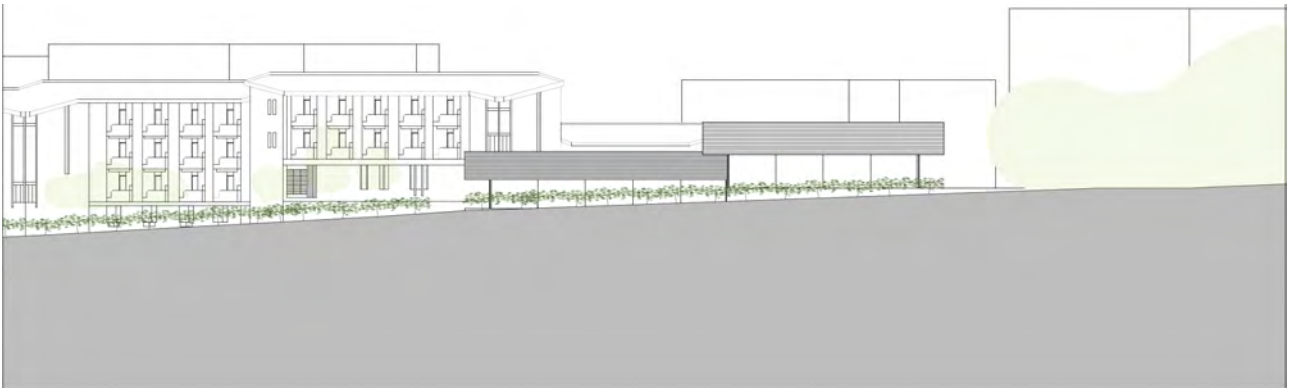




10

Alçado Nascente

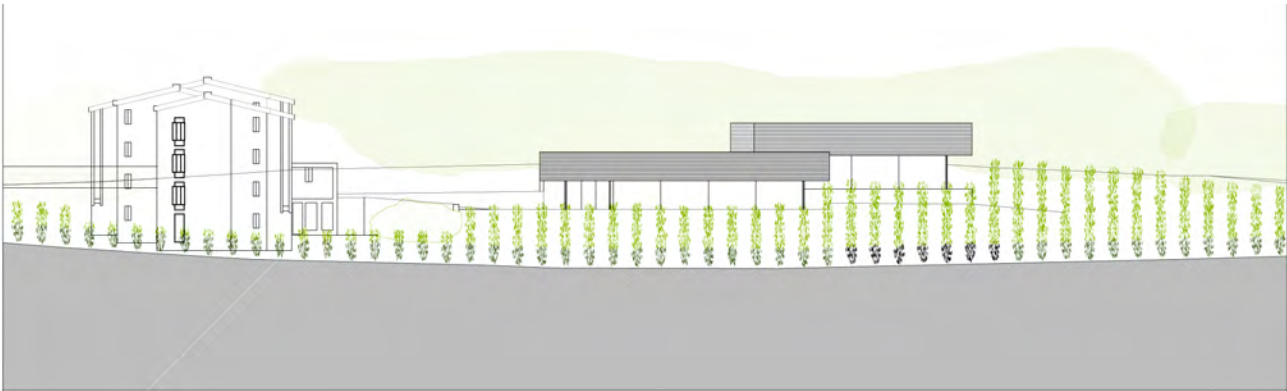
Corte A





Alçado Sul

Corte B

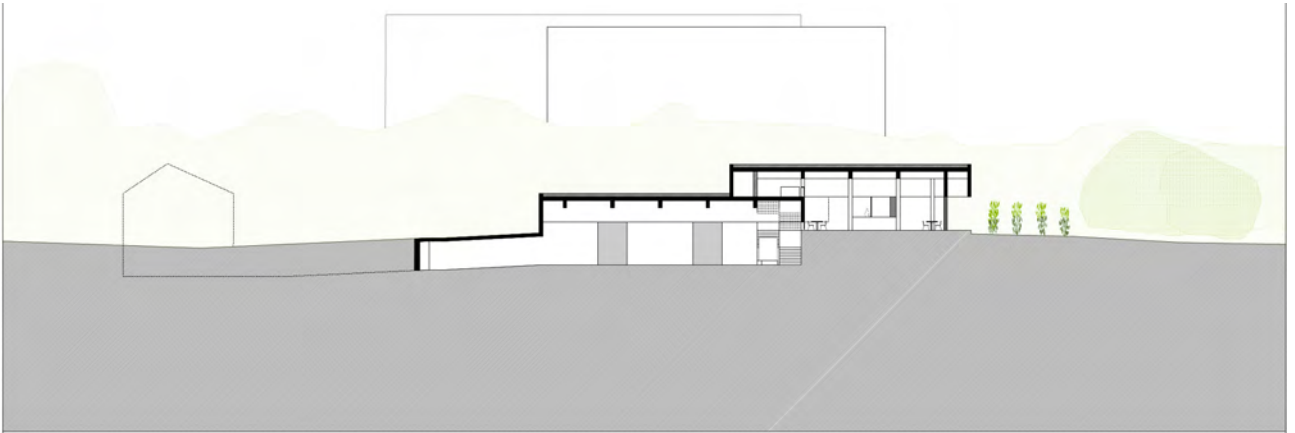




Corte C

Corte D







10

Alçado Poente

Corte E

